CARLOS WALLENSTEIN

obras completas

4 Teatro

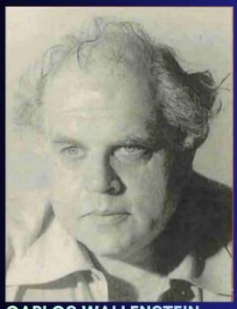


Ed.
Centenário
1926-2026

ACTOR DE TEATRO, CINEMA E TELEVISÃO. ENCENADOR DE PEÇAS TEATRAIS E DE ÓPERAS. INTÉRPRETE DE TEATRO RADIOFÓNICO. DIRECTOR DE COMPANHIAS. RESPONSÁVEL PELO SECTOR DE TEATRO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. LIGADO AINDA À MÚSICA E AO BAILADO.

MENOS CONHECIDA É A ACTIVIDADE LITERÁRIA DE C. WALLENSTEIN. A VERDADE É QUE TODA A VIDA ESCREVEU POESIA, CONTOS E CRÓNICAS E MUITOS TEXTOS PARA TEATRO (ORIGINAIS, VERSÕES E TRADUÇÕES). PUBLICOU LIVROS, COLABOROU EM JORNAIS E REVISTAS, FIGUROU EM ANTOLOGIAS POÉTICAS, MAS DEIXOU INÉDITA A MAIOR PARTE DOS SEUS ESCRITOS.

NESTE ÚLTIMO VOLUME DAS OBRAS COMPLETAS DE CARLOS WALLENSTEIN APENAS SE INCLUÍRAM PEÇAS ORIGINAIS E ADAPTAÇÕES LIVRES DE TEXTOS DE OUTROS AUTORES, TRATADOS DA FORMA PECULIAR QUE CONSTITUI O UNIVERSO DRAMATÚRGICO DE WALLENSTEIN, DESDE A FARSA MAIS DELIRANTE, AO TEATRO POÉTICO E AO TRÁGICO PUNGENTE E IMPLACÁVEL.



CARLOS WALLENSTEIN
(Ponta Delgada.4.11.1926 - Lisboa.6.11.1990)

"Carlos Wallenstein [...] amou o teatro e a vida, inseparáveis um do outro, cada um reflectindo-se, prolongando-se, comtemplando-se no outro. Desse amor absoluto nos restam, hoje, os seus livros, os seus filhos, a memória das personagens que interpretou no teatro e no cinema [...]. "Em tudo isto deixou Carlos Wallenstein impressa a marca inconfundível do seu talento e do seu entusiasmo: o "entusiasmo e pasmo" com que infatigavelmente se deu "aos avatares da vida".

Luiz Francisco Rebello

.

DO AUTOR:

Publicados:

CINCO HISTÓRIAS SEM CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL, ed. Contraponto, 1953, contos

TEORIA DA TRIBUTAÇÃO, ed. Sociedade de Expansão Cultural, 1966, poesia

A CELESTINA, ed. Let, 1972, teatro

A MANTILHA DE BEATRIZ, ed. Prelo / Sociedade Portuguesa de Autores, 1973, teatro

TRÉMULOS PERANTE O SENHOR, ed. Moraes, 1982, teatro

CORPO CONFLITO, ed. Moraes, 1983, colec. Círculo de Poesia

O AMOR DAS TRÊS LARANJAS, ed. Plátano, 1984, teatro

OBRAS COMPLETAS - 1. POESIA, ed. Salamandra, 1998

OBRAS COMPLETAS - 2. CONTOS E CRÓNICAS, ed. Salamandra, 1999

OBRAS COMPLETAS - 3. TEATRO RADIOFÓNICO, ed. Salamandra, 2000

OBRAS COMPLETAS - 4. TEATRO, ed. Salamandra, 2000

Textos incluídos em:

Doze Jovens Poetas Portugueses, Antologia organizada por Alfredo Margarido e Carlos Eurico da Costa, Os Cadernos de Cultura, Min. Educação e Saúde - Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, 1953

Antologia de Contes Portuguesos - vol. II. Manuel de Seabra - Félix Cucurull, Alberti Editor - Barcelona, 1959

Antologia do Conto Fantástico Português, org. E. Melo e Castro, Ed. Afrodite, Lisboa, 1967; 2? ed. 1974

Antologia da Poesia Açoriana do Séc. XVIII a 1975, Selecção, prefácio e notas de Pedro da Silveira, colecção Vozes do Mundo - Sá da Costa Ed., Lisboa, 1977

Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, Séculos XIX e XX, organização de João de Melo, Vega, Lisboa, 1978

Antologia Poética dos Açores - II Vol. Prefácio, selecção e notas de Ruy Galvão de Carvalho, Colecção Gaivota - Secret. Regional da Educação e Cultura, 1984

Antologia de Contos Açorianos - Selecção, prefácio e notas de Pedro da Silveira *[projecto nunca publicado, devido ao falecimento do organizador, Pedro da Silveira, em 2003]*

Carlos Wallenstein

OBRAS COMPLETAS
4 -TEATRO

Organização de
Maria do Bom Sucesso Medeiros Franco

Introdução de
Luiz Francisco Rebello

"Dei-me com pasmo e entusiasmo/ aos avatares da vida;/ amei, equiparei o teatro/ a meu veio estrutural;/ trilhei na poesia/ entre amigos inimigos também,/ tive cinco filhos/ entrei prós quadros da/ Fundação Calouste Gulbenkian"... Assim autobiograficamente se descreveu Carlos Wallenstein num dos poemas do segundo livro de versos que publicou (em 1983) e a que deu o título de Corpo Conflito. *Como outros da sua geração, que mais ano menos ano era (é) também a minha, amou o teatro e a vida, inseparáveis um do outro, cada um deles reflectindo-se, prolongando-se, completando-se no outro. E desse amor absoluto nos restam, hoje, os seus livros, as suas peças, os seus filhos, a memória das personagens que interpretou no teatro e no cinema: sulcos abertos no caminho de uma vida intensa, ardentemente vivida.*

Carlos Wallenstein estreou-se com um livro de contos, Cinco Histórias sem Classificação Especial, *das quais uma era contada em menos de dez linhas, outra não excedia duas páginas e a última, "O Senhor Venâncio não quer taxi", era uma pequena obra-prima de contida emoção e humor astucioso, ao nível do melhor Raúl Brandão. Anunciava aí "outro livro de histórias, um romance insulano" (nascera nos Açores, em S. Miguel), "um volume processual chamado* Manual do Perfeito Apanhador de Beatas*", livros de poemas, peças de teatro... Excepto alguns contos isolados, não voltaria porém a publicar outras obras de ficção mas*

sim dois livros de poesia: o citado Corpo Conflito *e, antes dele, em 1966, uma* Teoria da Tributação *em que podem ler-se alguns dos melhores poemas que o surrealismo entre nós suscitou, injustamente esquecidos nas antologias que por aí circulam. Mas foi à escrita teatral que com mais empenhamento se dedicou. O teatro era, de facto, o seu "veio estrutural" - não só como autor (e não só para a cena, mas também para a rádio e a televisão), também como encenador (inventivo) e como intérprete (portentoso). Do seu intenso labor dramatúrgico nos dá constância este volume, em que se reúne a parte mais significativa do teatro que escreveu. Ficam de fora outros textos construídos a partir de obras alheias, como a versão de Enrique Llovet do* Tartufo *de Molière, ou a adaptação do* Inspector-Geral *de Gogol, empreendida em conjunto com Nelson de Barros e Raúl Solnado, a que foi dado o título de* O Impostor Geral*, com que em 1965 se inaugurou o Teatro Villaret, já que não passaram de anunciado projecto outros textos, designadamente "uma farsa digna sobre Bandarra-Profecta, o mais português de todos os heróis", e "uma comédia chamada* O Sr. Tristão*, que tentará colocar num dos teatros do Parque Mayer".*

Cinco das oito peças que constituem o presente volume permaneciam, até agora, inéditas, e, que eu saiba, de todas elas apenas uma subiu à cena, a transposição cénica do romance de Pinheiro Chagas, A Mantilha de Beatriz, *ele próprio aliás inspirado numa comédia de Calderón. O que nos diz alguma coisa sobre a anómala "praxis" teatral deste bizarro "jardim à beira-mar plantado", para citar o inefável "brigadeiro Chagas". Aliás, não apenas em relação a essa transposição como às demais versões livres de Shakespeare (*Macbett, A Fera Amansada*), Gozzi (*O Amor das Três Laranjas*) e Rojas (*A Celestina*), pode e deve-se, com toda a propriedade, falar antes em* recriações, *a tal ponto a veia pessoal do seu autor nelas se manifesta. E senão vejamos.*

A fábula setecentista de Gozzi, que deu origem a uma notável obra de Prokofiev e a uma memorável encenação de Vakhtangov nos tempos áureos da revolução estética do teatro soviético, enriquece-se na versão de Wallenstein com as referências a lendas de tradição popular açoriana, prodigiosos "factos provados" que recebeu de duas mulheres do povo, as Evangelinas, sua avó e uma sobrinha desta, durante a infância vivida nas Furnas, "onde ainda hoje demónios arrastam correntes sobre os telhados, bruxas premeditam sabás, executam quotidianas acções de rotina e a vida continua repassada por uma vibração de mistério". Lendo-a, é essa mesma vibração que pressentimos. Que não sentiríamos, vendo-a materializada em cena?

A acção da Fera Amansada *transporta-nos, da Itália renascentista reinventada por Shakespeare, para a Lisboa burguesa do Passeio Público nos finais do século XIX, com os seus tiques, os seus jogos e as suas armadilhas para a conquista do poder. E é uma verdadeira reflexão sobre o poder que, a partir da negra obra-prima do dramaturgo inglês, a versão livre de* Macbett *nos propõe. A breve nota introdutória do autor não deixa, a esse respeito, qualquer dúvida: " esta obra é contra o poder político usurpado ou prolongado, contra o poder que não é exercido pelo povo, contra o domínio". Escrita "no Outono de 1972", não surpreende que não haja, então, podido subir à cena [a versão de Wallenstein "homenageia os heróis que se ergueram contra (o) colonialismo e contra todas as suas formas, aproximadas ou não; e nesta precisa noite de nevoeiro, os patriotas africanos e os patriotas irlandeses"]. O que já surpreende é que continue virgem da prova de fogo sobre o palco.*

Restam quatro obras inteiramente originais: a "peça antirealista em 3 actos" O Autor, as Personagens e a Justiça*, e a comédia em um acto,* O Duelo dos Sonhos*, cuja representação se viu frustrada pela (criminosa) intervenção dos "sete alfaiates da doutrina oficial e as suas sete tesouras da conveniência mental", tão certeiramente alvejados num poema da* Teoria da Tributação*; ambas inscritas no movimento experimental dos anos 40-50, com o recurso assumido da convenção cénica e a desconstrução do discurso dramático, aprendidos em Pirandello, e aquele "humor corrosivo e destruidor perante uma sociedade impossível de levar a sério, traduzido numa linguagem sacudida e transgressora" de que a propósito da sua poesia, mas extensivelmente ao teatro e à ficção narrativa, nos fala Pedro Tamen. É esse mesmo humor que subjaz às duas outras peças originais,* Medidas de Austeridade*, "comédia televisiva com austeridade de meios", e a farsa* Trémulos Perante o Senhor*, publicada já na década de 80, e agora incluída no volume 3.*

Mas limitar uma evocação de Carlos Wallenstein à sua actividade estritamente literária (na medida em que o teatro é também literatura) seria apresentar dele um retrato necessariamente incompleto; pior: mutilado. Mesmo essa actividade só ganha a sua verdadeira dimensão se for enquadrada na perspectiva de uma exuberante vocação de dinamização e comunicação cultural, afirmada desde os tempos de estudante liceal em Ponta Delgada e prosseguida sem interrupções com a sua passagem pelo teatro universitário (no TEUC, com Paulo Quintela) e experimental (no Estúdio do Salitre, onde interpretou uma das personagens da minha versão de Feu la Mere de Madame *de Feydeau, e no Pátio das Comédias, com António Pedro), depois em companhias profissionais, por fim no sector de Teatro do*

Serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian, que proficiente e inteligentemente dirigiu.

Actor, três grandes interpretações perduram na nossa memória: um dos incendiários da farsa trágica de Max Frisch O Sr. Biedermann, *no Teatro Nacional em 1963, o Marquês de Sade da* Morte e Perseguição de Marat *de Peter Weiss, na Comuna em 1984, o Telmo Pais do* Frei Luís de Sousa *encenado por Jorge Listopad, no ACARTE em 1986. Mas também a televisão e o cinema o atraíram; e a encenação teatral e operática; e a divulgação de formas cénicas inusuais ou pouco conhecidas, através dos ciclos levados a efeito pela Fundação Gulbenkian de que ele foi o grande impulsionador. Sem esquecer iniciativas tão importantes como o colóquio "O Texto e o Acto", que me convidou a moderar e que em 1984 reuniu no Solar de Mateus um grupo de notáveis representantes do pensamento teatral contemporâneo, como o francês Bernard Dort, o inglês Nigel Gearing, o catalão Ricard Salvat, o brasileiro José Guilherme Merquior, ao lado de ensaístas, críticos e encenadores portugueses. E não posso esquecer que foi ele quem me havia incitado, um ano antes, a escrever o guião do "espectáculo documentário" Portugal, Anos 40, que ilustrava e prolongava dramaturgicamente a exposição organizada pela Fundação Gulbenkian sobre um dos períodos mais agitados e mais criativos da nossa vida político-social, literária e artística sob o salazarismo.*

Em tudo isto deixou Carlos Wallenstein impressa a marca inconfundível do seu talento e do seu entusiasmo: o "entusiasmo e pasmo" com que infatigavelmente se deu "aos avatares da vida".

Luiz Francisco Rebello

O Autor, as Personagens e a Justiça

Peça anti-realista em 3 Actos

"O teatro é essencialmente uma arte de Justiça".

Jean-Louis Barrault

"Uma personagem de Teatro não é um homem, é um herói, tanto na comédia como na tragédia;
Um décor de teatro não é um interior ou um exterior deste mundo: é um lugar único, criado segundo as necessidades da peça;
Um fato de teatro não é uma veste: é um adorno espiritual;
A encenação – movimento do corpo e da alma do comediante – não é apenas a execução de passos e a exteriorização de um sentimento: é, mais do que isso, a criação de uma dança e de uma paixão".

Pierre Valde

Não há lugar nem tempo que não sejam valores estritamente teatrais.
O autor absteve-se o mais possível de escrever indicações, porque conta com a inteligência e com a imaginação dos intérpretes, sobretudo do encenador.

Carlos Wallenstein

PERSONAGENS

Autor – Carlos
1.ª Personagem – Paula
2.ª Personagem – Ricardo
3.ª Personagem – Alice
4.ª Personagem – Teresa
5.ª Personagem – Rodolfo
Polícia – Sansão
Poeta – Augusto

PRIMEIRO ACTO

(Depois das pancadas de Molière, o Autor entra no proscénio)

Autor – Meus Senhores: eu é que escrevi a peça que ides ver. Aqui estou, quer dizer, o Autor, vai ser personagem. Estou aqui sobre o palco qual sou na vida. Será esta uma situação teatral? V. Exas. é que decidirão. Sim, deixemos de preconceitos: se esta peça vos emocionar, se por ela alguma coisa se transformar da vossa realidade, se ela permanecer nas vossas memórias, é porque houve teatro.

E agora, a propósito, e para seguir o sábio exemplo dos antigos apraz-me suplicar à ilustre assembleia para o poema e para as personagens, um pouco de indulgência. Precisamos dela e merecemo-la, palavra de honra.

E tenho outra coisa a pedir-vos: tudo o que se passa em teatro só existe depois da convenção. O espectador precisa, para cumprir o seu dever de espectador, de uma imaginação ardente e colaborante. Imploro-vos, exijo-vos, toda a vossa imaginação, a vossa imaginação mais concludente, a vossa pletórica imaginação. – Atenção, vamos começar. – Abram o pano: *(Abre-se o pano)* Simplicíssimo, como vêem. Nenhuma porta, nenhuma janela, aquela espécie de divã, um cadeirão. O que é este décor? Um sítio ímpar, meus senhores, uma cena, e uma cena não tem formal e essencialmente nenhuma correspondência no mundo. É o próprio mundo e o mundo todo! Um palácio? Um bordel? Um camarim? Um atelier? Pode ser tudo isso, não é verdade? Pode, é claro. Realmente, será o que lhe for exigido. Logo saberemos exactamente. Ali, naquela espécie de divã, uma personagem, antes de ser descoberta. As personagens não se inventam, descobrem-se, existiram desde sempre num paraíso onde deambulam e que só pertence a essas personagens potenciais. O Autor sofre, pensa, sonha, toma nos braços a realidade, ergue-a na direcção do céu e quando a realidade, já transfigurada, lhe escorre pela cabeça, pelos ombros, pelo peito, a personagem começa a viver. Relâmpago! Ei-la, a personagem começa a viver, surge para a obra quando um relâmpago a ilumina. Ergue-se devagar, respira. O Autor contempla-a, aproxima-se, senta-se a seu lado. Ela sorri. Conversam para se conhecerem. Dão as mãos. Sim, a personagem só pertence ao mundo depois de pertencer ao palco. Um dia talvez a plateia se apodere dela. Então é a glória.

CENA I

1.ª Personagem – Como vais chamar-me?

Autor – Elisa.

1.ª Personagem – Elisa?

Autor – Sim...

1.ª Personagem – Não pode ser, não me serve. Tu amaste uma Elisa, não?

Autor – Tolice!

1.ª Personagem – Confessa.

Autor – Ora!

1.ª Personagem – Fala comigo. Se precisas de mim como personagem, tens de criar intimidade comigo, precisas conhecer-me. Tu amaste...

Autor – Amei. E depois? Como sabes?

1.ª Personagem – As personagens possuem o poder de se adaptarem aos conflitos: daí o seu divino poder de previsão. Então... amaste-a...

Autor – Tens ciúmes? Que ridículo! Amei-a, sim, amei-a loucamente. Gostei dela como... Sorvia o perfume que daquele corpo se exalava como quem a beija; subia a sua escada como se sobem os degraus de um templo. Nunca a entendi... Desorientava-me e nunca pude realizar a ânsia de conhecê-la. Ah! Amá-la era uma volúpia como nunca senti igual!

1.ª Personagem – E tudo se acabou?

Autor – Sim... Um dia... Enfim, um desastre. 1.ª Personagem - Saudades?

Autor – Muitas, como de mais nada.

1.ª Personagem – Foi um grande amor...

Autor – Não tens nada com isso.

1.ª Personagem – Tenho! Isso que queres fazer, chamar-me Elisa, não é arte, é sentimento. Não me faças cumprir o miserável destino das personagens nas mãos de autores que gostam de fazer a si próprios uma cócega. (A vossa humanidade há-de ser grato ouvir um nome que para vós representa qualquer coisa proferido por um actor, dignificado num espectáculo...) A finalidade da arte é a universalidade...

Autor – Tens razão mas...

1.ª Personagem – Carlos, Elisa não é nome que convenha à minha angústia.

Autor – É um nome como qualquer outro.

1.ª Personagem – Não é. Em primeiro lugar há uma razão técnica. Esta palavra tem uma vogal terrível, o i palatal, fechada e aguda, o que é grave, para mais colocada com está numa sílaba tónica. Experimenta dizer.

Autor – E-li-sa.

1.ª Personagem – Eli... A garganta apertou-se-te, quando o disseste. No palco, nunca seria possível que esse nome reboasse com toda a angústia da personagem que representa.

Autor – Ah, infantilidade...

1.ª Personagem – Infantilidade, não. Elisa é um nome lorpa. Compara-o com o dos grandes heróis do teatro: Hamlet, Ofélia, Julieta, Desdémona. Elisa é um nome mesquinho. É isso que tu queres que eu seja?

Autor – Ora!

1.ª Personagem—Procuraste-me noites a fio. Deambulaste pelas ruas. Até bebeste. Eu só surgi no momento próprio. Que querias tu de mim?

Autor – Pedi-te, peço-te, que sejas a angústia de uma situação de tal ordem que por teu lado esteja a justiça do teatro - que é a

justiça dos deuses - e por outro, a mecânica justiça dos homens. *(Disse isto lentamente)* Foi só isso.

1.ª Personagem – A justiça que me salvará há-de sobrepor-se ao rancor dos homens que me tenta destruir... não é?

Autor – Mais ou menos... Sabes? Vivo no pavor de as personagens se sobreporem a mim. Receio ser... o aprendiz de feiticeiro... Bom, há-de ser assim, naturalmente...

1.ª Personagem – Então chama-me... outro nome... Paula, por exemplo. Concordas?

Autor – Está bem. Serás Paula, fica definitivamente assente. Paula, hás-de deambular por corredores, por palácios e se a tua alma permanecer pura, poderás descer às ruelas, aos cais, aos bordéis. Precisas de um pai.

CENA II

(Uma personagem entra e toma a cena no canto esquerdo. Autor executa um longo passeio observando-o com ar de pessoa entendida.)

Autor – Um pai aquilo?

1.ª Personagem – Qual é o defeito?

Autor – Não sei se convirá.

1.ª Personagem – Porquê?

Autor – Não o tinha pensado assim.

1.ª Personagem – Não estás a ver bem. A obra de arte não é só raciocínio, é revelada, é comunicação, acontecimento. Aquele serve-te.

Autor – Porquê?

1.ª Personagem – Eu acredito nas personagens em generalidade.

Autor – Que ternura! Solidariedade profissional.

1.ª Personagem – O que precisas é de falar-lhe.

Autor – Dali, vê-se logo, não pode sair um afago, um beijo, um perdão... E c'os diabos, a ideia do pai é uma ideia de amor...

1.ª Personagem – Os pais do teatro não são os pais que existem: são os pais que convêm. Fala-lhe.

Autor – Tenho medo. Hei-de evitá-lo sempre... Porque não lhe falas tu, Paula?

1.ª Personagem – E porque não? *(Avança para a 2.ª personagem)* Cumpriste o teu destino, afinal...

2.ª Personagem – Pude cumpri-lo. Aqui estou pronta a entrar nesta nova vida... Espero ansiosamente um conflito. Esta espera é quase o desespero. É pior do que a fome para os homens.

1.ª Personagem – É mais fácil do que supões. Aquele autor é louco, podemos fazer dele um joguete nas nossas mãos.

2.ª Personagem – Não. Ele é que nos desencadeou. Temos de considerá-lo.

1.ª Personagem – (Rindo) Quer que sejas meu pai...

2.ª Personagem – Acho muito bem. Austeridade, força, amor, atenção à felicidade dos filhos, respeito pelos bons costumes, são virtudes que não me faltam. - Farsa ou tragédia?

1.ª Personagem – Não sei.

2.ª Personagem – Então ainda não temos conflito?

1.ª Personagem – Parece que não achou. Enfim, até o autor não sabe o que quer.

2.ª Personagem – Ó diabo!

1.ª Personagem – Imagina tu que o tema é a justiça do teatro e a justiça dos homens...

2.ª Personagem – Não tem público.

1.ª Personagem – E a crítica, que dizes?

2.ª Personagem – Pior, como sempre. Sobretudo se o conflito se basear num fenómeno, não num facto.

1.ª Personagem – A crítica tem pouquíssimas probabilidades de ser justa.

2.ª Personagem – Tens razão. Seria óptima se fosse objectiva. Mas aos homens não é dado atingir a objectividade...

Autor – Calem-se! Não se pode falar desse assunto. A crítica é que lança as obras.

2.ª Personagem – (Dirige-se ao Autor) Ah! É um papa-açorda!

Autor – Não sou. É preciso ter-se o sentido das conveniências

2.ª Personagem – Vai! Bajula a crítica, vai! Faz-lhe cócegas nas orelhas! Delicia-lhe os sórdidos bestuntos com raciocínio de trazer por casa! Pega em nós, personagens, carrega-nos de mel e açúcar, para veres amanhã o teu nome no jornal em letras gordas! Para te tornares no acontecimento da semana, a última descoberta, a próxima consagração, génio, talento, honra nacional, príncipe dos dramaturgos e rei dos idiotas, que é que tu és!

Autor – Cala-te! Eu quero-te para pai! Um pai tal e qual um pai! Um pai paternalista, para quem nem todas as verdades se dizem.

2.ª Personagem – O que tu não queres é que os críticos te vão zurzir para os jornais, e que em consequência o público não venha! Se tal acontecer, lá se vão os direitos de autor! Mercenário!

Autor – Tu exageras! Vai-te embora! Desaparece! Hei-de arranjar um pai com o sentido das conveniências!

2.ª Personagem – O que é que os senhores críticos fazem aqui?

Autor – Cala-te!

2.ª Personagem – Pertences àquele género de autores que escrevem para alcançar a glória.

Autor – Para que outro fim se pode escrever?

2.ª Personagem – Imbecil, idiota!

Autor – De que lado estão?

2.ª Personagem – Como é possível que um autor não sustente o devaneio desta personagem.

2.ª Personagem – Bom, vou ser amável. V. Exas., senhores críticos...

Tratei-os por V. Exas. Estás satisfeito?

Autor – Bem... Eu queria fazer notar a V. Exas. que isto é contra a minha vontade. Eu tenho a maior consideração por V. Exas. e pelos jornais em geral...

2.ª Personagem – Eu apenas digo: eles não pertencem ao palco, é evidente. Não pertencem ao público, pois o público vem ver o espectáculo, fazer companhia à nossa imaginação, não vem tomar notas para escrever em letra de imprensa. Não pertencem ao público, não pertencem ao palco, então a quem pertencem?

Autor – Os críticos?

2.ª Personagem – Pois!

Autor – São mediadores colocados entre os artistas e as grandes massas! Descansem, não vos ponho fora.

2.ª Personagem – Pelo contrário: saltem para aqui, para o palco! Venham ver quanto custa em sangue e amargura, o que se passa no palco! O autor, um autor que se preze, transpira sangue, vive da insónia, afunda-se na realidade, devora o mundo! O actor constrói-se por suas mãos, anos e anos, amassa contra o corpo, dias sobre dias, o entendimento e a imaginação. O encenador castiga-se para ser rigoroso e revelar-vos a verdade que nós somos. Saltem para aqui, senhores, venham ver o universo de dor que vós julgais na redacção em duas horas e uma coluna e meia!

1.ª Personagem – Ah sim? Tu és justo para agradares aos homens ou és justo para alcançares a justiça?

Autor – Há verdades que não se dizem. O ideal seria que os dois termos da tua pergunta coincidissem.

2.ª Personagem – Mas nunca coincidem. Uma coisa é a verdade, outra as conveniências humanas. E quanto à crítica, a verdade é esta: a obra de arte nasce do sofrimento humano e a sua existência é o único prémio desse sofrimento. Bastava-me notá-lo e concluir que é dificílimo a um homem dizer a verdade sobre coisas complexas como o sofrimento humano, como a beleza. *(Dirige-se ao autor)* Mas há mais: tu convidas-nos a nós, personagens, para comensais do teu banquete e sofres por essa causa. É preciso depois um teatro, actores. Um actor é um produto satânico de um esforço brutal; é atingir a despersonalização, o domínio orgânico, o estabelecimento de um complicado tipo de reacção mental. *(Dirige-se ao Autor)* Cada actor de que precisas a mais para a tua peça é a multiplicação desse esforço. É necessário um metteur-en-scène que sofreu, vivendo os problemas da sua arte. E os electricistas, o contra-regra, os maquinistas, os cenógrafos. Um teatro, visto por dentro, não é uma oficina, é uma apoteose, *(dirige-se ao Autor)* e a criação de um espectáculo é dolorosamente totalizante... Bem, vem um crítico que tudo isto julga em duas horas. A crítica assim não pode ser. Chego a pensar que não é possível nunca. Aliás só tem interesse como publicidade. Onde está a crítica? No palco? Na plateia? Convidai os críticos!

Autor – Não quero que digas essas coisas. Não me convêm.

2.ª Personagem – És um cobarde.

Autor – *(Rígido)* Eu tinha-te dito, Paula: entre mim e esta personagem não há comunicação possível.

2.ª Personagem – Tinha razão.

Autor – Não é a sua razão que eu contesto. É a desfaçatez. Ele assusta qualquer mortal.

1.ª Personagem – Verás como te enganas. Como lhe querias chamar?

Autor – Ricardo

1.ª Personagem – Desse nome podes tirar efeitos extraordinários... Olha para ele. Sempre te disse que servia para a tua ideia.

Autor – Mas... escapa-me entre os dedos. Bem... é indispensável que eu arranje um conflito para vos encaixar, a vocês... Mas com aquele sujeito não sou capaz, não me grama. Tu foste dócil, amiga, compreensiva... Ele... aquele discurso sobre a crítica... Que coisa! Irritou-me, sabes?

1.ª Personagem – Porquê?

Autor – Não quero discursos nas minhas peças, é ridículo! Depois, o que ele disse é terrível para mim. Paula, sabes o que é viver, pagar todas as contas? Sabes que isso é tremendo? Vocês, as personagens, nunca viveram no mundo, não sabem como isto é... Os homens vivem numa sociedade evoluída... As práticas subtis da cozinha, por exemplo... Um bife com batatas fritas não é coisa que tenha sentido para ti, pois não? Mas eu é que não me posso alimentar como S. João Baptista.

1.ª Personagem – Quem é S. João Baptista?

Autor – Um santo que... enquanto foi homem, comia pernas de grilo.

1.ª Personagem – Gafanhoto.

2.ª Personagem – Gafanhoto, o quê?

1.ª Personagem – S. João Baptista nunca comeu grilo. Comia pernas de gafanhoto.

Autor – Vem a dar no mesmo. São... insectos parecidos. Além disto, eu não posso viver numa caverna, como Salomão.

2.ª Personagem – Salomão vivia num esplêndido palácio.

Autor – Irra! Mas havia com certeza um sujeito desses tempos que vivia numa caverna. O nome não importa... Paula, eu tenho de viver num sítio decente... O êxito entre os homens começa pelas aparências.

1.ª Personagem – Isso é uma inferioridade.

Autor – Talvez... Mas tu nem calculas como é importante salvar as aparências... Os homens precisam uns dos outros. Eu preciso dos críticos porque eles podem destruir-me. Se falasse deles, não diria aquelas coisas. E estás a ver... Eu desencadeei aquela personagem.. . é obra minha...

1.ª Personagem – Mas domina-te...

Autor – Domina, pois. Mas os críticos é que podem não aceitar esta verdade e têm a faca e o queijo na mão.

1.ª Personagem – Mas se é verdade...

Autor – És uma ingénua, Paula.

1.ª Personagem – Pois sou. Não estou aqui para outra coisa. Não compreendi nada disso dos críticos, mas vejo que é para ti um drama e sofro-o contigo.

2.ª Personagem – Carlos, desculpa. Tens razão. Excedi-me. Mas o meu pecado é remediável. *(Avança ao proscénio)* Meus senhores: retiro tudo o que disse acerca dos críticos. *(Para o Autor)* Estás satisfeito?

Autor – Não. em todo o caso é melhor que nada.

2.ª Personagem – Até agora foi só paleio. Nós precisamos de um conflito. Vamos a ele. Qual é?

Autor – Ainda não sei, há-de se ver...

2.ª Personagem – Oh que sina a minha... Em que mãos eu fui cair... *(Para Paula)* Bem, temos de tomar nós a iniciativa.

(Mudam as luzes, corre uma cortina e aparecem uns degraus)

2.ª Personagem – Paula.

1.ª Personagem – Pai.

2.ª Personagem – Minha filha, vem dar-me um beijo. Olha que a um pai as carícias de uma filha não são indiferentes, são necessárias; rejuvenescem as nossas barbas brancas. Acarinha-me, Paula, acarinha-me agora, enquanto permaneceres na tua angélica pureza. Em breve virá aquele gentil cavaleiro roubar-me os teus encantos.

1.ª Personagem – Pai, jamais saireis da minha lembrança.

2.ª Personagem – Por mais doce que seja a nossa convivência e o nosso suave afecto, Paula, eu sou um velho. Estes braços de nada valem e já os passos se me tornam vacilantes. O destino último dos homens é o túmulo. E cada dia que passa...

Autor – Ai que isto vai virar melodrama!

2.ª Personagem – ... se vai a mais e mais abrindo a pedra do túmulo que está perto. Uma mulher só nesta vida, sem um braço que a defenda, é como a pomba a quem falta o ar que a sustenta no espaço e para quem é inútil continuar de asas abertas. Paula: solenemente te faço esta pergunta: amas Rodolfo?

1.ª Personagem – Não amo Rodolfo, meu pai. Foi o homem que me destinaste ainda no berço. E embora saiba que o meu corpo e a minha alma perante ele permanecerão frios como o mármore das estátuas, desposá-lo-ei. A meu lado esse homem sentir-se-á feliz.

2.ª Personagem – Não esperava de ti essas palavras, mas agora concordo que outras palavras não podia esperar: não podias desmerecer ou negar o seio que te acalentou. E serás feliz, minha filha.

1.ª Personagem – Agradeço-vos esses votos, mas não posso prometer-vos que eles se realizarão. Casarei com Rodolfo.

Saberei acalentá-lo, beijá-lo na boa para desfazer em doçura o fel amargo que traz aos homens o rancor dos outros homens... Nos salões da corte, o meu corpo será cingido de vestidos magníficos para enaltecer a sua vaidade de cavaleiro e aí, airosa, dançarei no estilo das danças fidalgas. Mas em verdade, pai, o vestido que me convém é o saio amarelo das pastoras e a música que faria dançar a minha alma é a da flauta que sobre as colinas faz latir os cães e reunir o gado.

2.ª Personagem – Que não seja verdadeiro o que desta fala entendi! Quem amas então?

1.ª Personagem – Um pastor... Um poeta que contempla o sol e o mar, as ervas rasteiras dos prados e as árvores robustas...

2.ª Personagem – E quem é ele?

1.ª Personagem – Dele mais não sei que o seu nome: Augusto. É o homem que amo e com quem sonho.

2.ª Personagem - Não é digno da tua digna linhagem.

1.ª Personagem - Não, pai, a linhagem é negócio e o amor é coisa de deuses. E Cupido mandou que a minha alma persiga toda a vida esse humilde poeta guardador de gados. Mas dou-me a Rodolfo. Hei-de chorar, a sós, na angústia das horas roubadas ao sono. E para a vida serei uma rosa fresca, uma maçã apetecível.

2.ª Personagem – Honrado me sinto por ser teu pai. em breve chegará Rodolfo para as bodas. Vai toucar-te. Põe uma rosa no decote. Vem brilhante, vem magnífica, vem como mereces. E de caminho diz a tuas tias que as espero. Vai, filha querida.

1.ª Personagem – Vou, pai, vou... Digo-vos adeus... Vou às vossas ordens, inteiramente às vossas ordens. Digo-vos adeus, digo adeus ao sonho... e que a vida me não seja tão dura como a prevejo... Adeus... *(Sai)*.

2.ª Personagem – (Só) Consciência! O teu nome é de mulher! E se não são simples nem fáceis os teus dados de julgadora, também da mulher não são cristalinos os dados que formam a sua vida, a sua alma e o seu amor... Quem pensaria que tão longínquo amor se albergava no seu peito, e tão prudente submissão e orgulho tão íntimo, a par daquela implacável vontade?... E um pai... Um pai é a consciência julgadora da sua filha... A felicidade de Paula... Oh dolorosa verdade! Eu devia consentir-lhe o amor... Não posso, não tenho coragem. Senhor, o pecado que cometo não é da minha alma. É do sangue que me corre nas veias, é deste pavoroso barro humano.

(Permanece neste sofrimento. 3.ª e 4.ª personagens entram. Autor dirige-se-lhes)

Autor – Eh, venham cá. Silêncio... Tu chamas-te... deixa ver... Alice. Tu... Rosa. Rosa não! Teresa. Alice e Teresa. Repitam lá para ficar sabido.

3.ª Personagem – Quero ser Teresa.

4.ª Personagem – Quero ser Alice.

Autor – São parvas.

3.ª Personagem – Doutra maneira não digo nada, sento-me no chão.

4.ª Personagem – E eu também.

Autor – Pronto. Por enquanto é como vocês quiserem. Ouçam: aquele homem, Ricardo, é vosso irmão. Vão-lhe falar.

4.ª Personagem – Aquele?

Autor – Sim. Neste momento está ali perplexo, a hesitar entre o orgulho da sua nobreza e o puro amor.

3.ª Personagem – Sempre o amor! Parece que não há para os homens outro sentimento digno de uma peça de teatro.

4.ª Personagem – Nós nunca amámos nenhum homem...

3.ª Personagem – Nenhum apesar dos muitos que andavam atrás de nós. Mas vivemos. Porque havemos de permitir que os outros se amem?

Autor – Não compliquem! Vocês precisam de ser odiosas mas de uma maneira simples. Nada de Freud para aqui. Basta que tenham o prazerzinho da intriga, mais nada.

3.ª Personagem – E a patologia da personagem?

Autor – Idiotice!

3.ª Personagem – E a justificação psicológica?

Autor – Justificação... No teatro odeia-se por que se odeia, ama-se por que se ama.

3.ª Personagem – A nosso respeito isso é mentira: temos uma verdade de personagem a revelar. E esta: não queremos que ninguém se case.

Autor – Claro... vocês nunca casaram...

4.ª Personagem – Ai, estamos solteirinhas como viemos ao mundo.

Autor – E por isso ninguém se há-de casar... Freud chamou a isso um complexo. No teatro já passou de moda: punha os actores a tremer muito, dava-lhes trabalho demais.

3.ª Personagem – Não é por isso. O amor é uma coisa obscena.

Autor – Agora é o complexo de defesa! Irra, que é muito complexo junto.

3.ª e 4.ª Personagens – (Avançando para a 2.ª personagem) Queremos ser freudianas! Queremos ser freudianas!

3.ª Personagem – Senhor, ficámos aguardando um sinal vosso para nos aproximarmos.

2.ª Personagem – Perdoai, não vos tinha visto. Sofro, senhoras, sofro muito.

3.ª Personagem – Porquê?

2.ª Personagem – Por vossa sobrinha Paula. Ama um poeta, um pastor que se chama Augusto. Mas renuncia ao amor para desposar Rodolfo, o noivo que lhe destino.

3.ª Personagem – Compreendemos, D. Ricardo, o motivo da vossa consternação.

2.ª Personagem – Que farei, meu Deus? Dizer-lhe que renuncie à linhagem e siga o coração? Aceitar o seu sacrifício? Ajudai-me. Por demais ponderei sozinho tal angústia...

3.ª Personagem – A nossa fraternal amizade por vós deve ser-vos manifesta...

2.ª Personagem – Por Deus, senhoras! Escapa-se da alçada de qualquer suspeita. Se assim não fora, não estaria confiando na vossa sábia opinião.

3.ª Personagem – Por isso confiadamente vos incitamos a que ponhais de parte a vossa honesta e preocupada consciência, para olhardes às vantagens que desta circunstância possam advir a Paula, nossa amada sobrinha.

2.ª Personagem – Prudentes são as considerações que esboçastes. Continuai.

3.ª Personagem – D. Ricardo... poderíamos dizer-vos que o amor de Paula é praça-forte que logo Rodolfo conquistará a botes de viril lealdade e subtil ternura... Mas...

2.ª Personagem – Conheço o coração das mulheres, senhoras... Disse-vos e repito-vos que os sentimentos de Paula em tais circunstâncias são inalteráveis como os alicerces deste castelo.

3.ª Personagem – Nunca pusemos em dúvida o que dissestes. Ninguém, por motivo algum, esquece o amor, como esse que Paula concebeu pelo pastor Augusto; ninguém pode convencer o marido, por mais ardilosos e subtis que sejam os processos, de que o seu corpo o ama quando o não ama, que o seu coração o deseja, quando o não deseja, de que o seu

pensamento o acompanha, quando o não acompanha: Metida toda a vida entre estas três horrorosas torturas, Paula cavaria de qualquer modo a própria infelicidade: se desposa Rodolfo, respeita a linhagem, mas não é feliz, porque ama Augusto e arrasta Rodolfo na sua infelicidade; se desposa Augusto, viverá em guerra com a voz do sangue, com o amor que deve a seu pai, com o respeito que deve a seus maiores; bondosa e confiante como é, Paula seria infeliz e infeliz tornaria a quem se unisse na vida.

2.ª Personagem – Dizeis então que é irremediável destino de Paula ser desgraçada e desgraçado tornar quem a ama?

3.ª Personagem – Assim é. Temos de nos conformar, porque Deus não quis que fosse doutro modo. D. Ricardo, vós tendes obrigação de desviar de Paula o destino adverso.

2.ª Personagem – Como achais que proceda?

3.ª Personagem – Uma donzela nobre, rica e honesta pode dispensar o amor de um homem.

Autor – Pronto, já percebi onde queriam chegar.

3.ª Personagem – Assim vivemos nós e temos sido felizes. Portanto, D. Ricardo, fechai a ponte levadiça deste castelo e que nenhum homem, nenhum aqui penetre. Que Paula não deseje ninguém e ninguém a deseje. Assim Paula será feliz. Assim continuará fiel aos seus deveres de linhagem. E nós, suas tias, a guiaremos, nós lhe ensinaremos o delicioso prazer da clausura.

2.ª Personagem – Uma verdadeira mulher precisa de ser mãe.

3.ª Personagem – D. Ricardo, nós...

2.ª Personagem – Referia-me a Paula, não a vós. O dever de linhagem que Paula há-de cumprir, obriga-a a ter prole. Outro filho não tenho senão Paula...

3.ª Personagem – Somos cientes de que tendes outro filho.

2.ª Personagem – Quem vos disse?

4.ª Personagem – Nós... nós sonhámos.

3.ª Personagem – Por esse filho talvez a nossa linhagem...

2.ª Personagem – Filho duma barregã sem nobreza, onde corre o sangue dos vilões mais perros! Filho de uma judia devassa que em má hora quis erguer da lama e que em troca me atraiçoou com o meu estribeiro! Se outro conselho não tendes a dar... esse não seguirei nunca!

(Autor, 2.ª, 3.ª e 4.ª personagens recuam)

2.ª Personagem – Condenar Paula à solidão por toda a vida! Condenar à sua graça, o seu encanto, a sua beleza, a cair de podres pelos sombrios corredores deste castelo de granito, sobre o corpo criando o gelado bolor da própria inutilidade! Condenar com Paula uma prole de varões ilustres ou mantê-la, fazendo cair nos descendentes a vergonha do sangue judeu e no brasão o ferrete vil da bastardia. Este é o conselho que me dais! Nem essa sentença parece vossa, antes se diria nascida do vosso despeito!

3.ª Personagem – Nós, D. Ricardo...

(Avançam. Recuam)

2.ª Personagem – Calai-vos! Perdoai, senhoras, não quis ofender-vos... - Ó meu Deus, eis-me só novamente, só na minha dúvida! Ah, cruel o destino dos homens! Todas as batalhas se vencem com a manha ardilosa do guerreiro. Mas as dúvidas de consciência... não há força para contê-las... não há aparência que as salve... Ah, inspiração sublime! Falar-lhe, a ela, à sua lealdade de filha. Esta ideia, meu Deus, é inspiração vossa. Bendito sejais! O que Paula quiser, será a vossa divina vontade.

(Fica a murmurar uma prece. Paula aparece)

Autor – Paula, ninguém te chamou ainda.

1.ª Personagem – Mas ninguém tinha de chamar-me.

Autor – Então qual é a justificação da tua entrada em cena?

1.ª Personagem – A necessidade de as personagens estarem em cena e a necessidade de lá não estarem é a única justificação verdadeiramente teatral para a entrada e a saída das personagens. Qualquer outra é carpintaria. *(Avança para o pai)* Aqui estou, pai. quereis falar-me?

2.ª Personagem – Sim, adivinhaste o meu desejo. A defesa da nossa fidalga condição sancionava a minha severidade e tornaria justo que te impusesse um marido escolhido por suas virtudes e família. Mas opto, Paula, por ouvir-te antes que decida.

1.ª Personagem – Tudo quero fazer para que sejais feliz... Senão o remorso...

2.ª Personagem – Peço-te, exijo-te, que esqueças tudo para só pensares na tua felicidade. Se escolheres o amor a minha benção te cobrirá e partirás.

3.ª Personagem – Senhor, querido irmão, permiti que também... *(Avança um pouco)*.

2.ª Personagem – Decerto, senhoras, dizei.

3.ª Personagem – Quando nasceste... *(Dirige-se a Paula)*.

1.ª Personagem – Minha mãe morreu. Já me tendes contado essa história triste.

4.ª Personagem – Nós te demos educação.

3.ª Personagem – E agora te afirmamos que o amor não se finge.

1.ª Personagem – Peço-vos que o assunto se passe entre mim e meu pai.

2.ª Personagem – Ouve tuas tias, ouve por amor de mim!

1.ª Personagem – Ouvirei.

3.ª Personagem – Quer cases com um ou com outro que se te propõem, serás infeliz. Deixamos à tua inteligência o determinar a tua conduta... que é...

1.ª Personagem – Pai, renunciarei ao meu pastor, embora para sempre a sua imagem permaneça em meu peito. Rodolfo pode vir desposar-me e então serei sua.

2.ª Personagem – Filha, a tua confiança acalma a minha consciência.

(Ouve-se fora um longínquo toque de trombeta)

2.ª Personagem – Eis que chega Rodolfo. É bom saíres até que te chame. E vós, senhoras, vós também.

(Saem. 2.ª personagem sai pela esquerda)

Autor – Vamos a ver se o rapaz nos salva deste embaraço.

(Entram 2.ª e 5.ª personagens)

2.ª Personagem – (Chamando-a) Paula! - É natural que a sua cândida pureza se manifeste num púdico rubor. Não deveis estranhar.

5.ª Personagem – De modo algum. Estou ansioso por contemplá-la.

(Ela aparece sobre as escadas. A 2.ª personagem toma-lhe a mão e une-a à mão da 5.ª personagem)

2.ª Personagem – Desejava ver-vos de mão dada, como agora toda a vida. É o momento de saberdes se vos amais e as palavras que ides proferir não serão de todo sinceras se

houver a escutá-las o cansado ouvido dum velho. Por isso vos deixo *(Sai)*

5.ª Personagem – Este é o dia mais feliz da minha vida, pois pela primeira vez te posso contemplar. Permite que te beije a mão, Paula.

1.ª Personagem – Se o desejas. Mas esse gesto não implicará submissão, pois nenhuma submissão me deves. Eu é que devo submeter-me a ti. E de futuro...

5.ª Personagem – Deixemos, Paula, deixemos considerações graves, que não é este o momento azado para elas e expandamos antes o regozijo dos nossos corações. Há muito que desejo estar ao pé de ti e prometo...

1.ª Personagem – Rodolfo, a mim primeiro competia fazer-te uma promessa. Mas escolheste para mulher uma donzela mesquinha que nada pode dar-te do que mereces.

5.ª Personagem – (Rindo) Nem um beijo? *(Vai a agarrá-la)*.

1.ª Personagem – (Fugindo-lhe) Depois das bodas, só depois das bodas, se essa delonga te não desgosta.

(Paula diz isto subindo as escadas e some-se detrás da cortina)

5.ª Personagem – Paula!

(A cortina abre e Paula aparece numa varanda)

1.ª Personagem – Rodolfo!

5.ª Personagem – (Aparte) O resplendor do seu rosto... *(Para Paula)* O resplendor do teu rosto envergonharia as estrelas, do mesmo modo que um dia claro faria envergonhar uma lâmpada. Se os teus olhos estivessem no céu, resplandeceria tal claridade que as aves cantariam cuidando que não havia

noite. *(Aparte)* Oh, como encosta à mão a sua face! Quem me dera ser a luva onde a sua face se encosta!

1.ª Personagem – Ai de mim!

5.ª Personagem – Fala! Oh, continua a falar, anjo resplandecente! Aí onde tu estás, por sobre a minha cabeça, pareces um resplendor no meio desta noite, ó mensageira alada perante os olhares admirados dos mortais!

Autor – Esta coisa não me é estranha...

1.ª Personagem – Amas-me? Sei que me vais dizer que sim. Ficas preso por essa palavra. Contudo, se o juras, podes tornar-te perjuro... Talvez aches leviano o meu comportamento de agora...

Autor – Leviano, porquê?

1.ª Personagem – ... mas acredita que sou sincera. Não interpretes tanta felicidade como leviandade de um amor que esta tenebrosa noite assim te revelou.

5.ª Personagem – Juro-te por essa lua que lá em baixo toca com uma das extremidades de prata o cimo daquelas árvores de fruto...

1.ª Personagem – Não jures pela lua, pela lua inconstante. Não jures por nada deste mundo. Mas se quiseres jurar, jura pela tua graciosa pessoa, divindade idolatrada do meu coração, porque eu creio em ti. Boas noites! Boas noites!

5.ª Personagem – Oh! E vais deixar-me assim, sem me dizeres mais nada?

1.ª Personagem – Dei-te o meu amor, antes mesmo que tu o pedisses. O que eu desejo é a ventura que já tenho: a minha generosidade é tão ilimitada como o mar e tão profunda como ele; quanto mais te amo, mais amor para te dar, porque é infinito.

Autor – É lindo!

5.ª Personagem – Ó noite venturosa! Ó noite feliz! Que medo tenho de que por ser de noite, tudo isto não passe dum sonho! Como isto é delicioso para ser real!

1.ª Personagem – Três palavras mais por esta vez. Se o carácter do teu amor é o casamento...

Autor – Isto não tem nexo...

1.ª Personagem – Mas se as tuas intenções são outras, não me persigas mais e deixa-me entregue à minha dor.

5.ª Personagem – Espero pelo casamento como espero pela salvação da minha alma!

1.ª Personagem – Muito boa noite!

5.ª Personagem – Muito péssima noite porque me faltará a tua luz!

1.ª Personagem – Romeu! Oh Romeu! Quem me dera...

Autor – Achei. É o diálogo do balcão do Romeu e Julieta. Calem-se!

1.ª Personagem – Idiota! Não me interrompas! Quem me dera ter a voz dum falcoeiro...

Autor – Cala-te, Paula. É impossível dizeres isso. É do Shakespeare.

1.ª Personagem – Carlinhos, ouve... isto é lindo. Quem me dera ter a voz dum...

Autor – Paula! Não! Não quero! Basta!

2.ª Personagem – (Entrando) Que berraria é esta?

Autor – Berraria nenhuma. Estes sujeitos desataram numas falas lindíssimas. Era o diálogo do balcão do Romeu e Julieta.

2.ª Personagem – Acho que está muito bem.

Autor – Está bem, nada. Vocês só me comprometem. Há bocado foste tu, com aquelas idiotices sobre a crítica. Agora são estes. Toda a gente me vai acusar de plagiar o Shakespeare. Juro que não vou mais nas vossas águas! Juro! Vocês só fizeram parvoíces.

(Entram 3.ª e 4.ª personagens)

3.ª Personagem – Credo, que reboliço!

4.ª Personagem – Que foi?

Autor – Isso! Venham também que vão ouvir das boas! Que coisa! Um melodrama idiota, um conflito sem solução... Um pai barreia a quem a amante atraiçoa com o chauffeur...

2.ª Personagem – Com o estribeiro.

Autor – E ainda por cima com a mania dos pergaminhos! Ela, uma sacrificada de livre vontade...

2.ª Personagem – É melodrama!

Autor – É lá melodrama, é coisa nenhuma. Onde pode ir dar uma história destas, não me dirão?

2.ª Personagem – Digo eu. *(Fala para o público e mima exageradamente)* Paula e Rodolfo agora a seguir, casam. Rodolfo conquista o amor de Paula e os dois vivem durante certo tempo uma paixão que lhes dá a ilusão de ser sincera. - Por isso é que achei bem que dissessem o diálogo do Romeu e Julieta, que de resto já sabiam de cor. A certa altura as tias, a qualquer pretexto, trazem cá para casa o pastor Augusto. Com a presença dele, reacende-se a verdadeira paixão de Paula. E um dia – Rodolfo foi a uma grande batida aos javalis - Paula atraiçoa o marido. Eu, sou pai, surpreendo-os em flagrante delito, à luz da pálida lua, debaixo de um arbusto. E irremediavelmente ferido na minha honra, suicido-me, cortando as veias do braços. Um mensageiro parte à procura de Rodolfo. Rodolfo volta e quer saber a causa da minha atribulada morte. Uma daquelas *(indica 3.- e 4.- personagens)* conta-lhe tudo, pá, pá, Santa Justa. Rodolfo não se contém e corre sobre o pastor e os dois lutam: Augusto mata Rodolfo à navalhada; mas do punhal de

Rodolfo o pastor recebeu um ferimento mortal e exala o último suspiro depois de ter dito um poema feito ao amor de Paula. Então Paula, vendo que por sua causa houve tanta morte e vendo também morto o seu poeta, crava um punhal no coração, entre soturnos gritos de delírio. E numa cena altamente espectacular, morre, deitada ao lado do corpo de Augusto. Então isto acaba, o pano desce, há palmas, etc...

Autor – Palmas?! Quem é que vai dar palmas a uma coisa destas?

4.ª Personagem – O público.

Autor – O público? O público não quer isto? Não presta, isto presta...

3.ª Personagem – Mas nós gostamos.

Autor – E depois... onde é que está o tema proposto: a justiça do teatro e a justiça dos homens? Não pode ser. Temos de inventar outro conflito e dar por terminado o primeiro acto...

2.ª Personagem – Não! Não! Queremos representar o melodrama até ao fim.

3.ª Personagem – Queremos.

5.ª Personagem – No melodrama é que é! Nós somos os campeões do melodrama!

1.ª Personagem – (Com muita coquetterie) Tem de ser, Carlos. Não posso destroçar assim a minha angústia. Aliás, enxertar o diálogo do balcão numa peça tua, deu-te prazer...

Autor – Calem-se, palermas! Queriam continuar a gozar à tripa-forra!... Acabou-se a paródia! Acabou o primeiro acto!

(As personagens barafustam: Não pode ser! Queremos continuar! Queremos o melodrama até ao fim! Etc...)

Autor – Carpinteiro! Eh! Fechem o pano! Contra-regra! Acabou o primeiro acto!

(Continuam os protestos das personagens até se fechar o pano. O Autor fica no proscénio e diz:)

Autor – Meus senhores: perdoem. Parece que me excedi na minha raiva. Não era bem isto que eu desejava. Faltou - desculpem a imodéstia - a minha personalidade de ser pensante e consciente a organizar a vida daquelas personagens. Como viram, aquela coisa descontrolada que eles desencadearam é uma história amargurada, sem sentido para vós, como homens que sois da nossa época. Eu quero que vos seja contada uma história que vos interesse, uma história que seja uma existência real dentro das vossas vidas reais! E hão-de tê-la. Tenho já as personagens que se adaptarão ao conflito: aquelas mesmas. Faltam apenas duas coisas: falta o conflito e falta um encenador que não os deixe fazer o que eles querem. Tudo se há-de arranjar quando uma personalidade coordenadora se impuser. Vai acabar o primeiro acto. E agora, por amor de Deus, a severidade em excesso é pecado. Peço-vos por isso, apesar de tudo, quando o pano abrir, algumas palmas para as personagens. As palmas que Vossas Excelências acharem que elas merecem.

SEGUNDO ACTO

(O cenário é o mesmo mas acrescenta-se a um canto um décor de sala, um telefone e uma campainha. As personagens estão em fila e o Autor fala-lhes como se as domasse)

CENA I

Autor – Agora é que está certo. Um autor deve domar as suas personagens como feras.

2.ª Personagem – Revolto-me contra o termo fera.

Autor – O teatro não é para o apetite das personagens. O Autor é o intermediário entre a mensagem e o público.

2.ª Personagem – O mistério das personagens é que comanda as peças.

Autor – O vosso mistério dimana de mim. no primeiro acto foi o que se viu. Hei-de modificar tudo. E tenho de aproveitar a noção que o respeitável público presente nesta sala *(faz uma vénia)* forma de vocês. Estou metido numa alhada monstra.

1.ª Personagem – Nunca terás peça. Não sabes nada disto...

Autor – Repete o que disseste, repete se és capaz!

1.ª Personagem – É uma ameaça?

Autor – É.

1.ª Personagem – Não suporto má-criações. Saio e não volto.

Autor – Tu voltas porque ele... ele vem aqui. *(Para o público)* Meus senhores: qual de vós, sentado aí a ver-nos, não terá tido as suas angústias? E em relação à angústia o crime...

2.ª Personagem – Mas vai haver...

Autor – Veremos. Bem, podem sair.

5.ª Personagem – Ainda não compreendi Paula e gostava...

Autor – Nunca a compreenderás.

3.ª Personagem – Senhor, a nossa amada e gentil sobrinha casa ou não casa?

Autor – Eis a questão.

4.ª Personagem – Ah, assim está bem.

2.ª Personagem – Estou atónito.

Autor – Estarás sempre atónito.

2.ª Personagem – Não estou disposto a ser vítima dos teus caprichos.

Autor – *(Ao pai)* É o teu destino. Que estranhas coisas cairão sobre ti! Pronto. Saiam todos. Todos menos Paula. *(Saem. Pai pela entrada B, Tias e Rodolfo pela entrada A. Para Paula)* Como o conheceste?

CENA II

Paula – Quem?

Autor – Augusto.

Paula – Quem é o Augusto?

Autor – São descabidas as tuas falsas ingenuidades do primeiro acto. Agora deves ter a coragem das atitudes.

Paula – Não posso. Gostaria de dizer a toda a gente: Augusto é meu amante. Mas quem compreenderia? O pai nunca mais me falava...

Autor – Porquê? Augusto é um poeta. Bem sei que os homens sempre quiseram expulsar da cidade os poetas... Em todo o caso...

Paula – Perguntam-me sempre: apenas poeta? Que coisa melhor se pode ser do que poeta? Ele é belo...

Autor – Não exageres. Há quem diga que ele é feio.

Paula – O belo está no que se sente.

Autor – Augusto vem aqui dentro dum momento.

Paula – Mas ontem... disse-me que era a última vez... Augusto nunca mente.

Autor – Sabe transformar as verdades todas em mentiras. E o segredo da sua sinceridade. Ontem era a última vez... mas não teve coragem.

Paula – Queres dizer que me ama?
Autor – Augusto ama excessivamente. Mas tem cuidado, Paula. Uma vez será a última.

(Augusto entra subitamente da esquerda, mal vestido. Passados momentos, o Autor sai. Quando vê Augusto, Paula tem para ele um movimento que reprime)

Augusto – Paula...

CENA III

Paula – Não posso esquecer o que me fizeste.
Augusto – Venho dar-te razão a tudo.
Paula – Refiro-me apenas ao que se passou ontem.
Augusto – Fui cruel? *(Paula afirma com um gesto)* Talvez tenhas razão ou talvez não me compreendesses...
Paula – Gritaste que estás cansado de mim...
Augusto – Estou cansado de tudo.
Paula – *(Movimento dela)* Porque vieste então?
Augusto – Apetece-me o cansaço que me vem de ti. É o único cansaço que me apetece.
Paula – Nunca disseste que me amas...
Augusto – Nem só as palavras possuem eloquência.
Paula – Então... porque foste cruel?
Augusto – Não fui. Tu sentes o mesmo por mim. Se tivesses coragem dizias-me que não podes mais.
Paula – Nada me afasta de ti.
Augusto – Mentes! *(Uma pausa e depois com certa calma)* Um dia estava numa daquelas crises em que me é insuportável o

convívio da família e andava por aí. Parou um automóvel ao pé de mim.

Dentro ia uma rapariga. Lembrei-me de que se lhe abrisse a porta do automóvel com uma vénia ela me daria umas moedas de gorjeta. Corri para a porta e abri-a. Fiquei um momento a olhá-la e disse...

Paula – Disseste: "É linda!".

Augusto – Evitar essa palavra seria mentir.

Paula – Perturbaste-me tanto...

Augusto – Tanto que seguiste. Eu corri atrás de ti e pedi-te dinheiro.

(Cai sobre eles uma estranha luz: Reconstitui-se a cena)

Augusto – Tenho fome.

Paula – Fome?

Augusto – Saí do convívio da família e estou...

Paula – Da família? Mas é possível que alguém?... Porquê?

Augusto – É uma história longa...

Paula – Quer contar-ma? Deve ser interessante...

Augusto – Será melhor para si não a ouvir. A culpa afinal não é de ninguém... Saí de casa sem uma palavra... Voltarei logo que possa.

Paula – A sua casa é longe?

Augusto – Muito perto, duas ruas adiante.

Paula – Não consigo compreender... Gostava... Quer contar-me tudo?

Augusto – Sim, mas...

Paula – Convido-o para almoçar. Venha...

Augusto – Muito agradecido. Prescindo... para seu bem.

Paula – Prefiro que venha.

(Mudança de luz e de movimento)

Augusto – Nunca, ninguém te falara assim. Tinham-te dado o automóvel como prenda de anos. Naquela tarde faltaste à partida de ténis. Não calculavas que existisse eu, os meus poemas... mas quando saímos daquele restaurante já desconfiavas que tudo isso existia. A tua inquietação teve assim o seu começo. *(Numa violência)* Paula, acusa-me de tudo isso.

Paula – *(Passa)* Eu... agradeço-te!

Augusto – Não sejas falsa! Seria melhor para ti que me considerasses apenas um louco que alicia os outros para a sua vagabundagem.

Paula – A beleza vale mais que todas as coisas.

Augusto – Ensinei-te essa frase, mas não tens estofo para senti-la.

Paula – Eu sinto-a.

Augusto – *(Dirige-se a Paula)* A beleza para ti foi a desgraça. Agora tens de escolher... e desprezar. E desprezar é doloroso. Tu entras a porta da tua casa com medo, tremes perante teu pai, mentes, foges de todos e só a mim me vês, a mim que sou isto... E houve uma cama vermelha, uma cama nossa... Deves odiar-me como se odeia um deus!

Paula – Amo-te.

(Corre a abraçá-lo. Ele afasta-a bruscamente)

Augusto – E tu sabes o que é o amor? Responde!

Paula – Tu ensinaste-me.

Augusto – O amor não se aprende, descobre-se. Fizeste de mim um ídolo. Mas o amor para ti é a inquietação. Para mim é a única calma, a calma que também pertence à desejada morte.

Paula – (Ajoelha) Augusto! Ontem quando disseste... Só agora compreendi, é horrível! Augusto, não podes fazer isso!

Augusto – Não? Porquê? Quem é que me proíbe? Volta para aquilo que eras dantes, aí é que estás bem.

Paula – Não posso... *(Levanta-se)*.

Augusto – O teu casamento com Rodolfo é daqui a pouco tempo.

Paula – Não casarei com ele. Seria suicidar-me! Seria...

Augusto – Cala-te! Tu hás-de casar, ter filhos... E um dia, do alto da tua... felicidade... dirás: "Que loucura eu ia cometendo!". E tentarás encobrir-me aos olhos de todos, aos teus próprios olhos.

Paula – Nunca poderei esquecer-te, *(Dirige-se a Augusto)* Dei-te tudo... ainda nada te pedi em troca.

Augusto – Não pediste, mas tiveste. Tiveste amor. Esse amor é apenas o que te obriga a desejar-me... Nunca poderás negar o ambiente em que nasceste.

Paula – Como podes dizer isso, Augusto?

Augusto – Sinto que é assim.

Paula – Ah! Se eu soubesse... não te daria carícias, nem beijos, nem juras... Transformava o meu amor em coisa palpável para o possuíres tão seguramente como se possui um objecto.

Augusto – (Num desalento) Nunca pudeste encobrir o teu receio... Sempre caminhaste para mim com a suspeita de que antes te vendaram os olhos...

Paula – Nenhum dos meus beijos te convenceu...?

Augusto – Deste-os para convencer?

Paula – Não. Por isso maior é a derrota... Mas hei-de conquistar-te. *(Agarra-o)* Não podemos perder tempo...

Augusto – Perder... tempo?

Paula – (Descem) Esperam-nos coisas extraordinárias...

Augusto – Aqui nada nos espera.

Paula – Aqui não. Mas... partiremos... teremos uma casa...

Augusto – Para quê? Para ficares irremediavelmente presa da minha vagabundagem? *(Desprende-a)* Livra-te, enquanto é tempo.

Paula – Não, não quero *(Volta a ele)*.

Augusto – Tu julgas que eu posso prometer... Que eu posso dar alguma coisa de material, de positivo a alguém? Ainda se em troca houvesse alguma coisa para mim... Ah! Estes fantasmas do mundo! E talvez tudo sejam apenas fantasmas. Ontem era poeta... *(Volta)* hoje perdi a esperança... amanhã já não serei capaz de ser poeta... Vivi tudo! *(Evitando o choro)* Mereço uma morte digna! Ontem, sozinho, faltou-me a coragem... Hoje... hoje... *(De súbito dirige-se a Paula)* Tu amas-me?

Paula – Muito *(Abraçam-se)*.

Augusto – Tive de ti... ontem, uma saudade que me tornou cobarde... Amo-te. Essa saudade persistirá, ainda mesmo que me sejas presente... Farias alguma coisa para me ver feliz?

Paula – Quero ser tua... Para sempre.

Augusto – Queres ser minha... para sempre... Ainda que te pedisse qualquer coisa de extraordinário?

Paula – Sim.

Augusto – Se eu quisesse... se eu quisesse... deixar... a luz em que vivemos... vinhas comigo?

Paula – É irremediável que me possuas a todo o momento.

Augusto – E gostas de ser minha? *(Apertam-se mais no abraço)* Vamos sair no teu automóvel.

Paula – Vamos... para onde quiseres.

Augusto – *(De costas para Paula)* Havemos de escolher na paisagem um lugar que nos pertença... talvez uma árvore na estrada... uma curva sobre um precipício... ein? *(Volta-se para ela)* Que dizes, Paula?

Paula – Se quiseres... toda a paisagem nos há-de pertencer.

Augusto – Não! Um ponto... um ponto apenas... *(Começa a descer)*

Vamos... para a beira do rio... gostas?

Paula – Gosto... As cores da tarde tornam azuis os cômoros das margens. É lindo!

Augusto – *(Vai para a direita)* Depois... o fundo da água é o repouso... Vai por um agasalho... *(Paula dirige-se para as escadas)* Quero que venhas bela. É absolutamente necessário que estejas bela. *(Augusto fica só)* Hei-de convencê-la... Hei-de convencê-la... não há outra beleza mais total... nem ela nem eu temos no mundo o direito à mínima calma.

(Tira do bolso uns papéis)

Paula – Estou pronta. Vamos?

Augusto – Ficam aqui os meus poemas. Sempre desejei que fossem publicados num livro simples... E esta carta.

(Paula lê o sobrescrito)

Paula – Augusto! *(Faz menção de abrir o envelope)*.

Augusto – Não abras. Depois, mais tarde, será aberto... Vamos.

(Saem pela direita. O Autor aparece. Ouve-se um barulho de automóvel a arrancar)

CENA IV

Autor – Partiram. *(Para Ricardo, que entra)* Então, Ricardo, como te correu o dia lá pelo banco?

Ricardo – Admiravelmente. Os outros directores insuportáveis, como de costume. A querida duquesa de Loizy executou um levantamento inesperado e importante. Certamente meteu amante novo.

Autor – Tu estás com ar de quem quer entrar em tom de alta comédia.

Ricardo – Sim, é certo.

Autor – Detesto a alta comédia. Tu vais mudar de tom.

Ricardo – Não posso. Precisamente neste momento espero Rodolfo. Tu concordarás, meu prezado amigo e preclaro Autor, que seria de mau gosto receber o meu futuro genro noutro ambiente diferente daquele que, pela sua finesse, pelas suas aparências de distinção, diferencia a alta comédia dos outros géneros e a nobilita.

(Vai tocar a campainha)

Autor – Essa campainha não funciona. Está aí apenas para figurar.

Ricardo – Estou em minha casa, quero chamar o mordomo.

Autor – Ora, em tua casa... *(Ri)* Isto é um palco... Que querias do mordomo?

Ricardo – Que introduzisse minha irmã Teresa.

Autor – *(Senta-se no divã)* Ela entrará por si no momento próprio.

Ricardo, tu estás ansioso pelo casamento de Paula... não?

Ricardo – Sim, o casamento de uma filha é uma promessa de netos e, na minha idade, tal ideia torna-se grata... *(Senta-se na cadeira)*.

Autor – Não há mais razões...

Ricardo – Rodolfo é um rapaz simpático.

Autor – E vem de encontro a certos projectos teus...

Ricardo – Que ideia!

Autor – Não negues! O pai de Rodolfo é também director de um banco. Assim conseguirias facilmente formar um trust. Confessa.

Ricardo – Sim... mas...

Autor – Porém ignoras que há certos negócios de moral duvidosa...

Ricardo – Não! Como poderias tu saber?

Autor – Eu aqui sei tudo. *(Levanta-se)* Mas cá tens a tua irmã Teresa.

(Teresa entra, desce o praticável e toma a cena ao centro).

Ricardo – *(Levanta-se)* Oh Teresa! *(Beijam-se)* Não trouxeste Alice?

Teresa – Alice teve muito que fazer. *(Senta-se no divã)* Por causa do gato, sabes? O bichano tem andado insuportável, como te comunicámos, e a Alice teimou em dar-lhe o soporífero que usa nas insónias. Quando saí de casa já o gato tinha dormido trinta e duas horas consecutivas e lamento muito desconfiar que jamais acordará.

Ricardo – Não faltam gatos.

Teresa – Nenhum como aquele... Mas não creio que me tenhas chamado para apreciarmos a virtude dos meus animais domésticos...

Ricardo – Oh não, por causa de Rodolfo.

Teresa – Certamente que é animal mais de ponderar.

Ricardo – *(Olhando o relógio)* Rodolfo está a chegar... O casamento de Paula...

Teresa – Muito interessante... Mas antes que tome conhecimento de que esse casamento é fenómeno assente, permite que te aconselhe a pôr em dúvida a moral do cônjuge. *(Levanta-se)*.

Ricardo – Teresa, ele é filho de um dos mais respeitáveis...

Teresa – Não menciono o progenitor, refiro-me ao próprio. Deves tirar informações. *(Vai a sair)* Prazer em ver-te.

Ricardo – Teresa, mas se... por amor de Deus, não te limites a insinuações...

Alice – (Entrando pelo praticável) O bichano faleceu. Que desgosto! Só a mim acontecem coisas destas!

Teresa – Oh! Participaste à condessa de Champollion? Ela tem-se interessado tanto...

Alice – (Avança e vai sentar-se no divã) Sim, lamentou enormemente.

Quase chorava ao telefone.

Teresa – (Junto ao braço direito do divã) É tão nossa amiga...

Alice – Prometeu arranjar-nos um gato preto.

Teresa – Aceitaste?

Alice – Aceitei. Não podíamos ficar à espera de que um gato nos entrasse pela janela...

Teresa – Porque não? É tão habitual. Tu sabes muito bem que eu não gosto de gatos pretos. Não produzem excitação.

Ricardo – (Avança para o divã) Conquanto aprecie muito essa espécie de mamíferos, isso não justifica que não tenhas tido a delicadeza de me saudar, tanto mais que estás na minha própria casa.

Alice – (Levanta-se e vai saudar Ricardo) Tanto mais que estou na tua própria casa, toma um beijo.

Ricardo – Pêsames, querida.

Alice – Obrigada. Como estás, Ricardo?

(Ricardo e Alice sentam-se)

Ricardo – Estou inebriado.

Alice – Inebriado!?

Ricardo – Paula casa em breve.

Alice – Oh!

Ricardo – Por isso a vossa companhia me é duplamente agradável.

Alice – Porém uma noite destas sonhei...

Ricardo – Sonhaste comigo?

Alice – Não.

Ricardo – Creio que podias ser mais amável, sonhando comigo de vez em quando. Sou o teu único irmão.

Alice – Sim, talvez... Mas sonhei com Paula... agora é irremediável.

Ricardo – Honra-me bastante que tenhas sonhado com a minha única filha. Obrigado.

Alice – Não tens de quê. Foi com amizade. Porém, os meus sonhos são sempre iguaizinhos à realidade.

Ricardo – Que sonhos tão incómodos tu tens...

Alice – Oh! Não! Esse sonho... Mas deixa-me calar. *(Ricardo levanta-se e vai à mesa da direita)* Dentro em pouco querias saber a cor da camisa que vestia quando sonhei.

Ricardo – Certamente que não. Demais é Verão e estou certo que terás o bom gosto de dormir nua.

Teresa – *(Dirige-se a Alice que continua sentada)* Oh que horrorosa palavra!

Ricardo – Perdão, se acreditei no teu bom gosto.

Teresa – *(Depois de uma pausa)* O sonho de Alice é tão acusador para Paula, quanto algumas certezas que eu tenho são acusadoras para Rodolfo.

Ricardo – Acusadoras!?

Alice – *(Teresa senta-se ao lado de Alice)* Foi o que dissemos.

Teresa – Quando por morte dos paizinhos preferimos viver sozinhas na nossa casa...

Alice – O nosso comportamento terá alguma coisa que censurar?

Teresa – Acaso nos queixamos da nossa sorte?

Ricardo – Nunca ouvi, palavra de honra.

Teresa – Então Rodolfo não pode casar com Paula. Se aprovássemos este casamento, mais dia menos dia estávamos a admitir o anti-Cristo.

Alice – Paula pode perfeitamente nunca casar.

Ricardo – Mas... há vantagens parte a parte...

Teresa – Temos sabido de certas actividades menos limpas desse Rodolfo.

Alice – Contou-nos a condessa de Champollion.

Teresa – Rodolfo viveu maritalmente com uma cigana.

Alice – Judia, Teresa.

Teresa – Isso, a desavergonhada era judia. Convenceu-o a financiar certo negócio de contrabando. Rodolfo financiou...

Alice – Com vantagens para o banco do pai...

Teresa – Tal comportamento de pai e de filho é perfeitamente indecoroso.

Alice – Indecoroso e indecente.

Ricardo – Porquê? O rapaz parece que tem queda para o negócio. É óptimo.

Alice – Mas a judia...

Ricardo – *(Senta-se na cadeira)* Uma rapaziada. Quem há aí que não tenha uma... judia? Não vivemos noutros séculos, vivemos neste.

Teresa – É possível que vivamos neste século, mas...

Alice – ... consideramos esse cavalheiro indigno. Se outro não houver que deseje a sua mão...

Teresa – ... o melhor é que Paula venha viver connosco. Nós lhe ensinaremos que a *castidade também tem as suas delícias...*

Alice – *(Num suspiro)* Ai... a castidade...

(Olham-se embevecidas. Uma pausa)

Ricardo – Vocês... por amor de Deus...

Teresa – *(Tétrica)* Fica-te bem invocares agora o santo nome de Deus...

Alice – Mas acresce ainda o caso de Paula.

Ricardo – De Paula? Mas...

Alice – A nossa sobrinha que tanto amamos, que vimos nascer e até desmamámos...

Autor – *(Para Ricardo, do fundo)* E tu ficaste impassível? Continuas sorrindo?

Teresa – Que horroroso cavalheiro!

Alice – Oh!

(Autor avança pelo fundo e vai ficar ao lado de Ricardo)

Ricardo – Ora! Não dizem nada de concreto... falam por sonhos.

Autor – E ainda não as abalaste com um grito?

Ricardo – Não seria bem educado. E... há sempre uma intriga por detrás.

Autor – A intriga faz parte da situação delas na sociedade, já por isso devias ouvi-las.

Ricardo – Tiveram noivos que roeram as cordas. Quando se lhes fala de amor...

Autor – Onde há fumo há lume... *(Para elas)* Acusam Paula...

Teresa – Acusamos Paula de não manter a honestidade que devia...

Ricardo – *(Levanta-se)* Teresa, é grave...

Alice – Tomamos inteira responsabilidade desta afirmação. A condessa de Champollion...

Rodolfo – *(Entrando)* Ah! As tias aqui... Não me digam que é uma recepção. *(Beija-mão)*

Teresa – É um acaso.

Rodolfo – Ainda bem, não estava preparado... *(Coloca-se ao centro)*
E Paula?

Ricardo – Não a tinha avisado de que vinhas.

Autor – Descansa... Paula não faltará a esta agradável reunião familiar...

Ricardo – Minhas irmãs não poderão contestar que as chamei por tua causa.

Teresa – Não contestamos... mas vamo-nos embora.

Rodolfo – Peço-vos que fiquem, tias.

Alice – Com certeza. Mas com uma condição...

Rodolfo – Venha ela.

Alice – A de não nos tratares prematuramente por tias.

Rodolfo – Oh, desculpem.

Ricardo – Por várias razões é com alegria que saúdo a tua união com Paula.

Rodolfo – Obrigado. Tudo o que pela sua felicidade eu possa fazer...

Ricardo – Inúteis essas palavras. As nossas famílias conhecem-se... Tu és uma promessa de felicidade... em todo o sentido da palavra...

Alice – Contudo, Rodolfo, há uma circunstância...

Ricardo – Perdão. Quanto ao local da cerimónia do casamento, julgo incontestável que se realizará na minha ermida da Senhora da Agonia...

Rodolfo – Meu pai deseja que se efectue...

Ricardo – De modo algum! A minha ermida...

Rodolfo – É condição sine qua non, imposta por meu pai. O casamento será na nossa ermida da Imaculada Conceição.

Ricardo – Essa... essa cláusula é irrevogável?

Rodolfo – Completamente.

Ricardo – É estranho.

Rodolfo – Há para meu pai vantagens sociais.

Ricardo – Se certas coisas me não tivessem sido reveladas... Ah! Mas agora compreendo, compreendo e...

Alice – Julgo chegado o momento de te esclarecermos...

Ricardo – Cala-te! Seja como teu pai quer.

Rodolfo – Além disso, meu pai acha justo que o senhor forneça dezoito criados de libré para enfeitar a cerimónia.

Ricardo – *(Muito sorridente mas furioso)* Certamente. Eu até tinha pensado em trinta e seis. Permite-me um instante, Rodolfo, para telefonar ao alfaiate que está neste momento a confeccionar as librés. Talvez ele possa ainda economizar metade de todo o tecido que lhe mandei... *(Ricardo levanta-se e vai ao telefone. No momento em que vai pôr a mão no auscultador, a campainha toca. Ricardo atende e depois de dizer:)* Está? *(A fisionomia carrega-se e cai numa grande inquietação. As palavras que diz são apenas:)* Esse automóvel é daqui. Pertence a minha filha. - Não, por esses sinais não sei quem é esse homem. *(Diz isto com olhar de soslaio para Rodolfo. Todos os olhares o interrogam. Passado um momento:)* Era da polícia. O automóvel da Paula caiu ao rio.

Rodolfo – E Paula?

Ricardo – Não sabem dela.

Rodolfo – É preciso procurá-la sem demora. Eu vou. *(Sai precipitada mente).*

Ricardo – Ah! Se eu compreendesse porquê...

Alice – Bem dizíamos nós...

Teresa – Paula não se comporta bem.

Ricardo – *(Num grito)* Mas que será feito dela?

Autor – Eu tinha-te avisado: quando se trata de vida, de amor, de morte...

Ricardo – De morte?
Autor – Que importância tem o decoro social?
Ricardo – As aparências...
Autor – O que são as aparências?
Ricardo – A única realidade de que temos a certeza. É a única realidade que criamos.
Autor – A desgraça dos homens é pensarem como tu. Vestem com mantos tremendos o coração e o pensamento...
Ricardo – Sem isso a vida seria um inferno.
Autor – Inferno, Ricardo, é quando esses mantos caiem. A torpeza, o luto, a inquietação trágica sucedem-se a tal nudez.
Ricardo – Já viste a nudez tornar-se inevitável?
Autor – Nudez, sim, Ricardo... Estou a ver a verdade dentro de ti, como se a tua alma estivesse aberta em duas sobre esta mão.
Ricardo – *(Pausa)* Receio que as tuas palavras sejam proféticas.
Autor – Estavas alegremente a dispor de tua filha... Agora há o escândalo... Apetece-te arrancar os cabelos, não é verdade? Ah! Se esse chão te engolisse... Nesses momentos temos a sensação de ter corrido atrás de qualquer coisa, uma pedra solidamente agarrada ao chão. Procuramo-la e não a encontramos nunca, nem nas ruas, nem nos campos, nem nos astros... Ricardo, tu estás atónito...
Ricardo – Sim...
Autor – *(Muito lento)* O teatro não é apenas uma arte sublime. É também um ponto de vista. *(Outro tom)* Eu tinha-te avisado: Paula... Mas ela própria...

(Entra Paula)

Paula – Eu é que o matei.
Ricardo – Mataste?
Paula – Não tive coragem de ir com ele.

Ricardo – Mas com quem?

Paula – Tinha-lhe jurado que o acompanhava. Mas fui mais forte que o meu desejo.

Ricardo – Quem era esse homem?

Paula – Um poeta... um vagabundo...

Ricardo – Não compreendo, Paula...

Paula – Se tivesse ido... tudo era belo... não tive coragem. Eu é que o matei. Fugi. Ainda ouvi os seus gritos a chamar-me. foi a primeira vez que não acorri a uma palavra sua.

Ricardo – Mas... por detrás de tudo isto...

Paula – Pai, deves ter medo de saber o que Augusto era para mim. Sempre desejei as coisas que me ensinava... Mais do que a calma que as outras coisas me podem dar... Nada queria saber do mundo em que vive o pai, as tias... eu própria afinal... *(Levanta-se subitamente)* Os poemas...

(Vai aonde foram postos, tira uma folha e lê:)

Enquanto o vento é teu, foge de mim. Foge de mim enquanto a vida dura.

Procura a noite mais medonha e mais escura Enquanto noite houver, foge de mim...

Mas rebentam fantasmas no teu corpo Quando o teu corpo agarro com meus dedos. Fantasmas, sulcos de sangue, orgias, medos, Que há flor da pele virão depois de eu já estar morto.

Ricardo – *(Timidamente)* Paula, isso é poesia... pode não ter vindo do coração.

Paula – Mas há uma carta... *(Lê o envelope)* "Para abrir quando eu já estiver morto". *(Rasga o envelope)* Pai, cada uma dessas palavras é para mim. *(Não resiste a um profundo soluço e chora, escondendo a cara nos braços).*

Ricardo – (Toma a carta e lê) "Não culpem ninguém. Eu é que me matei. Nunca pude pactuar. Este foi o meu único crime. Por ele a vida me castigou com o desespero; por ele agora me castigo com a morte. Augusto, Poeta".

(Ricardo olha atónito para Paula. Uma pausa indecisa em que as tias se mostram assombradas pelas ocorrências e perderam o aprumo)

Autor – (Batendo no ombro de Paula) É o momento de acabarmos o segundo acto. O terceiro...

Paula – Para quê, Carlos?

Autor – A história das personagens ainda não chegou ao fim.

Paula – Fui cobarde, vou agora procurar a coragem que me faltou. Encontrarei amor nas águas do rio. Hei-de procurá-las como qualquer coisa que é indispensável para a vida. Não é preciso terceiro acto para coisas tão simples.

Autor – Queres então suicidar-te?...

Paula – Não tenho outro caminho.

Autor – É impossível. As raparigas do mundo a que pertences não se suicidam.

Paula – Hei-de então arrastar comigo toda esta horrível ânsia?

Autor – Sim... se for preciso.

Paula – Não amavas enquanto me concebeste. Cais sobre mim como um destino.

Autor – E há ainda teu pai... Vamos condenar à inexistência a sua angústia?

Paula – Mas o meu suicídio... Não tenho realmente direito?...

TERCEIRO ACTO

[O mesmo cenário. Uma nova personagem: Sansão, da Polícia de Investigação Criminal. É excessivamente careca, traja excessivamente de preto. Usa um chapéu de coco que nunca traz na cabeça, mas com que tem muitos cuidados. Em cena, Ricardo, Sansão e Autor (assaz alheio). Sansão fuma cachimbo e bebe por um cálice de cristal. Quando o pano sobe, ainda tem a arder o fósforo com que acabou de acender o cachimbo. Muito lentamente sempre, bebe um golo, tira umas fumaças e diz:]

Sansão – O conhaque é delicioso... Mas o tabaco é um primor.

Ricardo – Pertence a um lote especial que me envia o nosso agente americano.

Sansão – Magnificente... No cinema, como na vida, tem-se por vezes satirizado o facto de os polícias fumarem sempre cachimbo... Estupidez! A Investigação Criminal é a base da justiça. Sem cachimbo não há Investigação Criminal...

Ricardo – Nunca supus...

Sansão – Oh, sim... Limpar um cachimbo, enchê-lo... acendê-lo... fumá-lo... é um trabalho meticuloso que convida à meticulosidade... *(Bebe um golo)* Mas o conhaque não lhe fica atrás...

Ricardo – É francês, autêntico...

Sansão – Francês, não é verdade? Sempre sustentei, até contra a opinião do meu chefe - o que poderia trazer-me dissabores - que os franceses são os reis do conhaque. Questão de sensibilidade, não concorda V. Ex.ª?

Ricardo – Claro... O senhor Sansão possui uma excepcional sensibilidade...

Sansão – Oh... favores de V. Ex.ª... E a propósito de sensibilidade: suponho que V. Ex.ª não terá levado a mal as diligências do DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO CRIMINAL a que tenho a honra de pertencer.

Ricardo – Não... eu apenas via o caso pelo prisma sentimental... o afecto que tenho a minha filha...

Sansão – Ah, sim... Nós, os polícias - e até mesmo os juízes —, não nos importamos com os sentimentos. O que tem importância é a verdade dos factos. A lei proíbe que se introduza a consciência em questões de justiça.

Autor – Essa é a grande diferença entre a justiça do teatro e a justiça dos homens. A justiça do teatro nunca falha. No teatro sabe-se tudo e os homens nunca sabem nada. O público aqui é o juiz e julga com a pureza que sobre ele desceu no momento em que se sentou naquelas cadeiras e com o total conhecimento de todas as coisas.

Sansão – *(Sacando umas algemas)* Quer V. Ex.ª que o prenda? É terrível o que ele disse.

Autor – Não podes, Sansão. Mesmo que me prendesses eu apareceria sempre.

Sansão – Bem, adiante. Os factos são os seguintes: o cadáver apareceu atado à cadeira do automóvel; a corda prendia-lhe os braços; o laço da corda foi feito atrás das costas da cadeira. Era impossível ao próprio amarrar-se assim. O assassínio estava demonstrado, tanto mais que uma mulher foi vista sair do automóvel e correr para o primeiro táxi que encontrou.

Ricardo – E a carta?

Sansão – A carta... *(bebe um golo)* Sim, havia a carta. Porém a letra...

Ricardo – O quê? Atreveram-se a por hipótese de ter sido documento forjado por nós?

Sansão – Oh, não... V. Ex.ª é uma pessoa... Mas a carta não estava datada. Podia ter sido escrita em tempo recuado e aproveitada pela assassina como álibi. Além disso a letra... Os poetas não têm letra certa, isto é que é preciso definir aqui.

Ricardo – A letra... era desse Augusto.

Sansão – Não foi prontamente identificada como sendo dele... E veja V. Ex.ª: sua filha tinha-se anunciado como assassina... *(Numa conclusão)* Tivemos de prendê-la.

Ricardo – Foi uma... uma precipitação.

Sansão – Talvez... V. Ex.ª perdoará. Porém... uma vez identificado o assassinado como... poeta... abriram-se novas perspectivas para a salvação da criminosa. Os poetas nunca estão integrados na ordem estabelecida; provou-se que a caligrafia dos poetas é sumamente irregular...

Ricardo – O que não é digno de um bom cidadão.

Sansão – Além disto, esse poeta já tinha sido preso quando insultou, não só um polícia sinaleiro, mas toda a organização policial, por esse polícia o ter impedido de atravessar a rua, no momento em que o trânsito estava vedado a peões.

Ricardo – Vocês deviam então ter adquirido a certeza do suicídio...

Sansão – Bem... Nós sabemos que... quem contraria um polícia é perfeitamente capaz de... de se suicidar... mas...

Ricardo – Mas... o quê?

Sansão – Não tínhamos a certeza do suicídio. E fique V. Ex.ª sabendo que ainda não temos...

Ricardo – Não têm? Mas então...

Sansão – Os factos não são suficientemente probatórios... Mas esteja V. Ex.ª descansado que ninguém se atreverá a mencionar a nossa dúvida.

(Entra Paula e fica)

Ricardo – Ninguém... absolutamente?

Sansão – Oh... não! Nós, embora sejamos os sustentáculos da ordem, também somos, como V. Ex.ª deve ter notado, excessivamente prolíferos... filhamos imenso... e os quantitativos recebidos normalmente... todo o homem é ambicioso... E há ainda a posição social da filha de V. Ex.ª, o ser filha de quem é... *(Fazem vénias)* Considerou-se a influência perniciosa desse poeta indesejável. Aqui para nós, aquele assassínio foi uma boa limpeza... *(Riem os dois)*.

Paula – Pai!

Ricardo – Cala-te!

Paula – Não consinto que falem assim de Augusto!

Autor – Paula!

Ricardo – Depois do que aconteceu...

Paula – Carlos, apelo para ti, defende-o... peço-te. *(Gesto do Autor)*.

Sansão – Vejo que a assassina pretende entrar em particularidades sentimentais. Como não me interessa, vou deixar V. Ex.ª

Ricardo – Adeus, Sansão.

(Sansão afasta-se)

Sansão – Por lealdade, deixe-me V. Ex.ª informá-lo de que a influência de sua Excelência o Presidente do Conselho de Administração do Banco de V. Ex.ª foi decisiva...

Ricardo – Sim...

Sansão – Nada seria possível sem ela... os meus adeuses a V. Ex.ª e muito, muito, muito obrigado pelo seu favor. E quando V. Ex.ª precisar de mais alguma coisa, nós continuamos sempre...

(Sansão sai)

Autor – *(Para Ricardo)* Puseste este Sansão completamente careca, ein? *(Ricardo não lhe responde. Olha-o furioso e diz para Paula:)*

Ricardo – E... agora?

Paula – Pai...

Ricardo – Porquê? Mas porquê?

Autor – Que mania, perguntar sempre o porquê das coisas!

Ricardo – *(Para Paula)* Esperava de ti outro comportamento.

Autor – É terrível, Ricardo... os homens estarem expostos às mais diabólicas tentações.

Ricardo – Paula foi rigorosamente educada em sólidos princípios...

Autor – A realidade é tão surpreendente...

Ricardo – Trocaste a felicidade por um poeta... Porquê? Diz-me que ideia...

Paula – Ideia?

Ricardo – Não vias que esse homem era o teu mal?

Paula – Era o mal e o bem no mesmo corpo... Não estou arrependida. Augusto precisava da morte...

Ricardo – Cobarde! E foi preciso que o atassem à cadeira do automóvel para...

Paula – Sim... e porque não? Tudo foi simples, afinal. Os homens como Augusto possuem um cortejo de vontades para realizar o que desejam. Fui apenas a serva do seu génio.

Ricardo – Enlouqueceste?
Paula – Estou terrivelmente lúcida.
Ricardo – Que irão dizer de ti? De roda das mesas dos chás e nos bares certamente se murmura a teu respeito e...
Paula – A verdade não me ofende. As calúnias não me tocam.

(Teresa e Alice aparecem)

Teresa – A condessa de Champollion é uma jóia.
Alice – Ficou tudo arranjado.
Teresa – Tudo combinado...
Alice – A condessa simpatiza enormemente com Paula...
Teresa – Ai, disse logo: "Seria uma injustiça que esta criança ficasse queimada tão nova ainda".
Alice – Ricardo, sabes tu o que aconteceu a Paula?
Ricardo – Sei, infelizmente...
Teresa – Não sabes, não senhor...
Ricardo – Sei que... minha filha tinha... um homem dentro do automóvel e...
Alice – E sabes porque estava ele dentro do carro?
Ricardo – Leviandade. Paula jurou que aqueles versos apaixonados lhe eram dirigidos.
Alice – Pois estás completamente enganado.
Ricardo – Esta é a verdade e...
Alice – (Com entusiasmo) Ouve: esse rapaz andava desviado do caminho da virtude e dos deveres sociais... Era uma pessoa perdida nos prazeres da carne. Paula soube-o. E tudo quanto fez, foi para convertê-lo, para redimi-lo...
Teresa – Sim, Ricardo, a presença dele dentro do automóvel foi uma boa obra daquele coração...
Alice – Uma obra de caridade...

Teresa – Paula arriscou tudo: a sua reputação, a sua situação, para conquistar aquela alma para o bom caminho. Que formidável exemplo!

Autor – Quem disser o contrário é um malvado e um caluniador.

Teresa – Todo o mundo será informado desta verdade.

Alice – Já neste momento as senhoras que foram tomar chá a casa da condessa de Champollion, estão, pelos telefones, a fazer alastrar sobre a cidade esta verdade em que assentámos.

Ricardo – Ainda bem.

Alice – A prova é que ela até te tinha falado para lhe arranjares um emprego lá no Banco, não te lembras?

Ricardo – Não.

Teresa – Ricardo, por amor de Deus, a tua memória...

Ricardo – Ah sim, com certeza, tenho uma ideia...

Alice – Bendito pai que a gerou...

Teresa – Paula, dá-nos um beijo...

Alice – Prestamos homenagem à bondade da tua alma. Gostávamos de ser como tu.

Teresa – Aqui tens o prémio terreno do teu espírito de caridade.

(Tira uma medalha de oiro presa por uma fita e põe-lha ao pescoço)

Paula – Mas que é isto?

Teresa – Um distintivo.

Alice – *(Solene)* Por ordem da condessa de Champollion... em homenagem às tuas práticas caridosas... ficas nomeada presidente de honra da "Obra Social de Caridade a Favor das Crianças Órfãs e Enjeitadinhas".

Teresa – Oh! Como isto é comovente!

Alice – Numa sessão adequada te serão impostas as insígnias e o mandato, segundo o ritual e a benção.

Teresa – Os jornais darão a notícia e publicarão a tua fotografia no frontispício.

Ricardo – (Para o Autor) E tão agradável que minha filha tenha recebido esta honra...

Alice – Cumprimos o nosso dever. A honra da família acima de tudo.

Teresa – Agora vamos embora.

Alice – (Para o público) Temos a certeza de que Paula jamais amará alguém.

Teresa – Seria um contra-senso. O amor nunca leva a coisa boa.

Alice – Adeus.

(Saem. Ricardo acompanha-as um pouco até à saída)

Ricardo – Depois desta notícia não vais continuar as tuas loucuras.

(Paula tira a medalha e lança-a longe)

Paula – Para que quero eu isto?

Ricardo – Estás apostada em ofender-me?

Paula – Por que preço a compraste, pai?

Ricardo – Que te importa?

Paula – Diz. Augusto ensinou-me que não devemos ter medo da verdade.

Ricardo – Que estranhos fantasmas esse homem deixou em ti...

Paula – Fantasmas? Ele vive, como se estivesse aqui a dar-me o contacto das suas mãos.

Ricardo – É absurdo que esse homem, sem uma vida...sem... te tenha...

Autor – Ricardo, o amor tem uma maneira estranha de escolher.

Ricardo – O amor... Paula, quero salvar-te, salvar-te, estás ouvindo?

Paula – Não preciso de ser salva.

Ricardo – Não quero perder-te, não consinto que tu...

Paula – É impossível contrariar...

Ricardo – Depois do que as tuas tias conseguiram, viverás rica e considerada, honestamente, como até aqui.

Paula – Para quê, pai?

Ricardo – (Num grito) Tu sabes o que dizes?

Autor – Não tens direito à cólera, Ricardo. Houve um momento em que os olhos de Paula e os olhos de Augusto se fitaram. Antes disto podias ter evitado tudo.

Paula – Vou fundir-me com a realidade que me deixou Augusto. Nada mais me resta.

Ricardo – E eu? Verei quebrar tudo de encontro à tua mania de liberdade? Hei-de fechar-te à chave. Hei-de obrigar-te a aceitar a vida que te quero dar.

Autor – Ricardo... Paula já não é uma criança... Vamos lá, ela tem um certo direito de escolha...

Ricardo – (Depois de uma hesitação) Então que escolha, que confie na loucura dos seus ímpetos... Como se qualquer espelho não dissesse que a sua cabeça não é coisa em que se confie... Bem... faz o que quiseres... Por essa cidade, por essas ruas... existem desgraças onde tens a liberdade de te afundar... Mas se saíres aquela porta, é inútil pensares no regresso.

(Sai agitadíssimo pelo fundo)

Paula – Meu pai não entendeu nada, Carlos?

Autor – Talvez não lhe fosse possível compreender.

Paula – É horrível o que disse. Tenho medo...

Autor – Não tenhas medo... - Quando os homens criam qualquer coisa que pode modificar o curso da vida, a modificação influi tanto no ar que respiram, que eles, habituados ao ar de antes da sua modificação, sofrem o drama de serem obrigados a respirar o ar que criaram. Criei-te para que alguma coisa se modificasse...

Paula – Mas... Carlos, não sou já a personagem indecisa do primeiro acto... Tu criaste os meus problemas...

Autor – Sim, criei os teus problemas...

Paula – Sinto-me existente, sinto-me convencida... Onde foste buscar coisas tão soberanas para me dominar a este ponto?

Autor – No mundo tudo anda pelo ar... O resto é imaginação. Existes porque te imaginei.

Paula – Mas o que é a imaginação?

Autor – Não sei.

Paula – A imaginação será uma realidade?

Autor – Falando verdade, a imaginação não existe... Existem as coisas que se imaginam e têm força de realidades. - Uma vez um escultor cortou no mármore uma estátua, uma mulher perfeitamente ideal. Tão perfeita que se apaixonou por aquela pedra.

Paula – Mas isso é possível?

Autor – Esta história é verdadeira.

Paula – Mas o amor... é uma coisa que vem de dentro...

Autor – É isso... e o abraço.

Paula – Eles podiam abraçar-se, não podiam, Carlos?

Autor – O abraço de dois corpos. Uma estátua não é um corpo.

Paula – Então não puderam amar-se...

Autor – Puderam, porque uma deusa transformou a estátua em mulher.

Paula – Foram felizes?

Autor – Sim... foram felizes... Era o amor completo... Ele idealizou-a e formou-a depois por suas mãos...

Paula – Morreram?

Autor – Não.

Paula – Mas os homens morrem sempre...

Autor – Os deuses não quiseram que morressem. Passaram simplesmente a viver num sítio que todos os homens podem contemplar. Olha para mim, Paula. Quero falar-te. Põe as tuas mãos nas minhas mãos.

Paula – Carlos!

Autor – Quero ter a ilusão de te tocar.

Paula – Mas...

Autor – Sim, eu não te toco, eu sei, tudo o que acontece é a minha imaginação. Sonhei-te tanto, tornei-te tão familiar aos meus desejos, que há momentos em que chego a acreditar que existes realmente.

Paula – Os homens são tão fracos...

Autor – Não sei se és bela... és flexível... a tua inteligência... a tua segurança... Entre a realidade e a imaginação medeia apenas um

desejo: todos desejávamos que aquilo que se imaginou voltasse à realidade. Amo-te, Paula.

Paula – Como o escultor amou a estátua?

Autor – Muito mais... ou pelo menos... de outro modo. Tu não tens verdadeira forma. Essa forma alheia que vestiste, é uma convenção para que a tua existência se comunique aos espectadores. Mais nada. Sonhei sempre um amor

como aquele que sabes dar, profundo, superior, perfeito como todo o sacrifício.

Paula – Mas tenho um destino a cumprir... Tomei-o das tuas mãos.

Autor – Gostava que me pertencesses.

Paula – Será possível?

Autor – Creio que não... Ah se fosses uma estátua que eu pudesse realmente apertar nos braços... que se entregasse ao meu rude contacto... mas...

Paula – A obra de arte não é sentimento. Um autor é ou não é escravo da sua própria criação?

Autor – Sim, um autor é um escravo. O ideal é viver simplesmente como um pastor e ver as ervas rasteiras dos prados sem meditar nelas... nada descobrir... nada compreender para nada criar... Mas criei fantasmas no teu corpo, saudades, poetas para despertarem magias no teu sexo, para o teu conhecimento - um Prometeu... e não pensei que também eu existia, buscando no mundo o contacto destas mãos com o sonho.

Paula – Criaste sobretudo um rio onde se acabam as ansiedades, os cansaços e os desesperos. Esse rio espera-me... E lá no fundo, entre as areias há uns braços que se estendem para mim. Levo de ti uma piedade enorme.

Autor – Quis entregar-te a Rodolfo para uma finalidade satírica. Mas não, seria prostituir-te, não tenho coragem... Escolhe uma tarde em que as margens estejam rodeadas de luz transparente e segue o caminho da tua pureza. *(Movimento de Paula que se volta quando o Autor continua a falar)* Por mim, continuarei sofrendo, continuarei procurando aquele reino de luzes, de formas e de inexistências onde beleza e amor existem e se continuam. Tudo me será difícil.

Paula – Tudo me será fácil. Adeus.
Autor – A minha imaginação pede-te um beijo.

(Beija-o castamente. Sai)

Ricardo – *(De fora)* Paula! Paula! *(Entra. Para o Autor)* Onde está Paula?
Autor – Não sei.
Ricardo – *(Sacudindo-o)* Diz para onde foi.
Autor – *(Libertando-se)* Já te disse que não sei.
Ricardo – Carlos, peço-te por tudo.
Autor – Disseste que não querias saber mais dela.
Ricardo – É mentira.
Autor – Disseste que...
Ricardo – Confiei demasiadamente...
Autor – Paula seguiu o caminho que desejava.
Ricardo – E tu?
Autor – Não pude impedi-la. É melhor assim.
Ricardo – Saiu para...?

(Autor não responde. Ricardo sai pela esquerda. Os seus gritos de "Paula! Paula!" perdem-se cada vez mais longe. Autor vê-o sair, fica um momento olhando naquela direcção e diz para o público:)

Autor – Não há dúvida. Ela voltará: é extraordinária a força que tem um pai. Vai haver um duelo de gigantes. Por mim, saio, ser-me-ia doloroso assistir e bastante lhes impus já um destino por demais raciocinado: podem segui-lo sozinhos. Garanto-vos que vou triste, triste, como se do mundo se tivesse extinguido toda a pureza. Para o caso de não voltar a este palco, agradeço já a vossa

amável presença e os vossos aplausos carinhosos. Boa noite.[1]

(Sai. A cena fica deserta por um momento. Entram Paula e Ricardo)

Ricardo – Para onde ias, Paula? *(Ela não responde)* Estremeci quando te vi caminhar pelas áleas do jardim. Mal pisavas o chão e a brisa, tomando-te o vestido, dava-te uma aparência irreal de estátua recortada na relva e nas sombras. Chamei-te e os teus olhos gritavam esse orgulho desmedido com que me tens enfrentado. E acedeste em acompanhar-me como se a minha voz a chamar-te fosse a tua desgraça.

Paula – Surpreendeste-me. Tinhas prometido que me abandonavas ao meu destino.

Ricardo – Menti-te nessa promessa. Pensava que não podias recusar a prosperidade que te ofereço. Estava certo de que me pouparias a humilhação de te pedir...

Paula – Nunca te quis humilhar, pai...

Ricardo – Mas se por um lado sentia essa certeza, por outro lado havia um receio na minha alma. E num momento - ignoro que secreta força me impeliu - surpreendi-me detrás daquela porta assoberbado por uma enorme ansiedade, a chamar-te, a ir ter contigo onde estivesses.

Paula – Aqui estou. Mas peço-te que fales depressa. Não posso perder tempo.

Ricardo – Vão bastar duas palavras, tenho a certeza: Rodolfo está lá dentro. Vou dizer-lhe que venha. Quero que se abracem e o vosso casamento...

[1] Se o espectáculo acontecer de tarde, o actor fará o favor de dizer: "Boa tarde".

Paula – Não posso casar com Rodolfo.

Ricardo – Peço-te.

Paula – Conheces o que aconteceu. Adivinhas com certeza os meus sentimentos. Julga-me...

Ricardo – Mas...

Paula – Gostava que não insistisses! Julga-me sem piedade e sem amor, como se deve julgar. E deixa-me...

Ricardo – Matar-te?!

Paula – Sim, se a palavra te agrada. De qualquer modo um rio...

Ricardo – Desprezas-me, abandonas-me...

Paula – Nada me pertence já...

Ricardo – *(Depois de uma pausa, como se estivesse a falar só)* Quando compreendemos que existe futuro à nossa frente e sentimos desejo de construir um remansoso espaço que seja nosso, a medida do bem que reside na consciência exige que tudo fique assente sobre o amor. Mas quando chegamos a possuir essas realidades e nos parecem firmes como muralhas dum castelo *(oh a miserável vaidade desta segurança!)*, uma brisa, um sopro, uma simples passagem de ave - e tudo o que sonháramos cai, sem piedade e sem remédio...

Paula – A que te referes, pai?

Ricardo – À tua arrogância... À tua arrogância, à inconsciência com que pisas sentimentos respeitáveis, aos olhos com que me fitas de igual para igual! Se é desgraçado um filho que não pode olhar um pai olhos nos olhos, mais desgraçado é aquele que pode olhá-lo com a tua altivez, porque esses mesmos olhos verão sucessos assombrosos: só uma coisa resta fazer ao pai infeliz:

humilhar-se, e é o que eu faço, vê, Paula. *(Ajoelha)* Peço-te piedade... piedade...

Paula – Pai! *(Tenta erguê-lo)*

Ricardo – Piedade de mim! *(Ergue-se)*

Paula – O que fiz foi a sinceridade que o amor...

Ricardo – O amor desse... Augusto, não é verdade?

Paula – O amor...

Ricardo – E o meu amor não conta? Merece-te...

Paula – Pai, eu...

Ricardo – Quando já estava cansado da vida, nasceste tu... o desgosto de ver tua mãe morrer, quando nasceste... a tua personalidade enrijou... foi-se formando em corpo de mulher o corpinho mole que eu vira chegar ao mundo. E o milagre da tua vida, o milagre da minha paternidade, foi um deslumbramento que preencheu as melhores horas da minha existência... Nunca te sentiste amada por mim?

Paula – Sim, pai.

Ricardo – Depois, para cumprir o destino de subir entre os homens, sou director de um banco. Sabes o que é um banco?

Paula – Uma casa com grades nas janelas e automóveis à porta.

Ricardo – Uma tavolagem, onde jogam triunfadores e desesperados. Nada disto tem importância: o mal está nos homens: ambições falhadas, preguiça, vaidades, lutas, arrogâncias. A princípio tinha piedade e a desgraça comovia-me. Mas vendo que a culpa afinal pertence às vítimas ou à vida - o que é o mesmo - compreendi que o desprezo, um desprezo total é a única lei plausível e que é legítimo exercerem-se prepotências - se um sentimento puro estiver por detrás a presidir à vida. Tu, Paula, tu és a pureza que me justifica e é por ti e para ti tudo o que faço.

Paula – Não estranhes que te tenha esquecido: tudo foi extremamente violento e belo.

Ricardo – A beleza às vezes lança um logro na consciência, Paula. Agora... peço-te para encarares uma hipótese. Queres?

Paula – Sim.

Ricardo – Quando se pensa na morte não há tempo de se pensar na vida e tu não tens pensado que ainda podes viver. Mas no mundo nada se transformou, repara.

Paula – Tudo se transformou...

Ricardo – E tu sabes o que é a morte, sabes?

Paula – Não sei. Deslumbra-me e esta verdade me basta.

Ricardo – Tu sabes se vais acompanhar o poeta que amaste? Encontrá-lo-ás acaso? Existe alguma coisa para além?

Paula – Não sei, pai.

Ricardo – Regressa à vida, Paula, vive comigo neste amor que sempre te tenho dado e verás que o esquecimento do que lá vai, a vida há-de trazê-lo. E assim como os pesadelos deixam de ser realidades quando acordamos, os teus sentimentos perturbados serão pesadelos longínquos. Vive, Paula. A prosperidade que te prometo é qualquer coisa que merece ser vivida. Peço-te... casarás com Rodolfo. É a tua salvação... Ele há-de amar-te e tu...

Paula – Não o posso amar.

Ricardo – O amor vem. Terás filhos. E um dia, do alto da tua felicidade, dirás: "Que loucura eu ia cometendo".

Paula – Pai! Pai, não digas isso! Essas palavras já as ouvi duma boca desesperada e então soaram-me com todo o peso da justiça!

Ricardo – *(Violento)* Vem cá, Paula! *(Outro tom)* Não compreendo esse excesso. Amarás Rodolfo... E... se por acaso... ou por teimosia... não o puderes amar, amarás teus filhos. A tua pureza far-te-á feliz e senhora entre as senhoras.

Paula – A minha pureza? Eu é que me perdi num total e apaixonado amor...

Ricardo – Ninguém saberá.

Paula – Que assassinei um homem...

Ricardo – Ele... suicidou-se. Não ouviste Sansão?

Paula – Sansão e a polícia inteira estão convencidos de que o matei... Sim... E talvez seja verdade... Nunca tinha pensado nisto, não interessava, tudo estava certo. Mas agora... – talvez eu deva sacrificar-me por meu pai – encaro a vida, e a imagem de Augusto é terrível, parece-me que sinto correr pelas mãos o calor do seu sangue. Parece-me que crescem para me envolver garras que no sono ou na vigília estarão perpetuamente a estrangular-me. Augusto queria matar-se, sim, ele queria matar-se, precisava... Mas amarrar um homem à cadeira do automóvel, depois pôr serenamente o motor a trabalhar, depois dirigir o carro em direcção ao rio, é matá-lo, não é verdade, pai? É o mesmo que meter-lhe um punhal no coração ou duma escarpa atirá-lo sobre os rochedos do mar... Oh é horrível! É horrível!

Ricardo – Ele é que desejou que o fizesses e... não estavas em ti, ele... dominava-te.

Paula – Já não sei o que é verdade, nunca saberei... E se a polícia descobre tudo? Se muda de atitude? Que será de mim? Se me mete na cadeia ou se no meu próprio espírito começam a nascer grades que me acompanharão por toda a parte?

Ricardo – Sabes como gosto de ti, Paula.

Paula – Sei, pai. Deixa-me abraçar-te... é a única coisa que tenho agora. Esconde-me entre os teus braços...

Ricardo – Tem confiança. Deixa-te guiar por mim, queres?

Paula – Parece-me que deixei de ter vontade... Quero, pai.

Ricardo – Vou chamar Rodolfo... Dir-lhe-ás que queres casar com ele... que queres ser feliz... e hás-de sê-lo... *(Chamando)* Rodolfo!

Paula – Tenho a impressão de que me esqueci de tudo...

(Ricardo toma a medalha que Paula tinha tirado e põe-lha novamente ao pescoço. Rodolfo entra. As réplicas de Paula na cena seguinte são ditas como por um autómato)

Rodolfo – Paula...

Ricardo – Paula ainda não está inteiramente calma depois dos acontecimentos. Mas aqui a tens. *(Sai)*

Rodolfo – Quero pedir-te desculpa de uma coisa.

Paula – De quê, Rodolfo? Nunca me ofendeste...

Rodolfo – Julguei-te mal quando soube o que aconteceu e cheguei a pensar que amavas esse vagabundo. Mas quando conheci as verdadeiras razões, não só senti remorsos da minha suposição e dos meus ciúmes, como cresceu ainda mais o desejo de desposar-te, porque a tua bondade é excepcional.

Paula – Rodolfo, eu...

Rodolfo – Queres ser feliz comigo, Paula?

Paula – Quero. Meu pai...

Rodolfo – Serás minha, toda.

Paula – Havemos de ter filhos loiros e uma casa à beira do rio.

Rodolfo – Estaremos juntos na nossa casa à beira do rio.

Paula – E a tudo o que não seja isso chamarei loucura.

Rodolfo – E seremos fortes pelo nosso amor e fortes pela união das nossas famílias...

Paula – Como desejam nossos pais, que nos amam...

Rodolfo – Beija-me, Paula...

Paula – *(Repelindo-o)* Não.

Rodolfo – Paula!

Paula – Não posso! Não! Sinto repugnância! Depois de casarmos...

Rodolfo – Guardas excessivamente a tua pureza. Um beijo de noivos selará os nossos desejos.

(Vai agarrá-la. Entram Teresa e Alice)

Teresa - Rodolfo, que é isso?

Rodolfo – Vamos casar...

Alice – Já sabemos.

Teresa – Rodolfo... teu pai, a tua família e Ricardo esperam-te de roda da mesa do banquete. Vai ter com eles.

Rodolfo – (Metendo-lhe o braço) Vens comigo?

Alice – (Toma o outro braço de Paula que ia com Rodolfo) Paula vai já.

(Rodolfo sai. Durante a cena que se segue, crescem dentro ruídos de brindes)

Teresa – E tu aceitaste, Paula, aceitaste?

Paula – Sim...

Alice – Nunca te julgámos capaz disso, senão...

Teresa – Não vês que serás infeliz?

Alice – Ainda se soubesses renunciar ao mundo... Assim...

Teresa – Vais mentir a Rodolfo, entregar-te a ele como se estivesses pura.

Alice – Mas que quando ele te abraçar é Augusto quem te abraça.

Teresa – Quando ele te beijar é Augusto quem te beija.

Alice – Quando dançares com ele é Augusto quem te embala.

Teresa – Quando fores com ele de automóvel, é Augusto quem terás a teu lado.

Alice – Quando ele te disser "meu amor" é a voz de Augusto que geme essas palavras.

Teresa – Quando estiveres sozinha, de noite, é Augusto quem entrará a porta da tua casa.

Alice – Ele, sempre ele...

Teresa – Ele que te amou...

Alice – Ele no vento que passar...

Teresa – Ele em todas as coisas...

(Param subitamente os ruídos dos brindes. Todo o terror de Paula perante as ameaças das tias cessa. Muito longe, ouve-se a voz de Augusto:)

Mas rebentam fantasmas no teu corpo quando o teu corpo agarro com meus dedos.
Fantasmas, sulcos de sangue, orgias, medos que à flor da pele virão depois de eu já estar morto.

(Paula ouviu esta voz estática, os olhos perdidos muito longe. Nasce-lhe um sorriso nos lábios)

Paula – Apetece-me outra vez...
Alice – Não podes casar, Paula. Vem viver connosco. Encontrarás consolação em Deus.
Teresa – E rezarás para que os teus pecados sejam perdoados.
Paula – Apetece-me outra vez...
Autor – (Entrando de súbito) Paula! Paula! A justiça do teatro vela por ti e surge sem violência, sem venenos e sem carrascos, só porque acreditamos e somos justos. Serás pura, serás pura como eu sempre desejei.
Paula – Obrigada... A beleza chegará novamente... Começo a sentir... começo a sentir um grande esquecimento entrar-me dentro da cabeça e uma fraqueza percorrer-me o corpo.

(Autor leva-a para o divã. Tira-lhe a medalha que tem no peito e lança-a longe)

Autor – A beleza que volta...
Paula – O amor que continua. Sinto-me morrer.

Autor – Morrerás, morrerás sublime e bela...

Paula – Adeus. O destino corre inevitável como as ondas... Nada mais fica. O rio... o azul das margens... as águas... chegarão os braços... braços estendidos para mim... entre as areias... Não é um abismo... não é... um... abismo...

(Paula morre. Entram Rodolfo e Ricardo, alegres)

Ricardo – Paula, vimos buscar-te para também festejares o noivado.

Autor – Paula morreu, como se vivesse. Não podia embarcar nos vossos barcos de carvão. Não merecia fantasmas nem remorsos a excepcional pureza da sua alma.

Lisboa, 1952

O Duelo dos Sonhos

Comédia em 1 Acto

Escrevi esta peça nos últimos dias do ano de 1955, quando ainda estava convencido de que o Teatro - mesmo em Portugal! - podia ser uma arte de elites. Acontece aos espíritos não especialmente propensos ao entendimento do real quotidiano professarem estes dislates essenciais, de que se arrependem brevemente por simples raciocínio ou porque uma experiência comezinha impiedosamente os desabona.

A peça foi enviada a António Pedro, para o Teatro Experimental do Porto, que me disse verbalmente, tempos depois de a ter recebido, que a obra não acusava avanço algum, mas que também não comprometia; tinha boas situações e piadas de comédia, pelo que talvez se representaria se fosse avante o projecto do Teatro Experimental do Porto de representar uma grande quantidade de dramaturgos portugueses. Foi também enviada a Amélia Rey-Colaço, que a mostrou a diversas pessoas de família, apodando-a de "deliciosa" e elogiando-a com a promessa de entrar no repertório do seu projectado e ainda não realizado Teatro de Câmara. Os alunos da Faculdade de Letras de Lisboa tencionaram representá-la e enviaram-na à comissão de Censura que pura e simplesmente a interditou. Entendo, no entanto, que se a Censura aos espectáculos a achou inconveniente, outro tanto não deve acontecer com a censura literária que permite a edição de obras que pela inconsequência ou pelo arrojo são mais perniciosas à minha pátria do que

esta ingénua comédia (clássica) em um acto de mecânica onírica.

Inconsequente como a proclamou António Pedro; ou perigosa como a entendeu a Censura, a peça aí vai, não dotada de linguagem literária, mas como teatro apenas, jogo de enganos e de realidades sem compromisso assinado com o real quotidiano; mas certamente com os seus temas e com o seu sentido de justiça realizado.

Escrevi esta peça quando pensava que o teatro podia destinar-se às elites. Hoje, que estou desiludido deste conceito, ouso dedicar esta peça àqueles que amem o teatro sem amar as elites e às elites que se amam a si mesmas sem amar o Teatro.

E mais especialmente dedico esta peça aos directores dos bancos da Bolsa de Lisboa, Esposas e Filhas e a ti, meu querido e prepotente Ildebrando, a ti que me apareceste em diversos sonhos durante o mês de Janeiro do ano passado e que trazias pela mão, quando te era possível, uma maravilhosa criatura (tua filha) do sexo feminino e lindos cabelos loiros que te escarrou nos olhos e te fugiu depois, deixando-te só na desolada paisagem de arame farpado que servia de fundo ao meu sonho.

O cenário é apenas obrigado a três entradas: uma da direita, outra da esquerda e uma do centro frente. Recomenda-se no entanto o uso de planos diferentes e de cores vivas.

PERSONAGENS

Isac
Lucien
Cláudio
Usurário
Abraão (Marçano)
Homem do Gongo
Dois Mordomos
Nora
Sara
Mrs. Antióquia
Lady Clarence
Isabel

(Depois de subir o pano, entra um homem gordo. Para o meio da cena, olha em redor acusando estranheza e acende um charuto. Logo entra por outro lado uma rapariga nervosa que, pondo a ponta do pé sobre um banco, ajeita a liga de meia. O homem quando a vê fica perturbado e dirige-se-lhe com visíveis intuitos de a namorar)

Isac – Bom dia...
Nora – Acha que é dia?
Isac – Não sei.
Nora – Mas também não é noite.
Isac – Sim, realmente...
Nora – Então o que será?

Isac – Ora aí está uma pergunta desleal... Ou é dia ou é noite; para ser honesto não há outra hipótese.

Nora – Quem é o senhor?

Isac – Isac.

Nora – Judeu?

Isac – Evidentemente. Capitalista e banqueiro. Alemão de nascença mas fugi do Hitler como o diabo foge da cruz...

Nora – Com medo?

Isac – Com pena. Pois não era pena que um corpinho tão bem criado fosse parar ao campo de concentração e por lá ficassem estas lindíssimas rotundidades?

Nora – *(Sorri)* Tem continuado a capitalizar?

Isac – *(Sempre a namorá-la)* Capitalizo tudo o que me apetece. A senhora é muito engraçada...

Nora – *(Furiosa)* E o senhor julga que é uma pessoa importante... Pois fique sabendo: não é! O senhor não sabe onde está. Quem ignora onde está não pode ser uma pessoa importante. O senhor sabe? Vá, diga...

Isac – Não sei. É a senhora?

Nora – Creio que sim.

Isac – *(Enternecido)* Então ouça: dou-lhe dois contos... dois contos para a senhora me dizer onde é que eu estou...

Nora – Ora... ora...

Isac – Dou-lhe quatro.

Nora – *(Divertida)* Quatro? Só...

Isac – Dou-lhe vinte.

Nora – Para que quero eu vinte contos?

Isac – Dou-lhe cem.

Nora – Você arruína-se, Isac.

Isac – *(Zangado)* Eu nunca me arruíno. *(Enternecido)* Dou-lhe mil contos.

Nora – Pare com isso! Eu não preciso de dinheiro.

Isac – (Zangado) Mentira. Toda a gente precisa de dinheiro, de muito dinheiro. *(Enternecido)* Dou-lhe mil e quinhentos contos.

Nora – Ouça.

Isac – Dou-lhe também um petroleiro.

Nora – Cale-se e ouça.

Isac – Dou-lhe dois petroleiros. Mas temos de ir imediatamente à minha doca privativa. Oh, se me pilho lá consigo...

Nora – Espere um momento. *(Pausa)* Tem úlceras de estômago?

Isac - Muitas. Já fui operado três vezes. A primeira vez na Alemanha ainda. A segunda na França. A terceira foi na América, de urgência. Li no jornal que havia em Boston um cirurgião ultra-rápido e garantido. Meti-me imediatamente num avião de propulsão por jacto. Foi como que um milagre. Em meia dúzia de horas estava de volta à Europa, operado, restabelecido e a presidir a uma reunião de capitalistas para tomarmos um trust de estaleiros no Mediterrâneo.

Nora – O seu estômago deve ser o mais histórico do mundo...

Isac – O mais histórico... Bem, o mais retalhado é com certeza. Só me resta um bocadinho assim, deste lado. Alimento-me de pastilhas engolidas com xícaras de leite.

Nora – Não há milionário que se preze que não tenha uma úlcera.

Isac - E, quanto mais milionário se é, mais úlceras se tem. Isto é que é a desgraça. Porque, bem pensado, de que serve ter muito dinheiro se não se tem mais do que uma vida? Acaso poderei, por ser milionário, viver ao mesmo tempo em dez casas? Andar em dez automóveis? Comer dez refeições? Deitar-me em dez camas? Amar dez mulheres ao mesmo tempo? Para haver justiça, um milionário devia poder ter pelo menos dez vidas.

Nora – E pode ter. Toda a gente pode ter quantas vidas quiser.

Isac – Pode? E como é, como é?

Nora – (Pausa) Você já descobriu onde está?

Isac – Eu não. *(Rindo)* Tem piada, já nem me lembrava disso.

Nora – Esqueceu-se das coisas que me prometeu se eu lhe dissesse?

Isac – Eu nunca me esqueço do que prometo. Prometi-lhe mil e quinhentos contos e dois petroleiros. Mas dou-lhe o dobro: três mil contos, e...

Nora – E se você não precisasse de saber onde está?... Já reparou que tem uma sensação de leveza, como se flutuasse pousado na terra?...

Isac – É verdade! Nunca me senti tão levezinho...

Nora – E porque será essa leveza, porque será?...

Isac – É verdade... porque será?

Nora – Talvez... por uma razão extraordinária... A leveza dos sonhos que libertam. Você está a viver agora, plenamente, o sonho que está a sonhar. Compreende? *(Isac acena que não)* Bem... Vê aquela formiga? *(Aponta para o chão)*.

Isac – Onde? Ah, sim...

Nora – Ora escute: se aquela formiga pensasse, o que seria você para ela? Um ser enorme e fortíssimo. Os homens julgam que existem, que são independentes e fortes... mas na verdade, talvez não passem de bonecos criados por seres enormes que, para se divertirem, inventaram uma engrenagem; - como a daqueles presepes antigos a que se dá corda, conhece?

Isac – Já vi disto no bric-à-brac do Jacob. O Jacob é um primo meu que tem um trust de bric-à-bracs.

Nora – Os bonecos estão presos irremediavelmente à sua engrenagem. Cada um deles tem uma missão certa e todos fazem ao mesmo tempo aquilo que têm de fazer. Do mesmo modo, os seres que criaram estes bonecos que são os homens, dão corda à engrenagem e ficam a vê-los, e a rir-se.

Inventam o calor e o frio - e os bonecos põem-se a construir casas. Inventam o amor - e os

bonecos ficam logo a sofrer muito e a fazer poesia. Dão-lhes um pedaço de terra reluzente para lhes espicaçar a cobiça e os verem, muito excitados, à procura do oiro...

Isac – Esses seres são uma espécie de... Deus...

Nora – (Assustada) Não diga heresias, Isac. Deus salva os homens. Deus é bom. E os seres que nos sonharam são maus. São mais para o lado do diabo. Por isso é que neste mundo estamos completamente perdidos - a não ser que tenhamos coragem para desafiar os seres que por divertimento e por crueldade nos sonharam.

Isac – Exactamente. Desafiá-los! É o que é preciso fazer! E é já. Vou comprar canhões, uma bomba atómica. *(Em grandes atitudes como se os seres estivessem na cúpula do teatro)* Eh! Oh seres! Eu desafio! Oh! Eu os desafio!... Cheguem-se para cá se querem ver...

Nora – (Sorridente, numa censura) Não é assim... O nosso desafio, é sonhar. Sonhar tanto e tão bem este sonho, que ele seja tão real como a vida que realmente temos...

Isac – Oh... Isso deve ser difícil...

Nora – Não, O que é preciso é treino. Eu ensino: por exemplo, você está aborrecido de ser milionário...

Isac – Estou muito. Ah, tenho saudades de não ter de comer. Era tão bom... Lembro-me de que uma vez apareceu um pedaço de broa e queijo. Não comíamos havia uma semana. Foi o dia mais feliz da minha vida.

Nora – Então sonhe que é mendigo *(pausa - música)*, no Outono, e dorme enrolado em folhas caídas debaixo duma ponte do Sena.

Isac – E lá vem uma francesinha loira... apaixona-se pela minha cara triste, pelos meus olhos trespassados de vagabundagem. Eu digo-lhe: "Es leve como uma bailarina". Ela responde: "Es magro e harmonioso como um fauno. Amo-te. Vou dançar para ti".

(Entra uma bailarina e dança ao som da música que deve ter começado com o sonho de Isac)

Isac – É linda! Eu pergunto: "Como te chamas?". Ela responde: "Isabel". Eu penso: "Nunca vi ninguém assim: coleante como as ondas na praia. Quando acabar o bailado quero beijá-la muito, quero que ela tenha filhos meus para sermos felizes com os nossos filhos...".

(Isac corre para ela)

Isac – Isabel, pára de dançar! Amo-te, desejo-te, não te importes que eu seja vagabundo, um dia serei milionário.

(A bailarina vai a sair. Isac corre para ela com aflição)

Isac – Isabel! Isabel! *(Põe o joelho no chão)* Não te quero perder, beija-me, Isabel... *(Ela entra novamente e vai beijá-lo. Isac suspende o movimento, aterrado)* Tu aqui, Sara? Que fazes tu aqui?

Sara – Não me chamaste, pai?

Isac – Ah, mas é horrível! Porquê tu? Quando os meus sonhos eram aqueles?...

Sara – Chamaste-me, não tenho culpa.

Isac – Não, minha filha, não tens. *(Apontando para Nora)* A culpa foi dela. Mas... Mas tu disseste que eu sou um fauno?!... Um fauno... Um fauno com esta barriga, Sara...

Sara – Não to disse a ti. Foi a um rapaz por sinal muito mal vestido.

Isac – Ah! Ainda bem. E desculpa, minha filha, desculpa...

Sara – Desculpo o quê, pai? Es sempre tão carinhoso, tão bom...

Isac – *(Para Nora)* Foi vocemecê, sua atrevida, foi vocemecê que me arranjou este sarilho com aquela história do sonho.

Nora – Tu é que te precipitaste. Perdeste a cabeça e puseste-te a sonhar o que te apeteceu, sem saberes que dentro de nós há um poço cheio de horrores em que não se deve mexer. Se não tivermos cuidado, os sonhos transformam-se em pesadelos e não se obtém resultado que preste.

Isac – Caramba! Não percebo nada de sonhos! *(Para Sara)* Onde está tua mãe?

Sara – No living-room.

Isac - Sozinha?

Sara – Monsieur Lucien tinha acabado de chegar.

Isac – *(Irritadíssimo)* Isabel! Isabel!

Nora – Calma, Isac...

Isac – É preciso que ela venha aqui.

Nora – Ela vem, se o desejas, ela vem.

Isac – Mas tem de ser já. Não costumo preocupar-me com estas coisas. Mas neste momento irrita-me que minha mulher e o Lucien estejam os dois no living-room bebendo copinhos de whisky. Isabel!

Nora – *(Repreendendo-o)* Tem calma, Isac! Espera!

Isac – *(Para Sara, fazendo esforço para se acalmar)* Dançaste bem...

Sara – Estou muito destreinada...

Isac – Gostava mais que fosses bailarina do que ver-te arrastar por aí essa vida inútil a dizer tolices, a ouvir baboseiras...

Sara – Também eu gostava mais... Mas tu conheces as ideias da mãe a esse respeito...

(Entra Isabel, detrás, de modo que eles não vêem. Vem magnificamente vestida e fala como se fizesse uma proclamação)

Isabel – Oh! Nunca! Não quero ver a minha filha exposta ao convívio de artistas!

Isac – *(Também numa proclamação)* A humanidade chegou a uma altura em que toda a gente tem de trabalhar.

Isac e Sara – *(Em coro)* Eu comecei aos treze anos como paquete de um Ministério de Finanças. Se houvesse Justiça, até os meus filhos deviam começar como eu.

Sara – *(Com um sorriso)* Repetes tanta vez a mesma coisa que já sei a frase de cor.

Isabel – Essa frase é uma espécie de bilhete de identidade do teu pai.

Isac – *(Admirado)* Estavas aqui?

Isabel – Sim. O Lucien teve de ir tratar de um assunto urgente.

Isac – *(Furioso)* O Lucien não trata de assuntos urgentes, Isabel! O Lucien detesta assuntos urgentes.

Isabel – Queres dizer que o Lucien é um imbecil?

Isac - Imbecil não é! É um escroque.

Isabel – *(Indignadíssima)* Oh! Um escroque! Chamar escroque a um compatriota meu! Que desaforo!

Isac – O desaforo é teu por chamares compatriota a um escroque. E dás-lhe bebidas e dás-lhe horas de convivência, maples no living-room, dás-lhe...

Isabel – Dou-lhe... o quê? Dize...

Isac – *(Hesitação de Isac)* Bem... Porque o que o Lucien é sobretudo é um pelintra. Um pe-lin-tra!

Isabel – Um pelintra!? Tu estás a desvairar! Isac, sabes onde tens o juízo?

Isac – Ah! Afinal o que tu querias era saber onde eu tenho o juízo. Pois olha: está aqui, dentro da cabeça.

Isabel – Cabeça foi coisa que nunca tiveste.

Isac – Tive e tenho. Engendro negócios extraordinários. E, quando é preciso, até os defendo com tricas internacionais. O que não acontece a esse Lucien que é um vicioso, um pelintra. *(A meio do palco, com grandes ares)* Um pelintra! Senhor! A minha honra impoluta exige-lhe um duelo! Vou-lhe pregar com esta luva pelas faces. *(Fez o gesto)* Pronto! Se. V. Ex.ª não é um cobarde como tudo indica, apareça.

Lucien – *(Entrando, como que ofendido)* V. Ex.ª agrediu-me com uma luva na cara.

Isac – Na cara não, no focinho.

Lucien – A ofensa foi dupla porque a sua luva é de pelica ordinária.

Isac – A minha luva foi comprada em Istambul em 24 de Dezembro de 1918, e é de pele de lontra.

Lucien – V. Ex.ª, já em 1918, em Istambul ou em outro qualquer sítio, era enganado. O luveiro disse-lhe que a pele era de lontra e não é. V. Ex.ª é sempre enganado.

Isac – V. Ex.ª atreve-se a dizer-me, a mim!, uma coisa dessas?

Lucien – Digo esta e não digo outras porque estão aqui mais pessoas.

Isac – Vamos ao duelo.

Lucien – Vamos ao duelo. Mas antes, como mandam as regras, também vou pregar com esta luva pelas trombas de V. Ex.ª Não é de pele de lontra. É de pele de um toiro da Andaluzia. *(Dá-lhe com a luva)*

Isac – As primeiras formalidades estão cumpridas. *(Aparte, para Nora)* Aquela porcaria da pele do toiro da Andaluzia magoa que se farta. Vamos ao duelo. Mordomos, tragam a mesa.

(Entram dois homens vestidos à moda de Luís XV com uma mesa coberta por um pano preto. A mesa deve ter os pés de altura desigual, de modo que o tampo fique visível do público)

Isac – (Para Nora) Você está nomeada minha testemunha.

Isabel – Eu sou testemunha de Lucien.

Lucien – Aceito mas não acredito que eles resistam. Desmaiam, com certeza antes do fim.

Isabel – Proponho a reconciliação.

Nora – Em que condições?

Isabel – Não sei. Mas tenho ouvido dizer que faz parte dos deveres das testemunhas propor a reconciliação. Já propus, já cumpri o meu dever.

Nora – Não aceitamos.

Isabel – Nem nós.

Nora – Proponho a presença, para fins evidentes, do secretário-tesoureiro de Isac.

Isabel – Proponho a presença das auxiliares de Lucien.

Nora – Concedido.

Isabel – Concedido.

(De um dos lados vem o barulho de automóveis que param. Deste lado entra o Marçano com bata de risca cinzenta. De outro lado, talvez do fundo, entram duas quarentonas, maravilhosamente vestidas, com enormes malas, elegantes)

Isabel – (Apontando uma das senhoras) Apresento Mrs. Antióquia, trust internacional do nylon. *(Em tom íntimo)* Desculpe, Mrs. Antióquia, não ter ido ao seu cocktail, mas o dever...

Mrs. Antióquia – O seu dever!... Como é agora?

Isabel – Ai, é delicioso... delicioso! *(Solene)* Apresento também Lady Clarence, trust internacional de sedas e popelinas. *(íntima)* Seu marido... melhorzinho, Lady Clarence?

Lady Clarence – (Confidencial e pesarosa) Já fez testamento. A doença prossegue mas continua vivo. É o que se chama teimosia.

Nora – Apresento Abraão, o marçano da mercearia da esquina.

Isac – (Muito arrogante) Abraão e o seu cabaz!

Isabel – Faço notar a superioridade das assistentes do meu constituinte.

Nora – Refuto. Todo o mundo sabe da guerra aberta que o nylon sustenta contra as sedas e popelinas. É portanto fatal o divisionismo no campo de Lucien.

Isabel – Protesto.

Nora – (Continuando a frase anterior, como se não tivesse sido interrompido) Ora em mercearia é que não há divisionismo, com certeza! A mercearia representa o acordo das necessidades alimentares.

Isabel – Oh! Protesto! *(Ruidosamente)* Protesto muito!

Isac – (Para Lucien, furioso) Senhor. V. Ex.ª tem intuitos desonestos e inconfessáveis.

Lucien – (Num movimento de se atirar a Isac) Oh!

Isabel – (Sustendo-o) Calma. É das regras do duelo que os antagonistas só podem comunicar entre si por intermédio

das testemunhas. Ora Isac dirigiu-se directamente a Lucien.

Nora – E verdade. Concedo uma vantagem a essa parte. Mas temos de combinar as regras. Requeiro uma conferência.

Isabel – Sairemos por momentos. Lucien promete não atravessar para aquele lado.

Nora – Isso promete que... irá dar uma volta pelo parque... Ouviste, Isac?

Isac – Vou e é já. Sara, vem comigo *(quase directamente a Lucien)*.
Quanto mais longe desse tipo, melhor.

(Nora e Isabel saem. Isac vai para um lado com Abraão e Sara. Lucien fica com as suas senhoras)

Isac – (Para Abraão, interrompendo o movimento de saída e com misteriosa ferocidade) Trouxeste tudo?

Abraão – Tudo.

Isac – Tudo o que é preciso para vencer aquele canalha? !

Abraão – Tudo.

Isac – Trouxeste as reservas?

Abraão – Todas.

Isac – Mostra. *(Abraão descobre o cabaz apenas para Isac)* Ena! Chega perfeitamente *(num tom que chegue a Lucien)*. Agora é que ele vai ver com quem se meteu! Aquele escroque! Grandessíssimo escroque!

(Saem os três)

Mrs. Antióquia – Ouviste o que ele te chamou?

Lady Clarence – Chamou-te escroque.

Lucien – (A fingir) Não, não ouvi.

Mrs. Antióquia - Chamou-te escroque.

Lucien - (Igualmente) Não acredito.

Lady Clarence – Palavra de honra que chamou.

Mrs. Antióquia – (Tira um punhal do seio) Chega-te a ele e finca-lhe este punhal no coração.

Lady Clarence – Imediatamente, para aproveitar a ausência das testemunhas.

Lucien – O duelo é um jogo, não é um crime.

Lady Clarence – (Numa apóstrofe) Que alma tens tu? Tu és latino e os latinos, toda a gente sabe, são impulsivos. Ora bem! Insultam-te e tu o que dizes? Dizes assim: "Faça o favor de esperar, que estão umas pessoas a combinar o duelo e logo à tarde vou indignar-me muito consigo". Que porcaria de latino és tu, Lucien?

Mrs. Antióquia – (Quase confidencial) Este punhal é turco e já serviu em conflitos petrolíferos. Enterra-o fundo entre as costelas de Isac.

Lucien – (Com fidalga largueza) Seria demasiado fácil para vocês, para ele e para mim. Decidi medir as minhas forças com Isac, lealmente... Toda a gente sabe que não tenho vintém. Mas tenho o meu temperamento. Dei-vos a honra de as escolher para minhas auxiliares...

Lady Clarence – Honra?!

Lucien – Escolhi-vos entre as oitenta e cinco mulheres que vivem rojadas a meus pés. "Que compensação teremos?", estão a pensar. Estão ou não estão?

Lady Clarence – Lucien, como outrora D. Juan, não dá compensações.

Mrs. Antióquia – Oh, como se engana! Lady Clarence é nórdica. Talvez os nórdicos nunca compreendessem que D. Juan existe para compensar as mulheres.

Lady Clarence – (Irritada) De que compensações precisam as mulheres?

Mrs. Antióquia – (Muito amável) Compensação do seu destino social e do seu destino biológico.

Lady Clarence – (Continuando perturbada) Ideias antiquadas. Uma mulher pode ser livre como qualquer homem.

Mrs. Antióquia – Claro. Além de nórdica também é sufragista. É um vício feminino como outro qualquer. Lady Clarence tem todas as disposições para subir a uma tribuna em Hyde Park ou na Étoile ou mesmo na Praça do Médicis e fazer propaganda contra a tirania dos homens...

Lady Clarence – Não se pode esperar mais tempo. E preciso que as mulheres se revoltem contra essa tirania.

Lucien – Óptimo! Óptimo! Vamos a isso, eu ajudo! Ah! *(Ruidosa gargalhada)*

Mrs. Antióquia – Quando as mulheres subirem às tribunas e mostrarem que também são inteligentes, destroiem-se. As mulheres deviam continuar tapando a cara e assim, ocultas sob os seus véus, demonstrariam a toda a gente, com cuidado e com escrúpulo, que são estúpidas. Nisto é que está a culminância da inteligência feminina. Lembro-lhe, Lady Clarence, que estou numa posição óptima para fazer esta afirmação. Sou turca; tenho um filho espanhol; e o meu marido, além de americano, domina um *trust* de *nylon.*

Lady Clarence – Apesar de meu marido ser dono de um trust já secular! de sedas e popelinas, continuarei a julgar as mulheres dignas de se libertarem dos seus algozes.

Lucien – (Ruidoso) Bravo! Muito bem! *(Outro tom)* O teu Rolls Royce está lá em baixo à espera?

Lady Clarence – Está.

Lucien – Então vai-te embora.

Lady Clarence – Lucien.
Lucien – Fora daqui!
Lady Clarence – Não me referia a ti... Não és um algoz nem um tirano. Não me humilhes, Lucien, não me desprezes...
Lucien – Vai-te embora!
Lady Clarence – Sabes o que és para mim. Sabes a libertação que significavas na minha vida. Lucien... meu amor...

(Lucien esbofeteia-a)

Lady Clarence – Ouve... escuta, Lucien...
Lucien – Sai da minha vista!

(Lady Clarence vai a sair)

Lucien – Vem cá!

(Ela volta como para lhe cair nos braços. Mas com a sola do sapato no traseiro Lucien atira-a para fora de cena. Sacode as mãos)

Lucien – Pronto. Agora, estou sozinho contigo.
Mrs. Antióquia – E chega...
Lucien – (Com dureza) Oh filha... desconfio que não!
Mrs. Antióquia – (Muito lírica) Sabes como eu te amo, meu amor... entrego-te todos os poderes que possuo.
Lucien – (Quase heróico) Pareces desconhecer o valor de Isac. E o homem mais rico do mundo! Os seus processos, cada vez mais tenebrosos, começam pela mentira. Diz a toda a gente que a sua fortuna é de cem mil contos e oitenta petroleiros. Ora eu sei que a fortuna de Isac monta pelo menos a centos e tantos milhões de contos e mil e

quinhentos petroleiros, não falando do resto. Além disto, já tem capitais colocados para lá da Cortina de Ferro... para o que der e vier...

Mrs. Antióquia – (Muito amorosa) E tu tens por ti o mundo inteiro. Com a tua beleza e com o teu temperamento...

Lucien – (Continuando no seu tom heróico como se não tivesse sido interrompido) Estou enervado... como os reis antes da batalha. Não é medo... Preocupa-me saber se haverá justiça neste combate. Mas tudo me parece tão falso... As armas que usarei nem sequer me pertencem. Qual é então a causa? O amor-próprio, a vaidade, o orgulho de Lucien...

Mrs. Antióquia – As armas pertencem-te porque são minhas. O teu orgulho merece que por ele se destrua o mundo. *(Com muita crueldade)* Faremos de Isac um farrapo, um cadáver, um punhado de pó...

Lucien – Obrigado...

Mrs. Antióquia – Não me agradeças. Eu é que te agradeço...

Lucien – (Brutal) Agradeces-me, o quê?

Mrs. Antióquia – (Amorosíssima) A tua existência.

Lucien – Ah, mas tu sozinha... Não, não é bastante. *(Para um mordomo)* Tragam-me um telefone. *(Muito contente, esfregando as mãos)* Vou telefonar à Roberta. O marido é trust de urânio. Com a energia atómica deve estar riquíssimo.

Mrs. Antióquia – (Numa súplica) Não telefones, Lucien. Não intrometas ninguém no nosso amor. Quanto mais te amo, mais o ciúme me devora e amo-te ainda mais. Eu venceria o mundo se contra ti o mundo inteiro estivesse.

(O mordomo traz o telefone)

Mrs. Antióquia – (Para o mordomo) Não é preciso. Pode levar.
Lucien – (Brutal) Não. Ponha-o aí.
Mrs. Antióquia – (Agarrando-o com aflição) És eternamente cruel, Lucien. Não acreditas em nada, nem no amor. Oh! E eu quero-te, ai de mim, eu desejo-te...

(Mrs. Antióquia soluça. Entram Isabel e Nora. Lucien repele Mrs. Antióquia)

Isabel – Está tudo combinado. Vamos começar o duelo. Tragam o gongo.

(Entram outros criados com o gongo, acompanhados por um homem corpulento, de tronco nu, o homem do indicativo dos filmes Rank, que tocará o gongo)

Nora – (Chamando) Isac!
Isabel - Podemos começar?
Nora - Imediatamente.

(Entram Isac, Sara e Abraão)

Isabel – É a altura dos antagonistas fecharem os casacos.

(Fecham os casacos)

Sara – Pai, aconteça o que acontecer, estou a teu lado. Em todo o caso, embora de duelos não perceba patavina, sei que este é um mau exemplo que me dás. *(Beijam-se carinhosamente, como numa despedida)*.
Isabel – Vamos a isto. Toquem o gongo.

(Toca o gongo)

Isac – Minha filha, vou explicar-te as razões por que luto.

Isabel – (Enfadada) Um intervalo para explicações sentimentais.

(Toca o gongo. Durante a fala que segue entra um usurário muito convencional e põe-se debaixo da mesa onde vai ter muito que fazer. Da pasta que traz tira papel, toma notas e faz contas contando pelos dedos)

Isac – (Muito empolado e convencionalmente heróico) Luto por ti, Sara. Luto pela felicidade dos lares em geral. Pela honra de tua mãe e de todas as mães. É preciso destruir Lucien! Só assim poderemos estabelecer a paz entre as famílias e a segurança dos cônjuges. Tudo o que tenho deponho nesta luta contra Lucien.

Isabel – (Enojada e mordaz) Extremamente comovente. Dêem palmas.

(Todos dão palmas)

Sara – (Melodramática) Pai! Pai! Como eu agradeço o que estás a fazer por mim e pelas minhas futuras filhas! Falaste tão bem como um político!

Isac – (Melodramático) Aprende, Sara, nesta derradeira hora, que os políticos é que falam tão bem como os pais!

(Abraçam-se muito)

Sara – (Para Isabel) Nunca te perdoarei, mãe! Tu pudeste amar aquele homem admirável, elegantíssimo e inteligente, não o amas, traíste-o!

Isabel – (Pedagogicamente) As meninas não devem assistir a duelos.
Fora daqui imediatamente.

(Sara sai)

Lucien – (Irónico) Acabou o momento sentimental? Óptimo. Comecemos, c'os diabos!
Nora – Só um instante para fazer um aviso. Não se esqueçam: "Os homens são feitos do mesmo estofo dos seus sonhos"
Isac – Ah! Nunca tinha ouvido dizer...
Isabel – Toquem o gongo.

(O gongo toca. Cada um dos contendores vai para um extremo do palco, de costas voltadas para o centro. Têm a mão direita levantada à altura do ombro, como se estivessem a agarrar uma pistola e outra atrás das costas)

Isabel – Um!

(Eles voltam-se para o centro. Isabel e Nora alternam a contagem dos passos até eles se colocarem nos topos opostos da mesa: um, dois... etc...)

Isabel – Co-me-çaaar!
Isac – (Muito rápido) Vinte e cinco tostões.
Lucien – (Para Mrs. Antióquia) Oh, ele começou muito por baixo.
(Num. tom glorioso) Um par de peúgas de *nylon.*

(A cada coisa que apostam, os contendores atiram para cima da mesa um vale. Os vales de Lucien são tirados da mala de Mrs. Antióquia e são vermelhos. Os vales de Isac

são tirados do cabaz de Abraão e são brancos. Às vezes aparecem vales doutras cores)

Isac – (Tom glorioso) Um bidon com cem litros de petróleo.
Lucien – Uma loja de artigos de nylon na Broadway.
Isac – Cinco mil contos.
Lucien – Todas as peúgas de nylon do mundo.
Isac – Uma mina de petróleo na Ásia Menor.
Lucien – Jogo as encomendas de peúgas de nylon que estão feitas para o ano que vem e que atingem o dobro das que existem.
Nora – Não aceitamos probabilidades. Este duelo não é de hipóteses.

(Toca o gongo)

Nora – Acabou o primeiro round.
Isabel - Empatado.
Nora – Qual empatado?! Faça o favor de aprender a contar, minha senhora.
Isabel – Mau! Noventa com doze quantos são?
Nora – Cento e dois.
Isabel – E então?
Nora – Pois é. Subtraia agora cento e quarenta e cinco.
Isabel – Como?! Dar-se-á o caso da senhora estar de má fé?
Nora – Protesto! Protesto! Entre testemunhas não se pode falar de má fé. Lucien apresentou probabilidades. Qual é a contagem?
Isabel – (Muito amável) Ah, desculpe, tem razão. Isac ganhou de facto.

(Disfarçadamente Isabel rouba da mesa alguns vales. O Marçano apanha vales de sobre a mesa e põe-nos dentro do

cabaz. Nesta operação, porém, caem ao chão alguns que o Usurário apanha e mete dentro da sua pasta)

Lucien – (Para Mrs. Antióquia) Estou a ver que o nylon tem pouca saída. Faltam-lhe tradições.
Isabel – (Para Lucien disfarçadamente) Oh! Meu amor! Tu não podes perder... Toma. São três petroleiros. *(Entrega-lhe os vales que tirou a Isac)*.

(Lucien arruma os vales)

Nora – Segundo round.

(Toca o gongo)

Isac – Todas as peúgas de nylon do mundo.
Lucien – Um milhão de metros de nylon para pára-quedas.
Isac – Cinco fábricas de conserva de sardinha.
Lucien – Vinte e cinco tostões.
Isac – Um bidon com cem litros de petróleo.
Lucien – Vinte camisarias na Ásia Menor.
Isac – Um petroleiro.
Lucien – (Apresentando os vales que lhe deu Isabel e que tinha guardado na outra mão atrás das costas) Três petroleiros abarrotadíssimos de gasolina.

(Toca o gongo)

Isabel – Ganhou Lucien.
Nora – Evidentemente.
Lucien – Isto anima. A vitória está garantida.
Mrs. Antióquia – Agora joga-lhe forte!

(Mrs. Antióquia apanha os vales. Mesmo jogo do usurário)

Nora – Terceiro round.

(Toca o gongo)

Lucien – (Eufórico) Um bilião de meias de nylon para senhora.
Isac – Oitenta petroleiros.
Mrs. Antióquia – (Aflita como num aparte) Ele está feroz! Não te importes de perder a cabeça. Joga-lhe tudo.
Lucien – (De cabeça perdida) Isto tudo.
Isac – (Depois de ter feito cálculos contando pelos dedos calmamente) Cento e noventa milhões de contos.

(Toca o gongo)

Lucien – (Surdamente) Caramba! É de esmagar!
Nora – Vitória absoluta de Isac, não é verdade? O duelo está acabado.
Isabel – Não. Temos direito a mais um round.
Nora - Com que capitais?
Usurário – (Saindo debaixo da mesa) Monsieur Lucien! Tenho aqui uns valezinhos que adquiri honestamente. Se Mr. Lucien quiser, forneço-os a um jurozinho simpático.
Lucien – Qual?
Usurário – Oitenta por cento.
Lucien – Usurário porco! Dou-te sessenta.
Usurário – (Ameaçando retirar-se) Não me convém.
Lucien – Tu abusas! Tu abusas... Deixa lá ver isso!
Usurário – Assine aqui na letrazinha, se faz favor.

(Lucien assina, toma os vales. Entra Lady Clarence)

Lady Clarence – Era a minha consciência - por assim dizer - a gritar-me que precisas de mim. Aqui estou, meu amor...
Lucien – Quanto trouxeste?
Lady Clarence – Trouxe metade.
Lucien – Se só trouxeste metade, podes ir-te embora. Comigo é assim: ou tudo ou não me interessa.
Lady Clarence – Aqui tens tudo. Nada se te pode negar... e eu adoro-te.

(Lucien dá-lhe um beijo na testa, quando ela esperava um beijo na boca)

Isabel – (Disfarçadamente) Toma mais petroleiros. *(Entrega-lhe mais vales roubados num bom momento)*
Nora – Quarto round.

(Toca o gongo. Entram Sara e Cláudio)

Cláudio – Parem lá com essa coisa! Isso não é um duelo, é uma asneira.
Isac – Leve daqui este homem, Sara. Tens de correr com ele de uma vez para sempre.
Sara – Eu amo Cláudio, nós vamos casar...
Isac – Com o meu consentimento, não. Isabel! Ó Isabel! A nossa vida é o que é! Mas neste caso temos de nos unir... Este casamento é uma infâmia.
Isabel – De acordo. Mas quero que saibas as razões por que não dou o consentimento: não quero a infelicidade da minha filha. Sabes a razão por que ela o escolheu, sabes? Cláudio é o homem mais parecido contigo que eu conheço, mesmo não

falando do tempo em que eras magro e tinhas aqueles mesmos olhos lindos e profundos. Mas tenho a certeza, Isac, que embirrarás com qualquer noivo de Sara, seja quem for, mesmo que se trate dum mandarim!

Sara – Eu amo Cláudio. Amo-o, é o marido que sonhei.

Isabel – Sim, mas é sobretudo o amante que desejas.

Isac – Deixemo-nos de cenas idiotas. Por que diabo é que a minha família há-de estar sempre dividida? Isto parece mala-pata! Os funcionários públicos têm a família unidíssima. Os milionários é que não. Que raio! Antes ser funcionário público... C'os diabos! Deixemo-nos de cenas idiotas. Vamos mas é continuar o duelo.

Nora – Toquem o gongo.

(Toca o gongo)

Lucien – Jogo tudo.

Isac – Eu jogo dois trusts, um de...

(Cláudio tira uma pistola do bolso)

Cláudio – Parem imediatamente com essa pouca vergonha.

Isac – Ora essa!

Cláudio – Parem! Se não, com um tiro rebento os miolos dos dois.

Isac – Você também é bom! Que rico marido escolheste, Sara! Meus senhores! Aqui está um escroque da qualidade dum outro que nós já conhecemos. *(Para Cláudio)* Você, como vai casar com a minha filha, tem medo que eu me arruíne e não lhe deixe nada para herdar. Pois fique sabendo que jogo, jogo o que é meu. A minha filha que se arranje lá como puder. Eu paguei-lhe aulas de

dança, paguei! Pode muito bem ir fazer bailados para o teatro. Eu jogo tudo, tudo até ao fim! É o único prazer que me resta! Sim, um milionário não se diverte porque não tem tempo, não come porque não tem estômago, não conta com o amor da família. O prazer de odiar também lhe é vedado: odiar é para ele tão profissional que se torna uma maçada. Ser generoso... também não pode ser: toda a gente chama exibicionismo à generosidade de um milionário. Resta-lhe jogar, jogar tudo, anos de trabalho, de sofrimento, de luta contra os homens, contra os sentimentos, contra o destino. Como é bom jogar e ficar pobre como se começou. Há anos que estou à espera disto! É o maior gozo do mundo! Ah! Cair de repente na miséria dá uma sensação muito mais requintada do que cair de repente na riqueza! Vou jogar tudo!

Cláudio – Não joga nada! *(Dá um tiro para o ar)*

Isac - Jogo tudo!

Cláudio – Não joga, já disse! *(Outro tiro para o ar)*

Usurário – Sr. Isac, se jogar e se perder, eu tenho lá uns capitaizinhos que posso emprestar a um jurozinho simpático.

Isac – Vá aparecendo... Talvez precise, meu amigo, talvez precise...

Lucien - Repito a aposta: uma grande parte de um trust internacional de nylon; um trust de sedas e popelinas com crédito acumulado desde a sua fundação em 1753; todos os quimonos e cabaias de seda natural que há pelo Oriente; cinco petroleiros; *(O telefone toca)* Fazem o favor de esperar um momento. *(Atende)* Roberta? Es tu? Já sabes o que se passa... *(Depois de um. tempo poisa o auscultador)* E urânio. Todo o urânio para futuras guerras.

(A cada coisa que Isac vai apostando, Cláudio dá um tiro para o ar)

Isac - Jogo tudo: territórios colossais na África do Sul; mil e quinhentos petroleiros; cento e noventa biliões de contos em moeda; um *trust* de transatlânticos; setenta e três fábricas de conserva de sardinha; duzentas e quarenta minas de petróleo espalhadas pelas sete partidas do mundo; quatro *trusts* bancários na Europa, na América na Oceânia; o Palace Hotel de Moscovo; diversos capitais colocados para lá da Cortina de Ferro; um *trust* de *gangsters,* o maior dos Estados Unidos da América do Norte; trezentas máquinas de fabricar moeda falsa; quarenta fábrica de aviões de propulsão por jacto; oitenta e três fábricas de armamento de guerra...

(Não há tiro mas toca o gongo)

Lucien - Eh, c'os diabos!

Nora – Ganhou Isac. Isac fica proclamado vencedor. *(Levanta-lhe o pulso como no boxe e Isac fica prostrado, como os boxeurs depois do combate)*

(Abraão sai, depois de ter posto tudo no cabaz. Os mordomos saem com e o homem dos filmes Rank com o gongo. Esta acção será discreta e simultânea com o que segue)

Lucien – Estou arruinado!

Lady Clarence – (Com grande alegria) Não estás arruinado, meu amor. Nós é que estamos. Nós e os nossos maridos.

Mrs. Antióquia – Tens sempre o teu admirável temperamento. Mesmo na miséria, seguir-te-emos até ao fim do mundo.

Lady Clarence – (Rindo muito) Só Lucien seria capaz de arruinar o *trust* de sedas e popelinas mais antigo e firme do mundo.

As Três Senhoras – (Em coro) Viva Lucien! Vivaaaa! Viva Lucien Tenório! Vivaaaa!

Usurário – Então! Faça o favor de pagar a letrazinha!

Lucien – Pagar com quê? Eu não tenho nada...

Usurário – Portanto, só me resta recorrer à justiça e proceder à penhora...

Lucien – (Batendo-lhe nas costas) Proceda a tudo que lhe der na gana. Mas aviso-o que nada tenho para penhorar... *(Grande gargalhada)*.

Usurário – Vou daqui direitinho ter com a justiça. Estes cravas!

(Usurário sai, furioso)

As Três Senhoras – (De braço dado com Lucien ao centro) Viva Lucien!

Vivaaaa! Viva Lucien Tenório! Vivaaaa! Viva Lucien Tenório pelos séculos dos séculos! Vivaaaa!

(Saem bêbadas de alegria)

Isac – (Recompondo-se) Ganhei ou sonhei que ganhei? Digam depressa.

Nora – Ganhaste.

Isac – Mas ganhei em sonho ou ganhei na realidade?

Nora – Se se pode distinguir o que é a realidade e o que é o sonho, ganhaste. Mesmo que estes acontecimentos pertençam apenas a um sonho teu, ganhaste, Isac. Agora és dono de muitos mais trusts, capitais muito maiores, nylon, sedas, popelinas, edifícios na 5.ª Avenida... O urânio para futuras guerras, que tu fizeste tudo para teres na mão sem o conseguir, é todo teu, Isac. Ouviste? É todo teu! Em breve serás proclamado o homem mais importante do século!

Isac – Ó meu Deus! Que mal te fiz para merecer este castigo? Então eu não fiquei arruinado? Mas porquê, meu Deus, porquê? Eu não aguento mais. *(Ansiosamente)* Cláudio! Cláudio! *(Este aproxima-se)* Que idade tem?

Cláudio – *(De mau modo)* Tenho vinte e quatro anos.

Isac – Tem bom estômago?

Cláudio – Tenho. Não desfazendo em nenhum dos presentes, como que nem uma besta.

Isac – Gosta de se divertir? Pequenas, champanhe, viagens, jogo?...

Cláudio – Gosto.

Isac – Então aproveite a mocidade que só serve para ser aproveitada. E pegue na minha fortuna toda, gaste-a, espatife-a, arruíne-me completamente. Gaste tudo, oh, gaste tudo depressa, com requintes de milionário estúpido, de qualquer modo; mas que eu fique sem vintém, sem casa, sem comida e sem cama, deitado sob uma ponte do Sena, dormindo à luz da lua, coberto de folhas caídas.

Cláudio – Por quem me toma o senhor? Quando me chamou escroque, a mim que sou honrado e trabalhador, jurei que nunca me aproveitaria de um tostão que me viesse de si. Ouviu? Cada pessoa tem o seu nariz. Eu tenho a minha dignidade. Pela parte que me toca, o senhor continuará rico até à morte.

Isac – Tenha piedade de mim, Cláudio! Tenha piedade de mim! Arruíne-me! Por tudo quanto tem de mais sagrado: arruíne-me!

Cláudio – Arruíne-se o senhor! Não querem lá ver?

Isac – Isso queria eu mas não posso. Cada coisa que eu faça ou mesmo que não faça, por mais idiota, por mais parva, por mais ruinosa que seja, ainda me torna mais rico.

Cláudio – Que tenho eu com isso? Pobrezinho mas honrado! Sara, beija-me e vamos seguir a nossa vida, que será talvez humilde e económica mas será honrada e será nossa, meu amor.

Sara – Pai...

Cláudio – Proíbo-te que digas uma só palavra a esse homem!

Sara – É meu pai!

Cláudio – Escolhe entre mim e ele. Mas lembra-te que temos à nossa frente um amor verdadeiro e uma vida inteira que pode ser nossa. Se me escolheres a mim, beija-me e esse beijo quererá dizer que desejas ser minha para sempre.

(Sara hesita um momento. Beija Cláudio e saem abraçados)

Abraão – (Entrando, ofegante) Senhor Isac! O seu primo Jacob, o dono do trust de bric-à-brac, morreu de repente e deixou em testamento ao senhor Isac toda a fortuna.

Isac – Não! Nunca! Mais um trust? Não! Não quero!

Abraão – É verdade, senhor Isac. E muitos parabéns, muitos parabéns... *(Sai e vai repetindo, cada vez mais longe "muitos parabéns...")*

Isac – Ó Deus dos Exércitos! Senhor da minha alma! Das alturas do Sinai revele-me que maldade te fiz para me castigares a este ponto! E tu, meu pobre Jacob, descansa em paz! A tua intenção foi boa mas bem me tramaste! Agora o que me espera? Porquê, senhor, quando levantei os braços para alcançar a liberdade, o esquecimento e a paz, me afundas sem remédio no mesmo suplício? Agora o que me espera? Oh! Tenho medo, medo... que desespero horrível! Não, não quero! Estou perdido, perdido... perdido... *(Com estas e outras manifestações, cai sobre o banco)*

Nora – Ai não, não pode ser! É preciso acordá-lo! Ele rebenta! Não sabe sonhar!... Senhor Isac! Senhor Isac! Acorde! Acorde! Acorde! Acorde!... Acorde!...

Lisboa, 1955

A Mantilha de Beatriz

Farsa em 3 Actos
sobre o romance
de Manuel Pinheiro Chagas

ESCLARECIMENTO SOBRE ESTA "MANTILHA DE BEATRIZ"

Pedro Bom pediu-me que fizesse para representar no Teatro Popular de Lisboa, uma adaptação dramática do romance de Manuel Pinheiro Chagas A Mantilha de Beatriz*. Não conhecia o romance; não vira o filme dele extraído que percorreu todo o Portugal com êxito estrondoso. O romance, ao tê-lo, pareceu-me dirigido ao gosto popular, como esta expressão era entendida em pleno romantismo do século passado e como ainda hoje se entende em muitos sectores. Pinheiro Chagas, no artificioso intróito e sequente epílogo, certamente saborosos na sua época, denuncia a fonte da narrativa: a comédia de Calderón de la Barca* Antes que todo es mi dama*. Eu não lera a obra de Calderón e não a quis ler.*

Aceitei a incumbência do director do Teatro Popular de Lisboa porque me apeteceu colaborar na circunstância saudável dum espectáculo popular, fora do estilo, aliás respeitável, das revistas e das comédias do Parque Mayer. Uma peça, de comunicação directa, sem interferências filosofantes, sem problemática activa nem

mensagem funcional; feita, porém, com o escrúpulo de situar as personagens nas suas coordenadas sociais; uma peça que fizesse rir sem prejuízos e sem medo - foi o que de momento julguei útil e possível dar ao bom povo de Lisboa. A certo sector de opinião (e até mesmo mim próprio) não parece que fornecer um espectáculo tão gratuito seja o melhor que há a fazer pelo povo em Portugal. Mas o riso sempre foi coisa boa em todos os tempos; e dentro da arte dramática tem permanecido mais durável do que os condicionalismos da moda e do que a adopção epocal de estilos e de problemáticas.

Riam, meu senhores, riam! *Este é o banquete que desejei servir-vos. Se no fim do espectáculo, mercê da habilidade dos comediantes e desta verve voluntariamente enxertada em Pinheiro Chagas, verificar que ristes honestamente, alcancei a minha finalidade.*

Escrevi a peça em quadros sucessivos, preferindo o processo shakespeariano às unidades de acção. Optei, assim, por um maior convencionalismo pictural, em detrimento do convencionalismo da construção. Creio que, deste modo, posto que a técnica moderna do espectáculo pode facilitar uma série ininterrupta de quadros sem escuridões longas nem esperas fastidiosas, vereis a acção desenvolver-se ao longo das suas peripécias num espectáculo suculento, substancial, como acho que devem ser os espectáculos para o povo. Em exigente regime de purismo estético, a quantidade do que se oferece ao espectador não é elemento fundamental. Mas num espectáculo popular, julgo que sim. Aqui, o espectáculo é alimento para a imaginação, é preciso que se saia do teatro tendo muito que contar.

A peça é uma farsa de capa e espada. Certos quadros e certas personagens definem-se em estilo fantástico. Este é o plano da realidade que se aceita deformada como convém a uma farsa, e mudada em fantasia. O resto, o que parecerá realidade, é que é a verdadeira fantasia. Bem sei que isto é um trocadilho. Mas é um trocadilho de estilos, ao nível da melhor lógica. Se o público e a crítica têm admitido - e se têm divertido - com trocadilhos disparatados, feitos em desserviço da arte do Teatro, porque não propor esta dialéctica de estilos, este diálogo dramático, tão válido como qualquer outro?

Junho de 1962

PERSONAGENS

D. Álvaro de Mascarenhas – Fidalgo do Conselho de El-Rei D. Afonso VI
Francisco de Mendonça – Fidalgo transmontano
Luís de Menezes Alcoforado – Fidalgo alentejano
D. Beatriz de Mascarenhas – Filha de D. Álvaro
D. Clara de Portugal – Irmã de:
D. Estêvão de Portugal – Fidalgo
D. Afonso VI – Rei de Portugal
Inês – Aia de D. Beatriz
Leonor – Criada de D. Clara
D. Violante – Tia de D. Clara, paralítica
Leonardo – Criado de D. Álvaro, muito estilizado e digno de seu amo
Gonçalo – Criado de Francisco de Mendonça
Um Carteiro
1.º Homem Embuçado
2.º Homem Embuçado
3.º Homem Embuçado
Um Criador de Cães, Sicários, Embuçados e Acompanhantes de El-Rei

ACTO I

(Um descampado. Noite de luar. Música. Cortinas corridas. Quando sobe o pano, grande movimento de personagens embuçados. Passam El-Rei D. Afonso VI e o seu séquito. Depois, do fosso da orquestra, saem três homens embuçados e sobem pela rampa da D.)

QUADRO I

1.º Homem - *(Que parece ser o chefe)* É aqui. Ficarão aqui de guarda. Se aparecer alguém, uma apitadela. *(Entrega o apito)* Uma apitadela bem forte. Entendeste, ó mal encarado?

2.º Homem - Eu sim, senhor...

1.º Homem - E tu?

3.º Homem - Eu cá me arranjarei.

1.º Homem - Muito bem. Aquele que nós sabemos quem é, recompensa este género de serviços mais generosamente do que quaisquer outros. Entenderam?

2.º e 3.º Homens - Sim, senhor.

1.º Homem - As coisas correrão como de costume. Primeiro é preciso filar, bem filado, o viandante. E depois, aquele... aquele... que...

3.º Homem - *(Rápido)* Aquele que nós sabemos quem é...

1.º Homem - Esse mesmo. Quer assistir à surra.

2.º Homem - Apanhará, mesmo que seja inocente?

3.º Homem - É o costume...

1.º Homem - Ninguém está inocente. Ninguém deixou de cometer os pecados suficientes para justificar uma surra que se lhe dê!

2.º Homem - Compreendido!... Pode ir descansado.

1.º Homem - Muito bem. Agora vou ter com...

2.º Homem - Com aquele que nós sabemos quem é...

1.º Homem - Com esse mesmo. E alerta, hem?!

3.º Homem - Alerta e olho vivo. *(1.º Homem sai para a E.)* Alerta e olho vivo... Isto podia ser o princípio duma cantiga. *(Canta)*

2.º Homem - Caluda! Não espantes a caça.

3.º Homem - Bonita caça, não há dúvida... A esta hora aquele que nós sabemos quem é está lá em cima na cabana a preparar-se para a função, bebendo do fino e rilhando a boa perna de galinha; enquanto que a nós, aqui no descampado, é o frio que nos gela os ossos e a larica que nos rói as tripas...

2.º Homem - Está um frio...

3.º Homem - Podia ao menos dar-nos um copo e... não direi uma perna nem uma asa, que são para ele as partes boas, mas ao menos o pescoço do animal, dizendo: "Eh, rapazes, tomai, que é para aquecer a função".

2.º Homem - Não percebo aquele gosto de malhar nos desgraçados...

3.º Homem - Goza vendo as expressões de sofrimento E por vezes também lhes chega...

2.º Homem - Sim, com a mãozinha tolhida, que não tem mais do que a força de levar à boca a paparoca.

3.º Homem - Às vezes sinto cá dentro umas ganas de dizer: "Não vou!"

2.º Homem - Mas acabas sempre por vir...

3.º Homem - Pois se ele é o Rei...

2.º Homem - Está calado, não se diz aqui essa palavra! Tudo é secreto!

3.º Homem - Como se alguém em todo o Portugal ignorasse que Sua Majestade El-Rei se diverte em tais noitadas!

2.º Homem - Pschiu... que te podem ouvir...

3.º Homem - *(Pausa)* Que lindo Rei tem o povo!

2.º Homem - És burro! Não vês que se te ouvem vais parar às masmorras?

3.º Homem - Estas pauladas que desperdiçamos, se ele fosse Rei de verdade, aproveitava-as para aplicar nos castelhanos, quando chegasse a ocasião.

(Da E. surge D. Afonso VI. Rói uma perna de galinha. Vêm com ele alguns acompanhantes com um archote)

2.º Homem - Aí vem o...

3.º Homem - Aquele que nós sabemos quem é...

D. Afonso – Ninguém?

3.º Homem - Por enquanto, ninguém, senhor...

D. Afonso – *(Para o 1.º Homem)* Por que razão escolheste este lugar, se aqui nada se caça?

1.º Homem - É passagem obrigatória de quem venha do Norte do Reino para Lisboa.

D. Afonso – Estes homens são de confiança?

1.º Homem - Fortes como touros, espertos como ratos.

D. Afonso – E são-me fiéis?

1.º Homem - Como cães! Estes mesmos há três semanas filaram aquele estrangeiro...

D. Afonso – Ah! Ah! Foram estes, hem? A melhor caça que já apanhei. Muito me ri, hem? Ah! Ah! Então não se lembram? Não se lembram?

3.º Homem - Lembramo-nos muito bem.

D. Afonso – E não acham piada só de se lembrarem?

3.º Homem - Muita!

1.º Homem - Achamos todos muita piada.

D. Afonso – Então porque é que não se riem, ein? Porque não se riem?

(Riem todos)

1.º Homem - Senhor, não é prudente estardes aqui na passagem. Será preferível esperar no alto daquele cômoro.

D. Afonso – Vamos. Vamos! *(Atira ao chão a perna já rilhada. Imediatamente um dos acompanhantes destapa uma terrina de prata donde D. Afonso tira outra perna de galinha)* Os homens estão colocados nos seus lugares?

1.º Homem - Vários grupos aguardam em boas posições. Estes dois ficam aqui à beira do caminho para dar o sinal.

D. Afonso – Tenho confiança em ti.

1.º Homem - Graças, senhor. Vamos!

D. Afonso – Vamos...

(Saem para a D.)

2.º Homem - Aquele que nós sabemos quem é será o que quiserem... Mas a sua presença um desgraçado como nós sente-se minguado... com uma impressão!... Não sentiste?

(Apanha o osso que D. Afonso deitara fora. Vai a rilhá-lo. Repugna-lhe, atira-o fora)

3.º Homem - Senti. Senti que, mais dia menos dia, com este homem à frente, Portugal irá parar outra vez à dominação de Castela... A não ser que o irmão D. Pedro se resolva a dar no traseiro do mano aquele pontapé...

2.º Homem - *(Ouvindo um ruído da E.)* Alto! Vem aí alguém...

3.º Homem - Vamos... *(Entra Francisco de Mendonça da E. 2.º e 3.º Homens avançam e dirigem-se-lhe em lamúria)* Meu fidalgo, piedade! Piedade destes pobres soldados a quem o tesouro deve um ano de vencimentos e não têm com que matar a fome...

Francisco – Que pouca vergonha! Nem sequer à tropa o governo paga?

(O 3.º homem assobia. Sobre o assobio cresce música, muito ritmada, que acompanhará a cena que se segue. Da D. e da E. entram vários embuçados que crescem sobre Francisco. Este tira a espada e esgrime. O combate deve parecer uma dança. A luta é nitidamente desigual até que, também da E., surge Luís de Menezes. Desembainha a espada e dá um grito, como a chamá-los à luta. O grupo dos embuçados divide-se e é posto em fuga. Os dois rapazes embainhando as espadas, correm um para o outro e encontram-se a meio da cena. Estão ofegantes)

Francisco – (Ofegante) Muito obrigado, senhor...

Luís – (Ofegante) Luís de Menezes Alcoforado.

Francisco – Francisco de Mendonça. Muita honra em conhecê-lo. Parabéns pela coragem. Muito obrigado.

Luís – Se houvesse tempo, diria que não tem nada que agradecer e que o senhor é que se bateu com valentia. Mas não há tempo para salamaleques. Embora o senhor seja pelo menos fidalgo como eu, o bom senso recomenda que fujamos. E depressa! A emboscada não foi iniciativa destes rufiões! Foi inspirada por alguém que... Enfim, como não há tempo para rodeios, digo-lhe só isto: *(em segredo)* Nesta emboscada anda a marca de El-Rei.

Francisco – El-Rei!?

Luís – Sim.

Francisco – Com que fim a teria preparado?

Luís – Para gozo próprio.

Francisco – Impossível!

Luís – Fujamos! *(Vão encaminhar-se para a D., donde crescem ruídos)* Por aqui por este barranco! Depressa, eles aí vêm.

(Saltam para o fosso da orquestra. Da D., entra o 1.º Homem com alguns embuçados. 1.º Homem assobia. Música. Entram os que tinham fugido)

1.º Homem - Onde estão?

3.º Homem - Fugiram.

1.º Homem - Mas houve luta. Eu ouvi o tinir das espadas. Como puderam dois homens apenas levar-vos de vencida? Ah! Cambada! Súcia de poltrões! Cobardes! Cobardes!

(Entra D. Afonso, furioso, devorando uma perna de galinha)

D. Afonso – Então? Então? Hem?

1.º Homem – Deixaram-nos fugir, Senhor.

D. Afonso – Bandidos, canalhas, cobardes! Sabem o que eu devia fazer, sabem?! *(Com a mão tolhida dá uma bofetada num deles que fica imperturbável)* Estragaram-me a noite… *(Atira ao chão a perna de galinha. Para o 3.º Homem)* Poltrão! Poltrão! *(Dá-lhe cotoveladas)* Metam-no numa masmorra! Numa masmorra! *(Para o 1.º Homem)* Ouviste?

1.º Homem - Muito bem!

3.º Homem - *(Dramático, de joelhos)* Misericórdia, senhor! Misericórdia! Sou o vosso servo mais fiel... O que se passou aqui, senhor... Ah! Senhor! Neste mundo só desejo servir-vos! Se Vossa Majestade, por exemplo, não tivesse nenhuma perna de galinha, para satisfazer o vosso apetite, só desejaria ser galinha, ou até mesmo capão. Mas o que se passou aqui, Senhor... era capaz de aterrar uma alma pronta a entrar nos céus. Aquilo foi obra do diabo! Os meus companheiros que o digam... Quando já estávamos preparados para filarmos os dois patifes, eles desapareceram da nossa vista, com grande

estrondo. E foi então que fugimos, senhor. Não é verdade, companheiros?

Todos – É verdade!

D. Afonso – Sim... pareceu-me ouvir um estrondo.

3.º Homem - Um estrondo e um clarão...

D. Afonso – E um clarão, eu também vi um clarão.

3.º Homem - O clarão do inferno, o estrondo do diabo!

D. Afonso – (Com medo) Depressa, a minha capa. Este lugar é amaldiçoado. *(Oferecem-lhe outra terrina, põem-lhe a capa)* Até o diabo se mete na minha vida. Até o diabo quer que eu seja infeliz... Eu sou muito infeliz! *(Chora)*

1.º Homem - *(Duro)* Seria conveniente Vossa Majestade abster-se de chorar diante destes homens.

D. Afonso – Sim, tens razão. Vou abster-me. *(Deixa de chorar)*

1.º Homem - Vamos!

D. Afonso – Vamos, vamos...

(Música)

QUADRO II

(Abre-se a cortina da E. Uma tavolagem, mesa, e duas figuras: Francisco de Mendonça e Estêvão de Portugal jogam os dados. Fazem alguns lances)

Estêvão – (Depois de um lance de Francisco de Mendonça) Senhor!

Francisco – (Amável) Dizei.

Estêvão – É a terceira vez, senhor! Não interrompi à primeira por prudência, nem à segunda por cortesia... Mas à terceira...

Francisco – Não compreendo, Senhor D. Estêvão de Portugal!

Estêvão – A terceira vez não posso ignorar...

Francisco – O quê?

Estêvão – Que para ganhar ao jogo qualquer processo lhe serve, mesmo o mais desonesto.

Francisco – Senhor!

Estêvão – (Desdenhoso) A experiência aconselha-me a não jogar com uma criança que melhor estaria em casa a aprender as lições, em vez de andar por tavolagens, que não se fizeram para desmamar meninos!

Francisco – (Calmo) Das minhas lições em casa, Senhor D. Estêvão de Portugal, tanto aproveitei que as posso dar agora de cortesia àqueles que parecem nascidos nas tavolagens e ignoram o que seja a educação dum fidalgo.

Estêvão – (Furioso) É insolente, o menino! Precisa de correctivo!

Francisco – (Calmo mas terrível) Tenho vinte anos, senhor!

Estêvão – Saia já daqui ou corto-lhe as orelhas!

Francisco – Tenho idade bastante para ensinar o manejo da espada aos barbaças de feira que roubaram os pergaminhos com que se vangloriam no palácio onde tiveram hospitalidade!

Estêvão – Ah, cão que me queres macular o nome! O nome dos Portugais!

(Gesto de desembainhar as espadas. Francisco está à D. e Estêvão à E. Quando Estêvão desembainhou um palmo da espada a luz apaga-se bruscamente)

QUADRO III

(Sobe lentamente, à D., a luz sobre a "Estalagem do Guitarrista", como se lê na tabuleta. Degraus e sala de entrada. Nos degraus está sentado Luís de Menezes. Quando se acende a luz, Francisco ainda se encaminha da E. para a D.)

Francisco – Aqui tens: foi por causa deste duelo que vim para Lisboa.

Luís – Mataste-o?

Francisco – De momento convenci-me que sim. Vi o homem a desfazer-se em sangue.

Luís – Não se perdia muito...

Francisco – Mas é bem aparentado e tem influência na corte. Por estas razões o meu pai aconselhou-me a deixar o Porito e a vir para Lisboa, onde os crimes se transformam em pecadilhos e onde uma pessoa se dissimula melhor... O meu pai receia que ele maneje as suas influências para se vingar de mim...

Luís – Saíste duma e vieste meter-te noutra! Foi Deus que ontem à noite me enviou em tua defesa contra os atentados reais.

Francisco – Não acredito que El-Rei esteja implicado em tais desregramentos.

Luís – Pois fica-te com essa ideia, ó alma inocente! Por causa dos anjos como tu, o país está hoje dividido em duas opiniões.

Francisco – Quais são?

Luís – A primeira e a segunda. Desde já te declaro que sou pela segunda. A primeira chama-se: Sua Majestade El-Rei D. Afonso VI; a outra Sua Alteza o Príncipe D. Pedro.

Francisco – E tu és pelo Príncipe?

Luís – Sou.

Francisco – Contra El-Rei?

Luís – Não.

Francisco – Os partidários do Príncipe não pretendem apear do trono El-Rei?

Luís – Isso não é ser contra El-Rei.

Francisco – Não entendo.

Luís – A criatura que ocupa o trono não merece o nome de Rei.

Francisco – Senta-se lá por direito...

Luís – O trono de Portugal não é neste momento um cadeirão acolchoado onde se refastele um triste, doente e vicioso, que se entregou nas mãos de ministros ambiciosos. O trono de Portugal é um banco tosco e incómodo e assim continuará enquanto o Rei e o povo não consolidarem a independência. Julgas que o país ficou, depois de sessenta anos de ocupação, como se nada fosse? As fronteiras não estão pacificadas; as províncias continuam assoladas por soldados estrangeiros. Entretanto, Sua Majestade El-Rei vagueia de noite acompanhado de salteadores a comer e a beber, a assaltar viandantes. Ao menos o infante é um homem. E no trono de Portugal é preciso um homem.

Francisco – *(Sorrindo)* Pareces muito preocupado com esse assunto...

Luís – Pois não hei-de estar?

Francisco – A política é para os velhos.

Luís – Quem te disse?

Francisco – Toda a gente, desde o meu avô ao meu pai e ao senhor prior.

Luís – Eles puseram tais ideias a correr para servir os próprios interesses. Se os rapazes tomassem parte na política, talvez o país não tivesse chegado ao estado a que chegou.

Francisco – Dou-te o meu lugar na política. Prefiro o amor...

Luís – Oh! O amor...
Francisco – É negócio sem valia?
Luís – *(Suspira)* Oh!
Francisco – Ah!
Luís – Ah! O quê?
Francisco – Pensei que a tua devoção à causa do Senhor Infante te inibisse...
Luís – Há tempo para tudo.
Francisco – Vá, conta, conta...
Luís – O quê?
Francisco – Como se chama ela?
Luís – Clara.
Francisco – Bravo! Lindo nome! *(Pausa)* Loira?
Luís – Morena.
Francisco – Alta?
Luís – Assim... assim... Quando anda, parece um pássaro, uma gaivota...
Francisco – Quando pára parece uma nuvem...
Luís – Exactamente. Como sabes?
Francisco – Os seus olhos são como dois sóis...
Luís – Tal e qual. Conheces a Clara?
Francisco – Adivinhei: reúnem-se na tua amada todos os predicados atmosféricos...
Luís – Todos! Adeus, Francisco, adeus.
Francisco – Para onde vais?
Luís – Dormir!
Francisco – Como sempre...
Luís – Durmo para sonhar, sonhar, sonhar...
Francisco – Com Sua Alteza o Príncipe D. Pedro?
Luís – Não, idiota! Com Clara.
Francisco – Vai. Eu preciso de estar acordado. *(Boceja)* Desperto é que se vive. Vou dar uma volta pela cidade.

(Encaminha-se para E. da cena. Entretanto Luís, abrindo a boca, sai de modo que Francisco não vê. Francisco continua a falar, como se olhasse para o rio) Lisboa é bonita, hem? O casario vai descendo numa escadaria até ao Tejo... Luís, que praça é aquela ali em baixo? É o Terreiro do Paço? *(Pausa)* Luís! *(Volta-se)* Foi-se embora!... Estava com pressa de dormir, o mandrião! *(Ri e sai rapidamente para a E.)*

QUADRO IV

(Música. Escuro. Quando se acende a luz a cena está deserta e as cortinas corridas. Terreiro do Paço. Entram da D., D. Álvaro dando o braço a Beatriz, seguidos de Inês)

D. Álvaro – É só um momento, minha filha. Vou acolá ao Paço por causa dum despacho. Não terei demora, é entrar e sair. Espera-me aqui, na companhia de Inês. Podes entretanto espraiar a vista por este panorama, um dos mais belos estuários do mundo.

Beatriz – Está bem, meu pai.

(D. Álvaro sai para a E.)

Inês – Belos ares se gozam aqui no Terreiro do Paço, menina.

Beatriz – Gosto de olhar para o rio e ver as naus e os barquinhos. E a outra banda, toda azul?!

Inês – Lembrai-vos daquele ferrabrás que vos faz a corte, o irmão da Senhora D. Clara, que se vos dirigiu aqui, em pleno Terreiro do Paço...!?

Beatriz – Se me lembro!

Inês – Tendes saudades?

Beatriz – Não, não! Ai que calor! *(Tira a mantilha)*

Inês – Mais dia menos dia, vos baterá outra vez à porta. Há tempos ausentou-se para o Porto. Eu por mim digo: que o diabo o conserve por lá. *(Francisco entra da D.)* Menina... Olhai...

(Beatriz olha. Música. Detém-se um momento de olhos fitos em Francisco. Logo se reanima e dá nervosamente uns passos para a E. Neste movimento deixou cair a mantilha. Francisco apanha-a e aproxima-se)

Francisco – A mantilha...

(Não lha dá. Fitam-se de novo)

Beatriz – (Estendendo a mão lentamente, enluvada) Obrigada...

(No movimento de apanhar a mantilha as suas mãos tocam-se e demoram um instante. Beatriz perturbada)

Francisco – Permita que a guarde para mim. *(Pausa)* Desejo possuir uma recordação deste dia, o mais feliz da minha vida...

Inês – (Que se tem colocado junto do bastidor da E., a espreitar) Menina, aí vem o vosso pai...

Beatriz – Meu Deus!

D. Álvaro – (Da E., de fora) Beatriz!

Francisco – Então?...

Beatriz – (Olhando-o) É para si. *(Parte rapidamente com Inês)*

Inês – Acorde, senhor, parece que está a sonhar... Não quer saber como ela se chama?

Francisco – Sim, sim, era isso mesmo o que eu queria saber.

Inês – D. Beatriz de Mascarenhas... Mora próximo da Sé.

Francisco – Mas...

Inês – Por agora nada mais lhe direi.

Francisco – Beatriz de Mascarenhas... próximo da Sé...

(Estreita a mantilha contra o peito. Música)

QUADRO V

("Estalagem do Guitarrista". Gonçalo está deitado nos degraus)

Gonçalo – (Levanta-se e dirige-se ao público) O meu amo saiu de manhã e ainda não voltou... Saberão os senhores dizer-me por acaso onde se encontrará? Que pergunta mais disparatada! Os senhores não sabem quem é o meu amo, isto é: de quem eu sou criado. Chamo-me Gonçalo, criado para todo o serviço. De manhã costumo dar de comer aos cavalos e, quando acabo, vou fazer a comida para os patrões. Sou capaz disto e de muito mais, porém tais serviços não os tenho prestado desde que o meu amo se hospedou na "Estalagem do Guitarrista". Aqui quem faz a comida é a Aldonsa. Também não a conhecem? Pois não sabem o que perdem. É de comer e chorar por mais. A comida que ela faz...

Francisco – (Entra da D. com dois embrulhos, um em cada mão) Ouve lá, ó palerma, que estás aí a palrar?

Gonçalo – (Virando-se para o público) Este é que é o meu amo. Senhor, como não tinha nada que fazer conversava com esta ilustre assembleia.

Francisco – Julgas que te trouxe para Lisboa para cavaqueares com a primeira pessoa que te aparecesse?

Gonçalo – Estes senhores são pessoas respeitáveis! Vieram aqui de propósito para saber o que contêm esses dois embrulhos que trazeis com tanto cuidado, um em cada mão.

(O embrulho da nova mantilha deve ter aparência característica)

Francisco – (Dá um dos embrulhos a Gonçalo) Desembrulha. *(Gonçalo desembrulha-o e Francisco desembrulha o outro. Luís entra pelas escadas)* Esta é a mantilha de Beatriz. Essa é a mantilha para Beatriz. Percebeste?

Luís – Trouxeste as duas para te dizermos qual te fica melhor?

Francisco – Luís, Luís, aconteceu-me uma coisa extraordinária. Encontrei uma Clara como a tua... que não se chama Clara, mas que eu amo, Luís, que eu adoro.

Luís – O nome?

Francisco – Beatriz.

Luís – Bravo! Morena!?

Francisco – Loira!

Luís – Ah, já sei! Luminosa como a roda do sol!

Francisco – Exacto. Conhece-la?

Luís – Reúnem-se na tua amada todos os predicados atmosféricos...

Francisco – Esta mantilha pertencia-lhe, Luís, esteve pousada nos seus cabelos, nos seus ombros...

Luís – E tu aproximaste-te dela e roubaste-lhe a mantilha...

Francisco – Ofereceu-ma!

Luís – (Pondo-lhe a mantilha) Vais doravante usá-la em cima da cabeça?

Francisco – Vou guardá-la religiosamente no sacrário da minha existência.

Luís – E em que sacrário de que existências guardarás a outra?

(Indica)

Francisco – É para lha oferecer, a ela, em substituição da que me deu.

Luís – Bordada a oiro!...

Francisco – Gonçalo, apressa-te. Embrulha a mantilha! Vais entregá-la com esta carta. O endereço está aí. Fica para os lados da Sé.

Luís – A Clara também mora para os lados da Sé. Que coincidência!

Gonçalo – Para onde fica a Sé?

Francisco – Luís, onde fica a Sé?

Luís – Ao cimo daquela rua, voltas à direita. Segues em frente. Chegas a uma azinhaga. Sobes umas escadinhas. Voltas à esquerda.

Gonçalo – Muito bem, senhor. E depois?

Luís – Depois estás na Sé. Ou também queres que te explique o que é a Sé?...

Gonçalo – É conveniente

Francisco – Vai lá, depressa...

Gonçalo – É num instante, senhor. *(Sai pela E.)*

Francisco – Agora compreendo os teus sentimentos desta manhã.

Luís – Foste ferido em pleno peito? É bem feito, patife!

Francisco – Uma ninfa, Luís, uma ninfa! Imagina: quando te deixei desci por essas ruas e vielas. Chego ao Terreiro do Paço. Sabes quem encontro?

Luís – Um ministro...
Francisco – Não, um anjo!

(Escuro. Música)

QUADRO VI

(Porta da casa de D. Álvaro. Entra Gonçalo da D. Depois um carteiro)

Carteiro – Sabe dizer-me, por acaso, onde mora o senhor... *(lê o sobrescrito)* D. Álvaro de Mascarenhas? Trago uma carta para ele.
Gonçalo – Sei muito bem. Deixe ver. Eu mesmo lha entrego.
Carteiro – Mas...
Gonçalo – Oh! Senhor Carteiro, tenha confiança em mim! Eu entrego a missiva ao senhor D. Álvaro, esteja descansado. Até lhe pago o porte. *(Dá-lhe dinheiro)*
Carteiro – Mas...
Gonçalo – Homem, c'os diabos, eu conheço aquela casa desde pequenino. Tome outra moeda para beber uma pinga. Agora dê-me a cartinha.
Carteiro – *(Deslumbrado)* Obrigado!
Gonçalo – Vá beber ali à loja da esquina. Há lá um vinhinho branco do Seixal tão bom que era capaz de pôr um mocho a cantar de rouxinol. Vá lá. *(Carteiro sai. Gonçalo lendo o sobrescrito)* D. Álvaro de Mascarenhas. *(Lendo o outro sobrescrito)*... D. Beatriz de Mascarenhas. Pai e filha, com certeza. *(Para o público)* Esta carta para o pai será a chave que me abrirá a porta por onde farei entrar imediatamente a carta e a mantilha para D. Beatriz. *(Outro tom)* Mas onde

diabo mora esta gente? *(Leonardo entra da D.)* Ouça lá, ó camarada!

Leonardo – Camarada, eu?

Gonçalo – Sabe dizer-me onde mora a senhora... D. Alda de Mascarenhas?

Leonardo – *(Abrindo o portão)* D. Alda, não, D. Álvaro de Mascarenhas que é o senhor desta casa.

Gonçalo – Pois então faça o favor de dizer à senhora D. Alda que desejo entregar-lhe uma carta em mão.

Leonardo – Cá não existe nenhuma D. Alda.

Gonçalo – Alda é o que cá está escrito. Não será, a esposa do senhor D. Álvaro?

Leonardo – A esposa do senhor D. Álvaro chamava-se Senhora D. Benquista e faleceu há dez anos.

Gonçalo – *(Contristado)* Os meus sentimentos... Oh, camarada...

Leonardo – Actualmente só cá vive sua filha, a menina Beatriz, mas essa não recebe cartas.

Gonçalo – *(Vê o outro sobrescrito)* Beatriz... não há dúvida... *(Para o criado)* Talvez se eu lhe falasse...

Leonardo – A menina Beatriz não recebe ninguém na ausência de seu pai. O mais que posso é dizer à aia que lhe venha falar.

Gonçalo – Isso, isso, boa ideia! Tenha paciência, ó camarada, chame a aiazinha da menina... Tenha paciência...

Leonardo – *(Para dentro)* Inês! O que fará todo o dia esta criatura?! Inês!

Inês – *(De dentro)* Cá estou!

Leonardo – Está aqui um homem com uma carta.

(Uma pausa. O criado fica à porta)

Inês – Que é?

Gonçalo – (Gaguejando) É uma cartinha que... dirigida... para D. Alda... vem de...

(Entrega a carta a Inês ao mesmo tempo que lhe mostra a outra carta e a mantilha)

Inês – (Lendo) "Para o senhor D. Álvaro de Mascarenhas".

Leonardo – Para o senhor D. Álvaro, pois claro, eu já lhe tinha dito!

Inês – (Para Leonardo) Ficou aí especado? Vá lá dentro buscar o dinheiro.

Leonardo – Para quê?

Inês – Para pagar ao portador, para que havia de ser? *(Leonardo sai. Para Gonçalo)* Vocemecê não sabe ler ou foi de propósito que disse que a carta era para a senhora D. Alda.

Gonçalo – Foi de propósito, para a ver a si... E para lhe entregar esta carta e este embrulho que o meu amo envia.

Inês – Vocemecê é esperto...

Gonçalo – Espertos são os seus olhos... *(Tímido)* Ai, se eles me deitassem uma olhadela de amor.

Inês – Olá! Também caça por sua conta?...

Gonçalo – A menina é que me caçou a mim e para sempre.

Inês – E onde tenho a fisga para o ter caçado?

Gonçalo – Em toda a sua pessoa, dos pés até à cabeça.

Inês – Vocemecê, é uma badola da primeira apanha! Diz coisas...

Gonçalo – Muitas mais tenho guardadas para lhe dizer...

Inês – E como é a sua graça?

Gonçalo – Gonçalo Fernandes, inteirinho ao seu serviço.

Inês – Gonçalo é nome de casamenteiro. Vá-se embora daqui para fora que eu quero destinar-me à vida do convento. Vá-se antes de me fazer mudar de ideias. (Bate *estrondosamente com a porta)*

Gonçalo – (Avança a 1.º plano. Muda a luz) Chama-se a isto vir buscar lã e ficar tosquiado. Não querem lá ver a rapariga, hem? Que olhos... Apanhou-me! Já não vejo outra coisa à minha frente. Que faces... que... Quem sabe se isto é dos ares da Sé? A amada do senhor D. Luís mora para os lados da Sé. A amada do meu amo mora para os lados da Sé e... Vem aí gente *(Esconde-se e espia. D. Álvaro chega à porta e entra em sua casa. Depois de D. Álvaro fechar a porta)* Este também mora para os lados da Sé. Deve ser o senhor D. Álvaro. Cavalheiro de respeito, não acham?

(O Carteiro entra da E., bêbedo)

Gonçalo – Ainda bem que o vejo... já entreguei a carta.
Carteiro – Quero lá saber de cartas para coisa nenhuma.
Gonçalo – Não? Então vocemecê não é o carteiro?
Carteiro – Sou. Sou, não... Fui...! Desde que tu me recomendaste aquela bela pinga do Seixal, sabes qual é a única coisa que eu sou, hem?
Gonçalo – Não.

(Abre-se a porta de D. Álvaro. Inês vê-os e recolhe-se, voltando a fechar a porta)

Carteiro – Não sabes qual é a única coisa que eu sou? Pois eu vou-te dizer: sou um bêbedo, um bêbedo incorrigível.
Gonçalo – (Levando-o) Vamos. Quando isso te passar, então fala comigo.
Carteiro – Um bêbedo incorrigível. Completamente... definitivamente... incorrigível.

(Saem para a D. Uma pausa. Abre-se de novo a porta de D. Álvaro. Inês espreita para um lado e para outro. Fecha a porta cautelosamente e sai muito ligeira para a E. Leva consigo, bem visível o embrulho da mantilha. Música. Escuro)

QUADRO VII

(Quando se acende a luz todas as cortinas estão corridas. Uma rua. Luís, como quem espera alguém, está encostado à D. da cena. Entra Clara da E. com a mantilha de Beatriz. Luís corre para ela)

Luís – Clara! Clara! Que alegria! Estou aqui há que tempos à espera que apareça detrás da vidraça...

(Clara estende-lhe as mãos)

Clara – Oh! Luís. Que feliz encontro... ainda esta manhã nos vimos e sentia já que foi há uma eternidade!

Luís – Clara! *(Desprendendo as mãos, recua indicando a mantilha)* Quem lhe deu essa mantilha?

Clara – Quem ma deu?

Luís – Ah! Confessa que lha deram. Hoje mesmo, não é assim? Há instantes, não é verdade?

Clara – De certo.

Luís – Pérfida! Ingrata! Exijo que me diga o nome de quem lha ofereceu.

Clara – Quando lhe dei o direito de me exigir seja o que for?

Luís – *(Pausa)* Quando me iludiu covardemente, quando representava comigo a comédia do amor. Essa mantilha revela-me que na sua pessoa tudo é comédia: o amor e o

nome, o recato e a sisudez! Divertem-na muito os seus variados galãs? Para cada um muda de cara e muda de nome! Hoje chama-se Clara para me iludir a mim; amanhã Beatriz para enganar outro.

Clara – Luís de Menezes insulta assim uma mulher?

Luís – Esse é o meu nome! Eu tenho um nome. E a senhora? Tem dois, o que quer dizer que não tem nenhum!

Clara – Senhor Luís de Menezes!

Luís – Isso! Agora finja-se ultrajada, vá!

Clara – Eu não finjo. Estou a ser ultrajada. No meio da rua! Com licença.

(Vai para se retirar. Luís aperta-lhe o antebraço)

Luís – Ouça!

Clara – Deixe-me passar!

Luís – *(Colocando-se em frente dela)* Por que razão me fez jurar que não indagaria nunca o seu nome de família? Porquê?

Clara – Já lho disse: porque o meu irmão está no Porto e não desejo que se saiba que sou requestada.

Luís – Fui bem logrado com tais palavras! O que a senhora queria era esconder-se no anonimato para se deliciar sem empecilhos com as amabilidades dum segundo galã. Sim, agora tenho a certeza de que há dois. Dois pelo menos! Mas procurando bem talvez se encontrem terceiro e quarto.

Clara – Já o ouvi e falei mais do que convém à minha dignidade. *(Sai para a D.)*

Luís – Ah! Malvadas mulheres! Vá um homem fiar-se nas suas falinhas doces! E ele, o patife... Claro, aproveita-se dos grossos cabedais que lhe vêm de Trás-os-Montes para seduzir as donzelas deslumbrando-as com mantilhas bordadas a oiro. Ele abusa da superioridade financeira.

Ele abusa! Ah! Francisco de Mendonça! Se agora te apanhasse aqui, tirava-te a vida! *(Tira a espada)* Assim... *(Entra Francisco)* - Ah! Francisco de Mendonça!

Francisco – (Alegre) Que deseja de mim o senhor Luís de Menezes?

Luís – (Muda de tom) Não desejo coisa nenhuma.

Francisco – Então para que diabo chamas por mim com a espada desembainhada?

Luís – (Atrapalhado) É verdade que tenho a espada desembainhada; também é verdade que chamei por ti. São dois factos. Mas um nada tem a ver com o outro. Desembainhei a espada porque senti comichão nas costas. *(Coça as costas com a espada)*

Francisco – E chamaste por mim?...

Luís – Para te perguntar se sabes, sim, se sabes de certeza absoluta, quem é D. Beatriz de Mascarenhas. *(Embainha a espada com fúria)*

Francisco – Sei...

Luís – Sabes? Pois estás redondamente enganado.

Francisco – É filha de D. Álvaro de Mascarenhas.

Luís – Será. Mas é mais do que isso. É uma mulher pérfida, enganadora, uma criatura de horror, indigna do meu e do teu afecto.

Francisco – Do meu e do teu afecto?!

Luís – A tua Beatriz e a minha Clara são uma e a mesma pessoa.

Francisco – Que dizes?

Luís – A verdade! As mulheres, meu caro, têm víbora na alma. Os olhos são inocentes, a voz maviosa, mas a alma... Oh a alma...

Francisco – A Beatriz e a Clara são a mesma pessoa?...

Luís – Não acreditas?

Francisco – (Decidido e cortante, depois duma hesitação) Não.

Luís – Pois eu vi a Clara com a mantilha que deste à Beatriz.

Francisco – Ficaste convencido com tão pouco? Podia não ser a mesma mantilha.

Luís – Ora, ora... Mantilhas daquelas, bordadas a oiro... Julgas que toda a gente tem latifúndios em Trás-os-Montes? Julgas que muitas pessoas poderiam comprar uma mantilha tão rica?

Francisco – *(Já duvidando)* Não pode ser, Luís, não pode ser. Um anjo daqueles não tem duas faces.

Luís – Sabes o que ela me confessou? Que a mantilha lhe foi oferecida hoje mesmo, há apenas umas horas... Seria coincidência demasiada, não achas?

Francisco – Luís, isto não fica assim... Luís... se tu me mentes eu...

(Luís encolhe-se) Eu vou a casa dela.

Luís – Não caias nisso! Se o pai está em casa?

Francisco – Ficará informado da linda menina que tem por filha.

Luís – É melhor aguardares os acontecimentos...

Francisco – Vou e vou imediatamente. E tu vens comigo.

Luís – Não, não...

(Francisco agarra-o. Saída violenta. Escuro)

QUADRO VIII

(Abre-se a cortina que tem servido de fundo. Sala em casa de D. Álvaro. Porta à D. para corredor; porta à E. para os aposentos de Beatriz. Janelas ao F. dando para o jardim de cujas árvores se vêem as copas. Luz de entardecer. Sozinha junto da janela, Beatriz lê um livro. Ouve-se tocar o sino da Sé. Entra D. Álvaro da D.).

D. Álvaro – Estás aqui, minha filha?
Beatriz – Estou, sim, meu pai.
D. Álvaro – Estás a ler?
Beatriz – Estou, sim, meu pai.
D. Álvaro – Porquê?
Beatriz – Gosto...
D. Álvaro – Acabaram-se-te os bordados?
Beatriz – Não. E preciso variar.
D. Álvaro – Pois a uma menina vão bem melhor os bordados do que a leitura. Porque há-de uma donzela correr perigos inúteis?
Beatriz – Sim, meu pai.
D. Álvaro – A leitura desperta os vícios de pensamento, as irregularidades morais, as ideias indignas.
Beatriz – Só a leitura?
D. Álvaro – O que lês?
Beatriz – Um romance, meu pai.
D. Álvaro – Qual? Mostra-mo.
Beatriz – Ei-lo.

(D. Álvaro toma o livro das mãos de Beatriz e fica indignado)

D. Álvaro – Beatriz! Que estiveste fazendo!?
Beatriz – Lendo...
D. Álvaro – Um depositório de irregularidades sentimentais e de acções nefastas e irreligiosas, mais próprio de rapazes libertinos do que de meninas prendadas.
Beatriz – Encontrei o livro na sua biblioteca, meu pai!
D. Álvaro – Assim te pretendes justificar? A um estudioso como eu convém tudo conhecer. Tu não tens tal

necessidade. Bem sei que hoje em dia o mundo está diferente e que noutros países há quem não se importe com os livros que a mocidade lê nem com as obras que se representam no teatro. Nações perdidas e transviadas! Mas isso é lá noutros países. Aqui estamos no nosso, governa-nos Sua Majestade El-Rei D. Afonso VI, que Deus guarde. Portanto, a minha filha não lê este livro nem outros semelhantes. Poderá encontrar na minha biblioteca a "Imitação de Cristo" e a "Flos Sanctorum", obras recomendadas para meninas da sua idade! Obras capazes de lhe produzirem inteira satisfação. Entendido?

Beatriz – Sim, meu pai! Doravante não lerei nenhum livro sem primeiro o consultar.

D. Álvaro – Oh sagrada obediência! Voluntária e exemplar abnegação! Dá-me um beijo...

Beatriz – Sim, meu pai... *(Beija-o)*

D. Álvaro – Beatriz, eu vou sair.

Beatriz – Vai ao Paço?

D. Álvaro – *(Alarmado)* Como sabes? Alguém to disse?

Beatriz – Ninguém.

D. Álvaro – Tens a certeza?

Beatriz – Absoluta.

D. Álvaro – Confio em ti. A minha importância na governação deste reino faz-me recear que os meus passos sejam seguidos pelos conspiradores - que os há, não sei se sabias...

Beatriz – Ai, há conspiradores...?

D. Álvaro – Muitos e perigosos... Ora bem, quando te disse que vou sair, logo me perguntaste: vai ao Paço? Responde-me lealmente: Como soubeste que vou ao Paço?

Beatriz – Ora! O pai está sempre a ir ao Paço...

D. Álvaro – Desta vez o caso é sério. O Conde de Castelo Melhor mandou avisar-me secretamente de que amanhã se reúne o Conselho de Sua Majestade. É negócio secreto, não digas a ninguém...

Beatriz – Se o Conselho só se reúne amanhã, porque vai lá hoje?

D. Álvaro – Saber do que se trata... É importante comparecer no Conselho bem informado. Muitos dos meus colegas se têm queimado por falta de informação... Em política, Beatriz, todo o cuidado é pouco...

Beatriz – Porquê?

D. Álvaro – Tu perguntas porquê?! Tu julgas que governar uma nação é o mesmo que bordar no bastidor?

Beatriz – Não julgo...

D. Álvaro – Tu julgas que governar uma nação é o mesmo que fazer bolos de amêndoa?

Beatriz – Não julgo...

D. Álvaro – Tu julgas que governar uma nação é...

Beatriz – Não julgo...

(Entra Clara da D., pálida e nervosa)

Clara - Dão licença?

D. Álvaro – Entre, Clara, entre.

Beatriz – (Falsamente) Oh Clara, não te esperava hoje.

(Beijam-se)

D. Álvaro – Está pálida, Clara. *(Toma-lhe a mão)* A sua mão treme... Que lhe aconteceu?

Clara – Um incidente na rua quando vinha para aqui.

D. Álvaro – Algum atrevido lhe dirigiu palavras impróprias...?

Clara – Sim... Um desconhecido que... me perseguiu dizendo que... que... eu sou um anjo...

D. Álvaro – Oh, então as palavras não foram impróprias. A Clara é de facto um anjo. As palavras foram... desnecessárias... Apesar do nervosismo em que o seu natural pudor a deixou, a Clara está bela, como sempre...

Beatriz – (Muito falsa e exagerada) E que linda, essa mantilha. Não ta conhecia...

Clara – (Falsa) Gostas?

Beatriz – (Exagerada) Ai, é linda!

D. Álvaro – (Verdadeiramente encantado) Realmente... o debucho... o matiz... o doirado...

Clara – (Tira a mantilha e com gesto rápido estende-lha) Se gostas... É para ti.

Beatriz – (Convencional) Clara... Não te importas de ficar sem ela?

Clara – (Distante) Oh, não! *(Pedido muito exagerado)* Peço-te que a aceites, é a ti que a mantilha fica bem. *(Põe-na a Beatriz)* Não acha, senhor D. Álvaro?

D. Álvaro – Realmente...

Beatriz – (Tira a mantilha, conserva-a na mão) Não quero que te prives dela por minha causa...

D. Álvaro – Aceita, Beatriz...

Beatriz – Mas, pai...

D. Álvaro – A Clara oferece-te a mantilha com tanta simplicidade que a tua recusa chega a ser impertinência; dá a entender que, por ser grande o preço, desejas evitar a retribuição...

Beatriz – Mas, meu pai...

D. Álvaro – (Severo) Aceita a mantilha!

Beatriz – Já que o pai mo ordena... *(Põe a mantilha)* Obrigada, Clara. Fico-te para sempre reconhecida pelo grande favor que acabas de prestar-me... Obrigada.

(Beijam-se lentamente, sem entusiasmo. A cabeça de Francisco de Mendonça, nesta pausa, aparece por fora dos vidros, da janela da D. e logo desaparece)

D. Álvaro – Tenho de me retirar. Deveres do mais elevado teor me privam de gozar por mais tempo a sua companhia.

Clara – Vai ao Paço?

D. Álvaro – Quem lho disse?

Clara – Ninguém.

D. Álvaro – Com certeza? Responda-me lealmente! O caso é sério.

Como soube que vou ao Paço?

Clara – Calculei... A sua vida não é do Paço para casa e de casa para o Paço?

(Pausa)

D. Álvaro – *(Saída falsa)* Ah, é verdade, o seu irmão? Tem enviado notícias? Está curado da ferida que recebeu naquele fatídico duelo?

Clara – Já se restabeleceu. Voltará em breve.

D. Álvaro – Duelos! Duelos! Esse duelo do seu irmão, inspirou-me uma proposta que fiz ao Conde de Castelo Melhor: uma lei para se condenarem de vez os duelos, considerando-se os contendores como criminosos à face da lei. Mas o Conde não esteve de acordo...

Clara – Parece impossível!

D. Álvaro – Não aceitou a sugestão. Pensa que nada é mais conveniente para o governo do que os duelos!...

Clara – Que horror! E qual é o proveito?

D. Álvaro – Os duelos, no pensar do Conde, são necessários. Quando a polícia tiver que matar alguém, por vantagem

imediata, poderá dar-se satisfação à maledicência pondo a correr pela cidade que a morte se deu em duelo particular. O Conde lá sabe. Eu, por mim, entendo que seria mais conveniente imputá-la a um duelista fora da lei. Sim, porque não se trata de evitar as mortes convenientes à causa pública. Essas estão justificadas pela sua própria finalidade. O que é necessário é subtraí-las ao exame judicial, de modo que tais casos não caiam nos tribunais, o que agita, faz escândalo, compromete consciências. Seria mais simples manter o mistério das referidas mortes e não dar aso a investigações perturbadoras. Mas o Conde não quer e ele é quem manda. Adeus, Clara. Até logo, minha filha.

(Vénia de Clara. Sorriso deslavado, de Beatriz. D. Álvaro dirige-se para saída. Mas volta-se como quem se tivesse esquecido de qualquer coisa)

D. Álvaro – Ah! Aquela carta que vieram entregar-me, a carta que me mandaste pela Inês...

(Francisco volta a aparecer)

Beatriz - De que tratava, meu pai?

D. Álvaro – Deu-me grande alegria! Enviou-me um amigo, um grande amigo, que tenho em Trás-os-Montes. Comunica-me que um filho se encontra em Lisboa. O rapaz veio mais ou menos fugido porque se meteu numa rixa e deixou o adversário maltratado. Pede-me que o ampare... Enfim... rapaziadas... Claro que filho de tão grande amigo é para mim como se fosse meu próprio filho. Vou portanto demorar-me mais do que é costume porque tenciono procurá-lo. Entendido?

Beatriz – Entendi muito bem.

(Entra Inês)

D. Álvaro – Adeus, filha. Adeus, Clara.
Inês – Vai sair, senhor D. Álvaro? Vai ao Paço?
D. Álvaro – Ah! Afinal já toda a gente sabe que vou ao Paço!

(Sai e atrás dele Inês. Clara faz uma vénia. Beatriz e Clara esperam que se feche a porta e abraçam-se efusivamente)

Beatriz – Obrigada, Clara, obrigada...
Clara – Não mo agradeças. Temos de ser umas para as outras...
Beatriz – *(Acaricia a mantilha)* A mantilha é linda, é maravilhosa. Ai, o medo que tive quando a recebi...
Clara – E afinal foi o teu pai quem te obrigou a aceitá-la.

(Riem-se ambas)

Beatriz – É preciso contar à Inês o belo desfecho a que chegou o seu estratagema. *(Dirige-se à porta)* Inês! Inês!
Inês – *(De fora, longe)* Lá vou!

(Neste momento a janela de guilhotina abre-se violentamente e surge em cena Francisco. Perante esta aparição, Clara, com medo, cose-se com qualquer móvel. Beatriz volta-se rapidamente e solta um pequeno grito. Francisco está ansioso. Mas vê a mantilha e murmura entre dentes)

Francisco – *(Surdamente, com raiva)* A mantilha... Ainda tem posta a mantilha... *(E toda a sua pessoa se transforma. Agora é um homem furioso que por cortesia - não dá pela*

presença de Clara - contém a sua ira) Admira-se de me ver aqui?

Beatriz – Sim... E da maneira como entrou.

Inês – (Entra da D.) Ah!...

Francisco – Utilizei a janela do jardim...

Beatriz – Não devo receber nesta casa qualquer cavalheiro na ausência do meu pai.

Francisco – Eu saio já. Mas não antes de lhe apresentar as minhas desculpas por ser um transmontano...

Beatriz – Não tem de quê...

Francisco – Um transmontano rude, ignorante dos amores enganadores e requintados da corte.

Beatriz – Ai, não faz mal. Eu também não sei nada disso.

Francisco – Não tente iludir-me outra vez! Quando a vi senti uma fascinação, gozei pela primeira vez a delícia de estar apaixonado.

Beatriz – Modere o seu arrebatamento.

Francisco – O meu arrebatamento agora já não é nenhum.

Beatriz – (Desgostosa) Oh! E porquê?

Francisco – Porque sei tudo!

Beatriz – Tudo!

Francisco – Para mim o amor é devoção, fidelidade e sinceridade. Para si, o amor é um jogo!

Beatriz – Um jogo?

Francisco – Uma jogatana! Tem uma cara para mim e outra para os outros. Beatriz é o seu nome para mim, mas muda de nome consoante os apaixonados a quem facilita os seus encantos. *(Para Inês)* Você não me disse no Terreiro do Paço que a sua ama se chama Beatriz?

Inês – Disse, sim, senhor.

Francisco – E nas outras ruas e nas outras praças que nomes lhe tem atribuído?

Inês – A minha ama chama-se Beatriz no Terreiro do Paço ou noutro local qualquer. É um nome fixo.

Francisco – Desculpe-me, minha senhora. Vou retirar-me duma vez para sempre. Deixo caminho livre aos embustes das suas aventuras galantes.

Beatriz – (Fora de si) Ai, que pena o meu pai ter ido ao Paço! Ai, que pena! Se ele aqui estivesse havia de me vingar! Saia, senhor, saia! Ai, e eu, pobre de mim, quando o vi galgar pela janela, ainda julguei que era o amor, o amor por mim, que o impelia a uma loucura tão perigosa. Perigosa, sim: o senhor podia cair dali abaixo e partir uma perna! Afinal foi apenas para insultar uma pobre mulher, indefesa.

Inês – O senhor está equivocado!

Francisco – Não! Tenho lá em baixo na rua a prova de que não a insultei, a prova de que só disse a verdade!

Beatriz – A prova... Há-de ser bonita, essa prova!

Francisco – Bonita ou feia, vou lá abaixo buscá-la. Como se sai desta casa?

Inês – Como se entrou: pela janela.

Francisco – Quero sair pela porta!

Inês – Então é por aqui.

(Abre a porta. Francisco sai, furibundo)

Beatriz – Clara, Clara, que horror! O que aquele homem me disse...

(Abraçam-se)

Clara – Parece que hoje todos os rapazes andam transtornados do juízo...

Beatriz – Inês, não o deixes voltar, ouviste? Diz aos criados que fechem a porta da rua... que se ponham de guarda ao jardim.

Inês – Para que havemos de meter nisto os outros criados? Eu não faço uma coisa dessas! Agora é que a história principia a aquecer...

Beatriz – Pensas que estamos numa comédia?

Inês – Ai eu vou gostar muito de ver a prova!

(Entra Francisco)

Francisco – Aqui está a prova. Entra! *(Luís entra)* Este meu amigo vai provar que eu só disse a verdade! *(Para Luís)* Não é verdade que viste a mantilha que eu ofereci a Beatriz sobre a cabeça da tua Clara?

Luís – Sim, é verdade.

Francisco – *(Vitorioso)* Ah! Ah! Ouviu, minha senhora? Não é verdade que isso demonstra que Clara e Beatriz são uma e a mesma pessoa?

Luís – Não é verdade.

Francisco – Não? Ainda há pouco juraste que sim...

Luís – Mas agora, perante o quadro que se me apresenta é preciso verificar a qual delas chamavas tu Beatriz?

Francisco – A esta.

Luís – Pois então estávamos enganados porque Clara é aquela.

Francisco – Beatriz é esta... Clara é aquela... Então que vim eu fazer a esta casa? *(Para Luís)* A que vergonha me obrigaste! *(Ajoelha-se)* Oh! Perdoe-me, minha senhora. Perdoe-me se puder. Mas se não puder perdoar-me não lho levo a mal. Não mereço um único olhar dos seus.

Beatriz – Tenho de pensar se lhe darei o meu perdão. *(Sobe)*

Luís – Clara, quando a encontrei na rua, não fiz mais do que insultá-la. *(Ajoelha-se)* Perdoe-me, se puder. Mas se não

puder, não lho levo a mal. Não mereço um único olhar dos seus.

Clara – Tenho de pensar se lhe darei o meu perdão.

(Junta-se a Beatriz e conferenciam, de costas. Voltam-se ao mesmo tempo)

Beatriz e Clara - (Ao mesmo tempo) Decidimos dar-lhes o nosso perdão. Estão perdoados, uma vez que, afinal, tudo foi por amor.

(Ambas se dirigem ao seu par. Francisco e Luís levantam-se)

Luís – Em todo o caso, Clara, seria possível saber por que razão trazia a mantilha de Beatriz?

Inês – Foi um estratagema que inventei para remediar um esquecimento deste fidalgo.

Francisco – Qual esquecimento?

Inês – O senhor não viu, quando ofereceu a mantilha à minha ama, que o senhor D. Álvaro havia de querer saber donde lhe viera?

Francisco – Não pensei nisso.

Inês – Pois não! Ai, estes apaixonados transmontanos não têm prática nenhuma... Lembrei-me de a levar à menina Clara pedindo-lhe que viesse com a mantilha visitar a minha ama na presença de D. Álvaro. Ao vê-la, a minha ama devia gabar a mantilha...

Beatriz – Foi o que eu fiz.

Inês – Então a menina Clara...

Beatriz – A Clara, ao ver o meu entusiasmo...

Inês – Ofereceu a mantilha à menina Beatriz.

Beatriz – E como tudo isto se passou na presença de meu pai...

Inês – O senhor D. Álvaro nunca desconfiará de que a menina recebeu presente dum apaixonado.

Francisco – Brilhante ideia...

Inês – E agora estes fidalgos que se retirem. Os outros criados não são de confiança... Vou ver se o caminho está livre. *(Sai)*

Beatriz – Ela tem razão. O meu pai não vai demorar e...

Luís – Adeus, Clara. *(Beija-lhe, as mãos)* Obrigado! Obrigado!

Clara – Adeus!

Francisco – Beatriz!... *(Beija-lhe a mão)*

Beatriz – Nunca se disseram palavras mais apaixonadas do que aquelas que proferiu quando me insultou...

Inês – Senhora! Senhora! O vosso pai acaba de chegar.

Beatriz – Já? Saiam depressa.

Francisco – Pela porta?

Inês – Pela janela, depressa. Vou ver se consigo demorá-lo.

(Sai para a D. e fecha a porta. Eles saem atabalhoadamente pela janela. As duas dizem-lhes adeus com os lenços. Clara senta-se onde estava quando D. Álvaro saiu. Beatriz rapidamente vai fechar a janela e depois de ter acenado um último adeus, ocupa o lugar em que estava quando D. Álvaro saiu. Mostram grande serenidade)

Beatriz – Ora, para este bolo ficar bom, a quantidade de mel deve ser igual à quantidade de amêndoa. Põe-se o mel a aquecer...

D. Álvaro – (Entrando da D.) Beatriz!

Beatriz – Já de regresso, meu pai? Põe-se o mel a aquecer e junta-se depois gota a gota às amêndoas que já devem estar...

D. Álvaro – Disse-me um criado que entraram para aqui dois homens.

Beatriz – Para aqui? Não... Desde que o pai saiu, a Clara e eu nem nos levantámos destes lugares. Tenho estado a dar-lhe a receita daquele bolo de amêndoas e mel de que o pai tanto gosta...

Clara – Dois homens? O que tinham que fazer aqui dois homens?

Beatriz – Que disparate!

D. Álvaro – Realmente... Bom... deve ter sido engano...

(Vai sair, lento, hesitante, preocupado)

Beatriz – Quando o mel está bem quente junta-se gota a gota às nozes que já devem estar preparadas numa caçarola depois de terem sido muito bem moídas no almofariz... Então deitam-se as maçãs que já devem estar muito bem cozinhadas e mexe-se tudo lentamente até ficar...

(Esta frase deve ser dita só até à saída de D. Álvaro. Quando se fecha a porta, as duas raparigas respiram fundo, descontraem-se e o pano desce rápido)

ACTO II

QUADRO IX

("Estalagem do Guitarrista", à D. Em cena numa cadeira está deitado Luís. Entra Gonçalo vindo do fosso da orquestra)

Gonçalo – *(Cansado)* Uf! O caminho por estas escadas é mais curto, mas sobem-se tantos degraus que até parece que vamos a caminho do céu.

Luís – *(Levanta-se)* Então, que soubeste?

Gonçalo – O meu amo não está?

Luís – Saiu.

Gonçalo – Saiu?! Ah, com que então o meu amo saiu... Nesse caso, o diabo que o ajude.

Luís – Que queres dizer?

Gonçalo – Que não me agrada a maneira como o meu amo se tem comportado nesta cidade.

Luís – Gonçalo, fala, duma vez!

Gonçalo – Senhor, o caso está mal parado.

Luís – Que aconteceu?

Gonçalo – Fiz o que me mandaram. Bati à porta do senhor D. Álvaro.

Pedi que chamassem a Inês, a aia da senhora D. Beatriz. Por tal sinal é uma moçoila de se lhe tirar o chapéu. Tem uns olhos... não falando, é claro...

Luís – *(Impaciente)* Adiante.

Gonçalo – Não é só adiante. E também... A Inês... enfim... não sei se me compreende.

Luís – Não, não compreendo... Explica-te, c'os diabos?

Gonçalo – Devagarinho! É que aquilo que eu fiz não é fácil! É preciso dar o valor a quem trabalha. Se não fossem os meus entendimentos com a rapariga, o senhor havia de ver se eu conseguia alguma coisa...

Luís – O senhor D. Álvaro soube ou não soube que nós estivemos ontem em sua casa?

Gonçalo – Soube e não soube.

Luís – Mau.

Gonçalo – Soube que estiveram em sua casa dois homens. Não soube o que foram esses homens lá fazer.

Luís – Ah! Ainda bem!

Gonçalo – Ainda mal, senhor. Porque o senhor D. Álvaro está na desconfiança.

Luís – Está na desconfiança? Pronto, estamos liquidados!

Gonçalo – Estão, sim, senhor... Porque o Leonardo viu os senhores a saltarem o muro do jardim.

Luís – E conheceu-nos?

Gonçalo – Isso é que eu não sei. Sei apenas que a Inês, quando o Leonardo contou o que vira lhe disse assim: "Vocemecê está maluco. Até vê almas do outro mundo. Então não reparou que estiveram todo o dia dois pedreiros a arranjar o beiral da casa da menina Clara?..." Oh, senhor D. Luís, há-de reconhecer que foi bem lembrado... Aquela rapariga tem grandes ideias, hem? Porque como a casa de D. Clara e a da D. Beatriz são paredes-meias, ficou toda a gente sem saber se os homens vinham duma casa ou da outra.

Luís – O pior foi se a Beatriz não teve mão em si e contou tudo ao senhor D. Álvaro.

Gonçalo – Eu acho que não.

Luís – Achas que não, idiota? Pois não vês que a D. Beatriz é uma menina inocente? E que a inocência deita tudo a perder? Ela pode até ter chegado ao extremo de revelar ao pai o nome do teu amo. E nesse caso... Já olhaste bem para a cara do senhor D. Álvaro?

Gonçalo – Já olhei.

Luís – Achas que aquela cara é para brincadeiras?

Gonçalo – Não, senhor.

Luís – Achas que, com aquela cara, ficará quieto quando souber que um tal Francisco de Mendonça lhe requesta a filha e lhe penetra em casa?

Gonçalo – Acho que não.

Luís – Ainda por cima um militar de velha cepa. Tenho a certeza de que desembainha a espada...

Gonçalo – E o meu amo desembainha a dele logo a seguir.

Luís – Ó palerma, ó idiota! O teu amo não se pode meter em mais sarilhos! Por causa daquele duelo no Porto. Se a justiça o apanha há-de pedir-lhe contas.

Gonçalo – É verdade... Coitadinho do meu amo!

Luís – Vai-te lá para dentro! Que inconsciência, meu Deus! Que santa inconsciência! *(Gonçalo, humilde, sai pela porta interior da "Estalagem". Quase imediatamente surge D. Álvaro à E. Pára como a procurar. Aparte)* Cá está ele... não me enganei. E traz um ar feroz! Vem desafiar o Francisco, não há dúvida...

(Toma o talabarte com a espada que repousava sobre um banco e ata-o à cintura)

D. Álvaro – (Vendo a tabuleta da "Estalagem", avança) É aqui a "Estalagem do Guitarrista"?

Luís – Exactamente. Como a tabuleta indica.

D. Álvaro – O senhor Francisco de Mendonça?

Luís – (Hesitando) Procura o senhor Francisco de Mendonça?

D. Álvaro – Sim...

Luís – (Depois de uma pausa, respira fundo e, agressivo, como numa decisão que o pode levar à morte) Francisco de Mendonça... sou eu!

D. Álvaro – Bem mo dizia o coração. Consinta que um velho o estreite nos braços, senhor Francisco de Mendonça.

Luís – Como?... Quer estreitar-me nos seus braços, a mim?

D. Álvaro – Oh, sim, consinta...

Luís – Faça o favor... estreite-me à sua vontade....

D. Álvaro – (Abraçando Luís) Sabe quem aperto contra o meu peito, jovem amigo?

Luís – Jovem amigo...?

D. Álvaro – Sim, jovem amigo! Não há-de ser amigo meu o filho dum irmão de armas, o filho do meu querido António de Mendonça... Como está ele? Rijo?

Luís – Rijo...

D. Álvaro – Rijo, pois claro! O grande António de Mendonça! O meu amigo é tal e qual a cara, do seu pai...

Luís – Eu?

D. Álvaro – Sim. Não falo da cara que o seu pai terá agora, mas da cara que tinha, quando juntos militámos na campanha da Flandres. Vê-lo a si é como vê-lo a ele, nesse tempo...

Luís – Nunca me tinham dito que a minha cara e a dele...

D. Álvaro – São iguais! Regressámos à pátria para aderirmos à causa da independência. Na batalha de Montijo foi ele quem me salvou a vida...

Luís – Ah, sim?

D. Álvaro – Espero que o filho seja digno de tal pai...

Luís – Cá vou fazendo a diligência...

D. Álvaro – Devo ao meu pai mil finezas. Nada me seria mais agradável do que pagar ao filho, com extremos de afecto, a minha dívida de gratidão.

Luís – Oh! Por quem é, Senhor... Senhor...?

D. Álvaro – D. Álvaro de Mascarenhas.

Luís – (Com grande efusão) Oh! O senhor D. Álvaro de Mascarenhas... O meu pai está sempre a falar de si, sempre...

D. Álvaro – O seu pai escreveu-me que o senhor se encontra nesta capital por causa de... de verduras da mocidade, de certas ousadias, que afinal só atestam que é filho de quem é...

Luís – Realmente, sou! Sou... filho do meu pai.

D. Álvaro – Pois conte comigo. A minha amizade, o meu valimento ficam ao seu serviço.

Luís – Oh, senhor D. Álvaro. Eu não queria incomodar...

D. Álvaro – Incomodar-me?! Um filho de António de Mendonça?! Se não fossem necessários alguns arranjos na casa, agora mesmo o levaria comigo. Quero que a minha filha conheça de perto o filho do homem que me salvou a vida.

Luís – Mas... Sabe?... Cá por mim...

Francisco – (Entra, vindo do interior) Viste o Gonçalo? *(Reparando em D. Álvaro)* Ah, perdão...

Luís – Calha muito bem teres vindo. O senhor D. Álvaro de Mascarenhas... O meu amigo e companheiro de armas...

Gonçalo – (Entrando do interior) Uma carta para o senhor Francisco de Mendonça.

Luís – (Precipitando-se) Deixa ver.

Francisco – Mas então...

Luís – (Acotovelando-o) A carta é para mim, é do meu querido paizinho...

Gonçalo – E para o meu amo...

Luís – (Baixo, para Gonçalo) Cala-te, miserável...

Francisco – Deixa ver... *(Estende a mão para a carta)*

Luís – (Dá-lhe um aperto de mão e arruma a carta no bolso) Como passaste? Passaste bem? Bem, muito obrigado. Estou satisfeitíssimo, estou radiante! Encontrei o melhor amigo do meu pai.

Francisco – Ah, sim?

D. Álvaro – Pode dizê-lo. O meu António! O meu querido António. Pois, senhor Francisco de Mendonça...

Francisco – Ah, já sabe de quem se trata?

D. Álvaro – Se sei de quem se trata? Ora essa! Senhor Francisco de Mendonça. Vá preparando as suas coisas que dentro de breves dias aqui estarei para o levar para minha casa.

Francisco – Para quê?

D. Álvaro – Para quê?!...

Luís – Não faça caso... o meu amigo e companheiro de armas, o senhor Luís de Menezes Alcoforado, é muito rijo de ouvido.

D. Álvaro – (Gritando ao ouvido de Francisco e estendendo-lhe a mão) Tenho muito prazer em conhecê-lo, senhor Alcoforado!

Francisco – (Espantado, não estende a mão a D. Álvaro) Como?!

D. Álvaro – (Gritando mais) Prazer, prazer em conhecê-lo, senhor Alcoforado.

Francisco – (Gritando) Também eu. *(Aperta-lhe a mão)*

D. Álvaro – (Para Luís) Coitado, um rapaz tão jovem e não ouve nada...

Luís – Nada... É uma tristeza!

D. Álvaro – (Gritando) Lamento muito a sua enfermidade. Lamento enfermidade! Doença! É triste num moço tão escorreito... Pois, senhor Francisco de Mendonça, vou retirar-me, dê-me as suas ordens... e não se esqueça da nossa combinação. Daqui por uns dias cá estou...

Luís – Mil agradecimentos, senhor D. Álvaro, mil agradecimentos...

D. Álvaro – (Para Francisco) Dê-me as suas ordens, senhor Alcoforado.

Francisco – Mas então...

D. Álvaro – (Gritando) Vou retirar-me. Recebo as suas ordens, senhor Alcoforado. Oh, coitado, um rapaz tão novo e surdo como uma porta!

Luís – (Acompanha-o) Muito obrigado, senhor D. Álvaro. Tive muito prazer... muito prazer...

(Francisco e D. Álvaro apertam desajeitadamente a mão. D. Álvaro desce os degraus e sai dignamente para a E.; todos ficam na mesma posição até D. Álvaro sair. Então Luís deixa-se cair prostrado numa cadeira. Francisco, volta-se furibundo para o amigo)

Francisco – Explicas-me que comédia é esta?
Luís – Deixa-me, deixa-me...
Francisco – Achas que eu tenho cara de surdo?
Luís – Não!
Francisco – Porque decidiste que eu sou tu e tu és eu?
Luís – Oh! Meu pobre Francisco, meu desgraçado Francisco!
Francisco – Dá-me a carta que meteste no bolso. É do meu pai?
Luís – Teu pai! Teu pai!... Sabes que sou parecidíssimo com o teu pai?
Francisco – Tu?
Luís – Que tenho a cara do teu pai quando batalhava na Flandres!
Francisco – Tu?!
Luís – O senhor D. Álvaro logo que me viu conheceu-me logo. O coração disse-lhe que eu sou o filho de António de Mendonça e a minha cara confirmou-o.
Francisco – Mas então...
Luís – Então desembainha a espada, arrasa-me, mata-me!
Francisco – Enlouqueceste?
Luís – Com as melhores intenções deste mundo, Francisco, por amizade, fiz a tua desgraça. Quando vi D. Álvaro aproximar-se, convenci-me de que vinha desafiar-te para um duelo. No intuito de te salvar, para não agravares a tua situação perante

a Justiça, declarei que sou eu o Francisco de Mendonça que ele procurava...

Francisco – Outro favor da tua amizade.

Luís – Simplesmente, o homem não queria bater-se em duelo contigo. Queria estreitar-te nos braços e convidar-te a viver em sua casa. Foi o que me fez a mim. Estreitou-me nos braços e combinou que por estes dias lá me irei instalar.

Francisco – E agora?

Luís – E agora? - pergunto eu. O que vai acontecer agora? O senhor D. Álvaro está convencido de que eu sou Francisco de Mendonça. Portanto, das duas uma: ou me desminto e serei a seus olhos um impostor que esteve a mangar com um velho ou é preciso contar-lhe tudo desde o princípio, incluindo os teus amores com Beatriz.

Francisco – Impossível!

Luís – Claro!

Francisco – Arranjaste-a bonita, com mil milhões de diabos.

Gonçalo – Pelos vistos tudo tem de continuar trocado. O meu amo é o senhor D. Luís e o senhor D. Luís é o meu amo! Bonito! Sabem o que eu digo? Até a amizade, quando é demasiada, não presta. Se não fosse a tanta estima do senhor D. Luís pelo meu amo, a estas horas tudo corria bem. Até eu próprio estava certo de me chamar Gonçalo Fernandes - coisa de que eu começo seriamente a duvidar.

QUADRO X

(À E., casa de Clara. A cena parece lúgubre. Porta à E., *janela ao F. à D. D. Violante, a tia paralítica, está sentada numa cadeira de rodas. Clara encostada à janela, olhando para fora)*

D. Violante – Ai! Estou tão assustada com a demora do teu irmão...

Clara – A viagem é longa, não admira.

D. Violante – E os caminhos perigosos. Mais de sessenta léguas. E grande parte do percurso feito de noite... Estás a ouvir-me?

Clara – Sim, minha tia.

D. Violante – Que espreitas aí?

Clara – Desta janela não posso espreitar grande coisa, minha tia. Fica quase encostada à janela do quarto de Beatriz... Ou julgas que de lá algum namorado me faz negaças...?

D. Violante – Não, filha, não! A Beatriz é seriazinha, não é de paixões nem de alevantos... O que é pena é que tenha a tineta de ler tantos livros... E, pior do que isso, empresta-tos para que os leias...

Clara – Ora, minha tia, contos de fadas, a vida das santas...

D. Violante – Às vezes. Porque outras vezes... Tu julgas que eu não sei? Todas as noites rezo duas Avé-Marias e um Credo para desconto dos teus pecados de leitura.

Clara – Obrigada, minha tia...

D. Violante. – (Pausa) Ai, o teu irmão... não há meio de chegar... Começo a estar inquieta...

Clara – Começa, não. Continua. Acalme-se! A tia não rezou para ele fazer boa viagem?

D. Violante – Todas as noites, quatro ladainhas e dois rosários. De manhã, dez Padres-Nossos a S. Cristóvão, advogado dos viajantes. Encomendei às irmãs Carmelitas da Esperança uma estação completa pela intenção desta viagem...

Clara – Com o peso de tantos empenhos porque está preocupada? Será que a minha a tia não acredita na força das orações?

D. Violante – Acredito. Mas aquilo que uma pessoa reza nunca se sabe se é suficiente para se obter o que deseja.
Clara – Então reze mais, tia, vamos lá, comece um terço.
D. Violante – Boa ideia. Rezas comigo?
Clara – Eu? Credo, minha tia! Confio na sua devoção.

(D. Violante pega no terço e reza murmurando. Clara volta à janela. Pausa. Clara acena um adeus)

D. Violante – ...o fruto do vosso ventre... Quem é?
Clara – É a Beatriz... que veio fechar a janela...
D. Violante – Ah!... fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria...
(Ouve-se um cavalo) É ele.
Clara – Afinal nem foi preciso rezar o terço todo. Está a ver como as orações resultaram?

(Clara vai até junto da porta. D. Violante volta para, aí a cadeira de roda Entra Leonor)

Leonor – O senhor acaba de chegar. Já vem a subir a escada.

(Entra D. Estêvão que beija a mão da tia)

D. Estêvão – Minha tia...
D. Violante – Estêvão! Nosso Senhor venha contigo!
D. Estêvão – Olá, Clara, como estás?
Clara – Bem. E tu?
D. Estêvão – Óptimo. Levei algum tempo a curar-me. Fiquei como se nada fosse.
D. Violante – Foi muito que eu rezei por ti, querido sobrinho. Novenas e rosários e promessas a Nossa Senhora e sacrifícios e jejuns...

D. Estêvão – Muito obrigado, tia Violante.

D. Violante – Estêvão, vens finalmente disposto a fazer entrar tua irmã no serviço de Deus Nosso Senhor?

D. Estêvão – Se for vontade dela... Não quero que se diga que uma filha da casa dos Portugais entrou à força num convento. Mas se preferes casar, ter marido...

D. Violante – Maridos! Que melhor marido do que Nosso Senhor Jesus Cristo? *(Movimento de decepção de Clara)* É uma ventura ter tanto como a Clara tem para arrojar a seus pés. Pois se ela cortar, em sacrifício ao Senhor, aquelas tranças que todos lhe admiram, não vale isso mais do que o sacrifício daquelas que só têm para cortar umas pobres farripas de cabelos sem valor?

D. Estêvão – A tia conhece melhor do que eu a contabilidade celestial. Não quererá ir arranjar-se para a ceia? Venho cansado da viagem e tenho fome.

D. Violante – Ai, é verdade, é verdade, Estêvão. Eu vou chamar a rapariga.

D. Estêvão – (Chamando) Leonor!

(Clara leva a cadeira de rodas até junto da porta. Leonor aparece)

D. Violante – Obrigada, Deus te pague, Clara...

D. Estêvão – (Para Leonor) Leva a senhora D. Violante.

Leonor – Sim, senhor D. Estêvão.

D. Violante – Vamos, Leonor, devagar e com juízo. Não me faças trambulhar!

D. Estêvão – (Para Clara) Ainda se não dissipou a tua repugnância pelo convento?

Clara – Mas que pergunta, logo à chegada!

D. Estêvão – Bom, bom... *(Vai fechar a porta que ficara aberta)* Clara... um fidalgo do nosso conhecimento, rico, titular, ainda novo, e que exerce um alto cargo militar, o Conde do Prado, enfim, pediu-me no Porto a tua mão.

Clara – A minha mão... Mas eu não quero casar... ainda...

D. Estêvão – Casar ou meter freira! Diz o povo. O Conde do Prado é em tudo digno de ti.

Clara – Bem... essa notícia assim... de repente...

D. Estêvão – Com certeza, Clara... Acalma-te... Há pressa, sim. Mas a tua decisão não tem de ser tomada hoje... Resolverás por estes dias... *(Pausa. Vai à janela, volta-se)* Tens visto a Beatriz?

Clara – Tenho.

D. Estêvão – Continuam a ser íntimas?

Clara – Sempre.

D. Estêvão – Algum galanteador lhe ronda a casa?

Clara – Não sei...

D. Estêvão – Como, se são essas confidências as preferidas entre amigas? Zombas de mim, porque sabes que eu amo Beatriz, que a adoro! *(Vai de novo à janela)* Se esse velho D. Álvaro não alimentasse loucas manias que o levaram a negar-me a mão de Beatriz, nesta hora já eu estaria gozando a única felicidade que desejo... Clara... eu tenho de ver a Beatriz...

Clara – Mas...

D. Estêvão – Preciso de vê-la imediatamente, compreendes? Imediatamente! Não suporto mais a sua ausência. *(Pausa)* Quero vê-la ainda hoje.

Clara – Como?

D. Estêvão – Arranja uma maneira, Clara.

Clara – Qual? Não posso...

D. Estêvão – Clara, por favor...

Clara – Tenho muita pena, nada posso fazer.

D. Estêvão – (Depois de breve pausa) Estou disposto a ser compreensivo contigo, Clara. Até neste caso do Conde do Prado, que seria para ti um marido ideal. Porém, se tiveres alguma objecção... Em troca da minha indulgência, sê também compreensiva comigo. Não vês que amo Beatriz, que a quero ver, que não dormirei toda a noite se não estiver, ainda hoje, junto dela?

Clara – (Pausa) Vou ser "compreensiva" contigo, Estêvão. Emprestei à Beatriz as minhas jóias. Logo, depois da ceia, irás pedir-lhas da minha parte...

D. Estêvão – Poderias enviar um criado. É fraco o pretexto.

Clara – Dirás que amanhã cedo vamos a Chelas visitar S. M. a Rainha-Mãe, e por isso te pedi este favor... Além de que não é prudente confiar jóias valiosas aos cuidados dum criado.

D. Estêvão – Muito bem, Clara. Obrigado.

Clara – Vês como sou "compreensiva" contigo?

D. Estêvão – Satisfazes o mais ardente dos meus desejos. Obrigado, minha irmã.

(Dá-lhe um beijo na testa. Pela primeira vez procede com alguma efusão. Escuro. Música)

QUADRO XI

(Rua. Noite. Francisco e Gonçalo entram, do fosso da orquestra)

Gonçalo – Apesar dos meus entendimentos em casa da menina, não sei se será fácil!

Francisco – Arranja-te como puderes. Eu tenho de falar hoje a Beatriz.

Gonçalo – Vamos a ver, vamos a ver, senhor. A maior dificuldade é que o Senhor D. Álvaro não tem ocupação certa, nunca se sabe a que horas sai e a que horas está em casa.

Francisco – Deixa-te de conversas... Vai lá...

Gonçalo – Esperai por mim junto à entrada da Sé; logo que esteja qualquer coisa decidida, corro a avisar-vos.

Francisco – Combinado.

Gonçalo – Agora vou tocar à sineta de D. Álvaro os sinais que combinei com a Inês.

(Sai Francisco para a D. Entra da E, a porta de D. Álvaro)

QUADRO XII

Gonçalo – Cá estou. *(Puxa o badalo)* Uma... mais duas... mais três... repenicadas. *(Uma curta espera, para espreitar para a D., e para a E.)*

Parece que não ouviu.

(Quando vai bater outra vez, abre-se a porta e assoma Inês)

Inês - O que há de novo?

Gonçalo – O que há de novo é que este meu desejo de te ver que está cada vez mais novo.

(Enquanto fala vai apertando a cintura de Inês que lhe dispara grande bofetada)

Inês - Nada de atrevimentos, ouviu?

Gonçalo – Irra! Tens a manápula de quem já remou nas galés.

Inês – Leva-me primeiro ao altar; depois vamos a esses disparates e a muitos outros.

Gonçalo – A bofetada tem o seu lugar, mas depois do beijo. Antes do beijo é assim como pagar adiantado.

Inês – Que mais há? Se querias só isso, ala, que não chove.
Gonçalo – Trago recado do meu amo para a tua ama.
Inês – Ah, bom... Que aconteceu?
Gonçalo – O meu amo precisa de falar com D. Beatriz. É urgente!
Inês – Onde?
Gonçalo – Lá em cima, na sala, longe de vistas indiscretas...
Inês – A ocasião é boa, estamos com sorte. Mas o senhor D. Álvaro foi para o Conselho de S. M. e não tarda por aí... Onde ficou o teu amo?
Gonçalo – Perto.
Inês – Trá-lo cá depressa. Anda, mexe-te. Eu vou num salto avisar a menina.
Gonçalo – Cá vou, mas... *(olha para o chão)* que deixaste tu cair?
Inês – *(Curvando-se)* Onde?

(Gonçalo dá-lhe um beijo. Inês endireita-se e levanta a mão para dar a bofetada mas já Gonçalo dera um salto para a D.)

Gonçalo – Não te incomodes, já cá tenho a demasia.
Inês – Ah! Pirata!

(Fecha a porta. Gonçalo sai para a D. Escuro. Música)

QUADRO XIII

(Casa de D. Álvaro. Beatriz a meio da cena, nervosa. Entra Inês da D. dando passagem a Francisco; a seguir fechando a porta)

Beatriz – Francisco, que imprudência! Se continua assim, acaba por me perder sem remédio.

Francisco – Beatriz, eu...

Beatriz – O meu pai pode chegar dum momento para o outro. Fale, depressa!

Francisco – Não queria incomodá-la, porém... deu-se um incidente tão desagradável que...

Beatriz – Um incidente?

Francisco – Sim... Quando um acaso me ia tornar o mais feliz dos homens, quando eu podia ficar sempre junto de si, um engano, um mal entendido ridículo veio destruir todos os meus sonhos de ventura...

Beatriz – Assusta-me, Francisco. Que aconteceu?

Francisco – Beatriz, seu pai foi esta manhã procurar-me à Estalagem.

Encontrou o meu amigo Luís de Menezes...

Inês – *(Entrando da D.)* Minha senhora, está aqui o senhor D. Estêvão que deseja por força falar-lhe, com urgência, da parte da senhora D. Clara.

Beatriz – Não lhe disseste que o meu pai não está em casa?

Inês – Disse e repeti. Mas ele não fez caso e foi entrando por aí dentro e está na sala aqui ao lado.

Beatriz – Ora essa! Ele atreveu-se...?

Inês – Atreveu, atreveu, minha senhora. E com que audácia!

Francisco – Quem é esse D. Estêvão?

Beatriz – É o irmão da Clara, que chegou do Porto. Não posso deixar de o receber.

Francisco – Não? Porquê?

Beatriz – Seria desfeiteá-lo e o meu pai não gostaria que o fizesse.

Francisco, por amor de Deus, deixe-me só.

Francisco – De maneira nenhuma! Nesta casa não me retiro diante doutro homem que não seja o seu pai.

Inês – Bonito! Estamos arranjados!

Beatriz – Francisco, veja o que faz. Quer que ele entre, o veja aqui, e diga a meu pai que o recebi? Esconda-se, Francisco. Eu darei a perceber a D. Estêvão a inconveniência da sua visita, farei com que se retire o mais depressa possível

Inês – Ande, esconda-se depressa. Ai, meu Deus, que falta de expediente! Aqui no quarto da senhora D. Beatriz. Vá. *(Empurra-o para o quarto de Beatriz)*

Francisco – Está bem... mas esse D. Estêvão... eu saberei encontrá-lo!

Inês – (Fecha a porta e vai dar entrada a D. Estêvão) Sai o galã e entra o barbas... Pode entrar, senhor D. Estêvão.

D. Estêvão – Minha senhora. Só há pouco cheguei a Lisboa... Não pude mais cedo apresentar os meus respeitos a seu pai.

Beatriz – O meu pai não está em casa.

D. Estêvão – É pena porque desejava abraçá-lo. Mas aproveito para reafirmar os meus sentimentos por si, Beatriz! Recrudesceram durante esta longa ausência. *(Rumor na porta do quarto de Beatriz)* Beatriz, Beatriz, serei tão ditoso que...

Beatriz – Mandou dizer que me trazia recado da sua irmã Clara. Só por isso o recebi. Doutro modo não receberia nenhum homem na ausência de meu pai.

D. Estêvão – Nem um amigo da casa? Leal e honrado amigo de seu pai?

Beatriz – (Impaciente) Já é tarde... por favor diga-me o que deseja a sua irmã.

D. Estêvão – (Pausa) A minha irmã irá comigo amanhã apresentar cumprimentos a S. M. a Rainha. Precisa por umas

horas das jóias que lhe emprestou. Logo que regresse da visita, tornará a enviá-las.

Beatriz – Bastava que as mandasse buscar por um criado. Inês!

D. Estêvão – Não desejei confiar tais valores aos criados que temos.

(Inês aparece)

Beatriz – Vai ao meu quarto e traz as jóias da senhora D. Clara.

Inês – Sim, minha senhora.

(Atravessa a cena. D. Estêvão deixa-a sair)

D. Estêvão – Confesso... forcei a minha vinda até junto de si, Beatriz, porque... *(Ruído no quarto de Beatriz. Estêvão nota-o)* ...porque... o meu amor não vê obstáculos. Quando, devido à ferida que recebi dum adversário cobarde, estive às portas da morte, a sua imagem, Beatriz, apresentava-se a meus olhos como a do anjo salvador... *(Ruído no quarto de Beatriz. Estêvão nota-o, Beatriz também, mas disfarça, inquieta. Estêvão continua)* Apresentava-se a meus olhos como a do Anjo Salvador que descia a matar-me a sede.

Beatriz – Só o delírio da febre poderia sugerir-lhe imagem de tão péssimo gosto...

D. Estêvão - Beatriz...

Beatriz – Senhor D. Estêvão, dedico-lhe o afecto que merece o irmão da Clara. Nada mais! Não se ama quem se quer amar. *(Ruído no quarto)* A sua insistência torna-o importuno.

D. Estêvão – Importuno, eu?

Beatriz – Importuno!

(Inês abre a porta. Aparece a cabeça de Francisco e Inês, para empurrá-lo, faz um grande barulho e dá um pequeno grito. A porta fecha-se com estrondo)

D. Estêvão – O que foi? Porque gritou?

Inês – Nada, nada... Aconteceu... que ia tropeçando... *(D. Estêvão fixa a porta do quarto)* Ainda me magoei num tornozelo. Aqui estão as jóias.

D. Estêvão – O susto não foi coisa de maior, não?

Inês – Muito obrigado pelo seu cuidado, senhor D. Estêvão. *(Sai para a D.)*

Beatriz – *(Entregando-lhe as jóias)* Pronto. Está a sua missão cumprida. Estimei vê-lo.

D. Estêvão – Beatriz permita-me que não desespere...

Beatriz – Nada lhe prometo.

D. Estêvão – Há ocasiões em que um ministro não pode fazer certos despachos. Se falar com o Conde de Castelo Melhor *(levanta a voz)* ele lhe dirá que as paredes do seu gabinete muitas vezes têm ouvidos.

Beatriz – Sim? Que quer dizer?

D. Estêvão – *(Alto)* Não se despacha um pretendente na presença doutro...

Beatriz – Não percebo nada de política.

D. Estêvão – Nem precisa. *(Alto)* Pouco me importa a competência de outro rival mais feliz. *(Para Beatriz)* Fico certo de ser atendido, Beatriz, noutra ocasião que me seja favorável, a mim!

Beatriz – Não sei o que pretende dizer mas suspeito que me ofende. Já tem as jóias. Rogo-lhe que saia.

D. Estêvão – Depois de ter beijado esta mão!

(D. Estêvão beija a mão de Beatriz que a agarra com força. Abre-se a porta e entra Francisco de Mendonça)

Francisco – As paredes não só têm ouvidos, como às vezes têm língua, mãos e espada!

(D. Estêvão volta-se)

Beatriz - Jesus! Jesus!

D. Estêvão – Ah! Era isto mesmo o que eu esperava. Mas... e Francisco de Mendonça...

(Inês entra)

Francisco – O próprio, senhor D. Estêvão de Portugal. O próprio!

Estamos de novo frente a frente!

Beatriz – Francisco! Por amor de Deus! Senhor D. Estêvão de Portugal!

D. Estêvão – Deixe-me responder a este cavalheiro que lhe faz visitas menos importunas do que as minhas. Enquanto eu fico na sala, ele penetra na alcova.

Francisco – Insolente!

D. Estêvão – Infame!

(Desembainham as espadas)

Inês – Ai, que temos morte de homem!

Beatriz – Senhores! Senhores! Lembrem-se de que estão em minha casa!

Inês – Os senhores não vão bater-se aqui. Senhor Francisco de Mendonça! Isso não é dum cavalheiro!

Francisco – Tem razão! Senhor, a nossa pendência não pode resolver-se nesta casa. A rua é larga, senhor. Siga-me.

D. Estêvão – De acordo. Como nesta casa já não sei o que é conveniente e o que é inconveniente, obedeço a quem está no segredo e na intimidade.

D. Álvaro – (De fora) Leonardo! Inês!

Beatriz – O meu pai! Ai, meu Deus!

Inês – Agora é que vai ser bonito! Senhor D. Álvaro, não suba às escuras que vou iluminar... *(Sai)*

Beatriz – Senhores, a minha honra está nas vossas mãos!

Estêvão – Que se há-de fazer?

Francisco – O senhor fica aqui e justifica a sua visita. Eu, que não posso fazer outro tanto, escondo-me.

(Francisco esconde-se no quarto. Imediatamente entra D. Álvaro, muito sorridente. Quando vê Estêvão pára e muda de expressão. Fica com ar grave)

D. Álvaro – Oh!

D. Estêvão – Senhor D. Álvaro!...

D. Álvaro – Senhor D. Estêvão de Portugal! Não o julgava em Lisboa e sobretudo na minha casa, em companhia de Beatriz.

D. Estêvão – Cheguei hoje mesmo e apressei-me a vir cumprimentá-lo.

D. Álvaro – Porque se incomoda? Bastava avisar-me da sua chegada para ir logo visitá-lo, como era meu dever.

D. Estêvão – Minha senhora... *(Cumprimenta D. Beatriz e sai seguido de D. Álvaro)*

D. Álvaro – Eu acompanho-o...

D. Estêvão – Não se incomode...

D. Álvaro – Faça o favor.

(Beatriz está nervosa, atarantada, sem saber o que fazer, hesitante entre outra porta)

Beatriz – Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! *(Inês entra)* Inês, não atino, não sei o que é preciso fazer... Diz depressa!

Inês – É preciso dar-lhe saída para a rua. Entretanto vou ver o que se passa com o senhor D. Álvaro. *(Sai)*

Beatriz – *(Vai à porta do quarto)* Francisco, foge, por favor, foge!

(Francisco tenta beijar-lhe os dedos) Não, agora não. Foge, depressa.

Francisco – Beatriz, minha adorada.

Beatriz - Depressa, depressa!

Inês – *(Entrando)* O vosso pai fechou à chave a porta do patamar. E já vem aí. E agora? Ó meu Deus!

Francisco – Eu salto pela janela...

Inês – Não, que o Leonardo está na casa do jardim!

Francisco – Então?

Inês – Esconda-se outra vez no mesmo sítio!

Beatriz – Depressa, Francisco, depressa!

Inês – *(Empurra-o novamente para o quarto e fecha a porta)* E esta, hem?

O senhor D. Álvaro não quer que a menina receba visitas de homens na sala, obriga-nos a metê-los na alcova.

Beatriz – Inês, isso são coisas de que se não fala!

Inês – Não são coisas que se façam. Mas o senhor D. Álvaro a tanto nos obriga...

D. Álvaro – *(Entrando)* Espero que se não repitam estes casos. Por motivo algum devias ter recebido o senhor D. Estêvão.

Beatriz – Tem razão, meu pai. Mas não tive coragem de me recusar a recebê-lo...

D. Álvaro – Compreendo, minha filha... Irmão da Clara...

Beatriz – ...pessoa a quem o pai tanto considera...

D. Álvaro – Oh, sim, compreendo... *(Indicando Inês)* Aquela rebiteza que é mais esperta do que devia, não teve meios de impedi-lo?

Inês – Eu bem lhe dizia que esperasse, e até me colocava à sua frente para o impedir de avançar, mas o cavalheiro foi sempre penetrando por aí dentro...

D. Álvaro – Sei, minha filha, que as visitas de D. Estêvão te importunam. Felizmente ainda conservas o recato das raparigas de outros tempos. És adversa às fúteis aproximações entre sexos diferentes, hoje tão praticadas, suponho que por imitação dos países estrangeiros. Orgulho-me que sejas minha filha.

Beatriz – Oh, pai!

D. Álvaro – Encontrei o filho do meu amigo e prometi trazê-lo e instalá-lo aqui. No entanto, a presença dum rapaz tão jovem junto duma menina, não é de certo muito própria.

Beatriz – Mas, pai, eu...

D. Álvaro – O sacrifício que te peço é que enquanto o tivermos cá em casa faças uma vida de reclusa, uma vida de monja...

Beatriz – Nunca sairei destes quartos, meu pai.

D. Álvaro – Tenho outro sacrifício a pedir-te.

Beatriz – Ainda outro?

D. Álvaro – Que lhe cedas os teus aposentos. São próprios para o rapaz e independentes do resto da casa.

Beatriz – Ele fica aqui. E eu?

D. Álvaro – No quarto junto do meu. A Inês poderá dormir no cubículo imediato. Achas bem?

Beatriz – Acho sempre bem tudo o que o meu pai achar.

D. Álvaro – Oh! Obrigado. Assim obedientes é que se querem as meninas.

Inês – (Entrando) O senhor D. Álvaro, por esquecimento, tiraria a chave da porta do patamar?

D. Álvaro – Tirei, mas não por esquecimento. Foi por lembrança; pela lembrança do que se passou ontem à noite... Não quero que entrem na minha casa criaturas que desaparecem misteriosamente. Entendido?

Inês – Ah! É que eu queria acender o nicho de Nossa Senhora que está na escada.

D. Álvaro – Eu mando o Leonardo. Vamos, minha filha, vamos ver os teus novos aposentos.

Beatriz – Sim, meu pai. *(Saem)*

D. Álvaro – (Fora) Leonardo!

Leonardo – (Fora, longe) Senhor D. Álvaro...

(Rumor de vozes. D. Álvaro dá ordens a Leonardo. Inês, rápido, abre a porta Francisco)

Francisco – (Entrando) Então? Já se foi embora?

Inês – Já.

Francisco – Então posso fugir?

Inês – Não pela porta... que o senhor D. Álvaro fechou-a à chave.

Francisco – Então?

Inês – Pela janela. *(Precipita-se a abri-la)*

Francisco – Disseste que o Leonardo dorme na casa do jardim.

Inês – O senhor D. Álvaro mandou-o agora acender o nicho da escada. A passagem está livre, o senhor já conhece o caminho.

Francisco – (Tira uma moeda e dá-a a Inês) Toma. É para te ajudar a ter ideias...

Inês – Oh, senhor D. Francisco! Senhor D. Francisco... *(Vozes à direita)* Senhor D. Francisco, fuja que aí vem o meu amo.

(Francisco salta pela janela. Inês fecha a janela e, cantarolando, arruma as cadeiras)

Beatriz – Inês, a partir desta noite durmo lá dentro e tu ficarás no quarto junto do meu.

Inês – Sim, minha senhora.

D. Álvaro – (Entrando) Já vimos que te convêm aqueles aposentos.

Beatriz – Fico muito bem.

D. Álvaro – Falta agora o essencial: visitar os teus aposentos para ver se convêm ao meu protegido.

Beatriz – (Sobressaltada) Os quartos são óptimos. Pode estar neste lado da casa perfeitamente à vontade.

(Inês, duma boa posição, tenta comunicar a Beatriz de que Francisco já se foi embora. Beatriz não percebe)

D. Álvaro – Sim, esta sala é boa, desafogada. O teu quarto tem janela para o jardim.

Beatriz – (Pálida) Sim, meu pai. Tem uma janela muito grande... uma grande janela...

D. Álvaro – (Como desistindo) Bom, bom. *(Beatriz respira aliviada)* Ah! Deixa-me ver se há cabides para apetrechos militares.

(Dirige-se ao quarto de Beatriz)

Beatriz – (Atemorizada, interpõe-se) Há, sim, meu pai. Pois então não há cabides? Cabides é o que lá não falta. No meu quarto há cabides por todo o lado.

a D. Álvaro - Cabides de donzela que não servirão a um oficial, ainda por cima de cavalaria... 1

Beatriz – Os meus cabides são fortíssimos! Rijíssimos!

D. Álvaro – Sim, mas quero vê-los.

(Durante toda a cena, Inês tenta avisar Beatriz)

Beatriz – Ficaremos o resto da noite a passear de aposento em aposento? Desde que o pai chegou a casa ainda não teve palavras senão para se referir a arranjos caseiros. Sentemo-nos e conversemos um pouco. Conte-me quem é o rapaz a quem deseja proteger? Não se quer sentar, meu pai?

D. Álvaro – Não, não quero! Sabes? Parece-me estranho o teu comportamento... Beatriz, porque não queres que entre no teu quarto? Por que choramingas?

Inês – (Intervindo forçadamente) A menina tem flato. Não vê, senhor D. Álvaro? Coitadinha! Está branca como a cal da parede. Não, está a ver, senhor D. Álvaro?

D. Álvaro – Saia daqui para fora. Logo se tratará do flato. Não ouviu? Desapareça! *(Inês afasta-se mas não sai)* Beatriz, responde. Posso ou não entrar no teu quarto?

(Beatriz em delíquio, faz um gesto afirmativo. Mas quando D. Álvaro chega junto da porta, Beatriz dá um salto)

Beatriz – Não, meu pai, por amor de Deus, peço-lhe que não entre.

D. Álvaro – Não entro? Não entro, porquê?

Beatriz – Porque...

D. Álvaro – Quem está no teu quarto, Beatriz?

Beatriz – Está...

Inês – Não está ninguém! Não está ninguém!

D. Álvaro – Está algum homem no teu quarto?

Beatriz – Sim, meu pai, está! *(Chora e cai de joelhos)*

D. Álvaro – Ó desgraçada! Um homem no quarto da minha filha? Desonras o teu nome e os meus cabelos brancos!

Beatriz – Não desonro nem o meu nome nem os seus cabelos brancos. As aparências são contra mim. Mas Deus... Deus é testemunha da minha inocência.

D. Álvaro – Como poderei doravante acreditar na tua pureza? Como poderei acreditar que tu... Ah, juro-te que não ficarás sem castigo. *(Quase gritando, desvairado)* Quem está ali dentro? Como se chama esse homem? Quem é o infame sedutor?

Beatriz – Não é infame nem é sedutor!

D. Álvaro – Mas é homem!

Beatriz – Aquele que amo, que me idolatra e que me quer para sua esposa, e que tem de esconder-se ali para fugir às suas férreas intransigências, meu pai!

D. Álvaro – Tu chamas férreas intransigências à severidade dum fidalgo português? Beatriz, quem é esse noivo clandestino? Como se chama?

Beatriz – Francisco de Mendonça.

D. *Álvaro* - Francisco de Mendonça? Um fidalgo de Trás-os-Montes?

Beatriz – Sim, meu pai!

D. Álvaro – Mas que coincidência! Francisco de Mendonça é o filho do meu amigo, o jovem que vou receber e instalar nestes aposentos. Que grande coincidência!

Beatriz – Oh! É ele...

D. Álvaro – Sim, é ele.

Beatriz – Oh! Meu pai!

D. Álvaro – E já agora te digo que, quando o vi, tive a ideia de vos casar. Todo o santíssimo dia tenho pensado nisso.

Beatriz – Oh! Meu pai, que felicidade!

D. Álvaro – Vamos com calma! Nada me prova que o filho do meu amigo não seja um canalha. O seu procedimento é duvidoso. Estive com ele esta manhã e não me falou de ti. Sem eu o saber introduz-se na minha casa. E mais do que isso, esconde-se na tua alcova. Minha filha, Francisco de Mendonça pode ser um hipócrita.

Beatriz – Meu pai!

D. Álvaro – Um malvado, um biltre, um sedutor!

Beatriz – Por ele eu ponho as mãos no fogo!

D. Álvaro – Temos de ouvir o que esse homem diz em sua defesa.

Beatriz – Com certeza, porque não? Vê como estou tranquila? Eu mesma lhe abro a porta. *(Dirige-se à porta, abrindo-a)* Saia, senhor! Saia sem receio. Meu pai quer ouvi-lo. Vê como estou confiante, meu pai?

(Assoma à porta Luís de Menezes. Beatriz recua de espanto. Inês dá um grito)

D. Álvaro – Preciso de lhe falar.

Luís – Senhor D. Álvaro, eu...

D. Álvaro – Senhor Francisco de Mendonça! É capaz de me explicar o que fazia no quarto da minha filha?!...

Inês – Este também se chama Francisco de Mendonça...
Beatriz – Oh, meu Deus!

(Luís, imóvel, não consegue falar)

D. Álvaro – Não quer dizer-me o que fazia naquele quarto?
Luís – Eu...? Passei ali por acaso. Vi a janela e entrei... foi por acaso...
D. Álvaro – Por acaso! É espantoso! Ao menos vê-se que não sabe mentir. É bom sinal. É sinal de honradez e de lealdade. Mas o seu comportamento é estranho...
Luís – Sim, um pouco...
D. Álvaro – Ah, reconhece?! Também é bom sinal. Vejo que tem qualidades apreciáveis. No entanto, esta manhã, quando estive consigo, porque não me disse francamente: "Eu amo a sua filha?".
Luís – Porque... porque não podia dizer isso.
D. Álvaro – E pode vir requestá-la às escondidas! Não fora a amizade que me liga a seu pai e eu teria uma palavra muito feia para qualificar o seu procedimento. Mas estou disposto a usar a mais larga complacência. Atribuo o caso à inconsciência leviana da sua juventude. Por isso lhe pergunto e exijo uma resposta clara: deseja casar com minha filha, não é assim?
Beatriz – Mas, meu pai...
D. Álvaro – Cala-te, sei o que estou a fazer... Tenciona pedir a mão da minha filha?
Luís – Bem, eu...
Beatriz – Meu pai! Deixe-me falar. Não vê que há aqui...
D. Álvaro – Aqui só vejo que havia um homem no teu quarto. E que esse homem será o teu marido. Isto é a única coisa que eu vejo...

Beatriz – Que fazer, meu Deus! Que fazer?

D. Álvaro – Senhor, estou à espera duma resposta. O seu silêncio prolonga-se, não compreendo porquê.

Luís – É que eu... sabe... Talvez...

D. Álvaro – Hesita em responder quando se trata da honra da minha filha, senhor Francisco de Mendonça?

(Leva a mão à espada e desembainha-a um pouco)

Luís – Escusa de desembainhar a espada. A honra da sua filha é a própria honra de Francisco de Mendonça! Se tive qualquer hesitação em pedir-lhe a mão de Beatriz, foi apenas por temer uma dolorosa recusa. Senhor D. Álvaro: é com ardor, é com júbilo, é com entusiasmo que Francisco de Mendonça pede a mão de Beatriz. Pelos céus, juro: não estou a mentir!

Beatriz – Impossível!... Pai...

D. Álvaro – Agora que tudo se explica, deixe-me dizer-lhes que realizei o meu desejo mais querido: unir Beatriz a Francisco de Mendonça...

Luís – E que honra! Para ele...

D. Álvaro – Mas evitarei a todo o custo que se saiba que a minha filha recebeu um homem nos seus aposentos. Para tanto é preciso agir com firmeza.

Luís – Certamente.

D. Álvaro – O senhor até ao casamento não sairá desta casa. Fica aqui enclausurado, percebeu?

Luís – Ah... Não sairei daqui...?

D. Álvaro – Não.

Luís – Durmo cá?...

D. Álvaro – Sim. O senhor naquele quarto e a Beatriz num aposento junto do meu.

Luís – Não é preciso...

D. Álvaro – É preciso, é.

Luís – Não é preciso incomodar-se...

D. Álvaro – Ainda esta noite irei ao arcebispado obter as licenças necessárias. O casamento celebra-se amanhã.

Luís – Já amanhã...?

D. Álvaro – Não há tempo a perder. Será numa das capelas da Sé.

Luís – Na Sé?...

D. Álvaro – Agrada-lhe?

Luís – A Sé? Agrada-me muito!

D. Álvaro – Precisamos de regular alguns pormenores de natureza prática. Importa-se de me acompanhar, senhor Francisco de Mendonça?

Luís – Com todo o gosto.

(Saem para a D.)

Beatriz – A quem não agrada a combinação é a mim. Ai, que grande impostor! Introduziu-se, nem eu sei como, no meu, quarto! É namorado de Clara e tomou o nome de Francisco de Mendonça!

Inês – Não o tomou. Foi o senhor D. Álvaro quem lho deu...

Beatriz – E atreve-se a desejar casar comigo!

Inês – Não é ele que quer. O senhor D. Álvaro é que o obriga...

Beatriz – Consente em ficar debaixo do mesmo tecto!

Inês – O senhor D. Álvaro não o deixa sair desta casa...

(Entram D. Álvaro e Luís)

D. Álvaro – Vejo que os ardores da sua paixão mantêm-no distraído e afastado destas questões utilitárias. Por isso é preferível tratarmos delas depois. Agora vai deitar-se.

Luís – Eu vou-me deitar? Onde?

D. Álvaro – São horas. Despeça-se da sua noiva. Consinto que a beije.

Luís – Eu?

D. Álvaro – Sim.

Luís – Mas...

D. Álvaro – Beije-a, beije-a... não tenha receio...

Beatriz – Hoje não. Não... prefiro retirar-me para o meu quarto...

(Grande estrondo, tinir de espadas o vozearia que se mantém até ao fim do quadro e se prolonga pelo próximo. Começa a música que há-de acompanhar o quadro seguinte)

Francisco – (Fora) Defende-te, cobarde, defende-te!

Estêvão – (Igualmente fora) Arreda, criadagem, arreda! Deixem-me a mim dar cabo dele! A mim! Sozinho!

Francisco – Não finjas que mandas embora os teus criados, cobarde!

Luís – É a voz do meu amigo.

Beatriz – É a voz dele! Ai, meu Deus, que o matam!

Luís – Eu vou... *(Tira a espada e dirige-se à porta)*

D. Álvaro – Alto lá! Não sairá da minha casa antes do casamento!

Luís – Deixe-me! Estão a assassinar o meu amigo!

Clara – (Fora de cena, grita) Acudam! Acudam! Assassinam o meu irmão!

Luís – A voz de Clara... *(Parte)* Aí me tens, Clara, meu amor, aí me tens. *(Sai)*

D. Álvaro – Espera, infame! *(Corre atrás dele)* Tu requestas as duas?

Beatriz – *(Interceptando-o)* Deixe-o ir, meu pai, deixe-o ir em socorro dele, que o matam.

D. Álvaro – Matam a quem?

Beatriz – A Francisco de Mendonça.

D. Álvaro – Esse infame que acode aos gritos de Clara como se fosse a sua noiva?

Beatriz – Não, ao outro.

D. Álvaro – Qual outro?

Beatriz – Francisco de Mendonça.

D. Álvaro – Estás doida! Francisco de Mendonça acaba de sair daqui.

Inês – *(Apontando o quarto)* Pois então siga-o, senhor, siga-o!

Beatriz – *(Apontando a porta de saída)* Vá acudir-lhe, meu pai, acuda-lhe que o matam.

D. Álvaro – Queres que vá acudir, mas a quem?

Inês – A Francisco de Mendonça.

D. Álvaro – Que embrulhada! Já não percebo coisa nenhuma. Eu vou mas é deslindar tudo isto a golpes da minha espada. *(Abre a porta)*

Beatriz – Meu pai. Acuda! Acuda! Pede-lhe a sua filha!

D. Álvaro – Beatriz, o teu pai vai acudir, porque lhe pedes. Não sei a quem vou acudir, mas vou.

Beatriz – Obrigada, meu pai. *(D. Álvaro sai. Beatriz abate-se sobre uma cadeira. O vozear cresce)*

Inês - Agora só falta o Gonçalo entrar por aquela porta dizendo que é S. M. El-Rei D. Afonso VI.

(Música)

QUADRO XIV

(Porta de D. Álvaro. Estêvão esgrime com Francisco. Luta ritmada. Da D. entram alguns homens com archotes e espadas. Gonçalo à E., contempla a cena. A música vem a 1.º Plano)

Francisco – Ah, canalha, não vieste sozinho! Trouxeste os teus esbirros. Mas não lhes tenho medo, vês? *(Ataca-os)*

Luís – (Surgindo da E.) A mim, bandidos, a mim.

(Lutam.. Novamente a luta deve parecer uma dança. D. Álvaro aparece à porta)

D. Álvaro – Quem é afinal o senhor Francisco de Mendonça, a quem Beatriz me manda socorrer?

Luís e Francisco – (Ao mesmo tempo) Sou eu, mas não é preciso.

Gonçalo – Senhores, senhores. Atenção. Aí vêm os embuçados de
El-Rei!

D. Álvaro – Os embuçados?

Gonçalo – Sim, senhor. Sobem a calçada. El-Rei vem na sua cadeirinha.

D. Álvaro – Fujam, senhores! Fujamos! Os embuçados de El-Rei vêm para aqui. Que não nos encontrem.

D. Estêvão – Depois continuaremos, senhor!

Francisco – Quando quiser!

(Todos fogem. Entram os embuçados de El-Rei trazendo a cadeirinha que colocam a meio na cena)

1° Homem - Eh! Procurem! Procurem! Eu ouvi tinir de ferros por estes sítios.

(Grande movimento)

2.º Homem - Onde diabo se terão metido? Estes brigões em lhes cheirando a esturro parece que têm asas nos pés.

3.º Homem - Hão-de ter descido as escadinhas do chafariz.

D. Afonso – (Deita a cabeça de fora, abrindo as cortinas da cadeirinha). Eh! Que fazemos aqui parados?

1.º Homem - Procuramos os brigões, senhor.

D. Afonso – (Sai da cadeirinha. Imediatamente um acompanhante lhe estende a terrina donde tira uma perna de galinha) Onde estamos nós?

1.º Homem - Junto da Sé, senhor!

D. Afonso – A quem pertence esta casa?

1.º Homem - A D. Álvaro de Mascarenhas.

D. Afonso – Ah! É amigo do Conde de Castelo Melhor. Ai de mim, se ele diz ao Conde que me viu por estes sítios! Ai de mim! Não estou para aturar os ralhetes do Conde! Vamos, vamos, vamos depressa! *(Entra na cadeirinha)*

(1.º Homem assobia. Os embuçados acorrem. Saem para a D.)

III ACTO

QUADRO XV

(Cortinas corridas. Uma. luz incide sobre Gonçalo, a meio da cena)

Gonçalo – O meu amo arranjou-a bonita! Em vez dum duelo, tem de travar dois! Primeiro, o duelo com o senhor D. Estêvão que foi interrompido e que vai continuar. E um novo duelo com o senhor D. Álvaro, por requestar a menina Beatriz. E haverá ainda um terceiro duelo entre o senhor D. Álvaro e D. Luís, porque o senhor D. Álvaro continua convencido de que ele é o meu amo. E talvez não fiquemos por aqui... Bem, vou chamar a Inês a ver se ambos, reunindo os nossos esforços, chegamos a tempo de evitar tanta sangueira. *(Mima o gesto de bater à porta de D. Álvaro)* Uma... mais duas... mais três... repenicadas... Os assados, meus senhores, os assados em que se vê metida a criadagem quando os amos são brigões e o coração lhes pede amor! *(Pausa. Olha)*
Parece que ela não me ouviu. Tenho de tocar outra vez.

(Vai a tocar outra vez, para o que sobe ao mesmo sítio, mas a luz apaga-se. Acende-se um foco à D. da cena. Na extrema D. está Francisco de Mendonça. Entra D. Álvaro da E.)

D. Álvaro – Quero falar com o senhor Francisco de Mendonça.
Francisco – Não está. Mas se, como amigo, o posso substituir...
D. Álvaro – De maneira nenhuma! Desejo primeiramente saber se lhe aconteceu algum acidente grave...

Francisco – Não, nada. Está vivo e são.

D. Álvaro – É pena.

Francisco – Tem pena de que esteja de boa saúde?!

D. Álvaro – Só a morte ou um acidente grave justificaria a ausência de Francisco de Mendonça do local onde o reclamam os seus brios de fidalgo. Ora, ontem à noite ele desapareceu - o que veio confirmar a minha opinião de que Francisco de Mendonça é um cobarde!

Francisco – Francisco de Mendonça é um nome digno!

D. Álvaro – Será. Mas só o Mendonça. Ou quando o Mendonça vem ligado a António, que é o pai... Quando o Mendonça vem ligado a Francisco, estamos perante uma combinação reles!

Francisco – *(Mão na espada)* Senhor!

D. Álvaro – Não toque na espada, mancebo! Ouça primeiro as minhas razões: ontem encontrei Francisco de Mendonça na alcova de minha filha Beatriz.

Francisco – Não é possível.

D. Álvaro – É verdade!

Francisco – E que fazia lá esse miserável?

D. Álvaro – O que fazia, não sei. Sei aquilo que uma pessoa normal pensará que ele fez.

Francisco – Ah!

D. Álvaro – O único remédio agora é o casamento. Depois de algumas hesitações incompreensíveis, esse homem concordou em desposar Beatriz.

Francisco – Concordou?... Prometeu semelhante coisa?

D. Álvaro – Prometeu.

Francisco – Ah, bandido. Ah, grande canalha!

D. Álvaro – Quem?

Francisco – Ele!

D. Álvaro – O senhor não me está a compreender!

Francisco – Estou, estou...

D. Álvaro – Então sou eu que não compreendo o seu espanto...

Francisco – É natural...

D. Álvaro – Natural, porquê? Cavalheiro, a minha lei é esta: um rapaz é encontrado na alcova duma menina; se é pessoa honrada desposa essa menina...

Francisco – Neste caso seria uma infâmia...

D. Álvaro – Uma infâmia? Qual é a sua moral, senhor?... Será a moral dos turcos? A dos maometanos? Francisco de Mendonça comprometeu-se a casar com Beatriz, o que está muitíssimo certo! Também se comprometeu a dormir esta noite na minha casa...

Francisco – A dormir em sua casa?! Ah!...

D. Álvaro – E a não sair antes de celebrado o casamento. Mas o infame, a pretexto dum duelo que se travava na rua e ouvindo a voz duma vizinha que podia socorro, fugiu saltando pela janela.

Francisco – Ah, afinal não dormiu lá em casa...

D. Álvaro – Fugiu, o celerado, fugiu!

Francisco – Ah... ainda bem!

D. Álvaro – Ainda bem?

Francisco – Ainda bem, digo eu, por razões íntimas... Foi uma leviandade...

D. Álvaro – Leviandade?! Se lá na Turquia ou na Maometânia se chama leviandade não dormir onde se deve, não sei. Eu chamo-lhe cobardia, senhor! Cobardia miserável!

Francisco – E se nisto tudo houvesse um engano, senhor D. Álvaro?

D. Álvaro – Um engano?

Francisco – Um engano, uma troca...

D. Álvaro – O senhor disse troca ou disse troça?

Francisco – Troca...

D. Álvaro – Admitir um engano depois de um pai ter encontrado um homem na alcova da sua filha, não é uma troca é uma troça... Troça! *(Desenha no ar a cedilha)*

Francisco – Eu...

D. Álvaro – Portanto, diga ao seu amigo que o espero às três da tarde nos campos junto às portas de Santo Antão...

Francisco – É um desafio?

D. Álvaro – Sim, a menos que me dê explicações satisfatórias. Peço-lhe que o acompanhe. Eu também levarei uma testemunha!

Francisco – Muito bem, senhor D. Álvaro de Mascarenhas.

(Escuro. Acende-se a luz sobre D. Estêvão que está na extrema E.; D. Álvaro aproxima-se)

D. Álvaro – Senhor D. Estêvão! Ontem fui vítima duma traição que vou desafrontar no campo da honra. Quer ser minha testemunha?

D. Estêvão – Às suas ordens... Mas... em que consistiu tão horrenda traição?

D. Álvaro – Um mancebo que... que se encontrava em minha casa obrigou-se a desposar a minha filha. Pois bem. Esse mancebo aproveitou-se do duelo que o senhor travou à minha porta para desaparecer.

D. Estêvão – E esse mancebo chama-se...

D. Álvaro – Francisco de Mendonça.

D. Estêvão – Como assim? O senhor conversava na sua sala com Francisco de Mendonça enquanto eu me batia na rua com o mesmo Francisco de Mendonça?

D. Álvaro – Exactamente.

D. Estêvão – Um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. É contra a teologia.

D. Álvaro – Numa ocasião destas não me fale de teologias.

D. Estêvão – O senhor está equivocado.

D. Álvaro – Não estou.

D. Estêvão – Pois se eu conheço Francisco de Mendonça como os meus dedos.

D. Álvaro – Não o conhece melhor do que eu. Sou amigo íntimo do pai.

D. Estêvão – E eu sou inimigo íntimo do filho.

D. Álvaro – Conheço-o desde que está em Lisboa, para onde veio fugido por causa dum duelo que travou no Porto com pessoa de alta jerarquia.

D. Estêvão – E eu conheci-o no Porto, onde ele teve esse duelo.

D. Álvaro – Sabia disso?

D. Estêvão – Se sabia? Ora essa! O duelo foi comigo.

D. Álvaro – Oh!

D. Estêvão – Sou eu a pessoa de alta jerarquia!

D. Álvaro – É extraordinário! Ainda acabam por dar comigo em doido! Ah! Com que então, enganaram-me!

D. Estêvão – É claro que sim.

D. Álvaro – Enganaram-me, para quê? Mas então... não era Francisco de Mendonça quem estava escondido no quarto de minha filha?

D. Estêvão – Ah, isso garanto-lhe que era.

D. Álvaro – Como sabe?

D. Estêvão – Eu vi Francisco de Mendonça sair, para me desafiar, do quarto de sua filha, onde se tinha escondido.

D. Álvaro – E onde estava ainda quando lá o encontrei.

D. Estêvão – Isso é que não estava, porque nessa ocasião Francisco de Mendonça batia-se comigo cá em baixo na rua.

D. Álvaro – Eu vi-o! Eu vi-o!

D. Estêvão – Não o pode ter visto.

D. Álvaro – Ai, que eu dou em doido! Eu dou em doido! Ah! Mas não desisto do duelo! Tenho de me bater com alguém! Que o sedutor se chame Francisco de Mendonça ou Bonifácio da Silva ou Epifânio da Encarnação, para mim é a mesma coisa. A minha espada atravessa peitos, corta gargantas, decepa cabeças independentemente dos nomes que lhes correspondam. Quer ser minha testemunha?

D. Estêvão – Com certeza!

D. Álvaro – Então peço-lhe que compareça às três horas junto das portas de Santo Antão.

D. Estêvão – Combinado.

(Escuro. Música excessivamente dramática. Acende-se outra luz à D., no plano superior. Está Beatriz à D. Aproxima-se D. Álvaro, lento, solene, preocupado, dramático)

D. Álvaro – És filha dum homem de armas, dum militar, Beatriz.

Beatriz – Já o sabia, meu pai.

D. Álvaro – E sabias que um militar, só porque o é, tem a vida em permanente perigo?

Beatriz – Sabia.

D. Álvaro – Hoje parto para a guerra, donde posso voltar vivo, como morto; ou posso mesmo não voltar!

Beatriz – O pai não parte para a guerra. O pai vai bater-se em duelo *(Chora)* E eu sou a culpada!

D. Álvaro – *(Afaga-lhe os cabelos)* Tu? Culpada? Tu foste traída, minha filha. Fiaste-te na sua aparência nobre e leal.

Beatriz – Ele é nobre e leal, meu pai!

D. Álvaro – Ainda o defendes? Pois tu não ouviste bradar: "Clara, aí vou, meu amor. Espera-me, Clara." - E isto quando vos esperava o altar do casamento?

Beatriz – Não, meu pai. Não é esse o jovem que eu amo.

D. Álvaro – Então qual é?

Beatriz – Eu amo Francisco de Mendonça.

D. Álvaro – Ah!... Também tu pretendes enlouquecer-me!

Beatriz – Francisco de Mendonça falso ou verdadeiro, é esse que eu amo.

D. Álvaro – Eu sei muito bem quem é Francisco de Mendonça. Já o estreitei nos meus braços.

Beatriz – Então eu amo o outro.

D. Álvaro – O outro, ou esse, ou seja quem for, existe um que não me escapará. Hei-de vingar-me dele como perro que é! O teu pai é um velho mas ainda sabe ser terrível.

Beatriz – E se o matam, meu pai? Se o matam...?

D. Álvaro – Se me matam, ficarás órfã... Ah! Mas se eu o mato a ele...

Beatriz – (Chorando) Ficarei antecipadamente viúva...

D. Álvaro – (Beijando-a, com lágrimas) Adeus, minha filha. Até logo!... Ou até nunca mais...

(Escuro. Música)

QUADRO XVI

(Campo. Francisco de Mendonça está em cena, agitado dum lado para o outro. Do fosso da orquestra entra Gonçalo)

Francisco – Então? Encontraste o senhor D. Luís?

Gonçalo – Encontrei.
Francisco – Onde?
Gonçalo – Depois de muitas voltas por essas ruas, fui dar com ele a dormir na Estalagem.
Francisco – A dormir! E disseste-lhe que eu o esperava aqui nos campos das portas de Santo Antão?
Gonçalo – Disse, sim. Ele vem já. É só a demora de enfiar o gibão...
Francisco – Bem... está bem... *(Olha, agitado, para um lado e para outro)*
Gonçalo – Aí vem o senhor D. Luís.
Francisco – Ah!... Vai-te embora.
Gonçalo – *(Partindo)* Sim, senhor.
Francisco – Gonçalo!
Gonçalo – *(Voltando)* Senhor?
Francisco – Fica.
Gonçalo – Sim, senhor.
Francisco – Isto é: não! É melhor que não fiques.
Gonçalo – Então vou-me embora... *(Vai a partir)*
Francisco – Não.
Gonçalo – Não? Dizei-me duma vez se fico ou se vou!
Francisco – Afasta-te.
Gonçalo – Afasto-me, não é verdade? Afasto-me... *(Não se afasta)*
Francisco – Afasta-te um pouco.
Gonçalo – Ah, desta vez é a sério...?
Francisco – É a sério, idiota, é a sério. Já alguma vez falei contigo, palerma, que não fosse a sério?
Gonçalo – Nunca, senhor, nunca!

(Francisco coloca-se a meio da cena. Entra Luís)

Luís – Então, que há?

Francisco – *(Calmo)* Há que és um traidor, um cobarde, um ladrão de reputações.

Luís – Enlouqueceste?!

Francisco – Com que então a Clara e a Beatriz são uma e a mesma pessoa... Foi com essa balela que preparaste a execução do teu plano...

Luís – Qual plano?

Francisco – Esperavas que eu requestasse Beatriz para te facilitar o caminho aos encantos de Clara, e vice-versa? Era este o teu plano de devassidão?

Luís – Explicas-te, fazes o favor?

Francisco – Tu é que tens de me dar explicações, bandido!

(Entram da D., D. Álvaro e D. Estêvão. Este fica à sua D. D. Álvaro dirige-se a Luís)

D. Álvaro – Estimo tornar a encontrá-lo, senhor Francisco de Mendonça.

Luís – Também eu estimo muito.

D. Álvaro – O senhor não sabe que um fidalgo paga em vinte e quatro horas as suas dívidas de honra?

Luís – Ensinaram-me isso em criança. Mas antes de prosseguirmos, desejo esclarecer um assunto.

D. Álvaro – Um só?

Luís – Primeiro este e depois os outros. Vamos por ordem, senhor D. Álvaro...

D. Álvaro – *(Azedo)* Muito bem. Vamos por ordem.

Luís – *(Pausa)* Eu... não sou Francisco de Mendonça.

D. Álvaro – Decidi que isso não me interessa nada! O senhor, que está aí, fisicamente, diante de mim, e cujo nome tanto se

me dá como se me deu, estava ou não estava ontem no quarto da minha filha?

Luís – Estava.

D. Álvaro – Ah! Muito bem.

Luís – Estava, mas...

D. Álvaro – Vamos por ordem, vamos por ordem... Prometeu ou não casar com ela?

Luís – Sim, mas...

D. Álvaro – Combinou ou não combinou que permaneceria na minha casa até ao casamento?

Luís – Combinei, mas...

D. Álvaro – Aproveitou-se ou não dum duelo que se travava à minha porta para acorrer a uma voz que o chamava?

Luís – Sim, realmente...

D. Álvaro – Fugiu ou não da minha casa, gritando: "Clara, meu amor, aí me tens. Espera, Clara."

(Sinal afirmativo de Luís)

D. Estêvão – Como? Que tem Clara a ver com isto?

Luís – Eh lá! Vamos por ordem!

D. Álvaro – É-me lícito ou não me é lícito concluir que o senhor não só faltou ao seu compromisso como pretendeu ridicularizar a minha filha com quem ia casar, acorrendo ao chamamento doutra mulher?

Luís – (Num grito) Não lhe é lícito! Irra! O senhor é pior que o Tribunal da Inquisição. Deixe-me falar!

D. Álvaro – Então fale. Com mil trovões!

Luís – (Pausa) Vamos por ordem, senhor D. Álvaro. Primeiro: eu não sou Francisco de Mendonça.

D. Álvaro – E ele a dar-lhe! Já lhe disse que isso não me interessa.

Luís – Segundo: eu não amo a sua filha.

D. Álvaro – Também não tenho nada com isso.

Luís – Terceiro: amo uma vizinha sua. Não, não a amo, adoro-a. Ontem à noite consegui, enfim, entrar em casa dela. Contávamos passar umas horas em deliciosa conversa e assim estivemos algum tempo quando, de súbito, ouvimos a voz do irmão que chamava de longe. "Clara, Clara!" - O irmão voltava a casa mais cedo do que esperávamos...

D. Estêvão – E como se chama esse irmão?

Luís – *(Para Estêvão)* Vamos por ordem, senhor, por ordem. O irmão chegou e eu tive de sair rapidamente. Mas sair por onde? Pela porta? Encontraria o irmão. Tive de sair pela janela. Saí e saltei para cima dum muro. Em frente estava aberta a janela dum quarto. Não sabendo que fazer de mim, saltei para dentro desse quarto. Mal tinha acabado de entrar, ouvi uma voz a chamar-me. Passei à sala ao lado onde estavam o senhor e a sua filha. Aqui tem tudo como se passou.

D. Álvaro – Ah! Sim? Que linda história! E pode dizer-me, salvo o devido respeito, porque se comprometeu perante mim a casar com Beatriz?

Luís – Esse é outro assunto de que eu trato já. Vamos por ordem. Se não se importa responderei primeiro àquele senhor. *(Para D. Estêvão)* O senhor tinha perguntado qualquer coisa...?

D. Estêvão – Perguntei-lhe se sabe o nome do irmão da sua apaixonada.

Luís – Sei muito bem: D. Estêvão de Portugal.

D. Estêvão – E conhece-o?

Luís – Não, não o conheço, nem espero conhecê-lo tão depressa. Dizem que é um brutamontes. *(Para D. Álvaro)* Ora bem...

D. Estêvão – D. Estêvão de Portugal sou eu!

Luís – Muito prazer em conhecê-lo! *(Realiza a situação)*

D. Estêvão – Infame, que para te defenderes não hesitas em caluniar uma mulher! Em macular o nomes dos Portugais! *(Desembainha a espada)* Não repetirás as infâmias que lançaste sobre a honra da minha irmã.

(Esgrimem. Entra Francisco de Mendonça)

D. Álvaro – O duelo é meu, senhor D. Estêvão, o duelo é meu!

(Desembainha a espada)

Francisco – (Mão na espada) Ah, não, senhor, um de cada vez!

D. Estêvão – Deixe-me matar este cão, senhor D. Álvaro. Quando o tiver morto, corto-lhe a garganta, pois desonrou o nome dos Portugais!

D. Álvaro – Então em guarda, mancebo, tanto me faz bater-me comigo como com o outro.

(Esgrimem)

Gonçalo – (Entra da D.) Senhor, aí vem El-Rei.

(1.º Homem entra)

D. Álvaro – E que vem El-Rei aqui fazer?

1.º Homem - Parem! *(Executam)* El-Rei não tem de lhe dar conta dos sítios para ande vai!

D. Álvaro – Nem eu lhas peço.

1.º Homem - Não? Pareceu-me ouvi-lo perguntar que vinha El-Rei aqui fazer.

D. Álvaro – Pois não devia ter ouvido. Essa pergunta dirigi-a àquele rapaz, que é criado dum destes senhores, suponho eu.

Francisco – É meu criado, sim.

D. Álvaro – Para que ouvem os fidalgos as perguntas que se fazem aos criados? Não será isto a denúncia de uma vocação? *(Para Francisco a meia voz)* Se não se importa, prosseguiremos logo... *(Embainha a espada)* Eu aproveito para apresentar os meus respeitos a El-Rei.

Francisco – Quando quiser... *(Embainha a espada e sai)*

D. Estêvão – (A meia voz) A ocasião não é oportuna. Logo continuaremos... *(Embainha a espada)*

Luís – Sempre às suas ordens. *(Embainha a espada e sai.)*

(Entra a cadeirinha de El-Rei da D.; atrás dela o séquito, a pé. A cadeirinha poisa a meio da cena. D. Álvaro e D. Estêvão aproximam-se e põem um joelho em terra. D. Afonso VI sai da cadeira)

D. Afonso VI – Então os cães?

1.º Homem – Já aí vêm, Senhor.

D. Afonso – Espero que hoje os cães estejam bem dispostos. Da última vez estavam tristes. E é mais desagradável ver um cão triste do que um homem triste. Mas... que fazem esses aí ajoelhados? Levantem-se! *(Levantam-se os dois)* Senhor D. Álvaro de Mascarenhas...

D. Álvaro – Estava aqui perto e ouso aproveitar o momento para apresentar os meus respeitos a Vossa Majestade.

D. Afonso – (Para D. Estêvão, com manha) Deste outro é que me esqueci o nome, Se não me engano é frequentador dos salões de meu irmão Pedro.

D. Estêvão – D. Estêvão de Portugal. Cheguei ontem do Porto e hoje tentei ser recebido por Vossa Majestade para apresentar os meus cumprimentos...

D. Afonso – Aproveite agora. É serviço de que fico despachado. *(Gritando para longe)* Então esses cães?

1.º Homem - Senhor... não compreendo porque não chegaram ainda. Vou ver.

D. Afonso – (Para D. Estêvão) Com que então, tem-se conspirado muito contra mim lá no palácio do senhor meu mano?

D. Estêvão – Não sei, Senhor. Ainda não visitei Sua Alteza o senhor D. Pedro depois do meu regresso...

D. Afonso – Vejo, pela sua resposta, que não está interessado em servir a política real...

D. Estêvão – Estou incondicionalmente às ordens e serviço de Vossa Majestade.

D. Afonso – Aproveitarei. Bem preciso, aliás. Estou farto de dizer ao Conde de Castelo Melhor que a polícia, que ele mantém, deve em primeiro lugar defender-me a mim. Ele *põe* a polícia a defendê-lo a ele. Isto vai perder-nos aos dois! O meu irmão conseguirá apear-me, se tal continua. Preciso de esbirros, senhor D. Estêvão de Portugal, de esbirros! Preciso de poderes efectivos de vida e de morte sobre os meus súbditos.

Estêvão – Vossa Majestade tem tais poderes.

D. Afonso – Não, efectivamente. Nos estatutos, nos papéis, sim. Mas efectivamente eu tenho de procurar vítimas às ocultas. Cães para me servirem, isto é, homens transformados em cães, desses a que todos os reis têm direito não os tenho eu. Devo contentar-me com cães autênticos. *(D. Estêvão mostra-se particularmente sensível a esta queixa. Dá a entender que, para servir El-*

Rei, de bom grado seria cão) Aí vêm eles! Peço-vos que se retirem, senhores, que os cães aí vêm!

(D. Estêvão e D. Álvaro fazem uma vénia e saem cada um para o seu lado. Entra da D. um amestrador de cães com quatro cães, cães mesmo, dois em cada trela)

D. Afonso – (Rindo às gargalhadas e gritando) Eh, Russo! Eh, Malhado! Eh, Galfarro! Eh, Comilão!

(Afaga-os. Depois introduz o braço dentro da cadeirinha donde vai tirando ossos já roídos de pernas de galinha que lhes dá. Os cães saltam de contentes)

QUADRO XVII

(Casa de Clara. Cena deserta. Abre-se a porta. Entram Francisco e Leonor)

Leonor - É favor esperar um pouco. Eu vou avisar a Senhora D. Clara.

(Uma pausa. Francisco vai até à janela. Entra Clara)

Clara – O senhor Francisco de Mendonça aqui? Que aconteceu?

Francisco – Minha senhora, desculpe a brutalidade da notícia que vou dar-lhe...

Clara – Oh, céus que foi?

Francisco – Luís de Menezes acaba de bater-se em duelo com seu irmão.

Clara – O Luís morreu? Foi ferido?
Francisco – Não, felizmente.
Clara – *(Recompondo-se)* E o Estêvão?
Francisco – Também não. Porém, minha senhora, seu irmão sabe tudo.
Clara – Tudo?
Francisco – Os vossos amores, os vossos encontros, a visita do Luís a esta casa ontem à noite... Sabe tudo...
Clara – Oh! Meu Deus! Que me fará ele?
Francisco – Receio que tencione matá-la.
Clara – A mim?
Francisco – A si...
Clara – Oh! Que pena! A vida é tão agradável!
Francisco – Ele jurou que a mataria, cortando-lhe a garganta...
Clara – Ah! *(Cai numa cadeira)*
Francisco – Desculpe, ouça... Está a ouvir-me?
Clara – Fale, diga...
Francisco – Desculpe, achei que devia vir avisá-la.
Clara – Fez muito bem. Ó meu Deus! Parece-lhe que ele me mata? Será capaz de me matar mesmo? Às vezes duvido. Outras vezes...
Francisco – Está convencido que a senhora manchou a pureza do seu nome...
Clara – Do nome dos Portugais? Está convencido disso? Então mata-me, ai mata-me, mata-me sem dúvida nenhuma. Entra por aquela porta e degola-me.
Francisco – Parece-me sensato evitar pelo menos o primeiro ímpeto.
Clara – Como?
Francisco – Não tem parentes a casa de quem se acolha?
Clara – Tenho. Mas quem me há-de acompanhar?
Francisco – Eu.

Clara – O senhor Francisco de Mendonça?
Francisco – Decerto.
Clara – E se nos vêem, se nos encontram?
Francisco – Ponha a sua mascarilha.
Clara – Boa ideia! Meu Deus! Tremo de susto!
Francisco – Terá o meu braço para a proteger.
Clara – Coitada de mim! Fugir do meu próprio irmão!...
Francisco – Não é do seu irmão que foge. É de um louco.
Clara – Aceito a sua companhia. Mil vezes obrigada.
Francisco – Protegê-la é para mim um dever.
Clara – Espere-me um momento, por favor... Vou pôr a capa e a mascarilha.

QUADRO XVIII

(Casa de Beatriz. Beatriz está em cena na posição em que a vimos no 1.º Acto e com o mesmo livro na mão)

Leonardo – (Entrando da D.) Minha senhora! O senhor Francisco de Mendonça pede para ser recebido com urgência.
Beatriz – Francisco? Oh! Céus! Que entre.

(Pausa. A meio da casa, nervosíssima. Entra Luís de Menezes. Leonardo sai)

Beatriz – Ah! é o senhor! Mas é o senhor que se chama Francisco de Mendonça? Em que ficamos, afinal? Eu própria até já duvido...

Luís – A senhora ama o verdadeiro, o autêntico, o único Francisco de Mendonça. Eu sou o único, o verdadeiro, o autêntico Luís de Menezes Alcoforado.

Beatriz – Mas ontem o senhor aceitou outro nome...

Luís – Deixemos o dia de ontem que já lá vai e vamos ao dia de hoje, que está bastante encrencado!

Beatriz – Onde está o Francisco? E o meu pai?

Luís – O seu pai bate-se em duelo com o Francisco!

Beatriz – E ele aceitou um duelo com o meu pai?

Luís – O senhor D. Álvaro obrigou-o a isso, de cabeça perdida.

Beatriz – Meu Deus! Deu-se o que eu temia, o que eu receava!

Luís – O duelo foi interrompido pela súbita chegada de El-Rei. Mas o Francisco e o seu pai foram continuá-lo para outro local.

Beatriz – Para onde? Para onde?

Luís – Sei lá, para algum descampado fora de Lisboa. Talvez em Santa Marta ou nas Amoreiras.

Beatriz – E sou eu a causa, a autora deste destino terrível e sanguinário! Luís, não sei porquê, sinto-me parricida!

Luís – Acalme-se!

Beatriz – Oh! sim, suspeito que tenho alma de parricida! E se for o meu pai a matar o Francisco? Julga que de futuro poderei olhar para ele sem rancor?

Luís – Acalme-se, minha senhora! Então!? É provável que nem o seu pai mate o Francisco, nem o Francisco mate o seu pai. Este duelo não terá nenhuma consequência.

Beatriz – Então é inútil.

Luís – Totalmente.

Beatriz – Então para que o fazem? Só para me arreliar?

Luís – Para descarregar os humores concentrados...

Beatriz – E quem é que tinha humores concentrados?

Luís – O seu pai. Mas o Francisco há-de fazer tudo para nem sequer arranhar o pai da mulher que venera...

Beatriz – Acha que ele me venera? Que não me mente quando diz que me venera?

Luís – Venera-a, sim, minha senhora.

Beatriz – Oh! Meu adorado! Meu adorado! O senhor julga que poderei ficar sossegada nesta casa enquanto o meu pai e o meu Francisco se batem por esses campos?

Luís – Acho que pode ir-lhes ao encontro. Eu acompanho-a, minha senhora.

Beatriz – Oh! Obrigada! Obrigada! Depressa! Vamos procurá-lo!

(Toma o braço de Luís e saem ambos pela D. Escuro. Música)

QUADRO XIX

(Cena quase vazia. Luz à D., sobre a tabuleta da "Estalagem do Guitarrista" e sobre Gonçalo que descasca e come uma maçã. Aproximam-se Francisco e Clara mascarada)

Francisco – Gonçalo, viste o senhor Luís de Menezes?

Gonçalo – Não, senhor.

Clara – Meu Deus! Esta demora não quererá dizer que ele e Estêvão...

Francisco – Apressemo-nos. Vou deixá-la em casa dos seus parentes, antes que o senhor D. Estêvão a encontre e a degole. Vamos.

Clara – Vamos!

Francisco – Desçamos já por estas escadinhas...

(Descem pelas escadas da orquestra à D., Gonçalo acaba de descascar a maçã que esconde à entrada de Francisco e come-a gulosamente. Entram da E., Luís e Beatriz)

Luís – Viste o teu amo?
Gonçalo – Vi, sim, senhor D. Luís. Esteve aqui agora mesmo e perguntou pelo senhor D. Luís.
Beatriz – E estava mal?
Gonçalo – Não me pareceu.
Luís – Estava ferido?
Gonçalo – Não me pareceu.
Beatriz – Estava morto?
Gonçalo – Não me pareceu.
Beatriz – Salvo! Ah!... e o meu pai? Luís, ele está morto o meu pai?
Luís – Ele disse-te se matou ou não matou o senhor D. Álvaro?
Gonçalo – Nem que sim nem que não.
Beatriz – Estava pálido?
Gonçalo – Assim, assim...
Beatriz – Tinha cara de ter matado alguém?
Gonçalo – Talvez. Vinha acompanhado duma senhora.
Beatriz – Duma senhora?
Gonçalo – Sim! Mascarada!
Beatriz – Oh! O traidor...
Luís – Beatriz, sossegue. Havemos de encontrá-lo. Mas tranquilize-se, nada de grave terá acontecido.

(Saem pela D. B. Música. Da orquestra, pela E. entram D. Álvaro e D. Estêvão)

D. Álvaro – Ora cá chegámos, D. Estêvão. Vejamos se os tratantes estão na Estalagem. Eh, rapaz! O senhor Francisco de Mendonça está?

Gonçalo – Não, senhor.

D. Álvaro – E o outro?

Gonçalo – Qual?

D. Álvaro – O senhor Francisco de Mendonça.

Gonçalo – O senhor Luís de Menezes?

D. Estêvão – Esse mesmo.

D. Álvaro – O Senhor Francisco de Mendonça.

Gonçalo – Também não está.

D. Álvaro – Não está...

D. Estêvão – Senhor D. Álvaro. Vou agora à minha casa, ajustar as contas com Clara.

(Movimento para centro. Apaga-se "Estalagem". Acende-se o C.)

D. Álvaro – Peço-lho que não seja muito severo.

D. Estêvão – Severo, eu? Mas neste caso não há severidade nem clemência. Há uma questão de honra! Vou verificar se ela manchou o nome dos Portugais. E se o manchou... se o manchou... cumprirei o meu dever! Trr! *(Gesto de degolar)*

D. Álvaro – Posso ajudá-lo, senhor D. Estêvão?

D. Estêvão – Com certeza...

(Escuro. Luz à E.)

D. Estêvão – Leonor! Leonor!

Leonor – (Entra) Senhor D. Estêvão?

D. Estêvão – Diz à senhora D. Clara que venha aqui.

Leonor – A senhora D. Clara?!
D. Estêvão – Sim! Porque ficaste espantada?
Leonor – É que a menina saiu...
D. Estêvão – Sozinha?
Leonor – Com o senhor Francisco de Mendonça.
D. Estêvão – Oh!
D. Álvaro – Com qual deles?
D. Estêvão – Não seria o senhor Luís de Menezes Alcoforado?
Leonor – Era o senhor Francisco de Mendonça.
D. Estêvão – Oh! Que infâmia! Que me diz a este D. Juan Tenório que faz a corte a sua filha e vem raptar minha irmã?
D. Álvaro – Queira Deus que não tenha raptado as duas...
D. Estêvão – As duas? Isso seria o cúmulo, senhor D. Álvaro!
D. Álvaro – Depois do que se tem passado desde ontem, senhor D. Estêvão, os cúmulos já não me assustam. Vamos a minha casa.

(Escuro. Acende-se a luz da D. A., sobre Leonardo)

D. Álvaro – Leonardo, a senhora D. Beatriz saiu por acaso, ou por acaso estará em casa?
Leonardo – A senhora saiu.
D. Álvaro – *(Para Estêvão)* Está a ver? E saiu sozinha?
Leonardo – Saiu acompanhada.
D. Álvaro – Com quem?
Leonardo – Com o senhor Francisco de Mendonça.
D. Álvaro – Com qual deles?
Leonardo – O senhor Francisco de Mendonça...
D. Estêvão – É fantástico!

D. Álvaro – Ah! Esse homem é o Grã-Turco, é um Paxá, é o Bey de Argel!

D. Estêvão – E agora, que fazer?

D. Álvaro – Procurá-lo por essas ruas. E quando o tivermos encontrado...

D. Estêvão e *D. Álvaro – (Ao mesmo tempo)* Matá-lo! Vamos!

(Saem pela D. Escuro. Música)

QUADRO XX

(Uma rua. Entram dum lado Francisco e Clara - mascarada - e do outro, D. Estêvão e D. Álvaro)

D. Álvaro e D. Estêvão – (Tirando a espada) Ah! Miserável! Canalha!

(Francisco desembainha a espada)

D. Estêvão – Quem é essa senhora?

Francisco – Esta senhora, se vem mascarada, é porque não deseja ser reconhecida. Um cavalheiro, digno desse nome, tem a obrigação de respeitar o mistério.

D. Álvaro – Não o respeito eu, apesar de ser cavalheiro e honrado. A minha filha não consegue mascarar-se a meus olhos!

Francisco – Não é a sua filha! Juro-lhe que não é a sua filha.

D. Estêvão – Mas é minha irmã! *(Avança para lhe tirar a mascarilha)*

Francisco – (Interpondo-se) Não consentirei que um homem que não estimo nem respeito tente desvendar o incógnito duma senhora que me acompanha.

Clara – (Tirando a mascarilha) Estêvão, sou eu, sim. Fugia para escapar às tuas ameaças, à injustiça das tuas violências tresloucadas!

D. Estêvão – Tu manchaste o nome dos Portugais!

Clara – Não, nunca! Tu é que consideras um crime a livre escolha dum fidalgo nobre e honrado para noivo, para esposo.

D. Estêvão – É este o teu esposo? É nessa mão tinta do meu sangue que desejas pousar a tua?

D. Álvaro – A minha filha, infame? Que fizeste dela, que as trazes enganadas a ambas. Em que antro a depuseste? Onde está a tua outra vítima?

Francisco – (Ansioso e com afecto) A sua filha? Ainda hoje não a vi. Mas porquê? Beatriz... Que é feito de Beatriz?

D. Álvaro – Isso é o que te pergunto a ti, sedutor infernal!

Beatriz – (Entrando do outro lado com Luís) Meu pai! *(Para Francisco)* Oh! está vivo! Meu Deus! Como sou feliz!

D. Álvaro – Oh! Minha filha. *(Abraçam-se)* Conseguiste escapar à sedução de Francisco de Mendonça?

Beatriz – Ninguém quis seduzir-me, meu pai. Saí de casa porque receei que estivesse a bater-se em duelo com o senhor Francisco de Mendonça...

D. Álvaro – Com qual deles?

Luís – (Apontando Francisco) Com aquele.

D. Álvaro – E foi por isso que saíste de casa com o outro?

Beatriz – Sim, para me interpor entre o meu pai e o homem que eu amo...

D. Álvaro – Que é este... *(Indica Luís)*

Luís – (Indicando Francisco) ...que é aquele.

D. Álvaro – Ah, é aquele? Não compreendo...

Luís – É fácil. Senhor D. Álvaro: se me ouvir, ficará a compreender tudo.

D. Álvaro – Mas eu não quero compreender nada... *(Sobe)*

D. Estêvão – E tu, Clara, porque acompanhaste este homem?

Clara – Para fugir de ti.

D. Estêvão – Sustentas que não o recebeste ontem na tua alcova?

Clara – Recebi ontem na sala da nossa casa o senhor D. Luís de Menezes Alcoforado.

Luís – Que sou eu... E tenho a honra de lhe pedir a mão da sua irmã!

D. Estêvão – Amam-se?

Luís e Clara – Sim, há muito...

D. Estêvão – Então casem-se e sejam felizes...

Clara – Oh! Estêvão! Obrigada! Obrigada!

Luís – Senhor D. Estêvão! Eu não esperava que consentisse tão rapidamente. Deu-me tudo o que eu desejava possuir. Muito obrigado.

D. Álvaro – Porque se abraçam?

Beatriz – Porque ele consentiu em que se casassem.

D. Álvaro – Muitos parabéns, senhor D. Estêvão, muitos parabéns, Clara, muitos parabéns, senhor Francisco de Mendonça.

Luís – Luís de Menezes...

D. Álvaro – Pois, pois... Muitos parabéns... Muitos parabéns. Mas... que estou eu a fazer? A ajudar a esta infâmia? Beatriz, achas bem que este senhor Francisco de Mendonça case com Clara? Aprovas o casamento?

Beatriz – Aprovo...

D. Álvaro – Mas ele estava ontem na tua alcova. Vi-o eu e viu-o o senhor D. Estêvão...

Francisco – Senhor D. Álvaro. Eu sou Francisco de Mendonça...

D. Álvaro – Já disse que não quero saber disso para nada, irra!

Francisco – *(Com desespero)* Mas eu é que sou filho do meu pai.

Luís – Perdão! Isso também eu sou.

Francisco – Senhor D. Álvaro, se me desse licença de falar...

D. Álvaro – Francisco de Mendonça ou não Francisco de Mendonça, diga o que deseja.

Francisco – Desejo a mão de sua filha.

D. Álvaro – O senhor pede-me a mão da minha filha?...

Francisco – Peço-lha, com todo o ardor.

D. Álvaro – Sabe que encontrei o senhor Francisco de Mendonça no quarto dela?

Francisco – Sei.

D. Álvaro – E não se importa?

Francisco – Não me importo.

D. Álvaro – Bravo! Que coragem! Beatriz, tu casarás com este Francisco de Mendonça. Está decidido.

Beatriz – É o meu único desejo.

D. Álvaro – Ainda que o não fosse, casavas à mesma.

D. Estêvão – Perdão, subsiste ainda uma questão entre mim e o senhor Francisco de Mendonça.

D. Álvaro – Com qual deles?

D. Estêvão – (Indica Francisco) Com aquele... Esse homem atravessa-se constantemente no meu caminho. Agora mesmo acaba de me roubar a noiva que eu tinha escolhido. Senhor, quando quer continuar o nosso duelo interrompido?

Francisco – Imediatamente, se o desejar.

D. Estêvão – Seja!

D. Álvaro – Vamos, sosseguem, mancebos. Então, senhor D. Estêvão, não está contente de ver a sua irmã casada com o senhor Francisco de Mendonça? *(Indica Luís)*

D. Estêvão – Espero que a faça feliz...

D. Álvaro – E o senhor Francisco de Mendonça *(Indica Francisco)* não está contente de casar com Beatriz?

Francisco – Oh, sim, senhor D. Álvaro.

D. Álvaro – Então que a alegria que traz a felicidade seja mais forte que o vosso rancor. Vamos lá, um pouco de grandeza de alma! Peço-vos, senhores... O que lá vai, lá vai Senhor D. Estêvão, estenda a mão àquele senhor...

D. Estêvão – Mas perdão...

Clara – Estêvão, estende, estende a mão, é a tua irmã que to pede.

Beatriz – Estenda a mão... Peço-lhe, de joelhos!

Todos – Estenda, estenda...

D. Estêvão – Bem... *(Estende a mão que Francisco não aperta)*

D. Álvaro – E o senhor agora vai apertar aquela mão que já ali está estendida.

Francisco – Mas...

Beatriz – Aperta, Francisco, aperta!

Clara – Francisco! Aperte, Francisco!

Todos – Aperte, aperte...

Francisco – Bem... nesse caso...

(Apertam as mãos)

D. Álvaro – E agora, meus amigos, vamos para minha casa celebrar o acontecimento feliz. Todos de acordo?

Todos – Estamos de acordo. Todos de acordo. Vamos, vamos.

D. Álvaro – D. Estêvão! O senhor e eu ficamos de fora! Infelizmente não se pode dizer que formemos um lindo par...

D. Estêvão – Em breve chegará a nossa vez, senhor D. Álvaro.

D. Álvaro – Faremos promessas a Santo António para que o nosso casamento não demore...

D. Estêvão – Os nossos casamentos, é o que quer dizer...

D. Álvaro – Claro... Ah, Senhor D. Estêvão, aí vem El-Rei.

D. Estêvão – Vamos, senhor, vamos.

(Música. Entram Gonçalo e Inês. D. Estêvão e D. Álvaro vão colocar-se a um dos lados, por onde vai entrar D. Afonso. No plano superior os três pares beijam-se. Entra D. Afonso, seguido do seu séquito, cães e embuçados. Desfile com música. Final com toda a gente. Jogo cénico com a mantilha. D. Estêvão, de gatas, coloca-se ao lado dos cães de El-Rei e ladra)

Esta farsa foi representada pela primeira vez pela Companhia do Teatro Popular de Lisboa, em 24 de Julho de 1962, numa encenação do seu director, Pedro Bom, com cenários de Mário Alberto, figurinos de Andrade e Silva, direcção de pantomimas de António Almor.

A Celestina

Peça em 9 Quadros
Versão de Fernando Rojas

PERSONAGENS

Celestina – Alcoviteira
Plebério – Senhor
Alisa – Sua mulher
Melibeia – Única filha destes últimos
Calisto – Senhor, amante arrebatado de Melibeia
Elícia – Mulher da vida, em casa da Celestina
Areusa – Idem e grande beldade
Lucrécia – Acompanhante de Melibeia
Semprónio – Criado de Calisto, compadre virtual da Celestina
Parmeno – Criado de Calisto
Centúrio – Rufia, brigão e matador
Crito – Chulo
Rapazes femeeiros, raparigas da vida, povo

A acção decorre numa cidade da Espanha do sul, enquanto Granada se encontra sitiada pelo exército dos Reis Católicos, em ocasião que o destino determinou, entre 1482 e 1492

I QUADRO

(Rua. Noite. Quando o pano sobe, Semprónio, Crito e Centúrio, assim como diversas raparigas, entram)

Semprónio – Aproveitai! Respirai o arzinho da noite. Enquanto não chegar a manhã faz a Celestina a ronda dos cemitérios, juntando material para as suas alcovitices, *(Gargalhada)* proxenetices, *(Gargalhada)* manhas, maranhas e artimanhas. *(Gargalhada)* E enquanto por lá rondar, ignora que vós, virgens vestais *(Gargalhada)* virginadas, *(Gargalhada)* re-virginadas *(Gargalhada)* re e re e re...

Todos – ...virginadas!

Semprónio – ...ignora que vós debandastes para gozar santa folia!

Todos – Viva, viva!

Semprónio – Aproveitai, que a noite já chega ao fim. *(Pausa)* Grandes cadelas! *(Murmúrios)* Garças, garças da minha alma! *(Murmúrios)* Queridas meretrizes! *(Gritos)* Divinas prostitutas! *(Gritos de alegria)* Putas!

Todos – *(Grande algazarra)* Bravo! Bravo! Muito bem!

Uma Rapariga – Viva Semprónio!

Todos – Viva!

Centúrio – Para falar, temos homem! *(Bebe)*

Crito – As raparigas gostam mais dele quando fala do que quando... *(Bebe)*

Semprónio – Cada qual tem a sua especialidade...

Uma Rapariga – A tua, sou eu! *(Dum salto, atira-se para Semprónio que a recebe nos braços. Grande algazarra. Outra rapariga salta-lhe para os ombros. Outras ainda. Semprónio cai)*

Centúrio – *(Com desprezo)* Não se aguenta no balanço, o papa-açorda!

(As restantes, levando Crito, correm sobre Centúrio que, visivelmente bêbedo, desembainha a sua enorme espada. Este grupo movimenta-se no palco. Entra Parmeno que logo é levado no movimento. Vem perdido, sonolento, trazendo no braço um rico gibão)

Parmeno – (Desce a primeiro plano, enquanto o movimento continua) Negócio de vinho e rameiras pela noite dentro... Temos Semprónio por aqui... Semprónio! Semprónio!

Semprónio – (Surgindo) O que há?

Uma Rapariga – Quem é este clérigo-aprendiz?

Outra – Fugiu do seminário?

Parmeno – (Chama) Semprónio!

Outra – Vê lá se te aparece o demónio na escuridão...

Outra – Ou se te devora alguma mulher ruim... *(Gargalhadas)*

Semprónio – Caluda! Parmeno fora da cama antes da luz do dia... o caso é sério. O que há?

Parmeno – Eh, Semprónio... *(Puxa-o a um plano isolado)* Viste o nosso amo?

Semprónio – Não... *(O grupo rodeia-os)*

Parmeno – Saiu de casa, a meio da noite, em mangas de camisa...

Semprónio – Foi tomar o fresco. Vai-te embora!

Parmeno – Há três noites que faz o mesmo.

Semprónio – Vai tu dormir, deixa o nosso amo em paz. Andas-lhe no encalço para lhe dares o gibão, não vá ele constipar-se? *(Gargalhadas)* Olha quem! Ele não se perde.

Parmeno – (Olhando para um dos lados) Ei-lo...

Semprónio – (Vendo Calisto) Escondam-se, depressa! *(Um pequeno reboliço)*

Centúrio – Não tenho de que me esconder! Com esta espada...

(Uma rapariga trepa-lhe às espáduas e tapa-lhe o fôlego com o antebraço. Duas outras puxam-no para um esconderijo. Todos estão escondidos. Semprónio toma o gibão do braço de Parmeno e avança, quando Calisto aparece)

Semprónio – Senhor Calisto, a estas horas...

Calisto – Olá, Semprónio. Olá, Parmeno...

Semprónio – Notei que saíste de casa e... e, preocupado, procurei-te pelos caminhos, com medo...

Calisto – De quê?

Semprónio – Enfim... de que alguém te atacasse...

Calisto – Desgraçado de ti para quem o mundo é selva onde todos se entrematam e labutam pelo vil interesse... *(Canta um galo)* Para mim, pelo contrário...

Semprónio – Senhor, já desponta a manhã!

Calisto – Pois que venha a maravilhosa claridade que mais do que a noite realça os traços da beleza...

Semprónio – (Para os companheiros) Depressa, para casa! Depressa!

(Todos começam a sair, furtivamente, em silêncio)

Calisto – (Que não dá conta do que se passa à sua volta) Madrugada cinzenta, sol radioso, crepúsculo mortiço! Seja a que horas for, nunca ousarei tocar sequer a fímbria do seu vestido!

Semprónio – (Dividido entre o que diz e o movimento dos outros) Sem dúvida, senhor, sem dúvida... Realmente, há coisas... Ao menos, veste o gibão!

Calisto – Oh... *(Veste o gibão. Os dois criados trocam sinais discretos de quem nada percebeu)* Carinhosa ideia a tua, Semprónio, trazer-me o gibão...

Semprónio – Eu, por mim, dia e noite, sempre a cuidar no meu amo... *(Um sino toca)*

Calisto – Chamam para a missa... Piedosa Melibeia, se a piedade te levar ao templo, talvez me seja dada a ventura de te contemplar, mesmo de longe... de longe... *(Sai)*

Semprónio – Percebeste?

Parmeno – Nada...

Semprónio – Nem eu.

Parmeno – Estará endemoninhado?

Semprónio – Ou maluco. Antes endemoninhado, pois nesse caso o diabo abandona-lhe o corpo mediante tratamento adequado. A maluqueira é pior: agarra-se, e às vezes, por toda a vida jamais o espírito se liberta. Que mundo este! Um homem como Calisto, rico, fidalgo, letrado, acorda um dia feito miserável. Um miserável como tu, que nada vales, nada tens, nada sabes, nem sequer sabes beber uma caneca de tinto e ficas em casa a dormir, enquanto a noite nos atira para os braços formas carnudas e roliças... *(Aparece Lucrécia)* Cala-te! *(Puxa-o para um lado)*

Lucrécia – Vamos...

Calisto – *(De fora)* Formosa Melibeia! *(Melibeia entra, nervosa. Vai ao centro da cena)*

(Entra Calisto impetuosamente, cai de joelhos junto dela)

Calisto - Senhora...

Melibeia – Que queres?

Calisto – *(Pausa, acalma-se)* Aqui vejo, Melibeia, a grandeza de Deus!

Melibeia – Em quê, Calisto?

Calisto – Que a natureza se tenha honrado de criar tamanha beleza como a tua.

Melibeia – *(Irritada)* Oh!

Calisto – E que o acaso permita que te encontre neste lugar. A obra divina será completa se me autorizas a confessar-te o meu secreto, imenso sofrimento!...

(O sino cala-se. Melibeia reage, hesita)

Lucrécia – Senhora! A missa principia! Vossa mãe estranhará tanta demora!

Melibeia – Espera!

Calisto – Os gloriosos santos que no céu se deleitam com a visão divina, não alcançam o esplendor de te contemplar. Eles se gloriam, pois nunca perderão a bem-aventurança. E eu... quase me alegro por receio do esquivo tormento que a tua ausência me há-de causar.

Melibeia – É prémio para ti que assim seja, Calisto?

Calisto – Prémio e privilégio! Se Deus no paraíso me desse assento mais alto que o dos santos, não seria para mim tanta a felicidade.

Melibeia – Então, persiste! Porfia! Se porfiares receberás o galardão que mereces.

Calisto – Bem-aventuradas orelhas minhas, indignas de ouvir tal música!

Melibeia – Mas dignas do que te vou dizer, em paga do teu louco atrevimento! *(Cara a cara com ele)* Sei o que desejam aqueles que saltam ao virtuoso caminho duma mulher, para a macular e perder. Não é de verdadeiro fidalgo tão rasteiro ultraje, Calisto! Vai-te! Vai-te! Não tolero que um coração humano me haja comunicado o

ilícito deleite dum amor ilícito. *(Excitadíssima, mas hesitante, sem se dispor a partir. O sino toca)*

Lucrécia - Senhora! *(Saem as duas)*

Calisto – (Caindo de joelhos na direcção dela, prosternando-se) Oh! Ficarei beijando o pó no sulco das suas vestes. O desespero me consumirá, se assim o desejas, Melibeia...

Semprónio – (Aproxima-se) Que fazes, senhor, em tão humilde e cómica posição?

Calisto – Assim ficará a minha alma para sempre!

Semprónio – De pé, senhor, de pé... *(Tenta ajudá-lo a erguer-se)*

Calisto – Deixa-me! *(Ergue-se)* Desgraça a minha! Com o meu procedimento, mais uma vez provei a seus olhos que não sou fidalgo verdadeiro.

Semprónio – Senhor...

Calisto – Cala-te! Desaparece! Com mil demónios! Se não foges da minha vista, antes que morra de raiva estas mãos causarão o teu arrebatado fim! *(Sai)*

Parmeno – Por todos os anjos do céu! O nosso amo vai perdendo as luzes!

Semprónio – Quer sofrer sozinho as penas do amor. Que acontecimento contraditório roubou a este homem a alegria e, pior ainda, o juízo? Deixo-o sozinho ou não o deixo sozinho? Vou ou não vou? Qual é a minha obrigação de leal criado e, vamos lá, de protector? Se o deixo só, mata-se. Se lhe apareço, mata-me ele a mim.

Na verdade, havendo alguém de morrer, que morra ele, a quem a vida é molesta. A minha gozo-a quanto posso. E ainda que à existência nada mais me prendesse que o desejo pela minha Elícia, mesmo assim valeria a pena acautelar de perigos este corpinho. Vou ou não vou? Não vou: é preciso que esteja só, coitado, para que a impetuosidade sangre e

desbrave. Chora, Calisto, chora pr'aí, alma penada, bate com a cabeça nas pedras, que com lágrimas e dores se desinflama o coração dorido! Por outro lado... dizem os sábios que na solidão mais se avoluma o enquista o sofrimento... Vou ou não vou? Vou! Quando me sentir junto de si, desata aos impropérios, transborda de raiva! Isso me dará ocasião de mostrar a minha habilidade para o sofrer e o consolar. E talvez que desta humana caridade me seja possível retirar alguma coisa em proveito próprio.

II QUADRO

(Casa de Calisto. Calisto entrega a Semprónio um alaúde. Parmeno sen um canto)

Calisto – Toma e canta.

Semprónio – Não posso, o instrumento está destemperado.

Calisto – Destemperado estás tu também. Destemperado estou eu a quem a razão não obedece. Toma e canta para mim a mais triste das canções.

Semprónio – Cantar, eu? Desde que, há uma semana, te acometeu esse mal incompreensível, tiranizas os teus criados! Não te basta sobre nós descarregares, à paulada, a tua raiva! Agora obrigas-me a cantar!

Calisto – Canta!

Semprónio – (Envergonhado) Senhor, com franqueza! *(Calisto agarra-o)* Pronto, cantarei! Com tua licença. *(Canta)*

Quando Nero na Tarpeia
olhava Roma que ardia,
as criancinhas gritavam.

Nero não se comovia...

Calisto – Idiota! Tivesse Nero contemplado incêndio igual ao que me devora e a comoção não o poupava.

Semprónio – Salvo o devido respeito... *(Calisto ameaça-o com uma vara)* Pronto, calo-me. De mau grado, mas calo-me.

Calisto – Fala! *(Pausa)* Fala, livremente!

Semprónio – Livremente? *(Olha a vara)*

Calisto – Palavra de gentil-homem. *(Atira a vara fora)*

Semprónio – E comprometes-te a ouvir?

Calisto – Sim.

Semprónio – Ah, bem! Senhor... *(À cautela apanha a vara)* Senhor, seja o que for que eu diga, tudo te vai bater ao mesmo sítio. Falo de flores e logo tu pensas: Melibeia; falo da guerra contra os mouros e tu: Melibeia; falo do imperador Nero e tu: Melibeia. Chego a temer-me de pronunciar palavras como burro ou cavalo...

Calisto – Melibeio sou... Melibeia adoro... Melibeia amo...

Semprónio – Vejo Melibeia dentro de ti tão grande e instalada que tem fatalmente de te sair pela boca aos borbotões. Conheço a tua doença.

Calisto – Qual é?

Semprónio – Submetes a tua dignidade de homem à imperfeição da fraca mulher.

Calisto – Mulher! Grosseira palavra! Melibeia é Deus. Não reconheço no céu outro soberano. *(Gargalhada de Semprónio)* De que te ris?

Semprónio – Da enormidade da tua blasfémia, maior do que a de Sodoma pois aí se praticava amor com anjos desconhecidos e tu pretendes o próprio Deus para o mesmo fim!

Calisto – Maldito sejas! Falas do que nunca pensei!

Semprónio – (Pausa) Não a desejas? Que lhe farás toda a vida? Carpir, contemplar, padecer?

Calisto – Tão indigno me sinto perante aquela que amo, que a não espero alcançar!

Semprónio – (Alto, forte) Cobardia! Cobardia!

Calisto – Qual?

Semprónio – A tua, perante uma mulher.

Calisto – (Atira-se a Semprónio) Ah, renegado, tu atreves-te...

Semprónio – Tens de me ouvir! *(Afasta-o com a vara)* Melibeia é igual às outras! Será que dela te consideras indigno porque, devido à tua falada tetravô, que se laureou com um infiel, receias que te corra nas veias sangue mourisco? Porque te sentes em linhagem inferior a ela?

Calisto – Ah, cão! Maldito sejas!

Semprónio – Já longe vai o feito da avozinha, não penses mais nele! As mulheres começam por negar. Mas se negando se alteram e irritam e se exaltam e ruidosamente repelem, isto quer dizer que as turbou o prazer adivinhado.

Calisto – (Irónico) Todas?

Semprónio – Se não todas, como adivinhar qual constitui excepção?

Porque há-de ser Melibeia caso à parte?

Calisto – Ousas misturá-la na lama dos teus pensamentos? E a grande qualidade, riqueza, formosura, graça, dignidade da família exemplar...

Semprónio – Pouca coisa!...

Calisto – E os cabelos resplandecentes, atados em altiva madeixa, prontos a converter os homens em pedras! Os olhos rasgados, coloridos, longínquos por respeito; longas pestanas, sobrancelhas alçadas em suprema dignidade! Boca pequena, dentinhos miúdos e brancos! E o peito alto, a

redondez do pequenino seio, que um homem desespera quando o contempla...

Semprónio – Tudo isso, de que falas tão apaixonadamente, poderá ser teu!...

Calisto – Como?!

Semprónio – Ela deseja-te a ti, ou a outro pior do que tu.

Calisto – Provas!

Semprónio – Tal como à matéria apetece a forma, à mulher o homem apetece. Assim os formou a natureza.

Calisto – E quando verei isso cumprido entre mim e Melibeia?

Semprónio – Eu alcançarei o que desejas.

Calisto – Tal seria o único findar dos meus tormentos. Indispensável para que a razão me volte.

Semprónio – E a alegria! O que é a razão sem alegria? De há dias para cá mais pareces um texugo infeliz...

Calisto – Este gibão é teu, Sempránio. É brocado do melhor. Aqui o tens, em recompensa da esperança que me dás.

Semprónio – Que Deus te ajude! *(Aparte)* Por este e pelos muitos mais que me hás-de oferecer. *(Alto)* Teremos primeiramente de forçar a entrada em casa de Melibeia, isto é, do nobre Plebério, seu pai.

Parmeno – Como, não me dirás?

Sempránio – Se por acaso a porta não ceder... têm-se assaltado conventos e castelos...

Parmeno – Não sabes o que dizes. Melibeia está bem guardada. Não dá passada sem que Lucrécia, sua aia, a acompanhe.

Calisto – Só por milagre! Só por milagre escaparei desta desdita!

Sempránio – Pois os milagres te ajudarão!

Calisto – E quem os fará? Que Deus me entregará, por milagre, Melibeia, a sua obra mais sublime?

Sempránio – (Pausa) Conheço uma velha barbuda, com seu quê de bruxa, mulher sagaz nas maldades do mundo, prática dos filtros e artimanhas que ajudam os amores.

Calisto – Quem é essa velhaca?

Sempránio – Velhaca, sim. Mas por manigância sua, nesta cidade se fizeram e desfizeram nos últimos anos para cima de cinco mil virgindades. Em meu fraco entender, ela será capaz, se quiser, de excitar as duras pedras e levá-las à luxúria desvairada!

Parmeno – (Indignado) A Celestina?!

Sempránio – A Celestina! A Celestina fará o milagre!

Calisto – Vai buscá-la. Quero falar-lhe. Que venha aqui.

Parmeno – Aqui?!

Sempránio – Não seria a primeira casa honrada onde já penetrou.

Parmeno – Nada de bom te virá de Celestina, senhor. Juro!

Sempránio – Cala-te, parvo! Cala-te!

Calisto – Terá este rapazola mais siso do que eu e do que tu? A mim também me seduz o que propões...

Sempránio – Irei a sua casa, já de seguida, convencê-la a trabalhar por nós. Pintarei a tua dor de modo que ela tome o negócio como seu e lhe dê o remédio.

Calisto – É preciso... É preciso prudência, Sempránio...

Sempránio – Prudência... eu sou experimentado nos tratos desta vida!

Calisto – (Pausa) Vai! Que o diabo te acompanhe!

Parmeno – (Puxando à parte Sempránio) Queres perder o nosso amo? Queres?

Sempránio – Juízo, hein? Senão, terás de te haver comigo! *(Alto)* Senhor!

Calisto – Sem tardança, Sempránio. Vai, depressa!

Sempránio – (Saída falsa) Existe uma dificuldade.

Calisto – Qual?

Semprónio – É que... trabalhos destes - e eu, que conheço Celestina, sei que neste particular é exigente - enfim... estes trabalhos há que recompensá-los... *(Reacção de Parmeno)*

Calisto – Vai, o serviço não tem preço, pois conduzirá ao que mais ambiciono.

(Semprónio sai)

Parmeno – (Aproxima-se. Forte) Senhor!

Calisto – (De joelhos) Deus Todo-Poderoso! Tu, que guias os desencaminhados e conduziste os reis orientais até Belém, humildemente te suplico que leves Semprónio aonde possa transformar a minha tristeza em prazer, a minha pena em alegria, e que eu mereça alcançar aquilo de que sou indigno!

Parmeno – Senhor! Só por cobiça Semprónio coloca os negócios do teu coração nas mãos da Celestina, Só por loucura tu o aceitas.

Calisto – És por demais criança para compreender a profundidade do meu mal.

Parmeno – Vai matar-nos a todos, aquela puta velha.

Calisto – Cala-te, não profiras soezes palavras.

Parmeno – Porque te agastas? Um porco é um porco. Um morcego é um morcego. Celestina é puta velha. Se estando entre cem mulheres alguém chamar: puta velha!, logo Celestina se volta e responde, de cara alegre. Os pássaros junto dela outra coisa não cantam. As rãs nos charcos: puta velha! Ao pé dos ferreiros repetem os martelos nas bigornas: puta velha! Onde se encontrar Celestina, todos os sons clamam a mesma coisa.

Calisto – Como sabes? Como a conheces?

Parmeno – Dias grandes são passados que minha mãe, que morava na vizinhança, muito instada por essa Celestina, a

ela me deu por servente. A extrema pobreza, senhor... Celestina hoje já não me reconhecerá, pois a idade obrou em mim grande mudança.

Calisto – Que fazias em seu serviço?

Parmeno – O que a minha fraqueza permitia. Guardo dessa época horríveis memórias, que nem a velhice me fará esquecer. E daquela casa, onde Celestina desempenhava seis ofícios: lavadeira, alcoviteira, perfumista, fazedora de adornos, feiticeira e arranjadeira de virgos.

Calisto – De quê?

Parmeno – Com enorme habilidade os restaurava! Servia-se do ofício de lavadeira para encobrir os restantes. E destes é que tirava volumosos ganhos. No quintal havia grandes tanques onde as moças iam lavar a roupa das casas onde trabalhavam. E Celestina, depois de lhes prometer e jurar e trejurar que lhes restituiria a virgindade, vendia o sangue inocente dessas coitadas. A quem e para quê? Já os garanhões tinha em casa escondidos. As raparigas ausentavam-se dos tanques onde iam lavar, e a eles voltavam depois, como se nada fosse. Aquela cadela, em paga, recebia as moedas e demais proveitos grandes ou pequenos. Porque não deixa de tratar com lavrador ou com soldado. Mas prefere de graduado para cima, se for tropa; bacharéis mais que estudantes; melhor ainda juizes togados; sendo clérigo, cónego ou bispo; negociante, sim, se tiver cabedais; mas ministros e embaixadores e dignitários...? Oh...! Através das ditas lavadeiras comunicava com outras raparigas, menos livres de sair de casa, por mais vigiadas. E por ocasião de cerimónias pias, como estações, procissões nocturnas, missas de alva e do galo, trazia-as a sua casa, tapadas sob mantos, círios acesos. Atrás delas, homens vinham piedosamente, rebuçados, de burel, descalços, parecendo

bons penitentes de seus pecados. Depois de entrarem e permanecerem algum tempo, a "piedosa" procissão continuava, como se não houvesse parado. E muito conhecida de todos, muito amiga: então, comadre? Isto e mais aquilo, comadre! Sempre com muita simpatia...

Calisto – Continua que me agrada conhecê-la melhor.

Parmeno – Esta feiticeira, que tem pata com o demónio e invoca espíritos ruins, devia ser presa todas as horas nos calabouços reais!

Calisto – Se é como dizes...

Parmeno – Enquanto nova, as suas costas roçaram-se dezenas de anos nas palhas de todos os alcouces destas províncias. Agora dedica-se a trazer as outras, e com proveito de alcoviteira! E trata-as caso por caso e melhora-as! Esta tem a pele escamosa? Logo compõe bálsamos e perfumes que lhe aplica. Aquela outra... água de rosas para a cara, com jasmim, cidreira, madressilva. E se a pele mostra espinhas e pêlos, em breve a transforma numa tez de anjo. Adelgaça os corpos com sumo de limão, tutano de corça e demais segredos. Para aveludar os seios, untos e gorduras diferentes de vaca, camelo, cavalo, gamo e gineta. Tudo isto preparado nos instrumentos que tem escondidos, alambiques, redomas e retortas, vasos de estanho e de vidro com mil formas diferentes. E sobre estas coisas reza e benze, e exorcisma.

Calisto – Nela já vejo mais que simples mulher.

Parmeno – Bruxa ela é! E milagreira, mas apenas no campo da ruindade. E nesse tais coisas resultam que depressa se crê que o poder dos infernos joga a seu lado. Maldita barbuda! Os virgos, eis um exemplo. O que ela consegue! A umas aplica uma bexiga; a outras dá um ponto. E guarda numa prateleira agulhas muito finas e fios de seda encerados; também, suspensas ali, raízes de alho sanguíneo e cebola

albarrã. Com isto opera maravilhas: quando passou por cá o Embaixador de França, por três vezes lhe vendeu uma criada sua, sempre como virgem. Remediava por caridade muitas desamparadas que a ela recorriam em extrema aflição. E para desencadear amor a favor de amantes não correspondidos? Ossos de coração de cervo, língua de víbora, cabeças de codornizes, fava mourisca, seixos marinhos, corda de enforcado, flor de hera, espinha de ouriço, pata de texugo, grão de feto, pedra do ninho da águia e mil coisas mais. Muitos homens e mulheres lhe vinham implorar. A uns preparava o pão que deviam comer, a outras pedia-lhes as roupas; a outros pintava-lhes letras na palma da mão com açafroa; a outros com cinábrio; a outros dava uns corações de cera com agulhas espetadas, a outros acessórios de barro ou de chumbo com formas espantosas de ver! Pintava figuras e, prosternada, pronunciava palavras e grandes rezas. Pode-se lá dizer o que aquela mulher fazia!

E tudo não passava de burla e de patranha!

Calisto – Basta, Parmeno! O que me contaste deixa-me tranquilo. Bem confiada ficará a minha causa, se ela a aceitar... se Semprónio conseguir convencê-la... Talvez eu próprio devesse tê-lo acompanhado...

Parmeno – Senhor! Eu fugi da casa dessa mulher, ainda criança.

Calisto – Ouve, Parmeno. Melibeia paira lá no alto, sozinho não lhe chego. Celestina é prática nestes negócios. Compreendes?

Parmeno – Celestina já por três vezes esteve presa e entregue à justiça!

Calisto – Cada vez me agrada Celestina mais.

Parmeno – Ficarás metido nas mãos daquela trota-conventos.

Calisto – *(Paciente)* Bom, vou provar-te que estimo o teu conselho. Em tua opinião, que devo fazer?

Parmeno – Iriam melhor empregados em bons presentes a Melibeia os dinheiros com que saciarás a ganância da Celestina, de quem ficarás cativo.

Calisto – Cativo?

Parmeno – Cativo de Celestina, que entre as mãos te tem. doravante, pois lhe ofereceste um segredo teu. Cativo de Melibeia de quem, honestamente, não sabes libertar-te.

Calisto – *(Fora de si)* Não sairás daqui inteiro, velhaco! Que conheces de quem eu amo? E do amor e da honra? Enquanto Semprónio busca remédio para mim, com palavras vãs tu tentas dissuadir, perturbar... Fingindo-te fiel, és um torrão de lisonja, a pousada da inveja. Difamas a velha a torto e a direito e acabas por lançar desconfiança sobre os meus sentimentos. Mas a minha dor não se rege pela razão, não carece de avisos. De conselhos, sim, e de companhia. Mas para ouvir palavras que ainda mais me destroçam, antes estar só, velhaco! *(Sai)*

Parmeno – De repente se exaltou o meu amo. Assim pretende calar as vozes da verdade, que afastará cada vez que lhe apareçam. Não me ouvirá, já não sabe ouvir o que qualquer vê. Vai perder-se, pois caminha cego. Junto dele nada mais posso. Mas não vou parar aqui! Em casa de Celestina, serei leal servidor dos interesses de Calisto. Para lá vou. E depressa, antes que me veja sair e me mande ficar. Depressa. Temo... temo... entrar naquela caverna... que há tanto deixei. Parece-me tal e qual como atrever-me de noite numa capela de ossos onde os morcegos tivessem feito os ninhos. Depressa, adiante! Não hesito mais! E se o demónio lá se encontrar, certamente alguma entidade celeste a vigília sobre mim me há-de procurar e ajudar e proteger.

III QUADRO

(Casa da Celestina. Porta e janela para a rua. Porta para o interior, cama de Elícia e cama de Areusa. Estão em cena Areusa e Centúrio. Crito levanta-se da cama de Elícia, aproxima-se, enche uma caneca e bebe)

Areusa – (Para Centúrio) Vai-te desta casa, rufião! Velhaco, trapaceiro, que queres fazer-me parva, com ofertas para me enganares!

Centúrio – Escuta, anjo do céu...

Areusa – Roubaste-me tudo o que eu tinha! Ofereci-te fato e espada e capa e broquel, camisas aos pares bordadas à maravilha!

Centúrio – Anjo do céu...

Areusa – Armas e cavalo! Coloquei-te, por empenhos, ao serviço dum senhor a quem nem sequer merecias descalçar as botas. Nem me agradeceste! Agora, peço-te que me vás daqui a uma légua por um recado e dizes não!

Centúrio – Anjo do céu! Manda-me fazer coisa que seja do meu ofício. Um duelo sozinho contra três ou mesmo dez! Manda-me matar um homem, cortar a outro um braço ou uma perna! Mas não me peças que faça uma légua de caminho, a pé!

Areusa – Para que é que jogaste o cavalo que te ofereci? Para ficares sem ele? Hein? Fazerem-me, a mim, uma pouca vergonha destas! A mim, que te livrei de seres enforcado, te arranquei das garras da Justiça! Ai quem me mandou dedicar a minha fé a este cobarde? Olhem pr'àquilo! Aqueles cabelos, cicatriz no focinho! E uma porcaria destas tem trinta mulheres na putaria!

Elícia – (Entrando) O que é, o que é?

Areusa – É este hipócrita! Vai ter com elas, que te criem, a mim não me fazes falta! Hipócrita! Gatuno! Porcalhão!

Elícia – Nojento! Poltrão!

Areusa – Fora! Fora!

Elícia – Fanfarrão! Rufia!

Centúrio – Oh, anjos do céu...

Areusa – Este incapaz!

Elícia – Rua! Rua!

Centúrio – Anjos do céu! *(Tenta resistir)*

Elícia – Crito, ajuda aqui. *(Crito não se mexe)*

Areusa – Não é preciso. Com este podemos nós. *(Vira-o de costas. Com um pé no traseiro, Elícia atira-o pela porta fora. Areusa fecha a porta)*

Elícia – Não tem emenda, são todos iguais!

Crito – Falas comigo?

Elícia – Pode ser contigo. Ai, arranjem-me um homem que seja diferente, que não esteja sempre com o sentido de abusar... e...

Crito – Continuas a falar comigo?

Elícia – Bebe. Escusas de te pôr já com ventas de cavalo a relinchar.

O que vale é que dá-se-te um copo e amansas.

Crito – O copo não se enjeita. Mas olha que não basta.

Elícia – Já sei. *(Deixa cair dentro do vinho uma moeda. Elícia e Areusa desatam a rir)*

Crito – Porca! *(Bebe o vinho dum trago e apanha a moeda)* Que barbaridade! Sujar de vinho uma moeda em tão bom estado!

(Batem à porta)

Elícia – Quem é?

Celestina – *(De fora)* Abre!

Elícia – A Celestina! Já tardava! *(Abre. Celestina entra)*

Celestina – Ai! Ai, queridas putarrecas! Venho morta de tanto correr! *(Não está cansada, evidentemente)*

Areusa – Por onde andaste?

Celestina – Ai, deixem-me assentar!

Elícia – Toda a tarde te procuraram.

Celestina – *(Bebe um gole da cabaça)* Ai, sangue divino! Nada melhor para restaurar as forças perdidas! *(Outro gole. Benze-se e beija o polegar)* Já se foi embora a moça que ficou à espera do Alcaide?

Elícia – Já. E outra já veio!

Celestina – Qual? A do capitão de milícias?

Elícia – Não. A do bacharel careca.

Celestina – Já se foi embora?

Elícia – Ao tempo...

Celestina – Então que a trinquem mil crocodilos! Que houve mais?

Elícia – Passou cá a tarde à tua espera aquela rapariga que vai casar e que mandaste vir ao meio-dia. Foi-se não há um credo.

Celestina – Qual?

Elícia – A loira, a sardenta.

Celestina – Hum... *(Não se lembra)*

Elícia – A que já cá veio na Páscoa passada.

Celestina – Na Páscoa? Não me lembro...

Elícia – O casamento será daqui a três dias. O pai quer que a remedeies não vá o marido recusá-la por falta de virgindade. Assim lhe prometeste.

Celestina – Prometi, eu? Não me recordo, filha.

Areusa – Até me disseste, da última vez que cá esteve, que já por sete vezes a renovaras...

Celestina – Elas são muitas. Não admira que, com tanta confusão, dessa me tenha esquecido. Vai cá voltar, a sardenta?

Elícia – Então não há-de voltar, tia! Pois se já te entregou uma pulseira de oiro em paga do teu trabalho...

Celestina – Ah, é a da pulseira!... Podias ter dito logo. Por sinal, a pulseira é bem levezinha, raios partam o sovina do pai! Ouve cá: por que é que em vez de a mandares esperar, não começaste tu o serviço? Já é tempo de principiares, filha! Cabeça não te falta, acrescenta-lhe a vontade. Se assim não fazes, darás por ti feita besta, sem ofício nem rendimento. E em chegando à minha idade, hás-de chorar o que vais folgando. E então, cruzes! "Mocidade ociosa, velhice trabalhosa". Quando a tua avó, que Deus haja, me ensinou este ofício, ao cabo de um ano já eu sabia mais do que ela.

Elícia – Por agora estou no que estou.

Celestina – Pobre velhice terás. Ai, raparigas do meu tempo! Tínhamos outra gana! Olhávamos o futuro doutra maneira! Sem mocidade, filha, outra coisa não te resta senão esmolar à porta dos conventos. E tu, Areusa... que fizeste? Bom trabalho, não? Putarreca...

(Batem à porta)

Semprónio – (De fora) Eh da casa!

Elícia – (Alto) Quem está lá? *(Baixo)* É Semprónio!

Celestina – (Dirigindo-se à porta) Alvíssaras, alvíssaras!

Elícia – Eh, ti Celestina, espera, não abras! Crito está aqui. Que faremos?

Celestina – Ai, já me esquecia. Para o armário das vassouras!

Elícia – Está cheio de carvão.

Celestina – Ainda lá cabe muito bem!

Elícia – Vamos, esconde-te.
Crito – Esconder-me?
Elícia – É o meu primo que chega.
Crito – Quero lá saber!
Elícia – Depressa, senão estou perdida. Perdida!
Crito – Não me escondo!
Celestina – Qual não te escondes! Vai lá, biltre!
Semprónio – *(De fora, batendo)* Então! Não há ninguém?
Celestina – *(Dá a Crito a cabaça)* Pega nesta mamadeira para te entreteres lá dentro na escuridão. *(Fecham Crito. Elícia sai. Para Areusa)* Abre! *(Entra Semprónio)* Alvíssaras! Elícia, dá-me alvíssaras! Elícia!
Elícia – *(De fora)* Lá vou!
Semprónio – Ai mãezinha da minha alma! Até que enfim! *(Abraça-a)* Deus seja louvado, pois me deu a graça de te ver!
Celestina – Filho querido! Imperadorzinho desta serva! Ai filho, fiquei tão alevantada quando me abraçaste! Outro, outro abraço!
Semprónio – Outro!
Celestina – Como pudeste estar tanto tempo sem eu te ver? *(Chama)* Elícia, Elícia! Vem depressa, senão roubo-to. *(Outro abraço)*
Elícia – *(De fora)* Quem?
Celestina – Semprónio.
Elícia – *(Entrando)* Onde está, que me salta o coração?
Celestina – Aqui nos meus braços.
Elícia – Ah maldito, ah, traidor! Má peste ruim te mate, por crimes rigorosos te assassine a justiça! Ai! Ai!
Semprónio – Que aconteceu?

Elícia – Há dois dias que não vens, filho dum raio! Arrenegado sejas! Pobrezinha, que em ti guardei toda a esperança e todo o bem! Ai, ai...

Semprónio – Cala-te! A distância não aparta amor! Longe que eu esteja, tu estás sempre comigo! *(Barulho no desvão das vassouras)* Que barulho é este? Quem está ali?

Elícia – Quem?... É um namorado meu.

Semprónio – Acredito.

Elícia – Acreditas, não? Vai, vai espreitar, se o queres ver.

Semprónio – E vou mesmo.

Celestina – Anda cá, meu menino! Deixa essa tonta que te quer fazer penar! Vem cá, querubim amado, larga essa maluca! Mil patranhas lhe saem pela boca, chega-te ao pé de mim.

Semprónio – Quero saber quem ali está.

Celestina – Uma rapariga que um frade me encomendou. Pronto. Pronto! E agora? *(Ri-se)*

Semprónio – Qual frade?

Celestina – Não te digo.

Semprónio – Qual é o frade, tia, que aqui me cheira a esturro! *(Celestina faz-lhe sinal de silêncio e de que se aproxime. Fala-lhe ao ouvido. Gargalhada de Semprónio)* É o frade gordo!...

Celestina – É. Desgraçada criança, que carga a espera! *(Gargalhada de Semprónio)*

Semprónio – *(Duro)* Quero vê-la.

Elícia – Ai, malvado, se a vires, que fiques cego! Não te basto eu, femeeiro, não te basto eu?

Semprónio – Calma, por Deus, o que aí vai! Não a quero ver nem a ela, nem a mulher nascida. Aqui à Ti Celestina desejo falar de negócio sério, e a mais ninguém.

Elícia – Já que só para isso vieste, doravante és para mim desconhecido! Vem, Areusa! Não te porei a vista em cima nos próximos três anos!

Semprónio – (Galanteador) Teus desejos serão satisfeitos, apesar de todo o meu amor!

(Saem Areusa e Elícia)

Celestina – Ui! Luz-te nos olhos uma chama malina...

Semprónio – Comadre, comadre, negócio trago de grande proveito para ti e para mim!...

(Celestina dá uma olhadela em diversas direcções, olha de mau grado a porta onde Crito se esconde e traz para cima da mesa uma candeia)

Celestina – Fala.

(Celestina olha o postigo da porta da rua, através do qual se vê uma claridade azulada, e vai fechá-lo)

Semprónio – Desde que em ti pus minha amizade, nenhum bem desejei para mim do qual te não coubesse parte.

Celestina – Dispenso preparações, vai direito ao fim.

Semprónio – Calisto está perdido de amor por Melibeia. Não se lhe atreve sozinho. Precisa de mim e de ti. Aproveitemos juntos a oportunidade, pois com o aproveitá-la se enriquece.

Celestina – Ai, mano! Sinto o contentamento do cirurgião que tem nas mãos enfermo de qualidade e que, podendo logo sarar a ferida, a dana e alonga a doença, cria a esperança da cura e, quando esta chega, os proveitos, feitas as contas, foram dez vezes mais. Melibeia, hein?

Semprónio – Conhece-la?

Celestina – Sim! Pouca sorte! Podia ter-se-nos deparado coisa mais fácil. A família é honrada. Com a mãe, nada houve. D. Plebério andará pela minha idade e nem em velho nem em

novo o vi entre lençóis. Nem lençóis meus, nem alheios. É dos poucos. E ela? Miou quando lhe arrastavam a asa?

Semprónio – Uma bicha!

Celestina – Brava, hein? Assanhada, pff?...

Semprónio – Sim.

Celestina – Boa pinta tem ela, ali não há que denegrir. Daquilo já não se encontra muito!

Semprónio – Então... queres ou não tratar do caso?

Celestina – Ora D. Plebério é homem de importância... É possível que, vendo-me à sua porta, sabendo ou adivinhando os motivos, não digo que me mande matar, mas de ser açoitada não me livrarei.

Semprónio – Então não queres...?

Celestina – Cala-te, malvado... Sei lá se não quero! Melibeia... Melibeia... a muitas da mesma raça, tenho eu feito com que percam o cacarejar!

Semprónio – Portanto, aceitas...

Celestina – Receio, por outro lado, estes noviços amantes que voam atrás de qualquer sonho, disparados! Disparatados! Sem pensarem no dano que causam a eles próprios - a eles que o diabo os leve! - mas que podem causar aos que os servem. E ele, o coitado?

Semprónio – Calisto? O demo se ocupará dele! Então...?

Celestina – (Pausa) Não aceito!

Semprónio – Ai comadre, tiraste-me grande peso de cima! D. Plebério é homem de altura, que se assenta às mesas de tudo o que nos governa. Alcaide, guarda, aguazil, tropa, tudo espera por ordens suas. Talvez fosses buscar lã e voltar tosquiada.

Celestina – E presa!

Semprónio – Decidiste. Está bem decidido, que não é este o primeiro negócio que se te deparou.

Celestina – O primeiro? Graças a Deus, poucas virgens abriram tenda nesta região sem que Celestina tenha sido havida e achada! Em nascendo rapariga, logo a inscrevo no meu registo. Quero ter contas daquelas que se me escapam da rede!

Semprónio – Vou-me já a casa do meu amo a dizer que não aceitas. E pronto!

Celestina – Dirás a Calisto que Celestina aceita!

Semprónio – Diabo!

Celestina – Pois não havia de aceitar, cara de bode? O que primeiro é necessário é que Calisto feche a boca aos suspiros do amor. E desaperte os cordões da bolsa!

Semprónio – Já o avisei.

Celestina – Há-de abri-la bem aberta, que a tem inchada!

Semprónio – Sabes, comadre? Temo deixá-lo muito tempo só, porque cismando sozinho a mente lhe pode mudar. Há lá em casa um serviçal, criança danada, que fala da lealdade e diz que és uma malvada, que em mão endemoninhada se encontra o seu amor. Tenho medo de que o convença, nas minhas costas, e o vá trabalhando contra nós, o estafermo!

Celestina – É rapaz novo?

Semprónio – Terá menos de vinte...

Celestina – Ui, não há mal, que nessa idade atiro-lhes com uma galinha e faço-os acreditar que têm nos braços a deusa Vénus. Que venha cá e dele farei um dos meus.

Semprónio – Amanhã será.

Celestina – Nem ele, nem todo o resto me dá cuidado. Aos que têm audácia a fortuna favorece. *(Resmungando)* Calisto é franco e louco de amor, há-de desembolsar, pois então! Põe aí, Calisto! E havendo posto, mas só depois disso, lá partirei a correr e percorrer! Existindo dinheiro nada falta, tudo vai direito até ao fim! Por outro lado, temos a formosura de

Melibeia: grande vantagem! Todas cocegazinhas são elas, essas donzelas virginais. Sensitivas, é preciso saber tocar-lhes, senão murcham. Mas depois de sentirem a albarda sobre o lombo, ai filho, não querem outra vida. Mortas, sim; cansadas, nunca! Olha eu, por mim, jamais me cansei, jamais. Hoje mesmo, com esta idade, só Deus Nosso Senhor sabe os meus desejos, o muito que me atazanam! Quanto mais a elas, que estão fresquinhas e fervem sem haver lume! Ih Jesus, só Deus sabe do que elas são capazes! Choram e gritam, se for preciso, fingem enfermidades, movem paredes, furam janelas! Ai que não são de meias tintas, tais donzelas! Ou amor ou ódio, ou vida ou morte.

Semprónio – Nada compreendi da tua arenga.

Celestina – Quero eu dizer que Melibeia... é como se já a tivéssemos na mão. Não podemos errar. Ouve cá, compadre. Isto não é por atrevimento, mas... Calisto não te terá dado nada para mim?

Semprónio – Nada.

Celestina – Vieste de mãos a abanar... Pois filho, dessa maneira, nem saio aquela porta. Ai, estes apaixonados não têm prática nenhuma! ...

Semprónio – Não perdes pela demora!...

Celestina – Nunca fiando, nunca fiando, que se amanhã se cruza com ela e lhe vê nos olhos alguma esperança, logo o malvado concluirá que afinal Celestina não é precisa! Não, não!

Semprónio – Comadre, também isto não é por atrevimento... mas... quanto aos proveitos...

Celestina – O quê?

Semprónio – Falei dos proveitos.

Celestina – Hás-de ter uma pequena parte, pois então...

Semprónio – Pequena parte, eu?! Isso é que não parece certo.

Celestina – Cala-te pateta! Terás tudo o que quiseres. Entre nós não há semelhantes destrinças: o que é teu é meu, sobre o repartir não faremos questão. É gozar e aproveitar todo aquele que vier! Por outro lado, sabes que os velhos, meu amor, necessitam mais do que os moços! Ademais tu, que tens cama e mesa posta!

Semprónio – Outras coisas são necessárias além do comer...

Celestina – Semprónio, Semprónio, se tu adivinhasses quanto custa manter a honra e a fama duma mulher como eu...

(Batem à porta)

Celestina – A esta hora?... *(Vai espreitar a diversos sítios)*

Semprónio – *(Aparte)* Megera gananciosa! Queres-me enganar, tu, e ainda o negócio mal começou. Foi o diabo que me empurrou para ti...

(Batem de novo. Celestina abre. Parmeno e Celestina ficam um momento frente a frente)

Semprónio – Eh, comadre! *(Celestina aproxima-se. Parmeno, um pouco intimidado, olha em redor. Baixo)* É este o criado de Calisto de quem te falei.

Celestina – Este? *(Para Parmeno)* Ui... não estarás enganado menino? Era mesmo nesta casa que querias entrar?

Parmeno – Não me enganei.

Celestina – Entra, entra. Não tenhas medo...

Semprónio – Foi o nosso amo quem te enviou?

Parmeno – Ainda aí estás? Acabaste o que vieste preparar?

Semprónio – Que fazes aqui?

Parmeno – Já que não ouves razões, falarei a esta mulher.

Celestina – Fala, fala, meu borrachinho!

Parmeno – O que vais fazer não é bom, por dois motivos. Primeiro, porque toda a coisa ruim produz efeito ruim. Se com manhas desonestas vais conquistar Melibeia, o efeito final será vergonha lançada sobre quem aceitou a tua cumplicidade.

Celestina – Hum! E segundo?

Parmeno – Porque, ainda assim, não pode haver esperança de conseguir Melibeia, tratando-se de quem se trata. Se meu amo está louco, devemos evitar que se perca. Por isso, mulher, estarei no teu encalço. Se te aproximas de Melibeia ou diriges teus passos onde vás tratar deste assunto, deito-te as mãos às goelas.

Celestina – Anda cá, ainda és muito puto, nada sabes do mundo e nem dos seus deleites. Patetinha, pérolazinha linda! Hein? Só agora a barba te desponta. Desassossegada deves ter a pontinha da barriga, hein? Ih! Ih! Ih! Tens muita estima por teu amo, tens?

Parmeno – Sou-lhe fiel. É honrado e trata-me bem!

Celestina – Oh, filho, os amos são sanguessugas, que sugam os ser-vos com promessas mentirosas, chupam-lhes o sangue, esquecem os serviços, desagradecem, negam recompensa. Sabes para que te deve servir a casa de teu amo? Para fazeres amizades. Mas não a tenhas com ele, que se não é criado dum amigo. Com outros, sim, esses te poderão servir mais tarde. Olha, tem-na com Semprónio, que ali está tudo quanto é bom! Hein? Gostava de os ver amigos, amiguinhos...

(Semprónio aceita a aproximação mas Parmeno recusa)

Parmeno – Nada encontro nele que me aproveite.

Semprónio – Se nos ajudasses, pensas que não te caberia uma parte.

Parmeno – Prefiro a minha pobreza!

Celestina – Ai que desvarios dizes, amorzinho! Qual é o peso de mil dobrões? Qual é? Têm peso, por acaso? E afirmas que estimas Calisto! Linda maneira de estimar! Não vês que o pode salvar esta fraca mulher?

Parmeno – Essa puta velha!

Celestina – Velhaco!

Parmeno – Conheço-te...

Celestina – Ah, sim? Quem és tu?

Parmeno – Parmeno, filho de Claudina!

Celestina – Jesus! Jesus! Ai, que alegria! Filho da Claudina! Elícia! Elícia! Ai, a Claudina! A tua mãe, meu querido filho, era muito mais puta do que eu! Ai, que falta me fez! Era a primeira do nosso ofício! Elícia! Elícia!

Elícia – Que há?

Celestina – Olha aqui o filho da Claudina!

Elícia – Quem? Este? *(Vai abraçá-lo)*

Celestina – Sim, é como se fosse meu filho, que o criei!

Elícia – Onde o descobriste?

Celestina – Apareceu aqui, nesta casa! Nesta casa que foi a sua! Ai, meu menino! Em má hora te foste e me deixaste sem ternura! Ai, meu filho, querido, ai que te vou dar açoites e punhadas e outros tantos beijos. *(Celestina aproxima-se dele)* Lembras-te quando dormias a meus pés, hein? E quando fazia frio, lembras-te? eu puxava-te para o meu lado... e abraçava-te para te aquecer ao meu corpo...

Parmeno – E eu fugia, porque cheiravas a velha.

Celestina – Oh, desavergonhado! Ih! Ih! Ih! Jurei à hora da morte ao teu pai... Oh que homem era o teu pai! O Alfredo! Que honra! Que seriedade! Grande segredo tenho para te

confiar... É melhor que vocês... *(Sinais de entendimento a Semprónio. Elícia vai a sair. Semprónio agarra-a por um braço e leva-a)*

Parmeno – Qual é o segredo?

Celestina – Ai meu filho, nem posso acreditar que te encontrei, ai, preciso beliscar-me, não estou em mim. Se tivesses memória do amor e do carinho que te dei, Parmeno da minha alma, devia ser esta a primeira casa a procurares depois que resolveste voltar à cidade! Mas não te acuso de ingratidão. Vocês, os rapazes, em pouca conta têm os velhos, e não pensam que deles podem um dia precisar. Não faz mal. Desta casa, tens tudo o que quiseres, hein? Qualquer falta ou atrapalhação, vem ter comigo. E não mo agradeças.

Parmeno – Não ia agradecer!

Celestina – De boa mente ofereci, por saudade da tua mãe, querida Claudina! Falando nela rasam-se-me os olhos de água. Não tive outra amiga! Outra companheira! Quem me aliviava dos trabalhos e canseiras? Quem me supria as faltas? Quem conhecia os meus segredos? A quem confiava as intimidades do coração? Quem era todo o meu bem e descanso, senão a tua mãe, Claudina, comadre e irmã, e ainda muito mais! E que graça tinha! Como se nada fora, sem pena nem temor, caminhava de noite de cemitério em cemitério arrecadando pertences para o nosso ofício. Cristãos, mouros e judeus, a nenhum poupava. Desenterrava aqueles que possuíam o que nos servia. "À noite, dizia ela, é capa dos pecadores". Ih! Ih! Via na escuridão como tu em dia claro. Uma vez... digo-to para que saibas que mãe perdeste... arrancou sete dentes a um enforcado com uma tenaz, enquanto eu lhe tirava os sapatos... Ih, Ih! Gozava de mais fama do que eu agora, muito mais... Os próprios demónios tinham medo dela! Espantava-os com os gritos

que lhes atirava! Deles era conhecida, como tu em tua casa! Quando os chamava, todos marchavam de roldão ao seu encontro! E não ousavam mentir-lhe! Depois que a perdi, nunca mais os ouvi falar verdade!

(Parmeno, perturbado, afasta-se)

Parmeno – *(Aparte)* Não sei se esta velha me diz tais coisas para me humilhar, se para me dar prazer. *(Alto)* Quando foste presa e fugi da tua casa, onde estava a minha mãe?

Celestina – Porque perguntas, filho?

Parmeno – Porque... não me recordo... e tenho pensado...

Celestina – Juntas trabalhámos, juntas nos apanharam, juntas nos prenderam!

Parmeno – Oh! Como? Juntas?

Celestina – Juntas! E juntas nos julgaram, juntas nos condenaram pela primeira vez! Sim, porque, afora essa, a tua mãe foi presa mais quatro vezes, sozinha!

Parmeno – Porquê?

Celestina – Uma vez, apanharam-na de noite com uma lanterna, ajuntando terra numa encruzilhada, e deram-na por bruxa. E depois puseram-na na praça, no alto dum escadote, para exemplo a quem passava. Enquanto esteve lá em cima, tal era sua presença!, mais parecia uma rainha, subida no trono. Desde aí todos lhe ficaram com respeito! "Bem-aventurados aqueles que sofrem perseguição da justiça, porque deles é o reino dos céus". Isto diz a Escritura. Tua mãe encontra-se, portanto, na eterna Glória. Faz como ela, meu filho: bondade, coração aberto, amizade. Quanto ao mais... não tens neste mundo que te apoquentar... Vem cá, que te vou dizer o teu segredo... Vem cá, fraldiqueiro, anda cá.

Parmeno – Diz.

Celestina – Aqui, perto de mim... Não queres vir?

Parmeno – Está bem...

Celestina – Está bem, não. "Sim, minha mãe!" "Minha mãe" me deves chamar por justiça, que, morta Claudina, outra representante viva não existe mais condigna. Diz "minha mãe" ou não te revelo o segredo.

Parmeno – Minha mãe!

Celestina – Ih! Ih! Ih! Ah era tão bom, se nós todos fizéssemos nesta casa as nossas vidas... Sabes que Semprónio e Elícia...

Parmeno – Não, não sabia.

Celestina – O quê? Tu e ele na mesma casa e nunca te falou nisto?

Parmeno – Nunca...

Celestina – Uma doidice! Há mais de um ano! Elícia não vê outro neste mundo! Semprónio nada te disse? Eu não percebo o que da amizade fazem os homens, que a não aproveitam. Semprónio, Semprónio... Pois ele não sabe, esse miserável, que o melhor da fornicação é contar e recontar a um bom amigo?: "Ela disse isto; eu respondi aquilo"; "Beijei-a, abraçou-me, mordi-a, beijou-me"; "Oh, que loucas palavras"; "...e fomos para aqui"; "puxei-a para ali"; "voltámos outra vez"; "siga a música"; "vamos passar na sua rua"; "Olha, olha a carta que me escreveu!"; "Esta noite será, vem ajudar-me, eh, segura aí a escada!"; "Cuidado, olha quem aí vem" "Ui, agora não, damos outra volta e regressamos, mais tarde será"! *(Pausa)* O amor, não sendo assim, melhor no prado o fazem os asnos. E esse bruto de Semprónio nada te contou sobre a Elícia... Vai ouvir-mas!

Parmeno – Não lhe digas nada. Quanto menos conversa com ele, melhor.

Celestina – Pois é pena. Porque ele com Elícia e tu com Areusa... seria nesta casa a felicidade celestial!...

Parmeno – Areusa? Onde está Areusa?
Celestina – Aqui.
Parmeno – Não!
Celestina – Sim! Nesta casa encontras do melhor, meu filho. Vês agora que loucura fizeste, em renegar-me? Ai, se não teimasses em ser nosso inimigo... neste caso de Calisto... Areusa poderia ser tua...
Parmeno – Areusa, a filha de Belísio?
Celestina – Essa mesma, não há outra. Queres vê-la?!

(Pára um cavalo à porta. Celestina interrompe o movimento que com Parmeno havia iniciado)

Calisto – (De fora, batendo à porta) Celestina! Celestina!
Parmeno – Calisto...
Celestina – Calisto? *(Chama)* Semprónio!
Semprónio – Quem chama?
Celestina – Calisto está à porta.
Calisto – (De fora) Celestina!
Parmeno – Meu Deus! Se ele me vê... *(Esconde-se, ficando, em cena)*
Semprónio – (Entrando) Cá vou. Que demónio virá aqui fazer?
Celestina – Deixa-o, será recebido como rei!

(Semprónio precipita-se para ir abrir a porta, mas Celestina antepõe-se-lhe e abre-a ela)

Celestina – Meu bom senhor! A luz da tua pessoa vem alumiar a minha cabana!... Antes do mais, dou-te felicitações pelo servidor que tens. Semprónio de tal maneira encareceu o teu sofrimento, que sofria tanto como tu. Aqui chorou, o coitado, e suspirou também, como se Calisto fosse.

Calisto – E tu?

Celestina – Não vou deixar tua causa indecisa... nem permitir que me matem, combatendo em tua defesa!

Calisto – Oh! Mulher honrada, tesouro, libertação da minha alma! Oh velhice virtuosa! Vivificação da minha vida! Ressurreição da minha morte! Oh, que de novo me sinto viver! Deixa-me beijar as tuas mãos.

Parmeno – (Com raiva, aparte) Meu amo de joelho em terra... beijando a própria podridão...

Celestina – Senhor Calisto, assim como em objecto de oiro lavrado o trabalho do artífice é mais valioso do que o próprio oiro, do mesmo modo, salvar a tua preciosa alma é trabalho mais valioso que quanto oiro me fosse oferecido.

Calisto – Vim trazer-te, mulher, a dádiva daquele que, com ela, a vida te oferece. *(Entrega-lhe uma bolsa)*

Celestina – (Aparte) A sua vida de nada me serve! Quanto a isto...

Calisto – (Baixo) Dei-lhe cem moedas. Que tal?

Semprónio – (Reticente) Para começar...

Celestina – Grande honra ganhas, Calisto, porque dás! Nobre e honrado és tu porque deste! Miserável sou eu, ai de mim, porque recebo!

Semprónio – Senhor, volta para casa e repousa. Em boas mãos confiei os teus negócios!

Calisto - Não tardes, Celestina, não tardes, que toda a tardança me é tormento. Antes queria ver este assunto concluído, que começado*!*

Celestina – Tá, tá, tá! Com o que ele vem! Calisto, muitas portas há que abrir! Muitas barreiras a remover. É preciso tempo. Vê a dificuldade de chegar à altura daquela que escolheste. Tê-la-ás! Honra-me a fama, e desta feita não sairei desacreditada! Vai, vai para casa! Terás notícias minhas! E

entretanto, chora, que alivias a pena. Mas não arranjes causa de desespero. Ela será tua! Somente preciso de tempo! Tempo!

Calisto – Adeus, minha mãe! Mãe minha tu és, pois me dás a vida!

(Sai)

Celestina – *(Para Semprónio)* Depressa! Acompanha-o que está tresloucado. Fala-lhe, cativa-o!

Semprónio – Adeus, comadre!

Celestina – Se esta noite me não faltar a protecção, amanhã mesmo irei a casa de Melibeia.

Semprónio – Bravo! Não há por que esperar, que já temos nossa empresa creditada em cem moedas de oiro! *(Sai)*

(Celestina toma a bolsa e beija-a)

Celestina – Ih! Ih! Ih! Cem moedas. Ih! Ih! *(Arruma a bolsa na saia. Para Parmeno)* Um pequenino adiantamento! Ih! Ih! Mas tu possuis muito mais do que isto.

Parmeno – Como sabes?

Celestina – Eis o segredo: o teu pai, depois que desapareceste, viveu em grande preocupação pela tua pessoa e assim morreu. E à hora da morte deixou-me a mim, e fez-me jurar!, o encargo de guardar grandes quantias de oiro e prata, que serão tuas. Só eu sei onde se encontram escondidas.

Parmeno – A quanto monta a herança?

Celestina – Vive, vive primeiro, rapaz, ainda é cedo para te revelar tudo até ao fim. Entre minhas mãos ficam as riquezas, quer dizer que as tens bem guardadas.

Parmeno – Se depressa não me deres o que me pertence...

Celestina – Sossega! Sossega! Pschiu... Vem cá... olha...

(Aparece Areusa deitada, adormecida)

Parmeno – Areusa...
Celestina – Pschiu! Não a acordes.

(Celestina aproxima-se pé ante pé. Destapa-a devagar. Fica um momento contemplando)

Celestina – Deus Nosso Senhor te bendiga pela tua frescura e macieza! Pelos seios que te deu! Pela alva pele, longa, prolongada! Por formosa te havia, olhando de ti o que todos podiam ver. Vejo agora que três corpos não conheço que se comparem à estátua que és, filha adormecida! Quinze anos! Concentram-se em ti os quinze anos que enchem de beleza as ruas da cidade e os caminhos do mundo! Ah, quem me fizesse homem, só um momento, para mais profundamente te admirar e te enaltecer e entronizar! Tamanha graça deves repartir generosamente; guardá-la é pecado. Não sejas avara do que tão pouco te custou. Não ocultes como tesouro aquilo que por divina generosidade te foi dado! Não creias que em vão os céus te enviaram a este mundo com tão fulgurante manancial! Bendita sejas! Bendita sejas pela maravilha que vejo em ti e de que Deus dotou a mulher, sua mais alta e fascinante criatura. E bendita sejas no mundo, Celestina, por ser esta a maravilhosa substância de que te serves em teu ofício!
Parmeno – Minha mãe, minha mãe...
Celestina – (Tapa-a) Pschiu!... Será tua, mas depois.
Parmeno – Oh! quando?

(Desaparece Areusa)

Celestina – Temos tempo, meu filho, meu menino...
Parmeno – Mas...
Celestina – Se esperares, e devagar a ganhares porque a mereces, ainda melhor te será.

(Começa uma trovoada)

Celestina – E agora vai, meu filho, vai que já a noite ameaça tempestade. E ainda tenho que fazer. A concentração que de mim exige Melibeia não se consegue apenas tratando com criaturas deste mundo.
Parmeno – *(Perturbado, apavorado)* Chegou a tua hora de bruxaria... Hein?!

(Um trovão. Crito sai do desvão das vassouras, esfarruscado. Espreguiça-se com ruído. Parmeno vê-o, grita e desaparece precipitadamente, e com medo)

Celestina – Ih! Ih! Ih! Que os mil demónios me desfaçam em papas se Parmeno conseguir pregar olho em toda a noite! Ih! Ih! Ih! E se amanhã não me tiver colocada no mais subido altar do seu desejo!
Crito – Eh!
Celestina – Que fazes aqui?
Crito – Esqueceram-se de mim, cadelas malvadas! Adormeci sobre o carvão.
Celestina – Pronto, já acordaste? Anda, fora!
Crito – Toma. *(Dá-lhe a cabaça)* Ai, estou todo partido! Sobre cama igual a esta desejo que durmas a eternidade, nas profundas dos infernos!

(Trovoada. Crito abre a porta. Grande relâmpago. Fecha a porta. Celestina bebe pela cabaça)

Celestina – Não deixou nem um pingo, o beberrão! Ao trabalho, vamos ao trabalho. *(Vai buscar os pertences necessários para a cena que segue)* Azeite serpentino. Corda. A meada de fio. Com este fiozinho, devidamente preparado, hei-de enredar e prender a corçazinha. Onde terei eu posto a oração escrita sobre papel amarelo com sangue de morcego? Ah! Cá está. Asa de drago. Pele de gato preto. Os olhos da loba. Sangue de bode e barbas do mesmo! *(Dispõe tudo como a sabedoria lhe recomenda, orientando o jogo de deitar virtude no fio)* Plutão... Senhor das profundezas infernais, desencadeador das malditas chamas, imperador da corte danada, arrogante capitão dos anjos caídos e condenados, senhor dos montes ferventes, intendente governador dos tormentos e atormentador das almas perdidas, administrador do negrume do reino estígio com suas lagunas, sombra infernal e litigioso caos; mantenedor das harpias e de toda a companhia de espantadas e pavorosas hidras! Eu, Celestina! Eu te conjuro! Demoníaco Plutão! Pela virtude destas letras sanguíneas e exorcismo! pelo sangue daquela ave nocturna com que foi escrita, pela gravidade dos sinais e nomes que o papel contém, pela peçonha das víboras que este azei-te empeçonha e com o qual unto e reunto e tomo a untar deste fio toda a meada! Conjuro-te para que sem tardança obedeças à minha vontade! E no fio envolvido te envolvas e nele fiques e dele não te apartes! E assim permaneças até que Melibeia o compre, e o use, e nele de tal maneira fique enredada, enredada e manietada, que se curve e atenda minha petição. E que do seu corpo e alma se despeça toda a

honestidade perante a paixão de Calisto, de tal modo que me ouça e receba mensagem. E que por tanto me seja dado prémio. Isto feito e conseguido e reconhecido, pede e exige de mim, tua serva, que te sirva em tudo o que tua vontade ordenar. Mas se o não fazes e não me satisfazes, em breve tempo me terás por tua capital inimiga: luminosa claridade desferirei em teus obscuros antros; acusarei continuadamente tuas contínuas mentiras, oprimirei com opressoras palavras teu horrível nome. E outra vez te conjuro! E reconjuro! Confiada em meu poder, levarei comigo a preciosa meada na qual te considero envolto.

IV QUADRO

(Casa de Plebério. Um velho criado entra pela porta que dá para o exterior)

Criado – Entra. Entra, mulher! Não precisas de te benzer, aqui não é igreja.

Celestina – (entra com o pé direito, vestida de mendiga) Ai, senhor guarda-portão. Para mim é como se fosse... Não tenho a ninguém mais respeito do que aos teus patrões.

Criado – Espera. Eu vou chamar.

Celestina – Espero, sim, senhor guarda-portão, espero aqui a um cantinho, que eu não sou digna... (Repete *"eu não sou digna" até o velho desaparecer. O velho atravessa tropegamente a cena e sai para o outro lado. Quando vê o criado sair, Celestina toma a sua atitude natural e produz uma série de sinais cabalísticos, resmungando coisas incompreensíveis. Da saia tira um rosário)* Irmão demónio, sossega, a este rosário tirei a cruz. Não te vás, fica, bem preciso de ti. Ai,

Celestina, porque tremes? Voltar para trás, não podes. Se foges do poder, cairás nas mãos de D. Plebério, de quem temerás o desvairamento. Ou dás a Calisto esta missão por cumprida, ou ele te dirá: "puta velha...". *(Um vago receio de ter pronunciado estas palavras. Apesar disto repete em segredo)* "puta velha, porque me tornaste feliz com promessas e mentiras? Porquê, com as esperanças me deste o paraíso? Para me amargares o tormento ainda mais?" E ah!!! *(Com as próprias mãos imita as de Calisto a estrangulá-la)* E neste caso, bem amargas cem moedas teriam sido aquelas! Mas porque temes, Celestina? Todos os agoiros te são favoráveis. Quatro homens encontrei no caminho. Os dois primeiros, ambos se chamavam João: é bom! Os outros dois - nada há melhor! - eram cabrões. A primeira palavra que ouvi na rua foi: "mal de amores", o que significa que a hora é adequada. Não tropecei uma única vez: quer dizer confiança! Os cães não ladraram, ave negra não se me deparou, nem tordo, nem corvo, nem bicho nocturno. *(Aparece Lucrécia)* E o melhor de tudo é que ali vejo Lucrécia. É prima de Elícia, não me será contrária. *(Volta-se para ela, sorridente)*

Lucrécia – Ti Celestina...

Celestina – Bons olhos... bons olhos... Filha, como estás?

Lucrécia – Como Deus é servido.

(Celestina toma-lhe a cara e fita-a. Lucrécia evita-a sem violência, o que Celestina não estranha, mas faz uma expressão de piedade por aquela rapariga que tem tal pele. Esta acção é discreta e subsidiária e não prejudica o bom andamento do diálogo seguinte)

Celestina – Pois eu cá vou, cá vou... A velhice...

Lucrécia – Então, a que vens?

Celestina – Filha, meu amor, trazer-te recados da tua prima Elícia.

Lucrécia – Ah! Está boa, ela?

Celestina – Como nunca. Boa, cheia de saúde. Feliz, sabes? Feliz! A sua única preocupação foi, há tempos, umas espinhas e nódoas que lhe apareceram na cara. *(Discreta reacção de Lucrécia)* Mas a Celestina tudo remedeia. Elícia agora está fresca, pele de Nossa Senhora. *(O velho criado atravessa a cena)* Desejo também cumprimentar as tuas amas, a nova e a velha, que há mais de quatro anos esta casa não visito.

Lucrécia – Vieste sem proveito?!

Celestina – Que maior proveito do que fazer uma pessoa aquilo que lhe apraz?

Lucrécia – Ora! Nunca dás ponto sem nó...

Alisa – (De fora) Lucrécia!

(Volta Celestina à sua postura do início do acto, toma o rosário e finge que reza)

Lucrécia – Senhora...

Alisa – (Simpática, levemente distante. Entra) Lucrécia... *(Interrompe-se)* Quem é?

Lucrécia – É a velha que mora à saída da cidade, junto aos lagares...

Alisa – Não sei...

Lucrécia – Jesus, senhora! É mais conhecida do que a erva carqueja. Foi ao pelourinho por feiticeira... Vendia raparigas aos abades...

Alisa – Oh! O que aí vai! Como se chama?

Lucrécia – Velho e criança, na cidade ninguém ignora o seu nome.

Alisa – Não o sei eu.

Lucrécia – Senhora... *(Envergonha-se)*

Alisa – Então?

Lucrécia – Não... não posso... dizer.

Alisa – Porquê?

Lucrécia – Tenho vergonha...

Alisa – Lucrécia... não sejas tola!

Lucrécia – Com sua licença... chama-se... salvo o devido respeito... Celestina.

Alisa – *(Ri-se, simpaticamente, compreensiva para os escrúpulos de Lucrécia)* Como deves detestar esta pobre criatura!

(Alisa dirige-se a Celestina, com simplicidade. Lucrécia está aflita)

Celestina – *(Prosterna-se)* Bondosa senhora, Deus seja contigo e com a tua nobre filha. Sofrimentos e enfermidades me impediram desde há anos, de vir a esta nobre casa... o que seria por meu bem.

Alisa – Lembro-me agora, chegaste a aparecer por aí algumas vezes...

Celestina – Tão velha estou... tão miserável... sem ninguém... nem ajuda... nem comer... nem dinheiro... Lembrei-me, para meu triste remédio... de vender uma meada de fio...

Alisa – Pobre de ti! Que o Senhor se compadeça e te ampare...

Celestina – E desta me leve, que tanta miséria é já estertor...

Alisa – Não desesperes, a piedade ainda persiste no mundo. *(Entra Melibeia. Para a filha)* Esta pobre tem necessidade de vender uma meada de fio. *(Para Celestina)* Se for de boa qualidade, compro e pago bem.

Celestina – (Enrola Melibeia no fio) A qualidade?!... Oh, senhora! Oh, donzela preciosa! Vêde! Pela minha velhice, melhor não há! Fiozinho delgado como cabelo da cabeça, rijo como cordas de viola, branco de neve, todo fiado por estas mãos! Vede senhora e menina! Ontem me davam três moedinhas, assim no Altíssimo repouse a minha alma pecadora!

(Entra o criado)

Criado – Senhora! Chamam-vos de casa da vossa irmã. Que está pior, senhora!

Alisa – Meu Deus!

Criado – Os criados trouxeram a cadeirinha, pedem que não demoreis. Uma recaída... um ataque...

Alisa – Vou sem demora. *(Sai o criado)* Lucrécia, o meu manto, depressa.

(Lucrécia sai)

Celestina – (Aparte) Anda o diabo por aqui, pois de mim afasta a velha.

Alisa – Que dizes?

Celestina – Que maldito seja o diabo que a tua irmã piorou! Interrompeu a conclusão do nosso negócio! Amanhã voltarei...

(Entra Lucrécia trazendo o manto)

Alisa – Melibeia, fica contigo esta mulher. Trata com ela. Dá-lhe o que pedir. E que se vá, logo que acabes.

Celestina – (Prosternando-se) Graças, graças... Em boa companhia me deixas.

Alisa – Informai D. Plebério da causa da minha saída. *(Sai)*

Celestina – (Durante as falas, jogo com o fio) Pérolazinha maravilhosa, Deus permita que aproveites a tua nobre juventude e florida mocidade, que é o tempo melhor de gozo e de prazer. A velhice - olha a tua tia, a quem tua mãe foi amparar, ou olha a minha - ai, a velhice é enfermidade, aflição, chaga incurável, desdouro do passado, sofrer do presente, preocupação do futuro, cajado de vime que com leve carga se dobra!...

(Envolve Melibeia do fio, de outro modo)

Melibeia – Porque dizes mal da velhice, que todos desejam alcançar?

Celestina – O que se deseja é viver. Quem poderá dizer os males que a velhice traz?... Pior do que a velhice, ai, ai, senhora, só a velhice empobrecida e a minha de miséria, me destrói.

Melibeia – És tu a Celestina, de quem tanto se fala?

Celestina – Essa sou toda eu, até Deus o permitir.

Melibeia – Estás muito diferente, não te reconhecia.

Lucrécia – (Ri-se) Diferente estará o diabo!

Melibeia – De que te ris?

Lucrécia – Foi sempre assim, há anos sem mudança, sempre velha!

(Olhar terrível da Celestina)

Melibeia – Gostei de te conhecer! Agora toma o dinheiro e vai. Vai-te com Deus, que, se não me engano, ainda hoje nada comeste.

Celestina – Oh, angélica imagem! Pérola preciosa! Disse a divina boca, em recriminação do tentador infernal: "nem só de pão vive o homem". Nem só o comer nos mantém, filha amada. A mim, sobretudo, que às vezes chego a ficar todo o dia em jejum, labutando por conta alheia. Prefiro servir os outros a folgar, contentando-me a mim própria. Por motivo deste meu desinteressado sacrifício, vou confessar-te a urgente, a verdadeira razão da minha vinda! A todos nós convém que a diga!

Melibeia – De que precisas mais?

Celestina – Necessidade alheia e não minha, pois no que me toca vou vivendo a tudo resignada. Ai, eu a comer sou um pisco. Digo isto a propósito das tais necessidades, que venho defender e que de outrem são.

Melibeia – Diz o que queres, seja para quem for.

Celestina – Donzela gentil, de grande lindeza e alta qualidade! Fala suave, alegria, coração generoso tens mostrado para com esta pobre velha. Pérola mimosa: deixei um enfermo às portas da morte... Com uma palavra da tua boca... uma palavrinha... que eu levasse escondida no regaço... por minha fé o salvarias, pois o pobre dedica grande devoção à tua gentileza.

Melibeia – Ditosa sou se um cristão carece de auxílio meu. Diz o que queres, não tenhas medo.

Celestina – O medo perdi remirando a beleza da qual o Senhor fez provisão em ti. Deu-ta para que a dês. Guardá-la? Com que direito? Porque há-de a mulher ser cruel e reservada? Porque não entregar alguma parte das suas graças? Sobretudo a alguém que esteja mortificado por

nefanda enfermidade? E sobretudo se a causa da doença e a cura respectiva forem uma só?

Melibeia – Quem é tal paciente, cujo mal e remédio brotam da mesma fonte?

Celestina – Senhora, tens notícia, certamente, dum moço cavaleiro, gentil-homem de claro sangue, muito donairoso... chamado Calisto...

Lucrécia – Meu Deus!

Melibeia – Basta! Não digas mais! É esse o doente cujo sofrimento tanto encareces? É por ele que vens trabalhando, desavergonhada? De que doença padece? Está louco, com certeza?

Celestina – Está louco!

Melibeia – Pois que sejas queimada, alcoviteira! Mulher ruim, bruxa danada! Lucrécia, leva-a daqui, que me deixou sem pinga de sangue! Leva-a!

Lucrécia – Meu Deus, menina...

Melibeia – Se não fosse por dar escândalo e por comprometer a minha honestidade, acabava contigo!

Celestina – Ai! Ai!

Lucrécia – Menina, menina...

Celestina – *(Aparte)* Demónio, demónio! Onde estás? Recorda o meu exorcismo! *(Sinais propiciatórios de modo que Melibeia não os veja)*

Melibeia – Falas entre dentes? Tentaste condenar-me para salvares esse louco? Destruir-me para sua alegria? E destruir a honra do meu pai? Pensas que não percebo ao que vieste, alcoviteira? Juro-te que todas as alvíssaras que de mim receberás são desejar-te a morte para suster a ofensa que fazes a Deus!

Celestina – Ai! Ai!

Lucrécia – Nosso Senhor, Deus do Céu.

Melibeia – Como te atreveste a entrar nesta casa?

Celestina – Foi a minha inocência que me deu força! Só a minha inocência e a minha pureza! Mas agora dói-me, dói aqui dentro, verificar que não me fazes justiça.

Melibeia – Julgas que não te entendi?

Celestina – Deixa-me concluir! Por Deus, não tens razão!

Melibeia – Cala-te, perversa!

Celestina – Ainda não cheguei ao fim! Ai! Pelas cinco chagas! Ando em serviço de Nosso Senhor! Calisto não é culpado! Nem eu estou condenada! Ai, menina, se te soubesse capaz de julgar tão levianamente a minha acção, ah, eu não teria vindo, nem sequer para o bem de Calisto.

Melibeia – Pronuncias outra vez o nome desse fantasma nocturno, desse salta-paredes? Vai-te, vai-te desta casa! Dá graças a Deus por não chamar o meu pai! Vai-te! Eu já sabia quem tu és!

Celestina – *(Aparte)* Com tempestades destas me governo! Ih! Ih! Ih!

Melibeia – Que resmungas, velha hipócrita? Fala, se tens que dizer, não agraves, rosnando, a tua ousadia!

Celestina – Tanto rigor não me admira... Sangue novinho de donzela, de pouco precisa para ferver!

Melibeia – Julgas que é pouco o que fizeste? Que mais haverá ainda?

Celestina – Calisto sabe que tens uma oração a Santa Apolónia que, pronunciada pelo próprio, dá remédio à dor de dentes... Calisto padece desse mal, coitadinho, não come, não dorme, desespera da vida, apoquentado por um queixal... *(Pausa)*

Melibeia – Porque não disseste logo?

Celestina – Como, se a tua exaltação me deixou a alma num fiozinho? Ai de mim, feita mais rasinha do que o pó, com palavras da tua boca... E porquê, porquê, se confiei em ti? E

diz-me cá: para que foram logo os teus preciosos olhinhos, divisar o mal onde mal não existia? *(Pausa)*

Melibeia – Queres que te dê a oração?

Celestina – E alguma coisa mais. Calisto sabe a teu respeito particularidades...

Melibeia – (Impaciente) Oh!

Celestina – Tens um cordão, que trazes sempre na cinturinha... um cordão de grande virtude! Tocou em todas as relíquias de Roma e Jerusalém, é de efeito infalível. É verdade, ou não?

Melibeia – Sim...

Celestina – Venho pedir-te ambas as coisas: a oração... E o cordãozinho para que o milagre se complete... Como vês, foi por bem que te procurei. Deus te perdoe as palavras que disseste contra mim! Que querias que fizesse, meu amor? Vi aqueles profundos olhos castigados, ansiosos de liberdade, aquelas lindas feições tresnoitadas, aqueles lábios sempre tão frescos, tão rosados, agora pálidos, alaranjados, como se fossem derreter-se! Perante tal ruína, corri para que lhe dês salvação!

Melibeia – Tanto me têm falado a teu respeito, que não sei se deva confiar-te a oração.

Celestina – Nunca eu a reze e se a rezar não seja ouvida! E que mil tormentos me torturem, se alguma coisa vim tramar! Mas tu... faz o que quiseres. És a minha senhora, curvo-me... Ah, mas fico de consciência limpa. Se não disseres uma boa palavra, não a terei ganho com a língua, mas não a perdi pela intenção.

Melibeia – Não leves a mal a minha exaltação de há pouco. Pronunciaste o nome desse cavaleiro, que ousou ofender-me. Tal bastou para que ficasse transtornada...

Celestina – Adiante, o que lá vai, lá vai!

Melibeia – Obra piedosa é a que me pedes, dar saúde a quem está doente...

Celestina – E que doente, senhora! Ah! Alma sem fel, franco, gracioso, valente como um guerreiro, aspecto de rei ou mesmo de imperador, alegre, não sabe o que é tristeza. Grande jogador de torneio, estando armado é mais belo que S. Jorge. Quanto a nobreza, nem falar! Robusto e forte como dois gigantes! E agora lá está, feito um pobrezinho, deitado abaixo pelas dores do queixal.

Melibeia – Há quanto tempo...

Celestina – Nasceu vai para vinte e três anos, que aqui está a Celestina que então se encontrava aos pés da sua mãe!

Melibeia – Não me importa a idade. Há quanto tempo adoeceu?

Celestina – Há uma semana.

Melibeia – Desculpa o que te disse há pouco... Sinto vergonha da minha impaciência... Perdoa, Celestina, perdoa...

Lucrécia – *(Aparte)* A minha ama pede desculpa? Terá remorsos de ter procedido como devia?

Melibeia – Em compensação do mal que te fiz, vou emprestar-te o cordão.

Celestina – Ai, senhora, mil graças...

(Melibeia levanta a saia, desata o cordão, discreta. Celestina observa. Melibeia entrega-lho)

Melibeia – Quanto à oração...

Celestina – Quanto à oração... terás tempo de a escrever, agora?

Melibeia – Tempo? Mas...

Celestina – Quero eu dizer... a tua mãe não estará a chegar?

Melibeia – Sim... *(Pausa)* Para evitar explicações, escrevo-a esta noite. Virás buscá-la amanhã.

Celestina – Secretamente?

Melibeia - Como?

Celestina – Sem ninguém saber, como recomenda a caridade...?

Melibeia – Sim, é melhor...

Lucrécia – *(Aparte)* Está perdida, a minha ama, pois com Celestina negoceia às escondidas!

Melibeia – Não digas a... ao teu doente... o que aqui se passou. Não desejo que me considere arrebatada ou furiosa.

Lucrécia – *(Aparte)* Pior ainda, já lhe pede confidência! Coitada menina!

Celestina – Duvidas da minha discrição? Nada temas, minha pomba! Todo este caso ficará guardado entre nós duas. Sofrer e encobrir é a minha profissão! Ai senhora! Ih! Ih! Ih! Eu parto tão contente com este cordão, que até já estou a ver Calisto com a face a ele aconchegada, ir ficando aliviado!

Melibeia – Em paga do que te fiz sofrer com a minha rudeza, mais farei pelo teu doente, se for preciso!

Celestina – Obrigada, senhora! *(Aparte)* Hás-de dar a Calisto tudo até ao fim. E não te havemos de agradecer.

Melibeia – Agora vai! Esquece as minhas palavras tresloucadas. Prometes, sim?

Celestina – Oh alma de pérola de oiro celestial! *(Beija-lhe o vestido)* De que maneira te poderei agradecer...?

Melibeia – *(Um pouco em segredo)* Até amanhã, vai com Deus. A tua mensagem não me trouxe proveito, nem me pode causar mal. Lucrécia, acompanha-a. *(Sai)*

Celestina – Filha, porque estás contra mim?

Lucrécia – Eu?

Celestina – Sim. Porquê?

Lucrécia – Melibeia é tenra para resistir às tuas maroscas! Mas o pai a defenderá. Vou prevenir D. Plebério!

Celestina – Ai, filha, és tão desconfiada! Credo! Bem melhor do que tu é tua prima Elícia! Ouve cá: gostavas de ter o cabelo loiro?

Lucrécia – Eu?

Celestina – Sim, tu, filha! Loirinho, loirinho e brilhante.

Lucrécia – Gostava, sim. Que fazer, Ti Celestina?

Celestina – Queres que te dê a pele lisa como a da palma da mão? Limpa dessas porcarias, sem crostas, nem fleimões?

Lucrécia – Ai, Ti Celestina...

Celestina – E macia, e viva e rosada?

Lucrécia – Ai! Trocava por isso o comer dum ano inteiro!

Celestina – Vai à minha casa. Eu te aplicarei pós e mezinhas da minha virtude. Ficarás outra!

Lucrécia – Ai, Ti Celestina...

Celestina – Os rapazes andando na rua para baixo e para cima dirão: "Onde está Lucrécia? Quero Lucrécia! Quero-a para mim". E tu, grande fingida, baixarás os olhos e até hás-de corar. Até que um dia, depois de te apetecer, a ocasião chegará de fazeres outra coisa qualquer...

Lucrécia – *(Pausa)* Quando irei?

Celestina – Quando eu esteja em casa... Vens?

Lucrécia – O mais breve possível!

Celestina – Mas desde já te aviso: a virtude das mezinhas que te vou dar ficará dependente da minha pessoa. Se contra mim alguma coisa tramares, voltarás a ser como estás agora!

(Lucrécia fica especada, sem se poder mexer. Celestina sai)

Lucrécia – Será possível? Celestina é capaz de tudo... Ah, será este o fim do desgosto em que vivo? Ir a sua casa?... Irei... de modo que ninguém saiba... Como, meu Deus? Vou pensar... Arranjarei maneira...

Melibeia – *(Entra preocupada)* Ela... já se foi? Ela... já se foi?

Lucrécia – Sem demora. Não me disse nem uma palavra... a não ser "adeus". E partiu logo.

Melibeia – Pensando melhor... Talvez tivesse sido preferível ela esperar que eu escrevesse a oração...

Lucrécia – Porquê, senhora? Amanhã virá... A pobre mulher só quer fazer bem... Pomos o papel dentro dum naco de pão, tratando-a como mendiga...

Melibeia – Boa ideia. Nada de mal existe no que me pediu e escuso de dar à minha mãe motivo de preocupação.

(Entra Alisa)

Alisa - A Celestina?

Melibeia – Foi-se embora, logo...

Alisa – Coisas horríveis me contaram dessa mulher! A minha irmã, quando me ouviu dizer que a deixara aos teus cuidados, semiergueu-se no leito e caiu depois em prostração.

Melibeia – Oh, a pobre só falou da sua velhice miserável, só falou... E despediu-se... Ruim que tenha sido, coitada, naquela idade que mal poderá fazer?

Alisa – Não a quero nesta casa outra vez! Se aqui aparecer, que a mandem embora!

(Entra Plebério)

Plebério – De que se trata, senhora mulher?

Alisa – Esteve aqui uma velha a vender uma meada de fio. Dele precisava e comprei-lho. No entanto, cometi a imprudência de a deixar entregue aos cuidados de Melibeia, enquanto fui acudir à minha irmã.

Plebério – E depois?

Alisa – Soube que se trata de criatura de fama ruim. Dizem que é bruxa. A sua presença nesta casa poderá agravar as dúvidas dos que nos têm por cristãos de fresca data.

Plebério – Foi por compaixão que entabulaste o negócio?...

Alisa – Sim, pareceu-me uma pedinte que transaccionava, por vergonha de estender a mão à caridade.

Plebério – Fizeste bem, senhora mulher... E tu também, Melibeia, se a recebeste cristãmente. A força da nossa condição já se não encontra sujeita a acometidas fáceis. *(Sorrindo)* Portanto, a visita da mendiga não merece sequer que a minha mulher e senhora se dê ao incómodo de pronunciar uma palavra ou de levantar a voz. Pausa Como encontraste a tua irmã?

Alisa – (Perturbada, comovida) Mal, coitada... Muito mal... Está por pouco...

Plebério – Aí tens o que é assunto grave. Contra a morte, não há fortaleza estabelecida que a evite. Não vale a pena buscar reconfortantes consolações, contra a morte. O Senhor não nos concedeu sequer o humilde privilégio de podermos adiar, nem por um momento, a hora da sua chegada.

(Contínua o seu caminho, seguido de Alisa. Cruzam-se olhares entre Melibeia e Lucrécia)

QUADRO V

(Em casa da Celestina)

Celestina – Parmeno é meu filho e mais do que filho. Quero que o vejas e te visite.

Areusa – É rapaz novo?

Celestina – Novo, novíssimo. Cepa de qualidade, filho da minha companheira mais fiel, dona dum temperamento como nunca vi igual e que Parmeno herdou. Hás-de recebê-lo, que é filho da Claudina.

Areusa – Não, não quero...

Celestina – De que tens medo?

Areusa – Se a ele me devoto...

Celestina – Devotar para quê?

Areusa – *(Romântica)* Dei o meu amor àquele capitão de guerra que partiu contra os símios infiéis. Aqui veio para me ver, montado no seu cavalo branco, armado e coberto de luz. Apeou-se! E antes que se fosse, jurei-lhe conservar-me fiel. O ofício é outra coisa. Mas o coração desejo guardar para ele.

Celestina – E Parmeno prejudica tal propósito?

Areusa – Sendo teu filho, tu me levarás a atraiçoar o meu capitão de guerra...

Celestina – Areusa, filha, tu és dessas? Parece impossível! Pensando dessa maneira, nunca terás casa soalhada. Está ausente o capitão de guerra e, apesar disso, tens-lhe medo!? Se vivesse na cidade, então que farias? Ai, toda a vida não terei para ouvir conselhos meus senão gente parva? A tua prima Elícia está comigo há largo tempo, tanto me tem ouvido, tanto a tenho serrazinado, que já o espírito tem mais aberto. Que isto aqui em casa é como escora. A mestra sou eu. Mestra do ofício. Será minha culpa a luxúria e desvairamento que existem por esse mundo? Bem organizadas as coisas, de tal doidice podemos receber proventos importantes: este é o meu ensinamento. Terás para a velhice, irás a enterrar com música celestial, paramentos bordados e honras gerais; mas se ouvires o que te vai

dizendo a Celestina. Uma mulher, o que se chama valer, vale durante quatro anos, dos catorze aos dezoito. Daí o meu grande trabalho, que as procuro e rondo e as convenço e cativo e ensino e educo de pequeninas e lhes dou aplicação, afinal para delas aproveitar só por quatro anos! Mas como, por um lado, elas estão sempre a acabar e, por outro lado, sempre a nascer, este meu trabalho não pára, que a fonte nunca se esgota. Sendo quatro anos prazo muito breve, necessito prolongar o tempo de aproveitar as raparigas: deito mão às mezinhas e a grandes sabedorias. E a amigos deste e doutro mundo. E lá as vou renovando até aos vinte, vinte e um, vinte e cinco já é milagre. Daí por diante, que se governem sozinhas! Aos vinte a mulher está velha, está acabada. Só lhe resta o espírito, se tiver a arte de bem o aplicar. E muitas não o fazem, não sabem. Estragaram a mocidade em brincadeiras de coração, misturando prazer com ofício, perderam a ocasião de aprender. Algumas casam--se... Mas a maioria, por falta de espírito, acaba os dias a mendigar, vítima apenas da toleima. Não de falta de oportunidade, que o campo é grande e para todas chegaria. A tua prima Elícia vai no bom caminho. Entradota, ninguém o diria, já dobrou o cabo dos vinte e dois. Para ela, um na cama e outro ao pé da porta e outro que em sua própria casa por ela suspira. Três pelo menos! E com todos cumpre, a todos mostra boa cara, cada um se supõe muito querido, a cada um persuade de que apenas da generosidade dele Elícia se sustenta. Este é o nosso dever: se pudermos contentar três, porquê satisfazer um só? A felicidade que nos traz este bem-fazer é a única compensação da nossa alma, ela nos consola e carrega de consideração, nos dá ofício que, se não existisse, pior seria a desgraça de muitas criaturas humanas. Vai aprendendo, amor, vai aprendendo, que quinze anos é

idade de já saber muito. Com que então o capitão de guerra é a chave com que querias fechar as portas para o mundo?! Ih, ih, ih! Supões que se tiveres outro, além dele, as tábuas da cama te irão denunciar? Ih, ih, ih! Ai, filha, se duma só goteira te manténs, não arremato as sobras com que ficas depois de tirares para a comida. Dois podem mais do que um; quatro mais do que dois! E mais oferecem e mais possuem e mais te fica por onde escolher. Uma alma sozinha não chora nem canta; um frade sozinho, poucas vezes o vês na rua; uma só testemunha não faz fé. Que benefício esperas, meu amor, deste triste número um? Falemos de dois, dois ao menos. Dois já são companhia e opção da natureza: tens dois lençóis na cama; duas camisas para mudar; dois pés e duas mãos; tens duas orelhas; tens dois olhos; porque raio de demónio, tratando-se de homem, hás-de teimar e reteimar que terás um só?

Areusa – Ai, meu luzente capitão de guerra, adivinho por este palavreado da Celestina, que vais esmorecer.

(Entra Semprónio)

Semprónio – Salvé, quem é desta casa!

Celestina – Onde está o teu patrão? *(Sai Areusa)* Mandei-o chamar e ainda não apareceu...

Semprónio – Comadre, tens de apressar este negócio, senão tudo estará perdido.

Celestina – Achas que sim? Ih, ih, ih!

Semprónio – Se aquele Calisto, alma penada, se habitua ao sofrimento, não quererá do sofrimento sair. Perderá a gana.

Celestina – Está escrito que havemos de tirar proveito destes amores. Ih, ih, ih!

Semprónio – Vá, ri-te! E depois queixa-te, se o saco da maçaroca, ao fim e ao cabo, permanecer mirrado.

Celestina – E isto? *(Mostra-lhe o cordão de Melibeia)* Que dizes a isto?

Semprónio – De que se trata?

(Entram Calisto e Parmeno. Celestina esconde o cordão. Calisto vem triste, senta-se, olhos vagos)

Celestina – Oh, meu senhor Calisto!

Calisto – *(Pausa. Muito dorido)* Que novas me dás, senhora minha mãe?

Celestina – Ó amador da linda Melibeia! Que compensação terás para esta velha, que lhe é devida por ter desafiado a morte em teu serviço? A minha vida correu tal perigo que valia menos do que este manto roto e velho. Que bem precisado está de substituição, senhor.

Semprónio – *(Aparte)* Pede-lhe um manto novo! *(Cotovelada de Parmeno)*

Calisto – Diz o que tens a dizer, depressa! Se demoras, toma antes esta espada e mata-me! *(Entrega-lhe a espada)*

Celestina – Esta espada, Senhor?

Semprónio – *(Aparte)* Ele treme. Está esgotado!

Celestina – Meu Deus do Céu! *(Beija a espada)*

Parmeno – Haverá morte certa por via destes amores! *(Cotovelada de Semprónio a Parmeno)*

Celestina – Ruim espada derrube os teus adversários! *(Coloca-lhe meigamente a espada na bainha)* Eu, por mim, trago-te a vida, através das novas que tenho daquela a quem mais amas.

Calisto – Por amor de Deus, diz-me: como entraste em sua casa? Que cara Melibeia te mostrou?

Celestina – Igual ao focinho dos toiros bravos!

Calisto – Oh! Teve ou não teve bom fim a tua diligência? Responde sem demora, se não queres ver-me cair morto... já!

Celestina – A abelha esforçada converte em boas as más coisas em que toca.

Calisto – Então houve coisas más...

Celestina – Houve. O que vale é que as virgens recatadas, embora acendidas de fogo interior, mostram-se frias, distantes. E nisto se diferenciam das mulheres da vida, que estas não sabem disfarçar, têm o coração ao pé da boca e a língua pronta para dizer verdade. Coitadas!

Calisto – Falas ou não falas?

Celestina – Não tenho feito outra coisa...

Calisto – Palavreado, palavreado...

Celestina – Pelo contrário...

Calisto – Não me tortures mais! Trazes-me a salvação ou não me trazes a salvação?

Celestina – Se ta não trago, não foi por falta de trabalhar.

Calisto – Dizes-me, mulher, que destino é o meu?

Semprónio – *(Para Parmeno)* Este tresloucado não percebe nada! Senhor, manda-me a casa do alfaiate, para que faça à medida da Celestina um manto e uma saia.

Calisto – Ah!... Semprónio, irás a casa do meu alfaiate para que faça à medida da Celestina um manto e uma saia.

Parmeno – Muito bem, senhor!

Celestina – *(Prosterna-se)* E esta humilde escrava merece tais riquezas? Senhor, com a tua generosidade até interrompeste o que te ia dizendo. Terás de Melibeia o que ambicionas!

Calisto – Como sabes?

Celestina – Já te conto.

Calisto – Sem demora, oh, sem demora!...

Celestina – Estava eu em sua casa a fingir que vendia uma meada de fio, quando entra pela porta um mensageiro de negro vestido a chamar a mãe de Melibeia. O mensageiro repetia que era urgente, mas a velha não despegava. Então eu disse: "a tua irmã está quase a morrer". Ih, ih, ih! E com esta nova ela se foi e deixou-me sozinha com Melibeia! Ih! Ih! Ih!

Calisto – Que era o que tu querias... E depois?

Celestina – Tá, tá, tá... - disse eu a Melibeia. - Tá, tá, tá, respondeu ela... Isto para fazer conversa. De repente zás! Falei do teu nome! Calisto... E antes que dissesse mais, só de o ouvir, deu um salto para trás e bateu com ambas as mãos na barriga, assim...

Calisto – (Encantado) Oh, ficou comovida...

Celestina – Ficou assanhada! E não como gata, mas come pantera! "Não pronuncies tal nome, eh! Traidora! Olha que te mando prender pelos criados! Estás a ouvir, puta velha?" Não, não disse puta velha, mas também foi só o que faltou. *(Gargalhada de Parmeno)* "Julgas que não sei o que de mim deseja esse canalha? Esse valdevinos? Brutamontes! Esse idiota, ladrão, salteador! E tu, mulher, que dou cabo de ti, que te amarro ao rabo dum cavalo e irás varrer as estradas reais, má peste te consuma, velha alcoviteira proxeneta!" Até proxeneta me chamou, a mim!

Calisto – Que respondeste?

Celestina – Eu? Moita! De cócoras! Agachada, rasinha!

Calisto – E ela?

Celestina – Continuava... Tó, tó, tó... tó, tó, tó, pá, pá-pá, pá, pá. E eu: ai, ai... ai, ai... E quanto mais ela espumava e enclavinhava as garras e dava no chão grandes patadas, mais eu me curvava e mais a alma se me enchia de contentamento.

Calisto – Devias sentir o contrário...

Celestina – Porque eu a certa altura disse-lhe: "Mas que injustiça!" E quando eu disse isto, ela parou. Falar de injustiça dá sempre resultado...

Calisto – E depois?

Celestina - Desatei a chorar.

Calisto - Com lágrimas?

Celestina – Das verdadeiras! Ainda aqui estou molhada...

Calisto – E ela?

Celestina – "Porque choras, velha hipócrita?"

Calisto – Chamou-te velha hipócrita?

Celestina – Sim! Ai, aquilo é um temperamento... Tens de te aguentar com ela! "Velha hipócrita" - gritou. Então eu preguei-lhe um grande berro: "Ahhhhh!" Ela ficou pasmada. Eu aproveitei logo: "porque estás, senhora" disse-lhe, muito meiguinha "porque estás a ver o mal onde mal não existe? Ah os teus olhinhos também são malinos... Eu só vim aqui pedir por Calisto que está em risco de perder todos os dentes, devido a uma inflamação que lhe deu nos ossos da caveira."

Calisto – Oh!

Celestina – "Calisto, que é um Apolo" disse eu "Calisto, que é a perfeição, está em risco de ficar desdentado, e toda mirrada a polpa repolhuda daquela boca".

Calisto – Disseste-lhe isso?

Celestina – Pois, se é a verdade!

Calisto – A verdade? Não tenciono perder os dentes.

Celestina – Mas és um Apolo!

Calisto – Oh, astúcia!...

Celestina – Implorei que me desse uma oração que ela possui, para que se operasse um milagre nos teus queixais.

Calisto – E ela? Deu-ta?

Celestina – Não, não ma deu.

Calisto – Não quer saber de mim! Estou perdido!

Celestina – Mais uma vez a Celestina te salvou: pedi-lhe um cordão que ela possui e que usa sempre na cintura! Um cordão milagroso dos Cruzados que foram ao Santo Sepulcro! Um cordão que encostarás à face para que o milagre da cura se complete! Ih, ih, ih!

Calisto – E ela?

Celestina – Levantou a saia.

Calisto – Oh!

Celestina – Até acima! Ai que perninhas tão macias, tão rosadas... que coxas tão roliças... Tudo ali é mesmo bom! Muito bom! O cordão lá estava, pousadinho na curva dos quadris.

Calisto – Oh!

Celestina – Alvíssaras! Alvíssaras! Que alvíssaras mereço por um cordãozinho piedoso, ainda quente da cinturinha de Melibeia, de onde a Celestina o viu sair, de onde foi desatado pelas suas mãozinhas?

Calisto – Toma esta cadeia de oiro! *(Entrega-lha)*

Celestina - Ei-lo, o cordão! *(Mostra-lho de longe)*

Parmeno – *(Aparte)* Que grande macaca! *(Cotovelada de Semprónio)*

Celestina —O calorzinho que aqui se sente ainda é do corpo da tua amada. *(Estende-lho para Calisto sentir o calor e torna a retirá-lo)*

Calisto – Dá-mo, depressa!

Celestina – Depressa, para não arrefecer. Ih! Ih! Ih! Deste-me oiro e dou-te seda. Generosa troca fizeste! *(Entrega-lhe enfim o cordão)*

Calisto – Oh! *(Enquanto Calisto beija o cordão e o encosta à cara, Parmeno e Semprónio, por sinais pretendem a cadeia*

de oiro, que Celestina guarda na saia) Oh, bem-aventurado cordão, que abraçaste aquele corpo que não sou digno de servir! Melibeia, tenho o coração desfeito depois que te conheci! Os meus olhos se lastimam de te terem olhado, os ouvidos de te terem ouvido, as mãos de te haverem tocado!

Celestina – Tocaste-a?!

Calisto – Sim, em sonhos!

Celestina – Ah!...

Calisto – Sonho com ela todas as noites e pratico com a sua imagem!

Calisto – Encontra-se cercada, a minha senhora Melibeia. Cercada de muros! *(Para Celestina)* Não se alcança tal fortaleza! Nunca lhe chegarei!

Celestina – Cala-te, senhor! "Numa hora não se ganhou Zamora" e nem por isso as tropas desconfiaram. Lembra-te: o atrevimento dum homem só, bastou para conquistar Tróia.

Calisto – Creio nas tuas palavras, pois me trouxeste jóia como esta.

(Beija o cordão) Oh, minha glória, anel daquela mimosa cintura! Oh, cordão, cordão! És meu inimigo? Oh não, por certo não! Mas se foste meu adversário, eu te perdoo, ó cordão! Considero a tua vinda até mim como acto de pedir desculpa. Exijo que respondas, cordão! És meu inimigo? Responde! Responde, por virtude do grande poder que a tua dona sobre mim exerce. Responde, cordão!

Celestina – Basta! Basta! Ainda fazes o cordão em farripas!

Calisto – Oh, cordão, cordão, que segredos saberás daquela maravilhosa imagem?

Celestina – Hás-de tu descobri-los em pessoa, se não disseres mais disparates! *(Tenta tirar-lhe o cordão)*

Calisto – Cala-te, mulher! O cordão e eu compreendemo-nos muito bem! Oh, meus olhos doridos, acordai! Bebei desta

fonte a saúde que falta ao meu corpo! Contemplai este remédio que até mim chegou! Oh cordão!

Semprónio – (Ajudando Celestina a tirar-lhe o cordão) Se te chega o cordão, porque não desistes de Melibeia?

Calisto —Que dizes?

Semprónio – Até parece que estás a desonrar o cordão...

Celestina – Com mil demónios! Trata esse cordão como cordão que é! Se não, quando estiveres com Melibeia, não saberás distinguir entre ela e os seus próprios vestidos!

Calisto – Oh, Celestina, mãe consoladora! Deixa-me aproveitar o cordão, deixa... Espírito meu, adora aqui presente neste cordão a excelência daquela que jamais terás em teu poder!

Celestina – Pára, pára!

Calisto – Oh, minhas mãos!

Semprónio – Basta, basta!

Calisto – Oh, mãos! Com que atrevimento tratais este balsâmico lenitivo da minha ferida!

Parmeno – Pára, pára!

Calisto - Oh, tu, senhora!...

Celestina - Eis-me!

Calisto – Oh alegria das velhas e das raparigas!

Celestina – Eis-me!

Calisto – Oh descanso dos fatigados!

Semprónio e Celestina – Eis-me!

Calisto – Não me roubes esta jóia, senhora! Deixa-me sair com ela pelas ruas, levando o cordão, para que todos saibam! Para que todos saibam que homem não existe mais bem-aventurado do que eu!

Semprónio – Não é do cordão que depende o teu mal!

Calisto – Este foi o primeiro remédio para a minha chaga!

Celestina – O cordão não serve de remédio. É necessário que ponhas um pano amarrado ao pescoço para que, se ela te vir, não julgue que aleguei para ti falsa doença de queixais.

Calisto – Sim, porei um pano ao pescoço.

Celestina – Desde já, que vais sair, não vais? Podes ser visto... *(Tira da saia um pano que amarra ao pescoço de Calisto)*

Calisto – Tens razão! Adeus, mulher, minha salvadora.

Celestina – Não saias ainda. Deixa-me o cordão!

Calisto – Pobre de mim! Dele me dói separar-me. *(Despede-se do cordão)* A fortuna adversa me persegue. Contigo, ou com o cordão, ou com ambos, gostaria de ficar acompanhado esta noite, que se adivinha longa e tenebrosa. Já que não é possível, toma! Eu farei frente à solidão! *(Entrega o cordão a Celestina e sai)*

Celestina – (Trauteia) Lá... Lá...

(Parmeno e Semprónio aproximam-se de Celestina, e rodeiam-na)

Parmeno - A cadeia de oiro!

Celestina – Qual? Qual cadeia?

Semprónio - A que te deu Calisto.

Parmeno - Queremos que seja dividida.

Celestina – Ah, pois... Quando virá o alfaiate?

Semprónio – Amanhã será.

Parmeno – Teremos de repartir o custo do manto e da saia, as cem moedas e a cadeia de oiro.

Celestina – Contas faremos e honestas! Por agora, falemos do que é agradável... (Chama) Elícia! Elícia!

Semprónio – Elícia não é precisa agora.

Celestina – (Chama) Elícia! Precisas sempre dela! *(Entra Elícia)* Filha, queria combinar jantarmos todos juntos, amanhã ao meio-dia nesta casa. Hein? Que dizem?

Parmeno – Não é de jantar que precisamos. Exijo explicações claras acerca da divisão dos proveitos.

Celestina – Ui! o que aí vai! Pareces o cavaleiro nocturno do terror! Deixem-me sozinha com este franganito. Leva-o, Elícia! *(Indica Semprónio. Iniciam movimento de saída. Para Semprónio)* Compadre, ficas encarregado de roubar a teu amo duas galinhas e um queijo para o tal jantar. Cedo estarás aqui amanhã.

Semprónio – E trarei vinho.

Celestina – Seis canadas! Ou mais, que todo marchará!

Semprónio – Combinado, comadre.

(Saem Semprónio e Elícia)

Parmeno – Fiz amizade com Semprónio, como querias. Estamos unha com carne... De acordo em que os proveitos deste negócio sejam divididos igualmente por três: Semprónio, Parmeno e Celestina. *(Falou duramente)*

Celestina – Mas...

Parmeno - Também assentámos que nem ele nem eu trataremos deste assunto contigo separadamente.

Celestina - Para mim tanto me dá. Mas tu, palerma, não queres ter benefício maior do que Semprónio? Se te criei, se és meu verdadeiro filho, não queres que te dê privilégio?

Parmeno - Quero sim, mãezinha querida... Quero dois privilégios.

Celestina - Vejo que contigo me hei-de entender...

Parmeno - Primeiro, quero a herança que meu pai te confiou.

Celestina - Tê-la-ás, mas não agora! Nem que me mates! Promessas que lhe fiz no leito de moribundo me obrigam a adiar a entrega.

Parmeno - Em segundo lugar, quero, sem demora, Areusa, que me prometeste. Já!!!

(Celestina hesita e sai. Parmeno imóvel. Vê-se a cama de Areusa, nua. Parmeno e Areusa ficam um momento em silêncio, um em face do outro. O diálogo seguinte é cheio de timidez e deslumbramento)

Parmeno - Senhora... Deus salve a tua graciosa pessoa...

Areusa - Gentil-homem... Benvindo sejas... até junto de mim...

VI QUADRO

(Em casa de Celestina)

Parmeno – Semprónio amigo, mais do que irmão! Não corrompas a minha alegria! Celestina é que tinha razão!

Semprónio - Em quê?

Parmeno - O prazer que se não comunica, não é prazer.

Semprónio - De que se trata? De Melibeia?

Parmeno - Não. *(Entra Areusa que põe na mesa as toalhas para o jantar. Parmeno perturba-se. Olham-se. Areusa sai)* Não é de Melibeia, mas de outra, igual ou melhor! Oh, como sou feliz! Oh, o que eu sinto! Como junto com Areusa a glória me foi concedida!

Semprónio - Qual Areusa?

Parmeno - Esta alegria me vem de a haver alcançado!

Semprónio - Areusa! *(Ri-se)*
Parmeno - Tenho-a por minha!
Semprónio - Ui... A velha anda por aí...

(Entra Celestina)

Celestina - Meus amores, pérolas floridas! Assim o dia me corra bem, como gosto me dá o ter-vos junto de mim!
Parmeno - Ui, que palavras feiticeiras! Mano, cá vem ela com mimos fingidos...
Semprónio - Deixa, que deles vive.
Celestina - *(Para Parmeno)* Hein? Agora de manhã vejo-te mais sereno... Os olhos brilham-te, tratante! Há no teu corpinho um travo que não engana. Quem é neste mundo a Celestina? Hein? Aquela que dá o inferno ou a que dá o paraíso?
Semprónio - A que nos vai dar de jantar.
Celestina - Moças, moças, depressa! Depressa, minhas tontas! Dois homens desavergonhados me querem violentar. Hi, hi, hi! *(Entra Elícia)*
Elícia - *(Para Semprónio)* Estás aí? Podias ter dito. Cada vez te sinto menos com olhos de me apreciar.
Semprónio - Negócio de Calisto trago entre mãos que me ocupa...
Elícia - Quem ao oficio dá mais valor que à mulher, arrisca-se a tê-los. Por esse motivo é que se vê na cidade tanta cornadura.
Semprónio - Por agora é assentar e comer!
Elícia - Para sentar e comer, temos homem! *(Chama)* Areusa!
Semprónio - Queres bulhar? Vamos a isso, mas depois. *(Entra Areusa)* Comadre Celestina, assenta-te tu primeiro.
Celestina - Assentai-vos vós outros, que cada um tem a sua. Comecemos pelo vinho. Alegria, alegria! Não haja receio

que este é vinho do bom, honradamente rapinado na adega de Calisto pelos seus criados. E Calisto tem gosto apurado! Empinai, empinai canecas! *(Bebem)*

Semprónio - Comadre, comendo e falando! Se não, falta-nos o tempo para os assentos do amor entre o maluco do meu amo e aquela graciosa e gentil Melibeia.

Elícia - Cala-te, que me fazes nojo! Mau proveito tenhas do que comes! Olha, olha quem é gentil! Jesus! Jesus! Quem é que é gentil? Deus me castigue, se aquilo é ser gentil, só assim um bocadinho. Melibeia, hein? Aquele cabo de vassoura? Nem vale meia moeda! Se alguma vista faz, é devido aos atavios com que cobre o esqueleto. Vistam-nos a um pau e também dirás que é gentil. *(Mostra-se)* Aqui ao menos, aqui há por onde!

Areusa – E não conheces Melibeia tão bem como eu, mana! Se um dia eu deparasse com ela estando em jejum, não comeria o dia inteiro. Um nojo! Fecha-se em casa todo o ano com as mesmas roupas, que não as muda, brande porca! Não percebo porque Calisto se embeiçou! E faz vista grossa a outras que mais facilmente teria e com quem melhor gozava!

Celestina – Filhos, isso não importa! Tu Elícia, vem para a mesa, deixa-te de náuseas...

Elícia – Queres que me sente ao pé desse malvado, que na cara me disse que é melhor que eu, essa petinga da Melibeia?

Semprónio – Vida minha, vem cá!

Areusa – Toca a comer, mana! Senão, levanto-me da mesa!

Elícia – Está bem, já que mo pedes, vou dar satisfação a esse trapaceiro! Sento-me! *(Semprónio ri-se)*

Elícia – De que te ris? Lepra ruim te dê cabo da língua, nojento!

Celestina – Não lhe respondas, filho. Se não, nunca passaremos daqui. Vamos falar do que é sério: Que faz Calisto, como está ele?

(Areusa e Parmeno em mútua contemplação)

Semprónio – Na mesma. Sem cabeça para nada. Há pouco saiu desvairado, envolto numa capa e dizendo: "vou à igreja da Madalena".

Celestina – Que foi ele fazer à igreja da Madalena?

Semprónio – Sei lá! Sofrer com certeza. Onde quer que se encontre, sofre sempre. Além disto, na Madalena também é capaz de rezar.

Celestina – Assim é o amor, filhos! Fica o apaixonado com duas almas no mesmo corpo!

Semprónio – Exacto, comadre. Aqui está a meu lado quem me levou durante muito tempo a andar feito outro Calisto, o corpo cansado, a cabeça oca, e tudo o resto que é doença de apaixonado. Tudo isto tenho-o por bem empregado, pois esta jóia ganhei.

Elícia – Crês que me tens ganhada? Mal voltas a cabeça já cá em casa meti outro a quem mais quero, melhor e mais gracioso do que tu e que não anda sempre a buscar-me arrelias.

Celestina – Deixa-a falar, que desvaria! É por vingança de te afastares dela. Deixem-se de picuinhas! Gozai a mocidade, que o tempo voa, não há que perdê-lo. Abraçai-vos e beijai-vos, pois nada me resta na vida mais que o gosto de vos ver. Enquanto à mesa, da cintura para cima tudo se consente. Quando sozinhos, não dou indicações, que El-Rei também não o faz. Deus vos bendiga, porque rides e folgais, louquinhos, travessos, putinhos! Deste modo galhofeiro deviam acabar todos os arrufes! Cuidado, não deitem a mesa abaixo!

(Batem à porta)

Elícia – Batem à porta, acabou-se o refrigério.
Celestina – Ou talvez o venham aumentar.
Lucrécia – (De fora) Celestina!
Elícia – É a minha prima Lucrécia.
Celestina – Abre depressa, que a pobre vive encerrada, longe dos prazeres da mocidade!

(Elícia abre. Entra Lucrécia)

Lucrécia – Boa paz, nesta casa, Ti Celestina! Também para a ilustre companhia de tanta gente!

(A certa altura da fala seguinte, Semprónio continua a comer)

Celestina – Tanta gente, dizes tu, meu amor? Ai, bem se vê que não me conheceste em tempo de prosperidade! Ai quem me viu então e quem me vê! Tinha eu a esta mesa, onde vês tuas primas sentadas, nove raparigas, nenhuma menor de catorze anos, nenhuma maior de dezoito! Ai, as pessoas de qualidade que se colocavam ao meu serviço, por via das pequenas! De honras tão altas, de tão elevada consideração, a fortuna me foi baixando até àquilo em que me vês *(Chora)* Ai, não sei como se pode viver no estado de aflição a que cheguei!

(Elícia manifesta desconfiança, desprezo e frieza pela dor de Celestina)

Areusa – (Comovida) Não chores, mulher! Que é isso de chorar, se aqui nos tens como tuas fiéis!? Não chores, não te canses... Deus Nosso Senhor te remediará!

Celestina – Choro à recordação do que fui e já não sou...

Areusa – Para quê recordar, se não podes voltar atrás?

Celestina – Sim, sim! Lucrécia, minha filha, a que devo a tua visita?

Lucrécia – Venho buscar o cordão... *(Olha em redor e depois fala)* - Melibeia manda-te pedir que sem demora vás ter com ela. Está muito doente, por nada se cansa, tem desmaios e dores no coração.

(Semprónio pára de comer. Celestina executa qualquer gesto que recorde o exorcismo anteriormente praticado)

Celestina – Onde está ela?

Lucrécia – Espera-te na Igreja da Madalena.

Celestina – Na Madalena? *(Olha para Semprónio que já se tinha levantado)*

Semprónio - Na Madalena?

Parmeno – Também ela foi para a Madalena? *(Levanta-se)*

Celestina – Não há tempo a perder. Para a Igreja da Madalena, sem demora, que não queremos que os dois se encontrem! Dêem-me o manto.

(Semprónio sai, correndo. Parmeno vai-lhe no encalço. Imediatamente Celestina inicia a saída, pondo o manto)

Lucrécia – E o cordão?

Celestina – Tenho-o comigo. Anda, Lucrécia, depressa, depressa!

(Elícia e Areusa sentadas, em silêncio, continuam a comer, sozinhas)

VII QUADRO

(Um recanto na Igreja da Madalena. Ao F. uma grade com a porta entreaberta. Para além desta, a igreja, oferecendo, se possível, sugestões perdidas na penumbra, arcos, naves, cadeirais, lampiões, vitrais, etc. Durante o monólogo de Melibeia, que está no genufletório, Parmeno e Semprónio entram, ficando além da grade. Depois de se certificarem de que Melibeia se encontra só, Parmeno desaparece, conservando-se Semprónio dissimuladamente a espiar Melibeia e tudo em redor. Embora as figuras fiquem na relativa escuridão dos planos recuados, deve notar-se a agitação destes serviçais que, por um lado, desejam evitar que Calisto e Melibeia se encontrem e, por outro, pretendem encontrar Calisto, o que até agora ainda não aconteceu)

Melibeia – Oh minha virgindade, agora tão mal defendida! Porque razão, quando Celestina ontem me trouxe mensagem de Calisto, não lhe respondi que sim, que sim! Hoje talvez seja tarde! Talvez Calisto esteja já voltado para outra, desgostoso por eu lhe ter dito não! *(Pausa. Entrada pelo fundo de Semprónio e de Parmeno)* E Lucrécia? Que pensará de mim? Será capaz de me abocanhar porque me vê tentada a perder a vergonha e tudo o que faz de mim donzela? Ai, Lucrécia! Se me trouxesses sem demora Celestina! Celestina, a minha esperança! *(Sai Parmeno)* Oh meu Deus! Dá-me paciência para disfarçar a minha terrível paixão! *(Sai*

Semprónio) Dá-me paciência para a castidade! Mas como posso estar certa de a conservar, se à vista de Calisto, à simples vista dele, me apetece perdê-la, perdê-la, perdê-la toda? Oh, ele entontece-me, atordoa-me, como vinho envenenado. Oh meu Deus! Porque não permites que as mulheres tenham o direito de declarar o seu amor, como fazem os homens? Não vês, Senhor, que com esse arbitrário mandamento provocas o mal e o pecado? Pois se eu pudesse revelar-me, nem Calisto viveria sofrendo, nem Melibeia pecando... *(Cai numa espécie de prostração)*

(Entra Semprónio. E a seguir, correndo, Lucrécia e Celestina. Lucrécia vem cansada. Celestina aproxima-se de Melibeia e toca-lhe na cabeça)

Melibeia – Oh velha sábia! Da tua sabedoria tenho necessidade.

Celestina - Que mal te apoquenta e te transforma as feições do rosto?

Melibeia - Devoram-me o coração serpentes dentro deste corpo!

Celestina – (Aparte) Eis o que eu queria! Vingança tomarei da ira com que ontem me atacaste!

Melibeia – Que dizes, mulher?

Celestina – Eu?

Melibeia – Grandes elogios me fizeram do teu saber!

Celestina – Sabedor só Deus! Para te dar tratamento preciso de perguntar e, se responderes, te indicarei a cura.

Melibeia - Pergunta.

Celestina - Em que parte do teu corpo está a doença?

Melibeia - Bem... No coração!... Debaixo deste peito.

Celestina - *(Apalpa-lhe o seio esquerdo. Aparte)* Ai Calisto, se tivesses entre os dedos este limãozinho... Aqui!

Melibeia - Sim, mas estende-se a todas as partes...

Celestina - Já sofreras do mesmo mal ou é coisa nova?

Melibeia - Coisa nova... sim, nova... Nunca sentira este turbarem-se-me as feições, perder o juízo, faltar o sono, odiar a alegria!

Celestina - Virá a doença dalgum pensamento ou mania que se te enrolasse na cabeça?

Melibeia - Não sei. Apenas me lembro da alteração que ontem me fizeste quando junto de mim intercedeste por Calisto.

Celestina - Como, senhora? Tão ruim homem será ele que só de lhe ouvir o nome fica uma mulher envenenada? Não é essa a causa da moléstia! Não! Talvez outra, de que suspeito. Eu ta indicarei, se disseres que me dás autorização.

Melibeia - Necessitas de autorização para me curares?

Celestina - Sim, porque tu queixas-te, mas temes a saúde. O teu temor faz-me receio de falar e calo-me. Não falando, não te dou remédio. Sem remédio, não terás salvação. Ou bem que saímos disto, com teu expresso consentimento, ou nem terás alívio, nem me valeu a pena ter vindo.

Melibeia – Por Deus, aplica-me o que for preciso, ainda que destrua a minha honra e ofenda o meu corpo, ainda que haja de me ser rasgada a carne, para se arrancar coração!

Celestina – Ontem levei-te comigo uma parte da cura. Apesar disto, será preciso ir buscar dose reforçada a casa de Calisto.

Melibeia – Dele nada quero! Nem sequer ouvir o seu nome!

Celestina – Paciência, tem paciência! A tua chaga é grande! Para forte mal, forte remédio. Não digas mal de Calisto, não lhe tenhas ódio! Se o conhecesses...

Melibeia – Cala-te!

Celestina – Falarei, pois mo autorizaste! Calisto! Calisto! Ah, esta agulha trabalha bem, que te penetro sem te tocar!

Melibeia – Porque se torna Calisto necessário ao alívio do meu mal?

Celestina – O amor contaminou-te.

Melibeia – O quê? Que nome dás à minha moléstia?

Celestina – Doce amor. *(Pausa)* Existe no mundo uma flor que te há-de sarar.

Melibeia – Como se chama?

Celestina — Não sei se devo...

Melibeia - Diz!

Celestina – Chama-se Calisto! Calisto... *(Melibeia desmaia)* Oh, que aconteceu? Que é isto? Oh, desmaiou!... Lucrécia, Lucrécia! Tua ama desmaiou!

Lucrécia – Senhora! Meu Deus! Senhora!

Celestina – Depressa virá a si. O exagero desta paixão...

Melibeia – Oh, meu Calisto e meu senhor! Doce e suave alegria! Se sentes o mesmo que sinto, meu amor, como vives? Calisto...

Celestina – Fala! Continua...

Melibeia – Obrigada, mulher. Ontem levaste naquele cordão a minha liberdade. O pensamento, desde então sempre, sempre em Calisto, guindou a minha angústia até ao desespero. Obrigada, mulher, pelos teus liberais serviços. Arranja maneira... quero vê-lo.

Celestina – Vê-lo e falar-lhe.

Melibeia – Falar? Impossível...

Celestina – Nada que uma mulher queira é impossível.

Melibeia – Oh, meu Deus!

Celestina – De noite será, às escondidas...

Melibeia – Quando?

Celestina – Hoje!

Melibeia – Hoje? Oh, preciso de mais tempo... para... para..

Celestina – Para quê?

Melibeia – Preciso de pensar.

Celestina – Hoje mesmo será, à meia-noite!

Melibeia – Devagar, devagar... ainda não...

Celestina – Para quê mais delongas? Para quê sofrer mais? Dá-te prazer o sofrimento?

Melibeia – Do sofrimento me desejo libertar! Porém...

Celestina – Não há porém algum! Hoje Calisto estará contigo à meia-noite!

Melibeia – (Pausa) Onde?

Celestina – Em tua casa. Como poderá Calisto entrar? Onde podes recebê-lo sem que ninguém saiba?

Lucrécia – Meu Deus! Meu Deus!

Melibeia – Talvez na primeira sala do torreão...

Lucrécia – Senhora!

Melibeia – Meus pais costumam aí estar ao serão, algum tempo, antes de recolherem.

Lucrécia – Sim. Depois nunca voltam. E esse lado da casa é o mais afastado. A sala tem portas para o terraço. Ao terraço vai dar uma escada que desce directamente para o jardim.

Celestina – À meia-noite Calisto estará escondido nessa escada. Quando convier, junto da janela aproximarás duas candeias. Este sinal significa que Calisto pode entrar. *(Exemplifica com velas do altar)*

Lucrécia – Senhora, senhora, estás perdida!

Celestina – Cala-te!

Melibeia – Já não se encontra na minha mão refrear este amor. Segredo! Segredo! *(Para Lucrécia)* Ouviste? Segredo, no que respeita a este amor. Segredo!

Celestina – A combinação é perfeita. Calisto não faltará.

(Pausa. Ao fundo aparecem Semprónio e Parmeno e ao meio deles, Calisto, embrulhado numa capa. Os criados pretendem impedir que entre, mas ele liberta-se. Calisto entra, fica junto da porta, porque aí refreia o ímpeto com

que vinha. Melibeia dá com os olhos em Calisto, pára um momento, baixa os olhos e continua, quase humilde, saindo seguida de Lucrécia. Parmeno e Semprónio passam a grade)

Calisto – A altivez desta mulher há-de matar-me! Nunca este mal terá fim! Corro atrás dela! *(Parte. É interceptado por Celestina)*

Celestina – Não convém! Nem é preciso... A Celestina tem para ti boas palavras de Melibeia!

Calisto – Oh, que dizes?!

Celestina – Melibeia já é mais tua que de si própria; está mais sujeita à tua vontade, que ao mando do seu pai!

Calisto – Cuidado com as palavras, que poderão essas imagens tombar dos nichos! Melibeia é meu Deus e minha vida; eu é que sou seu serviçal e seu escravo.

Semprónio – Isso era dantes. Agora chegámos ao inverso!

Celestina - Melibeia sofre agora por ti mais do que tu por ela.

Calisto - Não! Não é possível!

Celestina – Pensa que te pertence!

Calisto – Não, não acredito! Não acredito...

Celestina – Melibeia deseja ver-te, falar-te, estar junto de ti.

Calisto – Não pode ser!

Celestina – Que teimosia! Pois se é verdade!

Calisto – Quando?

Celestina – Hoje ainda a verás, à meia-noite.

Calisto – Hoje?... Onde?...

Celestina - Em sua casa.

Calisto - À meia-noite?

Celestina – Sim.

Calisto - Em sua casa?

Celestina - Sim.

Calisto – Eh, rapazes, estarei realmente aqui? Estarei vivo? Esta igreja, vós outros, Celestina, as palavras que ouvi, não serão ilusão diabólica? Meu Deus, pai celestial, rogo-te que nada seja sonho! Se me estás a mentir, porque não consideras bastante o pago, fala verdade, pois eu sei que muito mais do que te dei merecem os teus serviços.

Semprónio – Muito mais, senhor?

Calisto - Toma este anel. E teu.

Celestina - Oh, meu senhor!

Semprónio – (Aparte, para Parmeno) Um anel a somar...

Celestina – Grande liberalidade tu usas com esta pobre velha. E mereço-a. Esta noite terás confirmação de que a razão do teu amor, a causa do teu prazer se encontram em mim! Fui eu quem te meteu dentro de Melibeia!

Calisto – Em sua casa... à meia-noite...

Semprónio – Por que porta entrará Calisto? Onde será recebido?

Celestina – (Para Calisto) Subirás a escada que vai do jardim ao terraço. Melibeia estará na primeira sala do torreão.

Calisto – Tudo combinado...

Celestina – Tudo, como vês. Pensei por ti, tudo preparei por ti. Só te resta abrir a porta e penetrar no paraíso.

Calisto – Irei armado. E vós moços, também. Sereis meus guardas.

Semprónio – Conta connosco.

Calisto – (Para Parmeno) Contigo também?

Parmeno – Também comigo.

Calisto – Bravo, rapazes! Eu vou a casa. Vou dormir para reparar o sono perdido e ganhar forças para o que esta noite me espera. *(Calisto sai)*

Celestina – Deste modo trabalha a Celestina. Esta noite o meu trabalho ficará concluído, daí por diante trabalha a natureza.

Semprónio – Comadre, entre nós ainda temos coisas a tratar. *(Indicação de que é ao dinheiro que se refere)*

Celestina - Não, agora não, esperam-me em casa.

Parmeno - Celestina...

Semprónio – Comadre...

Celestina – Depois, depois, depois... *(Escapa-se e sai)*

Parmeno – Ui, a pressa que a velha tem! Lá vai ela esconder o anel junto da cadeia de oiro e das cem moedas. Nem acredita que tenha juntado tanta riqueza.

Semprónio – Vendo-se carregada de oiro, que queres que faça uma alcoviteira que leva três moedas por restaurar sete virgos? O diabo a defenda, que quando chegar a hora de repartir o que se ganhou, nem a alma lhe pouparemos!

Parmeno – É exigir, sem contemplações! De tais proveitos agora necessito. Com Areusa desejo fazer vida honesta.

Semprónio – Onde tu já vais! O nosso trabalho ainda não chegou ao fim.

Parmeno – O assunto agora é lá entre Calisto e Melibeia.

Semprónio – Não. Não vamos deixar a meio caminho um negócio que tanto trabalho me deu!

Parmeno – Agora é entregar Calisto ao seu destino!

Semprónio – Tresloucado como anda? Não! A guarda do aguazil vigia as ruas de noite. Ultimamente, por causa duns assaltos, anda mais feroz: prende a torto e a direito e atira-se a matar sobre os fugitivos. Se encontra Calisto e lhe pergunta onde vai, fazes ideia do que responderá? É capaz de declarar guerra à própria guarda sob o pretexto de que contraria o seu amor. Iremos presos, nesse caso, seremos interrogados, e nós todos, tu, eu, Celestina, ficaremos entregues á justiça por conspiração contra a honra de D. Plebério. Nesta altura, os perigos ainda são muitos.

Parmeno – Temos de nos armar bem armados.

Sempránio – Com espadas e punhais. Não largaremos Calisto um só instante. Ficaremos alerta, para lhe indicar a ocasião de saltar o muro do jardim. Compreendeste?

Parmeno – Sim.

Sempránio – Vamos preparar tudo. Saindo daqui, passaremos por casa de Melibeia.

Parmeno – Para quê?

Sempránio – Por ali andaremos, rondando, disfarçadamente, para ver o caminho a percorrer e preparar a entrada de Calisto. Vamos.

(Saem, rapidamente)

VIII QUADRO

(Casa de Celestina. Noite. Sempránio e Parmeno entram pela janela. Vêm armados, esbaforidos, cansados)

Parmeno – Escapámos!

Sempránio - Por uma unha negra!

Parmeno - Mas escapámos.

Sempránio – Como sabes?

Parmeno – *(Abate-se num banco)* É preciso fechar a janela. *(Sempránio cai noutro banco)* Ouviste? Fecha a janela.

Sempránio – Está bem... *(Não se move)* Se não fechamos a janela, poderá a guarda descobrir-nos.

Parmeno – Vai fechar a janela. *(Sempránio não vai)* Calisto maldito!

Sempránio – Fiquei sem pinga de sangue!

Parmeno – Ainda sinto agulhas na barriga das pernas, obrigando-me a fugir. *(Pausa)* É preciso ir fechar a janela.

Semprónio – Sim, sem demora.

Parmeno – Vais ou não vais fechá-la? *(Levanta-se e fecha-a)*

Semprónio - Na barriga das pernas... Foi aí que as sentiste, não? Também eu. Agulhas e aguilhões. Sobretudo aguilhões. Eu bem te dizia: a guarda do aguazil...

Parmeno – Em todos vê salteadores! *(Bebe duma cabaça que entrega depois a Semprónio)* Toma uma pinga.

Semprónio – É bem preciso. *(Bebe)*

Parmeno – Se não tivéssemos provocado a guarda para vir atrás de nós... Porque fizemos isto? *(Tornam ambos a beber)*

Semprónio – Porque Calisto é nosso amo e era preciso salvá-lo. Deitando a guarda atrás de nós, deixámos livre o caminho de Calisto.

Parmeno – A esta hora estará ele em casa repimpado! E nós aqui, sujeitos não sabemos a quê.

Semprónio – Calisto é nosso amo. Querias que fosse parar às garras da Justiça?

Parmeno – Era bem feito. Não se saltam muros, sobretudo os de D. Plebério. Calisto devia pagar por isso.

Semprónio – Como?

Parmeno - Devia ser preso.

Semprónio - Por quem?

Parmeno – Pela guarda do aguazil.

Semprónio – É mais fácil que o preso sejas tu.

Parmeno – Viste os olhinhos que Calisto trazia ao descer? Olhos de quem deu satisfação ao corpo e à alma?...

Semprónio – Oh, sim... Se a guarda o matasse, morria consolado...

Parmeno - Com mil demónios! Não compreendo por que razão desviámos para nós a perseguição da guarda.

Semprónio – Para salvar Calisto. Ele é o nosso amo.

Parmeno – Eu não o fiz para salvar Calisto. Foi para me pôr a salvo, afastando-me dele.

Semprónio – Ah, sim?

Parmeno – E tu, mano? Quando fugiste tinhas na ideia salvar Calisto?

Semprónio – Não!

Parmeno – Ah!...

Semprónio – Tinha na ideia salvar-me a mim!

(Olham um para o outro e desatam a rir)

Parmeno – Batemos com os calcanhares no traseiro que foi uma maravilha!

(Gargalhadas)

Semprónio – Fugimos por hortas e quintais mais levezinhos do que coelhos...

(Gargalhadas)

Parmeno – Mas a coisa deu para o torto... afinal fomos nós os perseguidos...

Semprónio – Em todo o caso, enganámos a guarda...

Parmeno - Ora, a guarda não se engana com duas tretas.

Semprónio - Perdeu-nos o rasto! *(Bebem)*

Parmeno – Não te fies nisso! Andará por aqui perto, às ocultas, fazendo-nos espera...

Semprónio – Deixa-te de cismas, nem nos distinguiram a cara. Viram por detrás dois homens a correr e nada mais. Estamos salvos, mano! A não ser que esta bruxa...

Parmeno – É preciso chamá-la.

Semprónio – Isso, vamos fazer agora as contas com ela! O que se desejava de Melibeia já está concluído.

Parmeno – E confirmado! Calisto combinou com Melibeia encontro para amanhã à mesma hora.

Semprónio – Daqui por diante, encontros e confirmações não terão fim.

Parmeno – Vá, chama-a! Com toda esta trapalhada, se me vejo com o proveito nas mãos, ainda julgo que é mentira...

Semprónio – Chama-a.

Parmeno – Chama-a tu, essa é boa! Onde dormirá?

Semprónio – Será que ela dorme? Celestina! Celestina! Não aparece...

Parmeno – É melhor bater à porta da rua, como se estivéssemos lá fora.

Semprónio – Boa ideia! *(Abre a porta bate com força e chama)* Celestina! Uui! Aí vem a guarda! *(Fecha a porta rápida e cautelosamente. Escondem-se. Ouvem-se, fora, os passos da guarda aproximando-se e afastando-se depois)*

Semprónio – Pronto, passou...

Parmeno – Ainda não fomos desta vez... Tenho o coração aos solavancos...

Semprónio – Deixa-te disso. Celestina!

Parmeno - Celestina! *(Bate as palmas)*

Semprónio - Comadre!

Parmeno e Semprónio – Puta velha!

Celestina - *(Aparecendo)* Quem me chama?

Semprónio - Aqui estamos, os teus filhos!

Celestina – Filhos meus não andam por fora a estas horas! Como entrastes?

Semprónio – O demónio nos abriu a porta.

Celestina – Ah, loucos travessos! Que vindes aqui fazer, que quase amanhece? Que aconteceu? *(Silêncio)* Que aconteceu? Vejo que a esperança se despediu de Calisto...

Semprónio – Se não fossemos nós, em resultado do que tu tramaste, já a esta hora Calisto andaria lá pelo outro mundo à procura dum canto onde ferrar o galho.

Celestina – Jesus! Em tamanho aperto vos encontrastes?

Parmeno – Estamos mortos de fadiga, estamos danados! Mais queria encontrar agora quem me desse guerra, do que quem me oferecesse paz!

Celestina – Ui! Que te vejo furibundo! Conta-me, Semprónio, o que se passou.

Semprónio – Vimos desesperados, as armas despedaçadas, a espada uma serra, cheia de bocas. Meu amo, segundo deixou combinado, na próxima noite irá de novo encontrar-se com Melibeia. Não temos armas para o acompanhar. E não nos resta para as substituir nem um chavo.

Celestina – Que pretendes dizer com isso?

Semprónio – Que precisamos de dinheiro, comadre. Parmeno e eu.

Celestina – Peçam-no a Calisto. Generoso é ele, dará para as armas e para muito mais.

Parmeno – Tu queres que lhe vamos pedir?

Semprónio – Já nos deu cem moedas; a cadeia de oiro; e depois o anel, que é de valia. Não falando naquele manto e saia novos que ali vejo dependurados. Tenhamos juízo, comadre! Não percamos tudo por exigirmos mais que o razoável!

Celestina – Que engraçadinho me saíste! Que terá que ver o meu salário com a tua soldada? Porque serei eu a remendar as vossas armas? Ah, agarras-te ao que um dia te disse, que o que é meu é teu e que sobre repartir não faremos questão!... Palavras destas saem pela garganta, são mimos que a nada

obrigam. Além disto, entreguei a cadeia de oiro àquela maluca da Elícia; deu-lhe sumiço, esqueceu-se de onde a pôs. Não dormimos as duas, consumidas pelo desgosto. De qualquer modo, filhos, se alguma coisa vosso amo me deu, é só meu! Em seu serviço, arrisquei a vida! Eu só é que trabalhei. Trabalhai vós também, que ele vos dará. Fiz obra de meu ofício. Vocês andaram por prazer.

Parmeno – Maldita gananciosa!

Celestina – Havemos de ter prémio igual, vós outros por se divertirem e eu por sofrer e trabalhar?

Semprónio – Vês até onde vai a cobiça desta velha?

Celestina – Mas em me aparecendo a cadeia, a cada um darei um par de calças de grena que é o tecido que melhor vos vai. Se isto vos não contentar, pois bem, da mesma maneira fica o caso arrumado!

Semprónio – Disseste-me que podia tirar para mim todo o ganho deste negócio. Agora que o meteste no papo, não queres dar-nos nem a parte combinada!

Parmeno – Ou nos entregas o que prometeste, ou nós to tiramos todo! *(Para Semprónio)* Eu bem te tinha avisado da raça maldita a que pertence esta velha, e não acreditaste!

Celestina – Para que vindes quebrar contra mim as zangas que trazeis de fora? Eu sei, meus amores, que as ameaças e o medo que me fazeis por causa do repartir, não são porque tenhais necessidade de dinheiro, nem sequer por cobiça. Pensais que, como vos tenho presos a mim através de Elícia e Areusa, por elas vos terei cativos toda a vida, sem vos arranjar outras novas. Vamos lá, quem estas vos deu, dará mais dez! Parmeno é testemunha de que nestes casos nunca falto à minha palavra. Vá Parmeno, fala, conta o que se passou contigo e Areusa...

Parmeno – Que te não saiam mais patranhas dessa maldita garganta, velhaca! Estamos seguros do fim a que viemos.

Semprónio – Passa para cá duas partes do que recebeste! Se não queres que se fique a saber quem tu és!

Celestina – Quem eu sou? Por acaso tiraste-me da putaria? Sou uma velha como Deus a fez, igual às outras mais. Vivo limpamente do meu ofício, como todo o oficial. Quem não quiser meus préstimos, não me procure! Porém, aqui a casa me vêm buscar, me vêm implorar. Tomo Deus por testemunha do meu coração! Apesar de ser mulher, se for à presença da Justiça, tal como vós serei interrogada e falarei, direi o que tenho a dizer! E tu, Parmeno, não julgues que me tens na mão por conheceres os segredos da minha vida e o que passei juntamente com a tua mãe!

Parmeno – Se mo recordas, puta, mando-te para o outro mundo já levar-lhe notícias minhas! *(Agarra-a)*

Celestina – *(Escapa-se)* Elícia! Elícia! Sai da cama! Dá-me o manto! Vou queixar-me à justiça, clamando como possessa! Que é isto? Ameaças na minha casa? Com uma ovelha mansa mostrais tamanha braveza? Com uma galinha amarrada? Com uma pobre velha? Ide mostrar as sanhas a ferrabrases de espada, se a coragem é tanta! Desafiar a minha roca, é cobardia!

Semprónio – Velha avarenta, garganta sequiosa por dinheiro!

(Entra Elícia)

Celestina – Se essa que aqui está acreditasse em mim, *(indica Elícia)* nunca a minha casa ficaria de noite sem homem que a guardasse! Mas por teu amor esta parva nunca quis, por esperar por ti, por te ser fiel. E agora que nos encontrais

sozinhas e fracas mulheres, vindes como ladrões exigir pela força loucas demasias!

Semprónio – Não te contentas com a terça parte do que se ganhou?

Celestina – Qual terça parte? Sai desta casa! Rua! E sem gritaria, para que não acorde a vizinhança! Não me façam perder a cabeça! Não me obriguem a assoalhar pela cidade os negócios de Calisto e os vossos!

Semprónio – (Tira o punhal. Elícia agarra-o) Com gritaria ou sem gritaria, entrega o que prometeste, ou os teus dias chegarão ao fim!

Elícia – Volte o punhal para a bainha! Ai! Ai! Agarra-o, Parmeno! Esse tresloucado quer matá-la! Ai! Ai! *(Continua a gritar)*

Celestina - Justiça! Justiça! Vizinhos! Acudam! Acudam! Acudam, que me matam rufiões!

Semprónio – Quais rufiões, cadela! Aguenta, senhora dona bruxa, que te mando com cartas de louvor para o reino de Satanás! *(Apunhá-la-a)*

Celestina – Ai! Ai! Ai! Que me mataram! Ai!... Eu me confesso a Deus... Eu me confesso... *(Contorce-se)*

Parmeno – Acaba com ela duma vez! Acaba com ela... Mata-a, mata-a!

(Semprónio não se mexe)

Celestina - Eu me confesso a Deus...

Elícia – Malvados! Animais cruéis! Que o poder das trevas vos engula, matadores! Como se atreveram a feri-la de raiva, esta pobre velha? Ai! Ai!

(Ruídos de pessoas à porta da rua. Semprónio vai cautelosamente espreitar pelo postigo. Entra Areusa)

Elícia – Ai, ai, que está morta quem era a minha mãe e todo o meu bem! *(Chora sobre o corpo de Celestina. Areusa também)*
Semprónio – Foge! Foge, que à porta se juntou muito povo!
Parmeno – E a guarda do aguazil?...
Semprónio – Não tardará...
Parmeno – Pela janela! Se não, cairemos nas mãos da Justiça!

(Depois da saída de Semprónio e Parmeno, ouvem-se gritos da multidão, que se afasta: "Agarra, agarra!" Areusa aproxima-se)

Elícia – Morta! Morta por cruéis assassinos!
Areusa – Ai! Ai! Morta, Celestina... Ai! Ai!

(Choram e gritam)

Elícia – Celestina, que me regalava e me encobria!
Areusa – Celestina, que me honrava entre as minhas iguais...
Elícia – Que me deu nomeada por toda a cidade...
Areusa – Mãe e protectora...
Elícia – No meu regaço a mataram com golpes de punhal! Ai, ai.
Areusa – Negra desdita!
Elícia – Não há pranto capaz de a chorar!
Areusa – Ai, que ficamos sem amparo e sem remédio!
Elícia – Destino, oh, destino! Ai! Ai!
Areusa – Celestina, Celestina, quantas faltas me encobrias com o teu saber!
Elícia – Tu trabalhavas e eu folgava!

Areusa – Percorrias como abelha toda a cidade, e eu no remanso da tua casa!

Elícia – Ó bem mais alto deste mundo, vivias desprezada e só te damos o valor agora que te perdemos. *(Pausa)* Oh Calisto e Melibeia!

Areusa – Calisto e Melibeia! Causa desta desgraça!

Elícia – Ruim acabar tenham os vossos amores!

Areusa – Em amargor de fel se convertam os vossos deleites!

Elícia – Calisto e Melibeia!

Areusa – Que em desespero se transforme a vossa glória!

(A multidão aproxima-se)

Elícia – Silêncio! *(Batem à porta. Elícia vai abrir. Entra Centúrio, logo seguido de Crito. A multidão lá fora, mal visível através da porta agita-se e quer entrar)* Andar, andar! Por cá não há novidade! *(Bate com a porta)* Rebanho de cabras e cabrões! E vocês? Que querem daqui?

Centúrio – Mortos!

Elícia – Quem?

Centúrio – Lá em baixo na praça!

Areusa – Quem?

Centúrio – Degolados!

Crito - Parmeno e Semprónio.

Centúrio - Ambos sem cabeça.

Crito - Lá em baixo na praça.

Centúrio - Parmeno, já ferido, fincou os olhos em mim, levantando as mãos ao céu, a perguntar-me que pensava da sua morte. De seguida, logo ali os degolou a guarda do aguazil, a Parmeno também, acusados como matadores!

Crito – Cobertos de sangue!

Centúrio – Tinham as caras amachucadas! Saíam-lhes os miolos de fora!

Areusa – Parmeno também?

Centúrio – Sim!

Areusa (Para Crito) – Também tu o viste morto?

Crito – Morto! Degolado...

Areusa - Oh, meu Parmeno, querido, querido! Grande amor em tão curto tempo, amor tão grande como nenhum outro, há tão breve tempo começado, cheio de esperança e de prazer, deste modo cruel tão cedo se acabou!

Elícia - Oh! Semprónio... *(Chora)*

Areusa - Minha irmã! Paciência! Paciência... Embora de coração trespassado, não nos verão chorar, que chorando ficaríamos cegas! Não chores mais, minha irmã! Torna-te em pedra, que de tal dureza agora é bem precisa.

Elícia - À minha frente só vejo Melibeia, ufana e gloriosa, cheia de orgulho por saber que foi derramado sangue em seu serviço.

Areusa - Vamos vingar-nos dela. Vamos amargurar os seus amores.

Elícia - Seja, em memória de Celestina. Juro!

Areusa – Juro!

(Levantam do chão o corpo de Celestina e colocam-no sobre a mesa. Põem-lhe candeias de cada lado. Tapam-na com o manto novo. Crito benze-se)

Areusa – Centúrio, eu te perdoo tudo o que me fizeste, com a condição de me vingares a mim e à minha prima de quem nos agravou.

Centúrio – Calisto?

Areusa – Sim.

Elícia – Esta noite irá de novo encontrar-se com Melibeia.

Centúrio – Quem o acompanha?

Elícia – Quem o acompanhava, sei eu. Mas esses já não existem.

Centúrio – Tomará outros criados. Pouca coisa para a minha espada que foi temperada para mais nobre cometimento.

Areusa – Dá-me por morto o tal Calisto. Não me interessa a tua espada!

Centúrio – Nela não há que denegrir! Esta espada povoa os cemitérios, enriquece os cirurgiões e dá-me de comer há mais de vinte anos. Por ela sou temido dos homens e querido das mulheres, a não ser de ti. Por causa dela deram ao meu avô o cognome de Centúrio; Centúrio se chamou meu pai, Centúrio me chamo eu. Meu avô, que ganhou o título, se não foi capitão de cem homens, foi rufião de cem mulheres!

Elícia – Deixemos de conversas impróprias diante deste corpo!

Centúrio – Se mandar o cavaleiro despachado brevemente, que benefício me acontecerá?

Areusa – Voltaremos aos nossos tempos antigos!

Centúrio – Anjo da minha vida!

Elícia – E esta cadeia de oiro será tua.

Centúrio – Minha? Toda? Essa cadeia? Que espécie de morte queres que lhe dê? Vou mostrar-te um repertório de mais de setecentas qualidades de mortes. Escolherás a que mais te agradar.

Elícia – Mana, não confiemos neste homem tão cruel, que haverá escândalo e se espantará a cidade!

Areusa – Queremos um género de morte que não faça bulício.

Centúrio – Eis as mortes que trago entre mãos: espadeiradas sem sangue, pancadaria com o punho da espada, ferro

perspicaz de revés e a cutelo. E, para deixar folgar a espada, aplico por vezes o varapau.

Areusa – Isso mesmo. Varapau. Para que seja castigado sem ficar morto.

Centúrio – Juro que é mais difícil para o meu braço usar varapau sem matar, do que ao sol parar no céu!

Elícia – Morra Calisto como te aprouver! Queremos que Melibeia não goze mais em sossego. Qualquer morte dele nos dará satisfação.

Centúrio – Terá morte assegurada! Parto cheio de alegria, pois me dás ocasião de te provar o meu amor! Adeus, senhoras. Encomendem Calisto à portaria dos infernos! E tu, Crito, vem comigo, que te quero por companheiro!

(Saem. Através da porta vê-se a luz cinzenta da madrugada)

Elícia - Não deitaremos luto, mana. É preciso deixar a tristeza, despedir as lágrimas. Poremos as toucas brancas, as gargantilhas bordadas, as nossas melhores roupas de prazer, para que saibam na cidade que somos mais fortes do que a dor. Em breve será enterrado o corpo da nossa mãe. Ficaremos nesta casa onde nos tornámos enraizadas. Jamais esta casa perderá o nome da Celestina. A esta casa virão as moças que o desejarem. Nesta casa os amigos nos encontrarão fiéis. A todos trataremos com a mesma ternura que Celestina lhes dava. Aqui prestaremos também socorro aos aflitos. E uma vez que Celestina de nós se despediu e a esta hora já penetra na eterna morada, seremos nós, se o merecermos, outras Celestinas...

IX QUADRO

(Casa de Plebério)

Plebério – Senhora mulher, escapa-se-nos o tempo das mãos, como corre a água do rio. Nada foge tão ligeiro como a vida. A morte nos persegue e rodeia, a nós, seus permanentes vizinhos. Olha em volta de ti os nossos iguais, parentes e irmãos: a todos já a terra devora, todos jazem na eterna morada. É tempo de pormos as barbas de molho, não vá a cruel voz chamar-nos de improviso. Ordenemos as nossas coisas com antecedência. Convém que deixemos a fazenda a meigo sucessor, para que partamos deste mundo descansados.

(Aparece Lucrécia, sem ser vista de Alisa e Plebério)

Alisa - É preciso dar marido a Melibeia.
Plebério – É preciso encontrar aquele que mais convém.

(Desaparece Lucrécia. Momentos depois entra Melibeia com Lucrécia)

Alisa - Deste modo, a sua honra ficará salva das línguas do mundo.
Plebério – Casar cedo, eis a fórmula para que a virgindade duma donzela não seja abocanhada e se conserve limpa a sua fama de virgem. A que homem daremos Melibeia por mulher? Não falta por onde escolher, pois nela se reúnem as quatro qualidades principais: discrição e virgindade, formosura, linhagem, e por último, riqueza.

Alisa – Escolhe tu marido para Melibeia. O que ordenares, a mim me dará alegria. Melibeia obedecerá, como é próprio da sua humildade e vida honesta e casto viver.

Plebério – Tal nos é urgente, para que tenhamos margem de aproveitar desse casamento, antes da morte. *(Levanta-se)* Vamo-nos deitar, senhora mulher, são horas. Se ainda um neto ouvirmos chorar ao nosso colo, grande lenitivo teremos dos males da velhice. *(Alisa levanta-se)*

Alisa – Embora me doa que de nós se separe, quem me dera ainda ver nossa filha na sua própria casa!

(Iniciam o movimento de saída)

Plebério – Que te parece, senhora mulher? Achas que devemos chamar Melibeia a escolher?

Alisa – Como?

Plebério – Mostrar-lhe lista dos maridos que a requerem e pedir-lhe que nos revele sua vontade, que nos indique qual prefere?

Alisa – Porquê? Para quê perder tempo? Melibeia não sabe que coisa são os homens. Não sabe o que é casar. Não sabe que nascem crianças da junção de homem com mulher. A sua virgindade não pode orientá-la no caminho do desejo. O marido que lhe dermos, alto ou rasteiro de sangue, formoso ou desajeitado, esse lhe dará prazer, ela o tomará por bom. Eu sei como a tenho criado na obediência e na ignorância

Plebério – Assim seja, senhora mulher.

(Saem Alisa e Plebério)

Lucrécia - Ouviste?

Melibeia – Sim...

Lucrécia – Teus pais dão-se pressa em te casar...

Melibeia – Ouvi muito bem...

Lucrécia – O melhor de ti já Calisto o levou... E morta Celestina não há por aí quem remedeie virgindades...

Melibeia – Ainda bem que se foram deitar, que o meu senhor não tarda... Desde há uma semana eles não cismam noutra coisa... Só pensam em casar-me.

Lucrécia – O que de então para cá tens feito...

Melibeia – Oitavo dia é hoje, desde a primeira vez que aqui tive Calisto... Pressentirão meus pais o grande amor que por Calisto concebi e que cresce de cada vez que me toca? Terão ouvido nossos rumores? Porquê, agora mais do que nunca, põem cuidado no meu casamento?

Lucrécia – Que hão-de fazer, senão importar-se com o que mais te importa?

Melibeia – A mim? Não! Querem impor-me o que lhes importa, a eles. Julgam que me têm preparada para obedecer e aceitar o que lhes convém! Se decidirem dar-me marido torto ou aleijado, supõem que a minha ignorância o aceitará! Onde têm força bastante para me apartar do meu prazer? Separar-me da minha glória? Calisto é a minha alma, minha vida e meu senhor, a ele entreguei toda a esperança. Pois que me ama, não estou enganada! Se amor só com amor se paga, para o recompensar que lhe darei, senão amor? Prazer para mim é satisfazer sua vontade. Se partir para além-mar, eu o acompanharei; se der volta ao mundo, leve-me consigo. Meus pais querem gozar velhice descansada? Pois que me deixem fruir a mocidade. Caso contrário, cavam a minha perdição e a sua sepultura. Não quero marido, não quero manchar os laços do matrimónio, nem as pisadas de

Calisto com outro repisar! *(Pausa)* Celestina, que em perigosas visitas me revelou os segredos do meu amor, está morta! Mortos os seus criados em nosso serviço! Calisto finge-se ausente da cidade, para me visitar de noite com maior segurança! Após tanto sacrifício, nem pais nem marido! Calisto somente! Faltando-me Calisto, que a vida me falte! Só tenho prazer na vida se a Calisto der prazer!

Lucrécia – Esse estado é danação!

Melibeia – Seja o que for! Ordeno-te que se ouvires meus pais falarem do meu casamento, entra na sala onde estiverem, interrompe as suas palavras, para que não vá eu própria, gritando como louca, dizer-lhes como se enganam acerca da minha ignorância. Neste assunto, mais do que nos outros, só eu sei aquilo que quero...

Lucrécia – Já é meia-noite.

Melibeia – Vai espreitar ao terraço se Calisto já está à minha espera.

(Lucrécia sai, volta um instante depois)

Lucrécia – Ainda não, senhora. *(Sai)*

Melibeia – Não tardará. Estejam os anjos à sua guarda, a sua pessoa livre de perigo, e não me inquieta a demora. Percorro com o imaginar cada passo desde sua casa e vejo as muitas coisas que lhe poderiam acontecer. Quem sabe se no caminho encontrou os aguazis nocturnos que, sem o conhecerem, lhe fizeram ofensa ou foram dele ofendidos? Ou se foi assaltado dos cães vadios, que não sabem distinguir entre vagabundo e senhor de qualidade? Oh que mesquinha eu sou! Que imaginações este amor desperta... *(A Lucrécia, que está na varanda)* Lucrécia, então?...

Lucrécia – Nada, por enquanto...

Melibeia – Oh... *(Lucrécia volta para o terraço)* Oh, minha vida e meu senhor! Como quiseste que perdesse o nome e a coroa de virgem por tão curto prazer? Oh minha mãe, se tal soubesses, os teus dias chegavam ao fim! Oh meu honrado pai! Como danei a tua inteireza e profanei a tua casa! Oh, traidora de mim, que sinto encher-me de glória, por causa do meu erro!

Lucrécia – Ouço um rumor, senhora...

Melibeia – Sim? Então Calisto não quebrou o nosso pacto, que da primeira vez que o recebi, eu lhe roguei e ele prometeu: "De dia não me negues a vista da tua pessoa, passa à minha porta; de noite, seja como tu ordenares... Aqui, neste secreto lugar, esperarei por ti. O tempo de esperar-te me dará prazer todas as noites". *(Entra Lucrécia)* Então?

Lucrécia – Ouço na rua um bulício... passos e vozes...

Melibeia – Certamente o seguiram... Mas quem? Teriam fundamento os meus receios? Esperemos mais tempo ainda... Sinto que o perigo nos espreita e não apenas duma banda... Se assim não fosse, alguma coisa estaria errada neste tão raro amor... *(Trauteia)*

Já a meia-noite é passada *(entra Calisto)*
e não vem
Dizei-me se tem outra amada
que o detém...

Calisto – Glória minha, continua o teu suave canto. Não seja pior condição a minha ausência, que te alegra, do que a minha presença, que te fatiga.

Melibeia – Apenas o desejo por ti me dava tom e voz. Apareceste, a melodia desafina-se. Onde estavas?

Calisto – Em teus braços estou agora, eis o que importa e quase não o creio! E disto deriva tal turbilhão de prazer que temo não caiba em todo o meu corpo.

Melibeia – Porque não ordenas sossego às tuas desonestas mãos? Porque estragam as minhas roupas? Se desejam saber se o vestido é de seda ou de pano, porque vão até à camisa, que é de linho?

Calisto – Neste mundo só existe possuir o teu corpo. Não posso deixar que passe em vão um só momento do nosso tempo! Eu desejava que jamais amanhecesse, pois os meus sentimentos apenas nos teus braços conhecem a glória.

Melibeia – Apesar do que dizes, sinto-te distante. Que aconteceu? Que rumores estranhos escutou Lucrécia aqui, junto de casa?

Calisto – Oh, nada...

Melibeia – Receio pelos perigos que te ameaçam... Vieste sozinho?

Calisto - Trouxe dois criados. Não tão ágeis como Parmeno e Semprónio... Que esses, tudo faziam em minha defesa... E por isso morreram...

Melibeia – A grandeza deste amor, embora há pouco descoberto, já exigiu sangue...

Calisto – (Pausa) Da primeira vez que aqui vim, quando ia de regresso com eles, perseguiu-nos o guarda do aguazil. Semprónio disse-me, ao chegarmos a uma encruzilhada: "Vai por esse lado. Nós seguiremos por outro caminho e faremos com que a guarda venha no nosso encalço". Assim foi, por essa manobra dos meus criados fiquei salvo. Duas horas depois, a mesma guarda matava-os,

degolando-os cruelmente. A ser-vos meus! Criados que estavam não apenas ao meu serviço, mas que serviam o nosso amor, a jóia de maior preço em toda a minha vida! Eis o que fico a dever ao Alcaide! Em casa do meu pai, comendo o nosso pão, ele se tornou homem. Eu dele fiz Alcaide, eu! Pensei que poderia, por seu favor, matar mil homens sem nada temer! Pelo contrário, o aguazil, que dele depende, não encontrou na cidade delito necessitado de mais urgente castigo do que o meu!

Melibeia – Têm-te perseguido?

Calisto – Sim.

Melibeia – A guarda?

Calisto - Não, não a guarda.

Melibeia - Quem?

Calisto – Não sei. Salteadores, talvez, armados de achas e de espadas. *(Vozes longe)* É a voz do meu criado. Deixa-me ir, para que os não matem, a estes também!

Melibeia – Oh, triste ventura a minha!

Calisto – Saio apenas por um momento. Aproveito a escada, que encostaram para eu galgar o muro do jardim.

Melibeia – Oh, não, não vás, Calisto, meu amor...

Calisto – Senhora, estando em perigo os que me servem, é cobardia não lhes acudir... Voltarei sem demora... *(Sai)*

Melibeia – A tua nobre coragem não era precisa agora! Mais te queria junto de mim, do que mostrando valentia exposto aos golpes de pérfidos salteadores! *(Os ruídos crescem)* Lucrécia! *(Ouve-se de fora um grito prolongado de Lucrécia, que entra, momentos depois. Pausa, durante a qual não ousam mover-se nem falar)* Fala! Fala! *(Pausa)* Está morto...? Como foi?

Lucrécia – Quando Calisto começou a descer a escada de madeira que tinham colocado contra o muro, do lado da rua,

o criado gritou-lhe: "Não desças, não é preciso, os malfeitores já se foram embora que os pusemos em fuga". Não falou a tempo. A escada fora desviada do seu lugar, certamente durante a luta que ali travaram. Sem que ninguém tivesse tempo de o impedir, Calisto tombou longe, do outro lado da rua. Mortalmente ferido! Morreu sem demora...

Melibeia – Oh! Desconsolada de mim! Como pode ser possível? Oh! Que eu não arruine com gritos os muros da casa de meu pai! Perdeu-se a minha alegria. Esvaiu-se a minha glória!

Lucrécia – Os criados logo dali levaram o corpo, para evitar que a tua fama sofra detrimento. E gritavam e choravam pela morte de Calisto.

Melibeia – Oh, mais que as tristes, triste! Prazer tão grande alcançado. Tão depressa chegou a dor!

Lucrécia – Agora, alegria! No mesmo instante, tristeza! Que planeta tão de súbito variou o seu caminho? *(Melibeia cai em prostração)* Que fraco coração é o teu, senhora? Senhora escuta! Não desmaies, por amor de Deus! Melibeia! Arranja forças para sofrer o desgosto, já que foste tão ousada no prazer.

(Lenta mudança de luz. Ouve-se o responsório. Melibeia desperta)

Melibeia – Ouves aqueles moços que vão cantando, ouves seus tristes cantares? Rezando levam com responsório todo o meu bem! Morta levam também a minha alegria! Não é este já o meu tempo de vida. Ai de mim! Porque não tirei do prazer ainda mais prazer? Porque tive por tão pouca a glória que entre estas mãos sustentei? *(Um sino toca)* Esta mortal chaga

no meio do coração não me deixaria viver! Lucrécia, é grande a altura desde o balcão até ao lugar onde ele morreu?

Lucrécia – Maior ainda do que a altura donde Calisto tombou.

(Toca outro sino. Pausa)

Melibeia – Pesa-me... dói-me abandonar... fugir... Mas em breve estaremos juntos, eu e Calisto, meu amado! Não me impeçam a partida, não me atalhem o caminho pelo qual hei-de visitar neste dia aquele que me visitou na passada noite. Partindo, não te quero matar, meu querido pai, pelo contrário, desagravo os danos que fiz à tua bendita e respeitável velhice... *(Começa a tocar outro sino)* Meu pai, escutas o triste sentimento que toda a cidade manifesta? Ouves o clamor dos sinos, o alarido das gentes, o pesado estrépito das armas? De tudo sou a causadora! Por minha culpa gozará a terra para sempre daquele mais nobre corpo, da mais fresca juventude que no nosso tempo foi criada. *(Pausa. Tom de narrativa infantil)* Largos dias são passados, penava por amor de Melibeia um cavaleiro, gentil como nenhum outro em mil léguas ao redor. É verdade, meu pai! Calisto se chamava. Era tanta a sua pena de amor e tão pouco o lugar para falar-me, que descobriu a sua paixão a uma astuta mulher, chamada Celestina, muito sábia. A qual, chegada até mim, deste peito fez sair o que estava escondido. A ela descobri e confessei o que à minha querida mãe não ousava revelar. E se o meu cavaleiro muito me amava, não vivia enganado, pois, vencida por ele, com tanto gosto lhe dei entrada em tua casa, meu pai! Escalou as paredes do teu jardim, as escadas do teu balcão, entrou repetidamente por aquela porta! Ah, perdi a virgindade!... E deste delicioso erro aproveitámos, ele e eu, por um tempo

que não foi mais longo porque vieram as fadas ruins e lhe cortaram os fios da vida, ao mesmo tempo que separaram de mim esperança, glória e companhia. Oh senhor Calisto, meu amor! Espera, parto a contentar-te, já que não houve tempo durante a vida. Oh meus pais! Grande prazer tenho que não estejais presentes à minha despedida. Enorme dor levo de mim... maior ainda de ti, meu pai, e também de ti, mãe. Deus fique convosco! A Deus entrego a minha alma e este pobre corpo despedaçado!

Lucrécia – Senhora, senhora!

(Lucrécia tenta impedir a saída de Melibeia. Mas Melibeia sai para o terraço. Lucrécia fica um momento indecisa. Soam outros sinos. Lucrécia vai ao terraço. Olha para onde Melibeia se perdeu e volta)

Lucrécia – Plebério! Senhor Plebério! Senhor! Senhor!

(Lucrécia sai. Aos ruídos que se ouviram até agora, junta-se um novo cântico. Pausa longa. A luz muda muito lentamente. Entra Plebério, mas sem a força que lhe conferia a estabilidade anterior. Entram também Alisa e Lucrécia. Do outro lado entra o criado trazendo Melibeia nos braços. Vêm como para um requiem. Silêncio. Pausa)

Plebério – Que aconteceu, minha filha? Que dores, que sentimentos são os teus?

Alisa – É tarde para lhe perguntar, meu senhor...

Plebério – Que novidade é esta? Filha, porque te falta a coragem? Olha para mim, que sou teu pai. Abre-te comigo!

Alisa – É tarde... já não fala...

Plebério – Conta-me, filha, a causa do teu arrebatado sofrimento. Conta... Que tens, que mal sentes? Diz-me a razão da tua dor. Julgas que não serei capaz de te compreender? Nada existe neste mundo tão pavoroso que não tenha remédio. Qual é o teu mal, para que sem demora o remedeie?

Alisa – É tarde... tarde...

Plebério – Sabes que o teu pai outro bem não possui maior que Melibeia. Abre os teus alegres olhos e olha para mim...

Alisa – (Pausa) Ai...

(Pausa)

Plebério – Ai, senhora mulher... Se alguma vida te resta, gasta-a comigo em suspiros, quebrantos e gemidos tristes. O duro coração de pai, como te não quebras de sofrer, que perdeste filha e herdeira? Para quem edifiquei torres, para quem alcancei honras e plantei árvores e fabriquei navios? Oh, mundo, mundo! Até agora calei o conhecimento de tuas falsas propriedades. A ti me devotei para que, na vida que te povoa, tudo fosse coerente. Agora, porém, vejo em ti, mundo enganador, um labirinto de erros, nenhuma ordem se observa em teu regimento mas um deserto espantoso, morada de feras, jugo de homens atados a uma roda, lagoa de lodos traidores, acervo de espinhos, campo pedregoso, floresta de serpentes, rio de lágrimas, mar de miséria, trabalho sem proveito, doce peçonha, esperança vã, falsa alegria... verdade... só a dor! Oh, amor! amor! Donde recebeste poder tamanho? Quem te deu esse nome de amor que te não convém? Que se amor fosses, amavas quem te serve. A quem te serve, tens tu por inimigos, como agora patenteaste a estes, que por amor se não pouparam.

Macbett

Anti– mensagem, Contra-mensagem
Versão livre de William Shakespeare

NOTA PARA AJUDAR AO ESPECTÁCULO

Não haja dúvidas; esta obra é contra o poder político usurpado ou prolongado. Contra o poder que não é exercido pelo povo. Contra o domínio.

Aqui se condena e repudia todo o colonialismo e a sabedoria alienante da dominação colonialista, a qual, porventura, no plano histórico atingiu o ponto de perfídia máxima no imperialismo pragmático criado ao serviço de sua majestade britânica, cumpliciado pelos seguidores e imitadores, abençoado pela demagogia inerente, defendido pelo instrumental canificado da repressão política e policial.

Este Macbett homenageia os heróis que se ergueram contra tal colonialismo e contra todas as suas outras formas, aproximadas ou não; e, nesta precisa noite de nevoeiro e de Outono de 1972, os patriotas africanos e os patriotas irlandeses.

PERSONAGENS

Duncan – Rei da Escócia
Malcolm, *Donalbain*, *Banquo* – Seus filhos
Macbett – Barão de Glames e de Caodor e Rei da Escócia
Macduff, *Lennox*, *Ross* – Barões da Escócia
Fleânceo – Filho de Banquo
Siward – Conde de Norttumberland
Seiton – Chefe de gabinete de Macbett
Médico
Eunuco ao serviço de Lady Macbett
Aio de Donalbain
Oficial
Bispo da Diocese
Menino Macduff
Lady Macbett
Lady Macduff
Bruxas que desempenham diversos papéis:
Hécate – Presidente
Bruxa Magna e Corina
1.ª Bruxa, 2.ª Bruxa, 3.ª Bruxa
Bruxa Vigilante de Macbett e 7.º Espião
Bruxa Vigilante de Lady
2 Crianças de Corina
2 Soldados (que trazem a cabeça de Caodor)
Porteiro
Recitantes
1.º e 2.º Assassinos

1.º, 2.º e 3.º Soldados do Exército de Donalbain
7 Espiões de Macbett
Chimpanzé, Cães
Convivas, Soldados, Guardas, Sicários, Esbirros,
Agentes, Cozinheiros, Informadores, Escravos,
Escravos petrificados, Máscaras, etc., etc.

A lista não está completa

I PARTE

(As Bruxas estão para os humanos como estes para as formigas. Estão no alto. Descem às montanhas e, frequentemente, ainda mais baixo. Não têm a natureza da terra: não são de verde ou de castanho. Vêm do alto. É a vida o que têm. Os seus olhos são panorâmicos. Elas são invisíveis quando desejam e para quem o querem ser. A Bruxa Magna traz a sua aparelhagem portátil de comunicação num carro adequado. Piiiiis)

Bruxa Magna – Reunião. Reunião para três.
Vozes de Bruxas – Reunião?
Bruxa Magna – Reunião!
Vozes de Bruxas – Ordem do dia?
Bruxa Magna – Macbett
Vozes de Bruxas – M... a... c... beeee... tt...
Bruxa Magna – Macbett.
Vozes de Bruxas – Reunião... quando?
Bruxa Magna – Quando a batalha, perdida ou ganha, tiver acabado.

Vozes de Bruxas – Ah... depois da batalha...

1.ª Bruxa - (Entra deslizando) Ou muito me engano, ou Macbett é fêmea.

Bruxa Magna – Admito.

2.ª Bruxa - (Entrando) Admito que sim...

Bruxa Magna – As sete seguintes vão cirandar à roda de Lady Macbett.

3.ª Bruxa - Cirandar... cirandar... Ai, que termo tão vago!...

1.ª e 2.ª Bruxas - Vago e impreciso.

1.ª Bruxa - Qual o objectivo junto de Lady Macbett?

Bruxa Magna – De início, prospecção.

Bruxas – Prospecção a Lady Macbett.

Bruxa Magna – Depois, continuação. Acção. Finalidade: promoção, talvez.

Bruxas – Promoção de Lady Macbett.

(Da máquina da Bruxa Magna saem gargalhadas. O Rei Duncan, de cabelo grisalho, avança sobre o seu trono rolante, entre as Bruxas que lhe fazem vénias, às quais ele responde familiarmente)

Duncan – O paternalismo tem nítidas vantagens. Por exemplo, aqui estou neste trono confortável... Entretanto, os meus vassalos no campo de batalha, desconfortavelmente, decidem se continuarei assim, ou se poderei aumentar o meu conforto... Isso e tudo o mais, incluindo a coroa, dependem do resultado desta guerra. *(Para o público)* Os senhores ouvem? Ouvem os ruídos da batalha? Lá longe...? Não ouvem? Não. Mas trava-se a batalha. Banquo e Macbett, ambos ao meu trono leais como cães, raivosos contra Donald, o traidor, que pretende roubar-me o melhor trinchão do meu território, o melhor... por

causalidade... *(ri)* logo aquele trinchão do meu território onde há minas de prata!... Macbett e Banquo saberão vencê-lo. *(Concordância das Bruxas)* A vitória será para mim. *(Outra concordância das Bruxas)* Mas depois da vitória terei de agir. Como? Destruindo algum deles? Qual deles? Banquo? Macbett? Qual dos dois me convirá mais? Aproveitando a rivalidade de duas ambições fundamentadas numa vitória que me é indispensável? Ai, os dramas de consciência dum Rei! Ai, os dramas de consciência! Oh! Vou para o meu leito de penas, pensar nisto desde já! *(Vai a sair. Regressa)* De momento convém-me jogar no paternalismo, para o qual não me irá mal o cabelo todo branco... Vou acentuar o branco do cabelo. Vou compor-me, compor-me exteriormente, estudar o palavreado próprio dum Rei paternalista agradecido *(relativamente...)* ao heroísmo de quem lhe salvou o trono. Não agradecido em demasia, nada de exagerar agradecimentos. Ah, não... Mas... deitado, deitado é que se pensa nos assuntos graves. Deitado é que se tomam decisões. *(Sai)*

(As Bruxas deitam-se, troçando. As sete Bruxas referidas rodeiam Lady Macbett, que está a ser consultada por um médico, um velho médico de família entusiasta da ordem estabelecida. Lady é guardada, à vista por um Eunuco)

Médico – Querida Lady Macbett, as suas perturbações, visões, escutar vozes nocturnas, esvoaçar de águias que não se vêem, águas que em sonhos inundam o castelo, tudo isso pertence a um mundo alucinatório. Não existe, não tem realidade.

Lady – Existe. É a realidade.

Médico – A causa só pode ser uma...

Lady – Diga! *(Pausa)* Não hesite! *(Pausa)* Tem medo de comprometer o seu prestígio de médico e o da sua Universidade se eu lhe disser que a causa está errada?

Médico – Oh, não. A causa do seu mal... Lord... Macbett... *(Revoada das Bruxas)* A ausência de Lord Macbett, eis a causa!

Lady – Oh!...

Médico – Ausente do seu leito há...

Lady – Dezoito meses. Não! Não me faz falta o fornicar.

Médico – Eh, o que aí vai! *(Movimento de Lady)* Lord Macbett corre perigos inesperados frente a um inimigo ardiloso...

Lady – Refere-se a Donald?

Médico – Sim, Donald, o assassino sanguinário, o traidor a Duncan, seu Rei legítimo.

Lady – Donald!... *(Pausa)* Esse é um homem! *(Revoada das Bruxas)*

Médico – Mas...

Lady – Macbett não me ama.

Médico – Com que direito o afirma?

Lady – Fascina-o a ideia da guerra. Só pensa, só vive para a guerra.

Médico – Agora é bem preciso que ame a guerra...

Lady – Não me ama. Só na guerra pensa: a guerra, a guerra... Casei com ele por ser mais jovem do que eu. Esperava que a sua juventude dominasse este meu espírito e vontade que rugem como vulcões. Que rugem! Macbett é macho. Ouviu? Ninguém me lograria mais profundamente. Sobretudo quando, em tais momentos, a sua imaginação escutava troar de canhões, exércitos em movimento, duelos sanguinários, homens e bestas e máquinas trucidadas. O orgasmo para ele só era feliz quando acompanhado, dentro do ouvido, no espaço do seu crânio, de exércitos vitoriosos e bandeiras,

bandeiras, bandeiras... *(Revoada das Bruxas)* Reduzia-me à condição de pretexto e de concavidade. Quando com as mãos me percorria a pele e me beijava o colo e os seus dedos me deslizavam pela cana da espinha, era como se preparasse o exército para a guerra e desse alento aos soldados e lhes prometesse um saque de volúpia e de pedras preciosas. Macbett talvez não me despreze. Mas está apaixonado pela guerra. Nenhuma rival poderia tão capazmente apoderar-se de um esposo meu.

Médico – Ora! Que homem neste mundo renega os interesses quotidianos para dois palmos de amor com a própria esposa?

Lady – Fez-me um filho. Nesse tempo eu gostava de ter um filho. Saiu um monstro. Saiu de mim. Daqui! Com vida: Oh! Respirava!... Amamentei-o... Durante um dia inteiro, amamentei-o. À noite, encontrava-se deitado sobre uma mesa. Eu dum lado. Macbett do outro. Não nos olhávamos. Com vergonha! Mas... tenho a certeza... ali, por um instante, disputámos interiormente, daqui de dentro, sem palavras, o privilégio de o matar. Macbett desistiu. Retirou-se. Humilde. Envergonhado. E o privilégio foi meu!

Médico – (Com bom senso) Para quê! Aquele... aquele ser não viveria mais do que dois dias...

Lady – Bastou um alfinete do cabelo no lugar do coração. *(Revoada das Bruxas)*

Médico – (Sorrindo) Para mim... já estava morto... Isso foi... há quantos anos?

Lady – Há sete. Nunca mais engravidei. Não me ofereci, nem Macbett me tomou. Se a guerra é a sua paixão, ao menos venha poderoso, rico de honras e terras e escravos. Que me dê um castelo, para eu ser castelã, e não mais este, de Inverness, ruína antiga, com pátios cheios de porcos e galinhas, e aves de rapina que uivam pela noite e se

empoleiram nas ameias e cagam nas cornijas... Ah, toda a vida a ouvir falar, sem proveito que se veja, da simpatia de Lord Macbett... da glória antiga dos nobres Macbett... Ah!... E Lord Macbett, os olhos rasos de sonho, nariz no ar, imaginando batalhas que o consagrem herói lendário... E eu, aqui, abandonada, o Eunuco por única companhia, *(aponta)* longe, longe, sem ter ninguém cuja vida dependa de mim... A viuvez... a viuvez... seria estado mais dignificante... *(Revoada das Bruxas. Lady mira as mãos. O médico acaba de arrumar a sua maleta)*

Médico – Querida Lady Macbett, o seu caso inspira uma nova especialidade à medicina. Vou sugerir a tal respeito qualquer coisa à minha Universidade. Mas virei...

Lady – Se eu precisar.

Médico – Claro. Se quiser que eu venha...

(Sai, seguido de Eunuco. Após a saída do médico, Lady permanece só um instante. O público adivinha a sua miséria e fica gelado)

Lady – Porque vivo? Que percalço de viver é este que me aconteceu? *(Entra Bruxa Magna)* Se ao menos me viessem dizer: "Donald venceu a batalha. A cabeça de Macbett foi amarrada à cauda dum cavalo". Ou então: "Macbett venceu Donald e regressa ao seu castelo de Inverness"... Oh... Esperar... esperar...

(A Bruxa Magna humaniza-se. As outras desaparecem. Toma o nome de Corina e a forma duma pobre mulher, junto a duas crianças de aspecto faminto)

Lady – Quem és?

Corina – Uma pobre... com os seus filhinhos...

Lady – Se têm fome, vão à cozinha.

Corina – Não temos fome.

Lady – Então que fazem aqui?

Corina – Passámos. O meu nome é Corina. Passámos por aqui... E como tínhamos ouvido falar de Macbett... Ah, Milady, para nós como é bom, como é raro para nós estar junto de quem tem fama e tem grandeza...

Lady – Que desejas?

Corina – Eu? Nada, Milady...

Lady – Tu, sim! Fala!

Corina – Nada, nada... Ou... pouca coisa... Às vezes as pessoas não me dão o valor devido... Quando me viu, Milady, não quis saber se sou enviada... ou se ando pelas aldeias a distribuir água benta... Perguntou se eu e as crianças temos fome... e mandou-nos para a cozinha!...

Lady – Porque não largas as crianças? Que nojo! Até parece que estão coladas a ti...

Corina – E estão... Queres ver? *(Mostra, Lady não se mexe)* Coladas pela carne das ilhargas... *(Sorri, enternecida)*

Lady – Fala! Que recado trazes?

Corina – Credo, Milady, recado, eu? Não se trata de recado... e não tem importância... Enfim, passei por aqui...

Lady – Vens donde? Da parte de quem?

Corina – Oh, Milady, não se apoquente. Credo! Se eu soubesse que a impressionava tanto, esta minha ligação com as crianças... Ai, eles nasceram ficando nossa carne, comum pelas ilhargas... Ai se eu soubesse, Milady, não vinha eu, tinha mandado outra, lá das minhas... Ai, mas vou-me deixar de coisas... Lá me vou embora...

(Dirige-se para a saída. Lady intercepta-a)

Lady - A que vieste?

Corina – Esqueci-me... *(Lembra-se)* Ah, foi por causa da batalha.

Lady – De quê?

Corina – Da guerra. Eu estou aqui. E lá, lá trava-se uma batalha...

Lady – Como sabes?

Corina – Ai, mas que batalha! Neste instante. Sabe, Milady, o que fez Lord Macbett?

Lady – Quando?

Corina – Não há um credo! Vão lá, crianças, sirvam para alguma coisa!... Eles farão tudo ao vivo para si, Milady...

(Corina rodopia. As crianças desligam-se dela. Num clarim uma delas dá um toque marcial. Corina muda o tom da representação: testemunhal)

Corina – O traidor Donald posto em pé de guerra contra Duncan, o velho Rei legítimo, aliou-se com Kernes e depois com Galowgesses, tropas estrangeiras. Durante todo o dia, Donald teve pelo seu lado a sorte da batalha. Não há um credo, Macbett, através do exército inimigo congregado atravessou, no seu cavalo branco, como um raio mortal que força alguma podia desviar da direcção, deter ainda menos. Já chegou agora à dianteira. E procura: "Onde está Donald, Donald, o traidor?" Vem bem feroz, vem bem feroz, Macbett, a pluma do arnês ao vento e a capa branca. "Oh traidor, oh filho duma puta!" Donald ouve o insulto. Volta-se. Ambos se apeiam dos cavalos, os montantes empunham. Ah, que horror! Ali estão eles face a face. Para Milady, a batalha parou. Parados estão à vossa espera.

Lady – A minha espera? Como, se estão lá tão longe? Como podem estar à minha espera?

Corina – Pois assim é. Esperam pela vossa decisão, Milady.

Lady – Mas como? Quem és tu? Oh, que comédia me vens armar?

(Gargalhada das Bruxas)

Corina – Decide. Que desejas? Diz qual é a verdade do teu coração? Rápido! Pondera. Vá! E não te precipites. Se Donald ganha a batalha, subirá ao trono de metade do reino. Duncan terá de a disputar, essa metade, para a ganhar ou a perder. Se não tiver Macbett por general, terá Banquo ou terá Macduff. Esta última hipótese significa que tu, Milady, estarás então viúva.

Lady – Casarei com Donald, nesse caso.

Corina – Viúva pobre. Não luz em ti o metal que a ti atrairia Donald.

Lady – Ainda que Macbett ganhe a guerra... que poderei fazer de Macbett? Sonhar e estremecer... Oh, criança sempre, criança!

Dissipa o tempo, sem nada de real debaixo dos pés... E a vida vai passando... E estas mãos, feitas para colher impérios, nem sequer um coração de macho agarram entre os dedos... *(Pausa)* Apesar disto, quero que vença Macbett.

Corina – Macbett. Neste instante, no campo de batalha, olha o inimigo Donald entre os olhos. Parece um potro, a própria natureza em força desencadeada, em fúria. Nem um só pensamento mau abriga em si. Somente quer vencer. E irá a vitória depor fielmente aos pés e às conveniências do seu Rei. Trará para Inverness as mãos vazias. *(Gargalhada)* Fala, Milady. Queres acabada a guerra com Macbett vitorioso? Vamos, fala!

Lady – Apesar de tudo, sim. Quero! Se aqui, depois for obrigada a destruí-lo e desprezá-lo, que despreze pelo menos um herói!

Corina – Pois assim o desejas, o combate vai prosseguir.

(Música. Segue a mímica exemplificativa feita pelas crianças. Uma das criança, a golpes de montante, despedaça a outra)

(Palácio de Duncan. Donalbain, filho mais jovem do Rei, está a ser educado pelo Aio, um velho político, criteriosamente afastado. O Aio usa neste ensino um método progressivo. A aula de hoje é sobre como matar um rato. O rato está sobre o banco. Donalbain, entre as diversas armas colocadas à sua disposição, começa por tomar uma fisga. Corrige-se, toma arco e flecha, perante o desacordo e indignação do Mestre)

Aio – Não, não e não!

Donalbain – Queres que use metralhadora?

Aio – Menino, tem e aprender, e depressa!

Donalbain – Então diga Vossa Mercê como se deve matar um rato.

Aio – Um Príncipe não tem de matar ratos.

Donalbain – Foi o que me deste para matar nesta lição.

Aio – Ardil do mestre. Perante o qual o Príncipe devia recusar-se, argumentando que ratos se matam com ratoeiras e que um Príncipe deve matar outros seres, cuja morte seja mais útil. Ouviste?

Donalbain – Compreendi. *(Representa)* O quê? Um rato para mim?

Ah, não! Que desfaçatez a tua, gastar o tempo do teu Senhor a matar um pobre rato!

Aio – (Entusiasmado) Pobre, não, pobre não! Nunca te compadeças!

Donalbain – Um rato vil, uma ratazana miseranda que qualquer pessoa mataria?

Aio – Que qualquer escravo meu...

Donalbain -... miseranda que qualquer escravo meu, até o mais servil e odioso...

Aio – Isso! Bravo! Ai, Príncipe, tens de aprender depressa. Pois o reino em breve estará dividido em três classes: primeira, aqueles que matam; Segunda, aqueles que morrem; e terceira, o mundo, o mundo em si, o mundo, classe que é receptáculo do medo, do ódio e da ambição. Oh, a Escócia está minada de Bruxas! E tu, Donalbain, meu pupilo, segundo filho de El-Rei, pertencerás, ou aos que matam, ou aos que morrem. Em alternativa. Depende do que aprenderes... *(Entra um escravo trazendo um chimpanzé)* Ah, cá está... Este modelo serve melhor para a lição. Sejamos positivos. Com este vai prosseguir o meu ensino.

(Entra um Oficial ferido)

Oficial - Duncan... El-Rei?

Aio – (Para, um escravo) Vai prevenir, depressa El-Rei, antes que ele morra. *(O escravo sai, correndo. Donalbain toma o chimpanzé pela mão e aproxima-se. Aio dirige-se ao Oficial)* Dores, hem? Que foi? Ah, uma cutilada no peito e outra no sovaco. Mais um esforço! Não morras antes de contares a El-Rei o que tens para lhe dizer.

(Entra Duncan. Traz a cabeça completamente branca. Pára à distância. À sua vista o Oficial ergue-se penosamente. Do esforço resulta o sangue que jorra pelo peito)

Duncan – Que deseja este homem cheio de sangue?

Aio – É um Oficial que traz notícias da batalha.

Duncan – Fala.

Oficial – Tudo estava perdido, Majestade, se, por astúcia, Macbett não tivesse a luta transformado num combate singular. Que coragem! Frente-a-frente conseguiu encontrar-se com o traidor Donald, a espada ainda fumegante devido à anterior carnificina. Macbett não lhe apertou a mão nem deu bons dias: meio a meio abriu-o só dum golpe, desde a boca até às virilhas. E a cabeça do traidor, içada na ponta duma lança, foi exposta, para pasto das moscas e espanto dos homens, no mais alto das ameias.

Duncan – Oh, valente Macbett, meu digno primo!

Oficial – Porém, Senhor, tornou-se esse heroísmo causa de perigo. Oh Rei da Escócia, escuta! Já a justiça e a coragem tinham os ágeis Kernes compelido à fuga buscando a salvação nos calcanhares. Mas o Rei a Noruega, vigilante, aproveita o momento, tem vantagem, desfere novo ataque, as tropas ainda frescas, as armas ainda reluzentes.

Duncan – Macbett desanimou?

Oficial – Ah, sim... Como o leão perante a lebre... ou como a águia diante do pardal... Mais parecia um canhão de carga dupla, tanta metralha despejava sobre o inimigo. Que queria ele? Banhar-se nas feridas fumegantes? Ou imortalizar um novo Gólgata? Não sei dizer. Não posso mais... *(Desmaia)*

Duncan – *(Exaltado)* Morreu?

Aio – Ainda não.

Duncan – Levem-no daqui para fora!

(Entram Malcolm, Lennox, etc.)

Malcolm – *(Indicando o Oficial)* Este homem, meu pai, no duro da refrega, expondo a vida corajosamente, evitou a minha morte.

Duncan – Sim? Então levem-no ao cirurgião.

(Levam-no)

Malcolm – A batalha está perdida, Rei da Escócia! É urgente tomar medidas.

Duncan – Tu, meu filho, vieste para me dar notícia tão inesperada?
Porque não ficaste lá também? Ou debandaram todos?

Malcolm – Lutam ainda. Mas a meu ver sem qualquer esperança. Preferi vir avisar-te. Que faremos?

Duncan – Receio que te tenhas precipitado... Estou velho. Reparai: as preocupações desta guerra tornaram-me a cabeça toda branca. *(Gargalhadas das Bruxas)* Mas tu és jovem e vendo-te aqui não sei que ânimo restará aos que lá ficaram! À causa da Monarquia da Escócia convinha mais ver-te entrar neste palácio morto sobre uma padiola, atravessado de espadas e banhado em sangue. Quem vem lá?

Lennox – É o Barão de Ross.

(Entra Ross)

Duncan – Fala! Donde chegas?

Ross – Da batalha.

Duncan – Também fugiste?

Ross – Vim quando pude vir para informar o meu Senhor.

Duncan – Depressa!

Ross – O Rei da Noruega, desfraldando os estandartes, que dos céus se riem, comanda pessoalmente novo ataque. As nossas tropas ficam de terror geladas. E Caodor, sim, o Barão de Caodor, traiu. Traiu, Senhor, pois aliou-se ao Rei da Noruega!

Duncan – Caodor?!

Ross – Perdidos parecíamos sem dó. Caodor começou sinistro assalto. Mas eis que, armado até aos dentes, Macbett o enfrenta, braço contra braço, lança contra lança, de igual para igual. Caodor fugiu. E a vitória é nossa!

Duncan – Grande felicidade!

Ross – O Rei da Noruega já pediu a paz. Negámos autorização para enterrar os seus mortos antes que pague aos cofres do tesouro dez milhões de dólares!

Duncan – Bravo!

Malcolm – Vitória!

Todos – Vitória!

(Gritos dos circunstantes. Um escravo sai com o chimpanzé)

Duncan – O Barão de Caodor traiu os meus interesses... Pois nunca mais os trairá! Anunciem sem demora a condenação de Caodor à morte! À morte! Caodor tem a cabeça a prémio! Se mo trouxerem já morto e empapado em sangue, melhor! Poupam-me o trabalho de o mandar executar. *(Saem alguns)* O título de Barão de Caodor será transmitido a Macbett. *(Para Ross)* Vai comunicar-lho da minha parte, com as minhas reais felicitações e um abraço pessoal. *(Sai Ross)* O Caodor perdeu, ganhou-o o nobre Macbett!

(Um carro de assalto. Longe ouvem-se tambores)

Bruxa Magna – Oh, soam longe os tambores de Macbett...
1.ª Bruxa - Os tambores de Macbett...
2.ª Bruxa - O nome e o renome de Macbett...
3.ª Bruxa - A coragem de Macbett...
Bruxa Magna – Macbett cobre todo o reino...
Bruxas – A nação está agradecida a Macbett... O povo já só vê em Macbett o salvador.

(Gargalhada das Bruxas)

Bruxa Magna – Lady Macbett, incerta da utilidade de Macbett, prepara-te para o receber - à sua maneira... - no castelo de Inverness... Portanto é preciso que Macbett chegue a Inverness mais rápido do que a fama da sua vitória...
Bruxas – Oh...
Bruxa Magna – Que se calem os tambores de Macbett!

(Cessa o barulho dos tambores)

Bruxas – Oh...
1.ª Bruxa - Aproxima-se...
2.ª Bruxa - Não tarda...
3.ª Bruxa — Vem lentamente...
Bruxa Magna – Macbett força a aparência de tranquilidade apesar de, lá por dentro, o sangue lhe ferver de orgulho. Parece calmo e senhor de si. Mas a alma de Macbett é menor do que o tamanho de tão grande vitória. Macbett acaba de nascer de novo. O mundo é um mundo novo visto através dos novos olhos de Macbett.
Bruxas – Portanto, é o momento de o atacarmos.
Bruxa Magna – Exacto...

(Num transporte de guerra, entra Macbett e Banquo)

Macbett – Que dia este! Ao mesmo tempo tão doce e tão horrível!

Banquo – Olha, Macbett! Quem serão aquelas criaturas? Não parecem da terra...

Macbett – Estão sobre a terra.

Banquo – Pelo menos neste instante... Mas donde procedem? Eh, lá! Têm voz ou não podem falar? *(Para Macbett)* Parece que sim, pois mandam-nos calar, com um dedo nos lábios.

Macbett – Falem! Ouviram? Falem! Quem sois?

(A Bruxa Magna toma posição à parte)

1.ª Bruxa - Olá, Macbett! Barão de Glames!

2.ª Bruxa — Olá, Macbett! Barão de Caodor!

3.ª Bruxa - Olá, Macbett! Olá! Não tarda nada serás Rei.

Banquo – Porque estremeces de medo, Macbett, ao ouvires tão lisonjeiros sons? *(Para as Bruxas)* Quem sois, falai verdade! Fantasmagoria? Ou a vossa aparência exterior corresponde à vossa realidade? Os títulos que atribuis ao meus companheiro e os vaticínios sobre a sua próxima realeza dizem-lhe respeito a ele. E de mim, que tendes a dizer? Pois se sabeis ler dentro das sementes do tempo que hão-de germinar, respondei; e eu? e eu?

1.ª Bruxa - Olá!

2.ª Bruxa - Olá!

3.ª Bruxa - Olá!

1.ª Bruxa - Banquo, menor que Macbett e todavia maior!

2.ª Bruxa - Menos feliz e no entanto bem mais feliz!

3.ª Bruxa - Hás-de gerar reis, embora não reines tu.

Bruxa Magna – Por isso as nossas saudações são iguais para os dois.

Bruxas – Olá, Macbett! Olá, Banquo!

Macbett – Oh profetizas sem tino! Barão de Glames serei por morte de meu pai. Mas como serei Barão de Caodor se Caodor ainda vive? Não serei Barão de Caodor! Rei sê-lo-ei menos ainda! Porque motivo o afirmais? Porque foi nossa marcha interrompida com tão inesperadas profecias? Quem fez de vós oráculos? Eh!

Banquo – Desapareceram.

(Desapareceram só para eles. Apenas se juntaram à Bruxa Magna)

Macbett – Eh, onde estão??! Volatilizaram-se... transformaram-se em nevoeiro... ou nuvens... Eh lá! Sereis as donas do imponderável? *(Para Banquo)* Porque secreto motivo não permaneceram visíveis?

Banquo – Seriam realidade? Ou a nossa razão está dementada?

Macbett – *(Para Banquo)* Teus filhos serão reis...

Banquo – E Rei serás tu próprio Macbett. *(Ri)*

Macbett – Rei... E Barão de Caodor também. Foi ou não foi o que elas disseram?

Banquo – E esse o sentido do seu prognóstico.

Macbett – E nós sabemos que é impossível... Quem vem lá?

(Entra Ross)

Ross – Mensageiro de El-Rei. Macbett, Barão de Caodor!

Macbett – O Barão de Caodor ainda vive e não sou eu.

Ross – Vive, mas foi condenado à morte. El-Rei manda-me comunicar-te, com afectuoso abraço, que doravante Barão de

Caodor serás tu, Macbett! Como prémio da tua coragem! Como autor da nossa vitória!

Macbett – *(Para Banquo)* Barão de Caodor, como disseram as criaturas. Banquo, não me admira que os teus filhos venham a ser reis. *(Para Ross)* Nada mais, como prémio, me envia El-Rei? El-Rei, por acaso, terá, entretanto, nomeado sucessor no trono?

Ross – Não.

Banquo – Oh, não nos embriaguemos com palavras nem com profecias temerárias. Muitas vezes o diabo - quer habite dentro ou fora de nós - envenena-nos com pequenas verdades ou com imagens ou com honestas bagatelas destinadas a arrastar-nos a acções de péssimos efeitos. Ou revela-nos aspirações em nós profundas e escondidas...

Macbett – Obrigado, Ross... Obrigado... Não tardo a chegar junto de Duncan. Vai... Banquo, acompanha-o... E pensa na nossa aventura. Quando houver tempo para reflectir conversaremos...

Banquo – Quando desejardes...

(Gargalhadas das Bruxas. Saem)

Macbett – Falaram verdade os génios que me saíram ao caminho. Prometeram-me o título de Barão de Caodor: é meu já o título de Barão de Caodor. Mereci-o pelo meu triunfo. Oh, as pitonisas não podem ser más, nem podem ser boas. Pois se são más, porque me anunciaram o título de Barão de Caodor? Mas se são boas, porque geraram, no fundo de mim e dentro da cabeça, esta intenção, de que não desejo desistir, embora o coração se me atire contra as costelas? Oh, esta víbora, que se enrola no crânio, por dentro?! Se for preciso... para que a profecia se realize até ao fim... Ah, não vou

esperar, passivo como uma mulher... A coroa não me cairá do céu, se eu não cometer acção que seja minha, saída deste braço! Oh, a quimera chamada assassínio ocupa, total, as veras do meu ser! E agora, para mim, só existe o que não existe... *(Gargalhadas das Bruxas. Com terror)* Réptil daninho que aqui te alojaste! Talvez eu não tenha trabalho para te dar! Porque se não fosse eu e o meu ardil e as iniciativas que ousei para ganhar a vitória, neste momento já Duncan não seria Rei de toda a Escócia ou as tropas sanguinárias do inimigo teria invadido já o palácio real. E então, contra esse poente cor de cinza, a cabeça de Duncan, grisalha, seria a bandeira da derrota e da vergonha desfraldada no alto das ameias. Rei justo é aquele que dá a recompensa justa. Portanto, Duncan vai nomear-me seu sucessor no trono. *(Pausa)* Sai do meu pensamento víbora, mãe do assassínio! Talvez não me sejas necessária! Espera... ou vai-te! Mas volta, verde e venenosa, se for preciso.

(Estão Duncan, Malcolm, Donalbain, Aio, etc.)

Duncan - Já executaram Caodor?

Malcolm – Nenhum dos sete grupos de segurança que saíram para tal serviço regressou ainda.

Duncan – Se o deixam escapar, nem sequer as almas lhes aproveito. Nem as deles nem as dos cães que os acompanham. Ouviste?

Malcolm – Sim, meu Senhor e Rei e Pai!

(Entram Banquo e Ross)

Duncan – Macbett? Onde está Macbett? Não vos acompanha?

Banquo – Demora-se um instante mais.

Duncan – Tenho pressa em lhe manifestar a minha alegria, louca de plenitude... *(Entra Macbett)* Macbett, adora primo, as honras com que te contemplei, o título de Barão de Caodor com haveres, propriedades, escravos, cidades, vilas e aldeias, pessoas, dinheiro e privilégios adstritos à baronia, são a recompensa dos teus feitos. Obrigado, Macbett. Devo-te mais do que te posso pagar.

Macbett – (Com vénias) Só a minha fidelidade mereceria prémio. Pois apesar de a guerra vitoriosa gerar poderio, o papel de Vossa Majestade é aceitar a dedicação dos seus Vassalos. Recompensais, portanto, aquilo que vos pertence.

Duncan – Crescerás, cada vez mais, por minha mão. *(Primeira esperança de Macbett)* Por minhas mãos crescerás até ao pleno desenvolvimento. *(Segunda Esperança de Macbett)* É meu real desejo, o qual fica em definitivo proclamado conforme a competência que a lei me reconhece, que seja meu sucessor no trono da Escócia *(Terceira esperança de Macbett)* o meu filho Malcolm. *(Decepção de Macbett, cuja víbora renasce)* Doravante usará o título de Príncipe de Cumberland que de regra pertence ao delfim real. Esta designação será acompanhada das promoções, merecidas em vista dos actos por cada um praticados na guerra agora terminada. Assim, terá meu filho por companheiros valentes militares e fidalgos ricos e dotados para fazerem da Escócia um reino ainda maior. E serão espalhadas insígnias de nobreza que, semelhantes às estrelas, brilharão sobre aqueles que forem dignos delas.

Todos – Viva El-Rei!

(Entram soldados trazendo um saco ensanguentado, com dois cães de fila que têm com Duncan manifesta intimidade)

Malcolm – Executaram-no?

Soldado – Cortei-lhe a cabeça de um assentada: Zzzz... Está aqui.

(Malcolm toma o saco e dirige-se a Duncan, abrindo-o)

Malcolm - É ele. Não há dúvida.

Duncan – (Olhando) Caodor... Nenhum rosto exprime a verdade da pessoa a quem pertence. Esse que aí está, ou o que dantes isso foi, mereceu a minha sincera confiança. Fora daqui! O tesoureiro vos pagará o prémio. Esse detrito, entreguem-no aos chacais. *(Saem os soldados com o saco)* Macbett, é meu desejo que dentro de três dias me recebas no teu castelo de Inverness.

Macbett – Acrescentais à recompensa honra e prazer, igualmente imerecidos. Se mo permitis, parto já, pois não contenho a impaciência de levar à minha mulher a alegria de notícia tão feliz.

Duncan – (Abraçando-o) Vai, primo querido. Darás da minha parte à dona castelã um beijo respeitosos!

Macbett – (Só) Malcolm, filho de Duncan, será rei! Vem de volta víbora verde e venenosa! Esse obstáculo e todos os demais lhes saltarei por cima! Estrelas, escondei o vosso brilho! Que luz alguma ilumine os meus negros desígnios! Que os olhos não vejam o que as mãos praticam! E que me seja dado contemplar em breve depois de executado aquilo que à distância os meus olhos temem imaginar!

(Duncan em traje de noite e Bruxas)

Duncan – Então? Que tal acham? Correu tudo bem?
Bruxas – Tudo bem.
Duncan - Francamente?
Bruxas - Oh, francamente...
Bruxas – A brancura do cabelo produziu um efeito impressionante...
Duncan – Seguindo o vosso conselho, apliquei pó de cogumelo moído. *(Ri)*
Bruxas – Macbett está satisfeito.
Bruxas – O beijo que enviaste a Lady Macbett foi prova de fidalguia, no melhor estilo diplomático...
Bruxas – Macbett tem por sobeja a recompensa que lhe deste.
Bruxas – Satisfeito... plenamente... Satisfeito...
Bruxas – Partiu feliz para Inverness.
Bruxas – Partiu feliz...
Bruxas – Foi preparar para ti, Duncan, a recepção que merece o seu protector.
Bruxas – As honras devidas à visita dum grande Rei...
Bruxas – Um grande Rei...

(Duncan manifesta o seu contentamento em face da situação, que se lhe afigura dominada)

(O Eunuco de Lady Macbett não fala, pois, por razões de aperfeiçoamento profissional, foi-lhe cortada também a língua. Produz sons que se esmera para que traduzam claramente o que deseja, sem que nem sempre o consiga. De momento, decorre a experiência duma engrenagem destinada a permitir a descida da cama dos Macbett, cuja alcova fica no andar nobre, superior ao local térreo e fétido onde se está agora. A cama desce lentamente,

mostrado um luxo de cores e de materiais excelentes que contrasta com o ambiente críptico do recinto em que vem enquadrar-se. Na cama, deitado ao comprido um vulto. Quando a cama chega à altura conveniente, Lady desfecha sobre o vulto uma série de tiros de pistola. Só então se percebe que o vulto é, afinal, o travesseiro colocado assim com objectivos experimentais)

Lady – Para cima, depressa. Mais depressa, idiota. *(Eunuco executa. Eunuco dá a entender que a subida não pode ser mais rápida. A cama, no entanto, sobe)* Tem de subir mais depressa! E quanto ao barulho?

(Entra Corina)

Corina – Ouviram-se os tiros em todo o castelo.
Lady – Apesar do silenciador?

(Entra 1.ª Criança)

1.ª Criança - Ouvi os tiros na cozinha.

(Entra 2.ª Criança)

2.ª Criança - Ouvi os tiros nos arcos botantes.
Lady – Deixem-me só. *(Para Eunuco)* Fica. *(Os outros saem)* Assim seria mais fácil. A arma da pólvora dispensa a força física, evita-me o contacto com o corpo dele. *(Isto parece a Eunuco uma evidência)* Mas não pode ser, por causa do barulho... Se não fossem os sonos profundos em que Macbett cai, como um adolescente, esta ideia não me teria ocorrido... *(A Eunuco)* Para baixo! *(Eunuco faz descer a*

cama) Tem de ser mais rápido! Aumenta o diâmetro do tambor onde se enrolam os cabos. Trabalha durante a noite. *(Lady apodera-se de um punhal. Depois de a cama se encontrar em posição, aproxima-se de Eunuco. Com o punhal busca-lhe no peito a indicação do lugar conveniente)* Entre esta costela e esta. Não posso hesitar; indispensável acertar no lugar exacto. Golpe seco e forte.

(Aproxima-se do leito. Espeta o punhal no vulto com escrúpulos de execução. Macbett aparece)

Lady – (Vendo Macbett, numa incontível justificativa) Com este punhal aprendo a defender-me, sem saber quão prolongada seria a ausência do meu marido e senhor... *(Para Eunuco)* Sai.

(Eunuco produzindo sons característicos, tenta prevenir Macbett, de que Lady quer matá-lo sem conseguir fazer-se entender. Ajoelha-se e abraça-o pelas pernas, com desespero, como numa despedida. Macbett passa-lhe a mão pelo cabelo, como se faz a um cão. Sem violência, indica-lhe a saída. Lady coloca o travesseiro no devido lugar e senta-se na cama, sem encarar Macbett. Bruxas aparecem do alto, pela abertura a que deu lugar a descida do estrado da cama)

Macbett – Aqui cheira a pólvora.
Lady – Cheira a bolor. *(Pausa)* Vitória?
Macbett – Vitória!
Lady – A guerra é a tua única vocação.
Macbett – Não foi a guerra o que fiz. A guerra planeia-se racionalmente. Nesta, as batalhas decisivas venci-as eu,

devido à minha força pessoal. Perde todas a ilusões a tal respeito.

Lady – Ah! Não fizeste aquela guerra perfeita com que sempre sonhaste?... A tua obra de arte máxima, não a fizeste, ainda desta vez...

Macbett - Já não me interessa tal conceito. Digo mesmo: como foi possível que, durante tanto tempo, a guerra tenha sido para mim a primeira mulher para um rapaz de dezassete anos? Como pude separar a guerra da política? A vitória do poderio? A guerra pela guerra é imoral. A guerra tem objectivos concretos. A guerra é útil. Só agora descobri esta verdade.

Lady – Olha para mim. *(Encaram-se pela primeira vez)* Terás envelhecido?

(Ouvem-se os gritos da multidão)

Multidão - Macbett, Macbett...

Lady – Que gritos são aqueles?

Macbett – Aclamações. *(Entra Eunuco. Tenta descrever o que se passa)* Tenho de ir mostrar-me à multidão. *(Eunuco apoia. Para Lady)* Vem comigo.

Lady – Não. As esposas dos generais não têm direito às aclamações do triunfo.

(Macbett sai. A multidão ulula. Há gritos frenéticos e indistintos quando Macbett aparece à multidão. Depois a multidão grita outro vocativo)

Multidão – Barão de Caodor! Barão de Caodor!...

(Quando ouve este grito, Lady reage. Macbett entra. O vozear afasta-se)

Lady – Afinal, a vitória não foi só tua. O Barão de Caodor repartiu-a contigo...

(Macbett compreende quanto Lady está contra ele)

Macbett – O Barão de Caodor sou eu.
Lady – Como?
Macbett – É meu o título, com povoações, haveres, privilégios, castelos e tudo mais.
Lady – Conquistaste-os?
Macbett – O Rei transmitiu-me a baronia. Caodor traiu. Foi decapitado.
Lady – E a baronesa? E os filhos?
Macbett – Massacrados. Desfeitos num charco de sangue.
Lady – Tens a certeza?
Macbett – Um mensageiro real veio ao caminho trazer-me a notícia.

(Recomeçam os tambores de Macbett)

Lady – Então sou eu a única Baronesa de Caodor?!
Macbett – Sim.
Lady – Baronesa de Caodor...

(Maior intensidade dos tambores de Macbett, como se cobrissem todo o reino. Lady avança até Macbett e beija-o na boca. Sem amor. Depois ajoelha-se e abraça-lhe as pernas, em atitude semelhante à do Eunuco anteriormente.

Depois, mais curvada ainda, beija-lhe os tornozelos... Os tambores param de súbito. Macbett repele-a)

Macbett – Não quero que estejas grata. Não é de amor nem de gratidão que precisamos.

Bruxas – Olá Macbett! Olá! Não tarda nada serás Rei!

Lady – Quem falou?

Macbett – Seres admiráveis, sobre-humanos, que interceptaram a minha caminhada e me profetizaram o título de Barão de Caodor, antes que Duncan mo tivesse concedido. Na mesma ocasião também me anunciaram que eu seria Rei.

Lady – Macbett... *(Beija-o na boca outra vez. Sem amor)*

Macbett – Duncan proclamou sucessor no trono da Escócia o seu filho mais velho.

Lady – Malcolm?

Macbett - Malcolm.

Lady - Oh!...

Bruxas – Olá Macbett! Olá! Não tarda nada serás Rei!

Lady – Enganam-se, essas vozes?

Macbett – Não podem enganar-se. *(Afasta-se de Lady)*

Lady – Mas como? Duncan é vivo. Malcolm não só é vivo como é mais jovem do que tu.

Macbett – Pensas que acato tal nomeação? A vitória é minha. Se não fosse eu, que seria agora de Duncan e dos interesses e do trono da Escócia? A monarquia na Escócia não é hereditária. Com que justiça Duncan nomeou sucessor o filho mais velho? Malcolm não tem qualidades de Rei. E vicioso e perdulário. Não tem imaginação. Na guerra portou-se como um cobarde: quando a vitória já era nossa, fugiu, fugiu com medo. Não sabe avaliar as situações, nunca o saberá. E isto um chefe? E isto um Rei. *(Pausa)* Sabes quem formava a multidão que me aclamou?

(Entra Corina, ligada às crianças)

Lady - Tropas...

Corina – Sim. Mas também vieram aclamá-lo os camponeses da Escócia, vieram os delegados das cidades, vieram representações dos operários da reais minas de prata, que clamavam: "Macbett, ó salvador". Corporações de vária ordem, religiosos, toda a gente, pois ninguém ficou em casa hoje. As crianças das escolas faltaram, já prepararam excursões a Inverness, aqui agitarão bandeirinhas gritando: "Viva Macbett, o nosso salvador!" Está em marcha uma psicose generalizada. Os tambores de Macbett ressoando vão completar-lhe a fama. E os cartazes, os slogans, os anúncios, os retratos de Macbett nas repartições, nas montras, serão a prova activa de que Macbett, só Macbett, pode ser o salvador.

Macbett – Eu sei. A maior parte do povo está comigo. Tenho comigo o exército que às minhas ordens esmagaria quem me é contrário. As técnicas de persuasão, a retórica política, estarão comigo a um aceno meu. As assembleias dos representantes, dentro dum ano, ou dois, poderei tê-las por meu lado, ou esmagarei as que não estiverem. Duncan e os seus apaniguados que se me oponham e outros passarões, saberei fazê-los vir a esta mão beber a água e debicar o milho. Além do mais, existem forças ocultas que estão comigo.

(Concordância das Bruxas)

Bruxas - Olá Macbett!

Macbett – Posso pactuar com a Dinamarca, trazer o Rei da Noruega à ponta do meu anzol, aliciar os Kernes e os Galowgesses, manter a Inglaterra em receosa vizinhança. O uso destas forças, no entanto, para atingir o fim de que falámos, seria prolongado. Quanto demoraria? Cinco? Dez anos de luta persistente, serena, quotidiana? Oh, é muito tempo. A política deve ser rápida ou não tem fundamento moral. Político convencido da sua legitimidade repele delongas, é urgente, imediato, anseia por beneficiar aqueles que governa, tem pressa de realizar o bem comum. Político que não tem pressa, estão podres as suas convicções.

Lady – Também eu tenho pressa, Macbett...

Macbett – Se o poder é legitimamente meu, que importância tem a legalidade, a trama burocrática chamada legalidade? Se está comigo a legitimidade, que escrúpulo se opõe à acção do meu braço por mais cruel que seja, para estabelecer rapidamente o que é legítimo?

Lady – Estás a falar de Duncan?

(Macbett e Lady nesta cena não se referem ao mesmo)

Macbett - Duncan vem passar aqui a noite de amanhã.

Lady – Pois não verá a luz da manhã seguinte.

(Revoada das Bruxas)

Macbett – O projecto, trabalhei-o na cabeça toda a noite.

Lady – Vamos aperfeiçoá-lo até à hora de o executar. Depressa Macbett!

Macbett – Porém... *(Pausa)*

Lady – Diz: o que te preocupa? O acto em si? O teu rosto mostra coisas estranhas... Não, não, qualquer enigma levantará

suspeitas... Sê claro: sorri, como no prado a flor inocente... Com os lábios, com as mãos, e com o corpo. Preferes que seja eu a executar o trabalho da noite de amanhã?

Macbett – De que falas?

Lady – Receberei Duncan com toda a fidalguia, requintadamente... Depois... *(Pausa)* Será bem de noite, para que o punhal não veja a punhalada, para que o céu não possa divisar através do manto de trevas e, horrorizado, não grite: "Basta, basta!" *(Pausa)*

Macbett – As revelações que as tais irmãs me fizeram por sortilégio, ensombram-nos... ensombram-nos...

Lady – Por nossa mão as estrelas virão clarear todas as sombras...

Macbett – Sabes? A nossa glória é estéril. Estéril será o nosso trono... Nenhum Rei será nosso filho.

Bruxas – É verdade, é verdade...

Lady – Confia no meu ventre. Confia no meu ventre. Perdoa se dantes não foi fecundo. O clamor com que a nação te reveste, a tua predestinação para o trono real rodeiam-te a meus olhos duma aura fulgente. Curvo-me aos teus desejos... às nossas reais conveniências... Macbett... vem... esposo meu... Depressa, Macbett...

(Tema musical desta situação, o qual se repetirá. Ao longe, tambores e clamores da multidão. Deitam-se. Sem amor. Ritual propiciatório das Bruxas ao qual pertence o sarcasmo, pois sabem que eles não fornicarão. A cama sobe. Um ecrã de cinema e/ou TV colocado no palco mostra a cabeça de Macbett. Macbett sai do ecrã e entra em cena. Aparece a mesa do festim. O ecrã mostra Duncan em primeiro plano, alegre, bebendo. Lady Macbett deita-lhe mais vinho, abraça-o, beija-o. Ouvem-se os ruídos do festim, que não têm, necessariamente, sincronismo com a imagem.

Em cena, Macbett olha o ecrã no momento em que Lady serve Duncan. Mostram-se no ecrã, no prosseguimento da cena, além das mais, as seguintes personagens: Malcolm; Aio e Donalbain; Banquo e Fleânceo; Macduff, Lennox, Ross; Seiton)

Macbett – Não é do assassínio que duvido. Penso: o assassínio resolverá? Se evitasse tudo o que se lhe segue, se fosse o fim de tudo, atirava-me já dos alcantis da dúvida ao lago de uma existência nova. Mas Duncan goza entre o povo da reputação de grande Rei. Se for assassinado em minha casa, onde deveria gozar da dupla protecção da hospitalidade e da vassalagem, talvez a minha soberania venha a ser dificultada... Oh, mas não! Pensámos juntos eu e ela: está pensado, só falta executar. Esta necessidade de argumentar comigo mesmo, intelectualizar o que se resolveria por impulso, será denúncia de medo?... Temerei o remorso? Necessito de estímulo para a minha ferocidade. Vou cavalgar, no meu espírito, o corcel da ambição, perigosa montada que salta para além da meta e tropeça e cai onde menos se deseja.

(Entra Lady)

Lady – Duncan já come a sobremesa. Porque te retiraste?
Macbett – Perguntou por mim?
Lady – Decerto.
Macbett – Vamos parar. Não iremos por diante... Concedeu-me honraria. Não convém correr o risco de as queimar, de me destruir no respeito geral.
Lady – Preguiçoso! Comodista! Não queres lutar com a tua própria consciência... Queres a paz, continuar o sono, o teu

sono de porco no chiqueiro... Julgas que temos direito à tranquilidade da consciência?

Macbett – Nenhum homem irá mais longe do que eu for. Quem ousar para além de mim, prova que não é homem.

Lady – Porque aceitaste a minha cumplicidade? Na noite passada querias realizar o teu desejo. Hoje não és homem, ficas aquém! Mas juraste! Jurámos os dois! A ocasião é propícia. O lugar é seguro. Sabemos a quem atribuir a culpa do assassínio. Porque hesitas?

Macbett – Escuta. Tenta reflectir. Que vamos nós fazer? Implicar-nos pessoalmente no assassínio; praticá-lo com as nossas próprias mãos, mergulhá-las em sangue até aos cotovelos... Nós não somos tiranos medievais! Existem técnicas de governação e de conquista do poder que, ou dispensam o assassínio, ou o cometem de modo que OS reis, OS chefes, os "top men", ficam detrás de carapaças inexpugnáveis. Em vez da nossa fraca coragem e de arrostarmos nós com as acções, deixa-me estabelecer um sistema, devidamente estruturado, que nos coloque no trono sem que, perante o povo, o nosso esplendor real possa ser maculado pela nódoa da suspeita.

Lady – Cúmplice! Falas de cúmplices... Cúmplices que nos denunciem?! É o que tu queres? Cúmplices que nos desgracem ainda antes de cometida sequer a primeira acção?!... Existe neste reino pessoa em quem confies, além de mim? Se me desprezas, julgas que te serei fiel? Temos de ser nós! As nossas mãos! Acredita em mim antes que eu te considere cobarde, duma vez para sempre! *(Pausa)* Antes que me decida a ficar definitivamente estéril... *(Pausa)*

Macbett – Não me oporei a ti. Não desejo este castelo transformado num palco ainda mais sinistro... *(Pausa)* E se o golpe falha?

Lady - Como pode falhar? Estando a dormir Duncan, não corremos perigo. Mandei misturar em todo o vinho servido no banquete um violento narcótico. Na taça de Duncan deitei eu própria dose redobrada. Além disto, o Rei veio cansado da viagem. E é velho. Dormirá profundamente, nada vai sentir. Aos oficiais da sua guarda que dormirão na antecâmara, chamei-os de parte e dei-lhes um licor temperado com ervas que provocam miragens e anulam a vontade. Segui-os com a vista toda a noite: beberam como esponjas. Ei-los.

(No ecrã vêem-se os oficiais)

Macbett – São porcos, javardos desprezíveis! O Rei levanta-se.

Lady – Espera aqui.

(Lady sai. No ecrã vê-se Lady entrar na sala do banquete. Aproxima-se do Rei a quem beija a mão. Duncan beija-a na face. Lady dá-lhe o braço. Saem. Os dois oficiais voltam a aparecer na imagem)

Macbett – Toda a vileza se poderá imputar àqueles carniceiros. Se os acusarmos, quem acreditará em todo o reino que estão inocentes?

(Entra Lady)

Lady – O Rei dirigiu-se para os nossos aposentos, agradecendo que lhos tivéssemos oferecido.

Macbett – Vamos. Vamos rir-nos do mundo, fingindo total serenidade.

Lady – E alegria!
Macbett – Se a palavra alegria coubesse nas nossas bocas... Sorrir, pelo menos. Sorrir, sorrir... Sorri.

(Lady sorri. Ambos mostram comportamento adequado)

Lady – Inocência por fora. Por dentro, víboras!

(Bate meia noite. Entra Banquo, apoiado a seu filho Fleânceo)

Banquo – Tem paciência, meu filho. Não sei o que me acontece. Não suporto o meu próprio peso.
Fleânceo – É da bebida. Chegaste-lhe bem, hem?
Banquo – Não, Fleânceo, acredita: bebi pouco.
Fleânceo – Ora... Vê-se...
Banquo – São os nervos, os nervos tensos de uma longa guerra que, vindo a paz, se deslaçam... *(Cai)*
Fleânceo – Que vergonha, se alguém te vê nesse estado...
Banquo – Ouve cá.
Fleânceo – Que queres?
Banquo – És o meu filho mais velho.
Fleânceo – Ora, a novidade! Vamos, levanta-te!
Banquo – Sabes que vais ser Rei?...
Fleânceo – Maldito vinho que faz e desfaz dinastias... Vamos para o nosso quarto.
Banquo – Encontrei três irmãs que mo profetizaram... Sonho com elas todas as noites. Acordo em sobressalto, já não durmo.
Fleânceo – Levanta-te, vem alguém.

(Banquo levanta-se)

Banquo - Quem é?

Macbett – (Entrando) Um amigo.

Banquo – Acordado ainda? O Rei deitou-se. Já dorme. Foi gentil, El-Rei, brindou à tua mulher com este diamante dizendo: "Com um beijo, para a minha veneranda castelã".

Macbett – (Toma o anel) Ficou satisfeito?

Banquo – Correu tudo muito bem. Sabes, Macbett, sabes? As nossas três manas aparecem-me em sonhos, não me deixam dormir...

Macbett – Por mim não penso nelas. Mas no momento oportuno, se fores da minha opinião, falaremos um com o outro. Talvez daí te venham grandes honrarias...

Banquo – Eu só queria não perder as que já tenho...

Macbett – Boa noite, Banquo. Fleânceo, deixa-me olhar para ti.

Fleânceo – Boa noite. Boa noite...

(Fleânceo foge dos olhos de Macbett. Banquo cai-lhe nos braços. Saem)

Macbett - Um punhal pelos ares... O cabo dirige-se para mim, aninha-se aqui, no côncavo da mão... Gotas de sangue na lâmina. Visão, visão diante dos meus olhos. Oh sanguinolenta empresa! Inunda-me o sobressalto e Duncan ainda vive! As bruxas, os lobos, a noite, a emblemática do assassínio, mórbidos átomos carregados de electricidade desconhecida, volteiam ao redor da minha cabeça. Terra, terra segura e firme, não flutues sob os meus pés, toma consciência da direcção dos meus

passos. Duncan! Rei Duncan! Chamam-te! Quem te chama, Duncan? O céu ou o inferno?

(Macbett desmaia. Entra Lady seguida pelo Eunuco)

Lady – (Ajoelha junto de Macbett, num ritual de sortilégios) Oh, a tua natureza está impregnada, por demais, do leite doce da bondade humana. Recebe no teu ser a ânsia vigorosa que bate no meu coração; a coragem que palpita no meu sangue! Desvia de ti pensamentos virtuosos! Varre tudo o que te separa do diadema de oiro com que o destino e o auxílio sobrenatural pretendem ver-me coroada!...

(A sinal de Lady, Eunuco faz descer a cama. Nela está Duncan, colocado na posição o vulto anteriormente. Eunuco sai)

Lady – Macbett!
Macbett – (Acordando) Piam os mochos...
Lady – Ele está ali.
Macbett – Onde? *(Lady aponta)* Tão perto?

(Lady tira-lhe um punhal e entrega-lho. Macbett levanta-se e dirige-se para a cama. Tira outro punhal. Pára junto da cama. Pausa)

Lady —Não penses, Macbett. Actos destes praticam-se sem pensar ou ficaremos loucos.
Macbett – (Olhando Duncan) Dorme. O velho, a dormir parece uma criança. A dormir, redime-se dos seus crimes. A dormir, a alma enferma de Rei conquista a saúde que perdeu de dia,

não toda, apenas uma parte, num débito quotidiano que conduz à morte. Para quê matá-lo então?

Lady – Tu hesitas... tu hesitas... Dá-me o punhal, a mim...

(Está cada um de um lado da cama)

Macbett – Estou preparado. Os meus olhos, a minha consciência só vêem vermelho.

Lady – Váaaaaaa!

(As Bruxas aparecem no alto. Macbett atira-se sobre o corpo de Duncan Macbett golpeia-o várias vezes e fica)

Bruxas – Macbett matou o sono. Nunca mais dormirás, Macbett!

Macbett – Quem falou? Quem me diz que perdi o direito ao sono?

Bruxas – Nunca mais dormirás, Macbett!

Macbett – Perdi o sono, o sono, o manjar do festim da vida?...

(Lady dirige-se para a engrenagem)

Lady - Aqui! Depressa!

Macbett – Não, não te ajudarei. Não posso tocar em nada. Tenho as mãos ensanguentadas... E os braços... *(Lady faz subir a cama, com enorme esforço)* E tremo... Eu, que nas batalhas, matando me sentia glorioso, porque tremo agora?

(Lady ofegante, possuída de grande exaltação, encara Macbett)

Lady - É a vez dos oficiais. Depressa. Vai lá acima. Mata-os. Dormem como porcos. Depressa! Este crime deve parecer praticado por eles. Mata-os e suja-os de sangue.

Macbett – Não. Tu não lhe viste a cara quando o matei. Abriu os olhos, os lábios iam gritar. Então cortei-lhe a garganta. O sangue jorrou sobre os meus pulsos. De que horrível lucidez fui possuído naquele instante!

Lady – Dá-me os punhais a mim. *(Tira-os da mão de Macbett)* Eu vou.

(Sai rapidamente)

Bruxas – Mataste o sono, Barão de Caodor! Nunca mais dormirás, Barão de Glames!

Macbett – Barão de Glames? Então o meu pai morreu...? Oh! A quem pertencem estas mãos? Serão minhas? Ainda sou o mesmo? O mar inteiro bastaria para as lavar? Oh, não, elas tingiriam de sangue os oceanos. E aquele azul infinito transformariam num infinito vermelho.

(Entra Lady Macbett)

Lady – As minhas mãos têm agora a cor das tuas. Mas vergonha seria se dentro deste peito batesse um coração tão pálido como o teu.

(Estendem as mãos um ao outro)

Macbett - *(Com pressa)* Está concluído?

Lady – Não os matei. Não deviam ser mortos já. Encharquei as mãos no sangue de Duncan. Besuntei-lhes de sangue as caras, barbas, cabelos... Deixei os punhais embebidos em sangue lá, entre as roupas da cama...

Macbett – E agora?

Lady – Lavar as mãos. É fácil. Uma simples gota de água. Que diferença existe entre estar morto e estar adormecido?

Macbett – Terrível, terrível, é a noite após a qual o dia não virá.

(Ouve-se uma sineta)

Lady – Tocam a sineta do portão. Vamos vestir um traje de dormir. Depressa! Se nos encontrar alguém, pensará que apenas acordamos cedo...

Macbett – Oh, a consciência do que cometi... Melhor seria não me conhecer. Se eu tivesse morrido há meia hora, antes deste feito, a minha vida tinha sido um tempo maravilhoso abençoado por todos os deuses...

(Outro toque)

Lady – Vamos depressa, tocam outra vez. Depressa!

Macbett – Toque do sino... Ah... se com o seu tocar acordasse Duncan... Mas não pode...

(Saem. A sineta continua a tocar prolongadamente. As Bruxas entram, tomam posição. Uma delas transforma-se em Porteiro. As Bruxas produzirão os barulhos necessários, imitando a chave a rodar na fechadura, a porta a gemer nos gonzos, etc.)

Porteiro – Isto é que é tocar, isto é que é tocar! A chave da porta do Inferno se rodasse a cada tocadela, de tanto andar à roda já seria considerada pião! *(Ri. Novo toque)* Toca, p'raí! Toca, vá, a ver se alço o pé esquerdo mais rápido que o direito... Toca, que me acordaste, toca a ver se me comovo. Pois se sou porteiro do inferno, ao menos que ganhe para mim

algum proveito. *(Dança, e canta)* Entrar, entrar, entrar mas só depois de eu querer. Só depois de eu me mijar. *(Urina)*

Bruxas – Não há pressa de abrir a porta enquanto o barão e baronesa não tiverem vestido os roupões.

Porteiro – Não há pressa? Então, água vai!... *(Continua)*

Bruxas - Pronto, já estão.

Porteir-o – Lá vou, lá vou... Ah carago, cuidam que um porteiro não tem horário de trabalho? O desgraçado, mesmo a esta hora, havia de estar de mão pronta na aldraba? *(Tenta abrir, com esforço)* Uma aldraba de trinta tonéis de peso e perra como o raio que a parta? *(Abre)* Eh, entre, entre quem é, se não tem cabeça. Pois tendo cabeça, há-de pagar alguma coisa para as horas extraordinárias da segurança.

(Entram Macduff e Lennox)

Macduff – *(Prazenteiro)* Da segurança somos nós, bandido!

Porteiro – Então podem entrar, pois não têm cabeça.

Macduff – Que dizes, canalha?

Porteiro– Se tivessem cabeça, não teriam saído daqui.

Lennox – Ele recorda-nos os nossos deveres...

Macduff – Bebeste, hem, safardana!?...

Porteiro– Toda a noite, até ao segundo cantar do galo. Então fui de cornos à almofada.

Macduff – Cerveja?

Porteiro– Tinto. Garrafão à boca. Traz! Um Rei, embora se chame Duncan, de alguma coisa há-de servir a um membro da ralé.

Macduff – Para que te serviu ele?

Porteiro– Para dar melhor serventia à canalização. Tinto, senhor, tinto, por estes canais abaixo!... Em homenagem a sua

Majestade! Um privilégio para mim, que, por costume e por miséria, não vou além da água childra.

Macduff – Logo de manhã já está de bom humor, este patife.

Porteiro– Efeito do vinho. Que tem mais dois.

Macduff – Quais são?

Porteiro– Sono e urina. Já urinei alguma coisa.

Macduff – E dormiste?

Porteiro– Pouco. Devido ao badalo da sineta, que agitastes. Cá vim abrir e o sono foi à merda. Não tendes nada que me agradecer. Ah, já me esquecia. O vinho também toca na fornicação: desenvolve o desejo, mas a execução vai-se à viola. Enche de orgulho a cabeça de cima, mas a cabeça de baixo mirra e descai.

Macduff – Quem não tarda a descair porque te dou dois cachações, és tu, bêbado tagarela. Até acordaste o teu senhor...

(Entra Macbett, seguido por uma Bruxa)

Lennox - Bom dia.

Macbett – Bom dia.

Macduff – El-Rei já se levantou?

Macbett – *(Como que surpreendido com a pergunta)* Ainda não... *(Retoma a serenidade)*

Macduff – Mandou que viesse acordá-lo de manhãzinha.

Macbett – Eu acompanho-os.

Macduff – A visita de El-Rei é um incómodo... Agradável em todo o caso...

Macbett – Porque é agradável não é incómodo. O quarto é além.

(Macduff sai, algumas Bruxas seguem-no)

Lennox - O Rei vai embora hoje?

Macbett – Assim decidiu.

Lennox – Foi uma noite tempestuosa. Lá na álea dos nossos aposentos a ventania derrubou chaminés. E houve quem ouvisse gritos de gente assustada ou de mortos. *(Começa a agitação nas Bruxas)* Houve quem sentisse tremores de terra, prenúncio, segundo a tradição de confusões, anarquia e calamidade. Que noite!

Macbett – Uma noite medonha...

(Grande agitação das Bruxas. As que haviam saído com Macduff, precedem-no, rápidas. Entra Macduff)

Macduff – Horror! Horror!

Lennox – Que foi?

Macduff – Cala-me a garganta tamanha abominação. Não compreendo.

Macbett – Que aconteceu?

(As Bruxas preocupam-se com Macbett. Será capaz de desempenhar o seu papel?)

Macduff – O caos realizou a sua obra-prima! O assassínio sacrílego quebrou as portas do sacrário e roubou a vida que dentro vivia.

Macbett – A vida? Que vida?

Lennox – A de El-Rei?

Macduff – Cheguem ali, à porta. Vejam, vejam, se os olhos não estoirarem. Vejam, vejam! E contem depois, que eu não posso. *(Saem Lennox, Macbett, este seguido de uma Bruxa)* Acordem! Acordem! Toquem o alar-me! Assassínio! Traição! Toquem o alar-me! Banquo, Banquo! Eh, Banquo!

Onde está Banquo? Donalbain! Malcolm! Fora a moleza do sono, reles imitação da morte! Vinde ver a própria morte em pleno esplendor! De pé, de pé! Vinde ver a imagem do juízo final. Então o alar-me? Banquo! Malcolm! Levantai-vos dos vossos túmulos como mortos e feitos fantasmas, vinde apreciar o horror maior! Toquem o alar-me!

(Soa o alarme. Entra Lady, em traje de dormir. Seguida da sua Bruxa vigilante)

Lady – Porque convocam os que dormem?

Macduff – Senhora minha! Se os vossos ter-nos ouvidos escutassem a narrativa, o coração despedaçava-se mortalmente. *(Entra Banquo, em traje de dormir)* Ó Banquo! Banquo! El-Rei foi assassinado!

Banquo – Duncan? Assassinado?

Lady – Oh!... Mas... O quê? Aqui em nossa casa?

Banquo – Fosse onde fosse, tal excederia toda a crueldade. Não é possível! Macduff, diz-me que não é verdade!

(Entram Macbett e Lennox)

Macbett – A partir de agora, nada haverá de honesto para mim nesta vida mortal. Tudo espantalhos! Fama e glória deixaram de existir! O vinho da vida acabou, no fundo da pipa só restam as borras para alimentar as nossas pobres aspirações.

(Entram Aio, Donalbain e Malcolm em trajes de dormir)

Aio – Que foi?

Donalbain – Que aconteceu?

Macbett – Secou-se a fonte que vos deu o sangue.

Malcolm – Como?
Macduff – Assassinaram El-Rei vosso pai.
Donalbain – Oh! Que pavor!
Malcolm – Que brutalidade sabê-lo deste modo!
Aio – Quem é o responsável?
Lennox – Os Oficiais que dormiam na antecâmara, ao que parece. Tinham rosto e mãos tintos de sangue. Sangue nas almofadas. Os punhais escondidos entre os cobertores. Quando nos viram ficaram atrapalhados... Quem terá confiado a vida do Rei à guarda de tal gente?
Macbett – Matei-os num momento de fúria.
Malcolm – Para quê?
Macbett – Bem me arrependo. Mas quem pode ser leal e indiferente, horrorizado e prudente ao mesmo tempo? O amor que sempre devotei a El-Rei sobrepôs-se à tranquilidade da razão. Ali jazia Duncan, estátua de prata, envolta na malha dourada do seu sangue. As feridas abertas derramavam a vida mais preciosa. E além, os assassinos, roncando como animais, sujos de sangue, banhados nas cores do seu feito, os punhais sangrando ainda... Possuindo coração para amar e coragem para exprimir tal amor, quem poderia conter-se? Matei-os!
Lady – Eh... Levem-me daqui!
Macduff – Cuidai da senhora.

(O diálogo seguinte, entre Aio e os Príncipes, trava-se enquanto levam Lady)

Aio – (Aparte) Prepara-te, Príncipe, há que fugir.
Donalbain – Não!
Aio – Sim!

Banquo – (Que esteve a olhar Macbett) Depois de nos vestirmos decentemente devemos reunir-nos. Procedamos a um inquérito sobre as causas e os agentes do assassínio. Não estamos tranquilos, devido a receios e a suspeitas... Por mim, sob a imensa mão de Deus, de toda a alma repudio, quaisquer que sejam, os fundamentos, ainda ignorados desta cruel maquinação.

Macduff – E eu também!

Todos – E eu! Também eu!

Macbett – Reunimo-nos no salão. Meia hora para nos vestirmos.

Todos – De acordo.

(Vão a sair. Aio puxa Malcolm pelo fato)

Malcolm - Que há?

Aio – Há punhais voadores, há punhais nos sorrisos. A punhalada pode vir do parente mais próximo. Aconselho-te a partir daqui.

Malcolm – Não. Aqui mataram o Rei.

Aio – Pois és tu quem está a seguir na lista. E depois de ti, Donalbain.

Malcolm – Então vamo-nos embora.

Aio – Foge para a Inglaterra. Nós iremos para a Irlanda.

Malcolm – Porquê?

Aio – Longe e separados estamos mais seguros.

Donalbain – De acordo.

Malcolm – Vamos. *(Saem furtivamente)*

(Uma Bruxa, disfarçada de velho, canta:)

Nasci em outras idades
passei noites de pavor

mas esta noite esta noite
foi de todas a pior.

Devia já ser manhã
nos montes e nas estevas
mas esta noite nos dita
a tirania das trevas.

(Gargalhadas. Uma Bruxa recita, em estilo infantil:)

Pairava um falcão pairava
no alto do seu voar;
na terça-feira passada
assassinou-o um mocho
rafeiro e ordinário
habituado a caçar
ratos, ratos e mais nada.

(Gargalhadas. Outra Bruxa, muito dramática:)

Belos, ligeiros e orgulhosos
os cavalos de El-Rei Duncan
exemplares da sua raça.
Nesta noite calamitosa
escoucearam as manjedouras
esqueceram toda a obediência
revoltaram-se contra os homens.
devoraram-se uns aos outros
devoraram-se uns aos outros.

Coro das Bruxas:

Que grande consternação
apreensão, preocupação
se tem verificado
nos factos naturais
nomeadamente
no reino dos animais.

(Entram de diferentes direcções, solenemente, Macduff, Ross e Banquo, com severa consciência. Banquo seguido de Fleânceo. A seguir entram Lennox e Seiton)

Banquo – Chegámos a conclusões rigorosas proclamadas oficialmente.

Macduff – O assassino de Duncan foi cometido por dois oficiais da sua guarda.

Ross – Os mesmos que Macbett matou.

Macduff – Exacto.

Banquo – Malcolm e Donalbain, filhos do rei assassinado, fugiram. Foram os motores do crime.

Macduff – Malcolm e Donalbain subornaram os referidos oficiais para que matassem o seu próprio pai.

Bruxas – Oh! O que faz a ambição, a ambição desmedida!

(Entra Macbett, solene e brilhante)

Macbett – Agora, que o desregramento ensombra todo o reino, agora que os valores supremos foram vilmente subvertidos, estou na situação de carregar sobre os meus ombros o peso da real soberania. Oh, à minha alma seria mais grato gozar a doce primavera e os gorjeios dos pássaros que esvoaçam em redor desta mansão de Inverness, na meiga companhia da baronesa minha esposa. *(Entra Lady Macbett)* Mas sacrifico-

me. Assim mo ordena a consciência de escocês. Parto para Scónia. *(Gargalhadas das Bruxas)* Aí, sobre pedra secular em que foram sagrados os meus antecessores receberei o manto de arminho real. Que os meus ombros frágeis suportem tão grande peso. E os meus braços, o ceptro. E a minha cabeça, a coroa.

II PARTE

(Bruxas. Máquinas de comunicação. Piiiiis prolongados)

Bruxa Magna – Não compreendo... Não compreendo o que se passa...
Bruxas – Estamos aterradas!
Bruxas – Não se esperava por nada... Será percalço?

(Adequados, semelhantes aos necessários sons, às explorações lunares)

Bruxa Magna - A transmissão está má. Compreenderam alguma coisa?
1.ª Bruxa – Nada

(Na algaraviada entende-se a palavra "Hécate")

Bruxa Magna - Hécate!...
Bruxas – A nossa Presidente... A nossa Presidente... Hécate...
Hécate – (Através da aparelhagem) Real... urgente... tempo..., tempo...

(Estas palavras distinguiram-se)

Bruxa Magna – Ah, é qualquer coisa urgente... Não há tempo a perder... Hécate, escutas-me? Compreendes-me? Responde! Hécate!

Hécate – Geral... Reunião... Descer...

Bruxa Magna – Convoquem reunião geral. Imediatamente.

(Bruxas dirigem-se aos aparelhos de comunicação e operam. Barulho ensurdecedor)

Hécate – (Idem)... mas não... vigilantes... Macbett... …dy Mac...

Bruxa Magna – Reunião para todas excepto para as vigilantes de Macbett e da mulher.

(Recrudesce o barulho das comunicações)

Hécate – Aproximo-me... Depressa...

(Entra Bruxas e mais Bruxas. Pára o burburinho, pois as convocações estão feitas. Hécate desce, envolta na sua capa espacial. Bruxas tiram-lha, assim como o capacete. Outras penteiam-na. Está esplendorosa. Entra uma mesa de massagens. Aproximam-se as Bruxas massagistas e actuam)

Hécate – Não percamos tempo!

Bruxa Magna – Vens furiosa. Que aconteceu?

Hécate – Nas transformações que se deram na Escócia não se pensou no que havia de pensar.

Bruxa Magna – Referes-te às minas de prata?

Hécate – Vamos por partes. Primeiro, o Barão de Caodor. Porque me sonegaram informações? Não posso comandar a vastidão

que me obedece se não for rigorosamente informada. Quem se encarregou do Barão de Caodor?

(Aproximam-se as Bruxas que se encarregaram de Caodor)

Bruxas - Nós.

Hécate – Caodor o único barão eficaz, o único com inteligência e saber político e com lucidez acerca da Escócia, o mais autorizado dos que pertenciam ao grupo chefiado por Duncan... Como é possível que Caodor tenha traído Duncan, isto é: o grupo Duncan!

Bruxa – Caodor traiu.

Hécate – Assim foi proclamado. Que se passou de facto?

Bruxa – Terá Caodor estimulado a rebelião? Com que fim se aliou ao Rei da Noruega? Tornou-se cúmplice deste e dos rebeldes, para quê? Terá sido protegido ou determinado por circunstâncias ocultas? Trabalhou para a perdição da sua Pátria?

Hécate – Essas são as questões. Respondam. Com exactidão.

Bruxa – Caodor trabalhou para aquilo que a demagogia chama a perdição da sua pátria. Tinha entendimentos com a Inglaterra ocultos ou mal conhecidos.

Bruxa – Caodor explorou o Rei da Noruega. Aproveitou-lhe o poder bélico. Mas sabia que seria fácil escorraçar da Escócia o Rei da Noruega; ou mantê-lo como aliado, se fosse necessário.

Bruxa – Para Caodor era evidente que devia negociar com os estrangeiros antes que os estrangeiros impusessem à Escócia a sua gula e cupidez.

Hécate – Isto é: a demagogia não tem razão: Caodor, de facto, não traiu a sua Pátria.

Bruxa – Exacto.

Bruxa – Na Escócia existem rebeldes. Rebeldes em nome de ambições senhoriais. Opunham-se a Duncan na medida em que Duncan os não satisfazia em matéria de monopólios e outros privilégios.

Bruxa – Todos estes rebeldes voltam-se agora a favor de Macbett. E assim permanecerão, enquanto tiverem a esperança de que Macbett os satisfará. Isto é: a rebelião cessou. Mas continua.

Hécate - Parece que sim. Tal segurança, no entanto, não é real.

Bruxa – Há ainda outros rebeldes: os operários das minas de prata. Estes, porém, não entram neste jogo, pois com eles o Barão de Caodor não se aliou.

Hécate – Assim se esperava da lucidez do Barão de Caodor.

Bruxa Magna – Quanto às minas de prata...

Bruxa – Caodor afinava a sua posição pela posição da Inglaterra.

Bruxa – A questão das minas de prata tem na base um problema técnico.

Bruxas – As minas de prata são exploradas por processos obsoletos; produzem um mínimo que mal chega para o equilíbrio das finanças; poderiam produzir benefícios reais e generalizados e efectiva riqueza. Porém, na Escócia não há equipamento, nem técnico nem humano, para trazer o progresso desejável à orgânica das minas de prata.

Bruxas – Ao contrário, a Inglaterra pensa e actua. Tem agentes a estudar o problema. Espionagem aqui e por toda a parte onde existem minas de prata. Atrai a nobreza e a burguesia da Escócia. Compra consciências escocesas. Mantém pessoas, sobretudo jovens, com o fim de estudarem tudo e o que respeita à prata, às minas de prata.

Hécate – Qual a posição de Macbett perante o problema?

Bruxa – Pressente-o, mas ignora-o. A soberania, a autoridade, ocupam-lhe o cérebro. Subiu ao trono, quer manter-se Rei. Rei, Rei, simplesmente, nada mais.

Hécate – É um monstro.

Bruxa – De duas cabeças.

Hécate – Sejam gentis com Macbett. Ele ou outro, alguém há-de no trono sentar-se enquanto o tempo passa. Ajudem-no. Até se fartarem. Quando Macbett se vos tornar monótono e fastidioso, quando vos apetecer, ponham outro no trono.

Bruxa Magna – Quem?

Hécate – Outro...

Bruxas – Ah...

Hécate – É preciso que a Escócia sangre. Mas cuidado! Desejo que Fleânceo, filho de Banquo, não seja destruído. Atenção! Cuidado com Fleânceo!

Bruxa Magna – Serás obedecida...

Bruxas – Serás obedecida...

(Bruxas vestem-lhe a capa espacial e o capacete, com mil cuidados com o penteado)

Hécate – Do espaço, os meus olhos panorâmicos num só olhar abarcam lutas, movimentos, cuidados, interesses, sofrimentos, paixões inimigas, relevantes no mundo por onde passo. A meus olhos são apenas sinais de caprichosos desvios nos carreiros das formigas. Subo mais. A Terra, serena, roda no espaço, e vai, nave azul tripulada, precariamente, em direcção de nada... *(Sobe, desaparece)*

(Seiton e dois assassinos. Estes aprendem a lição)

1.º Assassino - As crueldades e as vinganças do mundo...

2.º Assassino - As crueldades e as vinganças do mundo...
1.º Assassino - ...a tal ponto me destruíram...
2.º Assassino - ...a tal ponto me destruíram...
1.º Assassino - ...que me é indiferente...
2.º Assassino - ...totalmente indiferente...
1.º Assassino - ...praticar seja o que for...
2.º Assassino - ...mesmo que a sociedade não goste.
Seiton – E até condene.
1.º e 2.º Assassinos - ...e até condene.
1.º Assassino - Não me importo de arriscar a vida...
2.º Assassino - ...de arriscar a vida...
1.º Assassino - ...para a melhorar...
2.º Assassino - ...melhorar...
1.º Assassino - Ou para perdê-la...
2.º Assassino - ...erdê-la.
Seiton – Ou pa-ra per-dê-la.
2.º Assassino - Ou para perdê-la.
Seiton – Não esqueçam, hein? Pois estas razões vos servem de justificação interior para o que ides fazer.
2.º Assassino - Não era preciso nada justificar interiormente.
Seiton – Isso é connosco. Agora respondam os dois ao mesmo tempo...
2.º Assassino - ...mesmo tempo...
Seiton – ...às minhas perguntas.
2.º Assassino - ...guntas.
Seiton – Que ides fazer?
1.º e 2.º Assassinos - Assassinar Banquo.
Seiton – Mais quem?
1.º e 2.º Assassinos - Fleânceo, filho de Banquo.
Seiton – Banquo; e Fleânceo, filho de Banquo. Motivos e motivações? Primeira?

1.º Assassino - Para ganhar as grandes recompensas que Macbett nos dará. Inclusivamente, para ficarmos chefes dos grupos de matança que Macbett vai orga...

(Seiton tapa-lhe a boca com a mão)

Seiton – Essa é a última razão.

1.º Assassino - Oh, desculpe Vossa Senhoria. Sei perfeitamente, mas enganei-me.

2.º Assassino - Eh pá, tem cuidado, olha que me atrapalhas.

Seiton – Digam lá primeiro?

1.º e 2.º Assassinos - Primeiro: porque somos vassalos de Macbett.

Seiton – Está certo.

1.º e 2.º Assassinos - Porque Banquo é nosso inimigo, meu e deste.

Seiton – Como sabes?

1.º Assassino - Macbett provou-nos: Banquo nos tirou a sorte da fortuna. Banquo nos causou todas as desgraças.

1.º e 2.º Assassinos - As nossas almas clamam por vingança. Se servimos Macbett, matando Banquo, servimo-nos a nós mesmos.

Seiton – Lógico.

1.º e 2.º Assassinos - Não somos tão escravos do Evangelho que a virtude da paciência tolere que tal ofensa fique sem vingança. Por isso, é com entusiasmo, para bem nosso e alheio que vamos assassinar Banquo.

Seiton – Muito bem. Continuem.

1.º e 2.º Assassinos - Banquo cuja mão de ferro nos curvou sobre o túmulo e para sempre nos reduziu à desgraça.

Seiton – Continuem.

1.º e 2.º Assassinos - A existência de Banquo e de Fleânceo provoca em Macbett grande doença e afectação, sendo que as mortes de Banquo e Fleânceo, só elas, darão saúde a Macbett.

Seiton – Bravo! E por fim?

1.º e 2.º Assassinos - Matando Banquo e a sua criança, cairemos nas boas graças de Macbett, nosso suserano. *(Rápidos)* Vamos matar Banquo também para ganhar a grande recompensa que Macbett nos dará. Inclusivamente, para ficarmos chefes dos grupos de matança que Macbett vai organizar.

Seiton – Exactamente. Direi a El-Rei que tudo tendes aprendido: actos a praticar e respectivo fundamento.

2.º Assassino - Para dar cabo do canastro a duas simples criaturas não eram precisos tantos latins.

Seiton – Agora temos a certeza de que os vossos cérebros e vontades estão completamente ocupados com este cometimento.

(Banquo em cena. Fleânceo aproxima-se)

Banquo – Rei, Caodor, Glames! Agora, Macbett, já és tudo o que profetizaram as fatídicas criaturas. Tremo ao suspeitar que jogo sinistro jogaste para o conseguir. Ah, mas elas colocaram-me, a mim, na origem de reis e mais reis, para a posteridade. E se te falaram verdade, Macbett, porque não hei-de alimentar as minhas esperanças?

Fleânceo – Que dizes, meu pai?

Banquo – Nada, nada. Silêncio...

(Entram Macbett, Lady, Lennox, Ross, etc.)

Macbett – Ei-lo aqui, o principal conviva da recepção que hoje oferecemos!

Lady – Não podes faltar.

Banquo – Nem o desejo. Além da honra é uma ordem o convite, pois estou ligado a Vossa Majestade por laços indissolúveis.

Macbett – (Depois de reagir às palavras "laços indissolúveis") Sais esta tarde?

Banquo – Sim. Macbett - A cavalo?

Banquo - A cavalo.

Macbett – Fleânceo acompanha-te?

Fleânceo – Sim, meu Senhor. Gosto das boas cavalgadas.

Macbett – Vão para longe?

Banquo – Estaremos de volta à hora da recepção.

Lady – Não faltes.

Banquo – Não faltarei.

Macbett – Tens tido notícias de Malcolm e de Donalbain?

Banquo – Nada sei a seu respeito.

Macbett – Esses Príncipes sanguinários escondem-se, na Inglaterra um, na Irlanda o outro. E em vez de confessarem o parricídio cruel, declamam invenções bizarras para iludir os que os escutam. Mas falaremos disto amanhã, no Conselho de Estado.

Banquo – Lá estarei.

Macbett – Adeus! Adeus rapaz! Boa cavalgada!

Fleânceo – Adeus, Senhor.

(Saem Banquo e Fleânceo)

Macbett – (Para os que o acompanham) Deixo-vos livres até à noite. Agradeço a vossa companhia. *(Saem)* Seiton, depressa! *(Entram Seiton e os dois Assassinos)* Tudo preparado?

Seiton – Tudo.
Assassinos – Tudo.
Macbett – Banquo e Fleânceo vão sair. Dirigem-se às minas de prata. Depressa, saltem-lhes ao caminho, longe deste palácio, assim convém. É partir sem demora.

(Vénia do 1.º e 2.º Assassinos)

1° Assassino - Meu suserano...
Macbett – Seiton, acompanha-os ao portão. Não esqueçam: a morte do filho é tão importante como a do pai. *(Saem Seiton e Assassinos rapidamente)* Ser o que sou é ser nada sem a segurança de o ser. Banquo, só Banquo, é profundamente objecto do meu receio. Não temo a existência de mais ninguém. Só a de Banquo. Alucina-me. *(Lady entra.)* Cada minuto da sua existência é sangrenta cutilada que ameaça a minha vida. As criaturas, ao darem-me o título de Rei, fadaram Banquo pai duma linhagem e Reis. Assim Banquo torna estéril a minha coroa e o meu ceptro. Portanto, o crime, cometi-o em proveito dele. Assassinei Duncan em benefício dos filhos de Banquo; amargurei o cálice da minha paz para da descendência de Banquo fazer reis!

(Lady dirige-se lascivamente para Macbett)

Lady – Não nos esqueçamos do que é preciso para que a sucessão recaia sobre um filho nosso, que ainda não temos.
Macbett – Oh, se o tempo fosse de luxúria, se houvesse nas nossas pálpebras sono, que à luxúria se seguisse... Se houvesse lábios para pronunciar a palavra amor...
Lady – Macbett... Eu tremo...
Macbett – De desejo, não, não tremes de desejo.

Lady – Oh! Estou vazia, vazia, vazia...

(Lady aproxima-se)

Macbett - Não.
Lady – Quando?
Macbett – *(Começando a vestir um disfarce)* Depois. Banquo ronda as minas de prata... Às ocultas... E leva o filho...
Lady – Tem um filho para o acompanhar... No entanto... a imagem da humanidade neles não é eterna...
Macbett – Alegra-te: serão atacados logo que zoem os besouros da noite. *(Pausa)* Aqueles labregos sabem matar. São vis, tenho confiança neles, jogarão tudo por tudo. Mas não sabem sentir atracção pelo cheiro dum sangue bem vermelho.
Lady – Prudência, Macbett, prudência, não exponhas o teu corpo, pensa em mim...

(Beija-o. Sem violência Macbett repele-a. Entra Seiton)

Seiton - Não convém demorar, Senhor.
Macbett – Oh, que estes dois que hoje se vão cometer sejam os últimos...

(Entram três Assassinos. O 3° é Macbett disfarçado)

1.º Assassino - Quem te enviou em nosso reforço?
3.º Assassino - Macbett.
2.º Assassino - *(Para o 1.º)* Não há que desconfiar dele pois sabe ao que viemos e disse tal e qual como melhor executar.

1.º Assassino - (Para o 3.º) Ficas connosco. Vão agora para os seus lugares. Pai e filho não hão-de ter demora.

(1.º e 2.º Assassinos preparam-se. 3.º Assassino esconde-se)

3.º Assassino - A minha alma é um ninho de lacraus! Duncan jaz no seu túmulo. Dorme, sem pesadelos, nem insónia. E nós... Nós somente ferimos a serpente. Não a matámos. Ela tem mil cabeças que se levantam e criam perigos, perigos à nossa pobre maldade. Terei que decepar ainda mil cabeças? Antes rebente a estrutura das coisas do que comer à mesa trémulo de medo e deitar-me sempre na aflição dos terríveis sonhos que nos agitam toda a noite. Antes acompanhar na morte aqueles a quem demos a paz para ganharmos a nossa paz, do que reter no espírito este delírio infatigável. *(Pausa)* Vem noite, depressa, vem antes de Banquo, despedaça essa existência que me torna lívido. O corvo pia... Negros agentes da noite, cobri de negro a paisagem, dai-me esconderijo e segredo... As coisas começadas no mal só pelo mal se fortalecem.

(Silêncio, apenas quebrado pelo zoar dos besouros da noite. Entram Bruxas invisíveis. 1.º e 2.º Assassinos atacam Banquo. Ferem-no mortalmente. As Bruxas não defendem Banquo)

Banquo – Fleânceo, foge, meu filho. Foge! E vinga-me!

(Fleânceo tentou defender Banquo. Escapa ao 1.º e 2.º Assassinos, sem intervenção das Bruxas)

3.º Assassino - A serpente maior foi esmagada. Pequenino réptil, já vai chegar a tua vez!

(3.º Assassino, com terrível violência, acomete Fleânceo que é defendido pelas Bruxas. Estas defendem-no obrigando 3.º Assassino a afastar-se do alvo golpe que desfere. Fleânceo foge. A intervenção das Bruxas, invisíveis para o 3.º Assassino, deixam-no fora de si. Mata 1.º e 2.º Assassino)

(Recepção. A iluminação é de velas transportadas pelas Bruxas, que se movem. Deste modo, certos lugares da cena ficam às vezes no escuro. Algumas Bruxas invisíveis flutuam no espaço, trazendo lanternas ou projectores, cujos jactos de luz fazem incidir nos locais convenientes. A ausência de Macbett provoca algum constrangimento a que Lady, afanosamente, fingindo tranquilidade senhoril, procura por cobro. Os escravos servem bebidas e aperitivos. Macbett aparece à porta, seguido da sua Bruxa vigilante. Os convivas voltam-se. Macbett fica à entrada)

Convivas – Macbett... Macbett...
Todos - Viva El-Rei!
Macbett – (Baixo para Lady) Banquo já está... Mas o menino escapou-se.
Lady – (Baixo) Sorri. Fala.

(Macbett, sorridente e insinuante, avança)

Macbett – Obrigado, meus amigos. Desculpai-me a demora. Absorto no estudo de alto negócio de Estado, fiquei, distraído na hora, no meu gabinete. Fui o principal prejudicado: perdi o prazer e a honra de vos receber à porta. Banquo? Onde está Banquo?

(Movimento das Bruxas)

Ross - Não chegou.

Macbett – Espero que não demore. Sem Banquo, a vossa nobreza fica incompleta.

(Risos. Movimento das Bruxas)

Lennox – Prometeu que vinha. Se faltar, pediremos a El-Rei que o envie aos tribunais...

(Risos, aclamações, palmas. Macbett afasta-se. Lady segue-o)

Lady - *(Baixo, a Macbett)* Calma... Por agora não há nada a fazer...

Macbett – (Baixo) Fleânceo... Sem ele eu seria firme como o mármore, livre como o ar. Com Fleânceo vivo, o medo continua...

Lady – (Alto) Senhor, animai a festa! A gentileza do Rei estimula a alegria...

Macbett – Seria um prazer manifestar o sincero apreço que sinto por cada um. Mas já é tarde. A esta hora a doença geral é o apetite. Que o Cozinheiro-o-Mor espalhe o seu remédio!

(Risos. Palmas. O Cozinheiro-o-Mor e os ajudantes entram com vitualhas, armadas numa concepção espectacular e cruel. Grande burburinho dos circunstantes. Uma das Bruxas, do alto, acende o seu projector, sobre o qual aparece Banquo ensanguentado. Os convivas servem-se. Lennox oferece um prato a Macbett)

Lennox – Para Vossa Majestade, se me permite.
Macbett – O que é?
Lennox – Remédio para o apetite...

(Risos)

Macbett – *(Para a visão de Banquo)* Sangra!
Lennox – Claro. É rosbife à inglesa... Bem tenrinho... Tenro o sangue e a carne tenra...

(Risos)

Macbett – Sangra! Qual de vós fez isto?
Lennox – O quê?
Macbett – Não podem acusar-me a mim!
Lennox – Então, Senhor! Que tem Vossa Majestade?
Macbett – Não me salpiques o nariz com esse sangue! *(Limpa o nariz do dito sangue)*
Ross – Senhores! Sua Majestade sente-se mal.
Lady – Desde criança que é dado a tais acessos momentâneos. Não tem importância. Já passa. Se se aproximam e o olham, é pior. Por favor... *(Faz gesto de se afastarem. Afastam-se. Para Macbett)* És um homem?

Macbett – Homem?! Sou eu? Sou um diabo a valer! Qualquer homem de coragem, se o encarasse como eu, ficava pasmado de terror.

Lady – Disparate, outra vez! Nova imagem reflexo do teu medo. Como aquele punhal que vindo pelo ar se atirava para Duncan! Histerismo de terror! Quando o nosso desejo se realiza a contragosto, tudo se gasta, nada se possui. Melhor é ser aquele que destruímos do que lograr, destruindo-o uma alegria duvidosa. Repara: ali não está nada! Olha, que vergonha...

Macbett – Vê bem, olha por favor... Está ali... Olha com cuidado... Hem? Ali. Ali! Vês? - Que dizes? E isso que me adianta? Sacodes a cabeça? Então podes falar. Fala! - Oh, se os cemitérios e os sepulcros vomitam assim os que lá se enterram é porque têm barrigas de milhafres.

(Banquo desaparece)

Lady – A loucura tira-te o que tens de homem.

Macbett – Se viro os olhos para além aparece outra vez!

Lady – Decência, ao menos!

Macbett – Toda a vida se derramou sangue em pavorosos assassínios que só de os ouvir contar nos trespassa o horror. Antigamente, o assassinado, se tinha os miolos de fora, morria. Aí tudo se consumava. Mas hoje levanta-se da cova, na cabeça vinte feridas mortais, para nos expulsar do nosso trono. Oh! Isto é mais extraordinário do que o próprio assassínio!

Lady – (Alto) Senhor, os nossos nobres amigos...

Macbett – Ah, esqueci-me... Senhores, tenho uma bizarra doença que nada é para quem me conhece. Vamos! Saúde e amor! Amor e paz! Para todos! Que a animação

prossiga! Bebidas! Venham bebidas, copos a transbordar! *(Servem)* Bebo à alegria geral! Ao nosso querido Banquo que aqui nos falta! A sua saúde! A saúde de todos! *(Gritando, os convivas respondem ao brinde. Entra a visão de Banquo)* Fora! Fora da minha vista! Que a terra te engula!

Ossos sem tutano! Sangue gelado! Olhos cegos, mas faíscam.

Lady – Acreditem: este ataque é habitual. Sem importância... Pena é que perturbe o prazer da festa...

Macbett – Sou capaz de tudo o que um homem for capaz! Vem para mim feito urso polar, tigre ou rinoceronte, ou apresenta-te vivo e com a espada desafia-me para um descampado. Se me vires tremer, podes chamar-me bonifrate da criançada! Fora! Fora daqui! *(Banquo desaparece)* Oh... Foi-se embora... Foi? Sim? Então já sou homem outra vez. Por favor, meus senhores... por favor...

Lady – Estragaste a alegria com esse incrível histerismo...

Macbett – Como eu vos admiro, senhores, pois presenciais tal espectáculo de faces bem coradas enquanto as minhas ficam pálidas de medo!

Ross – Qual espectáculo, Senhor?

Lady – Por favor, não lhe falem. Piora a olhos vistos. Toda a pergunta o irrita. Boa noite. Perdão, se não se importam... Todos, por favor... Todos. Sem precedências...

Lennox – Boa noite. E melhoras para Sua Majestade...

Lady – Boas noites...

(Afectuosamente guiados por Lady, saem, as Bruxas também. As velas ficam ao fim num grande lampadário. As Bruxas invisíveis permanecem. As que estão no alto,

com os seus fachos iluminam Macbett e Lady. A saída dos convidados descobre a presença do Eunuco, que fica ao fundo)

Macbett – Diz o ditado: "O sangue pede mais sangue". Árvores, pedras, pegas, pombas, corvos já falaram por via de augúrios para denunciarem o mais escondido matador... A noite onde vai?

Lady – Luta com a madrugada, de igual para igual.

Macbett – Que dizes de Macduff? Recusou o nosso convite...

Lady – Enviou recado?

Macbett – Disse ao mensageiro que não queria vir. Assim mesmo: que não queria! Obtive confirmação. Em casa de cada um desses barões tenho informadores meus, bem pagos.

Lady – Macduff...

Macbett – A sua arrogância ousou contestar-me abertamente... Tem de ser... *(Movimento das Bruxas. Pausa)* Preciso de encontrar as minhas fatídicas irmãs... Têm de falar mais. Cumpri já os meus anteriores caminhos. Estranhas ideias se me formam entretanto e se me agitam dentro da cabeça... Quero realizá-las até ao fim, antes mesmo de as meditar. Mergulhei tanto num rio de sangue que me pesa igualmente voltar para trás ou concluir a travessia.

Lady – Precisas de dormir. Vem...

Macbett – Abandono-me... Abandono tudo... Não consigo domínio sobre nada... Falta-me tempo. Tempo para reinar. Para governar. Para encarar os problemas. Tempo para saber em que crise vivemos. Tempo para olhar e ver as coisas. Tempo para me reconhecer. Tempo para estar vivo.

Lady – E para amar?

Macbett – Estou perturbado como a criança iniciada na escola: só a prática da vida a amadurece. Por enquanto, ainda estamos verdes no crime.

(Saem, seguidos pelo Eunuco. Bruxas)

Bruxa Vigilante de Macbett – Macbett quer espremer-nos.
Bruxa – De nós que suco espera beber?
Bruxa Vigilante de Macbett – O do seu destino próximo.
Bruxa Magna – Macbett crê em nós. Crê por necessidade.
Bruxa Vigilante de Macbett – *(Gargalhadas)* Nem por crer em nós o mundo cessa de esboroar-se.
Bruxa Magna – O mundo de Macbett, sim...

(Gargalhadas durante as quais Bruxa Magna se transforma em Corina. Lady em traje de dormir, desesperada)

Lady – Oh!... Dai-me um corpo de menina ou de virgem... Dai-me um corpo que agrade ao meu Senhor..
Bruxa Vigilante de Macbett – A Rainha crê em nós...

(Gargalhadas)

Corina – *(Com muita bondade e espírito de colaboração)* Ai, Majestade, que a vejo aflita. Eu, de mulher de virtude a proxeneta, tudo já fui nesta vida. Tanta experiência das artimanhas do mundo a poderá ajudar...
Lady – Diz-me: que hei-de fazer?
Corina – Para o cativar? Primeiro: ciúme.
Lady – Era preciso que olhasse para mim...

Corina – Meta-se Vossa Majestade entre os lençóis com outro homem. Os cornos chamarão a atenção a Macbett para Vossa Majestade.

Lady – Assassinava-me e eu não quero morrer antes de dar descendência.

Corina – Mate Vossa Majestade Macbett, liberte-se dessa incapacidade.

Lady – A minha descendência será de Macbett.

Corina – Ah... E bruxaria?

Lady – O quê?

Corina – Não experimentou ainda? Bruxaria... Que diz Vossa Majestade a esta ideia?

Bruxa Vigilante de Macbett – (Aparte) Sim, se deixássemos Macbett disponível para fazer um filho...

Corina – Que tal, hem?

(Gargalhadas. As Bruxas cantam e dançam)

Debaixo da cama
faz-lhe um salga
olhos de mocho
bofes de rã
pêlos de sapo
rabo de gato
dente de lobo
põe-lhe lagarto
põe-lhe sardão
múmia de fada
baba de drago
põe-lhe queixada
de tubarão.
Nó da cicuta

tripa de bode
ranho de tigre
banha do mouro
escorpião
dedo de filho
nado e matado
rim de morcego
fel de macaco
pata de cabra
raiva de cão
faz-lhe uma salga
no coração.

(Gargalhadas)

Lady – Macbett não vai lá com bruxarias. Mal se deita, levanta-se. Não consegue esquecer: *(Gargalhadas)* todas as camas lhe aparecem iguais à cama em que Duncan morreu. Passeia ao longo do quarto. Fita a escuridão e os seus olhos brilham. E vagueiam... Se me aproximo, não dá conta; se me aconchego ou o beijo, logo um novo pensamento o dispersa, noutro sentido. Não tem mãos para tocar-me: estão afeitas ao cabo dos punhais...

Corina – É dar-lhe droga.

Lady – Qual? As que adormecem são sem efeito em Macbett.

Corina – Sabemos preparar filtros de amor à base do sangue da mulher que ama.

(1.ª, 2.ª e 3.ª Bruxas tornam-se visíveis. Gargalhadas. Lady tira o alfinete do cabelo e espeta-o num braço. O sangue corre. As Bruxas sugam-no. Preparam uma taça)

Corina – Dá-lho a beber, este licor.
1.ª Bruxa - Se o amas... só se o amas...
2.ª Bruxa - Se o não amas não dá resultado.
3.ª Bruxa - Ficará fora de si se lho dás e não o amas.
Corina – Poderá até morrer...

(Depois de uma leve hesitação, Lady decide-se: arranca a taça das mãos das Bruxas e sai arrebatadamente. Gargalhadas)

Bruxa Magna – Macbett não tarda aí.
Bruxa Vigilante de Macbett – E se bebeu o licor, virá em boa tonalidade.
Bruxa – Que faremos?
Bruxa – Sim, que faremos?
Bruxa Magna – Prometeremos tudo o que um Rei ambiciona.
Bruxa. – Primeiro?
Bruxa Magna – Arbitrariedade.
Bruxa – Nenhum poder é discricionário.
Bruxa Magna – Ofereceremos a Macbett poder discricionário.
Bruxa – Segundo?
Bruxa Magna – Prometeremos segurança.
Bruxa – Qual?
Bruxa Magna – Todas: A segurança que é culposa ausência de ansiedade. A segurança que é a principal inimiga dos mortais.
Bruxas – Explica.
Bruxa Magna – Impunidade. O que faça ou não faça, a acção ou falta dela, nunca terão consequências funestas para a pessoa de Macbett.
Bruxa Vigilante de Macbett – Nem para o seu trono.
Bruxa Magna – Irresponsabilidade.

Bruxas – Ah! Tudo contribuirá para a glória de Macbett. A Escócia anda por si... Macbett não tem de se preocupar com os negócios de Estado... a sua simples presença tudo resolve...

(Gargalhadas)

Bruxa Magna – Dar-lhe-emos força.
Bruxas – Qual?
Bruxa Magna – Todas.
Bruxas – Macbett é forte. Macbett é invulnerável. Macbett é invencível. Macbett é senhor do destino. Os anseios e desejos de Macbett são a única realidade. Macbett pode rir-se da virtude. Macbett causa temor. Macbett não tem nada nem ninguém.

(Gargalhadas)

Bruxa – Agora falta determinar o método.
Bruxa – Para quê?
Bruxa Magna – Para o persuadir.
Bruxas – O método... o método...
Bruxa Magna – Que sugerem?
Bruxa – Discursos e sermões.
Bruxa – Parábolas.
Bruxa – Poesia recitada.
Bruxa Magna – Ora! Macbett não produz *juízos* morais ou estéticos.
Bruxa – Ah, está desesperado.
Bruxa Magna – Vive absorvido e perturbado.
Bruxa – Ah, está possesso.

Bruxa Magna – O método que facilitar a ocupação da consciência de Macbett.

Bruxa – Ah, um método que mobilize a sua total receptividade.

Bruxa – Que mobilize todas as vias de acesso ao seu interior.

Bruxa Magna – Para que se persuada e acredite.

Bruxa – Qual é capaz de ir tão longe?

Bruxa Magna - O método audiovisual.

Bruxas - Bravo! Muito bem!

[Gargalhadas. Laboriosamente dispõem tudo para a execução do que acabam de projectar. O material para a execução desta cena será recolhido e utilizado de acordo com as disponibilidades: flanelógrafo, cromos, desenhos animados e outras projecções cinematográficas ou televisivas, diapositivos, estátuas, esculturas, isto acompanhado com gravações ou sem gravações; música, pessoas vivas, inteiras, ou pedaços de pessoas autênticas, recolhidos pelos contra-regras na morgue ou nos acidentes de viação. O encenador desempenha aqui um papel importantíssimo, quer seja pessoa individual ou colectiva ou sombra invocada antes de cada ensaio por processo competente. As disponibilidades económicas têm papel tão importante como o encenador, sendo os autores (tanto o Willy como o Carlos) mais interessados, no que à montagem respeita, em um critério económico estimulador da imaginação e da sabedoria das coisas, do que em espaventos produzidos pelas belas-artes, que monumentalizem e corporizem, a mesmo tempo que reduzam a subtileza e eficácia da presença humana. É legítimo, inclusivamente, o mesmo processo audiovisual que originariamente o Willy utilizou: as aparições. Mas atenção, há que não perder a ambiguidade no que respeita à origem

e objectivos dos acessórios: serão eles exteriorização do que em Macbett reside já? Ou pertencem ao mundo real, pretendendo interiorizar-se em Macbett? Aqui não há que optar. A ambiguidade é, finalmente, para todos, para Macbett, para o Carlos, para o Willy e até para os referidos acessórios, que nenhuma certeza devem ter acerca da sua própria natureza.

A ambiguidade deve, portanto, continuar para os espectadores. Deste modo, parte da cena escreve-se em linguagem fonética, sem sentido lógico diferente daquele que o contexto facilita: como se fosse música. Embora não seja hábito da Comissão de Revisão e Classificação dos Espectáculos visar obras musicais nem assistir aos ensaios gerais dos concertos públicos, para sossego dos Senhores Censores garante-se que a referida linguagem é mesmo fonética. Os autores não recorreram a amigos estrangeiros para compor as frases em línguas comumente desconhecidas no Ocidente. Não vale a pena mandar passar a fita magnética em sentido inverso, à procura de se ouvirem impropérios em língua portuguesa.

Não fizeram os autores patifaria deste tipo, pelo menos conscientemente; mas há sempre que considerar a hipótese de as Bruxas se terem sobreposto, para os seus maléficos fins, à vontade e consciência dos meus autores. Neste nosso caso, porém, não é provável que tal se verifique, porquanto as Bruxas sabem que uma linguagem sonora sem sentido lógico influencia espíritos com as características do que Macbett revela mais profundamente do que uma linguagem intelectiva. As imagens intervenientes podem ser:

[1.ª Imagem — A cabeça de Macbett, quando decepada.

2.ª Imagem — Na mesa de operações, o bebé Macduff é arrancado das entranhas da mãe, já morta.

3.ª Imagem — Malcolm, enquanto criança, com coroa na cabeça e um ramo de árvore na mão.

4.ª Imagem — Donalbain, enquanto criança, com a coroa superior à cabeça, sustentada pelo Aio.

5.ª Imagem — Siward, armado, pisando as cabeças de Macbett, Malcolm e Donalbain. Macbett consegue livrar-se da bota de Siward. Agarra-se com uma mão ao Comandante dos Kernes e com a outra ao Comandante dos Galowgesses, que passam, com enorme rapidez e ferocidade.

6.ª Imagem — Fleânceo, tal o conhecemos.

7.ª Imagem — Fleânceo em Inglaterra, junto de um computador. Frequenta um curso sobre a técnica de extracção da prata e sobre a economia do mesmo metal.

8.ª Imagem — Fleânceo, vestido no melhor estilo convencional britânico, de casaco preto, calças de fantasia, guarda-chuva, chapéu de coco, pasta na mão e o "Times" dobrado debaixo do braço.

9.ª Imagem — Dois Borgias, Alexandre e César.

10.ª Imagem — Henrique VIII.

11.ª Imagem — A degolação de Maria Stuart.

12.ª Imagem — A Rainha Isabel I de Inglaterra, tal como apareceu nos filmes e nas séries da TV.

13.ª Imagem — Ivan, o Terrível, do filme de Eisenstein.

14.ª Imagem — Tomaz de Torquemada.

15.ª Imagem — Cromwell.

16.ª Imagem — Ravaillac assassinando Henrique IV.

17.ª Imagem — Luís XVI coroado e decapitado.

18.ª Imagem — Marat assassinado na banheira.

19.ª Imagem — Napoleão no auge do poder e Napoleão em Santa Helena.

20.ª Imagem — Os quatro Presidentes dos Estados Unidos assassinados: Lincoln, Garfield, Mackinley, Kennedy.

21.ª Imagem — A defenestração de Praga.

22.ª Imagem — Al Capone com uma coroa na cabeça.
23.ª Imagem — Eisenower, Hitler, Churchil, Stalin e de Gaule.
24.ª Imagem — Banquo ensanguentado.
25.ª Imagem — Mao Tse Tung e Nixon em Pequim, 1972.
26.ª Imagem — Lady Macbett e Lady Eva Braun, sorrindo.
27.ª Imagem — Hitler afagando meigamente a cabeça de Macbett]

Bruxas – No faz co pra cin o la nei
So pa ti lis nos si ca
Macbett i na trror i na trorr
I tra lai to ai e ne tei

(Entra Macbett, violento. Bruxas fazem-lhe grandes reverências)

Macbett – Que desejam? Que desejam? Que me crucifique? Que carregue com o sangue duma coroa que sangra? E continue esse reinado das nuvens que ocultam o que é? Eh, respondam!
Bruxa Magna – Pergunta!
Bruxas – Nei a lo ta e pro fil ai
Macbett – Isso! Isso! Venha da Terra. Venha do ar, venha o que anunciais. *(Aparece a 1.ª Imagem)* Quem é este facínora?
Bruxas – Ai lo a zooo en efe o zo
Macbett – Que disseram essas megeras?
Bruxa Magna – Oh! Elas são senhoras delicadas!...
1.ª Imagem - Macbett...
Macbett – Pronuncia o meu nome...
Bruxa Magna – Fala, depressa, não se faz esperar um Rei...
1.ª Imagem - Macbett... Cuidado, muito cuidado com Macduff.
Macbett – Ó visão honesta! Aproximas-te dos meus receios. Mas escuta: penso que Macduff...

1.ª Imagem - Cuidado com Macduff! Adeus... Adeus!... *(Desaparece)*

Macbett – Espera... Mandem-no vir outra vez.

Bruxas – I nei i nei

Macbett – Não recebe ordens?... Pouco falou e eu queria discutir com ele...

Bruxas – O clo a nhar a na te rei

Macbett – Sim, senhoras delicadas, não me vou embora ainda.

Bruxas – O nei ei li me du a ra

Macbett – Quem?

Bruxa Magna – Cio trebla vo i a a. *(Aparece a 2.ª imagem)* A o a ei Macbett.

2.ª Imagem - *(Com vozinha de bebé)* Macbett!...

Macbett – *(Olha)* Entranha donde nasce uma criança... Quem é?

2.ª Imagem - Não hesites, Macbett. Faz sangue, mata! Mata!

Macbett – Ainda mais?!

2.ª Imagem - Não hesites, Macbett. Todo o poder é inferior a ti. Faz sangue. Mata! Ri-te do poder humano! Ninguém nascido de mulher fará mal a Macbett!

Macbett – Hem?!

2.ª Imagem - Ninguém de mulher nascido fará mal a Macbett.

Macbett – Então para quê temer Macduff? Que viva Macduff, se não pode fazer-me mal.

2.ª Imagem - Mata! Mata! Mata!

Macbett – O quê? É esse o meu destino? Matar sem fim?

(Desaparece 2.ª Imagem)

Bruxas – Me na Macbett me na ti o se a a ni du o me na

Macbett – Quando? Quando cometerei o último? Quando? Poderei então esquecer todos os que foram praticados? Os

que cometi, os que mandei cometer? Esquecê-los e dormir, dormir.

Bruxas – Vê como falas! Apetecem-te, já te custaria passar sem o sangue pastoso, que é cheiro e é cor...

Macbett – Não! É falso! O trono é que o exige. O trono exige de mim para além de mim.

Bruxas – O me no e

Macbett – *(Subitamente abatido)* A que pretexto? Chegar perante o povo e proclamar "Abdico, pois quero dormir". Oh!...

Bruxa Magna – Calma. Em breve Vossa Majestade terminará.

Macbett – Quando... qual... será o último?

Bruxa Magna – Até esse chegar, a mão de Vossa Majestade não poderá hesitar nem tremer.

Macbett – Aceito o contrato. Matarei. Em troca, o último de todos me assegurais.

Bruxas – E lo no oi pa la to i

Macbett – Sim, flores! Flores, canteiros que plantarei com estas mãos para as redimir... Tratarei de tudo... do estrume... dos vermes... Se algum molusco quiser devorar a carne dos meus cactos, tomá-lo-ei nos dedos, suavemente, para o pousar num pasto, projectado para paraísos de moluscos e de vermes...

Bruxas – Gaste o seu tempo como lhe aprouver...

Macbett – E a guerra? Não terei guerra a fazer?

Bruxa Magna – Caso apeteça à vossa vontade soberana.

(Aparece 3.ª Imagem)

Macbett – Quem é?

Bruxas – Psichiu...

3.ª Imagem - Dunsinans, Dunsinans...

Macbett – Deverei mudar-me para Dunsinans?

Bruxa Magna – Deixa-a falar.

3.ª Imagem - Verás claro a tua força, Macbett, alma de leão. Sê orgulhoso! E Rei, mais do que tudo, Rei! Rebeldes? Revoltosos? Apóstolos? Revoltados? Justiceiros? Deuses? Campeões da guerra? Conspiradores? Mártires? Punhais? Nada, nada, nada. Macbett não será vencido até que a floresta de Birnam avance contra o castelo de Dunsinans.

Macbett – Nunca acontecerá! As florestas não largam as raízes para avançar contra castelos. Ninguém me destronará! Ninguém me vencerá!

Bruxas – Ol ia o ri nut fa li nam fa li na nam o mei Macbett.

Macbett – O quê? Posso levar o meu poder até infinda arbitrariedade...?

Bruxa Magna – O teu ceptro jamais se transformará em serpente venenosa!

Macbett – (Com profunda reverência) Oh, potestades, oh, visões, como eu vos estou grato! *(Aparece 4.ª Imagem)*

Bruxa Magna – O Aio de Donalbain...

Macbett – (Tirando o punhal) Ó raposa matreira...

Bruxa Magna – Não precisas do punhal... Vês? *(Aparece 5.ª Imagem)*

Macbett – Quem é este que esmaga cabeças? Que cabeça é aquela?

Bruxa – A de Donalbain.

Macbett – Ah, mas esta é a minha! Também esmaga a minha cabeça?

Bruxa Magna – Como seria possível?

Bruxas – (Indignadas) Cí lei o ca le Ki na oi Ki o ne ei co vo Macbett

Macbett – Não, não me mandem embora... Eu acredito, palavra!...

Bruxa Magna – Não pode ser a tua cabeça...

Bruxas -... porque ninguém esmagará a tua cabeça.

Comandante dos Kernes – Nem nós deixaríamos, se tu quisesses...

Macbett – Oh, comandante dos mercenários Kernes... Escuta, que pretendes dizer com isso.

Comandante dos Kernes – Que tu serás o maior de todos os soberanos, se por acaso contratares os nossos serviços.

Macbett – Em caso de guerra contratarei, sim, e desde já!

Comandante dos Kernes – E quem nos garante que haverá uma guerra?

Macbett – Tudo garante que sim. Nada garante que não.

Comandante dos Kernes – É lógico. Portanto, vamos dizer quais são as condições.

Macbett – As do costume. E pagamento depois da batalha.

Comandante dos Kernes – De acordo. O pacto está firmado!

(Aperto de mão. Quando as mãos se separam, está o Comandante dos Galowgesses)

Comandante dos Galowgesses – Os Galowgesses ser-te-ão fiéis, Macbett!

Macbett – Quero que sejam também ferozes. Ferozes na minha defesa.

Comandante dos Galowgesses – Ferozes, cruéis e sanguinários, sem hesitações de consciência, sem delicadezas ou moralidades. Eis a regra do nosso comportamento a favor de quem nos paga bem...

Macbett – Assim espero, pois convosco tenho sido generoso.

Comandante dos Galowgesses – É verdade! Mais generoso do que seria de esperar. O saque é nosso e o pagamento será depois de terminada a batalha.

Macbett – Negócio fechado. Os Galowgesses estarão por meu lado.

Bruxas – Macbett, tu estás no caudal interminável duma estirpe de Reis...

Macbett – Ah, então a descendência de Banquo jamais reinará? *(Aparece 6.ª Imagem)* Oh, Fleânceo! A criança que me escapou... *(Tira o punhal)*

Bruxa Magna – Calma. Fleânceo agora dedica-se ao estudo.

(Aparece 7.ª Imagem. Convida Macbett a embainhar o punhal)

Macbett – Ah, professou num convento?

Bruxa Magna – Está na Inglaterra. O Governo de Sua Majestade Britânica concedeu-lhe uma bolsa de estudo.

Macbett – Para quê?

Bruxa Magna – Para estudar mineração em geral e prata em particular; e política económica sobretudo no que à prata respeita.

(Aparece 8.ª Imagem)

Macbett – Fleânceo... Jamais Rei algum trará na cabeça uma coroa com aquela forma... Portanto, os descendentes de Banquo não serão Reis...

Bruxa Magna – Bórgias, ambos...

Bruxas – Soberanos legítimos, também praticaram o abuso do poder.

(Aparece 10.ª Imagem)

Bruxas – Escondia as mãos atrás das costas quando estavam sujas de sangue.

(Aparece 11.ª Imagem)

Bruxas – Como é horrível decapitar uma linda cabeça de mulher...
Bruxa Magna – *(Porque Macbett leva as mãos ao pescoço)* Não. A tua cabeça não é cabeça de mulher.

(Alívio para Macbett. Aparece 12.ª Imagem)

Macbett – Tem bom ar.
Bruxa – Pertence à tua estirpe.
Bruxa Magna – Só assassinava depois de guardar a consciência num cofrezinho de madrepérola.
Macbett – Oh, bem, sim...

(Aparece 13.ª Imagem)
Bruxa Magna – Ali está um bárbaro.
Macbett – Rei?
Bruxas – Sim, da Rússia. Comia crianças.
Macbett – Foi assassinado?
Bruxa Magna – Morreu tranquilo na sua cama. *(Macbett respira fundo. Aparece 14.ª Imagem)* Este ensinou a queimar pessoas na fogueira.
Macbett – Que fedor!

(Aparece 15.ª Imagem)

Bruxa Magna – Cromwell. Assassinou conscientemente.
Macbett – Para quê?

Bruxas – I nan ca la rin i le ai
Macbett – Só para isso?

(Aparecem 16.ª, 17.ª, 18.ª, 19.ª e 20.ª Imagens)

Macbett – Ah, estupores! Quem são estes? Que pretendeis insinuar? Que terei fim igual?
Bruxas – Como, se és indestrutível? Mão humana não pode destruir-te...

(Aparece 21.ª Imagem)

Bruxa Magna – A defenestração de Praga.
Macbett – Porque atiram os outros pela janela?
Bruxas – Para provocar uma guerra.
Macbett – Atirar pessoas pela janela fora... *(Ri)* Nunca me tinha ocorrido...

(Aparece 22.ª Imagem)

Bruxa Magna – Al Capone.
Macbett – É Rei?
Bruxas – Oi i o li no ma fi a e no lo ai mõ re li rãi
Macbett – Coitado! *(Aparece 23.ª Imagem)* Não sei quem são. Mas juro que a humanidade não poderá chegar mais longe. *(Com reverência)* Oh distinção de porte! Oh consciências límpidas! Oh mãos de oiro em tudo dignas de elevar até aos céus o destino de todos os homens!
Bruxas – *(Cantam)* Amen.

(Gargalhadas. Aparece 24.ª Imagem)

Macbett – Oh, conheço-te! Que fazes aqui? *(Entra Lady Macbett)* Porquê do crânio te saem os miolos e escorres sangue pastoso e sorris para mim? Que pretendem com isto, ó prostitutas?

Bruxa – Senhor! Que língua destemperada a Vossa!

Bruxa Magna – Somos prostitutas para agradar a Vossa Graça...

Macbett – Prostitutas! Porque trazeis Banquo junto de mim?

Bruxa Magna – Como está morto, não pensei que vos incomodasse. Porque vos incomoda?

Macbett – Aqui quem pergunta sou eu!

Bruxa Magna – Oh, perdão... Em contrapartida cá temos gente de bem. *(Aparece 25.ª Imagem)* Conhece-os, Vossa Majestade?

Macbett – Estes dois? Quem são?

Bruxa Magna – Tratam de negócios.

Macbett – Ah, são mercadores...

Bruxa Magna – Blasfémia, Senhor!

Macbett – Se tratam de negócios, são mercadores...

Bruxas – Ao mais alto nível.

Macbett – Ah!...

Bruxa Magna – *(Para Lady)* Senhora, permite Vossa Majestade que vos apresente Lady Eva Braun? *(Aparece 26.ª Imagem)* Não se importa, Majestade, de estar ali junto dela?

Lady – *(Radiosa)* Sente-se naquela mulher que nenhum problema de fundo se interpõe na existência em comum dela e do marido.

Bruxa – Como é milagrosa a argúcia de Vossa Majestade!

(Aparece 27.ª Imagem)

Lady – Quem acaricia a cabeça de Macbett?

Bruxas – Aquele, Majestade, é o marido de Lady Eva Braun.

(Macbett e Lady olham-se. Lady avança para Macbett impetuosamente. Macbett volta-se talvez fugindo-lhe. As Bruxas falam muito baixo, uma espécie de acompanhamento ao fundo da cena, que prossegue como ruído de fundo da acção seguinte)

Bruxas – I mã lo re nei o xi õi
lha tren gan su me jei in crrã
po tes cbe pro ti en na ãa
nhã du já lõr Ke fia nei või
Tress mãi o lon iss e ci zuum
a ci ci zuum ti en na crrã
tress cbe it krã lai krak ao blu
du o na cir dum e brin vern.
Si u no pa iõr sens ne gãr
ed ian lo mã ad fi la trãr. *(Etc...)*

Lady – Macbett... Seja agora, seja agora... Viste por ali alguma imagem de criança, dum filho nosso nestes meus braços?

Macbett – Não me foi mostrada.

Lady – Seja agora, agora é o momento...

Macbett – Oh, que momento é este, agora?

Lady – Olha para mim. Já não há que temer. Ninguém te fará mal. Ninguém vencerá Macbett: a floresta de Birnam não avançará contra o teu castelo de Donsinans. É agora o momento! Que esta glória não pare em nós e se prolongue...

(Macbett decide-se. Sincera e impetuosamente abraça Lady. Vão fornicar enfim. As Bruxas, continuando o seu coro, envolvem-nos. Expectativa. Preparam-se para aplaudir. Subitamente, gargalhadas das Bruxas. Entra Duncan no

trono rolante, Duncan ensanguentado e o trono desconjuntado. Macbett reage em sobressaltos. Lady dá um grito)

Lady – Eu vi-o... vi-o... O sangue que ensanguentou estas mãos... Duncan, morto... assassina o meu filho antes de gerado. Ai...

(Gargalhadas das Bruxas)

Macbett – Viste-o?
Lady – Ai...
Macbett – Tinha os olhos móveis como dantes faiscavam. Tinha a punhalada que lhe dei na garganta, para o calar...
Lady – Tinha o sangue que ensanguentou estas mãos...

(As Bruxas imitam um tropel de cavalos)

Macbett – Quem vem lá?
Bruxas – Ti va ua si do ba la nãi

(Entra Lennox)

Macbett – Que se passa?
Lennox – Macduff fugiu para Inglaterra.
Macbett – Fugiu para Inglaterra?
Lennox – Para Inglaterra.
Macbett – A Inglaterra oferece hospitalidade aos meus inimigos... Eu tinha decidido matar Macduff. Depois decidi não matar Macduff. Elas... Elas disseram que eu teria ainda de matar. "Cuidado com Macduff, muito cuidado com Macduff" - disseram elas. E falaram verdade. Daqui por diante todo o pensamento meu será logo executado. Sem

demora. Ideia... E mão, logo a seguir... Vou assaltar o castelo de Macduff, passar a fio de espada a mulher e filhos e todos. Sem demora. Já, antes que arrefeça esta intenção.

(Saem. Rodeada pelas Bruxas, Lady fica, desesperada)

(Castelo de Macduff. Lady Macduff, um virago. Menino Macduff e Ross)

Lady Macduff – Cometeu crime...

Ross – Não. Não.

Lady Macduff – Então porque fugiu sem uma palavra para mim?

Ross – Tem paciência.

Lady Macduff – Ele não teve paciência. Traidor! Eu, Lady Macduff, mulher dum traidor! Só o medo faz traidores.

Ross – O teu marido é homem de coragem. Sabes se não foi a prudência que o obrigou a partir?

Lady Macduff – Foi o medo! Será prudência abandonar mulher, filhos, casa, títulos, haveres, deixá-los no local de onde ele próprio fugiu? Medo, só medo! Prudência? Nenhuma. Essa fuga foi contra toda a razão!

Ross – O teu marido é sensato. Dá o valor devido à crise porque passamos. É perigoso falar... No entanto, direi ainda que cruéis são os tempos quando os rumores nos avisam de que devemos ter medo e não sabemos de quê; de que somos traidores, sem que nós próprios o saibamos! Quando uma situação chegou ao seu ponto pior, é preciso que acabe ou piore ainda mais. Adeus, querida prima. *(Beija o Menino e beija-a)* Adeus. *(Em segredo)* Vou fugir.

Lady Macduff – Também?

Ross – Seria loucura ficar somente uma hora mais.

Lady Macduff – Oh, pobre Escócia!

Ross – Lennox, Meintett, Angus já fugiram.

Lady Macduff – Desgraçado país! Os barões, os seus homens principais, como esses e tu e Macduff, actuam a pensar somente em si próprios: a ambição de cada um desconfia da ambição de cada um dos outros. Talvez se justifiquem alegando que estão sob a guerra dum tirano cruel. Na verdade, existe um tirano cruel porque eles são aquilo que são: tiranos e traidores e corruptos. Não têm na consciência nem na prática da vida, a noção de que a desgraça não é apenas de cada um. Na falta deste sentimento, nenhum Rei pode deixar de ser tirano. *(Pausa)*

Ross – Adeus, querida prima.

Lady Macduff – Oh, pobre Escócia! *(Ross sai. Lady Macduff fala para o filho)* O teu pai morreu. O que vai ser de ti? Como viverás?

Menino – Como as aves.

Lady Macduff – Comendo moscas e vermes?

Menino – O que encontrar. Existem aves que comem bem. Roubam com as garras lebres e galinhas. E até pessoas.

Lady Macduff – Não temes as armadilhas?

Menino – A gente também arma as nossas. O que lá cair, é o que a gente come. Mas o meu pai não morreu...

Lady Macduff – Morreu, sim. Onde arranjarás outro pai?

Menino – E tu, como vais arranjar outro marido?

Lady Macduff – No mercado. Posso comprar até vinte...

Menino – Isso! Compra vinte de uma vez, que fica mais barato! Depois vendem-se um por um. Vamos ganhar dólares e mais dólares no negócio.

Lady Macduff – Como sai tal projecto duma cabeça de criança?!

Menino – Tenho ideias... O que é preciso é dedo para escolher os vinte maridos... Convém que sejam ou que não sejam traidores? O meu pai era traidor?

Lady Macduff – Sim.

Menino – O que é um traidor?
Lady Macduff – Aquele que mente do que jurou.
Menino – Todos os que fazem assim são traidores?
Lady Macduff – São traidores e devem ser enforcados.
Menino – Todos?
Lady Macduff – Sim.
Menino – E quem os enforca?
Lady Macduff – A gente séria.
Menino – O meu pai foi enforcado?
Lady Macduff – Não.
Menino – Porque não se era traidor? Se calhar, não encontrou gente séria para o enforcar...
Lady Macduff – Conseguiu escapar-se.
Menino – Estou a ver que não convém comprar maridos traidores. Pois, quer se escapem, quer sejam enforcados, dão grande prejuízo ao nosso negócio.

[Entra 3.º Assassino (Macbett) representando de pessoa honrada]

1.º Assassino - Vossa Senhoria não me conhece... Mas conheço-a eu, Senhora. Vossa Senhoria está em perigo. Siga o meu conselho, se ainda for a tempo: fuja! Não fique aqui. Depressa! Onde estão os seus outros meninos?
Lady Macduff – Os mais pequeninos? Dormem lá em cima no seu quarto.
1.º Assassino - Fuja Vossa Senhoria e leve-os a todos.

(Entram 4.º e 5.º Assassinos)

1.º Assassino - O teu marido?

Lady Macduff – Oxalá que não esteja nem nos bordéis nem no inferno para nunca encontrar a tua cara!
1.º Assassino - É um traidor!
Menino – Não é, que não foi enforcado!
1.º Assassino - O pintainho quer sair da casca! *(Mata-o)*
Menino – Matou-me, mãe, matou-me! Foge, mãe!

(Lady Macduff foge, correndo. 3.º Assassino, que ficou junto à saída, recebe-a no punhal, baixo)

3.º Assassino - Depressa! Os outros estão lá em cima.

(Saem Lady Macbett, na companhia de Corina e de Eunuco e na presença da sua Bruxa Vigilante, espera Macbett, nervosa e ansiosamente. O relógio bate 12 badaladas. Macbett não chega. Lady está desesperada)

(Acampamento de Donalbain. O Aio em cena. As Bruxas representam os papéis de soldados esfarrapados)

1.º Soldado - O comer é pouco. Mas o coração vai ao alto.
2.º Soldado - *(Ri)* Aí está o que nos há-de valer...
1.º Soldado - Vamos fazer a guerra.
2.º Soldado - *(Espreguiçando-se)*... Vamos fazer a guerra...
1.º Soldado - ...Guerra... para que haja paz! *(1.º Soldado ri)* Para que reine na Escócia quem à Escócia pertence.
2.º Soldado - Quantos soldados o Príncipe recrutou?
1.º Soldado - Trezentos e tantos.
2.º Soldado - Não há dúvida: quando Macbett vir por diante esta pandilha de trezentos coelhos famintos ou deita a fugir ou desata a rir...

Aio – O vosso cepticismo oh, sim, terá fundamento... Todavia, nós acreditamos no povo da Escócia! "A Escócia para os Escoceses" - eis o nosso lema. O povo da Escócia aliar-se-á a nós, que o queremos a dominar a terra! Ou melhor, queremos nós, como é legítimo, dominar a terra através da livre abdicação da vontade do bom povo escocês... *(Gargalhadas)* O ponto de encontro dos exércitos que vão combater o usurpador é junto à floresta de Birman. Daqui até lá dista um bom par de milhas. As populações por onde atravessarmos não vão abster-se de nos seguir! Não! Repelimos todo o auxílio e a influência de estrangeiros. Nós queremos restaurada a Escócia com o povo da Escócia para o povo da Escócia.

1.º Soldado - E com que armas?

2.º Soldado - Chuços, enxadas e alguma espingarda caçadeira... *(Ri)*

Aio – Esperança, amigos, esperança! Confiai na Divina Providência!

2.º Soldado - Ah, sim! Quer vossemecê dizer: a Divina Providência põe-nos à disposição o seu arsenal...?

Aio – Aquilo de que necessitamos é de esperança. A Divina Providência é rica nessa arma.

(Entram 3.º e 4.º Soldados trazendo 1.º e 2.º Homens, todos estes interpretados pelas Bruxas)

3.º Soldado - Trazemos mais estes dois.

Donalbain – Só aceitamos voluntários. Não pagamos soldo e a comida é pouca.

1.º Homem - Já sabemos, estamos de acordo.

2.º Homem - Não melhoramos de situação. Na aldeia nada ganhávamos e a comida era pouca também.

1.º Homem - Mudaremos. Para o mesmo.

Aio – Dêem-lhe favas e um copo de cerveja. Vestem uniformes esfarrapados e bebem.

Donalbain – Todos serão recompensados quando eu subir ao trono.

2.º Soldado - Se então ainda houver trono... *(Ri)*

(Batem as doze badaladas)

Aio – Meia noite, Senhor. É tempo de dormir.

1.º Soldado - A esta hora o que fará o filho da puta?

2.º Soldado - Qual? Macbett? Está lá no quentinho, com um fogo de lareira junto à cama. Se é que agora mesmo não saltou para cima da mulher e dão uma curva pelo paraíso.

1.º Soldado - Ou dorme...

2.º Soldado - Isso não. Em toda a Escócia ninguém dorme...

(Aio e Donalbain afastam-se)

Donalbain – Estamos tristes. Acreditamos em nós mesmos? Será legítimo o nosso amor exclusivo pela Escócia? Valerá a pena continuar? Deixar o exílio para ganhar a derrota será negócio?

Aio – Esperança, Príncipe. Se não ascendermos à glória militar, manobraremos nos campos da política. Aí é grande a minha agilidade. Nada há a perder. Continuemos. E esperança, Senhor!

(Prossegue a situação do Quadro 19. Mas Lady envelheceu. Está esfarrapada e não só no que se refere à indumentária. Entra Macbett. Vai despindo o disfarce enquanto a cena decorre)

Lady – Não foste ferido? Oh, não... *(Apalpa-o para verificar)*
Macbett – A noite escureceu...

(Lady é incapaz de tomar qualquer iniciativa. Havendo em cena cadeira ou assento, Macbett senta-se. Bruxa Vigilante de Macbett aproxima-se. Se for possível, Macbett deita a cabeça na coxa da Bruxa, que o acaricia e massaja)

Bruxa Vigilante de Macbett – Meu querido, meu amor... Sabe, meu amor, sabes? Oh, não te vás exasperar... Sabes que há barões sublevados? Sublevados contra o meu querido?

(Macbett levanta-se sobressaltado)

Macbett – Quem? Quem? Qual é essa escória?
Bruxa Vigilante de Macbett – Escória, meu amor... Oh! Não se fala de escórias... Deita-te no meu colinho, estás cansado... Deixa-me passar-te os dedos pelas frontes... Assim... suavemente... Talvez durmas, meu amor... *(Canta uma canção de embalar:)*

Três ratinhos pequeninos,
enlevo da sua mãe,
padeciam sede e frio
sofriam fome também.
Era em casa dum barão
que tinha três bebézinhos.
Para matar a fome e sede,
comeram-lhes os pézinhos.
Bem sei
que pé de criança...

(Entra um homem de negro e de máscara negra)

Espião – El-Rei?
Lady – Cala-te, vai-te embora!
Macbett – (Levanta-se, sobressaltado) Quem és?
Lady – Ora! El-Rei quase dormia...
Espião – Perdão, Senhora...
Macbett – Porque vens vestido de negro até à cara?
Espião – Sou espião de Vossa Majestade.
Macbett – (Deitando-se outra vez no colo da Bruxa) Fala!...

(Bruxa continua a carícia)

Espião – Três exércitos preparam-se para atacar Vossa Majestade.

(Macbett ergue-se dum salto)

Macbett – Quem?
Espião – Donalbain avança do Oeste. Malcolm do Sudoeste. Siward do Sul.
Macbett – Querem atacar-me aqui?
Espião – É essa a intenção.
Macbett – Eu rio-me dessa intenção.
Lady – Que farás, Macbett?
Macbett – A guerra!
Bruxa Vigilante de Macbett – Para quê? Não precisas, meu amor...
Lady – Bravo, Macbett! De ti não esperava outra decisão. A guerra! A guerra... Volta à guerra, que dantes te fazia

arreganhar as narinas e de abalava num frémito a espinha dorsal.

Macbett – Vou preparar o exército, depressa. Ainda esta noite troarão tambores. *(Para Espião)* Obrigado. Vai. Preciso de saber quais são os contingentes inimigos. Ouviste? Depressa!

Espião – Sem demora, Senhor. *(Sai)*

(Bruxa Vigilante de Macbett torna-se invisível)

Macbett – Fazer a guerra... Voltar ao que eu supunha morto...

Lady – Não esqueçamos que a coroa, a devemos à tua glória ganha pelas armas...

Macbett – Devido à fama que me deu, o povo por um momento me aceitou como salvador...

Lady – Esta guerra assegura a perpetuidade do nosso trono. Lembras-te, lembras-te? As minhas pernas recebiam-te calorosamente, vibravas enquanto te passavam no exército imagens da guerra, exércitos trepidantes, sangue, carnificina, e bandeira, bandeiras, bandeiras... Oh, como nessas ocasiões sobre mim eras feliz!

Macbett – É verdade. Mas... agora... o que é a guerra?

Lady – *(Numa tentativa de o seduzir)* Quatro mil cavalos, e quatro mil cavaleiros, plumas de arnês ao vento... Os peões descem a colina... A artilharia prepara-a o contra-ataque... Imagina, Macbett! Ouve as trombetas! O troar dos canhões! Ouve! E vê! Ali as tuas tropas de assalto vararam mil cavaleiros. Repara bem: o inimigo foge. Testa de ponte. Tu próprio o persegues, como um temporal! O teu cavalo pisa cadáveres e mais cadáveres sangrentos...

Macbett – Deixa-me... Deixa-me... *(Sai precipitadamente)*

(Lady fica só. Gargalhadas das Bruxas)

(Sala do trono de Malcolm em Inglaterra)

Malcolm – (Para Macduff) Porque abandonaste precipitadamente tua mulher e filhos e propriedades e vieste para Inglaterra?

Macduff – Para ajudar-te. Pensava que precisavas de mim. Mas vejo que o teu título de Rei está confirmado. Malcolm, és Reis da Escócia e fizeste corte aqui na Inglaterra. Mas lá a Escócia sangra, sangra! Se aqui permaneces, lá a tirania firma-se em bases sólidas; e o mar será inundado pelo caudal das lágrimas choradas pela Escócia.

Malcolm – O Rei de Inglaterra auxilia a nossa causa. Siward, o maior general inglês, cedeu-me cinco mil soldados. O próprio Siward, com dez mil homens, alia-se a mim contra Macbett.

Macduff – Em troca de quê?

Malcolm – Em troca de ver restabelecida na Escócia uma situação justa.

Macduff – É pouco. Não se põem quinze mil homens em movimento em benefício de uma causa alheia.

Malcolm – O acordo foi estabelecido por mim.

Macduff – Desculpa o meu zelo, pois o consideras desnecessário. Adeus. Vejo que não precisas da minha ajuda.

Malcolm – Escuta: a única dúvida neste caso é a salvação da Escócia. O jogo está jogado. A minha causa não poderá falhar.

Macduff – Se estás tão seguro da vitória porque duvidas?

Malcolm – (Para experimentar a fidelidade de Macduff, sentido que deve ser dado a toda a cena daqui por diante) Sujeito ao

governo daquele que a Macbett suceder, o meu país ficará sobre o peso de vício e de terror maior do que actualmente.

Macduff – Nunca! Nenhum soberano é mais detestável do que Macbett.

Malcolm – Falo de mim próprio, Macduff. Verás: quando eu for Rei, a Escócia terá saudades de Macbett. Na minha luxúria não há fundo. As vossas mulheres, filhas, matronas, virgens, não serão bastantes para saciar a minha sensualidade.

Macduff – Poderás satisfazer os teus apetites, sem que o povo saiba. Temos muitas damas complacentes. E quando souberem os desejos do Rei, muitas outras revelarão a sua complacência até então disfarçada. Garanto: não terás mãos a medir.

Malcolm – Além disso há a minha avareza e cupidez. Gosto da riqueza. Sei que, sendo Rei, vou tudo preparar para encher os meus cofres pessoais. Desde que o meu pai me nomeou sucessor obceca-me essa ideia: destruir os ricos e os nobres para me apoderar dos seus haveres.

Macduff – A Escócia tem riqueza suficiente para te satisfazer a ganância. Basta que compenses esse defeito com as virtudes de Rei.

Malcolm – Não as tenho, Macduff!... Justiça, sinceridade, perseverança, magnanimidade, estabilidade, grandeza, piedade, paciência, coragem, em mim não existe nem o cheiro destas qualidades. Quando for Rei, antes de mais abrirei caminho à satisfação dos meus excessos.

Macduff – Oh, Escócia, Escócia!

Malcolm – Comparado comigo, Macbett é puro como um cordeiro!... Consideras-me digno de governar?

Macduff – Pobre Pátria! Será que a nossa Pátria não tem direito a um governo que não seja irrisão para as outras nações e carrasco para o povo? Malcolm, soberano considerado

legítimo, ouve: Palavra de honra, não te seguirei. Saí da Escócia para fugir aos desregramentos que lá existem, iguais àqueles que prometes. Não contes comigo. Tenho coragem bastante, posso viver sem esperança. Adeus!

Malcolm – Macduff! *(Macduff vai a sair. Entra Ross)* Ross, querido primo! Então a Escócia?

Ross – Pobre Pátria!... Já não é nossa mãe, mas nosso túmulo! Já ninguém sorri. Já ninguém dorme. Atroam os ares coros de suspiros e gemidos, juntos aos dobres de finados. A vida dos homens é mais breve do que a vida das flores.

Malcolm – Qual é a desgraça mais recente?

Ross – A que tem uma hora de vida torna ridículo quem a conta. Cada minuto, cada desgraça nova.

Macduff – A minha mulher? Os meus filhos?

Ross – Não sei... Bem... na verdade...

Macduff – Fala! Fala! Espero o pior!

Ross – Assassinada! E os teus filhos! E todos os que estavam no castelo!

Macduff – Os meus filhos também?

Ross – Sim, e os criados, todos quantos encontraram.

Macduff – A minha mulher... Morta?

Ross – Sim.

Macduff – E os meus filhos tão lindos? Espertos e barulhentos como pintainhos? E a mãe? Mortos?

Malcolm – Encara a desgraça como um homem.

Macduff – Assim faço. Choro porque um homem chora. Deixei-os convicto de que o céu os defenderia. Sou culpado! A malvadez foi minha! Porque os abandonei? Porque deixei dominar-me pela confiança?

Malcolm – (Reconhecendo quanto a situação lhe é propícia) Vinga-te, Macduff!

Macduff – Rei Malcolm! Queres nas tuas fileiras um servidor furibundo? Queres Macduff entre os teus? Um lobo chamado Macduff?

Malcolm – Sim.

Macduff – Apesar do que te disse?

Malcolm – Sim.

Macduff – Acredito que sejas tudo o que me disseste que és.

Malcolm – Referia-me a mim próprio, porém quero esclarecer...

Macduff – Não é preciso! Estarei do teu lado. Só por este motivo: porque tens a única virtude que me interessa; és o caminho mais rápido que me conduz, frente a frente a Macbett. Depois disto, talvez seja o dilúvio. Então terei resolvido o meu problema. O dilúvio será o problema da Escócia.

Malcolm – De acordo. A tua desgraça é o maior general que combate nas fileiras do meu exército.

(Um Bispo, Eunuco e Corina. Bruxas estão presentes, mas procuram colocar-se sempre de modo que o Bispo as não encare. Este jogo diverte-as)

Bispo – Este caso, pela escala hierárquica, foi subindo até ao Bispo. Trata-se da Rainha e só por isso vim. De facto o que se passa? Espero que não me tenham obrigado a deslocar-me aqui por causa de histórias de fantasmas que são o principal cartaz turístico da Escócia... *(Eunuco tenta explicar-lhe)* Se eu não fosse acusado de falta de caridade, pediria a alguém que falasse... *(Eunuco exprime-se)* Dizes que te falta a língua...? Meu filho, deploro as faltas que há em ti, a de língua inclusivamente. Mas sou Bispo e não tenho tempo. Quero alguém que fale!

Corina – Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor...

Bispo – Alguém que não fale de mais.

Corina – A Rainha, depois que El-Rei partiu para a guerra, dá mostras de sonambulismo.

Bispo – Coitada! Como a lastimo! Porque chamaram o Bispo da Diocese?

Corina – A ver se a cura.

Bispo – Subversão! Talvez pretendam nomear algum médico Bispo da Diocese...

(Eunuco exprime-se)

Corina – O Eunuco diz que só queremos que Vossa Excelência Reverendíssima cure os males da Rainha.

Bispo – Porquê eu?

Corina – Observai-a Senhor! Depois, por imposição das mãos, podereis curá-la.

Bispo – Eu? Pela imposição das mãos? Ora! Impressão que ficou dos tempos bíblicos!...

Corina – Sua Majestade vem aí. *(Entra Lady. Bispo passa-lhe as mãos em frente dos olhos)* Está profundamente adormecida.

Bispo – *(Muito baixo)* Esquisito...

Corina – Podeis falar normalmente, ela não acorda.

Bispo – *(Alto)* Eu disse: Esquisito!

Corina – Ah! Veja Vossa Reverência como esfrega as mãos.

Bispo – Sim.

Corina – Ergue os braços...

Bispo – Sim...

Corina – Desce as mãos às partes vergonhosas.

Bispo – Sempre?

Corina – Faz que lava as mãos... E lava... e lava...

Lady – Ainda aqui há uma nódoa.

Bispo – Ela fala...

Lady – Malfadada nódoa, fora! Ouviste? Fora! Uma... duas... já não é sem tempo. Fora! Que vergonha, meu senhor, um soldado com medo!

Bispo – Recrimina o exército?...

Corina – Refere-se ao marido.

Bispo – Um soldado com medo de saltar para cima da mulher...

Lady – Receavas que te pusesse nos quadris as mãos ensanguentadas? Porquê recear, se ninguém nos pedirá contas do nosso poder? A barriga das minhas pernas não são ensanguentadas e não as quiseste nos teus rins. Os meus calcanhares não são ensanguentados e não as quiseste na tua espinha dorsal.

Bispo – Incompreensível...

Lady – Oh, mas as mãos... Macduff tinha mulher... Onde está ela? Oh estas mãos nunca ficarão limpas do sangue. Quem podia adivinhar que dentro do velhote havia tanto sangue? Basta, real senhor, basta!

Bispo – Ela apoia os rumores sobre a morte de Lady Macduff.

Corina – Culpa-se de crimes que não cometeu pessoalmente. Falou mais do que devia. Os céus vos confirmarão o que ela sabe.

Bispo – Quem me confirmará?

Corina – Os céus.

Bispo – Ah! Sim... pois...

Lady – Sempre, sempre, cheiro a sangue. Nem todos os perfumes da Arábia adoçariam esta mão... Oh!

Bispo – Que doloroso suspiro!...

(Eunuco exprime-se)

Corina – Este diz que a continuar assim o coração lhe estoira.

Bispo – Ainda não compreendi porque chamaram o Bispo da Diocese.

Corina – A ideia foi minha. Pensei que Vossa Reverência gostasse de confirmar de fonte limpa, com o próprio ouvido, os rumores que por aí se escutam...

Bispo – Quais?

Corina – Acerca do desaparecimento de certas pessoas...

Bispo – Cada vez compreendo menos...

Lady – Real Senhor! Bebe este filtro de amor! É feito do sangue da mulher que ama. Deixa-me beijar-te os calcanhares... Veste o roupão. Lava as tuas mãos! Banquo foi enterrado, não se levantará da cova!

Bispo – O sonambulismo como forma de denúncia!

(Toma nota num pequeno caderno)

Lady – Vem para a cama! Para a cama! As tuas mãos são iguais às minhas... Portanto, aceita o meu calcanhar. O que está feito, está feito. Vamos para a cama, para a cama! *(Sai)*

Bispo – Vai deitar-se?

Corina – Sem demora.

Bispo – Porque chamaram o Bispo da Diocese? Ela não precisa de sacerdote. Os sacerdotes hoje só têm tempo para acudir às mentes em que possam influir para a conversão.

Corina – É essa a posição da igreja da Escócia?

Bispo – Que remédio!... Ora a Rainha não se encontra em tal caso. Está excessivamente alienada. Precisa de psicanalista.

Corina – De quê?

Bispo – Psicanalista.

Corina – Não conheço.

Bispo – É uma especialidade nova. Da medicina? Da bruxaria? Não me lembro bem... Funciona como descompressor de

humores. Quanto a sangues e desaparecimentos, a mortos que se levantam das covas, ai, eu não percebi nada... eu não percebi absolutamente nada... Palavra de honra!...

(O Bispo sai. Gargalhadas das Bruxas)

(Castelo de Dunsinane. Macbett em pé de guerra)

Macbett – Será o título que tomei para mim excessivo? Serei um anão vestido com roupas de gigante?
Seiton – De certo, não...
Macbett – Será que tudo o que tenho dentro de mim deplora estar dentro de mim?
Seiton – Senhor, Vossa Majestade...
Macbett – Então porque duvidas tu e duvidam todos? As tropas estão armadas, dispostas como melhor convém. Contratei os Kernes e os Galowgesses para me dar apoio. Os barões, os que restam por meu lado, têm instruções rigorosas, na mais eficaz estratégia, dadas de modo que não tenham de pensar ficaríamos em perigo.

(Entra 1.º Espião)

1.º Espião - Os três exércitos reunidos acampam para os lados da floresta de Birnam.
Macbett – Quantos homens são ao todo?
1.º Espião - Impossível saber ao certo. Talvez uns cinco mil...
Macbett – Só?! Atacaremos amanhã de madrugada. Seiton!
Seiton – Senhor...?
Macbett – Envia mensagem a Caitness...

(2.º Espião entra)

2.º Espião - O Barão de Caitness, Senhor...

Macbett – Que aconteceu...?

2.º Espião - Fugiu. Foi juntar-se a Siward, levando os seus batalhões.

Macbett – Que o confunda o diabo! Ainda temos alguns, Caitness não fará falta. Seiton, mensagem para o Barão de Collin, para o Barão de Sinel, para o Barão de Stowns e para os comandantes dos Kernes e dos Galowgesses: amanhã atacamos ao sol nascente, segundo o plano que já discutimos. Eu comandarei o ataque. Avisa os meus oficiais. Avisa as comunicações e as munições. Nada se modificará no plano estabelecido. Os movimentos das tropas serão os que eu determinar. Cinco mil homens! Hem? Querem rir-se de mim?! Quem é esse menino Malcolm? Quem é esse Siward, esse vagabundo, que latrocina o Rei de Inglaterra e pretende latrocinar a Escócia? Que tem ele que invadir este reino? E esse Donalbain? Terá de mudar de fraldas, quando vir o meu exército envolvê-lo, como a um torniquete.

Seiton – Permito-me lembrar a Vossa Majestade...

Macbett – Lembrar? Não é preciso, com certeza! Eu não me esqueci de nada.

Seiton – É que ainda não recebemos notícias exactas sobre a posição ocupada pelo inimigo.

Macbett – Eles só têm um ponto, um único ponto onde reunir-se. Conheço o terreno como estas mãos. *(Olha para as mãos, Macbett pára um momento, mas logo prossegue)* Um único ponto. Já o marquei no mapa. Não discutam! Não percam tempo! Façam o que eu digo!

(3.º Espião entra)

3.º Espião - Senhor. Conhecemos a posição tomada pelo inimigo. Coincide exactamente com aquela que Vossa Majestade previu.

Macbett – (Para Seiton) Vês, idiota? Vês o tempo que a tua objecção me fez perder? Vai!

Seiton – Sem demora, Senhor.

Macbett – Acrescenta ao recado: ninguém venha discutir ou pedir esclarecimentos...

Seiton – Muito bem, Senhor... *(Sai)*

Macbett – Se eu desse conversa a cada um deles, nunca mais chegávamos ao fim.

(Entram Lady, Médico, Corina e Eunuco)

Lady – Macbett...

Macbett – (Para Lady) Não, não! Frágil criatura, aqui não! A guerra é para homens.

Médico – A Rainha não sossegava. Queria vir juntar-se a Vossa Majestade.

Lady – Que podes tu fazer, Macbett, sem o auxílio das minhas mãos?

Macbett – A guerra faz-se com a cabeça. Ouviste? E esta será a minha obra-prima.

Lady – Oh, conseguiste realizá-la afinal? Durante tantos anos procuraste realizar na guerra a tua obra-prima... Conseguiste agora... Na guerra! Na guerra! Mas só na guerra!

(Esbofeteia Macbett. Macbett olha-a)

Macbett – (Para Médico) Que tem?

Médico – Paciência, Senhor. A vida... dentro da Rainha... transbordou...

Macbett – Enlouqueceu?

Médico – Parece... Embora se não conheça com rigor a fronteira que separa a loucura duma mente sã...

Macbett – Não poderá, doutor, tranquilizar essa alma doente? Tirar-lhe da memória transtornos enraizados? Dissolver inquietações? Anular naquele coração sobrecarregado a força da gravidade?

Médico – As doenças do corpo, para a medicina, são mais fáceis que as da alma, estas duvidosamente situadas...

Macbett – Então, atirai aos cães a medicina!

Lady – Macbett... ele nasceu, tem os olhos grandes como os do pai... Ao nascer trazia luvas... Oh como será feliz... Pode descalçar as luvas quando precisar; e outras luvas de novo nascerão... Vês, como fui cautelosa, com que cuidado compus um filho nosso, bom para tudo o que pertence ao trono.

Macbett – Quem me compreende? A batalha de amanhã ou me confirma no trono ou me derruba sem salvação! Quem me compreende? Quem pode tirar-me da frente o que me destrói o ânimo e faz hesitar a coragem...?

Lady – Eu própria... Queria abraçar-te... Se morresses na batalha, o nosso filho não nascia com luvas... Oh... eu incomodo-te... Compreendo...

Corina – (Para Lady) Vossa Majestade não vê que os guerreiros antes das batalhas só podem pensar nas batalhas? É demais! Não vê que o rei tem mais que fazer do que fecundar?

Macbett – Que dizes, mulher?

Corina – Defendo Vossa Majestade... E fecundar o quê? O quê, Senhora? O ventre de Vossa Majestade está podre!

(Num choro lancinante, Lady dirige-se para Eunuco e abraça-o)

Corina – Pronto, senhor... Pode continuar a construir a sua glória de amanhã...

Macbett – Ela ou eu? Quem originou a desgraça que flutua nesses ares? Aquela alma imensa como um colosso de metal quebrou mais cedo do que a minha… Não a posso ouvir soluçar! *(Corina envolve a cabeça de Lady no xaile, para lhe abafar os soluços)* E eis-me amarelecem as folhas outonais da minha vida. Desprovido dos bens que devem acompanhar a velhice: honra, afeições, obediência, amigos e mais amigos... Não tenho nada disto. Mas hei-de viver! Viverei entre maldições, venerado por um respeito que é bajulação, entre sorrisos convencionais. Hei-de envelhecer entre falsos cortesãos, submetidos pelo meu poderio, curvados até ao chão perante mim... É triste, mas serei capaz! Seiton! Seiton! *(Gritando)* Eh! Ninguém me traz notícias?

(Entra 4.º Espião)

4.º Espião - O Barão de Collin, Senhor...

Macbett – Hem?

4.º Espião - O Barão de Collin bandeou-se com o inimigo.

Macbett – Confiei-lhe o comando de dois mil infantes.

4.º Espião - Levou-os. Juntaram-se às tropas de Siward.

Macbett – Siward? Estarei eu enganado? Quem é o meu inimigo? Qual é o poder que eles dizem que eu usurpo? O de Malcolm, filho de Duncan, ou de Siward?

(Entra 5.º Espião)

5.º Espião - O Barão de Sinel desertou.

Macbett – Juntou-se a Siward?

5.º Espião - Sim, meu Senhor.

Macbett – Que palavras de corrupção terá a Inglaterra proferido às orelhas dos meus barões? *(Entra 6.º Espião)* O Barão de Stowne, não é verdade?

6.º Espião - Exactamente.

Macbett – Levou homens, levou canhões, levou carros de combate...?

6.º Espião - Sim, meu Senhor...

Macbett – Esses traidores, fugindo, transformam o monte coroado por este castelo de Donsinane num pudim cujo creme se derrete e escorre pelas vertentes... Farei a guerra com os Kernes e os Galowgesses... Não é de bom agouro uma guerra só com mercenários... Mas eu não tenho porta para fechar aqui comigo aqueles que querem evadir-se. *(Eunuco aproxima-se de Macbett. Afirma-lhe fidelidade)* Eu sei, eu sei... Mas tu não bastas... Obrigado, amigo...

(Macbett afaga Eunuco. Entra Seiton)

Seiton – Senhor, Senhor!

Macbett – Não recebo mais mensagens! Acabou-se. Sairei contra o inimigo, à frente dos Kernes e dos Galowgesses... São mercenários. São bandos armados de estrangeiros que vagueiam por essas costas, para auxiliar, a troco de dinheiro e de pilhagem, os que fazem a guerra. Mas se todos os que deviam estar comigo, debandaram, com esses mercenários farei a guerra! Comandarei uma horda de piratas. É o que tenho...

Seiton – Senhor, os Kernes e os Galowgesses...

Macbett – Debandaram, esses cães?

Seiton – Sim. A pretexto de que Vossa Majestade ainda não lhes fez pagamentos.

Macbett – Eu tinha combinado que os faria depois da batalha.

Seiton – Invocaram tal pretexto e abandonaram as suas posições. Já desceram a montanha e marcham, afastando-se para Leste.

Macbett – Para Leste? O quê? Não se juntaram aos exércitos congregados?

Seiton – Parece que não, Senhor.

Macbett – O disparate vai longe de mais.

(Entra 7.º Espião)

7.º Espião - Senhor!

Macbett – Fala! Depressa!

7.º Espião - Siward, com dinheiro à vista, contratou os Kernes e os Galowgesses...

Macbett – Contra mim?!

7.º Espião - Destacou os seus melhores oficiais e dois mil soldados de infantaria e de artilharia, e um bando de comandos especializados na segurança. Os Kernes e os Galowgesses sob as ordens desses oficiais, ocuparam a região das minas de prata. Ocuparam as minas de prata. Um exército poderoso e cruel assim constituído, com a colaboração dos Kernes e dos Galowgesses, ocupa a região das minas de prata.

Macbett – Siward toma conta do coração que faz pulsar o sangue no corpo da Escócia.

Lady – (Abraçada a Macbett) Ninguém nascido de mulher fará mal a Macbett. Ninguém vencerá Macbett. Ninguém vencerá Macbett até que a floresta de Birnam avance contra o castelo de Dunsinane...

Macbett – Tens razão... As minhas fatídicas irmãs rodearam-me duma protecção que me torna invulnerável. Doutor, não preciso de médico para mim pessoalmente. Para o meu reino, sim. Qual é a enfermidade do meu reino? De que análises precisa para determinar a doença? Urina? Glóbulos vermelhos? Velocidade de sedimentação? Talvez uma purga, antes do mais... Uma purga que transforme ingleses em merda líquida. Depois, puxa-se o autoclismo, e pronto!

Médico – Admito, Senhor, que a vigilância sobre a doença das pessoas e a dor dos reinos se possa fazer com fundamento em análises e em semelhantes elementos objectivos. Mas há que recolhê-los a tempo, antes da putrefacção.

Macbett – Aconselha a cirurgia?

Médico – Não, meu Senhor. A Rainha é a minha doente. Nada lhe receito. Recomendo paciência a Vossa Majestade... *(Sai)*

Macbett – A Universidade abandona-me...

Lady – E nós rimo-nos da Universidade... Eles nasceram de mulher... E das suas Cátedras não podem, nem mesmo em latim, mandar a floresta de Birnam abandonar as raízes... Pior, muito pior é haver mulheres de quem ninguém nasceu...

Macbett – Seiton! Fecha as pontes levadiças. Estamos bem preparados para o cerco. Resistiremos mais tempo do que eles! Manda fechar as portas. Quem quiser ficar, que fique, quem quiser sair, que saia! *(Seiton vai a sair)* Seiton!

Seiton – Senhor?

Macbett – Preciso de um embaixador. Quem pode ser?

Seiton – Embaixador? Para quê?

Macbett – Para ir da minha parte propor a Malcolm e a Donalbain aliarem-se comigo. Agora o que está em causa não é a tirania de Macbett. É a ocupação de Siward. Se eles

se aliarem comigo e vencermos Siward, talvez salvemos a Escócia.

Seiton – Senhor...

Macbett – Já não me suponha capaz de ter um ideal. Julguei morto, em mim o que não fosse o vício e o mando da soberania. Abdicarei, se necessário for, para salvar a Escócia.

Lady – Não precisas... Ninguém, nascido de mulher, fará mal a Macbett. Macbett não será vencido antes que a floresta de Birnam avance contra Dunsinane...

Seiton – O castelo está deserto... Quem poderei encontrar para embaixador...?

7.º Espião - Eu!

Macbett – Aceito. Seiton, vai preparar o castelo para o cerco.

(Seiton sai. 7.º Espião tira a máscara. É a Bruxa Vigilante de Macbett)

Bruxa Vigilante de Macbett – Vou. Mas não vou só. Levo os meus colegas.

Macbett – De acordo.

(Os espiões tiram as máscaras. São as Bruxas. Corina transforma-se em Bruxa Magna. Gargalhadas)

Bruxa Magna – Macbett. Acredita na nossa lealdade. Tudo faremos para unir Malcolm e Donalbain ao teu destino. O que não será fácil pois tu mataste-lhe o pai...

(Saem em tropel. Gargalhadas)

Lady – Mulheres de quem ninguém nasceu. Mas ninguém pode deixar de nascer de mulher. Oh... E isso devia ser fácil...

Macbett – Farrapo meu, companheira na ambição e no sangue mortal, depositária dos meus diademas...

Lady – Oh meu Senhor... Fui feliz durante três minutos... Só três minutos, em toda a vida... Por esses três minutos não me queixo dos trezentos anos que vivi...

Macbett – Poderia ter-te amado... Não aconteceu... Mas ouve... ainda é tempo... Durante o cerco nada haverá que fazer... Só resistir... Então possuirei os destroços dessa Lady Macbett que mal conheci...

Lady – *(Quase cantando)* Se não mentir haverá alegria... Oh, alegria!...

Seiton – Senhor! Siward, à frente do exército, entrou no castelo.

Macbett – E as sentinelas?

Seiton – Passaram-se para o inimigo.

Macbett – E os espiões? Porque me deram informações falsas?

Seiton – Mentiram, sim. E os invasores entraram no castelo.

Macbett – Desconfio. Eu não ouvi ruído de armas, nem de passos, nem de trombetas.

Seiton – Vieram numa marcha de silêncio, sem o menor barulho. E para precaução, escondidos por detrás de ramos de árvore que cortaram na floresta de Birnam.

Macbett – Oh! Assim a floresta de Birnam avançou contra o castelo de Dunsinane!... Assim! Por camuflagem! E eu acreditei em proclamações enigmáticas, em imagens dúbias, em irmãs fatídicas...

Lady – *(Canta)* As árvores voaram... As árvores voaram...

Macbett – Por mim, lutarei até final. Oh, mas tu... *(Para Lady)* Não quero que sejas rolada pelas ruas, atada às patas dos cavalos dos traidores ou pelo entregue à fúria carnal dos Kernes e dos Galowgesses. Se te apanham, vão recusar-te

todo o respeito. Escarnecer-te. Chegou o momento de demonstrar que sou guardião da tua irrecusável dignidade de Rainha e de minha esposa. *(Ajoelha, beija-lhe os pés)*

Lady – (Cantando) Árvores voaram... Homens não nasceram de mulheres...

Macbett – (Abraça Lady) Aproveitemos aquilo que aprendemos na nossa triste experiência. E que este assassínio seja o último... *(Toma o punhal)*

Lady – (Canta) Homens não nasceram de mulheres. Mulheres não fizeram nascer homens. Homens não fizeram mulheres fazerem homens. *(Continua entoando)*

Macbett – Devia nunca terminar a ocasião de adiar a palavra morte. Amanhã... amanhã... ainda amanhã... deslizar assim lentamente... até à última sílaba do registo do tempo. Todos os nossos ontens foram loucos que nos empurraram para a morte poeirenta... Apaga-te! Apaga-te, vida, lâmpada fugidia, fantasma errante, pobre palhaço que freme e cabriola durante o seu tempo, sobre o palco, e de quem não mais se ouve falar... História contada por um louco cheia de fúrias e de estrondos e que nada significa.

(Apunhala Lady, que continua o seu canto ainda por um momento. Macbett coloca-a carinhosamente no chão. Toma-lhe as mãos e beija-as. Ouve-se, distante, o barulho dos inimigos que chegam. Eunuco toma o punhal e mata Macbett)

Macbett – Não é assim que quero morrer! *(Vendo Eunuco)* Foste tu? Por acaso nasceste de mulher? *(Eunuco afirma)* Ah... Compreendo: Não me mataste para fazer mal a Macbett... Mataste-me por bem... *(Eunuco exprime-se. Refere-se ao*

sono) Para o teu Senhor... dormir... Ah... tinham razão... em tudo as minhas fatídicas... irmãs...

(Eunuco foge. Por um momento ficam em cena somente os dois mortos. Aproximam-se os invasores. Dum lado entra Macduff, de espada na mão. Do outro, Siward, Malcolm algemado, Donalbain e Aio, Lennox, Ross e soldados de Siward)

Macduff – Encontro Macbett morto. Siward, abandonei Malcolm para o seguir, porque me prometeste que seria eu quem cortaria a cabeça do tirano. Faltaste à tua promessa, cão!

(Tenta atacá-lo com a espada. A um sinal de Siward, os da segurança, com enorme agilidade, amordaçam e algemam Macduff)

Siward – Lamento, muito lamento... mas não há tempo para sentimentais expressões. Verifico que Macbett morreu. "Le Roi est mort, vive le Roi!"

Malcolm – Está aqui o Rei da Escócia, algemado, subjugado por ti; violentado na qualidade e no direito. Eu sou o Rei legítimo proclamado pelo último Rei verdadeiro, Duncan.

Siward – Lamento, lamento muito... Mas tu traíste a tua realeza, demonstraste que o teu trono faria a desgraça da Escócia, quando recusaste, às cegas, por impulso, por um pretenso patriotismo, a minha proposta quanto às minas de prata.

Malcolm – O território da Escócia...

Siward – Oh, desculpa, muito lamento... Mas estes corpos incomodam-me. Se algum, a Macbett fiel, os quiser levar daqui... *(Silêncio)* Senhores! Tenho respeito pela morte! Se algum a Macbett fiel quiser levar estes corpos, tem a minha

britânica palavra de que não lhe farei mal. *(Pausa)* Ninguém... *(Para os Barões)* Tu e tu e tu? Traíram-no sem que ele de vós se vingasse... Não lhe estão reconhecidos? E tu? *(Para Seiton)* E tu? *(Seiton baixa a cabeça. Entra Eunuco)* Ninguém quer levar para lugar condigno os corpos dos Reis da Escócia? Até que enfim, um corajoso homem! Leva-os. E parabéns pela coragem. Talvez faça de ti barão. Ajudem-no. *(Eunuco toma nos braços o corpo de Lady. Alguns homens de segurança vão ajudar Eunuco. Este exprime-se recusando violentamente. Para os agentes de segurança)* Deixem-no. Ele considera a vossa interferência sacrilégio. *(Leva o corpo)* É justo, é humano. Deixem-no carregar com os seus fardos... Continuemos. Malcolm, estou desolado por ter-te interrompido. Dizias...

Malcolm – Que território da Escócia é um todo indivisível. Não abdico de nenhuma parcela desse território, de que sou Rei.

Siward – É pena que me não tenha ocorrido propor-te, para te experimentar, seres rei das minas de prata ficando o resto do país fora da tua soberania. Talvez o brilhante metal te inspirasse um motivo para aceitares a coroa nestas condições.

Malcolm – A minha resposta seria a mesma, cão!

Siward – Oh! É a segunda vez, desde que aqui chegámos que sou chamado cão!... Malcolm, lamento, muito lamento, mas não serás Rei.

Malcolm – Com que direito interferes na Escócia?

Siward – Com o direito de vizinhança. Uma atrasada Escócia não convém, irrisão no concerto das nações. Ora as minas de prata são o fulcro do problema. *(Faz um sinal aos auxiliares da segurança que amordaçam Malcolm e o levam, com grande agilidade)* Quem por aí se sente em condições de ocupar o trono da Escócia? *(Aio empurra Donalbain)*

Donalbain... Segundo filho de Duncan... É lógico. Queres ocupar o trono?

Donalbain – São pesadas as tuas condições.

Aio – Vossa Alteza permite? É que embora tenha sido nosso lema "A Escócia para os escoceses", a pior desgraça, a desgraça que faz sangrar a terra e se repercute no céu, é que o trono da Escócia fique vago ou seja ocupado pelo Rei de Inglaterra. Creio que esta é a ameaça concreta. A Escócia tem de ter um Rei. Ainda que seja um sacrifício, há-de haver um Rei na Escócia. Ainda que truncado o território, é melhor que haja um Rei do que não haja Rei algum. Senhor, hão-de os céus ficar em xeque?! Deus criou o poder. Deus não pode ser posto na situação de lhe faltar pessoa sobre quem consubstancie o poder que criou, em cada parcela deste seu vasto mundo.

(Eunuco leva o corpo de Macbett. Silêncio)

Siward – Aceitas o trono, Donalbain?

Aio – Com uma condição.

Siward – Qual?

Aio – A tua ocupação das minas de prata será de natureza estritamente económica.

Siward – Não compreendo...

Aio – O trono poderá exercer todos os seus direitos morais sobre os habitantes e os de defesa do próprio território.

Siward – Excepto em tudo o que for necessário à económica ocupação.

Aio – Exacto.

Siward – Oh, sim, mas com certeza! Pode até ser uma muito grande ajuda. Como agradável é chegar a acordo! Barão de

Glames, Barão de Caodor, a meus braços. *(Abraça Donalbain)* E desde já, meus senhores, "Viva o Rei!"

Todos – Viva o Rei!

Siward – (Chama) Fleânceo!

(Entra Fleânceo, vestido de casaco preto, calças de fantasia, chapéu de coco, guarda-chuva, pasta, "Times", rodeado das Bruxas, vestidas do mesmo modo)

Siward – Caros Senhores: Fleânceo é filho do escocês Banquo. Especialista grande em mineração e em prata, graças à de Sua Britânica Majestade magnanimidade. Para que as pérfidas pessoas não digam e não pensem que é a Inglaterra que ocupa as minas de prata, este de alta fidalguia escocês terá a seu cargo as minas de prata e tudo o que lhes respeita. Não sofreis uma invasão. Não sofreis violência. Não sofreis ingerência estrangeira nos vossos intensos negócios. A Inglaterra na Escócia apenas o que é escocês valoriza.

Donalbain – O meu pai, Fleânceo, tinha pelo teu a estima que os Reis dedicam aos súbditos melhores, mais aquela que um homem de condição dá a um amigo. De igual modo, quero estimar-te, Fleânceo.

Fleânceo – Podes contar comigo.

Donalbain – Amigos, Barões, prometo-vos que em breve será restabelecida a justiça tão vilmente destroçada pelo tirano que ensanguentou a Escócia.

Fleânceo – (Colocando uma coroa em volta do chapéu de coco) Senhores, agora, em plena vigência da nossa real autoridade soberana, ser-vos-ão restituídos os vossos privilégios. Os barões serão feitos condes. E serão espalhadas insígnias de nobreza que, semelhantes às estrelas, brilharão sobre aqueles que forem dignos delas.

Donalbain – Exacto.

Todos – Viva o Rei!

Donalbain – Parto para Scónia. *(Gargalhadas das Bruxas)* Aí, sobre a pedra secular em que foram sagrados os meus antecessores, receberei o manto de arminho real. Que os meus ombros frágeis suportem tão grande peso. E os meus braços, o ceptro. E a minha cabeça, a coroa.

(Hécate, vinda do alto, aparece e fica no ar, dominando a cena. Rindo, as Bruxas sobem. Esbirros flagelam o povo da Escócia. O povo da Escócia autoflagela-se)

Os operários das minas
de prata tomaram a
própria substância da
prata. São reluzentes.

Outono de 1972

A Fera Amansada

Versão livre de William Shakespeare

GUIA PARA UMA NOVA PEÇA
OU PARA UMA INTERPRETAÇÃO
DO TEXTO DE SHAKESPEARE

I

A peça de Shakespeare situa-se na burguesia endinheirada das cidades italianas mercantis.

Instalado numa das melhores casas dessa burguesia há um tumor, Catharina [Catarina], a fera, a megera.

Verificam– se assim, à partida, duas situações significativas.

A outra é a da amorável Bianca [Branca], com a sua corte de pretendentes desocupados, requintados, no fundo tíbios, mas com afoitezas que se quadram numa teoria de disfarces e de ousadias mentirosas, para honrar as regras do amor e obter Bianca.

Bianca, ela própria, está identificada com o seu meio social. É submissa, aguarda o destino que lhe traçaram, ousa, por vezes, aceitar as suas vozes interiores, as do instinto apenas. Trata-se, no entanto, de momentos ímpares, vagos, de fugas ao seu comportamento normal.

Quanto aos seus galãs (que o pai em geral considera bem-vindos, depois de uma formal e pouco exigente

verificação das respectivas origens, desde que, evidentemente, a filha case bem, isto é, rica), eles são movidos até junto da amada por motivos diversos: Lucentio [Lúcio] ama Bianca (amor imperativo, à primeira vista); Hortensio [Hortênsio] interessa-se fundamentalmente pelo dinheiro dela; Gremio [Comendador António], seu velho apaixonado, à maneira do Pantalão da comédia italiana, quer a juventude de Bianca, para aquecer velhice enregelada - Gremio não tem herdeiros, está no fim da vida e tudo o que tem dará a Bianca. No conceito dele está fará um bom negócio, pois por pouco tempo tem de o suportar, morrerá em breve, deixando-lhe tudo quanto tem.

A riqueza destes galãs não se encontra ligada à terra, mas ao comércio. Todos exploram o transporte de mercadoria: o pai de Lucentio é comerciante com amplitude internacional; Gremio tem um navio a caminho de Marselha.

Estes galãs e a expansão amorosa da própria Bianca encontram-se sujeitos a um acto discriminatório do velho Baptista [Salomão]: a obrigação de se casar primeiro Catharina, a irmã mais velha. Entretanto, Bianca fica em reclusão. A situação é de pura prepotência, tanto mais que, dado o carácter de Catharina, é provável que não apareça pretendente para ela. E isto transformaria a reclusão preventiva de Bianca em verdadeiro sequestro.

E sequestro duplo: sequestro pelo pai e sequestro pela própria Catharina, a quem agrada a submissão em que tem Bianca, agrado que não deixa de traduzir em termos de sevícias.

Há aqui manifestamente um caso de poder que vem pela riqueza. Há, até, um abuso desse poder que, no entanto, as regras sociais ali correntes não consideram abuso, porquanto é o Pai, por excelência, aquele que gera a situação.

Contra o pai não há verdadeira contestação: há uma leve crítica, movida por Gremio e Hortensio, filha do desespero em que os põe o afastamento da amada. Esta crítica não tem mais profundos motivos.

Catharina, como se disse, é o tumor dessa sociedade.

Não é meiga, profere palavras impróprias, condena a moral sexual em voga, adstrita à riqueza. Diz-se independente. Considera os outros um rebanho.

Catharina denuncia a decadência do que a rodeia. Opta como forma de o fazer, pelo sarcasmo, pelo comportamento e pelo pensamento. Esta posição dá lugar, naturalmente, a uma anquilose psicológica e anti-social, que se traduz na circunstância de não consentir, sequer, que lhe toquem.

II

Petruchio [ex-tenente Pedro Jordão] é rico, mas não é mercador. É latifundiário. Tem um passado duro, homem de mais de trinta anos, no vigor da vida e da experiência. O falecimento do pai permite-lhe uma pausa no labor, para casar rico e dar uma volta a ver o mundo, ganhar um tipo de experiência que não teve, pois se manteve ou na guerra ou no cultivo das terras, homem forte, varonil, decidido. Pádua, com o seu fulgor de berço das artes, apetece-lhe.

Enquanto que tudo quanto se passa com Bianca e com o casamento é lento, duvidoso, arrastado, misterioso, impreciso, o que se passa com o casamento de Petruchio é rápido, voluntário, não tem arremedos. Perante uma situação, Petruchio nunca se limita a defender-se, giza, imediatamente, um plano de ataque.

No entanto, conforme Petruchio afirma, ele e Catharina são personagens semelhantes. Mas são ao mesmo tempo opostas e Petruchio sabe-o e procede de acordo.

A diferença entre estas duas personagens principais da comédia é que Petruchio está de acordo com o seu mundo - e isso o torna forte - ao passo que Catharina está em oposição com o mundo dela, pelo que tem uma posição de fraqueza.

Se Petruchio fosse pretendente de Bianca, entre os dois não haveria conflito e não existiria a peça. Quando muito, Petruchio daria o espectáculo da sua determinação, do seu "saber o que quer", contra os galãs-borboletas concorrentes.

Sabendo que Catharina precisa, para justificar a posição que assumiu, dos seus circundantes, tanto como se estes fossem seus defensores, agride-os. Até a Baptista, a quem impõe uma espécie de cumplicidade no seu virtuosismo de domador.

Petruchio, deste modo, procede como homem forte por natureza e por posição. É forte. Esta é a sua característica e o seu ser. Em consequência, exerce a força, domina.

O exercício da força é política.

III

Ao descrever os métodos que Petruchio usa para domar a megera rebelde, Shakespeare refere-se à arte de adestrar animais de caça. Refere-se ao jejum e à imposição compulsória da vigília.

Não diz, por motivos evidentes, que o jejum se encontra na base das conversões religiosas e dos

arrebatamentos místicos. E não podia dizer que o impedimento de dormir é praticado comumente pelas polícias actuais, com o objectivo de "vergar" os presos, imputar-lhes culpas, descobrir criminosos ou agentes políticos, etc.

O mundo moderno descobriu a designação para aquilo que Petruchio pratica: lavagem ao cérebro.
Os trâmites da acção de Petruchio em relação a Catharina são os seguintes:

1 - Coloca-se numa posição de força e lança acerca de si próprio uma impressão de terror. Petruchio mostra-se capaz de tudo:

a) De casar com a megera, o que ninguém ousa;

b) Ouviu batalhas e tempestades, não o assustam raparigas;

c) Opõe-se a Catharina, quando ela protesta que não casará com ele. Ele afirma que casa e tem a seu favor todos os que querem que ele case;

d) Age como "furacão", não dá a ninguém tempo de pensar;

e) Tarda a chegar à cerimónia do casamento, o que é escândalo e afronta;

f) Impõe um fato que nada tem de convencional nas cerimónias matrimoniais e que é ofensivo;

g) Agride o sacerdote durante o acto litúrgico e profere blasfémias na igreja;

Isto é, sublinha e impõe a sua força, uma vez que nada nem ninguém ousa opor-se-lhe.

2 - Dá à vítima uma noção de insegurança, pelos seguintes meios:

a) Lança o terror à sua volta e afirma a sua capacidade de exercer a força, nos termos referidos acima;

b) Destrói os apoios sociais e pessoais em que a vítima vivia e se afirmava;

c) Reduz ou anula a capacidade de resistência da vítima pelo jejum e pela falta de sono;

d) Cria na vítima a consciência da situação crítica em que está e acentua-a: cansa-a, enlameia-a, leva-a para uma casa fechada, povoada de serviçais que o aceitam, apesar de os maltratar e de os considerar quase animais;

e) Isola a vítima de todos os apoios do exterior que pudessem constituir motivo de protecção ou fundamento de resistência, inclusivamente como desrespeito pela igreja, apoio natural de Catharina.

3 - Apresenta-se como salvação, única salvação, do estado de insegurança, angústia, desprotecção e miséria moral em que a vítima se encontra. Ele é quem a deixa ou não deixa comer, deixa-a ou não a deixa dormir, acaricia-a se quer, maltrata-a se lhe apetece, protege-a ou não a seu bel-prazer.

Nunca lhe oculta que se encontra na posse dum programa de salvação, de que só ele dispõe, fazendo subtil e sucessivamente a demonstração das suas capacidades como alguém que a pode abarcar.

PERSONAGENS

Salomão – Pai de Branca e Catarina

Catarina

Branca

Lúcio – Pretendente de Branca

Serôdio – Criado de Lúcio

Comendador António (Brasileiro) – Velho pretendente de Branca

Hortêncio (Toureiro) – Pretendente de Branca

1.º Polícia

2.º Polícia

Pica– Chouriço

Anjo

Popular

Presilhas

Ex-Tenente Pedro Jordão – Pretendente de Catarina

Calado – Criado de Pedro

Cabresto

Vicente – Pai de Lúcio

Represas

Catedrático

Miquelina (Contrabandista)

Alzira (Viúva)

Macaco

Populares

A acção decorre em Lisboa, nos últimos anos do Séc. XIX.

I PARTE

1.ª CENA

(Lisboa, Passeio Público. Dia festivo. Ouve-se ao longe uma banda. Passam os elegantes. Um polícia atravessa. Entram Lúcio e Serôdio, com malas e fato de viagem)

Lúcio – Eis-nos Lisboa, hem? Catita!

Serôdio – O menino não está vestido para vir a este jardim... Cá a mim, tanto me faz... Mas o menino...

Lúcio – Em Lisboa ninguém me conhece. Portanto, que importa o fato? Se soubessem que chego do Porto, que viagei de comboio horas e mais horas, aos trambolhões... e acabo de me apear na Estação do Rossio, percebiam o motivo por que não estou de ponto em branco.

Serôdio – Em breve estará...

Lúcio – Mais depressa do que pensas. Agora é urgente arranjarmos casa...

Serôdio – O pai do menino falou de dois ou três quartos...

Lúcio – Serôdio, dois ou três quartos são uma casa.

Serôdio – O paizinho queria dizer: quartos alugados em casa alheia.

Lúcio – Não é grande a diferença.

Serôdio – A não ser no preço.

Lúcio – Ao fim do ano custará a mais o valor dum tonel de vinho do Porto, dos muitos que o meu pai lá tem. É a maneira de o vinho do Porto fazer alguma coisa por mim. Que pretende o meu pai mandando-me para Lisboa estudar?

Serôdio – Que pretenderá ele?

Lúcio – O Curso Superior de Letras! O curso que um Rei de Portugal frequentou! O velho Vicente, meu pai, campeão do vinho do Porto, que o comercia por todo o mundo, monopolista, transportador no Rio Douro, transportador em navio e navio para Inglaterra, Suécia, América, Brasil, comerciante arreigado às margens do rio donde nunca saiu, imperador dos cabedais do norte, deseja-me sentado nos mesmos bancos que coçaram os fundilhos de Sua Majestade. Para quê? Para enriquecer o seu brasão, que agora não tem mais do que uma pipa em campo de oiro, introduzindo-lhe, por virtude da minha sabedoria, a glória das letras, a glória da boa filosofia. Frequentei a Universidade de Coimbra; mas Coimbra não o satisfaz. Não existe no reino bacharel que não tenha saído de Coimbra... Que vulgaridade, para o filho de Vicente! Lúcio, que é toda a sua esperança, Lúcio, a luz da sua vida e dos seus olhos, tem de subir mais alto e mais raro! Uma escola real! Ele espera que eu lhe leve uma nova filosofia, da minha invenção. Descobrirei que a felicidade se atinge pela via da virtude. Então apresentar-me-á ao mundo - ao seu mundo, isto é, Porto e arredores - como o ousado inventor duma nova teoria, eu, o seu rebento, eu, o génio! E no brasão dos Formosinhos irá poisar uma coroa de loiros arrancada à fronte de Minerva... Que o tiro não lhe saia pela culatra!

Serôdio – Porque havia de sair por aí?

Lúcio – Não é pela virtude que se chega a milionário. Já ouviste falar de algum ermita, religioso e santo que tivesse duzentos e trinta armazéns a abarrotar de pipas grandes como prédios, marcadas com palavras inglesas, prontas a sair pela barra do Douro, em troca de montões de libras?

Serôdio – Ora! Quando estivemos em Coimbra, não descobrimos que todo o Augusto Comte não vale tanto como um copo de dois tinto?

Lúcio – De três, branco.

Serôdio – Portanto... é continuar tudo na mesma e lá, perante o paizinho, é mudar só o paleio.

Lúcio – O paleio, o paleio... Se soubesses o trabalho que o paleio dá... os anos de estudo e de paciência...

(Entram Salomão, Catarina, Branca. António e Hortêncio. Lúcio e Serôdio ficam a um lado)

Salomão – Não, não, meus senhores! Que maçada! Não continuem, irra! A minha decisão é implacável. Não autorizo a minha filha Branca a casar antes que Catarina, a mais velha, tenha arranjado marido! Se algum dos dois pretende Catarina, poderá atirar-se a ela, catrapiscá-la, como lhe aprouver!

António – Não quero! Catarina... vejo-a por todos os lados armada de agulhas sangrentas, como um ouriço... *(Para Hortêncio)* Mas o senhor... o senhor não anda à procura de mulher com quem casar?

Hortêncio – Eu? Aquilo não é mulher, é um petardo!

Catarina – *(Para Salomão)* Meu pai, é sua ideia entregar-me a estes garanhões?

Salomão – Garanhões?! Que obscenidade, minha filha!

Hortêncio – Não será a ninguém apetecível, Catarina, se não se tornar meiga e cortês!

Catarina – Tem medo? Que é medroso já eu sabia. Toureiro cobarde! Se me quer fazer a corte, traga par aqui uma daquelas barreiras que nas touradas está sempre a saltar, com

toda a palidez. E para me poupar o trabalho, venha já munido dum grande par de cornos!

António – Que megera!

Salomão – Filha, a quem sais? Que palavreado! Onde o aprendeste?

Catarina – Porque me obriga a vir no Domingo à tarde a este Passeio Público, na companhia destas borboletas?

Salomão – Não havia inconveniente se...

Catarina – Se eu fosse conveniente. Mas não sou!

Hortêncio – Livrai-me, meu Deus, de semelhante diabo. Prefiro pela frente um toiro de seiscentos quilos!

Salomão – Não vês o exemplo da tua irmã Branca? Fina, recatada, prendada...

Catarina – A sultana! Mulher de harém... Mais parece descendente dos mouros da Mouraria do que de Salomão, judeu da praça de Lisboa desde o reinado de D. Maria I. Linda, flexível, capaz de todas as carícias para subir ao altar e tornar-se a bichaninha do marido todo poderoso.

Salomão – Maldita a hora em que te mandei aprender inglês! Esse é que foi o mal.

Catarina – Queria-me ignorante e a bordar no bastidor?

Salomão – Bordados tenho eu a mais!

Catarina – Eu sei. Tem na Ilha da Madeira cinco mil mulheres a bordar, escravizadas, miseravelmente pagas, queimando os olhos para ganharem dez reis de mel coado. Mas eu tenho o meu ideal! Eu hei-de libertar a mulher portuguesa de tais humilhações! A mulher... A mulher... *(Sobe a um banco, toca um apito e bate palmas, chamando. As pessoas aproximam-se)* Eh, gente! Ouçam! Venham cá!

Salomão – *(Aterrado)* Catarina, tu não vais fazer outro comício!...

Catarina – Vou. Eh, gente! Eh! Não sejam poltrões! *(Continua a chamar as pessoas)*

Salomão – Ao que eu cheguei! Pai duma sufragista! Maldita ideia, ensinar-lhe inglês. Se não conhecesses essa língua maldita não tinhas lido os livros que te deram volta ao juízo!

Catarina – Venham, venham ouvir! Aquele que não vier, é carneiro!

Serôdio - Chiu!... Vejo que existem por aqui bons divertimentos!

Lúcio - A outra, olha a outra!

Salomão – *(Para Hortêncio e António)* Amigos, não pode ser! Da última vez que fez comício, tive de a tirar do chilindró. Ah, se eu tivesse coragem para chegar ali e dar-lhe dois açoites!... Mas estou velho e se me falta ao respeito, na sua fúria, é o meu fim, como pai. Ajudem-me, vamos levá-la, amarrá-la.

António e Hortêncio – Nós...?

António - Eu sou um velho...

Salomão – Vê-se, Comendador. Apesar disso, prepara-se para casar com Branca...

António – Em boa paz...

Salomão – O senhor, que é toureiro...

Hortêncio – Eu? Sabe? É melhor deixá-la... É a maneira de ela sangrar...

Salomão – E se vem a polícia?

Catarina – *(Discursando)* Cidadãos! Concidadãos! Sei que sois homens de inteligência e de coragem. Sei que prezais a mudança de governo. Conspirais para que o Rei seja apeado do trono e a monarquia substituída por um regime do povo...

Vozes – Eu, não, eu não!

(Afastam-se)

Catarina – Eh lá cobardes! Cabrões! Vão-se embora? Têm medo dos chuis? Ou é de mim que têm medo?

Vozes – Vai lá para casa coser meias! Serigaita!

Vozes – *(Dos que ficaram)* Deixem-na! Vamos, fale! Deixem-na falar.

Catarina – República ou monarquia? Não é? Isso é o menos! O que importa é que existe aí um potencial que está desperdiçado. Um potencial que pode realizar o progresso e a civilização! E que está desperdiçado, inferiorizado, dedicado a tarefas mesquinhas, abafado pelo obscurantismo, sem função social. Está desperdiçado, esse potencial.

Voz – Com mil raios, que diabo é esse potencial?

Catarina – A mulher!

Voz – A mulher?

Voz – Que asneira! A minha vai sendo bem aproveitada! *(Para a mulher)* Não é verdade?

Mulher – Sim, meu amor. Vamos para casa, depressa.

(Vão)

Catarina – Ouçam, ouçam! Estamos no último momento de nos salvarmos!

Voz – De nos safarmos! *(Sai, rápido)*

Catarina – Ou agora ou nunca!

Vozes – O que é que ela quer?

Vozes – É maluca!

Catarina – Súcia de poltrões! Mulheres corruptas! Escravas inúteis, escravas, em troca de prazeres inconfessáveis!

Voz – Vamos daqui! Não convém que ouças isto!

(Saem. A mulher pretende ouvir, mas o homem arrasta-a)

Catarina – Mulheres! Podeis ser livres! E sois escravizadas! Passais a vida ajoelhadas e a servir, abdicais da vossa dignidade!

Salomão – Vou fingir que ela não é da minha família.

Catarina – Esperam-vos tarefas importantes para o futuro dos vossos filhos e da humanidade.

Mulher – Cá por mim, estou muito bem como estou. *(Sai, arrastando o marido)*

Catarina – Que será preferível?

Voz – Que te cales...

(Entram três polícias)

Vozes – A polícia! A polícia!

(Debandam. Fica Catarina, sozinha sobre o banco)

Catarina – Pois se a minha audiência é a polícia, falarei à polícia. Senhores guardas! Não tendes mãe? Não tendes esposas, não tendes filhas?

Polícia – Vivo amancebado. Portanto, estás presa! Para a esquadra!

(Catarina luta. Pretendem brutalizá-la mas ela, tirando a um o casse-tête, agride o outro)

Salomão – Eu não te dizia?

António – *(Para Salomão)* Vá, vá lá resolver o caso. Dê dez tostões a cada um.

Salomão – *(Aproxima-se)* Senhores guardas! Por favor. Sou Salomão Pinheiro, conhecem-me?

Polícia – Muito bem.

Salomão – Pois essa menina é minha filha.
Polícia – Palavra de honra?
Outro Polícia – Não é possível...
Salomão – Para minha desgraça, é sufragista!...
Polícia – O que é isso?
Salomão – É loucura.
Polícia – Sim? Nunca tinha ouvido falar.
Salomão – Pois! É o único caso em Portugal.
Polícia – Que azar! Logo numa filha sua, senhor Salomão.
Salomão – Na melhor fazenda cai a nódoa, Portanto, não a prendam. Dá muito trabalho, é preciso levá-la, arrastá-la, levantar o auto... E hoje é Domingo, dia de descansar... Vão tomar um copo. Aqui estão dez tostões para cada um. *(Distribui)*
Polícias – Oh, senhor Salomão! Senhor Salomão! Dez tostões pagam um barril.
Salomão – Pois ide comprar os vossos barris.

(Os polícias saem)

Salomão – Apesar do que viram e do que não viram e que faz de mim o mais desgraçado dos pais, o que lhes disse é a minha última palavra: a mais nova só casa depois da mais velha! Eis a norma do meu procedimento. Ah, Branca, não te sintas vítima da minha paternal dureza. Quero-te muito, muito, querida filha.

(Branca desfeita em lágrimas)

Catarina – Ai a menininha, nininha, pequenininha! *(A Salomão)* Para que saiba o motivo por que chora, porque não lhe espeta um dedo num olho?

Branca – Ainda bem que te alegra a minha tristeza. Pai, farei como deseja, humildemente. Aceito a solidão.

Lúcio – (Para Serôdio) Ouviste? Ouviste uma deusa falar?

Salomão – Ficarás fechada. Ninguém te verá. Somente a tua irmã e a criada que te levar o comer. E eu, que hei-de visitar-te.

Branca – Obedeço, meu pai. Tocarei piano e estudarei Francês.

Salomão – Santa obediência!

(Branca sai, comovida)

Hortêncio – Senhor Salomão! Que estranho modo de ser pai!

António – Com que direito mete Branca numa jaula, senhor Salomão, como se fosse um urso, a pagar pela língua viperina daquela outra?

Salomão – Seja como quiserem, a minha resolução está tomada.

António – É o cárcere privado! Podem acusá-lo de sequestrar a sua própria filha?

Salomão – Quem se atreverá a acusar Salomão Pinheiro? Quem? Ora não é provável que apareça tão cedo alguém que deseje casar contigo, Catarina...

Catarina – Eu é que não desejo casar com ninguém!

Hortêncio – Não? Que piada! E nós, o Senhor Comendador e eu, que faremos ao amor que temos por Branca?

Catarina – Ora! Façam-lhe um embrulho e atirem-no à rua.

Salomão – Aproveitando a demora que terá a resolução deste caso, vou arranjar professores de piano e de Francês, que, na sua reclusão, aperfeiçoem os conhecimento que Branca já tem. É boa ideia, não?

Hortêncio – Óptima.

Salomão – Assim não ficará só. Terá o convívio com os professores.

António – Já é qualquer coisa.

Salomão – Os senhores conhecem algum professor?
Hortêncio – Não...
António – Talvez os professores que já teve...
Salomão – Impossível. A professora de piano, que mais parece uma tartaruga, tem a mania de me fazer namoro, a mim. Não a quero lá por casa, pode desacatar-me. O professor de Francês não serve: escreve *chaise* com um *x* e *France* com dois *ss*; além disto, agora não tem tempo, foi nomeado Secretário de Estado da Instrução.
Hortêncio – Se eu souber de alguém...
António – Se eu souber de alguém...
Salomão – Pago regiamente. E esses professores serão bem recebidos na minha casa. Adeus, Senhores. Senhor Comendador... Catarina, ficas na companhia destes cavalheiros...
António – Não fica
Catarina – Eu?! Já estou farta de osgas e de estafermos.
Salomão – Então, vem. A tua irmã espera-nos no automóvel.

(Saem)

António – *(Aproxima-se diplomaticamente)* Senhor toureiro! Nós os dois amamos Branca. Esta rivalidade tem-nos impedido de conviver um com o outro...
Hortêncio – Não por minha vontade.

(Ouve-se o barulho do motor do automóvel que dá diversos estoiros)

António - Será revolução?
Hortêncio – É o automóvel do Salomão.
António – Ah, sim... *(Olha)* Lá está...

Hortêncio – Dizia eu que por minha vontade...

(Barulho semelhante)

António – Outra vez! E ainda há quem diga que automóvel é coisa de futuro!...

Hortêncio – Por minha vontade...

(Barulho semelhante)

Hortêncio – Aquilo acontece cada vez que eu digo "por minha vontade".

(Barulho semelhante)

António – Não...

Hortêncio – Quer ver? Naquilo que me diz respeito... *(O motor trabalha regularmente e o automóvel afasta-se)* Vê?

António – Esquisito...

Hortêncio – Enfim, Senhor Comendador, não o considero meu rival. Suporto-o, como *chevalier servant* da minha amada.

António – Quer ofender-me, mas não ligo importância nenhuma. Ouça: agora devemos unir-nos para conseguir que Catarina case.

Hortêncio – Não compreendo.

António – Vamos dar as mãos, para encontrar um marido para Catarina.

Hortêncio – Um marido? Um diabo!

António – Eu disse um marido...

Hortêncio – E eu disse: um diabo! Não existe homem com figura humana que consinta em casar com uma granada explosiva.

António – A ela dinheiro não lhe falta, lembre-se disto.

Hortêncio – Eu bem preciso de dinheiro, mas a tanto nunca me sujeitava, Senhor Comendador.

António – Ah, se aparecesse esse marido corajoso, eu oferecia-lhe cavalos e automóveis e carruagens

Hortêncio – (Com entusiasmo) A mim?

António – A ele. Para que se animasse a casar com Catarina e a metesse na cama e nos libertasse daquele anticiclone. Branca ficaria livre e, então, podia ser minha! Vamos.

(Saem)

Lúcio – Oh, como é possível?! Há um instante nem sabia da sua existência, e agora ardo e desfaleço e morro se ela não for minha. Serôdio, Serôdio...

Serôdio – O menino abraça-me? Eu cá não tenho os mesmos "argumentos" dela!...

Lúcio – Que fazer? Que fazer?

Serôdio – O menino sente-se ferido pelo amor? Hem? Ferido!?

Lúcio – Ferido, trespassado!

Serôdio – Então não vale a pena eu ralhar ao menino. Não se arranca do peito uma paixão com ralhetes...

Lúcio – E depois?

Serôdio – Só nos resta arrancar Branca da prisão em que o pai a retém.

Lúcio – Mas como? Como?!

Serôdio – O menino olhou, mas não viu o principal. Ouviu a irmã praguejar e rugir como uma tempestade?

Lúcio – Vi Branca mover os lábios, perfumar com o seu hálito a atmosfera...

Serôdio – Se quer a donzela, parta à sua conquista. Não fique aí amodorrado, só a sonhar.

Lúcio – Oh!

Serôdio – O menino notou que o pai lhe quer meter professor de Francês e de piano?

Lúcio – Eu não toco piano.

Serôdio – Mas fala Francês.

Lúcio – Sim. E depois?

Serôdio – Pois faça-se o menino professor dela!

Lúcio – Mais oui, quelle bonne idée! Será possível?

Serôdio – Não é.

Lúcio – Não?

Serôdio – Claro. Quem fará, aqui em Lisboa, o papel de Lúcio Formosinho? Quem será o dono da sua casa? Quem irá assentar-se nos bancos do Curso Superior de Letras?

Lúcio – Tu.

Serôdio – Eu!?

Lúcio – Sim, tu. Ninguém me conhece em Lisboa. Portanto, é fácil que tu sejas Lúcio e eu seja Serôdio. Trocamos já os fatos. *(Começa a despir-se)* A minha casa, os meus livros, os meus criados, tudo será de Lúcio Formosinho que és tu, Serôdio.

Serôdio – Obedeço. *(Despe-se)* Obedeço, não ao menino, mas ao pai que lá no Porto me disse à partida: *(Com acentuada pronúncia portuense)* "Serôdio, serve o meu filho em tudo quanto ele queira."

Lúcio – Fica combinado.

Serôdio – *(Trocando os fatos)* Eu, a falar verdade, preferia ser o menino quando o menino tivesse nos braços aquela franganita...

Lúcio – O quê?! Faltas ao respeito à tua patroa? Desde já? Pois bem, para castigo, também tu terá de fazer namoro a Branca!

Serôdio – Eu, menino? Eu?!

Lúcio – Tu! E não me perguntes porquê. Tenho razões de peso.

Serôdio – Que remédio, senão obedecer ao meu amo, mesmo quando ele me manda namorar a própria namorada?

2.ª CENA

(Lisboa. Diante da casa de Hortêncio)

Pedro – (Cantando) Ai Ribatejo
Ó Azambuja
Apanha um beijo
que não te suja.
Ó Ribatejo
ai Azambuja!

Ainda vai um bom par de léguas, de Azambuja a Lisboa! E fiz todo este caminho por causa deste pedaço de toureiro, que não vejo desde a última tenta em Almeirim! Eh, Hortêncio! *(Bate as palmas)* Eh toiro! Toirinho! *(Outro tom)* Ó estupor!

Calado – Patrão?

Pedro – Não te mexes?

Calado – Eu?

Pedro – Anda-me com esses presuntos. E bate-me aqui. *(Indica a porta)*

Calado – Com quê?

Pedro – Com os cascos. Vá, força!

Calado – Eu, bater no patrão?

Pedro – Com os cascos ou com os cornos, tanto me faz, desde que batas.

Calado – Não bato, não senhor. A primeira ainda lhe acertava, mas as outras, o patrão devolvia-as redobradas na volta do correio.

Pedro – Bates ou não bates?

Calado – Não bato.
Pedro – Ah, não? Vem aqui dar-me a orelha.
Calado – Para quê?
Pedro – Para te fazer cantar o sol-fá.
Calado – Patrão...
Pedro – Aqui, imediatamente, cabrão! Calado obedece. *(Pedro torce-lhe a orelha)* Cantas ou não cantas?

(Calado grita. Entra Hortêncio)

Hortêncio – Que berreiro é esse à minha porta?
Pedro – Arranco a orelha a este suíno, para a guisar numa feijoada!
Hortêncio – *(Soltando Calado)* Que mal te fez?
Pedro – Ó irmão na festa brava! Venham esses ossos!

(Abraçam-se)

Hortêncio – Venham esses ossos! Como vai a bizarria?
Pedro – Morto de trabalho, depois que o meu pai morreu.
Hortêncio – E o que te traz por cá?
Pedro – Ver-te, está claro.
Hortêncio – *(Desconfiado)* Só?
Pedro – Depois da morte do meu pai, consegui dobrar a fortuna que herdei, estendi o negócio para o norte, até à Galiza, e para o oriente, até aos Pirinéus. Trabalhei o mais que pude. Agora meti dinheiro na bolsa e parti para Lisboa. Azambuja não dá vistas mais largas.
Hortêncio – Vieste então para umas noites de pândega...
Pedro – Eu? O ex-tenente Pedro Jordão? Precisava eu de vir a Lisboa para esse fim? Por quem me tomas? Vim para enriquecer ainda mais.

Hortêncio – Ah, vens montar negócio...

Pedro – Venho casar.

Hortêncio – Rico?

Pedro – Não. Riquíssimo! Ainda não sei com quem.

Hortêncio – Podia apresentar-te uma mulher, uma fera, uma megera, que é rica, muito rica. Mas sou demasiado teu amigo para te ver casado com um furacão.

Pedro – Meia palavra basta! Se conheces mulher tão rica que possa ser mulher do ex-tenente Pedro Jordão, mesmo que seja pavorosa, velha, abominável, feroz, ou ainda pior, diz-me quem ela é. O dinheiro inspira-me a transformá-la. Vim a Lisboa fazer um casamento riquíssimo. Em Lisboa o casamento será feliz, se riquíssimo for.

Calado – Está a ouvir, está? Ele casará até com um espantalho, com um molho de cebolas ou com uma velha desdentada, desde que veja muito dinheiro.

Hortêncio – Pedro, não precisas de ir mais longe. Repito: sei duma rapariga muito rica e linda. Simplesmente é uma megera, é horrorosa, feroz, execrável, rancorosa, danada! Eu com ela não casaria, nem por uma mina de oiro.

Pedro – Oh! Desconheces o poder do oiro! Quem é o pai?

Hortêncio – Salomão Pinheiro.

Pedro – O banqueiro?

Hortêncio – Isso!

Pedro e Hortêncio – Salomão Pinheiro & Catarata, Banqueiros!

Pedro – Sei quem é. O meu pai há uns quarenta anos conseguiu levá-lo à certa num negócio. O velho Salomão ficou com menos três contos de reis. Não é homem para se esquecer do feito.

Hortêncio – Sabes? A tal megera não é apenas a língua mais peçonhenta de Lisboa. Também é sufragista.

Pedro – *(Radiante)* Sim? O que é isso? É maneta?

Hortêncio – Deseja libertar as mulheres da condição de escravas dos homens. Faz propaganda destas ideias.

Pedro – Deixa-me rir! *(Ri francamente)*

Hortêncio – E se eu te disser que ela não quer casar, nem por um decreto?

Pedro – Deixa-me rir.

Hortêncio – E se eu te disser que se veste como um homem de propósito para não atrair ninguém?

Pedro – Deixa-me rir!

Hortêncio – Isso, ri-te, ri-te. Quando te chegares a ela, verás: um ouriço cacheiro que te repele, à facada, se for preciso. E o pior de tudo é que Salomão não deixa casar a irmã mais nova, Branca, enquanto Catarina não casar.

Pedro – Catarina? Gosto do nome. Catarina. Cata... As Catarinas são a minha especialidade. Tu estás apaixonado pela irmã?...

Hortêncio – Estou.

Pedro – Branca? Interessa-te, portanto, que eu case com a Cata, para teres a outra.

Hortêncio – E não só eu. Há um António, um Comendador, que também quer casar com Branca...

Pedro – É rico?

Hortêncio – Riquíssimo. Brasileiro de torna-viagem. Enriqueceu no Brasil, donde lhe vem dinheiro às carradas.

Pedro – De quê?

Hortêncio – Não se sabe ao certo. Há uns zunzuns quanto à origem da fortuna, mas se é verdade o que dizem... Ah, não, não pode ser verdade... Nem mesmo no Brasil tal coisa se podia dar. Foi feito Comendador pelo Governo Português.

Pedro – Interessa-me a mulher. Cata! Não descanso enquanto não a vir. Cata! Cá me vou a ela.

Hortêncio – Espera, calma.

Pedro – Vens comigo?

Calado – Deixe-o ir, deixe-o ir, enquanto está para aí virado. Ah se ela conhecesse o meu patrão, palavra que não lhe resistia, pois não vale a pena. Ela poderá chamar-lhe bandido ou canalha ou filho da puta, para ele tanto se lhe dá como se lhe deu. E se lhe começa a responder, nunca mais pára. E se ela lhe responde, ele vai-lhe à cara, dá-lhe duas trolhas. Não o conhece, senhor Hortêncio.

Pedro – O ex-tenente Pedro Jordão está apaixonado por essa Catarina.

(Entra António, com Lúcio, disfarçado, trazendo livros sob o braço)

Hortêncio – Aquele é o António.

Pedro – Qual? O que veio do Brasil? Que rapaz tão desengonçado!

António – Muito bem, Senhor Professor. Todos esses livros são estimulantes, tanto pelas palavras como pelas ilustrações. Oh e a língua francesa sempre ajuda...

Lúcio – Oh, a *lingue française* é *la lingue* des *apaixonés*...

António – Então ensine-lha bem, para ela me compreender, quando eu lhe disser: *mon amour*... Oh quero perfumar os livros com o meu perfume... *(Perfuma-os)*

Lúcio – Oui. O perfume é um meio *trés pénétrante*...

António – Que lição hoje lhe vai dar?

Lúcio – Farei o *éloge de votre personne*, Senhor *Comendateur*... O Senhor *Comendateur* é o meu *patron*... Ela *restará beaucoup impressionade* com o que *je* lhe direi a seu *respecte*...

António – Palavra?

Lúcio – Palavre!

António – Oh, a sabedoria! Que grande coisa!

Calado – Oh esse espantalho! Que grande besta!

Pedro – Cala-te, imbecil!

Hortêncio – Olá, Senhor Comendador!

António – Olá, Senhor Toureiro! Sabe onde vou? A casa de Salomão Pinheiro. Tenho aqui o professor de Francês para Branca...

Hortêncio – E eu arranjei para ela o professor de piano. Hem? Gostou de saber? Música para Branca, a quem adoro!

António – Não a adora mais do que eu, hei-de provar com actos.

Calado – (Aparte) E com as carteiras bem recheadas, palerma.

Hortêncio – Notícias boas para nós ambos: descobri um cavalheiro que deseja casar com Catarina, no caso de o dote que ela traz lhe convir.

António – E ele está a par do carácter dela?

Pedro – É execrável, arisca, rabugenta. Morde como uma víbora. Se é só isto não há novidade.

António – Tem a certeza?

Pedro – Quero casar com ela. Com ela, terei vida longa e regalada.

António – É uma gata brava.

Pedro – É uma pantera.

António – E apesar disso...

Calado – Atira-se a ela, sim. Não tem medo de nada.

António – Tem a certeza?

Pedro – Vim a Lisboa com esse fim. Eu, ex-tenente Pedro Jordão, sou da família do famoso Telles Jordão, terror dos liberais, cão de guarda das prisões de El-Rei D. Miguel! Sabia do seu ofício, mijava nas panelas da sopa dos presos, sabia aterrorizá-los e humilhá-los como ninguém. Arrancava-lhes confissões e punha-os a acreditar no que ele desejava. Eu próprio, ex-tenente Pedro Jordão, na guerra dos Boers, fui voluntário nas fileiras de Sua Majestade Britânica.

Pratiquei atrocidades, deitei fogo a matagais e vi os inimigos assarem nas chamas, entre gritos lancinantes. Os leões rugiam, acossados, os elefantes silvavam! Escutei tempestades nos céus e canhões na terra. Estas mãos dispararam pela primeira vez uma metralhadora contra uma fila de inocentes, que escolhi para experimentar a nova arma. O mar do sul revoou nos meus ouvidos, a espuma voando na crista das vagas, enquanto o navio, partido ao meio, num fragor medonho, entregava ao abismo toda a equipagem. Eu, só eu me salvei. Canhões, tempestades, procelas, gritos, trombetas, horrores, eram para mim coisa de todos os dias, nem me acordavam, se dormia. Não será o miar duma mulher que me vai fazer receio, mesmo que se chame Cata e tenha uma língua tão endiabrada como dizem. Oh, não. Não me ofenderá os ouvidos mais do que o estalar duma castanha a assar nas brasas.

Calado – Ele não tem medo de coisa nenhuma...

António – Pressinto, Hortêncio, que este cavalheiro veio a propósito...

Hortêncio – Prometi-lhe que lhe pagaríamos as despesas de estadia enquanto lhe fizer a corte.

António – Pago eu, pago eu, seja quanto for, desde que a conquis-te.

Calado – Conquista! Assim estivesse eu certo dum bom jantar.

(Entra Serôdio ricamente vestido)

Serôdio – Cavalheiros! Será atrevimento perguntar qual o caminho mais curto para a casa do Senhor Salomão Pinheiro?

Hortêncio – O que tem duas lindas filhas?

Serôdio – Esse mesmo.

António – Andará também, por acaso, à coca dela?
Serôdio – Talvez.
Pedro – Mas não da que sempre resmunga e pragueja...
Serôdio – Como?
Pedro – A naufragista.
Hortêncio – Sufragista.
Serôdio – Eu não cultivo a liberdade com exagero. Não é essa que eu desejo.
Pedro – Ainda bem para si...
António – Então é a outra? Responda sim ou não.
Serôdio – Suponhamos que sim. Será ofensa?
António – Não, desde que se vá embora daqui, sem demora!
Serôdio – Não tenho, como o senhor, o direito de utilizar as ruas?
António – As ruas sim. A rapariga não.
Serôdio – Porquê?
António – Porque é minha.
Hortêncio – Porque é minha.
Serôdio – Serei mais um a pretendê-la!
Hortêncio – Conhece-a?
Serôdio – Não. Mas sei que são duas irmãs. Uma famosa porque é megera e pantera, a outra porque é muito boa.
Pedro – A primeira é para mim! Ninguém ma tira!
Serôdio – *(Para Pedro)* Bravo, cavalheiro. Nós os três estamos-lhe reconhecidos. Não é verdade, camaradas? Ele torna possível o nosso objectivo.
Hortêncio – Assim é. Merece a nossa homenagem.
António – Pela violência da sua ousadia.
Serôdio – Pois então proponho que nos reunamos para celebrar. Nós não somos três cães ao mesmo osso. Somos cavalheiros apaixonados... Na minha casa há champanhe francês, vinho do Porto e tinto do Cartaxo, para quem preferir. Vamos. Esta

tarde beberemos taças e copos, copos e taças, à beleza de Branca.

Hortêncio – Boa proposta!

António – Vamos. Que diz, senhor ex-tenente?

Pedro – Depressa, a esse carrascão do Cartaxo!

(Saem)

3.ª CENA

(Branca está amarrada, envolvida numa rede)

Catarina – Repete!

Branca – Não!

Catarina – (Bate-lhe) Repete!

Branca – O quê? Já me esqueci.

Catarina – Estúpida! "A mulher tem os mesmos direitos do homem." Repete!

Branca – A mulher não pode ter os mesmos direitos do homem.

Catarina – Pode.

Branca – Não pode.

Catarina – (Bate-lhe) Aprendes ou não aprendes? Ou desejas a prostituição do casamento?

Branca – Falas assim por inveja.

Catarina – Eu?!

Branca – Vês que andam todos os rapazes de Lisboa atrás de mim. A ti ninguém se chega.

Catarina – Não me interessa.

Branca – Solta-me. Solta-me. Qual deles queres para ti? Juro que tudo farei para que seja teu.

Catarina – Não quero nenhum. Quero ser livre.

Branca – Porque te fechas à chave no teu quarto? Porque te recusas às boas companhias? Cata, Cata, juro que te quero bem. Quero que conquistes o homem que te apetecer.

Catarina – *(Bate-lhe)* Malcriada! Nojenta! Vou deitar-te pimenta na língua!

Branca – Livra-te!

Catarina – Galdéria! A qual dos três que te arrastam a asa vais submeter-te?

Branca – Acudam, acudam!

Catarina – Não grites. *(Bate-lhe)*

Branca - Acudam, que me matam!

Catarina – Cala-te, estafermo! *(Bate-lhe)*

(Entra Salomão)

Salomão – Que é lá isso? A espancar a tua irmã?!

Catarina – Insultou-me!

Salomão – Como?

Catarina – Com o seu silêncio. Vou-me vingar. *(Corre atrás de Branca)*

Salomão – À minha vista, nunca! Vai minha filha. E não chores.

(Branca sai a soluçar)

Catarina – Eu sei que o pai não me suporta. Ela é a sua menina querida e o seu tesouro. Ela precisa de marido. Ela, ela, ela! E eu?

Salomão – Cata, minha filha...

Catarina – Não fale mais comigo, judeu devasso e corrompido! Não fale mais comigo! Ao menos que apareça na família alguém com consciência, ao fim de vinte gerações de judeus nojentos! *(Sai)*

Salomão – Que poderá fazer o triste do pai desta filha?

(Entram: António acompanhado de Lúcio, vestido pobremente. Pedro com Hortêncio, este trazendo uma viola. E Serôdio)

António – Bons dias, Salomão.
Salomão – Bom dias, Comendador. Senhores...
Pedro – Senhor... Não existe aqui uma tal Catarina, que é linda, meiga e virtuosa?
Salomão – Tenho uma filha chamada Catarina.
António – Vá devagar, homem.
Pedro – Quero ir depressa! Ouvi falar de Catarina. Ouvi dizer que é púdica, prendada. Resolvi pedi-la em casamento. E para adiantar serviço, trouxe um homem cá dos meus para lhe ensinar a tocar viola. Porque sou de Azambuja e convivo com touros e cavalos. Ao serão há que tocar música, que touros e vinho requerem fado. Ou o aceita como professor ou eu me ofendo.
Hortêncio – Poderei dar lições também a Branca...
Salomão – Com certeza, seja bem vindo. No que se refere à minha filha Catarina, ela... - custa-me dizê-lo - não será do seu agrado.
Pedro – Das duas, uma: ou o Senhor não a quer casada ou é a minha pessoa que não lhe quadra.
Salomão – Quem é o Senhor?
Pedro – Pedro Jordão, ex-tenente, natural de Azambuja, sobrinho-bisneto do célebre Telles Jordão e filho de Nicolau, que o senhor conheceu.
Salomão – Nicolau Jordão! Filho de Nicolau Jordão.
Pedro – Já falecido!

Salomão – Nicolau Jordão... Grande tratante! Grande comilão! Grande sacripanta! Pois é muito bem feito que o Senhor case com a Catarina. É muito bem feito!

Pedro – Quatro casas no Ribatejo, duzentos mil hectares de propriedade, uma montanha de oliveiras e outra de cortiça, mil e oitocentas cabeças de gado, 4 carruagens, 1 automóvel igual ao do senhor Infante D. Afonso e o mais que me pertence e que consta das informações de Salomão Pinheiro & Catarata Banqueiros, tudo será de Catarina, no caso de enviuvar, sobrevivendo a mim.

Salomão – Gosto dessa franqueza.

António – Desejamos falar também das nossas fortunas e aptidões, uma vez que, nestes amores, somos pioneiros. Senhor Salomão, também trago um professor de Francês, mas para Branca. *(Indica Lúcio)*

Salomão – Obrigado, obrigado. *(Para Serôdio)* E o senhor? Ousarei perguntar-lhe o que faz aqui?

Serôdio – Sou Lúcio Formosinho, do Porto.

Salomão – Da família Formosinho?

Serôdio – Filho de Vicente.

Salomão – Oh! Muito prazer! E que deseja de mim?

Serôdio – A sua filha Branca.

Salomão – Se casar com Branca juntando a minha fortuna com a de seu pai, teremos o reino na mão em meia dúzia de anos. Seja bem-vindo. Porém, aviso-o lealmente: Branca não casará antes que Catarina tenha arranjado marido. Se o Senhor se puder aguentar o tempo necessário, será estudado o seu desejo. *(Toca a campainha, aparece um criado. Indica-lhe Lúcio e Hortêncio)* Leva este senhor à menina Catarina e este à menina Branca. Elas que os recebam bem. São os seus professores. E agora, caros amigos, vamos dar uma vista de olhos ao jardim, enquanto falamos.

Passamos pelo lago a ver os cisnes e os nenúfares, tomamos um aperitivo no caramanchão e depois ao jantar!

Pedro – Não posso perder tempo. Se conseguir o amor de sua filha, qual é o dote dela?

Salomão – Depois da minha morte, metade de tudo o que me pertence. Desde já lhe ofereço cento e cinquenta contos de reis, um automóvel e duas casas apalaçadas, uma em Lisboa e outra nas Caldas da Rainha para veranear. E, como mimo especial, metade das jóias que foram da mãe, avaliadas em trezentos contos.

Pedro – Trezentos contos? É o valor da totalidade ou é só o da metade que pertencerá a Catarina?

Salomão – Da totalidade.

Pedro – É pena.

Salomão – É o que se arranja.

Pedro – Ainda assim, estou interessado. Assinaremos um contrato em que tudo fique bem claro.

Salomão – Ah! Com uma condição: se o Senhor obtiver o amor de Catarina.

Pedro – Bah! Não é nada, isso. O orgulho dela só tem igual na minha teimosia. Para ela eu serei o vendaval, o tornado, a tromba de água. Ela vai dobrar-se a mim.

Salomão – Oh!

Pedro – Sim, porque sou um homem rude, uma besta. Não lhe farei tagatés.

Salomão – Desejo-lhe conquista rápida e feliz. Mas leve um escudo de protecção contra palavras más.

Pedro – Estou à prova delas.

(Entra Hortêncio com a cabeça partida)

Salomão – Porque vem tão pálido?

Hortêncio – Pálido? Eu? Estou pálido? Então é do medo.

Salomão – O quê? A minha filha não dá nada na viola?

Hortêncio – Melhor estará na tropa. Um canhão poderá resistir àquela fúria. Mas uma viola... uma viola, nunca.

Salomão – Ah, não a convenceu a tocar viola?

Hortêncio – Foi ela quem me convenceu a mim... Disse-lhe que trocava os dedos. Toquei-lhe para os pôr em posição nos bordões. Ela então, num ímpeto feroz: "A isto chamas tu bordões? Então lá vai bordoada." E enfiou-me a viola pela cabeça até aqui. E gritava: "Vai ensinar a tocar banza à burra da tua tia."

Pedro – Ah, ela é mesmo uma mulher! Agora amo-a dez vezes, dez mil vezes mais. Ah, onde está? Quanto tempo falta ainda para a ver?

Salomão – *(Para Hortêncio)* Vem comigo. Não estejas triste. Também tocas piano?

Hortêncio – E o meu instrumento predilecto.

Salomão – Então vais dar lições de piano à minha filha Branca. Senhor ex-tenente, quer vir comigo ou prefere que Cata venha aqui?

Pedro – Que venha. Depressa! *(Saem António, Serôdio e Hortêncio)* Quando chegar, digo-lhe do meu amor, antes do mais. E daí por diante é fácil. Seja o que for que ela diga, mesmo que seja contra mim, respondo-lhe como se ela tivesse dito aquilo que mais me convém. Insistindo neste caminho, ficará dentro em pouco sem saber o que pensa realmente. E não tardará a cair. Assim fazia no Limoeiro e em S. Julião da Barra meu tio bisavô. Ah, lá vem ela. Agora, ex-tenente Pedro Jordão, vê como falas! *(Entra Catarina trazendo um chicote)* Oh! Bom dia, Cata. Ouvi dizer que o teu nome é Cata.

Catarina – Ouviste só metade. Chamo-me Catarina. Portanto, és meio-surdo.

Pedro – Mentes, Cata. Chamam-te Cata e mais nada; ou a formosa Cata; às vezes Cata, a feroz, a megera Cata. Cata, cata-vento, a Cata gata, que encanta e não acata, a Cata que ataca e desacata, a minha Cata, doçura minha, super-guloseima! Cantada, decantada, pelas virtudes que tem em todas as cidades do reino onde alegria existe e onde a tua beleza soa e ressoa... Cata, eis-me comovido, aqui movido...

Catarina – Movido? Pois então quem te moveu p'ra aqui que te remova para longe. Logo vi que não passas dum móvel.

Pedro – Que móvel serei eu?

Catarina – Uma latrina.

Pedro – Muito bem! Muito bem! Ah! Senta-te em cima de mim!

Catarina – Os burros foram feitos para carregar. E tu também.

Pedro – As mulheres para receberem certas cargas. E tu também.

Catarina – Mas não para sentirem sobre si jumentos como tu.

Pedro – Quando estiveres debaixo de mim não te serei pesado, pois és moça e levezinha.

Catarina – Leve demais para ser levada por ti, que és um javardo!
Mas sei ser pesada se a tanto me obrigas. *(Pisa-o)*

Pedro – Oh, que meiga a tua pisadela! Para mim és leve como uma pomba!

Catarina – Não te fies! Eu faço sangue. *(Chicote)* E as pombas não.

Pedro – Sou ave de rapina à procura duma certa pomba.

Catarina – Na qual o teu bico não debicará.

Pedro – Estás tão irritadinha. A pomba fez-se vespa.

Catarina – É verdade. Cuidado com o ferrão.

Pedro – Vou arrancá-lo.

Catarina – Sabes onde o tenho?

Pedro - Aqui. Mostra!

Catarina – Não! *(Chicote)*

Pedro - Cata, eu sou um fidalgo.

Catarina – É o que vamos ver. *(Bate-lhe)*

Pedro — Estoiro-te se me bates outra vez.

Catarina – Então não és fidalgo. Ora experimenta. *(Tira um revólver)*

Pedro – Armada até aos dentes, para te encontrares com um apaixonado...

Catarina – Vem, aproxima-te!

Pedro – Porque te defendes com tanta violência?

Catarina – Porque ninguém me defende. Sou só E não hei-de ser tocada por ninguém.

Pedro – Algum homem te acometeu em pequenina? *(Chicotada)* Ah, já sei: não foi um, foram dois. *(Chicotada)* Foram três. E agora procuras a expiação. *(Chicotada)*

Catarina – Deixem-me em paz. Tu ou qualquer outro. Não te aproximes. *(Chicotada)*

(Pedro enrola-se no chicote e rapidamente a abraça, tomando-lhe a mão em que tem o revólver)

Catarina – Deixa-me, deixa-me, não quero brutalidades.

Pedro – O amor entre homem e mulher depende da crueldade com que, em certos momentos, a mulher é tratada. Ouviste?

Catarina – Deixa-me, torcionário! Carrasco! Era esta a sorte que me esperava se casasse contigo? Nunca! Larga-me, quero ir-me embora.

Pedro – Não vais, não te deixo. És meiga e deliciosa, Cata. És alegre e divertida. Estas qualidades moram lá no teu fundo. Serão reveladas no momento próprio, depois de receberes todo o meu tratamento. Queres fazer de ti própria um lago de

fel, e por isso trazes estes vestidos insuportáveis, dignos de areeiros e de almocreves. *(Rasga-lhe o fato)* Tens a pele da cor da amêndoa, Cata.

Catarina – (Descomposta) Socorro! Socorro!

Pedro – Ninguém virá em teu socorro. Todos estão à espera que seja eu a pedir socorro. Cata, as tuas ancas são suculentas como um pêssego.

Catarina – Deixa-me!

Pedro – (Pausa) O teu pai consente que eu case contigo.

Catarina – Mas não consinto eu. Não me impressionas. Deixas-me gelada.

Pedro – Quando estiveres na cama comigo, verás como te aqueço!

O dote está estipulado. Quer queiras, quer não queiras, serás minha mulher.

Catarina – Nunca! Antes suicidar-me!

Pedro – Não terás tempo! Estarás sempre junto a mim! Sou o único marido para ti, o teu marido natural, outro não haveria tão teu marido como eu! Eu vou salvar-te da desgraça em que caíste, ninguém mais te poderá salvar dessa tua vida sem afecto, sem

desejo, dessa miséria em que caíste! Só eu sei ver a tua beleza... a tua doçura... Nasci para ti, Cata, para te domar e fazer duma Cata-gata-selvagem uma Cata mansa... *(Catarina por um momento parece fascinada)* Eh! Tapa-te, aí vem o teu pai! Tapa-te com isto! Como ficas linda! E agora, nada recuses. *(Entra Salomão)* Serás minha, Cata, serás minha mulher!

Salomão – Então, Senhor ex-tenente, avançou muito junto de Cata?

Pedro – Sim. Fui fulminante.

Salomão – Continuas em fúria, minha filha?

Catarina – Sua filha, eu?! Que zelo paternal! Quer casar-me com um louco? Um rufião de touros e de fados, que só tem para se impor farroncas e pragas e ameaças?

Pedro – Meu Pai, na verdade, quem compreende Cata? Nem o Pai, nem ninguém. Ela é birrenta por estratégia, só! Não é, de facto, arrogante: é modesta! Não é acalorada: é fresca! É paciente e calma e casta e santa. Ela e eu, ambos, há um instante concordámos em casar no próximo Domingo.

Catarina – Nesse dia mais fácil será ver-te enforcado.

António – Ela diz que verá o Senhor no Domingo de preferência enforcado.

Serôdio – *(A Pedro)* Se é este o teu sucesso, então adeus nossa combinação.

Pedro – Paciência, amigos. Ela é para mim! Que vos importa, se ela e eu estamos satisfeitos? Foi combinado entre nós dois, a sós, que em público ela procederia como dantes, arisca e rabugenta. Incrível, quanto ela me ama! Oh, sim! Querida Cata! Pendurada ao meu pescoço, beijo após beijo, jura sobre jura, tão simplesmente me pescou, num piscar de olhos, para o seu amor. Maravilha ver como, estando só com a mulher, um homem, ainda que o não seja muito, domina uma megera. Dá-me a tua mão, Cata. Vou partir para os meus negócios. Meu pai, faça os convites e arranje a festa, uma festa de arromba! Sobretudo quero que no dia do casamento Catarina esteja linda.

Salomão – Dêem-me as vossas mãos. Enfim... negócio concluído!...

Serôdio e António – Assim seja! Nós somos testemunhas.

Pedro – Meu Pai, esposa, Senhores! Adeus! Tenho de ir... Domingo não tarda. Trarei anéis e jóias. Um beijo, um beijo, Catarina!

(Saem Catarina e Pedro em sentidos opostos)

António – Jamais casamento foi combinado com tanta rapidez. E as licenças? E o Patriarcado?

Salomão – Tudo se arranjará, porque convém. Não posso perder esta oportunidade. O mais depressa possível! Apesar de tudo preciso saber a respeito do modo de vida desse ex-tenente. Parecerá que represento o papel dum comerciante pouco isento. A verdade é que se encontrava a mercadoria sem saída, no armazém, coberta de bolor e de teias de aranha. Depois de a casar, ou dá rendimento, ou perde-se no mar. Eis o que arrisco. Enfim, neste assunto, ambiciono pela paz.

António – Bem a merece, para tratar do casamento da sua filha Branca. Hoje é o dia por que esperámos. Sou em Branca o primeiro interessado.

Serôdio – Sou de Branca o mais apaixonado.

António – Ó franganote, de amor você não sabe como eu sei.

Serôdio – Ó avozinho, o seu amor regela.

António – E o amor de você derrete. Vade retro, ó pichote! No amor e no vinho só a idade esmera e requinta.

Serôdio – Pergunte-lhes, pergunte às raparigas. Mais vale vinte anos que setenta, falando de amor, claro.

Salomão – Acabo já com a discussão. Só as realidades me interessam. Branca, no que respeita ao amor, decidirá por sua vontade. Mas é mulher prática. Não irá casar com quem lhe não assegure a vida digna que tem tido. *(Gritando)* Venham as fichas!

António – Eu tenho seis prédios em Lisboa, uma quinta em Algés...

Salomão – Não vale a pena pormenores, Comendador. Já vai ver porquê.

Serôdio – E eu sou filho de Vicente Formosinho.

Salomão – O seu pai será capaz de lhe dar tudo o que possui?

Serôdio – Sou seu único filho e único herdeiro.

Salomão – O seu pai terá de dar garantias. Garantias formais, directamente a mim!

Serôdio – Com certeza!

Salomão – Ah, as fichas! *(Entra um carro de fichas com as palavras: "Salomão Pinheiro & Catarata Banqueiros. Informações. Clientes e Não Clientes")* Por aqui já vou ver. Estas informações são confidenciais. Vejamos: fom, fon, fop, ah, cá está: for, Formosinho, Anastácio, para diante, Timóteo. Vicente. Vicente Formosinho. Cá está. *(Toma uma ficha)* Há outra. *(Toma-a)* Outra, outra, outra, outra. Dez fichas, meus senhores, dez, escritas de ambos os lados! *(Lendo)* "Conclusão: um dos maiores potentados do Reino e talvez da Península."

António – A minha fortuna é no Brasil. Sou o maior potentado do Brasil, um dos maiores da América do Sul e talvez da América do Norte também.

(Salomão faz com as fichas jogo semelhante)

Salomão – Dez fichas. Grande volume de negócio, Senhor Comendador. Produto contido nas folhas de certas árvores das florestas, não?

António – Produto que exporto para a América do Norte, que mo paga a peso de oiro.

Salomão – (Lendo) "Conclusões: O negócio, no entanto, é pouco firme."

António – Pouco firme?! Que infâmia!

Salomão – (Continuando) "Pois baseia-se na exploração do trabalho de cinco milhões de macacos que sobre as árvores na floresta extraem a matéria-prima."

António – É verdade!

Salomão – Não é possível! Cinco milhões de macacos formam uma nação!

António – Realmente. Há nações menos populosas.

Salomão – Extraordinário! Como conseguiu o Comendador que cinco milhões de macacos trabalhem para si?!

António – E na maior disciplina! Os macacos têm virtudes que a humanidade desconhece. Foi tarefa duma vida inteira! E agora vêm-me dizer que o negócio é pouco firme!

Salomão – Assim parece! Dum momento para o outro os macacos negam-se a trabalhar. Lá se vai o negócio por água abaixo!...

António - A mim, eles não me farão uma coisa dessas! *(Emocionado)*

Eles são felizes, tão felizes, Senhor Salomão Pinheiro, felicíssimos! Meus queridos macacos! Não desejarão nunca mudar de vida! Recusar-se-ão a atraiçoar-me! O negócio é firme. Mais firme do que se utilizasse homens. Os macacos tão cedo não farão reivindicações sociais.

Salomão – Porém, o Senhor Formosinho oferece mais sólidas garantias.

António – Não sei. *(Para Serôdio)* Que idade tem?

Serôdio – Vinte e dois anos.

António – Se a sua filha casar com ele, terá de aturar um homem a vida inteira. Mas se casar comigo, dentro de pouco toda a minha fortuna é dela, porque sou velho e... Hem? O que será preferível?

Salomão – Em termos de utilidade, o indicado seria Branca casar primeiro consigo e, depois de o senhor morrer, casar com o Senhor Formosinho.

António – E evidente.

Salomão – Porque o negócio que o senhor tem, do qual é legítimo suspeitar devido à originalidade, também não é coisa que se despreze à primeira vista.

António – Começa a vir às boas!

Salomão – Os homens já estão francamente no período das reivindicações sociais... O que ainda não acontece aos macacos... Eis um argumento considerável a sua favor... É possível que o Senhor disponha de mão-de-obra por mais tempo.

António – *(Comovido, quase a chorar)* Os meus macacos nunca se levantarão contra mim... São tão meigos, são tão queridos! Nunca serão capazes da dureza que a reivindicação exige...

Salomão – O Senhor lá sabe... Mas eu não vou impor à minha filha uma conduta ditada pelos interesses materiais. Ela é quem decidirá. Senhor Formosinho, se pretende casar com Branca, o seu pai tem de me dar garantias, hem? Se não mas der, nada feito!

Serôdio – Ora essa! Pois claro! Ele dá-as sem dificuldade!

Salomão – Fico à espera! *(Sai)*

António – Não me assusta seres filho de quem és. O teu pai tem fígados de tigre. Não irá entregar tudo o que tem nas tuas mãos. *(Sai furioso)*

Serôdio – Como se sairá o meu patrão desta embrulhada? Se conta tudo ao Senhor Vicente Formosinho, ele dará por paus e por pedras... Ah... Por que motivo alguém que não se chama Lúcio não há-de ter um pai que não se chama Vicente? Vou pôr um anúncio no jornal: "Pai precisa-se." Se não aparecer, sou eu que tenho de dar à luz o meu próprio pai.

4.ª CENA

(Em casa de Salomão. Lúcio, Hortêncio e Branca)

Lúcio - Começo eu a dar lição.

Hortêncio – Eu! A música tem prioridade!

Lúcio – Sim? Já esqueceste a recepção que te fez a mana Catarina?

Hortêncio – Branca, comecemos pela escala de fá. *(Para Lúcio)* Vai-te embora daqui.

Lúcio – Ó asno irracional! Não sabes para que serve a música? Para afastar o pensamento. O pensamento ameaça transformar-se em acção? Música! O espírito está fatigado? Música! Portanto, dou eu primeiro a lição de Francês, língua inteligente, cansativa. Depois entras tu com a música.

Hortêncio – Pelo contrário: relaxado pela música o espírito da aluna, melhor será a tua lição de Francês. Portanto, começo eu. Branca...

Lúcio – Nunca!

Branca – A escolha compete-me a mim .

Hortêncio – E qual é?

Branca - Nenhuma.

Lúcio e Hortêncio - Oh!

Branca – Não estudo mais!

Hortêncio – Mas... é embaraçoso...

Lúcio – Para mim também. O seu pai paga-me para lhe ensinar Francês.

Branca – Só agora lhes chegou o escrúpulo? Que sabe você de Francês? E você de música ou de piano?

Hortêncio – Sou professor há cinco anos. Tenho diplomas.

Lúcio – E eu tenho diplomas e canudo!

Branca – Ouçam: estou sequestrada por meu pai. Sequestrada, ouviram? Até casar. O casamento é a minha liberdade. Eis o

único motivo por que anseio por ele. Quando alcançar essa liberdade, abusarei dela. Para me vingar da violência de que sou vítima e dum modo de viver que permite violências tais.

Lúcio – Que perspectivas, para o seu futuro marido!

Branca – Nem você é professor de música, nem você de Francês. Não há aqui professor algum. Há dois pretendentes à minha pessoa, que se disfarçaram de professores para terem acesso à minha convivência.

Hortêncio – Oh!

Lúcio – É verdade, sim... Mas o que não faria eu para estar face a face com a mulher por quem me apaixonei? Uma paixão sem qualquer bom senso?...

Hortêncio – Cala-te! Antes de ti, já Branca era minha... em pensamento.

Branca – Ouçam ambos: àquele que casar comigo, prometo o seguinte: primeiro, cortarei relações com o meu pai e com toda a súcia que o rodeia; segundo, participarei em todas as acções de propaganda republicana, as revolucionárias, inclusivamente; frequentarei os centros cívicos republicanos, mesmo os clandestinos; farei por todos os meios a propaganda republicana; tomarei parte nos atentados que se decida fazer contra a vida do Rei; *terceiro,* tudo empenharei para atingir os meus objectivos, sacrificarei a minha fortuna, até a minha felicidade conjugal. Sim, se for preciso, porei ao meu marido um par de cornos. Interessa-lhes, mesmo assim, casar comigo?

Lúcio – Então porque se mostra sempre tão feminina?

Branca. – Sou feminina. É como mulher, e não como uma reles imitação de homem, que levarei por diante o meu programa.

Lúcio – Mas faz-se passar por uma linda e rica rapariga fútil, toda da sua casa...

Branca – Estratégia, até que possa mostrar-me como sou. Política é isto.

Hortêncio – Aceito as condições. Casarei consigo.

Branca – Vou considerar a sua pretensão.

Lúcio – Agora amo-a ainda mais, agora que conheço as suas ideias. Sentia que tinha encontrado a minha alma gémea. Acabo de saber que encontrei também o meu espírito gémeo, a minha vontade gémea, a minha teoria gémea. Branca, quero casar consigo.

Branca – Vou considerar a sua pretensão.

Lúcio – Chamo-me Lúcio Formosinho. O meu pai é milionário. Sou o seu único herdeiro. Façamos um pacto: casemos e unamos as nossas fortunas. E fortes dessa força que só o dinheiro dá, vamos cumprir o nosso programa de destruição.

Branca – Não sei se a proposta me convém. Por agora, podem ambos beijar-me a mão. *(Beijam-lhe cada qual uma mão)* As "lições" dos senhores "professores" à menina sequestrada prosseguirão amanhã, como se nada fosse. De acordo?

Hortêncio e Lúcio – De acordo.

Branca – Palavra de honra?

Hortêncio e Lúcio – Palavra de honra!

(Branca sai)

Lúcio – Não a mereces! O melhor é retirares-te já! Ouviste?

Hortêncio – És parvo!

Lúcio – Ela é uma mulher a sério, há-de salvar o País! Que podes tu fazer pelo País com os teus toiros? Nada.

Hortêncio – Posso criar um País novo. Basta-me entrar com uma manada pela Câmara dos Pares dentro.

Lúcio – Cuidado! Nada de iniciativas junto dela! Branca é minha. Ficarei à coca! *(Sai)*

Hortêncio – Parece-me que vou voltar à minha viúva. Ama-me apaixonadamente; embora lhe tenha declarado que já não a quero, daí para cá nem um único dia deixou de me enviar a casa um galego com um ramo de cravos e um bilhete ameaçando-me de me espetar um punhal nas costas ou de me dar dois tiros de revólver, se não casar com ela. É verdade que é uma megera, um virago, um furacão. Mas isto não tem importância. Pedirei a Pedro Jordão que me deixe frequentar a sua escola e que me ensine os truques com os quais se amansa uma fera.

5.ª CENA

(Em casa de Salomão. Um relógio de torre dá 12 badaladas. Em cena, Salomão, António, Serôdio, Catarina, Branca, Lúcio e Criados)

Salomão – Meio-dia. O casamento foi marcado para as 10 e meia. E Sua Excelência o Senhor ex-tenente Pedro Jordão ainda não chegou!

Branca – Provavelmente o automóvel teve avaria!...

Serôdio – Não há estrada de Azambuja a Lisboa.

António – E sem noivo não há casamento!... Oh!...

Salomão – *(Ao criado)* Rapaz! Vai à estação do Rossio. Vai saber se algum comboio de Azambuja chegou atrasado!

Serôdio – Não há comboio de Azambuja para Lisboa.

Lúcio – Nem o ex-tenente viria de comboio. O cavalo é o seu único meio de transporte.

Salomão – Será a demora propositada para me humilhar, a mim? Oh! A capela está cheia! O padre, vestido, paramentado, finge-se tranquilo. Mas eu conheço-o: daqui a pouco irrita-se

e põe-se a dar patadas no chão e a praguejar. Que vergonha, para mais, junto do altar!

Catarina – A vergonha é minha! Que dirão de mim? "É bem feito, megera! Pagas pela língua! Espera! Espera que o ex-tenente apareça para casar contigo! Já és viúva e ainda não gozaste nada!" E isto o que as línguas perversas vão dizer!

Serôdio – Se o ex-tenente não está aqui a cumprir a sua palavra, é devido a algum imprevisto!

António – Ah, uma vez que vem da Azambuja, quem sabe se a quadrilha de ladrões que actua no pinhal o reteve, o raptou?

Salomão – Não é possível!

António – Porquê? Os jornais vêm cheio de notícias de assaltos.

Salomão – Não é possível!

António – O ex-tenente com certeza trazia jóias, colares, para oferecer à mulher. A quadrilha soube e assaltou-o para o roubar...

Salomão – Não é possível!

António – Porquê?

Salomão – Se tivesse visto a ficha dele, não o perguntava.

Catarina – Quem me dera que a esta hora esteja morto, de barriga para baixo, com cinco balázios nas costas!

Branca – E se não vem?

António – Tem de vir! Tem de vir!

Salomão – Como pude eu ser tão parvo e tão ingénuo! Como pude acreditar que alguém, mesmo este sevandija, se prestava a casar com Catarina?

Serôdio – Porque não o obrigou a assinar um contrato?

Salomão – Como, se desapareceu? Todos os dias enviou um telegrama, mas cada telegrama foi expedido de terra diferente, o primeiro de Santarém, o segundo das Caldas, e os outros de Coimbra, do Porto, de Braga, de Barcelos, de

Viana do Castelo. O de anteontem veio de Santiago de Compostela.

Catarina – Porque não me deu esses telegramas, meu pai? Eram para mim.

António – Se o ex-tenente estava anteontem em Santiago de Compostela, como pode hoje estar aqui?

(Entra um criado)

Criado – Um telegrama.

Salomão – Dá-mo.

Catarina – É para mim.

Salomão – *(Abre e lê)* "Meu amor amanhã será nossa grande noite ponto. Só penso tua beleza boa qualidade tua carnação ponto casamento será porta aberta para o meu prazer ponto beijos beijos ponto teu Pedro."

António – Repete beijos?

Salomão – *(Lendo)* Sim, "beijos, beijos". Está aqui.

António – Ah! Bom sinal.

Salomão – Este telegrama foi posto ontem às cinco horas da tarde em Salamanca!

Catarina – Em Salamanca?

Serôdio – Esquisito.

António – Anteontem em Santiago de Compostela, ontem em Salamanca...

Salomão – Não teve ainda tempo de chegar a Lisboa.

Lúcio – Porquê? Não é mais longe do que de Santiago de Compostela a Salamanca.

Salomão – Ele não vem, Catarina. Vou mandar embora os convidados!

Catarina – Que bom! Já não me caso! Já não me caso! *(Tira o véu e sai)*

Serôdio - Só mais um instante! Ele não é capaz de fazer tal coisa!

(Grande alarido, com gritos de "Viva o noivo!")

Salomão – (Para o criado) Vai dizer à menina Catarina que ponha o véu e volte. Leva-lhe o véu, sacripanta!

(Entram Pedro e Calado. Pedro vem vestido de maneira espantosa)

Pedro – Ora vivam as elegâncias!
Salomão – Ah!
Pedro – Não vim lá muito bem.
Salomão – Nem tão bem vestido como eu gostaria.
Pedro – O importante foi chegar a tempo.
Salomão – Com duas horas de atraso...
Pedro – Não tinha reparado. Onde está Cata, a minha noiva querida? Mas porque estão todos de cara à banda? Olham para mim como se fosse um monstro, uma aparição!
Salomão – Estivemos tristes, com medo que não viesse. Agora estamos tristes e com medo porque veio. Nessa figura, senhor! Irra, fora com o fato que é uma vergonha! É a denúncia do que no casamento há de mais íntimo e de mais indecente!
Serôdio – Porque te afastaste da tua noiva durante tanto tempo? Porque andaste a correr mundo, antes de te casares?
Pedro – Seria uma maçada para mim contar e para os senhores ouvir.
Salomão – E os telegramas? Porquê cada dia um telegrama de cada cidade?
Pedro – Ah, chegaram... A minha Cata leu-os? Gostou da ideia? O importante é que aqui estou, para honrar a palavra dada.

Sei que me encontro forçado a extravagâncias. É um mistério que não vou desvendar. É assim mesmo. Ah! Cata está à minha espera. Onde está Cata? Para a igreja, depressa.

Serôdio – Não lhe apareças com esse fato. Vai ao meu quarto e veste um fato meu.

Pedro – Quero aparecer assim!

Salomão – Vai casar-se nesse preparo?

Pedro – Assim mesmo. Sem mais conversa. Ela não casa com a fatiota. Se eu pudesse substituir o que de mim ela usará, tão facilmente como posso mudar estes pobres trapos, era bem bom para Cata e melhor para mim. Que patetice! Aqui na conversa, quando já podia estar ao lado da minha querida Cata, a selar o meu título de noivo com um beijo apaixonado!

(Saem Pedro e Calado)

Serôdio – Vestiu-se assim, decerto para tirar qualquer efeito. Vamos convencê-lo a vestir-se decentemente antes de entrar na igreja.

(Sai. Ouve-se música na igreja)

Salomão – Vou atrás dele para ver o que acontece.

(Saem Salomão e António)

Serôdio – (Para Lúcio) E agora a nossa Branca. O velho judeu exige que o Senhor Vicente se comprometa quanto ao dote.

Lúcio – O meu pai?

Serôdio – Sim, sim, o pai do menino.

Lúcio – E tu que respondeste? Prometeste ao judeu alguma coisa?

Serôdio – Tudo.

Lúcio – O quê?

Serôdio – Tudo quanto o pai do menino possui.

Lúcio – Para quando?

Serôdio – Para já!

Lúcio – És louco. O meu pai não vai nisso.

Serôdio – Pois não.

Lúcio – Para que foste fazer esse disparate?

Serôdio – O menino quer a mulher ou não quer a mulher?

Lúcio – Quero.

Serôdio – Então não olhe a despesas.

Lúcio – Mas não existe o que prometeste. Portanto, não terei mulher. Vês o que arranjaste? Como descalço esta bota?

Serôdio – Hei-de obter um pai para mim, um pai como deve ser, um pai que dê a Salomão as garantias que forem precisas.

Lúcio – Mais fácil seria raptar Branca, levá-la para uma casa à beira-mar, numa aldeia de pescadores. E depois de consumado o feito, casar com ela.

Serôdio – Então, rapta-se.

Lúcio – Como? Com todos os criados que há nesta casa? Com os polícias que a rodeiam e a espiam? Impossível.

Serôdio – Então arranja-se um pai para mim e pronto. Vamos fintar o judeu Salomão, como nunca na vida foi fintado.

(Entra António)

Lúcio – Já de volta?

Serôdio – Os noivos vêm a caminho?

António – Noivo, aquilo? Catarina tem de se haver com uma fera. Uma besta-fera!

Serôdio – Mais do que ela? Impossível.

António – Em comparação com ele, Catarina é uma pomba, uma parva. Quando o padre lhe perguntou se ele aceitava Cata como mulher, sabe o que respondeu? "Sim, sim, que pergunta mais idiota!" E seguiu praguejando contra o padre e contra a cerimónia, uma mariquice, segundo lhe chamou. O padre, atarantado, deixou cair o livro. Baixou-se para o apanhar. Então ele deu-lhe tamanho cachação que padre e livro, livro e padre se espalharam pelas pedras. "Tragam colheres de pau" - gritou ele - "tragam colheres de pau para apanhar do chão essa merda à colherada!"

Serôdio – E ela? A Catarina?

António – Tremia, agitava-se enquanto o ex-tenente batia com os pés e blasfemava, acusando o padre de o querer intrujar. Finda a cerimónia, vai direito ao altar, pega na galheta do vinho e emborca um gole. "Bela pinga", gritou e bateu na barriga, consolado. O vinho que restava despejou-o na cara do sacristão e esfregou-lha dizendo: "É para a barba te crescer depressa." Só então se voltou para a noiva. "Ah grande fêmea!" gritou. E agarrou-a pelo pescoço e beijou-a na boca durante tanto tempo que a pobre sufocava. Quando se separaram, um estalo ressoou na abóbada. Eu estava envergonhado e fugi. E muita gente fugiu atrás de mim.

Serôdio – Esquisito...

António – Oh, como a humanidade é corriqueira! Se fossem os meus macacos...

(Música. Entram Pedro, Catarina, Branca, Salomão, Hortêncio, Calado e comitiva)

Pedro – Amigos e senhores, obrigado pela maçada. Sei que prepararam um banquete. Infelizmente, de urgência me chamam longe daqui. Despeço-me de vós.

Salomão – Será possível? Vai-se embora ainda hoje?

Pedro – Tem de ser. Porque se admiram? Se soubessem os motivos, pediam-me para partir e não para ficar. Muito obrigado a todo os que testemunharam a minha união com a mais doce e meiga e virtuosa das mulheres. Fiquem, comam na companhia do nosso pai, bebam um copo à minha saúde. Eu vou, preciso de partir. Adeus a todos.

Serôdio – Fique até ao jantar. É uma súplica.

Pedro – Não posso.

António - É uma súplica.

Pedro - Não posso.

Catarina – É uma súplica.

Pedro - Estou muito contente.

Catarina – Porque não ficas?

Pedro – Não. Porque me suplicas para ficar. Não ficarei, ainda que mo supliques com toda a tua força suplicante.

Catarina – Se me amas, fica.

Pedro – Calado! Os cavalos!

Calado – Estão prontos, patrão. A aveia já comeu os cavalos.

Catarina – Farás o que quiseres. Mas eu hoje não irei daqui! Nem amanhã. Nem antes que me apeteça. A porta está aberta. Sai por ali, se quiseres ir. Vai, a trote ou a galope, se as botas te aguentarem. Por mim, não vou! Fico até que me dê na gana. Que marido ordinário me saiu na rifa! Que brutalidade já desferrou, logo no primeiro dia!

Pedro – Cata, tem calma, peço, não te zangues!

Catarina – E se me zangar, tu que fazes? Diz! Que fazes? Pai, esteja tranquilo. Esse homem ficará aqui até eu querer.

António – Meu Deus! Ele começa a ficar vencido.

Catarina – Ao que está sujeita uma mulher, se não tem força para resistir. Vamos, senhores, à boda!

Pedro – Estes senhores irão à boda como lhes dizes, Cata. Obedecei à noiva, vós, da comitiva. Ao banquete! Celebrem e divirtam-se! Brindem à virgindade da noiva que não tarda muito irá à viola. Estejam alegres, percam a cabeça, até à loucura. Embebedem-se! Ou se preferirem vão para o diabo! Mas Cata, noiva amada, vem comigo. Vamos, não ponham essas caras de asnos. Não se irritem nem tremam. Não espumem. Quero ser proprietário do que me pertence. É minha, Catarina, é coisa minha, é a minha casa, é móvel meu, é o meu campo, a minha quinta, o meu cavalo e boi e burro e tudo. *(Tira dois revólveres)* Toque-lhe seja quem for... Darei uma lição ao mais pintado desta Capital que me impeça a passagem! Atenção, Calado, atenção: defende a saída da tua senhora, se for preciso, atira a matar! Não tenhas medo, Catarina, meu amor, não poderão tocar-te. És minha. Serei o teu escudo contra um milhão!

(Saem Pedro, Catarina e Calado. Antes de sair, Pedro dá tiros para o ar. Pausa)

Salomão – É melhor que se vá, esse casal pacífico!

António – Ah, se ficassem eu morria a rir!

Lúcio – *(A Branca)* Então, que diz do casamento da Catarina?

Branca – Que está casada. O que não é pouco.

António – Garanto-vos: O ex-tenente está *catarinado*!

Salomão – Amigos, ainda que os noivos não estejam para tomar os seus lugares à mesa, animação não faltará à festa. *(Para Serôdio)* Lúcio toma o lugar do marido e Branca o da irmã.

Serôdio – O quê? E o ensaio geral de Branca no papel de noiva?
Salomão – Exactamente, Lúcio! Vamos, meus senhores.

II PARTE

6.ª CENA

(Casa de Pedro Jordão no Pinhal da Azambuja. Luz soturna. Há 5 serventuários do ex-tenente: Anjo, Pica-Chouriço, Cabresto, Represas e Presilhas. Pica-Chouriço está em cena, de espanador, limpando o pó e cantarolando)

Pica-Chouriço – Ó anjo da minha vida
és levezinho de pé.
Alça a perna no virote
mostra onde tens a ralé
Ó anjo, ó anjo...
Anjo – (Entra) Chamaste-me, Pica-Chouriço?
Pica– Chouriço - Eu?
Anjo – Como disseste ó Anjo, ó Anjo...
Pica– Chouriço - Cantava. Mas não é mal lembrado. Ajuda, que há muito pó.
Anjo – Eu, limpar o pó?... Manda-me assentar um arraial de porrada numa virgem donzela, esfaquear o chefe duma quadrilha e tens colaborador. Limpar o pó, lavar a louça, esfregar o chão, fico com uma dor de rinzes... E depois para que é que são todos estes preparados?
Pica– Chouriço - O nosso ex-tenente casou-se.
Anjo – Ah, casou-se, hem?

Pica– Chouriço - Com uma donzela de Lisboa.

Anjo – Doravante já não será preciso ir busca-lhe raparigas à monda do arroz. Eu nunca percebi a mania dele por essas raparigas que andam metidas na água pelo menos até ao joelho.

Pica– Chouriço - Gosta de humidade.

Anjo – Para que é a transformação nesta casa? Tantas vezes ele aqui ficou deitado connosco e com os cavalos, preparados para o momento da surtida...! Agora tudo num luxo... Ali era o monte dos arcabuzes... ali o espeto para assar os cabritos... ali o barril da aguardente, para as noites geladas... E agora é tudo um luxo. Mas para quê, homem?

Pica-Chouriço - Para a mulher, que é criatura delicada.

Anjo – Dizem que não. Que sempre resmunga e sempre refila. Seja ela o que for, porque a não levou para a casa da vila? Lá, ao que dizem, tem cama de penas, coxins e criada de avental.

(Calado entra intempestivamente)

Calado – Raios partam os cavalos cansados, os patrões malucos, os arrozais alagados! Mandaram-me à frente para ver se está tudo pronto.

Pica-Chouriço - Só faltava limpar o pó. Acabei agora.

Calado – Os tambores?

Pica-Chouriço - No seu lugar.

Calado – Eh, lá, que é aquilo ali? *(Indica um sofá)*

Anjo – Veio da cidade.

Calado – Põe-no direito.

Pica-Chouriço - Está direito. É para a gente se assentar. Olha. *(Senta-se no sofá, que está de pernas para o ar)*

Calado – Oh, selvagem! Vá, pega aí. Volta. *(Põem-no direito)* É assim. *(Senta-se)*

Pica-Chouriço - Deixa experimentar. *(Experimenta e pula nas molas)* Eh, eh, Diabo, isto é mesmo bom. Eh, ó Anjo, experimenta! *(Anjo vai experimentar. Pica-Chouriço chama os outros)* Eh, ó Presilhas, ó Represas, ó Cabresto! Eh, venham cá, venham cá! Isto embala mais do que uma barca.

(Continua a algazarra. Pica-Chouriço entra e com Represas atiram-se para o sofá e entram no jogo. Cabresto assoma à porta depois)

Cabresto – Que raio é aquilo?

Anjo – Anda para aqui, estúpido, anda para aqui! Isto é mesmo bom. *(Salta para cima dos outros. O sofá parte-se)*

Calado – Que raio! Partiu-se! Que irá dizer o nosso ex-tenente?

Pica-Chouriço - O melhor é levá-lo daqui para fora e escondê-lo.

Calado – És parvo! Ele topa logo que o sofá desapareceu! E... a qual de nós zurzirá com o cavalo marinho? Hem? E então da maneira que ele anda. Porque desde que se casou, o nosso ex-tenente está cem vezes pior.

Presilhas – Não me digas.

Calado – Podia ter trazido a mulher numa tipóia. Não, veio na garupa do cavalo. Podia tê-la trazido pela estrada real. Não, logo meteu por atalhos e pelos campos de arroz cobertos de água. Aí o cavalo foi ao chão. Pensas que ele se ralou? Desatou à gargalhada! A pobre afogava-se, pois ficou debaixo do cavalo. Estava ela quase a estrebuchar, deitou-lhe a mão à cabeleira, puxou-a, deu-lhe um beijo na boca e gritou: "Vem cá que viva é que te quero!"

Anjo – Ah, está hoje nos seus dias danados!...

Calado – Em vez de atravessar o rio mais acima, passou-o ao pé dos redemoinhos num barco pequeno. O barqueiro mal o aguentava contra a corrente. A desgraçada ganiu com medo de cair ao rio. E quando vai chegando à margem ele grita: "Estás suja de lama, não te quero assim. Para o banho." E atirou-a à água. Estendeu-lhe um varapau e foi-a rebocando para a margem, atrás do barco.

Pica-Chouriço - E ela?

Calado – Molhada que nem um pinto. A tremer de frio, o resto do dia a cavalo até aqui. A comida está pronta?

Pica-Chouriço - Sim. Comer é que não há-de faltar, nem para o nosso ex-tenente, nem para a serigaita, nem cá para a rapaziada. Vamos encher o bandulho até à goela. E a pinga que para cá mandou é da melhor.

Calado – Pois eu trago recado dele. Ouçam todos.

Pica-Chouriço - Eh, venham escutar o que manda dizer o nosso ex-tenente!

Calado - 1.º Fazer tudo o que ele e só ele disser, nem mesmo a ela ninguém lhe obedeça. 2.º Ninguém se espantará com nada que ele faça nem com nada que ele diga, e submissão aos maus tratos, porque tudo há-de ser recompensado. 3.º Aquele que deixar perceber o fim para que dantes esta casa servia, tem de se haver com o nosso ex-tenente.

Pica-Chouriço - Cautela, camaradas. Se não nos portamos bem, é homem para nos dar um arraial de chicotada e manda-nos prestar serviço para outro pinhal qualquer! E todos são piores do que estes.

Anjo – Como fez ao Cotovia, que enviou para os matagais de Santiago de Compostela.

Represas – Ou ao Galinha-Preta que foi malhar com os ossos para além de Salamanca.

Calado – Juizinho, hem?

(Entram Pedro e Catarina. Todos, excepto Calado, recuam, assustados, escondendo-se. Pica-Chouriço e Represas não se contêm e escondem as caras com os lenços, como nos assaltos, pelo que são repreendidos pelos outros)

Pedro – Onde está a canalhada? Ninguém à porta para me segurar o estribo e levar o cavalo! Onde se meteram, eh, safardanas!

Todos – Eis-nos, eis-nos, eis-nos, eis-nos...

Pedro – Asnos, asnos, asnos, asnos. Eis-nos asnos, asnos eis-nos, eis-nos asnos! E burros e malcriados! Já se perdeu aqui a noção das obrigações? Onde está o palerma que mandei à frente?

Calado – Eis-me senhor, palerma e idiota como dantes.

Pedro – Selvagem, filho duma puta e duma égua!

Calado – Sim, senhor.

Pedro – Não te mandei esperar-me junto ao portão de armas, com essas outras cavalgaduras em fila?

Calado – O meu ex-tenente chegou, ainda eu estava a tomar as disposições. Porque eles não tinham vestido os uniformes de dia de casamento.

Pedro – Porque não os vestiram, ténias, porquê minhocas?

Pica-Chouriço - Não chegaram.

Pedro – Dêem-me o cavalo marinho. *(Levam-lhe o cavalo marinho)* E porque não chegaram?

Pica-Chouriço - Não os enviaram, não temos a culpa.

Pedro – Ah, não tens culpa? Toma! Não tens culpa? Toma! Não tens culpa? Toma! *(Bate-lhes)* Julgam que eu não me casei? Julgam que não quero respeitada a minha querida mulher? Ela merecia criadagem de uniforme novo e dragonas doiradas. Canalhada! Rápido, a ceia! *(Alguns saem. Canta)*

Ai Ribatejo
Ó Azambuja

Onde estão esses... Cata, senta-te, benvinda sejas, meu amor, querida Cata... *(Entram criados com a ceia)* Despachem-se, depressa! Cata, Catinha, meu amor, minha beleza, vamos, alegria. Senta– te aqui. *(Indica-lhe o sofá. Receio e exclamações dos criados presentes. Catarina, envergonha-se das carícias que Pedro lhe faz)* Ó bestas! Quem me tira as botas, ó biltres! *(Tiram-lhe as botas. Canta)*

Foge o frade do convento
vai ser livre como o vento

Fora, estupor, que me arrancas o pé! Toma! *(Bate-lhe)* Aprendeste ao menos a tirar-me a outra bota? Cata, alegria! Tragam água, tragam água! O meu perdigueiro onde está? Eh! Zé do Telhado! Zé do Telhado! Nem sequer o perdigueiro compreende a solenidade deste dia! *(Para um dos criados)* Mexe-te, estupor, manda dizer ao meu primo Fernando que venha cá.

Calado – Não chegou ainda de Salamanca.

Pedro – Não? E o que digo: caso-me, estou aqui, e não tenho o perdigueiro, nem sequer o primo Fernando. Cata, este primo Fernando é homem a valer. Deves beijá-lo e conhecê-lo. Valente como ninguém. Foi ele quem iniciou em Portugal os assaltos aos comboios, à maneira americana. Num descampado, com pistolas e cavalos. E ninguém o apanhou nem apanhará. Vem a água ou não? *(Apresentam-lhe um lavatório)* Cata, benvinda sejas, de

todo o coração. Lava-te, lava-te, que bem precisas. *(O criado deixa cair o jarro)* Filho da puta, sacana!

Catarina – Tem paciência, ele não fez por querer!

Pedro – Orelhudo, cabeça de enguia! Vem, Cata, senta-se! Tens fome, não? *(Sentam-se)* Que é isto? Borrego?

Criado – É.

Pedro – Quem o trouxe?

Criado —Eu.

Pedro – Está queimado. E toda a outra carne. Grandes cães! Quem tem o topete de me trazer isto, sabendo que não posso comer carne queimada? Querem-me envenenar?! Daqui para fora, levem tudo, copos, pratos. *(Vira a mesa)* Nojentos, corja de escravos, porcos! O que resmungam? *(Eles não resmungam)* Já vos trato da doença!

Catarina – Queridinho, por favor. A carne estava boa, muito boa... não fosse a tua exigência...

Pedro – Não tenho o direito de ser exigente, nem no dia em que me caso? Em que caso contigo? A carne estava queimada e requeimada. E ressequida. Estou proibido de tocar em carne assim, pois produz a cólera e a fúria! A fúria, é verdade! Já temos, de nós próprios, a fúria que chega e cólera que basta. Nada de comer carne queimada. Vamos jejuar, os dois. Esta noite jejuamos juntamente. Eh, canalhada, eh récua! Não se esqueçam de que nesta casa existe o subterrâneo. Eles sabem o que é o subterrâneo, mas tu não. É uma dependência inferior ao piso térreo, aí por baixo, que se encontra atulhada de esqueletos. *(Ri-se)* Aqui está a porta. Quem não se portar como deve, vai lá para baixo, aumentar a pilha das ossadas. *(Abre a porta do subterrâneo e obriga Catarina a ver. Ela quase tomba. Da' um grito. Vai safar-se. Pedro*

agarra-a brutalmente sorrindo) Vamos, Cata, anda comigo, meu amor, ao nosso quarto nupcial.

(Saem, seguidos por Anjo. Cata vai a tremer)

Pica-Chouriço - Já viste coisa parecida?
Represas – Ainda morre afogada em tanto mau génio.

(Anjo volta)

Calado – Então, o que se passa?
Anjo – Está com ela no quarto. Pregou-lhe o sermão da abstinência, "cruzes na boca, Cata, cruzes na boca". E desatou a praguejar e a zurzir o ar com o cavalo marinho. Ela, de rabo entre as pernas, não sabe onde se meter. Já não fala nem tem esperteza para se esconder. Está atarantada, como quando se arranca a cabeça a uma mosca.
Pica-Chouriço - *Cavar, cavar,* que ele vem aí.

(Saem assustados. Entra Pedro, trazendo na mão o manuscrito de seu tio-bisavô, Telles Jordão)

Pedro – Diplomaticamente comecei o meu reinado. Para o que muito me serviu o manuscrito do meu tio-bisavô Telles Jordão: *"Práticas para a Extracção de Confissões e para Lavar Cabeças Cheias de Ideias Porcas"*. Nunca foi publicado e ainda bem, ficou para uso privativo da família. Cá está: "Quando a alma se submete, a mente descansa." "De como se cria a convicção de que a escravidão é a verdadeira liberdade." "Quem não aterroriza, nada alcança." "E fácil desarticular o funcionamento dum

cérebro, submetendo-o à agressão simultânea de vários ritmos potentes, marcados em tempos diferentes." "Quando se notam no converso os primeiros sinais de cedência, é pecado não ir até ao fim." Os tambores, rapaziada! Comecem os tambores! *(Lê)* "Nada de comer nem dormir. O mais endurecido prevaricador, se tem fome e sono e se está enfraquecido e de nervos em frangalhos, e se sente a sua dignidade particular ofendida e sem defesa, será convertido ou a Cristo ou a Mafona, conforme nós quisermos." "Quanto mais apaixonadamente protestar a sua crença e refilar, mais facilmente se converte. Gosto de os ver, a esses puritanos, de espuma na boca, representando o papel de heróis e de sacrificados. São os que mais facilmente caem nas nossas inteligentes ratoeiras." *(Começam a tocar os tambores)* Catarina não comeu nem comerá. Nem hoje nem amanhã. Não dorme esta noite nem na que vem. Está exausta da viagem e dos tratos que lhe dei. Desta casa não pode sair. Aqui todos a atacam e só eu a defendo quando quero. A fome, o sono e os tambores farão a minha obra.

(Tambores mais fortes. Entra Catarina)

Catarina – Não posso mais! Não posso mais! Tenho sono! Quero dormir! *(Pausa)* Manda parar os tambores!

Pedro – Não se calaram. Não se calarão!

Catarina – Quem toca os tambores?

Pedro – Não sei.

Catarina – Os teus escravos!?

Pedro – Talvez!

Catarina – Se são os teus escravos, podes mandá-los parar. Ah! Este som abala-me o corpo, ocupa-me toda da cabeça.

Pedro – Será assim a noite inteira.

Catarina – Ah! *(Grito)*
Pedro – Dança, Cata, dança para o teu senhor!

(Catarina cai. Pedro levanta-a e bate-lhe. Ao fundo da cena, surgem formas indistintas, talvez esqueletos, que desaparecem depois de Catarina as ver. Catarina foge, grita e acaba por se refugiar junto de Pedro)

Pedro – Puta! Grande puta! Deves-me a vida. Se não fosse eu, eles engoliam-te inteira! Ajoelha. Ajoelha! *(Catarina ajoelha-se)* Abraça os tornozelos do teu salvador!
Catarina – Ai! Os tambores!...
Pedro – Cala-te! Faz o que te mandei! *(Catarina abraça-lhe as canelas, beija-lhe as botas)* E agora dança para mim! Levanta-te! *(Levanta-se)* Dança para mim. Para mim quero toda a tua graça! Para mim, Cata, toda a tua graça para o teu marido! Dançarás toda a noite.
Dança para o teu Senhor!!!

(Catarina dança. Pedro senta-se perto da lareira. Zé do Telhado, o perdigueiro, entra e deita-se a seus pés. Pedro afaga-o carinhosamente. Ao fundo, na semi-escuridão, de cócoras, os criados comem das suas gamelas)

7.ª CENA

(Em Lisboa, à beira do Tejo, manhã luminosa. Catedrático, que veio da outra banda, sobe por umas escadinhas)

Serôdio – O senhor vem de Cacilhas?
Catedrático – Sim.
Serôdio – Então pode-me informar do que se passa lá...
Catedrático – Onde?
Serôdio – Em Cacilhas.
Catedrático – Não se passa nada.
Serôdio - Por acaso é do Porto?
Catedrático – Não.
Serôdio – É parecidíssimo com um pai que existe no Porto.
Catedrático – Largue-me! Sou Professor Catedrático! Venho ocupar a minha cátedra no Curso Superior de Letras.
Serôdio – Disse: Curso Superior de Letras'
Catedrático – Sim!
Serôdio – Esconda-se! Finja que não disse. Oxalá que eles o não tenha visto, nem ouvido.
Catedrático – Eles, quem?
Serôdio – Os republicanos. Ou os espiões dos republicanos.
Catedrático – Sou monárquico há vinte e cinco gerações!
Serôdio - Pior ainda, senhor, pior ainda! Cale-se, esconda-se!
Catedrático – Porquê?
Serôdio – Se é do Curso Superior de Letras, tem a cabeça em risco.
Catedrático – Só tomo posse às cinco da tarde.
Serôdio – Atreva-se a lá ir! Os republicanos ocuparam o edifício. O Prof. Doutor Teófilo Braga, um republicano de todo o tamanho, chefia o movimento. A Infantaria 16 está pelos republicanos. A Artilharia 139 tem 139 canhões apontados, prontos a bombardear ao primeiro alar-me! O Governo enviou a Guarda Municipal ao Curso Superior de Letras.
Catedrático – Para se bacharelar colectivamente?

Serôdio – Para metralhar o corredor e a sala dos Catedráticos. A sala dos Catedráticos, imagine! Se o senhor lá estivesse, agora mais parecia um passador do que um Catedrático!

Catedrático – Na minha idade, como poderei resistir a tamanha agressão?

Serôdio – Não resista, fuja! Felizmente que eu, por acaso, estava aqui ao seu desembarque. Foi Deus quem me mandou para o salvar!

Catedrático – E eu, que não posso voltar para trás! Não posso! Cortei relações com todos os meus confrades. Eles não queriam que eu viesse ocupar esta cátedra.

Serôdio – Porquê?

Catedrático – Por inveja!

Serôdio – Ah, as profissões! Já não há profissão de que se diga: benza-te Deus! Portanto, venha comigo. Felizmente que o senhor é tal e qual a cara de meu pai.

Catedrático – Quem é o seu pai?

Serôdio – Então o senhor Professor está em perigo de vida e pergunta-me quem é o meu pai?

Catedrático – Para saber com quem me pareço.

Serôdio – Vicente Formosinho.

Catedrático – Não me lembro. Será um, de Odemira, que é arqueólogo?

Serôdio – Qual arqueólogo! É milionário e é do Porto!

Catedrático – Ah, então está bem.

Serôdio – Em homenagem à sua parecença com ele e porque eu também sou aluno do Curso Superior de Letras, vou fazer alguma coisa por si. Contente, senhor Professor?

Catedrático – O senhor é contra os republicanos?

Serôdio - Eu sou trinta e duas gerações de monarquia!

Catedrático – Salve-me a vida!

Serôdio – Não sei se posso...

Catedrático – Por misericórdia... Tremo de medo e de horror!...

Serôdio – É difícil, mas...

Catedrático – Salvando-me, salvará um dos baluartes portugueses da cultura...

Serôdio – Nesse caso, para bem da agricultura e em homenagem à sua semelhança com o meu paizinho, o senhor Catedrático vem instalar-se em minha casa e tomará o nome dele.

Catedrático – De quem?

Serôdio – Do meu pai: Vicente Formosinho. Ali ficará escondido e em segurança. Aceita?

Catedrático – Se aceito! Nomeio-o a si patrono da minha vida e liberdade. Agradeço-lhe e a cultura portuguesa também lhe agradecerá um dia.

Serôdio – Pois quando a agricultura quiser, estou às ordens... Pode dizer-lhe.

Catedrático – A quem?

Serôdio - A essa agricultura...

Catedrático – Ah, pois...

Serôdio – Então, venha, senhor Professor. Será melhor descer um pouco o chapéu sobre os olhos. Isso! A propósito: o meu pai é esperado em Lisboa a todo o instante, se os republicanos o deixarem passar, para dar determinadas garantias a Salomão Pinheiro por causa do dote da filha, com quem me vou casar. Já lhe conto toda esta história, na qual apareço sacrificado por causa dos meus sentimentos /anárquicos.

Catedrático – Fanáticos, quer dizer...

Serôdio – E monárquicos. Vamos, depressa!

(Saem)

8.ª CENA

(Casa de Pedro. Catarina corre atrás de Calado, armada com um pau)

Calado - Não, não, não! Não me atrevo!

Catarina – Comida! Comida! É só comida o que te peço.

Calado – Não! Se lha dou o nosso ex-tenente atira-me para o subterrâneo.

Catarina – Sim? Ai! *(Desiste de o perseguir)*

Calado – E vivo. Nem teria o trabalho de me matar antes.

Catarina – Não é só comigo que ele é cruel?

Calado - Para a senhora ele é uma peninha!

Catarina – Mas ele maltrata-me.

Calado – Não. A senhora o que está é mal acostumada.

Catarina – E quanto mais me maltrata, mais me irrita! Terá casado comigo apenas para gozar com o meu sofrimento?

Calado – Ele? Não...

Catarina – Estou cheia de sono e a cair de fome. Os meus miolos e as minhas tripas flutuam. Estou zonza.

Calado – É da lua de mel... *(Ri)*

Catarina – É das pragas, dos gritos, dos tambores... Tenho visões... Esse subterrâneo persegue-me, cheio de ossos e mais ossos...

Calado – Não está cheio. Ainda há lá espaço para um corpinho assim maneirinho...

Catarina – E o pinhal à volta da casa... Sinto-me rodeada de salteadores!

Calado – Isso é que não. Nem o nosso ex-tenente, nem eu, nem nenhum dos outros, nunca assaltámos ninguém... *(Ri)*

Catarina – E o que mais me desvaria é que a crueldade contra mim, exerce-a a pretexto de um perfeito amor. Como se...

como se deixando-me dormir ou dando-me um naco de pão, isso causasse a minha morte. Ai, por favor, Calado! Traz-me de comer. Seja o que for, traz-me um pouco de comida fresca!

Calado – Que tal mãozinhas de vitela?

Catarina – Melhor que bom. Ai, vai buscar, depressa.

Calado – Receio que essa carne traga cólera. E... e... umas tripas guizadinhas?

Catarina – Ai, gosto tanto! Ai, Calado, vai por elas!

Calado – Será que trazem cólera também? E se fosse um naco de bife com mostarda?

Catarina – É o prato que melhor me assenta!

Calado – Em sangue?

Catarina. – Ai, em sangue.

Calado – A mostarda não é saudável...

Catarina – Venha então o bife sem mostarda.

Calado – Comigo, não... Ou com mostarda ou pela minha mão o bife não virá!

Catarina – O que quiseres. Mas depressa!

Calado – E se for só a mostarda sem o bife?

Catarina – Vai-te daqui, vai-te! Patife! Escravo! *(Bate-lhe)* Traidor! Julgas que me alimento do nome das comidas? Ah, malditos canalhas, chacais, que triunfam da minha miséria! Vai, já fora daqui! Vejo-te, sim, ainda te vejo. És uma avestruz! Vou-te cozer num panelão e vou depenar-te e comer-te! Ah!

(Persegue-o, salta sobre ele para o devorar. Alucinação de Catarina que grita e rodopia. Cai nos braços de Pedro que entrou, a ampara-a e lhe fala meigamente. Hortêncio entra a seguir)

Pedro – Se não fosse eu, magoavas-te. Enlouquecias. Morrias, meu amor... Porque não me chamaste? Sabes ou não sabes que estou sempre preparado para te salvar? Hem? Que dizes? Não sabes? Ah, não sabes! *(Esbofeteia-a)* Pois mete isto bem dentro desses cornos: eu posso salvar-te, eu e mais ninguém! Ouviste? *(Gemido de Catarina)* Então Cata? Que tens, Cata? Estás triste? Abatidinha?

Hortêncio – Então, Catarina, como está?

Catarina – Gelada.

Pedro – Alegria! Coração ao alto, Cata! Ouviste? Gatinha!... Coração ao alto! *(Gritando)* Eu disse: coração ao alto!! *(Catarina sorri)* Aqui me tens, amor. Tão, tão dedicado, que te trago comida. Um bife, feito por minha próprias mãos. *(Põe o prato sobre a mesa)* Cata. Esta minha gentileza, deves agradecê-la. O quê? Não dizes palavra? Ah, já sei, não gostas deste prato. De nada valeu todo o meu esforço. *(A um criado)* Leva isto daqui!

Catarina – Por favor, deixa ficar.

Pedro – *(Tomando o prato)* Pelo menor serviço diz-se obrigado. Ouvirei esta palavra da tua boca ou não será para ti.

Catarina – Muito obrigada, meu senhor.

Hortêncio – Pedro, é vergonhoso. Venha comigo, Catarina. Venha comigo. Entre gente de touradas e de fado, carne e vinho dão-se de mais, não se sonegam!

Pedro – Pensas que sabes melhor do que eu o que convém à minha mulher? Queres roubar-ma? E tu, galdéria, queres ir com ele? Refastelares-te a seu lado debaixo dos pinheiros e fornicar?

Catarina – Não, não! Sou fiel ao meu esposo!

Pedro – De alma e de corpo?

Catarina – De alma e de corpo.

Pedro – E de pensamento e de desejos.

Catarina – De pensamento e de desejos.

Pedro – Ah! Bem... *(Aparte, a Hortêncio, entregando-lhe o bife)* Devora isto já e depressa ou terás de te haver comigo. *(Para Catarina)* Que esta comida alegre o teu coraçãozinho. *(Dá-lhe o prato)* No fim, terás doce de amêndoa e nozes. Vá, depressa, come, Cata! *(Gargalhada de Calado)* Cabrão! *(Dá um soco, Calado cai)* E agora, Cata, meu amor, vamos voltar à casa do teu pai.

Catarina – Sim? Lá comerei?

Pedro – Vamos enchê-la da nossa pândega e da tua alegria. E da tua beleza! Dos teus vestidos e chapéus e jóias, dos teus leques, dos teus lenços, das tuas pulseiras de oiro e prata. Está lá fora a modista.

Catarina – Modista de Azambuja?

Pedro – Em Azambuja não há modista digna de ti. Os fatos vêm de Paris. Falando verdade, a modista é contrabandista. Faz contrabando de toilettes. Anda de Paris para cá e de cá para Paris. Compreendes?

Catarina – Contrabando?

Pedro – Sim, contrabando.

Catarina – Eu vou vestir toilettes de contrabando?

Pedro – Não as queres? Eh, a modista que se vá embora. Voltas a Lisboa com o mesmo vestido.

Catarina – Não!

Pedro – Como julgas que vêm de Paris os fatos que vestem a Duquesa de Donaflor e as outras elegantes que os exibem em S. Carlos? Contrabando! Tu pensas que não quero para ti o melhor?

Catarina – Manda entrar a contrabandista.

Pedro – Ah, bem. Que a contrabandista obedeça à minha mulher: que entre! Ah, Cata, serás coberta de futilidade. É assim que

gosto das mulheres: boas e fúteis. Devem saber tudo para encantar os homens e vestir-se com fantasia.

(Entra a modista-contrabandista)

Modista – Deus Nosso Senhor o salve, Senhor ex-tenente. Cheguei à hora marcada.

Pedro – Olá! O meu primo Fernando ajudou-te, como lhe ordenei?

Modista – Se não fosse a sua protecção e a força de homens e cavalos contra a Guardia Civil, ainda lá eu estava a secar.

Pedro – Cata, vês como pus toda a minha organização ao teu serviço? E o meu primo Fernando?

Modista – Voltou para Salamanca.

Pedro – Não percebo para quê. Se calhar, anda a bacharelar-se em teologia, às minhas escondidas. Entrem os fatos!

(Música. Segue-se uma passagem de modelos: Calado, Anjo, Pica-Chouriço, Presilhas, Represas, Cabresto ou entram com manequins onde estão os fatos ou vestem-nos eles próprios, conforme apetecer. Catarina encantada, mais por uns que por outros. Pedro repele todos. Maltrata a contrabandista, recusa, derruba pessoas e manequins, bate nos criados. Repele brutalmente a contrabandista)

Pedro – Quem julga esta idiota que tu és? Uma megera, uma avantesma? Que descaramento! Trazer para ti fatos tão feios!

Catarina – Nunca vi vestidos tão lindos.

Pedro – Lindos para qualquer mulher. Mas horrendos para ti, que mereces muito mais. Quero-te mais linda e mais fútil, Cata! Aqueles não te servem.

Catarina – Mas... Eram bons para mim...

Pedro – Não te servem, já disse! Não quero que te pareças com a Rainha Santa Isabel. Nem com D. Filipa de Vilhena. Quero-te fútil, mulher do teu senhor. Incapaz de transformar pão em rosas para enganar o teu marido. Incapaz de armar os teus filhos cavaleiros por amor de D. João IV. És simplesmente a mulher do ex-tenente Pedro Jordão, teu salvador e teu senhor. Quero-te decotada e coberta de fitas...

Catarina – Em todo o caso, aqueles vestidos...

Pedro – Dizes não?

Catarina – Digo: sim.

Pedro – Então, Cata, vamos para casa do teu pai. Levamos estes mesmos fatos, velhos mas honrados, pois só o espírito enriquece o corpo. Como o sol que atravessa as nuvens negras, assim a honra brilha através de andrajos. Na, não, não, Cata! Não é pior por causa deste mobiliário pobre e do teu fato modesto. Se te envergonhas, deita as culpas para cima de mim. Alegria! Partamos para nos divertirmos e festejar em casa do teu pai. Criados! Eh, Calado! Vamos partir. Levem os cavalos até à álea dos pinheiros mansos. Aí montaremos. Até lá, a pé! Deixa ver: são agora umas sete horas. Chegamos facilmente a Lisboa à hora do jantar.

Catarina – Desculpa: aí há engano de hora. São duas horas. Quando lá chegarmos, nem ao menos a ceia vamos ter.

Pedro – Serão sete horas antes que eu monte a cavalo. Repara: tudo quanto faço ou digo ou penso, tudo contrarias. Deixem-nos sós! Já não partimos hoje. Mas no momento em que partirmos, será a hora que eu disser que é!

Hortêncio – Até o tempo e os relógios ele domina!

9.ª CENA

(Casa de Salomão. Em cena, Catedrático e Serôdio)

Serôdio – Não se enerve, senhor professor. Não se enerve!
Catedrático – Nunca me vi em assados assim.
Serôdio – É preciso que fale, não como Catedrático, mas como pai. Sabe o que é um pai?
Catedrático – De experiência própria, não, mas mentalizo.
Serôdio – Mentalize. Ah... Lá vem o gajo.

(Entra Salomão)

Catedrático – Vicente Formosinho. Muito prazer em conhecer Vossa Excelência.
Salomão – Salomão Pinheiro. Prazer em conhecer vossência.
Catedrático – De nome já há muito o conhecia.
Salomão – E eu a vossência. De nome e de transacção. Há quarenta anos!
Catedrático – Vim a Lisboa, não exactamente por causa do assunto que aqui me traz. Eis o motivo por que me não apresento de fraque, fato próprio para um pedido de casamento.
Salomão – Pedido de casamento?!
Catedrático – Ah, sim. Não venho recorrer aos serviços de Salomão Pinheiro & Catarata, Banqueiros. Ah, não.
Salomão – Infelizmente!
Catedrático – Tenho a minha própria casa bancária: Vicente & Comandita, modesta, mas bastante para eu não cair nas mãos dos banqueiros que, é claro, têm porta aberta para nos *bifar* o mais possível.
Salomão – Como é natural...

Catedrático – Ora a verdade é que o meu filho Lúcio, *(Aponta)* contou-me grandes coisas sobre o amor entre ele e a sua filha.

Serôdio – Branca.

Salomão – *(Para Serôdio)* Eu sei. Não tenho outra filha para casar.

Catedrático – Concordo com o casamento!

Salomão – Grande honra para mim!

Catedrático – O facto de o senhor ser judeu, não me inibe.

Salomão – Grande gentileza!

Catedrático – A sua filha estará de acordo?

Salomão – Não sei.

Catedrático – Já estará comprometida?

Salomão – Suponho que não. Havia à roda dela um toureiro...

Catedrático – Toureiro?!

Salomão – Mas desistiu.

Catedrático – Ah!

Salomão – E um Comendador, um brasileiro...

Catedrático – Comendador?

Salomão – Branca - suponho - não se decidirá por ele.

Catedrático – Não gosta de Comendadores? E um título muito distinto!

Salomão – Soubemos que o Comendador, que tem no Brasil número apreciável de... de... criaturas a trabalhar para ele, nas árvores da floresta, mantém ou manteve com essas mesmas criaturas relações... digamos... sentimentais. Branca, ao tomar conhecimento deste facto, ficou decepcionada...

Catedrático – Compreendo...

Salomão – Enojada!

Catedrático – Compreendo. Quer dizer: agora, à bica, apenas está o Lúcio...

Salomão – Sou suficientemente rico para obter para marido de Branca um titular, um Ministro, um Secretário de Estado, um parente de El-Rei...

Catedrático – De que servem, hoje em dia?

Salomão – De acordo. Mas se eu quisesse, eram favas contadas!

Catedrático – Não duvido.

Salomão – Porém eu, apesar de monárquico e de afecto ao regime; apesar de fiel servidor de El-Rei; sou um liberal!

Catedrático – Sim?

Salomão – Ah, sim! Dou às minhas filhas a liberdade de escolherem.

Catedrático – O quê?

Salomão – Os maridos. Olhe, Catarina, a mais velha, casou com o marido que ela própria escolheu... Portanto, se a Branca quiser casar com Lúcio...

Serôdio – Quer!

Salomão – Desde que vocência dê o acordo e… e… exprima esse acordo através das garantias... Eu, depois das garantias, eu não verei impedimento...

Catedrático – Dou as garantias. Exprimi-las-ei! Sabe? Sou viúvo e só tenho aquele filho. Outros herdeiros, não há. Tudo para ele! Ficarei apenas com o bastante para viver sem depender dele, até ao fim dos meus dias, que não está longe.

Salomão – Deus não permita...

Catedrático – O resto é tudo para Lúcio, desde já! É assim mesmo. Lugar aos novos. Eles que naveguem. Retiro-me dos negócios, mas, é claro, zelarei por tudo, pode ter a certeza. Bem, irei onde quiser, para assinar os papéis que entender.

Salomão – Não há pressa...

Catedrático – E agora, se me permite...

Salomão – Foi uma grande honra... Eu acompanho-o...

Catedrático – Não se incomode Vossa Excelência...

Salomão – Faça o favor, vocência...

(Saem Salomão e Catedrático, com muitas vénias)

Serôdio – Menino Lúcio!

(Entra Lúcio no seu disfarce seguido de Branca)

Lúcio - Então?

Serôdio – Ouviram?

Branca – Tudo.

Lúcio – Que faremos?

Branca – Leva-me para onde quiseres. Meu pai já tem as garantias que exigia.

Lúcio – São falsas.

Branca – Isso é o que ele não sabe. Do ponto de vista dele, já tem todo o necessário para o nosso casamento. Do meu ponto de vista, já há muito havia tudo o que era necessário. Vamos. Passaremos esta noite, juntos, numa praia de pescadores.

Lúcio – Qual? Não conheço as praias por aqui.

Branca – Cascais! Temos em Cascais um *chalet.* Aí dormiremos ainda esta noite.

Lúcio – Depressa, querida, querida...

(Envolve Branca numa capa. Saem)

10.ª CENA

(Em frente ao Jardim da Estrela. Catarina e Pedro, cada um no seu cavalo, Hortêncio e Calado)

Catarina – Estamos a chegar à casa do meu pai. São onze horas da noite. A copa já está fechada. Não poderei comer.

Pedro – Lindo, lindo!

Catarina – Ouviste? Não haverá comida.

Pedro – Que lindo que brilha, o sol!

Catarina – O sol? A lua!

Pedro – É o sol!

Catarina – Está muito claro, mas é a lua.

Pedro – Pelo filho da minha mãe que sou eu mesmo, é o sol ou é aquilo que eu quiser. Se não estás de acordo, voltamos para o pinhal de Azambuja, já! Ah, não, que chegámos ao Jardim da Estrela!

Pedro – Estás sempre contra mim! Sempre contra mim! Apenas contra mim!

Hortêncio – Diga o que ele quiser ou jamais chegaremos.

Catarina – Aqui é o Jardim da Estrela. A Lapa, onde o meu pai mora, é a dois passos. Portanto, aquilo que além brilha é o sol. Se gostas de chamar-lhe candeeiro será também candeeiro para mim.

Pedro – Já disse que é o sol.

Catarina – É o sol.

Pedro – Mentes. É a lua.

Catarina – Se dizes que é o sol, é para mim o sol, se é para ti a lua, será a lua, meu amor, embora a luz da lua seja a do sol, pois a lua não dá luz sozinha.

Pedro – Ah! É a lua! *(Grito)* Ah!

Catarina – É a lua!

Pedro – Ah! *(Grito)* Se me obrigas a gritar outra vez, voltamos para trás.

Catarina – Não! É o sol que brilha e a lua por conta dele, meu amor, meu querido!

Pedro – Assim não está mal... *(Entra Vicente)* Gentil donzela, bons dias! Cata, meu amor: já tinhas visto donzela assim tão fresca? Donzela mimosa, mais uma vez, bom dia! Cata, não te importas que a beije, em homenagem a tanta beleza? *(Beija Vicente)*

Vicente – *(Com sotaque acentuado)* Canudo! Será maricas o gajo? É uso em Lisboa os matulões beijarem-se na rua?

Pedro – Vá Cata! Presta as tuas homenagens a esta rapariga.

Catarina – Menina virginal e doce e moça e fresca! Onde vais? Onde *o,* moras? Felizes pais de tão esplendorosa criatura! Feliz de quem contigo se deitar na cama!

Vicente – Há muito tempo que não tenho no leito nenhuma fulana.

Catarina – Que fazes, donzela, perdida por Lisboa à luz do sol?

Pedro – Enlouqueceste, Cata? É um velho feio e entumecido ou esgalgado. Não é donzela como dizes.

Catarina – Não? Ah, então desculpa, velho. Encadeada pela luz do sol...

Pedro – É a lua, Cata!

Catarina – Encadeada pela luz da lua, tudo o que vejo me parece verde, que é a cor da juventude e dos pepinos. Distingo à minha frente um pepino venerável. Desculpe o engano.

Pedro – Venerável patriarca!...

Vicente – Eu? Não senhor, não sou! Sou portuense, tripeiro como decerto já toparam pelo sotaque.

Pedro – Para onde vai? Se o caminho for o mesmo, tenho muito prazer na companhia de Vossa Reverência.

Vicente – Ando à procura da casa do meu filho. O sacana, desde que veio para Lisboa estudar, não escreveu ainda. E não tenho a morada dele. Cheguei de comboio e fui logo à sua procura ao Curso Superior de Letras. O marmanjo ainda lá não pôs os cotos. Que me dizeis a isto? Dali fui logo ao

Bairro Alto, porque ele é um femeeiro. Entrei numa casa, noutra, noutra... Oito! Oito casas! Não conheciam. Vim aqui a uma rua perto, onde, segundo dizem, há sujeitas que também arrecebem. Nada. Canudo! Será que o manjericão com as tentações de Lisboa, mudou as preferências?

Pedro – Homem, procurar em Lisboa um rapaz sabendo só que é femeeiro, é difícil... Trata-se dum gosto, por enquanto, muito espalhado. Mas diga-me cá: como se chama o seu filho?

Vicente – Lúcio Formosinho.

Pedro – E o senhor é Vicente Formosinho?

Vicente – Sou. Canudo! Como sabe?

Pedro – Pai, meu querido Pai!

Vicente – Não, não, não. Isso é que eu não sou.

Pedro – É.

Vicente – Só tenho um filho e esse não é você.

Pedro – Tenho o direito de lhe chamar pai. Pois o seu filho vai casar com a irmã da minha mulher, que é esta senhora.

Vicente – Vai-se casar, o meu filho?

Pedro – Sim.

Vicente – Ai, o sacana que não me disse nada...

Pedro – Pois é verdade.

Vicente – *(Para Catarina)* A senhora é de boa família?

Catarina – Ora essa! Que tem que duvidar da minha família, este limpa-chaminés?

Vicente – Ainda não tinha duvidado. Mas depois de me chamar "limpa-chaminés" fico na retranca.

Pedro – Desculpe-a! A minha mulher está cheia de fome, mas é das mais distintas famílias de Lisboa. O pai é judeu e banqueiro.

Vicente – E filha também de seu pai, a sua mana?

Catarina – Duvida da honradez da minha mãe, este limpa-canos-de-esgoto!

Vicente – De limpa-chaminés a limpa-canos-de-esgoto, é descer!
Pedro - A sua nora é do melhor. Linda como o raio que a parta.
Vicente - E qualidades? *(Gesto de dinheiro)*
Pedro – Todas. A dificuldade é saber que destino dar a tanta quantidade. Salomão Pinheiro! Conhece o nome?
Vicente – Salomão Pinheiro & Catarata, Banqueiros?
Pedro – Tal e qual!
Vicente - Canudo!
Pedro - E esse mesmo!
Vicente – Ah, carago, que me dá uma coisa, ah, carago!
Pedro – O quê? Não ficou contente?
Vicente – Carago! É a ocasião da minha vingança! Ah, carago!
Pedro – Mas porquê? Não está contente com o casamento do seu filho?
Vicente – Se estou contente? Há quarenta anos Salomão Pinheiro levou-me à certa em três contos de reis!
Pedro – Também?
Vicente – Três contos de reis que há quarenta anos tenho aqui atravessados. Mas agora vou-me vingar, ah, carago!
Pedro – Melhor é esquecer! Perante o casamento dum filho, nada de rancores! Ouça: quer que o leve à casa dele?
Vicente – O quê? O meu Lúcio tem casa própria?
Pedro - Tem e sei onde é. Já lá bebi uma bela pinga!
Vicente - E oferece bebidas aos amigos?
Pedro – Com orgulho e distinção!
Vicente – O comediante! Eu lá no Porto a fazer economias, a tirar à boca e ao corpo! E ele em Lisboa, a refastelar-se na pândega, o sacripanta!
Pedro – Quer ou não que o leve à casa do rapaz?
Vicente – Sim., avante!
Pedro – Vamos. Fica mesmo a caminho do palácio do meu sogro.

(Saem Pedro, Catarina e Vicente)

Hortêncio – Ah Pedro Jordão, grande Pedro Jordão, tu dás-me coragem! Vou buscar a minha viúva. Agora não a receio. Já aprendi contigo a amansar uma fera! *(Sai)*

11.ª CENA

(Em frente à casa de Lúcio)

António – Ficaram a noite passada e hoje todo o dia no chalet de Cascais, ah, sim, disto não duvido! Agora vou espiar o que farão aqui. Espiá-los! Ai, ao que, por paixão, um homem desce! Indignidade, de que os meus macacos não seriam capazes!... Vem gente. *(Esconde-se)*

(Entram Branca e Lúcio)

Lúcio – O teu pai recusou-se a admitir que dormimos juntos em Cascais. Mas tu vens para minha casa...

Branca – E fico!

Lúcio – E se aqui fores encontrada, tem de aceitar! Arranjaremos testemunhas.

Branca – Será obrigado a tomar uma atitude! *(Ri)*

Lúcio – (Rindo) Que bom! *(Bate palmas)* Serôdio! Serôdio!

(Toca a sineta. Serôdio aparece à janela)

Serôdio - Quem é?

Lúcio – Abre, depressa!

(Abre-se o portão. Entram Branca e Lúcio. Quase imediatamente, entram do outro lado Vicente, Pedro e Catarina)

Pedro – A casa é esta. *(Indica)*
Vicente – Canudo! Que luxo! Vive numa moradia, catano!
Pedro – Havia o rapaz de morar numa espelunca?

(Bate à porta. António aparece)

Vicente - Parece que há festança...
Pedro – Claro. Rapaziada nova...
António – Estão lá dentro muito ocupados, em grande bródio.
Catarina – Haverá comida?

(Pedro intercepta)

Vicente – Bata com mais gana!

(Bate)

Pedro – Boa noite, Comendador.
António – Boa noite.
Catarina – (Para António) Tenho fome.

(Pedro intercepta)

Vicente – (Para Pedro, aparte) Quem é?
Pedro – (Aparte) É o patrão da macacada.
Vicente – Ah!

(Pedro bate com mais força. Catedrático aparece à janela, vestido de cozinheiro. Ao vê-lo, Catarina reage)

Catedrático – Quem bate? Quem quer meter a porta dentro?
Vicente – Lúcio está em casa?
Catedrático – Está. Mas tem mais que fazer.
Vicente – E se lhe viessem trazer um punhado de libras, para animar a festa?
Catedrático – Guarde as suas libras, já que as tem às mãos cheias. Ele de nada necessita enquanto eu for vivo.
Pedro – Deixe-se de parvoeiras! Avise Lúcio de que o pai chegou e está aqui à porta!
Catedrático – Mentira! O pai dele está a olhar-vos daqui, desta janela.
Vicente – O Senhor é o cozinheiro ou é pai dele?
Catedrático – Sou pai dele. A mãe, pelo menos assim jurava.
Pedro – *(Para Vicente)* O senhor não sabe que é um crime usurpar o nome de outra pessoa?
António – *(Aparte)* Vou chamar Salomão Pinheiro. *(Sai)*
Vicente – Deitem-lhe as unhas! Deitem-lhe as unhas, canudo! Se usa o meu nome é para fazer grande aldrabice. *(Serôdio aparece à porta da casa de Lúcio)* Anda aqui, ó banana!
Serôdio – *(Aparte)* O patrão Vicente! Estamos lixados! *(Alto)* Irei aí, se muito bem cá me apetecer.
Vicente – Anda aqui, farsante! Esqueceste quem eu sou?
Serôdio – Eu? Nunca o vi mais gordo, ó homenzinho...
Vicente – O quê? Refinadíssimo tunante! Não conheces o teu patrão?
Serôdio – Eu não tenho patrão. Sou Lúcio Formosinho.
Vicente – Ah, sim? Nesse caso o teu pai sou eu... Intrigante!
Serôdio – O meu pai é Vicente Formosinho, que se encontra ali à janela.

Vicente – Ah, grande tratante! *(Bate-lhe)*

Serôdio – Que atrevimento é este? Quem é o senhor?

Vicente – Sou aquele que te vê todo vestido à bacana. Eu a apertar o cinto, enquanto na capital o criado do meu filho esbanja!

Serôdio – Que tem o senhor de se meter nas minhas roupas? Meu pai, que está lá em cima, *(Aponta)* pode manter-me neste luxo.

Vicente – O teu pai é meu barqueiro no Rio Douro.

Serôdio – É? E como se chama? Diga, se é capaz...

Vicente – Chico Rebita.

Serôdio – Calúnia! Calúnia! Desça, meu querido pai, desça!

Vicente – Desça, sim, venha cá!

Catedrático – É que desço mesmo, não me falta a coragem. *(Desaparece)*

Vicente – *(Para Pedro)* Diga-me já: onde está aquele que é meu filho, para lhe chegar um banano?

(Entra Catedrático, com o mesmo fato e armado de um grande utensílio de cozinha)

Catedrático – Levem daqui este burro!

Catarina – Excelentíssimo Senhor cozinheiro: por esmola, tem lá cozinhada alguma coisa que eu coma?

Pedro – Quieta!

Catedrático – *(Indicando Serôdio)* Lúcio, Lúcio! Eis aqui o meu único filho, o meu único herdeiro!

Vicente – Não há dúvida: o criado assassinou o patrão e tomou o lugar dele! Prendam-no, que mando eu! Em nome do Bispo! Em nome do Governador Civil! *(Para Serôdio)* Diz-me, assassino: onde está o meu filho Lúcio?

(Entra um polícia)

Serôdio – Leve-o! Para a prisão, que é doido varrido.
Polícia - (Para. Vicente) Estás preso! Já para o chilindró!
Vicente - Porquê, catano?!

(Ouve-se um barulho de automóvel)

Polícia - Na esquadra se verá.
Vicente – Para a prisão, eu? Vicente Formosinho?
Catedrático – Vicente Formosinho sou eu! Eu é que sou Vicente Formosinho.
Vicente – Sou eu!

(Pequena escaramuça e berraria entre Vicente e Catedrático)

Catedrático – Ainda te corto uma orelha para a feijoada!
Catarina – Isso! Isso!

(Pedro intercepta)

Vicente – Cuidado, que te espanco! Que te espanco!

(Depois de se ter ouvido o automóvel parar e o estoiro, entram Salomão, António e o Chauffeur)

Vicente – Ah, tragam-me uma tranca, canudo, uma tranca!
Salomão – Que se passa? Que revolução é esta aqui? Onde está a minha filha?
Catarina – Aqui, papá, cheia de fominha!

(Pedro intercepta)

Salomão – Onde está Branca? *(A Catedrático)* Senhor Vicente Formosinho! Responsabilizo-o pela minha filha Branca.

Vicente – Qual Branca?
Catedrático – Porquê? Sou eu, por acaso, o guarda da sua filha? O seu pau de cabeleira? O seu cinto de castidade?
Catarina – Paizinho...
Salomão – Viste a tua irmã?
Catarina – Tenho tanta fome! Traz consigo alguma coisa que eu coma?
Salomão – Já te alimentei durante tempo bastante. Agora o teu marido que te alimente! Senhor Vicente Formosinho!
Polícia – Este ou este?
Salomão – Vicente Formosinho é este! É este! *(Indica Catedrático)*
Polícia - Então este outro está preso! Venha!
Vicente – Mais manso, senhor polícia, mais manso... Ouça cá... *(Leva-o para um lado para o subornar)*
Salomão – *(Para Catedrático)* Senhor! O seu filho Lúcio raptou a minha filha Branca!
Catedrático – Impossível!
Polícia – *(Para Vicente)* Não! A si não o conheço e àqueles conheço eu muito bem!
Catedrático – O meu filho Lúcio não esteve fora da minha companhia o tempo bastante para raptar alguém. Lúcio!

(Serôdio aparece)

Serôdio - Cá estou.
Catedrático – Meu filho, responde com franqueza.

Serôdio – Sim, meu pai.

Catedrático – *(Solene, enfático)* Seja ela qual for, ainda que se apresente negra e repelente, diz a verdade toda. O meu braço não te castigará.

Serôdio – Sim, meu pai.

Catedrático – Meu filho: ainda que distraído, ainda que num daqueles actos que Freud, um alemão médico psicopata actual, chama "acto falhado", isto é, acto que se pratica sem a consciência disso, será possível que tu tenhas raptado a filha Branca do Senhor Salomão Pinheiro?

Serôdio – Não, meu pai!

Catedrático – *(Para Salomão)* Ah! Vê? Meu filho, será possível que tenhas dormido com ela, mesmo distraído, mesmo num acto falhado?

Serôdio – Meu pai, se eu tivesse dormido com ela, nenhum acto seria falhado.

Catedrático – Quod erat demonstrandum!

Polícia - *(Para Vicente)* Não aceito!

Vicente – Irra! Eu tenho dinheiro bastante para comprar mais de 500 consciências de funcionários superiores!

Polícia – Mas não tem o bastante para subornar o guarda n.º 37, da 2.ª!

Vicente - Que quer dizer com isso? Que o capitalismo abriu falência?

Polícia - Está preso!

Vicente – Porquê? Cum canudo!...

Polícia - 1.º: Falsificação de nome e de pessoa na via pública; 2.º: tentativa de suborno à autoridade cívica! Para a esquadra!

(Entra Lúcio. Ajoelha junto de Vicente)

Lúcio - Perdão, perdão, meu pai!
Vicente – Oh, meu filho! Ah, afinal ainda respiras, carago!
Lúcio – E sou feliz!
Salomão – Que faz aqui o professor de Francês?
Lúcio – Eu é que sou Lúcio, filho de Vicente. Sou eu quem ama a sua filha. Quero casar com ela!
Salomão – Onde está Branca?
Lúcio – Ali, em minha casa.
Salomão – (Para Catedrático) Ouviu? Quando chegaram de Cascais?
Lúcio – Não há uma hora!

(Entra Branca)

Salomão – Ah, bandido, que a raptaste!
Branca – Não, meu pai. Eu é que o raptei a ele. Levei-o para o nosso *chalet*, sobre a baía de Cascais. Nunca a baía de Cascais foi tão linda!
Vicente – (Radiante, para Pedro) Eu não lhe disse que ele é um femeeiro?
Salomão – Filha, para que fizeste isso?
Branca – Para, dormindo juntos, ele rebentar com a minha virgindade! Agora, pai, tem de o obrigar a casar comigo. Nem que seja nos tribunais!
Salomão – Tens a certeza de que há motivos profundos para esse casamento?
Branca – Profundíssimos!
Salomão – E agora?
Vicente – É o Senhor Salomão Pinheiro?
Salomão – Esse mesmo.
Vicente – Eu sou Vicente Formosinho. O verdadeiro.
Salomão – E aquele? *(Indica Catedrático)*

Vicente – É o falso.

Salomão – Como poderei ter a certeza? Como?

Vicente – Dou-lhe já uma prova: o Senhor lembra-se daqueles três contos de reis que me extorquiu num negócio de cocos de S. Tomé, para a Alemanha?

Salomão – Ah! Ah, ah! Este é que é o verdadeiro! Não há dúvida, é este!

Vicente – Ah, ah! Há quarenta anos...

Salomão – Que grande prazer conhecê-lo pessoalmente! Que honra!

Que gosto! Posso pedir-lhe...

Vicente – Começa por me pedir, hem?

Salomão – Peço-lhe a mão do seu filho Lúcio para a minha filha Branca.

Branca – Não nos perguntou se desejamos casar um com o outro de livre vontade...

Lúcio e Branca – Desejamos!

Vicente – Só lhe dou a mão do meu filho Lúcio depois de me entregar os três contos de reis, mais os juros respectivos, contados a 7% ao ano, durante quarenta anos.

Salomão – De acordo. Não será por questões dessa natureza que os não veremos felizes, os nossos filhos.

Polícia – E agora? Agora quem é que eu prendo?

Salomão – Ninguém, ora essa! Com tantos ladrões de automóveis que há em Lisboa?! O meu carro está estacionado além. Se alguém o rouba, terá de se haver com o Senhor Governador Civil! *(Dá-lhe dinheiro)*

Polícia – Oh Senhor... *(Vê o dinheiro)* Oh Senhor Salomão Pinheiro... Oh... Já podia ter dito... *(Sai)*

Vicente – A situação é complicada, no entanto: há dois Lúcios e dois Vicentes! *(Agarra, violentamente Catedrático e Serôdio)*

Lúcio – A culpa é só minha. Pai, Serôdio cumpriu as minhas ordens o melhor possível. E o Senhor Professor Doutor foi admirável, sensível ao drama deste seu futuro aluno no Curso Superior de Letras.

Vicente – Mas eu quero tudo esclarecido!

Lúcio – Vamos todos para minha casa, para beber e esclarecer.

Catarina – Senhor Prof. Doutor Catedrático. Ai, que eu estou com uma larica... Tem qualquer coisa que me dê? Nem que seja carapau de gato. Para eu comer...

Catedrático – Venha! Fiz hoje para a ceia lulas recheadas...

Catarina – Êêêêêê...

Catedrático – ...com chouriço...

Catarina – Êêêêêê...

Catedrático – ...e *foie gras*...

Catarina – Êêêêêê...

Catedrático – Venha comigo!

(Catarina salta para o colo do Catedrático. Pedro agarra-a violentamente)

Pedro – Cata!

(Todos param e voltam-se para os ver)

Catarina – Êêêêêê...

Pedro – Cata, antes do mais, beija-me!

Catarina – Aqui, na rua?

Pedro – Sim!

Catarina – Diante desta gente toda, não!

Pedro – Tens vergonha de mim?

Catarina – De ti não tenho vergonha. Tenho vergonha de beijar.

Pedro – Então voltamos para a Azambuja! *(Gritando)* Eh, depressa, tragam os cavalos. Obedeçam à minha mulher, que

está ansiosa por me beijar e só me pode beijar decentemente na Azambuja!

Depressa, os cavalos!

Catarina – Não, meu amor. Tenho desejo de te beijar e de te beijar aqui.

Pedro – Oh, como é maravilhoso, Cata! Assim é que é! Antes tarde do que nunca!

Catarina – Mas agora ficamos, não partimos. *(Foge-lhe)* Senhor Prof. Doutor Catedrático!... *(Salta-lhe para o colo)* Depressa, vamos às lulas, vamos às lulinhas... recheadinhas...

(Saem todos)

12.ª CENA

(Banquete em casa de Salomão. Presentes: Salomão, Vicente, António, Catedrático, Lúcio, Branca, Pedro, Catarina, Hortêncio e Alzira, a viúva. Calado em grande uniforme e Serôdio servindo, assim como outros criados e criadas)

Salomão – Eis-nos todos juntos, depois de afinadas as notas dissonantes.

António – Uma vez, lá nas minhas florestas...

Vicente – As notas dos três contos e as outras... Tudo resolvido em absoluto.

Salomão – Senhor Formosinho... Temos os filhos casados... Estamos tranquilos.

Vicente – De acordo.

Salomão – Encaminhados.

Vicente – Quanto a isto não estou tanto. Neste ponto tem o senhor a vantagem, por só ter filhas, do sexo fraco.

Lúcio – Fraco?!

Salomão – Não é o momento de nos apoquentarmos com diferença tão pequena.

Branca – Porquê?

Salomão – Alegria! Boa disposição! Catarina e o ex-tenente, Branca e Lúcio, toureiro Hortêncio com a sua viúva...

Pedro – Ex-viúva! No que respeita ao ex, somos parentes.

Alzira – Em nada mais!

Salomão – Divirtam-se todos! A vista dum bom banquete aguça o apetite. Divirtam-se, mas não se esqueçam de comer.

Pedro – É sentar e comer, comer e sentar!

Salomão – Lisboa é assim. Tranquilidade e doçura, como se não goza em outra parte.

Pedro – Cata, que é alfacinha, é disso um exemplo vivo.

Hortêncio - *(Aparte olhando Alzira)* Tu também, meu amor.

Pedro - Hortêncio terá medo da sua ex-viúva?

Alzira – Se lhe meto medo, então não conte comigo. Para coisa nenhuma!

Pedro – Exprimi-me mal. Não perguntei se ele não tem medo de si, mas se tem medo *por si.*

António – Uma vez, lá, nas minhas florestas...

Alzira – Quem vive no cebolal, em tudo vê cebola!

Pedro – Boa resposta! Ah, ela não tem papas na língua.

Catarina – Que pretendeu significar com essa história de cebolas?

Alzira – É a concepção que tenho dele.

Pedro – Vai conceber de mim? Que pensas disto, Hortêncio?

Hortêncio – Ela tem de ti um determinado conceito.

Pedro – Bem emendado, muito bem! *(Para Alzira)* Olhe que por só isto ele merece um beijinho!

António – A propósito de beijo: uma vez...

Catarina – Perguntei-lhe o que pretendeu significar com aquela história de cebolas.

Alzira – Que o seu marido, que sofre de ser casado com uma megera, julga que o meu padece do mesmo mal. Era isto o que queria significar.

Catarina – Para me ferir? Para me ofender...

Alzira – Sim!

Pedro – A ela, Cata!

Hortêncio – A ela, Alzira!

Pedro – Alzira? Chama-se Alzira?

Hortêncio – A ela!

Pedro – Recebem-se apostas. Cem mil reis em como Catarina fica por cima!

Hortêncio – Mas essa é a minha função.

Pedro – Então, lá vai ao funcionário! *(Bebe)*

Salomão – Comendador! Que me diz desta juventude de hoje? Corpo desengonçado da ginástica sueca. Língua afiada e cabeça ágil.

António – Oh, sim. Uma vez, lá nas minhas florestas...

Branca – Mais ágeis ficariam certas cabeças se tivessem a armadura que merecem.

Salomão – Filha, até que enfim piaste!

Branca – Calo-me outra vez.

Pedro – Não, tu ficas na berlinda.

Branca – Em berlinda te queria ver a ti a entrar de pés para a frente no Cemitério dos Prazeres.

(Intempestivamente saem Branca, Catarina e Alzira)

Pedro – Partiram. Amigos, banquete só para homens. Hem? Quem havia de dizer? A sua opinião, senhor Vicente?

Será que a mulher é causa da guerra e do mal-estar nas famílias?

Vicente – Não me recordo. Há vinte anos que a minha Senhora se foi...

Pedro – Serôdio, toma! *(Dá-lhe uma taça)* Lúcio! Bebamos ao herói da tua aventura conjugal, Serôdio!

Lúcio – Bebe, Serôdio!

Serôdio – Obrigado, menino. Eu sou como aquele perdigueiro que apanha a caça mas que a entrega ao dono. *(Para Pedro)* O Senhor ex-tenente não precisou de perdigueiro. Caçou sozinho, por sua conta. Mas, ao que dizem, a sua codorniz continua mal caçada.

Salomão – Boa piada, hem, ex-tenente! Boa piada! Que diz, Comendador?

António – Uma vez, lá nas minhas florestas...

Pedro – Não foi boa piada, não senhor! A não ser que tu, Hortêncio, e tu, Lúcio, enfiem a carapuça. E que as vossas gazelas se obstinem a praticar, em relação aos maridos, liberdades indevidas. Por mim, não tenho razão de queixa de Catarina.

Salomão – Ex-tenente... está a exagerar... Conheço Catarina...

Pedro – Proponho-lhe uma experiência. Cada um de nós manda chamar a sua mulher. Aquele cuja mulher lhe obedecer, vindo à chamada, ganhará um prémio instituído por meu sogro.

Salomão – Uma caixa de charutos havanos. Serve?

Pedro – Óptimo!

Lúcio e Hortêncio – Combinado.

Salomão – Será por ordem alfabética. Começa Hortêncio.

Hortêncio – Eu?! Serôdio, vai lá dentro e diz à minha mulher que lhe peço para vir aqui.

Vicente – Carago, estou nervoso, tremo como ao vento uma penca.

António – Uma vez lá nas minhas florestas... há uns vinte anos... havia um macaco que vivia com a sua macaca. Só teve uma macaca toda a vida. De noite, ouvia-se às vezes um guincho, um guincho que não se confundia com nenhum outro. Era o macaco que a chamava. E ela ia. *(Pausa, olha os circunstantes)* Ah, são uns sentimentais...

Serôdio – A senhora manda dizer que, se o senhor quer falar com ela, vá lá dentro.

Pedro – Que vás tu lá dentro? Tu encaixas?

Vicente – Já foi bom que não lhe enviasse pelo criado uma tapona.

Lúcio – Agora diz à menina Branca que venha cá, pois lhe desejo falar.

Serôdio – Sim, menino.

António – Mas certos macacos...

Vicente – Lá na sua floresta...?

António – Sim. Certos macacos tinham mais do que uma macaca. Um conheci eu que tinha cinco, ao mesmo tempo. Chamava cada uma com o guincho que lhe competia. Tinha cinco guinchos diferentes para chamar as cinco macacas. E até certa altura elas vinham. Mas, de repente, deixaram de vir. Ele chamava e elas não apareciam. E o pobre do macaco morreu de tristeza e de humilhação. *(Pausa)* Ah, são uns sentimentais...

Serôdio – A menina Branca está a preparar-se para sair. Diz que não vem.

Lúcio – Vai sair?

Salomão – Não é possível.

Serôdio – Diz que se o menino lhe quer falar, vá lá dentro ter com ela, mas não demore, senão não a apanha.

Pedro – (Para Calado) Calado, diz à tua patroa que lhe ordeno que venha aqui.

(Calado vai a sair)

Salomão – Espera, trata-se de Catarina. Talvez dizer-lhe que, por favor, venha cá, se não se importa...
Pedro – Não. Ordeno-lhe que venha cá!

(O criado sai)

Salomão – Meu Deus, o que não vai ser nesta casa!!
António – Há vinte anos atrás, estes casos de afecto na floresta eram excepcionais. Mas eu tanto fiz, tanto organizei, tanto catequizei, que há uns cinco anos, de repente, como numa transmutação, a floresta se modificou. Os macacos descobriram o amor. Daí para cá trabalham mais, existem serenamente, são alegres. Aprenderam a amar as flores e vivem em permanente festa. Foi por essa altura que resolvi regressar a Portugal. O negócio ficava em boas mãos. E eu, com todo o meu passado marialva, sentia-me a mais, naquela floresta lírica, de paz e de amor... *(Está comovido. Pausa)*
Pedro – Esquisito...
Vicente - Canudo!
Hortêncio - Exótico!
Salomão – Brasil, país do futuro! Brasil, onde tudo é possível!
Pedro – Ei-la!
Salomão – Catarina?! Oh! Virgem Santíssima!

(Entra Catarina)

Pedro – Cata, onde estão a tua irmã e a ex-viúva?

Catarina – Lá dentro.

Pedro – Vai buscá-las. Se por acaso não quiserem vir, bate-lhes, até que obedeçam aos seus maridos.

Catarina – Muito bem. *(Sai)*

Salomão – É um milagre. Que Santo o terá feito? Eu até a Nossa Senhora de Lourdes fui em peregrinação para modificar o feitio desta filha. Nem assim o consegui.

Pedro – Catarina está pacificada. Converti-a a mim. Arranquei-lhe o que tinha na cabeça e lá dentro introduzi o que me convém.

António – Como a humanidade é brutal!

Catedrático – O professor Pavlov, um verdadeiro torturador, fez outro tanto aos seus cães.

Vicente – Aqui em Lisboa?

Catedrático – Não. Na Rússia. Nós, os humanistas, fizemos uma petição juntamente com a Sociedade Protectora dos Animais. Esperamos que o Czar condene o referido Pavlov, o mande enforcar ou, pelo menos, o envie para trabalhos forçados na Sibéria.

Pedro – Era muito bem feito. Maltratar cães... Que selvajaria!

Horroriza– me saber que existe quem maltrata cães!

Vicente – Aí vem ela com as outras.

Salomão – Espantoso!

Pedro – Catarina aprendeu comigo a virtude da obediência.

(Entram Catarina, Alzira e Branca)

Pedro – Catarina, não te quero ver com... *(Peça de roupa a determinar)* Tira isso!

(Catarina tira-a prontamente)

Alzira – Que disparate! Porque a tiraste? Fica-te tão bem!

Branca – Irmã, já foste minha irmã... Já não és!

Salomão – Ganhou a aposta, ex-capitão.

António – Ex-tenente...

Salomão – Ex-capitão! Acabo de o promover. Bem merece, por esta proeza! Ex-capitão, aqui tem a caixa de charutos. É sua, pertence-lhe de direito e de facto.

Alzira – *(Para Hortêncio)* Ah, foi uma aposta? O quê, tu és tão pretensioso que apostaste na minha obediência? Ah, tu atreves-te a ter confiança em mim?...

Hortêncio – Queridinha, não mo leves a mal.

Alzira – Em breve saberás que não tens motivo algum para confiar em mim!

Branca – *(Para Lúcio)* Tu? Também apostaste? Que nojo! Pois então ouve: vou sair. Vou presidir a um comício de operários republicanos!

Salomão – Onde?

Branca – Não lhe digo, porque o comício é clandestino.

Salomão – Queres dizer que receias que eu denuncie o local do comício à polícia?

Branca – Quero.

Salomão – Como tu me surpreendes, minha filha!

Branca – Já era tempo!

Lúcio – Tu vais a um comício republicano clandestino?

Branca – Vou. *(Vai a sair)*

Catarina – Antes de saíres, ouve, querida Branca: se não é da vontade do teu marido, não vás.

Branca – Vou, vou e vou!

Catarina – Também já fui exaltada como tu és agora. Ficava de feições transtornadas e era horrenda a voz que de mim saía. Queria ser forte, ter liberdade, independência. Mas nós mulheres, somos irremediavelmente fracas.

Branca – Que nojo!

Catarina – E nisso está a nossa força. Porque os nossos maridos são a nossa força. Eles defendem-nos em troca da nossa meiguice. Dão-nos tudo e nós quase nada lhes oferecemos em troca. Por isso, coloquemos as mãos, sincera, humildemente, sem orgulhos, sob os pés dos nossos maridos, se eles o desejarem. As minhas, quando o meu marido quiser, já estão preparadas.

(Coloca-se na posição respectiva. Pedro, radiante, tomado de exaltação, pisa-lhe os pulsos)

Branca – Se isto continua, vomito.

Pedro – Eis o que é uma mulher. Dá-me um beijo, Cata.

(Sem deixar de pisar o pulso de Catarina, Pedro curva-se. Catarina, com esforço, busca-lhe os lábios. Esta tentativa demora. Os assistentes interessam-se por ela, como por um trabalho de circo)

Catarina – Oh o que tu me ensinaste! Obrigada, meu amor, pela fome que passei, pelos tambores, pelo pinhal cheio de sombras e de morte. Oh como tudo isto me abriu o pensamento! Querido amor! Como me sinto eu própria. Por amor de Deus, nunca voltes atrás! Quando o orgulho me tentar, de novo toca os tambores, faz-me passar fome, ameaça-me com os esqueletos do subterrâneo. Promete-me, querido amor... Eu sou a tua escrava. E tu ensinaste-me que a escravidão é que é a verdadeira liberdade!

(Um silêncio. Pedro leva Catarina para um canto, onde esta lhe é submissa)

Salomão – Oh, como é admirável esta juventude de hoje!
Vicente – E fala bem, a pequena. Com eloquência, carago!
Branca – São horas. Lúcio, vens comigo?
Lúcio – Vou, sim, meu amor.
Salomão – Não acredito.
Vicente – Canudo! Não lhe sabes resistir? Que homem és tu, grande sacana?
Lúcio – Meu pai. Já pensou como Branca ficará linda, a presidir a um comício republicano clandestino?

(Saem Lúcio e Branca. Por outro lado, Pedro e Catarina. Alzira enfia um tabuleiro pela cabeça de Hortêncio e leva-o para fora de cena. Estão em cena António, Salomão e Vicente)

Vicente – Ah, carago! Que mundo este! Aonde iremos parar?
Salomão – Que mais nos espera neste mundo? Que mais veremos? Uma filha minha e um filho seu, hem? Filhos nossos, que somos responsáveis!...
Vicente – Tem razão. Que mais haverá ainda para nós vermos?
António – Uma vez, lá nas minhas florestas...

(Rapidamente entra Serôdio, visivelmente perturbado)

Serôdio - Senhor Comendador...
António – Diga.
Serôdio – Está ali... ali uma... um... uma... criatura... com muita pressa... Quer falar... com o Senhor, sem demora...
António – Que entre.

(Serôdio sai a correr. Entra um macaco com um colar de flores ao peito)

Macaco – Pai, meu pai!
António – Filho, meu filho!

(Abraçam-se)

Vicente – Ah, carago!
Salomão – C'um canudo!

(Olham-se, mostrando um espanto quase metafísico, enquanto pai e filho continuam a abraçar-se)

Junho de 1971

Medidas de Austeridade

Comédia televisiva com austeridade de meios ou Peça para pequeno Teatro

DE FACTO:
– não há cenário;
– são necessários apenas dois actores e uma actriz, podendo esta, até, ser de porte pequeno, embora de grande talento;
– é verdade que se ouvem diversas vozes, mas também é verdade que não se vêem as pessoas a quem pertencem;
– entra também um burro, porém do mais vulgar que há.

DISTRIBUIÇÃO (meras sugestões feitas com a preocupação de austeridade que consta de não diversificar os apelidos dos actores. No entanto, quanto a este aspecto, a decisão final será, evidentemente, de ponta):

Ministro do Equilíbrio e Preços
Chauffeur
Anotadora
Vozes da multidão, do trabalhador Lampreia (que é audível mas sempre ininteligível) *e da Locutora Maria Margarida.*

NOTA – A acção não decorre, necessariamente, em Portugal e em Lisboa, mas no estúdio de televisão de um país onde são evidentemente necessárias e urgentes medidas de austeridade.

(O Ministro do Equilíbrio e Preços aparece no estúdio da televisão sobre um burro que vem conduzido à arreata pelo Chauffeur. O Chauffeur vem de transpirado, cansado, demolido)

Chauffeur – Chegámos, Sr. Ministro. É aqui a televisão.
Ministro – A televisão? Aqui?
Chauffeur - Sim, Sr. Ministro.
Ministro - Não parece.
Chauffeur – Mas é. É o estúdio.
Ministro – Ninguém apareceu a receber-me. E eles sabiam que eu venho hoje fazer a comunicação ao país sobre medidas de austeridade.
Chauffeur – Eu bem quis avisar a televisão de que V. Ex.ª ia demorar. Mas V. Ex.ª proibiu-me que o fizesse.
Ministro – A austeridade entende-se também nas chamadas telefónicas.
Chauffeur – Além disto, V. Ex.ª preferiu usar este meio de transporte

(com desprezo indica o burro).

Ministro – Há que poupar na gasolina. Porque não há-de um Ministro do Estado transportar-se nos meios de locomoção tradicionais?
Chauffeur – V. Ex.ª lá sabe. Mas o resultado é este: ninguém à espera de V. Ex.ª. Eu, que tenho a honra de ser o chauffeur do Sr. Ministro, do Sr. Ministro do Equilíbrio e Preços, e que estou habituado às almofadas do Mercedes,

eis-me aqui todo derreado de conduzir o burro pela arreata ao longo de cinco quilómetros ou mais.

Ministro – Quero apear-me.

Chauffeur – Eu abro a porta a V. Ex.ª.

(Ministro tenta apear-se, enquanto o Chauffeur faz o gesto de abrir a porta do automóvel e as vénias convencionais)

Ministro – Então, homem, não me ajuda!?

Chauffeur – (Inclinado) Faça V. Ex.ª o favor, Sr. Ministro do Equilíbrio.

Ministro – Olhe que me desequilibro. O senhor... o senhor...

(Ministro desequilibra-se e cai para o lado do burro onde o chauffeur não está)

Anotadora – (Entrando) Que foi? Que aconteceu?

Chauffeur – (Erguendo-se da vénia e notando que o Ministro já não está montado no burro) Excelência, onde se meteu?

Anotadora – Que faz aqui este burro?

Chauffeur – (Indicando o Ministro no chão) É S. Ex.ª o Sr. Ministro.

Anotadora – Ministro!? Ora essa, de quê?

Chauffeur – Do Equilíbrio e Preços.

Ministro – Desequilibrei-me...

Anotadora – (Ajudando-o a erguer-se) Magoou-se?

Ministro – Não. Obrigado...

Anotadora – Ah, sim, o senhor, é aquele Ministro que devia fazer uma comunicação ao País...

Ministro – Devia fazer e farei!

Anotadora – Chegou com duas horas de atraso.

Ministro – Eu?

Anotadora – Sim. Ministro - Não é possível.

Anotadora - É, é.

Ministro – E se eu disser à televisão que qualquer hora é boa para o Ministro do Equilíbrio e Preços falar ao País acerca da momentosa questão da austeridade?

Anotadora – A televisão escutará. Acatará. Gravará. Transmitirá. Mas não agora. A emissão desta noite acabou.

Ministro – Espantoso! O que fez a televisão ao notar a minha demora?

Anotadora – Procurou V. Ex.ª por toda a parte. Deu o alarme. Suspendeu oito vezes o programa para fazer apelos.

Ministro – Em que termos?

Anotadora – O Sr. Ministro quer ver os apelos que se transmitiram? Um momento.

(Aproxima-se de um microfone e chama, olhando para cima, como se a cabina técnica ficasse no alto. Note-se que a Anotadora começa por tentar dialogar com Lampreia e, à medida que a peça decorre, é sucessivamente "tradutora" dos sons de Lampreia, sempre ininteligíveis, até que desempenha o papel de Lampreia, que é invisível)

Anotadora – Lampreia! Estás a ouvir? Lampreia! *(Um som de resposta)* Ouve, pá, escuta. Aqui no estúdio está o Sr. Ministro do Equilíbrio e Preços. E quer... *(Som incompreensível mas zangadíssimo do trabalhador Lampreia)* Pois, pá. Também está o burro. Mas o burro não quer nada. Quem quer é o Sr. Ministro. *(Som*

incompreensível do trabalhador Lampreia) Ministro aqui só está um: o do Equilíbrio e Preços. É o único. *(Som de expressão semelhante)* O outro? Não é Ministro. É o almocreve.

Chauffeur – Almocreve!? Isso é comigo? Pois fique sabendo que eu sou o Chauffeur./

Anotadora – Ah, sim, o chauffeur de S. Ex.ª o Sr. Ministro. *(Sons do trabalhador Lampreia)* Não, pá. Vocês aí, da técnica, vêem o mundo à vossa imagem e semelhança. Olha, o burro é sóbrio, o burro não se embebeda com gasóleo. Que disparate!

Ministro – Posso saber o que se está a passar?

Anotadora – V. Ex.ª tem toda a razão. Ó Lampreia, ó pá, manda aqui para o monitor os apelos que se fizeram por causa da ausência do Sr. Ministro, para o Sr. ver. *(Vozes incompreensíveis do trabalhador Lampreia)* Sim, sim, foi a Maria Margarida, sim, ela quem fez os apelos durante a emissão.

Ministro – Quem é a Maria Margarida?

Anotadora - Ora essa! Não a conhece?

Ministro - Não...

Anotadora – Ai, é a nossa locutora mais popular! Vai vê-la agora, Sr. Ministro.

(Aparece no monitor a imagem do burro, que zurra no monitor, mas que ao natural não zurra)

Ministro – Então que é isto? Com franqueza! Digam-me o que foi que aconteceu!

(Som incompreensível do trabalhador Lampreia)

Anotadora – O Lampreia explica que o burro se sobrepôs. Pede desculpa. Recorda que errare humanum est, expressão latina que significa...

Ministro – (Irritado) Eu sei: errar é próprio do burro.

Anotadora – O Lampreia também explicou que, por isso, se enganou nos botões e na imagem saiu o burro.

Ministro – O quê? Ele explicou tanta coisa em tão pouco tempo?

Anotadora - Sim, Sr. *(Para dizer esta frase ela aparece no monitor)*

Ministro - *(No monitor)* Ou o senhor que está lá em cima...

Anotadora – (No monitor) O Lampreia?

Ministro – (No monitor desconfiado) Sim. Ou o Sr. Lampreia é muito eloquente e sintético ou aqui no estúdio a linguagem é abreviada através dum código...

Anotadora – (No monitor) Sim, pois...

(No monitor aparece o Chauffeur que ri à socapa. A câmara enquadra o burro que está de pé; no monitor aparece o burro deitado no chão. Depois, aparece o ministro a sair dum grande automóvel, enquanto o Chauffeur abre a porta e faz vénias, tudo isto sob uma chuva de pétalas de flores, ao mesmo tempo que escuta Alfredo Marceneiro, que canta: "É numa rua bizarra a casa da Mariquinhas". Este fado é subitamente interrompido para dar lugar, de imediato, à voz da locutora Maria Margarida)

Voz da Locutora – Senhores telespectadores.

Anotadora – Vai agora, Sr. Ministro.

Ministro – O quê?

Anotadora – O apelo acerca do desaparecimento de V. Ex.ª. Agora é que vai ver a Maria Margarida.

Ministro – A locutora? Muito bem...

Voz da Locutora – A televisão faz um apelo e aviso: S. Ex.ª o ministro do Equilíbrio e Preços, conforme temos vindo a anunciar, devia ter feito hoje, às 19.15 horas, uma comunicação ao País sobre medidas de austeridade. S. Ex.ª não compareceu, embora tenha saído do seu Ministério às 18.30 horas, comunicando aos colaboradores mais próximos que se dirigia à televisão. A estranheza do facto leva-nos a pedir a quem tenha visto S. Ex.ª o Ministro ou saiba onde se encontra o favor de comunicar para a televisão, telefone 38 51 73, repetimos, 38 51 73; ou de avisar a polícia. Lembramos que S. Ex.ª o Sr. Ministro do Equilíbrio e Preços é uma figura particularmente popular entre as mais relevantes do País, por ter conseguido notável equilíbrio na vida em geral e preços extraordinariamente acessíveis. Essa popularidade determinará, certamente, que o nosso preocupado apelo não fique sem a resposta dos vigilantes, dos bons, dos zelosos cidadãos.

(Durante o apelo da Locutora, nunca a sua figura apareceu no aparelho. A princípio é uma imagem aos riscos horizontais que se movimenta na vertical. Depois pode aparecer parte da cena do suicídio do filme Brandos Costumes, de Seixas Santos, se ele não se opuser. Por último, qualquer coisa de brutal: um serrote a serrar a cabeça dum burro)

Ministro – Impressionante! *(Dirige-se ao burro e certifica-se de que a cabeça do burro continua firme no seu posto)* Felizmente não era a tua cabeça, meu animalzinho! *(Afaga-o)*

Chauffeur – Não compreendo nada. Tenho ouvido muitos apelos pela televisão. A coisa é sempre um senhor ou uma senhora a falar. Aqui houve marosca.

(Voz do trabalhador Lampreia que tenta explicar com grande atrapalhação)

Anotadora – (Defendendo Lampreia) Sabe o que ele diz? Que são os botões. Às vezes dá-se o caso do Lampreia acertar, mas desta vez não.

Ministro – (Discursa) Estou francamente comovido com a importância que a televisão deu àquilo a que, de boa fé, chamou o meu desaparecimento. De facto, não houve desaparecimento. Mas não sou insensível à sucessão de imagens com que a televisão quis dar o alar-me a meu respeito, a noção da desorgânica que se seguiria no meu desaparecimento, a ideia de que, desaparecido eu, seria o caos, seria a decapitação! Muito obrigado!

(Faz um gesto espectacular em redor, envia uma larga saudação na direcção do trabalhador Lampreia. O trabalhador Lampreia emite uma imprecação incompreensível que faz rir a Anotadora. De seguida, o Ministro faz uma festa ao burro e estende a mão à Anotadora)

Ministro – Muito obrigado, muito obrigado a si, muito obrigado à televisão.

Anotadora – Ora essa, por quem é! E houve muitos mais apelos, Sr. Ministro, alguns até transmitidos pela rádio. Nem sequer estes o Sr. Ministro ouviu?

Chauffeur – Não se montou rádio no burro.

Anotadora – Ora essa! Porquê?

Chauffeur – Não havia onde lhe enfiar a antena.

Anotadora – Ah bom... Prevenimos do desaparecimento de V. Ex.ª todas as polícias, inclusivamente a polícia de trânsito.

Ministro – Que não me encontrou! Apesar de eu vir pelas ruas da Capital, do Ministério para aqui.

Chauffeur – E fomos mandados parar por seis agentes de trânsito.

Um até montado em motocicleta...

Ministro – Qual? Qual motocicleta?

Chauffeur – Aquele da motocicleta... que fez tanto barulho que até o burro se espantou...

Ministro – Ah, sim...

Chauffeur – A polícia de trânsito multou-nos três vezes.

Ministro – É verdade. E apesar disso não me encontrou! Não soube sequer avisar a televisão de que eu vinha a caminho, vinha cumprir um dever prometido. O Sr. Presidente do Gabinete disse alguma coisa?

Anotadora – Telefonou nestes termos: "Então o que é feito do Ministro do Equilíbrio e Preços? Porque é que não aparece no ecrã, essa besta?".

Ministro – (Vexado) Ele disse isso?

Anotadora – (Como se pedisse desculpa) Disse...

Ministro – Referia-se ao meu transporte.

Anotadora – Ah, aí está, agora compreendo.

Ministro – Bom, é preciso remediar todo este disparate. A austeridade não pode ficar a perder, lá porque eu vim neste animal e devido à incompetência...

Chauffeur – À minha incompetência?

Ministro – Pois. Mas adiante...

Chauffeur – Ah, V. Ex.ª julga que nos burros também há mudanças: 1.ª, 2.ª, 3.ª...?

Ministro – Adiante! Menina, impõem-se medidas de austeridade. A primeira medida de austeridade refere-se ao tempo. Não perder tempo, poupar o tempo, aproveitar o tempo. E apesar disto, o Ministro do Equilíbrio e Preços, o respectivo chauffeur e a menina estão aqui há uma quantidade de tempo, a perder tempo.

Anotadora – Eu? Nem por isso. A verdade é que já ia a sair, quando me lembrei de que tinha deixado a carteira no estúdio. Por isso voltei para trás.

Ministro – Ainda bem. É a maneira de eu aproveitar o tempo. Bom: quero fazer a minha comunicação ao País.

Anotadora – Agora?

Ministro – Pois.

Anotadora – Sr. Ministro, infelizmente a emissão de hoje já encerrou.

Ministro – *(Vendo o relógio)* A esta hora? E cedíssimo! A esta hora estão certamente a dar desenhos animados.

Anotadora – V. Ex.ª esquece-se de que a televisão encerra às 20.30 horas.

Ministro – Como!?

Anotadora – Ordens superiores.

Ministro - Quem deu essa ordem?

Anotadora - V. Ex.ª

Ministro – Eu!? Eu dei essa ordem?

Anotadora – Deu.

Ministro – Porquê?

Anotadora – Medida de austeridade.

Ministro – É espantoso que um Ministro se tenha privado, a ele mesmo, de aparecer na televisão!

Anotadora – Eu tenho muita pena, até porque o burro é muito fotogénico.

Chauffeur – E eu?

Anotadora – Assim... O burro era para aparecer, não?
Ministro – Claro.
Chauffeur – E eu?
Ministro – Você não aparece.
Chauffeur – Porquê?
Ministro – Então um Ministro que vem falar à televisão precisa que apareça o seu próprio chauffeur?
Chauffeur – Austeridade não é não mostrar o chauffeur. É não o ter.
Ministro – Caluda!
Chauffeur – Porquê?
Ministro – Por austeridade. E preciso não dizer palavras inúteis. São desperdício para quem as diz, para quem as ouve e para a televisão que, com palavras inúteis, gasta inutilmente a maquinaria.
Chauffeur – Então...
Ministro – Mas há mais: na televisão, os actores ganham conforme o tamanho dos papéis. Portanto, o seu papel acabou. Vá-se embora, senão este programa vai custar um dinheirão ao País.
Chauffeur – Isto é mesmo perseguição!
Ministro - Embora, depressa. Ouviu?
Chauffeur - Bem... Levo o burro?
Ministro – Não. O burro fica. É preciso para o programa.
Chauffeur – E como é que eu volto?
Ministro – A pé.
Chauffeur – Eu!? A pé vim eu para cima. Andei cinco quilómetros ou mais conduzindo o burro pela arreata. Eu, que tenho o corpo habituado às almofadas do Mercedes, estou derreado! Portanto, não volto a pé para baixo. *(Mansinho)* Sr. Ministro, posso apanhar um táxi?
Ministro – Não.

Chauffeur – Mas porquê?

Ministro – Medida de austeridade. A pé.

Chauffeur – Está bem. Apesar de eu estar derreado, apesar de eu, pertencendo à classe dos chauffeurs, não ser obrigado a andar a pé, vou a pé, porque se trata de medidas de austeridade e eu não quero prejudicar o seu programa de televisão. Mas fique sabendo: se para a próxima vez V. Ex.ª vier de burro, eu não virei a pé trazendo o burro pela arreata, não. Acompanharei V. Ex.ª - ah, sim, sem dúvida, lealdade acima de tudo! Mas de automóvel. Virei de automóvel atrás do burro.

Ministro – Para quê?

Chauffeur – Para o regresso, Sr. Ministro. Para V. Ex.ª não me obrigar a voltar para baixo a pé. *(Chauffeur vai a sair)*

(Ouve-se, incompreensível, a voz do trabalhador Lampreia)

Chauffeur - *(Olhando na direcção de Lampreia)* Adeusinho, até à próxima, ó Lampreia! *(Chauffeur sai)*

Ministro – Com franqueza, este Lampreia tem o dom de me irritar!

(Clamoroso protesto do trabalhador Lampreia)

Ministro - O que foi?

Anotadora – (Reproduzindo o estado de espírito de Lampreia) O colega Lampreia não compreende por que motivo irrita V. Ex.ª!

Ministro – A mim?

Anotadora – E diz que, se é por causa dos botões, este mundo está cheio de avarias e cada vez terá mais. E se V. Ex.ª é

do Equilíbrio, faça o favor de equilibrar este País em matéria de avarias.

Ministro – Estou a tentar, Mas, por favor, explique ao seu colega que ele não me irrita.

(Vozes do trabalhador Lampreia)

Ministro – Quer traduzir?

Anotadora – (No tom de Lampreia) Irrita, irrita! Foi o próprio Sr. Ministro quem o afirmou.

Ministro – Eu!? Não é verdade! *(Sons do trabalhador Lampreia)* Que diz?

Anotadora – Disse: Ai, Ai...

Ministro – Ai, ai... O quê, magoou-se?

Anotadora – E que, para o Sr. Ministro ouvir, vai mandar para baixo o Sr. Ministro a dizer que o Lampreia irrita o Sr. Ministro.

(No monitor vê-se o Ministro e ouve-se proferir a frase rigorosamente como dantes)

Ministro – (No monitor) "Com franqueza, este Lampreia tem o dom de me irritar".

Ministro – (Gargalhada) Compreendo a confusão. Posso falar directamente ao colega Lampreia?

(Voz de Lampreia)

Anotadora – Ele diz que faça o favor.

Ministro – (Falando na direcção da cabina técnica) Sr. Lampreia: *errare humanum est; sed non in errore perseverare.* Compreendeu?

(Voz de Lampreia)

Anotadora – Diz que sim, que é uma frase latina que quer dizer: errar *é próprio do homem; mas não é próprio do homem insistir na asneira.*

Ministro – Exacto. Muito bem traduzido! Ora, quando eu disse: "Com franqueza, este Lampreia tem o dom de me irritar!", eu queria ter dito: "Com franqueza, este chauffeur tem o dom de me irritar".

(Voz do trabalhador Lampreia)

Anotadora – O Lampreia entendeu e pede desculpa.

(Vê-se o Ministro no monitor repetir várias vezes a frase, tal como acabo proferir)

Ministro – (No monitor) "Com franqueza, este chauffeur tem o dom de me irritar".

(Ministro segue esta transmissão muito satisfeito e no fim explica:)

Ministro - Coisas que acontecem a um Ministro do Equilíbrio e Preços ou até a um Ministro das Finanças: um *lapsus linguae*!

(Gargalhada do trabalhador Lampreia)

Ministro – O Sr. Lampreia sabe o que é *lapsus linguae*?

(Voz do trabalhador Lampreia)

Anotadora – Ele diz que é quando uma pessoa quer falar direito, mas a língua lhe descai para o disparate.

Ministro – Muito bem traduzido.

(Voz do trabalhador Lampreia)

Anotadora – É assim como dizer que se deita água no carburador dos automóveis, quando afinal o que se deita é óleo no motor!

Ministro – Exacto. *(A voz de Lampreia ri, assim como a Anotadora e o Ministro; se possível, o burro também colabora nesta alegria)* Exacto! Muito bem traduzido! Vejo que o Sr. Lampreia sabe latim. Terá frequentado o Seminário?

(Voz do trabalhador Lampreia)

Anotadora – Ele diz que sim. Que até foi Padre durante três anos, mas ao fim de três anos, desistiu.

Ministro – Lamentável! Em regime de austeridade, não desistiria ao fim de três anos de o ter sido; e, se era para desistir, devia ter começado por não o chegar a ser.

(Breve explicação do trabalhador Lampreia)

Anotadora – O Sr. Ministro tem toda a razão. E ele próprio, anteriormente, a tal respeito fez exame de consciência; e agora faz sobre o mesmo assunto, a sua própria autocrítica!

Ministro – Aí está uma subtileza que indica que o Sr. Lampreia não aplica medidas de austeridade à sua própria inteligência: esbanja-a, porque a possui em generosa quantidade.

(Voz do trabalhador Lampreia)

Anotadora – O trabalhador Lampreia agradece a V. Ex.ª o elogio.

Ministro – É bem merecido, pois apesar de se encontrar encerrada a emissão televisiva, ele conseguirá que eu faça agora a minha comunicação ao País.

Anotadora – Agora!?

(Voz do trabalhador Lampreia)

Anotadora - Para transmitir quando?

Ministro – Amanhã. Ah, eu tenho muito que fazer. Imagine o trabalho, as trapalhadas, que esperam o Ministro do Equilíbrio e Preços! Se eu fizesse agora a comunicação ao País, não tinha de cá vir amanhã.

Anotadora – Mas é que...

Ministro – Sim, eu sei que vai dizer que amanhã o País precisará de mais medidas de austeridade do que precisa hoje. É verdade! Mas, para resolver o problema, eu exagero hoje um bocadinho, para a coisa valer para amanhã. De acordo?

Anotadora – A ideia é gravar hoje e transmitir amanhã?

Ministro – Sim.

(Voz de Lampreia)

Anotadora - De acordo.

Ministro – Amanhã, é claro, a televisão fará vários anúncios do acontecimento e eu próprio, no início da comunicação, explicarei o motivo pelo qual a comunicação não foi feita durante a transmissão de hoje.

(Voz de Lampreia)

Ministro - Hem?

Anotadora – A emissão de ontem.

Ministro – Não. A comunicação foi transmitida na emissão de hoje... *(Mostra o relógio)*

(Voz de Lampreia, irritada, explicando)

Ministro – Ah!... *(Efusivamente)* Compreendi. Claro: eu hoje tenho de dizer "emissão de ontem", uma vez que a comunicação só é transmitida amanhã.

(Relativamente longa intervenção de Lampreia)

Ministro - Hem? O que foi? Desta vez não compreendi.

Anotadora – Ele disse: bravo!

Ministro – Só?

Anotadora – Bravo porque o Sr. Ministro compreendeu.

Ministro – Devo confessar, sem vaidade estúpida, que compreender é coisa que frequentemente me acontece.

(Lampreia repete o som anterior)

Ministro - *(Acenando para a cabina)* Bravo!

Anotadora – Ele diz que vai preparar a gravação. O Sr. Ministro não se importa de esperar um bocadinho?

Ministro – Claro que espero, pois compreendo a situação. *(Acaricia o burro)* Oh meu animalzinho!...

Anotadora – *(Enternecida com a atitude do Ministro para com o burro)* É simpático.

Ministro – Quem? Eu?

Anotadora – Não, o burro,

Ministro – Ah... *(Acaricia o burro outra vez)*

Anotadora – Eu nunca me atreveria a dizer a V. Ex.ª que V. Ex.ª é simpático...

Ministro – Porquê?

Anotadora – Porque a simpatia do Sr. Ministro não é um problema meu. Isso é lá com o Presidente do Gabinete e com o povo em geral.

Ministro – É pena. Se dissesse, dava-me confiança...

Anotadora – *(Entusiasmada)* Senhor Ministro...

Ministro – Às vezes necessito desse tipo de apoio, desse apoio pequenino e meigo. É muito duro ser Ministro, sobretudo do Equilíbrio e ainda mais dos Preços. Dá-me a impressão por vezes, de que estou em casa dos respeitáveis cidadãos e transtorno as suas vidas. Terei humanamente esse direito? Quando proponho medidas de austeridade, não estarei a introduzir modificações na vida particular das pessoas, as quais têm o direito à boa qualidade de vida e que, devido ao que preconizo, têm de a prejudicar? Claro, não o faço por prazer, mas porque é preciso, certo de que mais tarde, e devido às medidas de austeridade, a qualidade de vida das pessoas vai melhorar. Mas, de imediato, como convencer um trabalhador de que ele deve trabalhar mais, sobretudo quando se julga no direito de trabalhar menos e quando trabalhar lhe é desagradável; como convencê-los de que é

preciso trabalhar mais e melhor, se isso significa sacrificar o prazer a que têm direito as pessoas que, por mais justificado que o considerem, sentem, no fundo, que é injusto pedir-lhes mais esse sacrifício? Ah, não é fácil. E tudo isto, ainda por cima, se volta contra a minha própria qualidade de vida pessoal. Também devia ter direito a ela, não? Mas estou estoirado, não durmo, mal vejo os meus filhos. É difícil ser Ministro, sobretudo na medida em que tal representa, de algum modo, ser desumano...

(Pausa. A luz no estúdio aumenta por sectores. O Ministro reage a cada um que se liga)

Anotadora – Sr. Ministro... Eu acho que o Sr. Ministro... é muito simpático...

Ministro – Obrigado. É muito boa para mim... Aliás, quando proclamo medidas de austeridade, não sou como "Frei Tomaz, faz o que ele diz, não faças como ele faz". Eu tenho vivido sempre em austeridade pessoal. *(Tira uma carteira de fotografias, que desdobra e entrega à Anotadora)* Tenho dez filhos, dez! Portanto, vivemos sempre em austeridade. Dantes eu era perseguido pelo governo, não me sabia curvar, ganhava pouco. Claro, a austeridade era lá em casa o ar que se respirava. Hoje sou Ministro e, confesso, fui bem escolhido. A vida quotidiana fez de mim um perito em austeridade. Há quem pense que um Ministro ganha muito bem. *(Sorri)* Mas olhe, como as coisas estão, lá em casa a austeridade continua...

Anotadora – Os seus filhos são todos muito bonitos.

Ministro – (Radiante) Acha?

Anotadora – E tem-nos de todas as idades.

(No monitor aparecem as fotos, sucessivamente)

Ministro – São tudo quanto possuo. Claro, alguns deles já são adultos. Mas todos precisam de mim, como se fossem bebés. Alguns andam desorientados. E não é por culpa deles... As circunstâncias...

(Uma câmara passa pela frente do Ministro e da Anotadora)

Ministro - Que é isto? Estão a gravar?

Anotadora – Não, não estão a gravar, Sr. Ministro.

Ministro – Ainda bem. Porque seria grave, muito grave! A comunicação que vou fazer é objectiva, concreta, construtiva para o povo. Nada tem a ver com as minhas frustrações, com a minha vida particular.

Anotadora – É pena, Sr. Ministro. Se o povo ouvisse o que esteve a dizer, talvez tudo fosse mais fácil. Eu pertenço ao povo. O povo gosta de compreender as coisas concretamente. O povo é humano, gosta de compreender as coisas simplesmente, humanamente. Quando os governos são arrogantes e proclamam, afirmam, gritam, decidem, determinam; quando se apresentam, como o Napoleão, cheios de poder e de força, o povo desconfia, porque se convence de que o governo ignora que o povo sofre todos os dias, a todas as horas. E então sente que o governo é injusto para com ele; que saca do povo vantagens para si. Mas se as medidas de austeridade, por exemplo, são aconselhadas por alguém que é austero, que sabe ser austero, então o povo sente que não está só.

Ministro – Talvez. Aí está uma moralidade infantil. Mas aceito que seja correcta e... e talvez a menina tenha razão.

(Pausa)

Anotadora – (Tom profissional) O Sr. Ministro traz a comunicação escrita ou vai fazê-la de improviso?

Ministro – (Tira papéis do bolso) Escrevi-a, está aqui. *(Mostra os papéis)*

Anotadora - (Lembra-se de algo) Ah!

Ministro – O que foi?

Anotadora – A caracterização! Esqueci-me de que a sala de caracterização está fechada.

Ministro – Bom, eu posso aparecer sem caracterização, não há inconveniente.

Anotadora – De maneira nenhuma! Ficava mal, ficava muito duro na imagem. Como é que vai ser? Se ao menos eu pudesse ir lá dentro buscar os produtos... *(Fala para a cabina)* O Lampreia, ó pá, lembrei-me agora, como é que vai ser a caracterização? Lampreia, a caracterização do Sr. Ministro...

(Voz de Lampreia. Anotadora desata a rir)

Anotadora - Bem lembrado...

Ministro – O quê?

[A câmara fixa a carteira da Anotadora. Sempre divertida, a Anotadora (vêem-se apenas as mãos) pega na mala e de dentro tira as caixas, os lápis, o seu próprio make-up]

Anotadora – Não é o ideal, mas é o que há.

Ministro – A menina vai pintar-me?

Anotadora – Claro.

Ministro – Vai pintar o Ministro do Equilíbrio e Preços com as mesmas tintas com que se pinta a si?
Anotadora – Pois. Quer fazer o favor de se sentar, Sr. Ministro?

(Enternecido, o Ministro senta-se. Ela tira o lenço do bolso do Ministro e estende-o sobre o peito dele, entalando-o no colarinho)

Ministro – Não acha que eu vou ficar muito... muito...
Anotadora – Não, não fica nada disso... Vai ficar muito bem...
(As folhas da comunicação espalham-se no chão)

Ministro - *(Aponta)* Olhe...
Anotadora – Já se apanha a papelada, não se aflija, Sr. Ministro. Agora quieto, que estou a pintá-lo.
Ministro – Apesar de ter escrito essa comunicação, sinto que o que era preciso não era um discurso. Mas... qualquer coisa de vivo... Qualquer coisa mais... mais...

(Ouve-se no altifalante o vozear da multidão, que protesta furiosamente)

Ministro – Porque estão a protestar já? Eu ainda nem sequer falei, eu ainda estou a ser pintado!
Anotadora – Não faça caso. Estão lá em cima na cabina a acertar o som.
Ministro – Ah... Eu dizia... dizia... sim, que precisava de qualquer coisa clara, que através da televisão definisse muito bem a situação em que o povo, o País, se encontra, sim, a situação objectiva... Talvez uma imagem... uma imagem simples, forte, que todos compreendessem...

(As câmaras fazem alguns discretos movimentos. Voz do trabalhador Lampreia)

Ministro - Que aconteceu?
Anotadora – Estão a experimentar as câmaras.
Ministro – Sim, eu precisava de qualquer coisa de forte, que definisse e mostrasse a situação real em que nos encontramos, donde logo surgisse a necessidade, a urgência das medidas de austeridade...
Anotadora – Bem... mas o quê?

(Vê-se o burro que come a própria albarda)

Ministro - Olhe, olhe...
Anotadora – Está com fome o burrinho, Sr. Ministro... Por favor, não se ponha a olhar para o burro, deixe-me caracterizá-lo... *(Ministro fascinado, olha de novo para o burro)* Sr. Ministro, esteja quieto, senão a imagem sai malhada.
Ministro – *(Deixando-se caracterizar)* O burro come a palha da sua própria albarda. Quando acabar de comer a albarda, já não terá de comer. E sem albarda não pode trabalhar. E se não trabalha... se não trabalha... como pode aspirar a uma vida de qualidade?

(Voz de Lampreia)

Anotadora – O Lampreia pergunta se estamos prontos.
Ministro – Cá por mim....

(Ela tira-lhe o lenço e põe-no no bolso. Apanha os papéis da comunicação escrita e entrega-lha)

Ministro – Depois do que acabo de ver, isso já não é preciso para nada!

Anotadora – Tenha paciência, Sr. Ministro, vamos puxar a cadeira para aqui. *(Executa)* Assim... *(Para Lampreia)* Ó Lampreia, ó pá, estamos prontos.

(Ouve-se o som de besoiro. As máquinas avançam sobre o Ministro)

Ministro – Povo deste maravilhoso País! Concidadãos! Era uma vez um burro que, após prolongada vida de ilusões, de erros, de anormalidades, nada tinha já com que se alimentar. Sentia saudades dos prados e dos campos verdes, dos bons cereais - coisas de outros tempos, que agora já não possuía. Até alguma cevada e algum milho que pusera de parte para um ano de seca que por acaso viesse, até isso devorara. E porquê? Porque não se aplicou a obter alimento para o dia a dia e muito menos, por causa do desleixo, conseguiu restituir as reservas que tinha posto de parte. Então o burro lembrou-se de que lhe restava ainda uma última possibilidade de subsistir, um último pitéu para saborear; e também sabia que, sem dúvida, este seria o último e que, uma vez esgotado, morreria por inanição. Apesar disto, não pensou em modificar os erros que tinha cometido, modificar a sua vida, não. Essa última possibilidade de alimento era a palha da sua própria albarda. Virou o focinho para trás, e pôs-se a comer, com espantosa tranquilidade, a palha da sua própria albarda. Comeu-a... comeu-a...

(A Anotadora tem estado fascinada, surpresa. Chegado a este ponto, a voz do Ministro começa a tornar-se incompreensível, como a voz do trabalhador Lampreia)

Ministro – ... comeu-a... saboreou-a até ao fim... e quando da albarda restava apenas o que não era comestível...

(As câmaras aproximam-se mais e tapam o Ministro, que deixa de se ver. Quando o tom das palavras do Ministro se torna exaltante, aparece o burro num prado fértil)

Agosto de 1976

O Amor das Três Laranjas

Inspirado no texto de Carlo Gozzi

Dois Actos, imaginados sobre prodígios que em criança as Evangelinas me contaram nas Furnas (Açores), "factos" provados da tradição popular.

...minha primeira experiência literária no género teatro/ficção para crianças, incluindo aqueles adultos que conservaram a inocência ou a fingem para melhor viverem.

PERSONAGENS

Rei
Tartalha – Seu filho, príncipe herdeiro
Clarisse – Sua sobrinha, da negra magia
Primeiro Secretário – Cúmplice da anterior, ex-Primeiro Secretário
Girão – Áulico do Rei, da magia branca
Morgana – Marquesa, cérebro da negra magia
Tribinho – Actor cómico, Médico Honorário e cozinheiro
Nina – Princesa, habitante de uma laranja, por vezes pomba
Anjo do Fole – Demónio
Médicos
Interceptador
Chefe do Gabinete
Enfermeiro

Ferocíssimos das Forças:
da Guarda do Palácio Real
das Fronteiras e Caminhos
das 92 Polícias
dos Aéreos Espaços

Flautista – Alter-ego de Girão
Camelo
Portão
Poço
Corda
Cão
Cozinheira
Creonta – Bruxa desconforme
Franjas

Pomba
Figuras de Banda Desenhada
Espionagem Cinzenta
Sequestrados de Creonta – Semi-gente
1.ª, 2.ª e 3.ª Laranjas

A acção decorre em qualquer reino, em qualquer tempo.

PRIMEIRO ACTO

CENA I
"Junta Médica"

(Cenário: sala do trono deslizante de El-Rei. El-Rei está no trono e defende-se pois parece acossado pelos médicos e pelos que o rodeiam)

1.º Médico - (Sobrepondo-se à voz do Rei e ao burburinho) Não há remédio: tem de fazer exame!
2.º Médico - Indispensável, Majestade!
Rei – Eu!? O vosso Rei!?
1.º Médico - Pois.
2.º Médico - Indispensável!
Rei – Cheguei a esta idade, comando a nação, conquistei condados, abati poderes abusivos, tenho filho, tive Rainha, tenho sobrinha, interfiro no governo, enfrento a negra magia, o meu povo vive em alegria... e agora querem que faça exame!?

2.º Médico - Indispensável...
1.º Médico - .. .para chegar à verdade!
3.º Médico - Nada temais, Majestade.
Rei – Ora bolas!
???.º Médico - Não há risco de desprimor.
5.º Médico - Não ficareis por cábula...
3.º Médico - O exame não é de passagem...
4.º Médico - Não daremos notas.
Rei – (Furioso) Outra vez este ano passagens administrativas!?
2.º Médico - É um exame somático-corporal...
3.º Médico - E psico-vegetativo...
Rei – Por que motivo?
1.º Médico - É a única prova que falta para diagnosticar a doença do Príncipe Tartalha...
Rei – Mas que tartalhapalhada! Quem está doente é o príncipe e a mim é que examinam?!
1.º Médico - Do mal do príncipe o sintoma está à vista...
2.º Médico - Tristeza e melancolia...
Médicos – Melancolia e tristeza...
Rei – Oh, eu sei... sou seu pai e seu Rei... E choro de desgosto, pois tudo já se fez e o príncipe não se activa. Sois médicos e não o curais!?
Médicos – Senhor, talvez...
Rei – Não o tratais, não o curais e quereis fazer-me exame, a mim!? Para quê? Não direis?
1.º Médico - A hereditariedade...
Rei – Cantigas! Meu pai e minha mãe eram sãos como abacaxis! E do meu avô nem falar: aos setenta invadiu quatro nações. Aos oitenta gerou três gémeos numa mulher de quarenta e seis!
3.º Médico - Duma vezada!?

1.º Médico - Ainda que por herança não se prove nada... talvez alguma coisa adquirida...

Médicos – (Galhofeiros) Hem?... Hem?...

Rei – Sempre fui fiel à rainha, em morte como em vida.

1.º Médico - Só depois do exame decidimos se curamos o príncipe Tartalha ou se de o curar desistimos...

Médicos – Se curamos... se desistimos...

Rei – Ah sim! Ele é isso!? Venha daí esse exame!

(Música. Segue-se a pantomina do exame ao Rei)

Rei – Então!?

1.º Médico - Nada.

3.º Médico - Saúde a rodos!

Médicos – São como um pêro. Como um nabal. Como um são amendoal. São no caroço, são no geral.

Rei – Eu não dizia!?

1.º Médico - Donde resulta, pois, que não há causa para a doença do príncipe Tartalha.

Rei – O quê!? Ele não tem mal!?

1.º Médico - Tem!

Médicos – Tristeza e melancolia...

1.º Médico - Doença de alma. A nossa gloriosa ciência não se ocupa de tal.

Rei – Enfim, desistis?

1.º Médico - Pois, somos honestos. Podíamos fingir que o curávamos, porém a nossa ciência é séria, a lucros não visa.

Rei – Entendo. Mas... acaso desistis por conluio com a princesa Clarisse?

1.º Médico - Não percebo.

Rei – Ora, quem não sabe? A minha sobrinha Clarisse o que quer é ver o príncipe esmoído...

Médicos – Oh...
Rei - Definhado...
Médicos - Oh...
Rei – Morto!
Médicos – Ohhhh...
1.º Médico - Para quê?
Rei – Morto Tartalha, fica herdeira do trono a Clarisse...
Médicos – Ah...
1.º Médico - Nada temos com isso.
Rei – Palavra?
Médicos – Palavra de honra!
1.º Médico - A nossa gloriosa ciência é precisa, não se ocupa de política.
Rei – Compreendo. Compreendo... Retirem-se.

(Os médicos saem)

Rei – (Só) Deixam o meu filho na doença, sem médica assistência... Oh coitadinho, ei-lo na cama estiradinho... Oh, é horrível para um pai sentir que a doença do filho atira o Rei do trono abaixo...

(Chora)

CENA II
"Conspiração de Vento em Popa"

(Cenário: de conspiração. Aparece Clarisse, estranha e coleante princesa, seguindo a sua própria luva. Trata-se duma entrevista secreto/erótica)

Clarisse – Meu rei...
1.º Secretário – Minha rainha...

(Abraçam-se)

Clarisse – Eu não te dizia? Enrolei os médicos por via da minha magia.
1.º Secretário – Clarisse, meu amor, princesa, estás cada vez mais
forte!
Clarisse – Sim, Tartalha caminha para a morte... Os médicos desistiram, não me resistiram aos passes. O poder de mim voou e até nos mais crassos penetrou!
1.º Secretário – De noite?
Clarisse – Enquanto dormiam...
1.º Secretário – Oh, amor, que valentia...
Clarisse – Pus-lhes os miolos em papinha, a vontade em cobardia...
1.º Secretário – Bravo! Tartalha morto...
Clarisse – ...dá lugar ao nosso pacto: tu serás rei...
1.º Secretário – .. .e tu rainha!
Ambos – Meu amor...
1.º Secretário – Nós... reis!
Clarisse – Oh... reis...
1.º Secretário – Esse trambolho que ainda ocupa o trono, morto o filho, pouco viverá.
Clarisse – (Indignada, apressada) O quê? Eu, esperar pela morte natural do Rei!? Oh, não, não tenho pachorra!
1.º Secretário – Então, mata-se o velho. Morra!
Clarisse – (Lúbrica) Amor...
1.º Secretário – É limpinho! Dalguma coisa servirá eu ser o Primeiro Secretário...

Clarisse – (Muito prática) Ora bem, talvez tu pudesses...

1.º Secretário – Não te ocupes, não te preocupes, não te metas no meu caixote! Deixa-me, a mim, que adopte o modo melhor de dar cabo do velhote.

(Abraçam-se e envolve-os o escuro)

CENA III

(Continuação da Cena I. Girão está inclinado sobre o Rei, que chora)

Girão - Chorais, Senhor?

Rei – Choro, não estás a ver?

Girão – Vejo, sim.

Rei – Então se vês porque perguntas?

Girão – (Indignado) Senhor!

Rei – (Furioso, choroso) A doença de Tartalha ainda me atira do trono abaixo!...

Girão – Senhor, a Monarquia...

Rei – Não, a Dinastia...

Girão - A Monarquia...

Rei - A Dinastia...

Girão – Primeiro a Monarquia...

Rei – A Dinastia... *(Bulham. Conciliador)* Irra! Dinastia mais Monarquia! Assim ficas satisfeito?

Girão – Tirais-me um peso do peito!

Rei – Ora, se sabem que o filho se me vai, atiram-me do trono abaixo.

Girão – Não consentirei!

Rei – Garganta! Julgas que te aguentas com a ganância de tamanha formiga branca!? Primeiro, a Morgana...

Girão – A Marquesa de Morgana...

Rei – Monopolista, latifundiária, multinacionalista! Está contra mim ressabiada: primeiro, apreendi-lhe o Rolls Royce, depois três condados e cinco palácios; depois confisquei-lhe as acções do bolso e da bolsa. Caiu no desespero, entregou-se à negra magia, fez-se bruxa de raiva contra mim.

Girão – Contra vós!?

Rei – A seguir vem a princesa Clarisse... Ambiciona o trono, é unha e carne com a Morgana. Trabalha para que o primo Tartalha morra... Hem? Que tal?... Ai, eu caio do trono abaixo, caio, caio...

Girão – *(Teimando)* Não consentirei!

Rei – Que podes tu contra tais rufias? Olha, até o meu Primeiro Secretário que, é claro, devia ser-me leal, com eles é que se entende...

Girão – *(Firme)* A questão não está aí.

Rei – Então?

Girão – É que o príncipe não vai morrer.

Rei – Não!?

Girão – Cura-se.

Rei – Como?

Girão – Basta que ria.

Rei – Olha a novidade! Mas não ri, Tartalha não ri!

Girão – Rirá, há-de rir!

Rei – Oh Girão, oh Girão... *(Ri)*

Girão — Senhor?

Rei – Rir, ele? Ah... rio-me eu de ti... *(Ri)*

Girão - Senhor!

Rei – Mas o príncipe...? Não, não ri!

Girão – *(Forte)* Há-de rir!

Rei – Desconfio... Mas tenta, vai! *(Toca a sineta de chamar o príncipe)* Para o fazer rir, até se pôs toda a corte em festas e festanças...

Girão – ...torpedeadas pelo Primeiro Secretário! Os convidados não se animaram, eram fantasmas, entorpecidos por passes da negra magia...

Rei – Ah, sim!?

(O príncipe entra na cama semovente envergando a larga camisa de enfermo)

Rei - Aí o temos, toca a fazê-lo rir, já que sabes... *(Ri-se)*

Girão – (Hesitante) V. A. veio a cavalo ou veio de leito? *(Ri-se, espera que Tartalha ria, o que não acontece)*

Rei – Faz qualquer coisa, homem...

Girão – O quê, o quê?

Rei – Por exemplo, zurra!

(Girão zurra a contragosto. O príncipe levanta a cabeça)

Girão - Que cara de pau!

Rei – Total!... Atira-me do trono abaixo, ai atira, atira...

Girão – (Enérgico, decidido) Príncipe, deite a língua de fora. *(Deita)* Tem a língua encardida... Agora vamos à barriga! *(Encosta-lhe o ouvido à barriga)* Ui!... Não... Ah, ah *(Ri)* O quê?...

Rei – Fala pela barriga?!

Girão – (Dirigindo-se à barriga) Hem? Repita! Vá... Ah... Pois!

Rei – Que disse?

Girão – Dizer não diz, mas...

Rei – Então?

Girão – Parecia que ria, mas nem por ali se ri!
Rei – Eu bem dizia! A doença de Tartalha ainda o trono me esmigalha... *(Chora)*

(A cama sai semovendo-se)

Girão – Não consegui fazer o príncipe rir...
Rei – Jamais rirá.
Girão – Mas daí só há uma conclusão a tirar: eu, Girão, sou incompetente para fazer rir.
Rei – Ficou provado!
Girão – Ora, é preciso arranjar alguém competente.
Rei – *(Exaltado)* Não há.
Girão – Senhor...
Rei – No meu reino ninguém é competente...
Girão – Senhor!
Rei – ...em coisíssima nenhuma!
Girão – Sabeis que no reino existem actores? *(Rei ignora)* Os melhores do hemisfério!
Rei – Palavra!?
Girão – Conheceis o Tribinho? *(Rei ignora)* É actor. Um cómico sem igual.
Rei – Fará Tartalha rir?
Girão – Até já tem matado pessoas de tanto as fazer rir.
Rei – Então é mandar vir esse Tribinho. Rápido! Venha sem demora aqui. *(Eufórico)* Aqui, já! O Tribinho trabalha e Tartalha rirá! E eu ficarei no trono sentado! Depressa, já! O Tribinho que venha cá!
Girão – É difícil de fazer...
Rei – Mesmo difícil, que se faça!
Girão – Não podemos comunicar com o Tribinho por meios naturais.

Rei – Usa o telefone e o telex.
Girão – O Tribinho está sequestrado pela bruxaria!...
Rei – Irra! A bruxaria aqui em todo o lado mete o nariz!...
Girão – A quem o diz!
Rei – Ah, tenho uma ideia! Enviam-se lá as forças armadas! *(Toca a sineta respectiva)*
Girão – Não resolvia...
Rei – Mandam-se os páras! *(Toca outra sineta)*
Girão – *(Severo)* Devemos aos páras evitar desaires...
Rei – Ora, *(Em profunda análise)* precisamente... onde sequestram o Tribinho?...
Girão – No castelo da Creonta.
Rei – Quem é?
Girão – É uma bruxa disforme, de corpanzil desconforme...
Rei – Condições em que o detém...?
Girão – Está no castelo fechado
pela porta ferrugenta;
a Creonta tem um cão
mas jamais o alimenta;
uiva e ruge o cão danado;
varre o forno a cozinheira
com a própria cabeleira
que de varrer já é parda;
tem a bruxa à sua guarda
entre raio e fumaradas,
entre farrapos e franjas,
Três Laranjas encantadas,
Três encantadas Laranjas.

(Entretanto, Girão foi mudando de cor e de emocionalidade)

Rei – Ah, sacripanta! Tu gozas comigo!? Eu sou o Rei, portanto cumpre-me decidir! E tu ocultas-me a decisão que devo tomar!?

Girão – Só há uma.

Rei – Onde está ela?

Girão – Na minha branca magia. Vou eu, Senhor, por minha via! Desloco-me pessoalmente ao castelo de Creonta e trago aqui o Tribinho, por minha conta!

Rei – E como irás?

Girão – Vou assim!

(Música. Do alto desce rápida a veste de Girão/bruxo. O Rei assusta-se. Estrondo. Girão sobe)

Girão – *(Subindo)* Não tardarei. Mas antes, darei notícias. Cá vou eu, com todos os diabos!

Rei – Pois os diabos te levem
se dos diabos precisas
para ir.
E o inferno te valha
se do inferno precisas
para vir,
pois o príncipe Tartalha
com urgência tem de rir!

(Girão sai impetuosamente, subindo)

CENA IV
"O Caso dos Telexes Interceptados"

(Cenário: sala da zona governamental do palácio real. Entra, embuçado, o funcionário da escuta e intercepção)

Interceptador – Sr. Dr. Primeiro Secretário!...

1.º Secretário – Quem é? *(Vendo-o)* Ah, és o espião da escuta... Escutaste telefonemas?

Interceptador – Interceptei dois telexes. *(Retira-os de sob a capa)* Ei-los.

1.º Secretário – *(Abre um e outro e lê-os, irritado)* Vai-te daqui, vai-te!

Interceptador – Pschiu... senhor...

1.º Secretário – *(Murmurando)* Vai-te. *(O Interceptador sai. Primeiro Secretário dirige-se ao esconderijo de Clarisse. Pronuncia a senha)* "Senha sanha, senha sanha."

(Aparece Clarisse)

Clarisse – O que há, meu amor?

1.º Secretário – Há dois telexes interceptados, querida. *(Entrega-lhos)*

Clarisse – Dirigidos ao Rei!? Esse espantalho ainda recebe telexes!? Hum...

1.º Secretário – Lê, lê...

Clarisse – *(Lendo)* ESCAPEI LEVO TRIBINHO VOU POR AR CHEGO À TARDE VOSSO SERVIDOR. Assina GIRÃO.

1.º Secretário – Conspiram contra nós, hem?...

Clarisse – Calma, pois somos lobos... somos panteras!... *(Pausa)* Agora o outro telex: VIVA EL-REI FUI LIBERTADO DO FEROZ ENCANTAMENTO CHEGO VIA AÉREA LEVO MUNIÇÕES DE GARGALHADAS. Assina: TRIBINHO O CÓMICO IRRESISTÍVEL.

1.º Secretário – Percebeste?

Clarisse (Feroz) Sim, lobo meu! Vêm para fazer Tartalha rir! Ah...

1.º Secretário – Ah, pantera minha! Garanto que não passam!

Clarisse – Manda fechar o aeroporto!

1.º Secretário – Não há pretexto.

Clarisse – Há, sim, lobo meu...

(Artes encantatórias. Toca o telefone)

Clarisse – Fiz descer sobre o aeroporto o mais negro nevoeiro...

1.º Secretário – Ah, pantera minha... *(Abraça-a e atende o telefone)* Está? O quê? É do aeroporto!?... Um nevoeiro súbito? Como jamais se viu?... *(Abraça-a ainda mais)* Ah, pantera do meu coração... *(Rápido)* Não aterra nenhum avião! Qual avião do Xá da Pérsia!... Fechem o aeroporto! Eu quero que o Xá da Perda vá à... *(Desliga)* Ah, pantera!

Ambos – Lobo e pantera unidos...

Ambos – (Em cumplicidade e segredo) ...jamais serão vencidos!

1.º Secretário – E agora... *(Chama)* Sr. Chefe do Gabinete, convoco os Ferocíssimos das Forças. Aqui, depressa!

Clarisse – Ah, lobo meu, como fico derretida perante a tua energia...

1.º Secretário – (Lírico) Ah, princesa, ah, pantera! Quem diz que o amor é o supremo bem? Não sei como te amo mais: se olhando o céu azul quando a brisa canta nos verdes canaviais e os rebanhos retouçam nos prados; se em momentos de fúria, de ódio, quando sentimos invejada a nossa ambição e nascem em nós tubarões devoradores!...

Clarisse – Lobo meu!

(Entra Chefe do Gabinete. Clarisse queima os telexes)

Chefe do Gabinete - Os Ferocíssimos das Forças.
1.º Secretário – Entrem!

(Entrada dos Ferocíssimos. Quando juntos formam um quadro visual de ferocidade)

Chefe do Gabinete – (Anuncia) Ferocíssimo da Guarda do Palácio Real!
1.º Secretário – No palácio ninguém entra, ninguém sai. *(Faz vénia e posta-se)*
Chefe do Gabinete – Ferocíssimo das Fronteiras e Caminhos.
1.º Secretário – Fronteiras fechadas, caminhos vigiados!
Chefe do Gabinete – Ferocíssimo das 92 polícias do reino.
1.º Secretário – O Tribinho e o Girão ou recolhem à prisão ou desaparecem da circulação ou morrem no caminho.
Chefe do Gabinete – Ferocíssimo dos Aéreos Espaços.
1.º Secretário – Ninguém voará enquanto Tribinho e Girão me não caiam na mão.
Clarisse – Ou melhor, na minha garra!
Supremo dos Aéreos Espaços – Deixo voar pombas e pardais?
Clarisse – Jamais! De pomba ou pardal podem ter-se disfarçado.
1.º Secretário – Usar os meios mais violentos, os agentes mais cruéis! *(Pausa)* Alguma pergunta?... Não?... Então saiam. E procedam ferocissimamente.
Ferocíssimos -Sim, Sr. Dr. Primeiro Secretário!!!!!

(Saem, urgentes. Clarisse vai na direcção do seu esconderijo. Abraça-se a Primeiro Secretário)

Clarisse – Tudo controlado!...
1.º Secretário – Tudo. Juro que aqui não chegarão nem Tribinho nem Girão.

Clarisse – Oh, como te amo, meu amor!
Ambos – (Dueto) Nossa potente magia
para a morte de Tartalha
trabalha
p'lo direito e pelo torto.
Não há nada que lhe valha.
Tartalha já não se avia,
Tartalha até já está
tecnicamente morto.

CENA V
"Tratamento de Manutenção"

(Cenário: a mesma sala do trono. Música, uma espécie da dança das horas. Aparece o relógio das quatro horas. O Rei desce do trono para ver as figuras: bruxa roxa, anjo branco, bruxa rosa e diabo negro)

Rei Já as quatro horas dão e nem o Tribinho nem Girão mandam recado nem mandado! Ah, talvez não cheguem a chegar; mas vindo, vão ouvir-mas: não é coisa que se faça, deixar um pai neste relaxo e um Rei no risco de cair do trono abaixo. Ah, não os pouparei! *(Para o público, que denuncia)* O que estão a dizer? Que a polícia interceptou os telexes? Não foi a polícia?... Ora a novidade!... Capazes disso e de muito mais são eles, o Primeiro Secretário e a minha sobrinha Clarisse. Mas...

(Entra Enfermeiro)

Enfermeiro – É hora do tratamento de manutenção.

(Entra Tartalha na sua semovente cadeira. O Enfermeiro, de máscara, auxilia. A cadeira é um misto de trono e cadeira de dentista, com campainhas, aspiradores, irrigadores, aerossóis, altifalantes, alicates, tubagens, etc.)

Rei – *(Implorativo)* Meu filho, tu hoje vais-te rir.
Tartalha – Para quê?
Rei - Para ficares bom.
Tartalha - De quê?
Rei – Da tristeza e melancolia.
Tartalha – Porquê?
Rei – Sempre é melhor estar vivo do que morto. Por isso te vais rir.
Tartalha – De quê?
Rei – Ah, é surpresa! Mas promete que te ris.
Tartalha – Não há de quê, não tenho com quê.
Rei – Com a voz e a garganta! Assim, ah, ah, ah! *(Riso)*
Tartalha — Falta-me o impulso do peito. Tentei mas não sai.

(Toca um despertador na cadeira)

Enfermeiro - É a hora da injecção.

(Dócil, Tartalha estende a nádega. Enfermeiro injecta-o com complicados instrumentos)

Rei – Oh, meu filho, coitado! Estás farto de seres picado!
Tartalha – Pois, papá.

(Toca outro despertador)

Enfermeiro - É a hora do aerossol.
Rei – Meu filho, ai, que te torturam.
Tartalha – Isto inspira-se, papá.

(Tartalha colocou-se em posição para o aerossol. O Enfermeiro põe-lhe cara. O Rei horroriza-se)

CENA VI
"Banda Desenhada"

(Primeiro Secretário e Clarisse tomam novas medidas para evitar a chegada de Girão e de Tribinho. As frases, em "balões" ou reproduzidas por altifalantes ou dadas por ambos os modos, podem ser as seguintes)

Clarisse – Saíram do castelo de Creonta e ainda não se encontram...
1.º Secretário – Oh, corremos perigo...
Clarisse – Tens tudo vigiado?
1.º Secretário – Sim, pelas forças mais cruéis!
Clarisse – Morgana admite que o Tribinho fará o príncipe rir...
1.º Secretário – Oh, maldição! Se Tartalha ri, estamos desgraçados.
Clarisse – Temos de os combater com mais força e manha! Manha e sanha!
1.º Secretário – Vou enviar-lhes a espionagem cinzenta!...
Clarisse – Bravo! Que lhe fique em volta, para atacar o Tribinho e matá-lo, caso venha!...

1.º Secretário – É p'ra já!

CENA VII
"O Curativo"

(A espionagem cinzenta vigia, estando alguns espiões suspensos no ar. Toca outro despertador)

Enfermeiro – É a hora da massagem de agitação.

(Acciona a cadeira, que produz um movimento que agita o príncipe. Tal movimento comunica-se ao Rei, Enfermeiro, espiões, etc., assim como aos que virão)

Rei – Coitadinho do meu filho...
Tartalha – Isto agita-nos, papá!

(Começa a zoar um besoiro)

Rei – Está a zoar um besoiro.
Enfermeiro – Não faz parte. Será a cadeira a protestar?
Rei – É besoiro.
Tartalha – Não é besoiro.
Rei – Não?
Tartalha – O besoiro vem de cima. E este vem de baixo.

(Abre-se um alçapão e de uma nuvem defumo branco surge Girão)

Rei – Girão! Julguei que vinhas pelo ar.

Girão – Para cortar as voltas a esses figurões, utilizei a via subterrânea.
Rei – E o Tribinho?
Girão – Ei-lo!

(De modo semelhante, surge Tribinho)

Tribinho – Real Senhor, viva El-Rei! *(Saúda. A Tartalha)* Oh Alteza principesca! Com que então, melancolia?! Melancolias come-as cá o Tribinho logo ao pequeno-almoço!

(Rei, Girão e Enfermeiro riem)

Girão – O que é isto? Ai, o que é isto que me dá?
Tribinho – Agite, agite antes de usar.

(Agitam-se, riem à gargalhada, os espiões inclusive. Entra Primeiro Secretário)

1.º Secretário – Que pândega é esta aqui? Já não há respeito em palácio? *(Para Rei)* Senhor, V. M. também?
Rei – E tu também, cabrão, não tarda nada.
1.º Secretário – Girão, chegou!?
Girão – Como vê...
1.º Secretário – Mas... Por que caminho? Por que aeroporto?
Tribinho – A cavalo em duas toupeiras!...
1.º Secretário – *(Remoendo)* Canalhas... *(Para os espiões)* Actuem!
Tribinho – Somos todos de gelatina!

(Dá-lhe uma pancada, também começa a agitar-se. Gargalhada. Música trémula. Os espiões descem e tentam prender Girão e Tribinho. Girão deixa-se agarrar. Outros correm atrás de Tribinho que se defende subindo acima de Primeiro Secretário que corre, seguido pelos espiões)

Tribinho – Querem prender o Primeiro Secretário! Querem prender o Primeiro Secretário! Oh El-Rei! Ó Majestade! Isto será golpe de Estado?

Rei – *(Desloca-se na peugada)* Que perguntas, ó Tribinho?

Tribinho – Golpe de Estado?

Rei – Onde está?

Tribinho – Acudam, prendem o Primeiro Secretário!

Rei – Que o prendam! *(Desiste da correria)* Era a maneira de o queimar, sem a chatice de o exonerar! *(Ri-se)*

(Toca outro despertador)

Enfermeiro – Com a Vossa Real permissão... está na hora. *(Dá uma bofetada a Tartalha)*

Rei – Oh, meu filho...

Tartalha – Isto leva-se, papá...

Tribinho – Estupor, tu esbofeteias o príncipe real...?

Enfermeiro – Estava na hora.

(Tribinho põe as mãos no chão e dá ao Enfermeiro como que um coice. O Enfermeiro cai)

Enfermeiro – O despertador bateu a hora. Fiz o meu dever...

Tribinho – Dar porrada no príncipe!?

Enfermeiro – Faz parte do tratamento.

Tribinho – Tratamento te dou eu... *(Atira-se ao Enfermeiro)*

(Rei, Girão e espiões riem. Tribinho bate ao Enfermeiro que foge)

Enfermeiro – Cumpri o meu dever. Sr. Dr. Primeiro Secretário! É isto justo!?
Tartalha – Tribinho, meu amigo...

(Levanta-se da cadeira. Acaba nas pessoas o movimento agitatório, embora a cadeira o continue, agora mais rápido)

Tartalha – O Enfermeiro trata-me bem. Vem cá, Tribinho, deixa-o sossegado. Eu só de to dizer fiquei cansado...
Tribinho – Sim? E agora...?
Enfermeiro – (Para Tribinho) Espantalho! Ao menos eu cumpro o meu dever! Mas tu!? Ora vê lá se o príncipe já se riu...?
Tribinho – É verdade... Ai, se V. A. não rir, sou expulso do Sindicato dos Cómicos. Piedade, senhor, ria! Ou morro de fome e a família comigo.
Tartalha – Só se ri quem rir de dentro; e eu não tenho dentro por donde me rir...
Tribinho – Sois uma Alteza esvaziada?

(Risos à volta)

Tartalha - Sim.
Tribinho – Quem é que vai nessa?
Tartalha – Rir, eu sei o que é.
Tribinho – Como sabe, se não ri?
Tartalha – Quem ri respira fundo e contrai os músculos da barriga. Ora eu...

Tribinho – Deite-se! *(Tartalha deita-se)* Agora respire fundo! *(Faz)* Contraia os músculos da barriga. *(Idem)* Agora ria.

Tartalha – (Expira) Fico prostrado.

Tribinho – Qual! Aguentou a bofetada daquele animal; e fica cansado de respirar, que é coisa que até qualquer enfermeiro faz!?

Enfermeiro – (Aparte) Já mas pagas...

(Risos)

Tribinho – Vamos lá, ó príncipe, fazemos outra vez!

Enfermeiro – (Idem) Há-de servir de muito...

(Repetem o movimento. Os circunstantes participam, "torcem" pelo riso do príncipe e repetem as frases com que Tribinho incita a fisiologia do riso.
Quando Tartalha expira, sem rir, produzem uma exclamação que soa como u balão a esvaziar-se)

Todos – Pffff... *(Frustrados e irritados retiram-se do centro)* Ora bolas! Gaita! Afinal não serviu de nada... Não ri nem por decreto!

Tartalha – Eu bem me esforço mas não sai. Penso que não rirei enquanto o povo não rir. Devido ao desgoverno, desgosta-se de existir; portanto não se ri.

1.º Secretário – O que é lá esse anedotário!?

Rei – Ouviu, Sr. Primeiro Secretário?!

Tribinho – Ora! Quando chega a hora de rir, o povo ri! Por exemplo, quando não há água, nem para a sopa, e nos campos a seca mata as novidades, eu chego à frente do povo e canto assim:

(Ata um lenço à cabeça para representar o papel de Margarida)

Margarida vai à fonte
de *bidon* e avental
Margarida vai à fonte
mas de água nem dedal.

(Riem, imitam os trejeitos de Tribinho)

Rei – Boa piada! No meu reino, por um lado não há pinga de água; por outro, o governo mete água por todo o lado...

1.º Secretário — (Em segredo, para o Rei) Este actor é subversivo. Vou prendê-lo.

Rei – Atreva-se, que o exonero!

1.º Secretário – A mim!?

Rei – A si!

(Acaba a "festa")

Tribinho – (Tímido) Alteza... riu?...

Tartalha – Não.

Tribinho – Porca da minha vida!

Tartalha – Desculpa, Tribinho. A culpa...

Tribinho – ...é de tudo isto. Se não ri, para que serve esta porcaria? E esta?

(Sobe à cadeira e vai atirando os objectos, inaladores, etc. para longe)

Tribinho - Eu também não vos faço rir, então para que sirvo eu?

(Atira-se fora de modo semelhante, sendo agarrado pelos circunstantes. Gargalhadas. Dissimuladamente entra Clarisse. Banda Desenhada)

Clarisse – Estamos perdidos. O Príncipe acabará por rir.
1.º Secretário – Oh, maldição!
Clarisse – Vamos chamar a Marquesa de Morgana. Com Morgana aqui, Tartalha não ri!!!

(Esta "informação" é interrompida)

Tribinho – Ah, não desisto. Vou mesmo fazê-lo rir!
1.º Secretário – Canalha!

(Grunhindo, Clarisse enrosca-se em Primeiro Secretário)

Tribinho - Preciso de uma esferográfica e de arroz!
Enfermeiro – Esferográfica tenho eu. Falta o arroz. Alguém tem arroz?

(Murmúrio: "Quem tem arroz?" "Tens aí arroz?" Etc.)

Rei – Arroz... Arroz! Sr. Primeiro Secretário, há arroz?
1.º Secretário – Só importado.
Rei – O quê!? O reino não produz arroz!?
1.º Secretário – De há dez anos para cá, nem um bago.
Rei – Então mande vir aqui arroz importado!
1.º Secretário – Tragam arroz importado!

(Sai Chefe do Gabinete)

Tribinho - Não demore.

(Saem dissimuladamente Clarisse e Primeiro Secretário. Tartalha suspira e cai. Rodeiam-no)

Todos – O que foi? Que aconteceu?
Enfermeiro - Nada. Está cansadinho.
Rei - É só isso? Então, para a cadeira.

(Entra o Chefe do Gabinete trazendo um saquinho transparente com arroz)

Chefe do Gabinete - O arroz importado.
Rei – Não havia lá mais?
Chefe do Gabinete – Este é o último que existe no reino.
Tribinho – Chega perfeitamente... *(Entregam-lhe o arroz)* Ninguém olhe para cá, vou preparar o meu truque.

(Todos se mostram discretos, excepto o Rei que faz batota e pretende ver, o que Tribinho evita)

(B. D.: Morgana no seu luxuoso e tenebroso cóio. Depois com Primeiro Secretário e Clarisse. As frases podem ser)

Clarisse – Não tarda nada Tartalha ri.
Morgana – Não quero!... Não pode rir!
1.º Secretário – Se ri, nós... flack!!!
Morgana – Eu vou lá.
Clarisse e 1.º Secretário – Depressa!...
Morgana – Mas não nesta figura. Vou transformar-me.
1.º Secretário – Não perca tempo, vá mesmo assim!
Morgana – Ui... não... Gerimbau, Gerimbau...

(Um abutre enfia o bico na boca de Morgana)

Abutre – Trrree... piiióoooooo... piiióooooo...

(O abutre voa, Morgana já é outra)

Morgana - Espirro... e já lá estamos... ah, ah...

(Espirra, gargalhada de bruxa)

Tribinho – (Muito eloquente) O arroz, meninos e meninas, senhoras e senhores, dada a brancura dir-se-ia à vista um cereal inocente. Mas não! Lá nos antípodas, embica os olhos a um bilião de chineses, oh, sim! E por cá não é melhor. Se não, vejam: tenho nesta mão uma esferográfica esvaziada; nesta, um bago de arroz. Este minúsculo, este pequeníssimo bago de arroz, senhores e senhoras, meninas e meninos, destrói fortalezas, abate elefantes, faz um burro cair ao chão. Querem ver?

(Assopra um bago contra Enfermeiro, que cai. Riem)

Enfermeiro - Hás-de pagar-mas!
Tribinho – Querem ver mais?

(Idem com Girão. Entra Chefe do Gabinete)

Tribinho - Querem mais?

(Idem a Chefe do Gabinete)

Tribinho – E agora, fuzilamento colectivo!

(Semelhantemente, Tribinho derruba uns tantos da espionagem cinzenta)

Tribinho - Agora, faça V. A.!
Tartalha – Eu!?
Tribinho – Contra mim.
Tartalha – Não me diverte esse desperdício de arroz, não me faz rir.
Rei – Como? Não te diverte, filho!? É do melhor! *(Para Tribinho)* Deixa– me fazer a mim!
Tartalha – Não é coisa para a sua idade, papá!
Rei - É para todas as idades!
Tartalha – Eis aqui arroz e esferográfica. Ides ver, senhores e meninas, meninos e senhoras, ides ver como El-Rei com a maior facilidade, vai ao Sr. Primeiro Secretário tirar um olho!
Rei – Boa ideia!

(Tenta, Primeiro Secretário foge, Rei apanha-o. Atira o arroz, fá-lo cair. Gargalhada. Dos bolsos saem-lhe berlindes e mais berlindes, que Tribinho atira aos espectadores)

Tribinho – Trazia os olhos na algibeira, tem olhos de berlinde!
Rei – (Zangado, para Tartalha) Tu não te riste!?
Tartalha – Não, desculpe, papá.
Rei – Bolas! Então não serviu de nada, esta fantochada. Levantem-se, que fazem aí no chão? Vá, mostrem essas caras de parvos, que fiquem bem à vista como emblema deste reino, onde o filho do Rei não ri. Levantem-se!

(Tartalha empalidece. Erguem-se, pateticamente fitam Tartalha. Rei tem medo)

Rei – Meu filho, morreste? Morreste?

(Súbito, entra Morgana com estrondo e fumo negro)

Morgana – (Rindo) Um espirro mais e Tartalha ria! Mas não vencereis à minha revelia!
Rei – Ah bruxa danada, ah bruxa daninha!
Morgana – Já te arrebato a saúde, Tartalha, toda duma vez.

(Quer dirigir-se ao príncipe)

Girão - (Luminoso) Não passas!
Morgana – Passo!
Girão – Não, bruxa negra da electricidade negativa!
Morgana – Sim, bruxo da branca ténia!
Girão – É demais!

(Medindo as respectivas forças, avançam um para o outro. Quando se tocam dá-se um "curto-circuito". Morgana cai em frente de Tartalha de modo que, de saias à cabeça, lhe mostra as nádegas, etc. Tartalha ri)

Tartalha - A bruxa tem rabo, além de cu!

(Em redor, alarido de alegria. Entra Clarisse, contorcida, enrosca-se em Primeiro Secretário, todos riem, alguns espiões sobem, etc. Rei abraça Tartalha, abraça Girão, ri e abraça a torto e a direito)

Rei – O Príncipe riu, o trono é meu! Riu, riu, é meu o trono! Já por nada me rebaixo, nem p'lo dito nem p'lo cujo! Não cairei do trono abaixo!

Morgana – (Desgraçando-se, sob o aranzel) Ai, que me desferiram! Desferiram contra mim a electricidade positiva! Ai, cascudo, que m'atiraste! Ai, ai, que estou toda quebradinha, enroladinha! Ai, maldita positiva!

(Entretanto, sai a cadeira medicinal e entra o trono, na dignidade e esplendor que o momento lhe confere)

Todos – O príncipe ri. Está curado. Sem tristeza, sem melancolia. Foi libertado! Liberdade p'ra Tartalha! Liberdade! Liberdade! *(Cantam)*

A ambição de mandar,
a ânsia de tirania
sob a forma de maldade
por força da bruxaria,
foi ao ar, foi ao ar,
venceu a liberdade!

Rei – Viva o V da minha Majestade!
Todos – Viva!
Tribinho – Liberdade, liberdade,
quem na tem chama-lhe sua.
Todos – Já temos a liberdade,
dou-te a minha, dás-me a tua!

(Dueto Rei/Tartalha)

Rei - Tu reinarás?
Tartalha – Eu reinarei!
Rei – O trono é meu!
Tartalha – Que seja vosso
até ao ano dois mil e seis
por meu prazer!
Rei – Sabei, se o não sabeis:
o trono é osso
bem duro de roer.
Tartalha – Quando morrer
vá descansado:
roê-lo-ei
como lhe é dado!
Rei – Girão, Girão, salvámos a Monarquia!
Girão – A Dinastia!

(Bulham)

Rei – *(Conciliador)* Dinastia mais Monarquia, pronto! Assim faz-te mais faísca?
Girão – Tirais-me um argueiro da vista.
Tartalha – *(Para Tribinho e apontando Morgana)* Tratemos desta carcaça.
Tribinho – É p'ra já! *(Com ares de comandante)* Unidade! Esferográficas empunhar!

(Todos exibem esferográficas de variadas cores)

Tribinho - Com arroz, bombardear!

(Forma-se um grupo, "bombardeia" a Morgana, que quase morre; e outro que "agride" Clarisse/Primeiro Secretário. O Rei sobe ao trono)

Rei – Súbditos meus! *(Faz-se em roda um submisso silêncio)* Súbditos meus... Ah... eu ia dizer... qualquer coisa... *(Esqueceu-se)*

Tartalha – (Com reserva, para Rei) E a recompensa ao Tribinho.

Rei – Ah, pois. Sendo a Justiça hábito do meu reino e considerando os inefáveis serviços clínicos prestados pelo Cómico Tribinho à dolorosa doença do Real príncipe Tartalha, o qual, por efeito da sua arte cómica, finalmente o pôs a rir, concedo-lhe o Real título
de Médico Honorário.

(Charamelas. Trazem solenemente a condecoração que Rei coloca em Tribinho. Cantam com pompa e circunstância:)

Honra ao nosso Tribinho
seu saber e amor pátrio
que enriquece a medicina
como médico honorário.

Rei – Tribinho, armo-te cavaleiro! *(Arma-o cavaleiro)* Ordeno que lhe vistam as vestes amarelas da Saúde Pública.

(Vestem-lhas e cantam com solenidade:)

Honra ao nosso Tribinho
o salutar cavaleiro
campeão da assistência
que falta por todo o reino.

(Aproveitando a concentração das atenções no prazer da solenidade, Morgana levanta-se. Violenta, retira a vara verde da sua magia e encosta-a contra o peito de Girão. Luzes, fumos. Girão tenta reagir)

Morgana – Vara verde e viscosa, neutraliza! Neutraliza o Girão! Neutraliza já o bruxo bronco e branco da electricidade positiva.

(Algumas destas palavras reboam. Clarisse e Primeiro Secretário erguem-se expectativos, quase gloriosos)

(Segue-se a maldição de Morgana, que provoca a petrificação de Girão, reduzido a estátua. Tartalha progressivamente deixa-se fascinar)

Por línguas de crocodilo
coaxar de lagarto
pêlos de canguru
sucos do Rio Nilo
patas de Belzebu;

eu mando que teu peito,
que disseco e destilo,
perca força e efeito.

(Retira a vara do peito de Girão. Directa a Tartalha)

Por retortas e crisóis
diabos e diabinhos
que vão assoprando foles,

eu mando que amor-paixão
vivas pelas Três Laranjas!
És presa do meu furor,
boneco da minha praga
e da minha maldição!

Errarás chão após chão
sobre montanhas nevadas
e desertos de suor,
em busca do teu amor
sob a minha bruxaria.

Não encontrarás jamais
as encantadas Laranjas.
Mas não te deixo parar!
Em vão buscas, buscarás
com imunda teimosia
os frutos por que te encantas.

As Três Laranjas buscar
salvo de todo o poder
que não seja poder meu,
por esse mundo te envio
sobre a terra, pelo céu!

(A camisa de doente que Tartalha tem envergado sobe e desaparece nos ares. Fica cavaleiro de armadura reluzente)

Rei – Meu filho!
Tartalha – (Feliz) Meu pai, meu pai!

(Morgana sai com gargalhadas, fumo negro e estrondo)

CENA VIII

$$\text{"}\frac{\text{Destino :}}{\text{Liberdade}}\ \text{x Amor} = \text{Viagem} \pm \text{Magia"}$$

(Cenário: igual)

Tartalha – Viva a minha Liberdade!

Todos – Vivaaaa!

Rei – Só a tens no relativo. És príncipe, agora vais cumprir os teus deveres.

Tartalha – Exacto.

Rei – Portanto, quanto a liberdade, foi-se! Quero que te assentes no Conselho - reúne à primeira quarta-feira de cada mês. *(Proclama)* Nomeio Tartalha Conselheiro de Estado, a partir de quarta-feira. *(Regozijo, palmas, vivas. Em segredo)* Também quero que espiones pela calada o Conselho Secretarial.

Tartalha – Obrigado pela confiança. Mas não serei um rei digno se não for viajar e conhecer mundo.

Rei – O quê?! A bruxa venceu-te? Estás apaixonado por essas Laranjas!?

Tartalha – Sim, tenho no peito amor como jamais senti.

Rei – Pelas Três Laranjas!?

Tartalha – Sim!

Rei – É inumano. Como poderás amar Três Laranjas? Ainda se fosses um limão...

Tartalha – Amo-as! Serão minhas!

Rei – Meu filho, oh, foi para isto que te ressuscitámos!?... E depois, sim, e depois? Girão, que dizes? Hem, que grande

apoquentação para a Monarquia e para a Dinastia! Ele casa com as Três Laranjas - isto é um supor... Então quem será a rainha? Já se viu um reino ter por rainha Três Laranjas? *(Gargalhada geral)* Girão, que fazes? Oh medonhos sinais ameaçam o meu reino! Girão, fala! *(Toca-lhe)* Mas... Girão... tu estás petrificado... és uma estátua!? *(Certifica-se)* Que significa isto?

Voz – Que Girão já não poderá proteger Tartalha na sua viagem; Tartalha morrerá entre o deserto e a neve, entre a nuvem e o riacho!

Rei – Vês a luta que te espera?

Tartalha – Eu sei. E não a temo.

Rei – Oh, Girão, a Morgana transformou-te em pedra! O único homem de juízo do meu reino está agora transformado em estátua!

(Cai junto de Girão chorando)

Tartalha – Senhores, parto a beber o licor da liberdade. As forças do mal retêm liberdade e amor em grutas tenebrosas. Vou libertá-las. E que sobre o mundo voem como pombas! Voltarão comigo, para que o trono do meu pai a todos seja de paz e justiça. *(Palmas, aclamações)* Partamos, companheiros! Adeus, meu pai.

Rei – A Morgana seduziu-te chamando liberdade àquilo com que te sujeita. Se vais, servirás como escravo por esse mundo a sua negra ambição! Apesar disto... partes, meu filho?

Tartalha – Sim.

Rei – Fico a chorar e comigo o trono e o reino.

Tartalha – Nada de prantos e lágrimas de despedida. Parto feliz e voltarei glorioso! Tribinho, queres vir?

Tribinho – Estive contigo na melancolia, estarei contigo na alegria!

(Alegremente Tartalha entrega-lhe elmo, espada e G-3)

Tartalha - E agora, que venha o meu Anjo propulsor!
Todos – O Anjo propulsor! O Anjo do Fole propulsor!

(Surge o Anjo do Fole, de branco, trazendo o fole branco com que vai propulsionar Tartalha na caminhada)

Tartalha – Vamos!

(O Anjo faz actuar o fole. Saem pelo lado oposto mas voltam e saem pelo mesmo lado)

Todos – (Alegres, exaltados) Boa viagem! Vem depressa! Cuidado com os perigos! Adivinha as armadilhas! Evita os inimigos! Esconjura a negra magia! Vai e volta, vai e volta, vai e...
Rei – (Torturado) Ah corja de súbditos, que se alegram com o que é mortal!

SEGUNDO ACTO

CENA I
"Viagem, Parcela Deserto"

(Cenário: um tórrido deserto. Entre o camelo deitado e a palmeira, um homem de turbante, albornoz e babuchas nos pés toca uma flauta arábica. Noção de grande serenidade até que entram, como meteoros, Tartalha, Tribinho e Anjo dando ao fole na retaguarda)

Tribinho – Quero parar... quero parar...
Anjo – Para diante é que é o caminho!

(Saem. O Flautista levanta-se. O Grupo reentra e pára)

Anjo - Paragem para descanso.
Tartalha – (Ansioso, apressado) Só um minuto, hem?
Tribinho – Ai este Anjo propulsor mais parece um demónio andarilho...
Tartalha – O que eu quero é chegar às Três Laranjas.
Tribinho – Só andámos dez por cento e o castelo de Creonta fica a dezoito mil milhas. *(Suspiro de dor)*
Tartalha – Que tens?
Tribinho – Dói-me o nariz, o assento, dói-me o sovaco e as virilhas.
Tartalha – Estás cansado, porcaria de cómico? É seguir p'ràs Laranjas que são Três! *(Indica os sapatos esburacados de Tartalha).*
Tribinho – Mas de sapatos a rir gastarás os próprios pés.

Tartalha – Tens razão e o chão escalda. Ora aí está um problema que é preciso resolver.

Tribinho – Dado o caminho que falta não são sapatos quaisquer. Para de tanto andar não darem um grande berro, os sapatos a comprar deveriam ser de ferro.

Tartalha – Ai, já me contentava com uns ténis! *(Tribinho geme)* Que tens?

Tribinho – Dói-me o nariz, o assento, dói-me o sovaco e as virilhas.

Tartalha – E não te doem as cavilhas? És tal e qual os meus sapatos. Mas eles têm substituição.

Tribinho – Haverá sapataria de serviço, aqui no deserto?

(Flautista intromete-se. Anjo encalorado despe o fato de Anjo)

Flautista - Compreendi que procurais sapatos para continuar adiante...

Tartalha – Exacto.

Flautista – Pois devíeis querer sapatos, mas para voltar para trás!

Tartalha – Tanto faz. Os sapatos são iguais para voltar para trás ou seguir para adiante.

Flautista – Mas quereis ir para diante...

Tartalha – Claro!

Flautista – E devíeis querer voltar para trás.

Tartalha – Isso é ingerência nos meus assuntos internos. Eu quero sapatos, de ferro os prefiro. O uso a dar-lhes, é cá comigo.

Flautista – Indo para a frente, correis perigo.

Tartalha – Obrigado pelo cuidado, mas discordo. Até tenho um Anjo propulsor.

Flautista – Anjo!? Olhai...

(Tirado o disfarce o Anjo é diabo. O fole torna-se negro)

Tartalha - *(Para Anjo)* Então!?...
Anjo – Vesti este fato para refrescar...
Flautista – *(Irónico)* É lógico, não é? Quem tem. calor, veste-lhe roupa por cima... *(Ri)*
Anjo – É a lei do deserto.
Flautista – Demónio é o que ele é!
Tartalha – Propulsiona-me, eis o que importa.
Flautista – A mando de Morgana empurra para o abismo.
Tartalha – Esse "abismo" são as Três Laranjas?
Flautista – Sim.
Tartalha – Pois é esse o "abismo" que eu quero! Eh, ó demónio, disfarça-te de Anjo e propulsiona! Depressa!
Tribinho – Ai... Não descansámos nada.
Tartalha – Querias pernoita em hotel de cinco estrelas?
Tribinho – Vais sem sapatos nos pés?
Tartalha – Sim e tu vens comigo!
Tribinho – Dói-me o nariz, o...
Tartalha – Adiante! O fole funciona?

(Sinal afirmativo e demonstrativo de Anjo. Para Tribinho)

Tartalha - Eh, prepara a vela!
Tribinho – À vela não, agrava o trambolhão.
Tartalha – À vela, ora essa! Com vela é mais depressa!

(Tribinho prepara a vela, o que consiste em enfiar um pano dum lado na espada e do outro na G-3, para aumentar a superfície exposta ao vento do fole)

Flautista – (Esconjura) Contra o poder de Morgana,
que venha o poder do bem
salvar Tartalha, a quem
induz a ser destruído.
Ó minha branca magia,
venha já a ventania!

(O grupo forma a um lado. Começa a ouvir-se o silvo da ventania)

Flautista - Partis?
Tartalha – Sim. Já não é sem tempo.
Flautista – Ou talvez não... O vento que dali vai vir, não deixará.

(Flautista toca a flauta a que o vento obedece, soprando na direcção contrária à da caminhada. O grupo avança contra o vento, recua. O Anjo atira o vento do fole contra a ventania, o impacte obriga-o a dar grandes voltas)

Tartalha – Ó Anjo, assopra para além, que queremos ir para ali!

(Pior ainda. Anjo cai aos pés de Flautista. Tartalha com a espada tenta abrir caminho)

Tribinho – (Assustado, sempre atrás de Tartalha) Com quem esgrimes?
Tartalha – Com o vento. Quero abrir um buraco.
Tribinho – No vento!?
Tartalha – Sim, um buraco para passarmos além.
Tribinho – (Agarra-se a Tartalha) Colo-me a ti, já não tenho forças.

Tartalha – Os meus pés sangram, mas sigo, para diante me atira a paixão.
Tribinho – Ai, o vento faz-me cócegas. *(Ri)*
Tartalha - Tem maneiras, Tribinho!
Tribinho – Não sentes as cócegas da areia nas orelhas?
Tartalha – Sinto mas não ligo. Eh, ó Anjo.

(Anjo sobe)

Tribinho – Aquele já subiu!
Tartalha – Ó Anjo, assopra com o fole para cima a ver se vens para baixo.

(Anjo faz o indicado e desce devagar. Flutua. Os outros rodopiam)

Tribinho - Ai, lá vem mais areia! *(Ri)*
Tartalha – Não te rias.
Tribinho - É das cócegas.
Tartalha - Bolas p'ràs cócegas!
Tribinho – O camelo, o camelo é que nos vai salvar.
Tartalha – Bravo, vamos ao camelo. *(Esforçadamente dirigem-se ao camelo)* Ó anjo!

(Anjo propulsiona-se, de costas. Montam no camelo, Tartalha à frente, Tribinho a seguir e Anjo virado para trás)

Os Três – Levanta-te. Levanta-te, camelo.

(Não se levanta)

Tribinho – É camelo, por isso não se levanta!

Camelo – Não me levanto pois com a ventania levantado eu voava.
Tribinho – Como sabes?
Camelo – Sou bacharel em física e aerodinâmica!
Tartalha – Ai, o peneirento...
Tribinho – O que ele é, é camelo.
Camelo – Ah, sou!? Pois vou-me levantar. Do que acontecer, a responsabilidade é vossa. Lavo daí as minhas mãos.
Tribinho – Mãos!? O palerma julga que tem mãos...
Tartalha – Não o maltrates, que precisamos dele.
Voz – Queiram apagar os cigarros e apertar os cintos de segurança.

(Se esta Voz for a de uma hospedeira de avião, o anúncio pode ser feito também em inglês, árabe, etc. Os "passageiros" apertam os cintos)

Camelo – Vou levantar.

(Ruídos característicos. Camelo ergue-se do chão e sobe. Recua lentamente)

Camelo - Eu não dizia que subia!?...
Tribinho – Ai que medo, vamos a voar de camelo.
Tartalha - O pior é se nos leva para onde não quero.
Tribinho - Onde fica isso?
Tartalha – Fica para trás.
Tribinho – *(Com medo)* Ó Anjo, propulsiona!
Anjo – Não resulta, estou virado à ré.
Tartalha – Propulsiona em técnica de reactor.

(O Anjo propulsiona em reactor. A palmeira arrancada voa e sai. Com exclamações e efeitos de corpo, "torcem" para que o Camelo avance, o que acontece Chegando à posição anterior, o camelo pára)

Tribinho – Parou.
Tartalha – Anjo, força!
Anjo – Estou a dar a toda a guita,
Tribinho - Assopra também com a boca.
Tartalha - Com a boca!

(Anjo sopra com a boca. Devido ao esforço, saem-lhe os cornos negros de diabo)

Anjo - Estou a assoprar!
Tribinho – Com mil diabos!
Tartalha – Sinto-me arrelampado. Vamos para a frente ou vamos para trás?
Tribinho – Se o vento sopra de trás, vamos para a frente.
Tartalha – Mas o vento sopra da frente...
Tribinho – Então vamos para trás.
Camelo – Nós não vamos para um lado
nem para o contrário imos:
viemos ao mesmo lugar.
Se conseguimos parar,
apesar de ir a fugir
de diante para trás
a horrível ventania,
esta é que é a verdade:
nós vamos a progredir!
– Assim diz a Teoria
da Relatividade.

Tribinho – Voamos num camelo catedrático.
Tartalha – Por isso não avança.
Tribinho – Oh, não inspira confiança. Antes num Dakota ou num Mirage.
Tartalha – Não querias nada mais?!
Tribinho – Temo o catedrático... - Eh, ó senhor da flauta, puxe-nos para baixo!
Tartalha – Não liga, é um tipo suspeito. Assopra para cima, para irmos para baixo.

(O Anjo faz. Camelo recua e sobe)

Tartalha – Se o camelo não fosse catedrático, portanto dado a voos do pensamento, podíamos viajar aqui em cima. E era bem melhor, pois tenho os pés a sangrar. Nem por isso desisto de continuar.

(De facto, o pé visível de Tartalha sangra, o outro também)

Flautista - Ai de mim! Vejo pingar no deserto o sangue mais nobre, o da nossa Monarquia! O meu coração não suporta mais!

Ó poderes da magia,
ó sortilégios e manhas!
De desertos e montanhas
que se vá a ventania
e que volte a acalmia! *(Não volta, pelo contrário)*
Ordeno neste momento
que não sopre mais o vento! *(Mãos no ar, cintilantes)*
E tudo pare! E já!

(Tudo pára)

E volte a normalidade.

(Lento, o camelo desce. Apeiam-se. Tartalha anda penosamente. Anjo experimenta o fole)

Tartalha – Amigos, continuar! Mais tempo aqui não aguento.
Tribinho – Dói-me o nariz, o assento,
dói-me o sovaco e as virilhas!
Tartalha – Porque lhes ligas?
Flautista (Distribuindo taças) Senhores, convido-vos para um copo!
Tartalha – Tem algum efeito, para além do prazer?
Flautista – Estanca hemorragias.

(Tartalha bebe um gole. O sangue deixa de correr. Tribinho abusa)

Tartalha - *(Olhando os pés)* Milagre, o sangue já não corre.
Tribinho e Anjo – Ah que espanto! Dádiva dos céus! Jamais se viu...
Camelo – Oh que poderoso anti-hemorrágico!
Tribinho – Ai, camelo! Com um *anti-camelógico* te dava em cheio na corcova!
Flautista – E também acalma inquietações. E faz voltar o príncipe Tartalha ao real palácio de Seu Pai!...
Tartalha – Isso não! *(Atira fora a taça)* Não volto sem as Três Laranjas.
Flautista – Sabes o que são?
Tartalha – São minhas!
Flautista – Presa e ratoeira da negra magia.

Tartalha – Que importa?

Flautista – Estão encantadas. Ferozmente guardadas. Antes de as achares, morrerás.

Tartalha – Talvez. Senhor, a minha aposta é simples: ou morte ou vida mas com liberdade, pois sem liberdade vida não é.

Flautista – Por tanta obstinação sincera, fico convencido. Para ti valem mais que tudo as Três Laranjas?

Tartalha – Sim.

Flautista – Pois assim queres, segue o teu caminho. Em deter-te nada adianto.

Tribinho – Não o deixes seguir avante!

Flautista – Porquê?

Tribinho – Dói-me o nariz, o assento,
dói-me o sovaco e as virilhas.

Flautista – Príncipe! Encontrarás maravilhas, maravalhas e muralhas.

Tribinho – Pois! Seremos gelados pelo gelo, levados por cataratas, comidos por hipopótamos, pisados por elefantes, águias vão tirar-nos os olhos. Seremos multados pela polícia de trânsito! Aliás dói-me o nariz, o assento,
dói-me o sovaco e as virilhas.

Tartalha – Vai-te, traidor! Comigo não quero sevandijas!

Flautista – Aceitas de mim um presente?

Tartalha – De certo.

Flautista – Este escrínio. *(Entrega-lho)*

Tartalha – Abro já?

Flautista – Pois.

Tartalha – *(Abre-o)* Sapatos de ferro!? *(Calça-os)* Certinhos nos meus pés! Obrigado... Mas quem és tu que me curas as feridas e dás sapatos de ferro?

Flautista – Um amigo. Aceitas mais?

Tartalha – Sim.

Flautista – *(Entrega-lhe uma caixa)* Produtos da minha branca magia...

Tartalha – Abro já?

Flautista – Pois. *(O príncipe abre a caixa)* No castelo de Creonta há um portão ferrugento, um cão faminto, a cozinheira de cabeleira parda e a corda do poço, apodrecida e molhada.

Tartalha – E que faço?

Flautista – Ao portão dás este unto, ao cão este pão, e à cozinheira junto ao forno darás estas vassourinhas... *(Indica o conteúdo da caixa)*

Tartalha – E que darei à corda do poço?

Flautista - O melhor que há no mundo.

Tartalha - O quê?

Flautista – Sol.

Tartalha – Sol? Mas como?

Flautista – Estende-a bem estendida e deixa-a secar ao sol.

Tartalha – *(Pausa)* Eu já tinha a valentia. Tu ensinas-me a bondade?

Flautista – Só com ambas vencerás.

Tartalha – *(Perturbado)* Homem, quem és tu? *(Flautista tira o disfarce. É Girão)* Girão!

Girão – Eu.

Tartalha – Tu, aqui? Mas estavas lá, empedernido em estátua...

Girão – Eu vim por meios meus...

Tartalha – Oh, será que cismo? Tu, aqui no deserto!?... Então... vem comigo!

Tribinho – Isso, isso! Vá no meu lugar! E eu volto p'ra trás sem remorso nem lamento. Aliás,

dói-me o nariz, o assento,
dói-me o sovaco e as virilhas.

Girão – No palácio farei por ti mais do que seguindo contigo.

Tartalha – Um abraço e parto.

Girão – Um abraço. *(Abraçam-se. Tribinho prepara a vela. Príncipe entrega a caixa a Tribinho)* Príncipe, era melhor não ires. Mas se vais, abre os olhos sem medo de ver, aprende tudo e não esqueças nada!
Todos – Adeus.
Camelo – Vale!
Tribinho – O que é que disse o camelo?
Camelo – Vale!
Tartalha – Vale! Significa adeus, boa viagem. Em latim!
Tribinho – Fala latim!? Que grande sabedoria, a deste camelo.

(Partem. Cantam)

Trilhai, trilhai os caminhos
que vão dar à liberdade
inda que trilhando espinhos.

Do castelo de Creonta
dos raios e fumaradas
dos farrapos e das franjas,
vamos dar à liberdade
Três Laranjas encantadas
Três encantadas Laranjas.

CENA II
"A+B"

*(**A** - Estátua de Girão. Aproximam-se Primeiro Secretário, Clarisse e Morgana)*

Morgana - Ai, Girão, estátua, estatuazinha, vou-te arranhar com estas unhinhas...
Clarisse – (Irónica) A prima terá as unhas em forma?
1.º Secretário – Aguentará a electricidade positiva?
Morgana – Eu? Que nem ginjas!
Clarisse – (Sustendo o riso) Veremos...

*(**B** - Tartalha e Tribinho, velocíssimos, propulsionados pelo Anjo. Os sapatos de ferro rangem. Saem)*

1.º Secretário – Viu? Tartalha corre direito ao abismo.
Morgana – De que vale? O abismo não é nosso.
Clarisse – Dantes dizia que sim...
Morgana – Mas não é.
Clarisse – Então para quê esta trabalheira? Sempre julguei que uma vez lá caído, tínhamos Tartalha no papo!
Morgana – Por isso te arranho, ó Girão, com estas unhinhas... *(Avança para a estátua, ao "ralenti")*
1.º Secretário – Marquesa...
Clarisse – Deixa-a, a ver se a velha vale o whisky que bebe...

*(**B** - Passagem do grupo em diferente direcção)*

*(**A** - Penosamente Morgana chega à estátua. Arranha-a)*

Morgana – Esmové, esmová... aquidibé... e dibá... bá... bé... Feri-te no meio, feri-te no lado. Em singelo e em quadrado. Jaz empedrenido, jaz acimentado.
Clarisse – Aldrabona!
1.º Secretário – (Censurando) Oh, Clarisse...
Clarisse - O Girão já na estátua não está!

Morgana - Ah, barracuda, queres-me usurpar!?
Clarisse – Velha tonta! A estátua está esvaziada!
Morgana – Prova, prova!
Clarisse – É jáaaaa!

(Faz um gesto ultrapotente. A estátua, esfarela-se)

Morgana – Oh, raiva! Convoco aqui os sete mil demónios!
Clarisse – Ah, cudelume! Os demónios já te não vêm comer a mão!
1.º Secretário – Clarisse...
Morgana – Estou toda roxa! Não atino! Eu estoiro!
1.º Secretário – Por favor... não estoire... Por favor.
Clarisse – Que estoire pr'aí! Já não serve, está velha e tatibitate!
Morgana – Estoiro.
1.º Secretário – Não, não! *(Estoira)*
Morgana - Estoirei!
Clarisse – Ah, que alívio!

(Clarisse atira-se a Morgana. Bulham. Morgana semi-ergue-se)

CENA III
"Degredo Iluminado Segredo Vencido"

(Cenário: Castelo de Creonta. Portão, entrada do antro da bruxa, forno. Um cão enorme e o poço com a corda caquética. As franjas espiam por todo o lado. Os elementos acima indicados gemem, cada um à sua maneira, num coro de protesto contra a nulidade a que os querem reduzir: o portão range como metal atormentado; o cão gane,

duvidoso de o ser; o poço fala no eco vazio; a corda com restos de voz feminina. Às vezes movem-se, como "maquinismo" superiormente condicionado, com limites fixos. Do antro da bruxa e sem que se saiba porquê e quando, saem fumos. Por detrás do portão surge Tartalha e o seu grupo, que se entrevêem por entre a ferrugem e a sujidade acumuladas nas grades. Fumos vão ocultá-los, dissipam-se, etc. Eles desaparecem. Pé-ante-pé, surge Tribinho por detrás das grades, em diligência prospectiva)

Tribinho – (Alto segredo) Tudo quieto. Avante!

(Aparecem Tartalha e o Anjo do Fole)

Tartalha – Empurra.
Tribinho – (Empurrando o portão) Não abre.
Tartalha – Pouco barulho... Empurra comigo. Tu, ó Anjo, dá ao fole. *(Fazem)* Não se mexe, parece calcinado.
Tribinho – Raio de portão!
Tartalha – Pschiu...

(De súbito o "maquinismo" funciona. Do antro de Creonta saem fumos, ruídos, estoiros)

Tribinho – (Com medo) Ai, lá vem a estupidez!...

(Tribinho agarra-se ao Anjo. Escondem-se)

Tartalha - Ao portão, Tribinho, força!
Tribinho – Se aqui estivesse o camelo, voava-se-lhe por cima e aterrava-se lá dentro.
Tartalha – Ah, que me esquecia: os conselhos de Girão!
Tribinho – O unto! O unto! *(Tira da caixa a lata do unto)*

Tartalha – Vá Tribinho, lubrifica. *(Faz. De súbito, estrondo no antro. As franjas silvam. Tribinho foge. Tartalha toma o produto e lubrifica. O portão emite crescentes manifestações de prazer)* Ó Anjo, assopra-lhe a porcaria e atira-lhe ar seco, coitado, o portão está muito oxidado. *(Anjo assopra)* Com mais força, idiota!

Anjo – Assim?

Tartalha – Põe o fole em compressor.

(O fole produz um ruído de compressor. A poeirada voa, fazendo auréola. Tribinho aparece)

Portão – Que bom...

Tartalha – Falaste, ó cobarde?

Tribinho – Eu não.

Tartalha – Ajuda, idiota! Força, a ver se abre.

Portão – Não é preciso.

Tartalha – Não é preciso, palerma? Força, já disse, empurra!

Portão - Não é preciso, o meu mal era a ferrugem e o reumático!

Tartalha - Quem fala?

Portão – Sou eu, o portão. Ah, vocês tratam de mim... Agora já me posso abrir sozinho... Ai que bom...

(Assustado, Tribinho agarra-se a Tartalha)

Tribinho - Ena, aqui os portões falam...

(O portão abre-se lentamente, manifestando prazer. Entram)

Portão – Posso abrir e fechar... abrir e fechar... *(Alegremente, faz)*

Tartalha - Deixaste a caixa lá fora. Vai buscá-la.

Tribinho – Não, o portão entala-me!

Portão – (Abrindo-se, amável) Ora essa, faça o favor...

(Pouco confiante, Tribinho vai buscar a caixa)

Portão – Ai que bom... *(Perante as hesitações de Tribinho)* Entre, entre sem receio... *(Tribinho entra)* Pronto, já me posso fechar. *(Fecha-se deliciado, sensualmente)* Agora vou dormir um soninho descansado. Obrigado, obrigadinho por me darem tanto carinho...

Tartalha – *(Baixo)* É tudo igual ao que Girão descreveu.

Tribinho – Esquisito...

Tartalha – A corda... o cão...a cozinheira... o antro da Creonta...

Tribinho – Pois...

Poço - E eu...

Tartalha – Quem?

Poço – Eu, o poço!

Tribinho (Aparte) – Tem voz de poucos amigos...

Tartalha – Ah, pois. A corda, vamos pegar-lhe pelas pontas e estendê-la ao sol. *(Pausa. Para Tribinho)* Ouviste?

Tribinho – Eu!? Eu, pegar naquela corda!?

Tartalha – Pois.

Tribinho – *(Em segredo)* Será corda ou será cobra?

Corda – *(Muito feminina)* Sou corda, sou corda... *(Estendem-na)* Oh que bom, que rico solinho... Agora é que se me vai a bronquite... Que bom... Ai que bom... Muito obrigada...

(O cão, olhos de lobo, uiva na direcção de Tartalha. Tribinho agarra-se-lhe)

Tartalha – Já aí vamos, cãozinho... *(Dirige-se à caixa)*

Tribinho – Não, não, que ele morde! Eh, ó Anjo, assopra-o com o fole daqui para fora!

(Anjo não actua)

Tartalha – Já te levo o pão. *(Vai aproximar-se do cão, é interceptado por)*

Tribinho - Aquilo não é cão, é lobo, não vês pelos olhos!?

(Tartalha derruba Tribinho, aproxima-se do cão, dá-lhe o pão)

Cão – Béu, béu... *(Mastiga)* Oh que pãozinho, tão molinho... *(Os olhos de lobo transformam-se em olhos de cão. Dá ao rabo)* Muito bom... quentinho, a estalar no meu dentinho... Agora vejo que não é pão...

Tartalha – Então?

Cão - É bôla, é bôla...

Tartalha - Gostas?

Cão – Olá se gosto! É bôla de Trás-os-Montes, com caminha de porco, toucinho e chouriço... No mundo não há melhor... contém tudo o que eu preciso...

Tartalha – (Para Tribinho) Vês, pobre do cão, tem carências de proteína.

Cão – Obrigadinho... *(Tartalha faz-lhe uma carícia)* E deito-me para digerir.

Tartalha – (Debruçado no poço) Que posso fazer por ti?

Poço – Muito... ou nada...

Tartalha – Poço, de que te queixas?

Poço – Primeiro, de ter sempre os pés na água.

Tartalha – Preferias ser um poço seco?

Poço – Não, mas estou cheio de limos, não me limpam, limos da garganta ao tornozelo. Sem mão para me coçar, fazem-me comichões até ao desespero.

Tartalha – Talvez se te dê um jeito...

Poço – Mas a minha grande queixa, ai... Os meus colegas, os poços das aldeias, vivem rodeados por raparigas que lá vão encher as bilhas. E eu estou pr'aqui, não ouço gargalhadas, ninguém se senta em mim para namorar, carne de homem ou mulher sentada na minha beira, sobre mim por amor não sinto trepidar...

Tartalha – Estás muito só...?

Poço – Humilhado, no subemprego. Se não fosse a consolação de dar respiração aos desgraçados sequestrados de Creonta, ai de mim!, já me tinha suicidado.

Tartalha – Estão aí em baixo?

Poço – Sim. E respiram por gretas abertas no meu lado.

Tartalha – Oh, poço, este castelo será libertado. Tem esperança...

Poço – Terei mais esperança...

(Impetuosa, sai do forno a cozinheira; grita, refila e sacode a cabeleira)

Cozinheira – Ai, coitadinha, ninguém me vale. Pr'aqui estou e de varrer o forno a bruxa não me livra. E não me dá pá nem demais material. Com a cabeleira o varro!

Tartalha – Aqui te trago vassourinhas!

Cozinheira – Ai que felicidade! Primeiro vassouro a cabeleira, que era loira e linda e de tanto varrer ficou parda. *(Entra no forno)*

Tartalha – Mãos à obra. Tribinho, onde estão as Três Laranjas?

Tribinho – Eu é que sei?

Tartalha – Tu, sim, tu, estiveste aqui sequestrado. Só por isso vieste comigo.

Tribinho – Mas nunca vi laranjas, nem tangerinas, nem outra fruta qualquer.

Tartalha – Ora bolas!

(A cozinheira sai do forno)

Cozinheira – Ai, que já me vi ao espelho! Ai, que já me vi ao espelho e tenho a cabeleira loira e sou linda como dantes. Ai, obrigadinha pelas vassourinhas.

Tartalha – *(Para todos)* Onde estão sequestradas as Três Laranjas?

Poço – *(Pausa. Em segredo)* Lá em baixo, no meu fundo...

Tartalha – Então eu desço por ti e lá as tenho...

Todos – Não, devagar...

Poço – Se a bruxa te apanha, contra a muralha te esmigalha ou espatifa-te à rabecada.

Tartalha – Então que fazer?

Portão – Tragam-me a bruxa que a entalo na fechadura...

Tribinho – E como é que eu saía?

Portão – Oh, é verdade, que pena!

Tartalha - É preciso um plano de ataque.

Cão - Tenho uma ideia.

Tartalha – Diz.

Cão – Arrisco a pele, mas vale a pena. Vou por ali, desço lá abaixo. Chego-me à bruxa, alço a perna e urino-lhe na saia. Volto para cima e ela, é claro, vem atrás de mim para o castigo! Enquanto ela estiver a subir, a corda pega em ti e desce-te ao fundo do poço.

Tartalha – Bravo! Todos de acordo?

Corda – Eu estou.

Todos – De acordo!

Tribinho – E como saímos nós? A bruxa se aqui nos apanha, prega-nos um cagaço que nos faz em melaço!

Portão – Para saírem, eu abro-me!

Cozinheira – E eu, à bruxa, meto-a no forninho que a asso.
Tartalha – Bom, primeiro é encontrar as Três Laranjas. Para a saída se verá.
Cão – Cá vou eu... *(Decidido, dirige-se ao antro de Creonta)*
Tribinho – Não, não vás!

(Cão olha, encolhe os ombros e desce)

Tartalha – (Impaciente) Porquê?
Tribinho – Quem vai aguentar aqui a bruxa sou eu, sozinho contra ela!

(Ouve-se o cão ganir)

Cozinheira – O cão já mijou e comeu o primeiro estalo!
Poço – É agora, saltar, depressa!

(Tartalha sobe ao poço)

Corda - Cá vou...

(A corda enfia-se pelo poço, Tartalha desce. Precedida por fumos e de modo que por um triz veria Tartalha sumir-se, aparece a desconforme Creonta, apesar disso condecorada no joelho)

Creonta – Que se passa aqui? *(Para Tribinho)* Quem és tu, ó estrangeiro?
Tribinho – Eu, Exma. Sr.ª? Não me reconhece?
Creonta – Não.
Tribinho – Então não sou ninguém.
Creonta – Não és ninguém!?

Tribinho – Sou, sou! Sou ninguém!
Creonta – Bem me parecia... Que fazes no meu império?
Tribinho – Nada, eu nunca faço.
Creonta – Como vieste cá parar?
Tribinho – Eu nunca páro. Passei por acaso. E vou-me embora. V. Ex.ª dá-me licença?

(Emocionalmente, Tribinho trepou para o ventre de Creonta, ficando-lhe agarrado à cintura)

Creonta – Que vens aqui fazer ao alto da minha barriga?
Tribinho – Prestar vassalagem às tripas de Vossência. *(Presta-lha)* E agora deixe-me ir para o chão de V. Ex.ª.
Creonta – Que vais catar no meu chão?
Tribinho – Eu nunca cato! Mas aqui em cima, até posso estragar as tripas de Vosselência.
Creonta – Ah, tratante! Era isso que tu querias!?
Tribinho – Eu!? Até sou muito respeitador!
Creonta – Então, para o chão! *(Empurra-o brutalmente, ele corre desorientado)* Mas pára quieto!
Tribinho – Sim, oh V. Ex.ª!
Creonta – Ajoelha!
Tribinho – Sim, oh V. Ex.ª!

(Cão entra ganindo. Tribinho segue-o e ajoelha a seu lado, ganindo também)

Creonta – Falem, ou têm de se haver comigo! Que se passou aqui? *(Silêncio tenso)* Falem! *(Levanta-se um murmúrio dos admoestados, que vai crescendo)* Basta! Todos ao mesmo tempo, não percebo nada. Fale cada um por sua vez!

(Silêncio. Sub-reptícia, a corda alça-se do poço e volta a estender-se ao sol)

Creonta – Fala, cozinheira! Fala, ó portão! Fala, ó cão! Fala, ó poço! Ó corda, fala! *(Não obtém resposta: ambiente problemático)* Ó corda, ouviste?

Poço – A corda está cansada de ter ido dar uma curva.

Creonta – Hum... Ó cozinheira, vejo-te muito linda e disso não quero eu cá. O poço, é claro, cúmplice até ao pescoço. E vós, ó minhas amigas, vós, ó franjas, franjinhas, que contais à vossa senhora? *(As franjas agitam-se e com sons agudos denunciam)* Ah, barbudos, ah, patudos! Com que então, boicote e greve...

Poço – Sem ocupação...

Creonta – Já vos trato da saúde!

(Exorcisma)

Profundura
confusura
enxofrada
fi-ó-li
de nadeguda
e tara-rá-rá
xi-ó-li-ó-lá.
Da-ta-li
da-ta-lá
xi—o-fi-ó-li—ó-li
xi-ó-fi-ó-li-ó-lá!

(Tartalha entretanto sai do antro de Creonta seguindo as Três Laranjas. O portão abre-se, saem as Três Laranjas. No

momento em que Tartalha vai a sair, Creonta volta-se. Temeroso, o portão fecha-se rápido e Tartalha já não sai)

Creonta – Ah, que os apanhei, e eram dois! Vieram palmar-me as Três Laranjas. Quem de vós se opõe a esta roubalheira? Cozinheira...

Cozinheira – Eu, Senhora Dona?

Creonta – Agarra-os pelos pés! Agarra-os! Põe-nos a assar bem no fundo do teu forno!

Cozinheira – Ai, não, Senhora Dona, que me deram as vassourinhas!

Creonta – Ó traidora! Ó interesseira!

Cozinheira – Eu aqui toda a vida com a cabeleira o forno varri. E agora, pois me deram as vassourinhas, já sou linda e loira como fora. Ai, Senhora Dona, aqui toda me têm eles a protegê-los!

Creonta – Recusas?

Cozinheira – Pois!

Creonta – Ó corda, enforca-os!

Creonta – Antes me deixaste anelada e molhada. E eles deram-me sol... Ai, estou tão confortável e deliciada. Nunca em tal pensaste. Não os enforco, não!

Creonta – Ó cão fiel, ó da minha guarda! Com a dentuça os esfrangalha!

Cão – Não, pois tantos anos te servi e nunca de comer me deste! E eles deram-me pãozinho que era bola de Trás-os-Montes. Comigo não, não contes.

Creonta – Portão meu, de ferro guardião! Faz-me justiça, entala-os!

Portão – Ah, não, que eu estava emperrado, nem óleo me deste nunca, nem valvoline, nem massa consistente, nem azei-te

sequer. Ah, eles deram-me carinho; e lubrificação com aditivos de avião! Não os entalo, não!

Creonta – Ai, pobrezinha de mim! Hostilizada, como pertencendo ao patronato! Se estes de meu serviço assim me tratam, eis-me enganada, latrocinada! Pelas Três Laranjas, me arrebento pois não as acautelei! Um raio me parta, um raio me parta! Arrebento! Arrebentei!

(Tartalha empurra-a com o pé, cai no seu antro. Estoiro. Cão vai farejar e topar)

Cão – Está lixada. O raio deu-lhe em cheio.

(Regozijo. O "maquinismo" funciona fora das regras fixadas)

Vozes – Viva a liberdade! Em boa hora estoirou. A bogalhuda e coiruda. Já se foi!

(De facto, aparecem pelos ares partes da bruxa destroçada: perna, braço, saia, bota, etc. Cantam)

Toda a vida escravizou
quem com ela trabalhou.
Mais forte do que uma adraga
fez-nos mal à lufa-lufa
meteu-nos tanta *miufa.*
E afinal era fraca
e já vencida
trazia a morte na liga.
Viva o príncipe e a coragem
que o exalta na viagem.

Viva o Príncipe Tartalha
que deu o fim
à nossa batalha!

(Surgem os sequestrados de Creonta, semi-gente de que a outra metade foi consumida pela bruxa. Enorme alegria. Dançam como podem. Espatifam as franjas, que se finam com lamentações agudas. Cantam)

A treva já foi vencida
a liberdade foi ganha
agora vamos à vida.

Vamos dar vida ao castelo,
vamos dar vida à montanha,
o que tem vida é vivê-lo!

Tartalha – Adeus, amigos, adeus!
Tribinho – Saudinha por cá.
Poço – Viva o príncipe Tartalha!
Todos – Viva!

(Tartalha avança para o portão, que se abre. Olha em redor)

Tartalha – Onde estão as Três Laranjas?
Portão – Saíram.
Tartalha - Por onde?
Portão - Por aí fora.
Tartalha - Para que lado?
Portão – Não vi. Para o fundo não, que ao fundo as teria visto. Para a direita ou para a esquerda saíram.

Tartalha – Perderam-se! Tanto trabalho e afinal... Tribinho, vamos procurar as Três Laranjas. *(Tribinho está enfastiado)* Ouves, idiota? Tu vais por esse lado e eu por aqui.

Anjo – E eu?

Tartalha – Propulsionas-me a mim.

(Saem. Lento, o portão fecha-se. Os que ficam cantam)

Viva o príncipe Tartalha
que deu o fim
à nossa batalha!

CENA IV
"Laranjas Semoventes"

(Passam as Três Laranjas. Depois Tribinho. Depois, na direcção contrária, Tartalha e o Anjo do Fole)

CENA V
"De Laranja a Pombinha com Menina Quem Atina?"

(Cenário: uma árvore e uma sebe. A copa da árvore é a bruxa Morgana. Entra Tribinho, esfalfado)

Tribinho – De tanto correr, morro de fome, morro de sede. Mas nem a árvore dá fruto, nem por aí há fonte que respingue. *(Entram as Três Laranjas)* As Laranjas, apanhei-as! *(Apanha-as)* De que servem, não me dirão? A obstinação de Tartalha pelas Três Laranjas terá justificação? Ah, mas eu... olhem para esta... *(Indica gulosamente a menor)* Mesmo pequenina, belamente cá me cantaria, tanto o suco como a

polpa... Ai quem me dera abri-la... *(Tenta com os dentes)* À dentada não vai. Ah, se eu tivesse um canivete...

(Morgana atira uma faca)

Tribinho – Cai-me dos céus uma catana! Tartalha por lá anda e as Laranjas não encontra! *(Ri)* Ah, eu como-a e mato a sede. E quando ele perguntar, direi que as não encontrei. Ai faca, salvas-me a vida! *(Corta a Laranja, destapa-a)*

Tribinho – Nada... Laranja, laranjinha, diz o que por ti anda.

1.ª Laranja - Nenhuma sede me bebe
e fome não me devora.
Por dentro não tenho nada
nem sou laranja por fora.

Tribinho – Viram? Oh, Tartalha há-de ganhar muito com o amor-paixão pelas Três Laranjas!... *(Ri)* Ai Laranjas, Laranjinhas, desconfio de vós! Se me não matais a sede, o que sois? Atiro-me já à do meio.

(Amolando a faca, atira-se à do meio, que lhe foge. Agarra-a. Põe o guardanapo, guloso. Dá-lhe uma dentada, sem resultado; usa a faca que a não corta. Fica furioso. Morgana faz descer um berbequim)

Tribinho – Cai-me dos céus um berbequim! *(Liga a ficha, o berbequim trabalha, abre furos à roda da laranja)*

Tribinho – Já estás toda picotada, ó laranja. Agora é fácil, faço-te como ao papel higiénico. *(Procede assim, abre a laranja)*

2.ª Laranja - Fui Laranja, fui menina,
vivi de toda a maneira.
Agora, do que já fui,

só me resta a cabeleira.

(Tira de dentro da Laranja uma cabeleira antiga, lindamente armada de ondas e fitas)

Tribinho – Isto é gozar com a fome do pobre... Cabeleira não se come nem bebe! Ai, a sede já me seca, ai a fome já me dói!

(Vira para a 3.ª Laranja as suas violentas intenções, espumando de gula. Entra Tartalha)

Tartalha – Que fazes?
Tribinho – Eu?!
Tartalha – Tu, pois!
Tribinho – Evito que esta Laranja se abra, como as outras.
Tartalha – Abriram-se?
Tribinho - De livre vontade.
Tartalha - Como?
Tribinho – Encontrei-as longe, num sendeiro, trouxe-as com todo o carinho pelo lon-goooo caminho... Em chegando aqui, a mais pequena abriu-se.
Tartalha – Só por si?
Tribinho – Por si.

(Morgana recolhe a faca)

Tartalha – E tu?
Tribinho – Vi o que tinha dentro.
Tartalha – O que era?
Tribinho – Nada.
Tartalha – Ah, patife que me enganas!

Tribinho – Nada, nem suco nem polpa! Ora vê aqui. *(Mostra)*

Tartalha – Está seca...

Tribinho – Nem sequer cheira... Ora cheira tu... Uma laranja, se não mata a sede e a fome, ao menos tenha o cheiro!...

Tartalha – E a segunda?

Tribinho – Deitei-me à sombra da árvore...

Tartalha – Adormeceste...

Tribinho – Não, que eu já estava desconfiado destas Laranjas, olhei sempre pelo rabo do olho...

Tartalha – E então?

Tribinho – De repente abriu-se!

Tartalha – Só por si?

Tribinho – Por si.

(Morgana recolhe o berbequim)

Tartalha — Também... vazia...?

Tribinho – De laranja nada tinha... Mas trazia a cabeleira *(Dá-lha)*

Tartalha – Oh!... *(Beija, abraça, acaricia a cabeleira)* E... por de baixo desta cabeleira, não estava nada?

Tribinho – O quê?

Tartalha – Por exemplo... uma rapariga...

Tribinho – Nem polpa, nem suco, nem rapariga! Só cabeleira Mata a fome e a sede, uma cabeleira? Não. Portanto, não é laranja nem é nada.

Tartalha – Uma cabeleira.. que significa? Que mavioso recado por ela me enviam? Oh, a cabeleira envolta em mistério diz que não foram baldados os meus passos pelo mundo fora...

Tribinho – Diz isso?...

Tartalha – Vida é amor... amor é enigma...

Tribinho – Palavra!?

Tartalha – Que maior enigma do que esta cabeleira, exilada no seio da segunda das minhas Três Laranjas!?

Tribinho – E isso é bom? Não era melhor se tivesse os gomos todos e fosse fresquinha e matasse à gente a sede e a fome?

Tartalha – Oh antropófago! Oh canibal! Ah, o que tu querias era ao lanche comê-las! Traíste-me! Daqui para fora, já!

Tartalha – Para onde?

Tartalha – Para o palácio do meu pai!

Tribinho – Fazer?

Tartalha – Tomas posse do lugar de Médico Honorário.

Tribinho – Sim, Alteza.

Tartalha – Em lá chegando, eu te darei o arroz!

Tribinho – Sim, Alteza.

(Tartalha perdido com a cabeleira Tribinho fica a vê-lo)

Tartalha - Vai-te, já! Se não, o teu castigo ainda será mais horrível!

(Tribinho sai)

Tartalha – Oh, cabeleira do meu embalo! Oh, cúpula do meu sonho. *(Ajeita-a, lírico. Olha embevecido a 3.ª Laranja. Aproxima-se amorosamente. Beija-a. A Laranja treme. Radiante)* Beijei-a, e ela estremeceu! *(Beija-a de novo. A Laranja treme outra vez. Encosta-lhe o ouvido: ouve—se o bater de um coração)* De quem será este coração? O meu ou o dela? Será o meu coração apaixonado? Será o dela sequestrado? Vou abri-la... mas, ah, falta-me a coragem... tremo... Que será de mim se lá dentro nada encontrar?

(Ouve-se de novo bater o coração) O seu coraçãozinho... baterá por mim?...

(Hesita ainda uma vez. Empunha a espada, tremendo. Com esforço, toca com a espada na Laranja que se abre, produzindo uma faísca. Dentro está a princesa Nina)

Tartalha – Oh, milagre! *(A princesa Nina sai)* Que foi, que aconteceu?
Nina – Eis-me, princesa Nina, a tua princesa.
Tartalha – És minha?
Nina – Sou tua.

(Tartalha treme. Pausa. Aparece na árvore o Anjo do Fole, na sua versão de diabo. Nina e Tartalha avançam um para o outro, Nina penosamente, como que entorpecida)

Nina – Tua serei por tempo breve, se não me acodes, meu príncipe!
Tartalha – Beija-me!
Nina – Teu beijo na minha pele
foi a vida, foi a vida!
De secura o meu seria,
toda a secura faz mágoa.
Tenho sede; e voltaria
ao mundo em que vivia
se não me... *(Aflita)*
Ó, dá-me água... água...
Tartalha – Toma a água do meu beijo
que por ti é bem molhado,
toma-a do meu beijo, assim... *(Tenta beijá-la)*
Nina – Água, água pura, depressa!,

ou volto ao limbo donde vim.

Tartalha -Vou buscar-ta, descansa, aqui... descansa...

(Ajuda-a a deitar-se sob a árvore. Ela deita-se e adormece. Tartalha fica um momento absorto a contemplá-la)

Tartalha – Oh, como és linda!... Água, onde haverá?

(Começa a ouvir-se uma fonte a correr, talvez em consequência de uma intervenção do fole)

Tartalha – Dali vem o murmúrio duma fonte. *(Vai a sair)* Oh, um recipiente... Não tenho, nem um copo... Bom, hei-de arranjar. *(Sai)*

Morgana – (Desce) Ai, princesa Nina...
tens sido Laranja,
ficaste menina.
Por este joguete *(o alfinete)*
da minha magia,
serás o que eu quero,
serás o que eu queria.
Alfinetinho, alfinete,
com o teu poder
e a minha magia,
cumpre o teu dever!

(Espeta o alfinete na cabeça de Nina, o diabo assopra com o fole. Nina levanta-se, cambaleia e transforma-se em pomba. Voa e pousa sobre a sebe, que se cobre de flores. Morgana volta à copa da árvore. Entra Tartalha, dirige-se a Nina, como se permanecesse no lugar em que a deixara a dormir)

Tartalha – Acorda do teu sono, princesa minha! Aqui tens a água, não em copo nem tigela, que não havia. Vem no meu sapato de ferro! Mas...onde estás?...onde estás?...*(Dolorosamente chama)* Princesa... princesa Nina... princesa minha...Nina! Nina! *(Procura-a, chama)* Oh, terás fugido? Nina! Desapareceste? O meu amor não te satisfazia? Nina, tudo fiz por teu amor... oh, quanto por ele passei! Afinal... não eras nada? Agora, agora sei que existes! Ainda assim, para te ter, recomeçarei tudo outra vez... Oh, com que amor fui à fonte desta água, para consolar a tua sede...

(Decepcionado, vai entornar a água do sapato. Antes, porém, a pomba pousa-lhe na mão e bebe)

CENA VI
"O Gosto da Vida"

(Cenário: a mesma sala do trono, com intromissão da cozinha. Frustrado na sua viagem, sonegado o seu amor, Tartalha ocupa o poder real, deixando seu pai no uso do trono. A um lado, uma mesa posta com dois talheres. Grande aparato de serventuários, dirigidos pelo outrora Chefe do Gabinete. Rei está no trono. Girão a seu lado. Música)

Rei – Eu cá de aperitivos estou aviado. *(Entrega o copo a Girão)* Mas há dez minutos que grito "sopa!" e sopa não vejo.

Girão – (Passando o copo a Ex-Chefe) A sopa?

Ex-Chefe – Desde que o Médico Honorário, o Sr. Dr. Tribinho, foi castigado em cozinheiro, muito temos de pacientar, muito temos de sofrer.

Rei – Vem sopa ou não vem sopa?

Ex-Chefe – É natural...

Girão – *(Para Rei)* Descei à mesa...

Rei – Chovem as reformas Tartalha mas, em questões de apetite, não se nota melhoria...

Girão – Tende esperança, Majestade...

Rei – Terei?...

(O Rei cambaleia, apoia-se a Girão, senta-se à mesa. Cerimonial de servir-lhe a sopa. Rei ataca-a. Rei suspende)

Rei – Gosto da sopa a seco.

Girão - Toda a sopa é húmida...

Rei - Digo eu: sem música.

Girão – Ah...

(Girão ordena, a música cessa. Rei reataca a sopa. Entra um banco como os de bar mas com o dobro da altura, sobre o qual está Tartalha, irritado, sinistro e sombrio, os pés sobre as cabeças de Clarisse e do ex-Primeiro Secretário, por castigo enroscados aos pés do banco. Ex-enfermeiro eleva até Tartalha uma enorme taça com frutos. Tartalha tira uma cereja e afasta-o com o pé)

Tartalha – A mãos e a pés, tudo se dissolve, tudo se revolve, tudo se resolve. *(Pausa)* No entanto, antes me queria de coração a transbordar... mais doce o destino do meu braço... a mão apropriada à carícia... Saneei, removi, erigi. E

preferia aplicada a fim de mais nobre monta a inteligência. Mas agir era já para mim questão de decência...

Rei – (Levantando a vontade da sopa) Meu filho, falas por enigmas?

Tartalha – Falo, sim. Meu pai, coma a sopa.

(Ajudado por Girão, Rei obedece)

Tartalha - Música!

(Música. Rei inicia um. protesto, que Girão evita)

Tartalha – A música dribla o remorso do tempo, acalma a alma, torna lasciva a consciência...

Clarisse – Pretendes justificar a tua tirania?

Tartalha – (Calcando-a) Por simples estética. Mas cala-te ou corto-vos ao meio e o vosso castigo aí em baixo descerá de estátua a baixo--relevo.

Ex-Chefe – (Anuncia) O Sr. Dr. Tribinho, Médico Honorário.

(Entra Tribinho, de cozinheiro)

Tartalha – Ex!

Ex-Chefe – Perdão...?

Tartalha – Ex! Tomem nota. *(Tomam nota) Ex* é o meu prefixo privilegiado! *(Indica com os pés)* Esta é a ex-princesa, este o ex-Primeiro Secretário, ambos ex-conspiradores. Tu és o ex-Dr., ex-Médico Honorário, ex-cómico!

Tribinho – E porquê?

Tartalha – Porque dantes eu queria paz e liberdade, de toda a minha alma. Mas tantas fizestes, récua de porcos, que

agora o que eu quero é a ordem. *(Rei vai intervir, Girão dissuade-o)* Neste reino tem de haver ordem!

Tribinho – *(Com medo)* Que ordenais?

Tartalha – Respeito por meu pai!

Tribinho - Não desacatei El-Rei...

Tartalha - Sim.

Tribinho – Então foi sem querer.

Tartalha – Esperou vinte minutos pela sopa.

Tribinho – Posso reclamar?

Tartalha – Não.

Tribinho – Posso elogiar?

Tartalha – Sim.

Tribinho – Elogio aquela cozinha: não há grelhador eléctrico, frigorífico bem te viste, do fogão por buracos o calor se vai. Elogio aquela cozinha, do tempo do vosso tetravô! Imploro o privilégio do ex!

Tartalha – Para quem?

Tribinho – Para a cozinha. Que passe de cozinha a ex-cozinha!

Tartalha – Indeferido!

Tribinho – Então esperam quarenta minutos pela sopa. E não hora e meia devido à minha competência...

Tartalha – O grelhado?

Tribinho – Ainda está cru. Vão por ele aguentar duas horas e meia.

Tartalha – Insolente! E se eu te mandasse fritar?

Tribinho – A mim? Na frigideira?

Tartalha – Sim.

Tribinho – *(Rindo)* Ora, a frigideira não frita...

Tartalha – Vem cá. *(Tribinho aproxima-se a medo. Tartalha agarra-o pela gola)* Que fizeste à Morgana?

Tribinho – Como ordenaste: pendurei-a no fumeiro.

Tartalha – Já está defumada?

Tribinho – Não, talvez daqui a uns... sete meses...
Tartalha – Porquê?
Tribinho – O fumo lá não defuma.
Rei – O grelhado! O grelhado!
Tartalha – Sirvam-me a sopa.

(Entra, a sopa numa mesa à altura de S. A. Tartalha sorve-a deliciado)

Rei - O grelhado! Então o grelhado?
Tribinho – Posso ir grelhar?
Tartalha – Vai.

(Tribinho sai para o fundo, tudo se afastando à sua frente. A cozinha avança: uma enorme mesa à frente da chaminé e, ladeando-a, duas janelas que dão para o exterior. Tribinho roda o espeto do grelhador, azafamado)

Tribinho – Maldita carne que não se deixa grelhar! Maldito grelhador que não faz grelhado! De Médico Honorário a cozinheiro, oh sim, isto é descer! Mas Tartalha não quer saber e o castigo que me dá é fazer-me cozinheiro ao dobro de tempo inteiro e sem ajudante para me ajudar. Fez-me esta, a mim, que em meus braços o embalei na viagem, estoirei a bruxa Creonta e apanhei as Laranjas transviadas!
Rei – O grelhado?
Ex-Chefe – (Para Tribinho) O grelhado?
Tribinho – O grelhado... É uma nobre peça de carne de vaca...
Ex-Chefe – Depressa, o Rei já está transtornado!
Tribinho – Vai-lhe dando uns copos até isto estar.

(Canta a canção de grelhar)

Roda que roda
grelha que grelha
a carne toda
perna e orelha

Rei – Então o grelhado?
Girão – Vou intervir. *(Dirige-se à cozinha)*
Rei – Tartalha, vês quanto El-Rei espera pela entrada?
Tartalha – Calma, meu pai, vou ditar a reforma brutal da administração geral.
Rei – Inclui os cozinheiros?
Tartalha – São os primeiros.
Rei – Bem, mas por agora, a fome me devora.
Girão – *(A Tribinho)* O grelhado? *(Repete a canção)* Tu cantas e El-Rei está esfomeado...!?

(Continua a cantar, apesar de indignação de Girão. A pomba aparece na janela)

Pomba – Olá, cozinheiro! *(Desaparece)*
Tribinho – Boa tarde... Ah, até já ouço vozes... Olhe, ó senhor, desampare-me a cozinha, aqui não acelera o petisco...
Girão – Mas El-Rei...
Tribinho – Pode esperar, agora não tem nada que fazer, nem isto.

(Reaparece a pomba)

Pomba – Olá, cozinheiro! *(Desaparece)*
Tribinho - *(Para Girão)* Ouviu?
Girão – O quê?

Tribinho – Uma mulher a falar...
Girão – Estás louco!
Tribinho – Posso muito bem estar que não me prejudica o serviço. Por ficar aí de plantão, senhor, isto não rola mais roliço.

(Canta. Girão ergue as mãos, luminosas. A pomba aparece doutro lado. Sorridente, Girão vai juntar-se ao Rei)

Rei – Então, o grelhado?
Girão – Lá está, ainda de cueiros. Daqui a um instante, se for o caso, come-se uma fritada de ovos com chouriço.
Rei – Tartalha, o teu real pai corre o risco de cear ovos com chouriço.
Tartalha – Não paga mais por isso.
Rei – Ah, eu...

(Vai a zangar-se, Girão impede-o)

Tartalha - Dêem-me o caviar...

(Servem-lho. Pomba aproxima-se de Tribinho)

Pomba - Olá cozinheiro!
Tribinho – Olá, pombinha branca. *(Aparte)* Eu até já vejo pombas e com elas falo... É verdade, estou maluco, é natural...
Pomba – Posso dar-te uma ajudinha?
Tribinho – Era o que faltava, a ajuda duma pombinha...
Pomba – Sei muito de cozinha...
Tribinho – Oh, Tartalha não me permite faxina...*(A pomba voa, pousa noutro local)* Voou...Esta da pomba não está

nada mal... *(Ri)* Voou... Ah, pomba! *(Agarra um tridente, avança para a pomba, alucinado)* Oh filha da minha imaginação, és o que eu queria: um galo... uma avestruz... ah, és um cisne... *(Entra Ex-Chefe, Tribinho volta-lhe o tridente)* Tu não existes, eu é que te invento! Ave de rapina! *(Assustado, Ex-Chefe sai)* Oxalá que a porcaria da carne não se tenha queimado. *(Observa)* Não, ainda cheira a crua.

Pomba – Ah cozinheiro, eu queria ser feliz...

Tribinho – Também tens fome? Para ti há milho aí no beiral da chaminé.

(A pomba voa e pousa no rebordo da chaminé'. Entra Ex-Enfermeiro vestido de enfermeiro)

Tribinho – Tu aqui? Vais levar-me para o manicómio. Estou liró da mioleira!...

Enfermeiro – Se estás louco, levo-te, não te preocupes, prometo. Mas primeiro vou buscar a camisa de forças.

Tribinho – (Ataca-o com o espeto) A carne da vaca corre para a do touro.

(Música. Quando Tribinho vai espetar o "estoque" no enfermeiro vencido, a carne salta do espeto. Com ela jogam à bola, dando indicações como: "passa" "corre" "agora" "gooooooall")

Tribinho – O grelhado, já me esquecia! O Rei espera. Aguenta aí a carne, que a espeto de novo!

(Fazem assim. Tribinho coloca de novo o espeto no grelhados, canta a canção. Enfermeiro verifica a operação)

Enfermeiro – Pois claro... as brasas estão apagadas! Nem que rodasses toda a vida, conseguias grelhar.

Tribinho – Que pretendes dizer com isso?

Enfermeiro – Que não acendeste as brasas!

Tribinho – Não!? *(Verifica)* Ah... Eu, Médico Honorário, saberei acender brasas? Faço o jeito de rodar o espeto, acendê-las não é comigo.

Ex-Enfermeiro – Olhem o especialista!... *(Resmunga)* Já me vingo dos maus tratos que me deste... *(Para todos)* Desejaria informar: não haverá grelhado.

Rei – O quê!?

Ex-Enfermeiro – O cozinheiro não acendeu as brasas.

Todos – Canalha! Grande safado! Sem brasas como grelhava?

Ex-Enfermeiro – Rodava o espeto, sem brasas por baixo!

Todos – Pateta, inconsciente, despistado!

Tribinho – Estou lixado!

Pomba – Não, não estás!...

(A pomba pousa na mesa. A algazarra continua, grande perturbação nos movimentos, Rei dirige-se a Tartalha, os serventuários efectuam movimentos irracionais. Girão aproxima-se da pomba)

Rei – *(Para Tartalha)* A culpa é tua! Subiste aí para cima e eu fiquei lixado!

Tartalha – Qual quê, papá! Desço a ver o que se passa. *(Desce do alto banco)* E o Tribinho ou vai para Rilhafoles ou asso-o no auto de fé, para aprender a grelhar como é.

Pomba – Ai de mim, queria ser feliz...

Tartalha – *(Pára)* Conheço esta voz... Quem falou?

Pomba – Eu! Eu!

Todos – Ah...

(Tudo pára. Girão sorridente, esplendoroso. Tartalha aproxima-se. A pomba voa e pousa-lhe na mão)

Pomba – Príncipe...
Tartalha – Pomba...
Pomba – Andei por esse mundo à tua busca, corri milhas terrestres e marítimas aos milhares percorri...
Tartalha – Para quê...?
Pomba – Só um instante te vi e amei-te para sempre!
Tartalha – Nina!?
Pomba – Sim, Nina sou...
Todos – *(Murmúrio)* Oh... a princesa Nina...
Pomba – A tua Nina... que te ama e, coitada, não tem braços para te abraçar...
Tartalha – Então... beija-me...

(Beijam-se, como no cinema)

Todos – Oh...
Rei – Ai, os amores deste meu filho! Passa de laranjas a pomba!
Pomba – Pomba, por malefício da bruxa Morgana! Espetou-me na cabeça um alfinete ervado e em pomba me tornei!
Rei – Tirem-lhe o alfinete!
Todos – Tirem, o alfinete...
Pomba – Mas dói... dói...

(A pomba voa. Todos pretendem apanhá-la)

Todos – *(Com carinho)* Tira-se com jeitinho... Com jeitinho não doi... Só dói um bocadinho...

(Girão, atrás da mesa, estende o braço em que a pomba pousa. Desaparecem. Silêncio. Um grito, um relâmpago. Fulgurante, a princesa Nina aparece sobre a mesa)

Todos - Oh...

(Tartalha coloca-se a seu lado)

Tartalha – Nina, meu amor!
Nina – Príncipe, quero abraçar-te com estes braços que já tenho.

(Abraçam-se)

Todos – Oh... Temos princesa... Temos princesa... Que diz El-Rei? Que diz El-Rei? El-Rei que diz?

(Perseguem o Rei)

Rei – Não sei... Se calhar aprovarei... Melhor do que pomba, melhor que laranjas, lá isso é... Mas quero examiná-la em pormenor...

(Aproxima-se, ficando entre Nina e Girão. Observa-a. Todos "torcem" para que a aprove)

Todos – Diga que sim... Por graça, senhor... Então? O exame?... Passa ou não passa?
Rei – *(Para Girão)* Hem? *(Sinal afirmativo de Girão)* Quero saber se tem
bom o coração.
Todos – E com razão... com razão...

(Ex-enfermeiro estende-lhe uma bandeja com um estetoscópio. Rei aplica-lho. Ouve-se bater o coração)

Rei – Coração sensível... bondade certa... coração apaixonado...

(Dirige-se ao trono, medita)

Todos – Em que ficamos?...
Rei – Eu reflicto...
Todos – Sim ou não?... Sim ou não?
Tartalha – Que diz, meu pai?
Rei – Bem mo perguntas, pois vamos ajustar cá umas contas...

(Tartalha acerca-se do trono. Entretanto, Tribinho coloca sobre a mesa dois bancos de cozinha)

Tartalha – Meu pai, as contas ajustai.
Rei – Quando vieste da viagem, puseste-te a governar.
Tartalha – Governar era bem preciso. E era esse o meu estado de espírito.
Rei – Não discordei, por isso to deixei.
Tartalha – Não me assentei no trono, mas apenas num banco. *(Indica-o)*
Rei – Banco muito alto, para te ser franco. Mas reconheço, oh sim, com respeito por mim.
Tartalha – Aí tem.
Rei – E agora? Vais continuar?
Tartalha – Ah, não!
Rei – Ora essa! Nunca como neste teu tempo a vida me foi leve!
Tartalha – Mas agora encontrei o amor. Vou amar. Darei à Nina a minha mão. Portanto fico sem mão para governar.
Rei – Oh, filho aberrativo, pões-me outra vez no activo?!

Tartalha – Claro, não vamos meter ninguém de fora...

Rei -Está visto...

Tartalha – Deixai-me só praticar três actos finais.

Rei – Quais?

Tartalha – Primeiro: demitir o Tribinho de cozinheiro por incompetente...

Rei – Muito bem...

Todos – (Censurando) Oh...

(Tribinho evidencia-se)

Tartalha – ...e repromovê-lo a Médico Honorário!

Rei – Muito bem.

Todos – Muito bem...

Tartalha – Aí continuará incompetente, mas não fará tanto dano como privar-nos de comer.

Rei – Bravo, é sensato!

Todos – (Cantam) Viva o nosso Tribinho,
seu saber e amor pátrio
que enriquece a medicina
como Médico Honorário.

Tartalha – (Para Tribinho) Vai ao fumeiro buscar o salpicão! *(Tribinho vai)* Segundo: meu pai, o mais que fiz foi picar e enfardar a negra magia.

Rei – A Morgana?

Tartalha – Da Morgana para baixo, da Morgana para cima. Minavam o nosso reino, agora já o não minam.

Rei – Em definitivo?

Tartalha – (Recebendo de Tribinho o salpicão) Só terá de ter cuidado até o salpicão estar defumado. *(Entrega-o ao Rei)*

Rei – Estão todos aqui dentro?

Tartalha – Todos!

Rei – Bem aglomerado! Girão, ocupas-te disto? *(Passa-lhe o salpicão)*

Girão - Gostosamente.

Todos – Que arda, arrebente, não ressuscite, e que jamais nos violente.

Tartalha – O terceiro e último acto que desejo praticar...

Rei – Diz!

Tartalha – É dar o destino a meu alto banco. Se mo consentis.

Rei – Concedido.

Tartalha – Que seja lançado ao rio. Que o rio o leve ao mar. Com ordem a todo o tubarão para no mar o devorar.

Rei – Muito bem.

Todos – Muito bem, o príncipe Tartalha é bem intencionado, e não quer ficar amarrado ao poder.

Clarisse e 1.º Secretário – E nós? E nós?

Tartalha – Seguireis também.

Clarisse – Aos tubarões?

Tartalha – Exacto.

Clarisse – Eu sou sobrinha de El-Rei.

1.º Secretário – Fui o Primeiro Secretário!

Tartalha – Ambos conspiradores e regicidas.

Clarisse e 1.º Secretário - Senhor, El-Rei, clemência! Que dizeis?

Todos - *(Enigmáticos)* El-Rei... dizei... Senhor, é proclamar...

Clarisse e 1.º Secretário - Piedade, senhor...Vós...afinal o que mandais?

Rei – Não vou contrariar a lógica biológica. Pois foram tubarões, juntem-se a seus iguais.

(Levam o banco entre clamores)

Tartalha – Deste modo, meu pai, com três medidas leais, ao nosso reino volta a justiça. A qual só se faz com tanto rigor quanto em questões de justiça põem as crianças. Tens o reino em tuas mãos e pasteurizado.

Rei – Assim seja e por todo o lado.

Tartalha – Em reino tal, maior é o meu gosto de viver o meu amor...

Tartalha – (Aproxima-se de Nina) Princesa Nina...

Todos – Princesa Nina...

Tartalha – Princesa minha...

Todos – Princesa dele...

Tartalha – Princesa vossa...

Todos – Nossa Princesa...

Tartalha – Amigos, festejai a minha grande viagem e o que por ela apreendi. E quantos em viagem conheci, neste dia de viragem venham aqui!

(O primeiro é Tribinho, com as solenes vestes amarelas de Médico Honorário. Depois, Anjo do Fole, cão, corda, cozinheira, portão, poço, os pedaços destroçados de Creonta, flautista, os sapatos de ferro, as Três Laranjas sobrevoadas pela pombinha, etc., e, por último, o camelo)

Camelo – Acta fabula est.

Tribinho – O que é que ele disse?

Camelo – Acta fabula est.

Tartalha – Acta fabula est significa: a história chegou ao fim. Em latim.

Tribinho – Fala latim? Que grande sabedoria, a desse camelo!

Todos – (Cantam) A paz é vivê-la
justiça com ela.

POSFÁCIO

Escrevi O Amor das Três Laranjas *em 1982, depois de uma primeira versão de 1977 e hoje (Março de 1984) manteria o texto que se publica.*

Excepto na truculência ingénua que introduzi entre as duas magias implicadas, pólos da alargada dinâmica de pólos diversos do poder.

Isto parece hoje ilusório e fantasmático, por síntese excessiva. Se quisesse explicar os meus porquês (o que não exijo de mim), diria que de então para cá fui submetido à pressão de factos respeitantes à arrumação das opiniões, ultimamente vividos e não apenas em Portugal, os quais me "abriram os olhos" (o que não me exclui de os ter fechados); na linha do meu actual pensamento, as duas magias, embora objectivamente opostas, deveriam agir de combinação.

Conformei-as em verdade e coerência, por interesses, privilégios, transmissões de poder, rituais próprios, dinâmica das sensibilidades, manias, perversões, angústias e até ideais. Mas confrontam-se visivelmente, o que hoje não parece pensável ou verosímil. Deixei na peça, pois, uma transcendência.

No caminho actual predominam as intelligentzias; *sobrevoam-nos para além da humana compreensão. As determinantes do quotidiano afiguram-se - mais do que na obra - longínquas, indefinidas.*

As intelligentzias *são superestruturas de que apenas se suspeita; portanto, tratando-se de teatro, deveriam lobrigar-se fugidias, por rasgões do pano de fundo, através de fendas e buracos, sem presença material, forma e cor.*

Os diversos poderes confrontam-se às claras, medem à vista as suas forças; e até numa espécie de medievo combate singular, sinalizados os contendores por electricidade negativa *e* electricidade positiva. *Consequência, o curto-circuito, forma atenuada de explosão. E de explosões mais sabemos hoje: subtis e escondidas, sem*

boom *imediato, energia expedida, para actuação a prazo. Como, onde, quando?*

O Rei detém um poder que parecerá nivelador de poderes. Periclita, de facto. É apenas ideato do equilíbrio, fruste e espectativo: a real preocupação é se atiram ou não a sua pessoa do trono abaixo; se o atiram a ele que, sempre fiel à. rainha, tem apenas um único filho. O príncipe encontra-se encurralado, primeiramente nas anáguas da tristeza e melancolia; depois em outras, que derivam já da energia sexual e vêm a redundar em sinistro poder kafkiano; o qual, porém, desferido do cimo de trípode altíssima, tem origem no belo objectivo de deitar mão à sociedade, saciar a ordem, eliminar culpados e conservar intacto o trono do papá/Rei. Isto não foi escondido, como hoje deveria ser.

Tratei o poder como algo disputável.

Hoje deveria tratá-lo como indisputável. Não pretendo que assim se apresente nas formas organizativas das sociedades actuais, onde se vê distribuído por poderes e beneficiado por instituições que legitimam e consagram a divisão deles; todo respeitável que porém não logra persuadir de que não existe uma unificação *que deles se apodera e os subministra. A imaginação cívica não terá motivos para laborar nesse inconhecimento e sugerir às nossas inflamadas razões e consciências que, se existe uma* intelligentzia *de primeiro grau (cujos componentes se digladiam-se entre si), não haverá outra de grau superior cujas dissenções se esfumam na distância a que se deseja de nós, e depois outra unívoca ou em que as dissidências se apagam no nosso desconhecimento? E assim por diante, até ao pináculo da pirâmide, onde não se sentam nem Ramsés nem Deus. A peça não invade semelhantes esferas, ficando-se, antropologicamente, na prática, no exercício. A fúria de viver, porventura tema principal da obra, basta ou aqui lhe basta. Rezem as bruxas os seus esconjuros, laranjas se façam meninas, arrebentem monstros, por magia se viaje por dentro da terra como a toupeira, apaixonem-se príncipes por sapatos de ferro, encantem-se pelo milagre da solidariedade ou no da incompreensão para com a alegria - apenas a própria vida aí está e no sentido em que sensorialmente a apreendemos.*

Daí que o Rei não seja sagrado. Logo no início tal se destrinça. O Rei é examinado pelos médicos que nele buscam a causa da psicastenia do príncipe; não lhe encontram mácula e, induz-se, não se prova que o Rei a não tenha; o corpo clínico é formado por áulicos do Rei e com esse fundamento nomeados no cargo; se fossem capazes de lhe detectar mácula, jamais se veriam nomeados, é óbvio. Não são técnicos de saúde; e, se o fossem, daí não se seguia que escapassem às pressões do poder visível ou ao das intelligentzias.

El-Rei dispõe dum conjunto de sinetas que conduzem a sua voz (o seu mando e comando) aos pontos que pretende alcançar. Embora duvidosa a eficácia de tal instrumento, deverá ser fulcral no espectáculo, que não trata a. solidez intrínseca, do poder, mas a aparência dela, jogo psicológico habitual: sou Rei, logo, tenho o poder; logo, sou respeitado; logo, existo. Há um simulacro de régia coesão que por antinomia se mostra sobretudo na conjura a que o Rei se encontra exposto. A monarquia rege-se por paixões teológicas e por regulamentos operacionais. Tudo leva a crer que Rei e magia branca se entendem; que despeito desta reverta em despeito do Rei. Falível a linha sucessória, a conspiração actua nos meios biológicos de que depende o sistema. Não se propõe transformá-lo, mas conservá-lo, deslocando o poder de certas pessoas para outras que se sentarão nas mesmas poltronas e farão correr os mesmos véus sobre as mesmas desconformidades. O Rei infirme e o príncipe prostrado não podem bater-se corporalmente nessa batalha: por eles se defrontam as magias opostas.

Outro elemento se queria ter tido por independente e não se sabe se o é, como deveria: chamemos-lhe instituição castrense (a tropa), aí incluídas as diversas polícias (92 ao todo) e a espionagem, mimética por definição. Há também os meros serventuários do sistema.

A personagem do Primeiro Secretário(1) está metida na conspiração até às carótidas. Dá ordens às diversas armas e, ou é desobedecido, ou estas são ineficazes ou incompetentes, o que se não esclarece. As missões de que as incumbem vêem-se frustradas. A acção teatral segue, por isso, um movimento que não é o do poder, nem é o da conspiração.

O Rei, portanto, é digno da conspiração, esta digna do Rei, que o é da indefinição e incompetência das instituições. Nestas obras dramáticas centradas num Rei, costuma atribuir-se-lhe a função de árbitro(2). Por experiência, pessoal e ponderosos motivos de história, não me seria possível distribuí-lo a um Rei de teatro. Ignoro quem, na sociedade, assumiria. Confiá-lo a um parlamento não resolvia o problema em termos de credibilidade. Fazendo-o, arriscar-me-ia a ter produzido um obra eminentemente anarquista, se não soubesse que a vida, ela própria, desencadeia mecanismos que tem de reserva para aplicar a tais ocasiões de vacatura.

A ruptura é, dentro da sociedade em que a peça decorre, um dado inerente ao estada e constitui muito mais do que simples ameaça A única pessoa clarividente a tal respeito é o Rei; e não o esconde, embora vulgarmente proceda como se assim não fosse.

O príncipe, finda a sua atormentada viagem, traz para o reino a experiência do facto e do enigma e substitui-se ao Rei. Prematuramente. O trono é o lugar do poder, noção que o príncipe respeita, deixando nele seu pai. Mas ocupa outro poder mais alto, pretextando razões pragmáticas: a crise económica, a ordem, a escatologia a que se reduziram elementos ex-activos agora expelidos mas que exigem continuar a ocupar os seus lugares. O Rei, sujeito a não se sabe que intelligentzia, dá cobertura ao jogo do príncipe. Estoiraram alguns dos antigos próceres, outros desapareceram. Os restantes, mói-os o príncipe e concentra-os dentro de um enchido; os últimos atira-os ao mar para serem devorados por tubarões(3).

A cor desta peça é o branco da pomba que (não) resolve a acção, dando a impressão de que tudo para ela converge e de que corporiza o elemento unificador, o tranquilizante final de tanta assumida diversidade.

O menos imaginoso dos encenadores fará a pomba com uma ou mais marionetas de fio, comandadas da teia. Os super-imaginosos a farão (suponho) de modo semelhante, mas com a consciência de que essa técnica contém um valor semiológico, mais que expediente cénico. Não é irrelevante que a pomba penetre em palácio pela cozinha, sinal utópico de aproveitada abundância e neste caso

expressão da incompetência e da fome. Tanta, que a pomba se arriscaria a tornar-se assável e comestível se não estivesse cônscia de que o cozinheiro foi nomeado devido a provada incompetência, e de que naquela cozinha os grelhadores não grelham, nem sequer as brasas acendem.

A nossa vida, real é esvoaçada por duas pombas míticas: a do Espírito Santo e a da Paz.

O autor não apela para qualquer dessas presenças, que valor algum possuiriam no contexto e, por mais respeito que mereçam, não resolveriam a trama da acção.

Quando penso: "porquê pomba?", e se excluo a natural afectividade que a imagem desta ave suscita no inconsciente colectivo, propendo a dar razão ao Rei na sua suspeita de que o filho transporta espantosas anomalias sexuais, a que a substância da. pomba não é alheia.

Porquê tudo isto em teatro? Porque não em teatro tudo isto?

O teatro fica a dever à telenovela o esclarecimento de um facto importante. Durante muito tempo pareceu que o interesse do público se suscitava pela narrativa, por intrigas que autor e comediantes colocavam no palco. Hoje temos a certeza de que não. A telenovela logra quantidade jamais reunida de espectadores, apesar

de a imprensa publicar antecipadamente as "tricas" que vão dar-se. O que, longe de afastar o espectador, mais o cativa(4).

O teatro encontra-se, pois, desligado do compromisso de encadear surpresas através de intrigas.

Estas importantes conclusões não incidem sobre a primeira parte do presente posfácio. Não contei ali o que, lendo-a, da peça se compreende. Situei-me entre a obra e a realidade que por aí está, no fundo para valorizar a história destes dois últimos anos, que obriga a perspectivar O Amor das Três Laranjas *em sentidos que ao tempo em que a escrevi não lhe pude incorporar. I*sto é, *substituí-me a um dramaturgista ou encenador triste, pois apenas sentado diante da máquina de escrever e não no centro de uma companhia de teatro. A imensidade do teatro exige a vibração, aqui e agora, de um texto, que*

não é mais do que proposta, pensada e consubstanciada em dado momento; o texto não será mais do que simples e fruste modelo se a vivência cénica o não transportar para a significação do imediato que o teatro oferece ao espectador, não o sendo se a não der.

O Amor das Três Laranjas *não pretende cativar por via da intriga, tanto mais que a narrativa vai por aquelas que escutei na infância, num lugar dos Açores (Ilha de S. Miguel), as Furnas, onde ainda hoje demónios arrastam correntes sobre os telhados, bruxas premeditam sabás, executam quotidianas acções de rotina e a vida continua repassada por uma vibração de mistério. E isto dentro da paisagem mais idílica, entre montanhas luxuosas, geyseres, lago, correntes de água; não domina o sinistro, mas a fecúndia de uma irrepetível (suponho) harmonia de elementos naturais.*

As contadoras destas histórias foram duas mulheres do povo: a minha avó e uma sobrinha dela, ambas Evangelina de nome. (Daí que esta obra seja de certo modo um "evangelho"). Devo-lhes as carícias mais ternas e os mais altos momentos de expectativa, medo, assombro, êxtase, terror, que alguma vez se me despertaram. E elas nada inventaram. Eram o repositório de uma tradição, de um imaginário, que fui encontrar em adulto e então com uma delícia madura, já reflexiva, globalizando e avaliando a narrativa, inserindo-a criticamente no conjunto de dados que originariamente definiram uma Europa, que continua.

O Amor das Três Laranjas *glosa esses dados.*

Determinou– me o escrevê-la a necessidade de um acto "corporal": reconstituir a impressão, o deslumbramento que as Evangelinas me causaram e dá-los aos meus contemporâneos que os queiram aceitar; e isto através do meio competente para o efeito, o teatro.

Teatro, arte em mutação, agredida, não diminuída, na sua humanidade - continua a ir ao fundo dela - propõe caminhos, metodiza experiências, dá espelho àqueles vidros nos quais quereríamos ver-nos por inteiro e que, sem o teatro, esfumadamente reflectiriam a imagem. Na confrontação com esta sociedade, em que se retira aos habitantes deste mundo o direito ao tampo e ao espaço, o teatro não sai vencedor de imediato.

Também o não são os habitantes de tal mundo, pois a sociedade assim concebida esvazia-os da sabedoria. Substitui-a por bens acidentais, magnificados pela máquina de persuasão que ao sistema é essencial para controlo dos impulsos individuais e colectivos. O sistema não colmata carências, esconde-as. Existem; e o que faz? Põe a funcionar o aparelho de ocultação. E não é legítimo já chamar-lhe - à maneira do séc. XIX - obscurantismo. Assim se procede em nome do progresso.

Aparecem alguns indícios de que forças consideráveis desejam arrepiar caminho. A sociedade desse progresso reconhece-se empobrecida culturalmente e com necessidade urgente de ir realimentar-se a outros continentes e civilizações, daí trazendo dados perdidos no seu aberrante percurso e sem os quais não pode decentemente subsistir.

Parece ser este o caminho conveniente.

O primeiro passo a dar sobre ele é que cada pessoa, cada grupo, se despoje de falsas sumptuárias e abra tempo e espaço para reencontrar a criança (torpemente oculta) que cada um de nós traz dentro de si. Revelá-la a si e aos outros - se por acaso a não assassinou já, servil a ideais impossíveis, com as próprias mãos.

Escrevi O Amor das Três Laranjas *como apelo a isso. Escrevi em teatro por igual motivo.*

Cascais, 7 de Março de 1984

NOTAS

(1) Hoje tê-la-ia designado por Primeiro Ministro. E não para aproveitar a oportunidade de publicamente embirrar com a Sr.ª Thatcher, mas porque a palavra Secretário conota o poder com os membros dos Governos das Regiões Autónomas, que, de modo nenhum e por maioria de razões, desejaria atingir ou ofender. (voltar)

(2) Não se pense que a noção de árbitro deriva da popularidade do futebol. A palavra vem do latim (arbitrum*) e desde há milénios*

funções semelhantes foram imputadas ao deus. Não é insignificante que nos últimos tampos os árbitros de futebol estejam a ser desacatados em campo e impugnados ou defendidos nos centros de decisão do poder desportivo. Nem por isso se deixa de jogar futebol e de se arriscar fortemente no totobola; nem por isso o futebol deixa de constituir daqui mais do que além, (mas muito por toda a parte) um espectáculo que vive em condições de emocionalidade exemplares. A multidão reúne-se para um objectivo simplista, detendo instrumentos simplistas. Psicologicamente, a competição, a "torcida", o assumir em si o desaire da derrota ou a exaltação da vitória; os acessórios são um esférico e simplíssimas regras de jogo, no entanto amplamente interpretáveis. O que o público faz, e o faz vibrar emocionalmente, é colocar a bola, em cada momento do desafio, na sua própria "torcida" e interpretação da regra aplicável. O público dá mais importância às regras, à bola e aos que a pedipulam, do que ao árbitro. (voltar)

(3) Ao príncipe não ocorre que o veneno vertido daqueles corpos possa alterar o equilíbrio dos mares. Mais imediato e afeiçoado ao poder sobre a terra, o aspecto da ecologia marítima assim suscitado não chega a ser abordado, porque dramaturgos não podem (como James Joyce) pôr na obra tudo o que desejam, sem a alongar insuportavelmente. O referido aspecto não é desprezível, mormente num país de tão longa costa como Portugal, ameaçada pela poluição e outros horrores em todo o comprimento. O caso foi omitido apenas por imperativos de estilo e não se admirem que venha a ser pretexto para futura peça mais verde. (voltar)

(4) Há anos, no teatro e em certos filmes, dirigiam-se apelos neste sentido: "não conte a história aos seus amigos, não revele o desfecho da história". A publicação antecipada daquilo a que no episódio se vai assistir, pode também coerentemente interpretar-se como prova da convicção (muito feia) por parte dos administradores e programadores da TV, de que o público é, na média, incapaz e mentecapto e que, não se lhe antecipando a história, a não entenderia, criando-se alarmante

hiato, fatal para os serviços comerciais, queda vertical do número de telespectadores. (voltar)

NOTAS FINAIS

– *As indicações cénicas não são taxativas, mais do que elas vale a imaginação*
– *e assim são mais importantes as pessoas e os factos que os cenários e as coisas*
– *colheram-se algumas inspirações no script de Carlo Gozzi "Analisi Riflessiva Della Fiaba 1'Amore delle Tre Melarance"*

Índice

Introdução de Luiz Francisco Rebello 5

O Autor, as Personagens e a Justiça 10

O Duelo dos Sonhos 78

A Mantilha de Beatriz 110

A Celestina 214

Macbett 318

A Fera Amansada 436

Medidas de Austeridade 538

O Amor das Três Laranjas 563